



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

ASSOCIAÇÃO DO QUARTO CENTENARIO
DO
DESCOBRIMENTO DO BRASIL

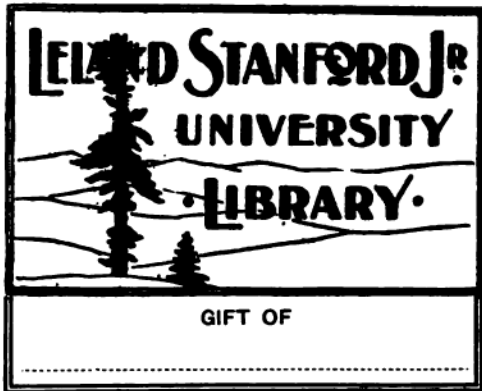
LIVRO DO CENTENARIO

(150)

I



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1900



4.17

1

.

1

.

.

.

.

.

.

.



LIVRO DO CENTENARIO

—
(1500—1900)

TIRARAM-SE D'ESTA OBRA:

Em papel commum.	2.900	exemplares
» » superior—registo	100	»
» » de linho inglez « Crown ».	2	»

748

ASSOCIAÇÃO DO QUARTO CENTENARIO
DO
DESCOBRIMENTO DO BRASIL

LIVRO DO CENTENARIO

(1500—1900)

I



RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL
1900

194204

YRABU! OROHAT?

A Associação do 4º Centenario do Descobrimento do Brasil dá hoje começo ao fiel cumprimento de um dos pontos do seu programma: a publicação do *Livro do Centenario. O Brasil. 1500-1900*, « vasta obra destinada a dar a conhecer as riquezas naturaes do Brasil e o seu progresso em todos os ramos da actividade humana ».

Teve ella com isto o intuito de assentar um marco immorredouro na estrada de nossa existencia nacional, marco que assignale o esforço heroico do passado e ao mesmo tempo sirva de estímulo ás gerações futuras que têm de receber o legado quatro vezes secular, engrandecê-lo e eleva-lo ao fastigio da prosperidade.

Si o notavel bronze artistico de Rodolfo Bernardelli, que a Associação mandou erigir na praça da Gloria, representa um preito de gratidão á benemerita phalange dos descobridores e constitue por isso mesmo um tributo de amor filial que nos honra, o *Livro do Centenario* dirá em todo o tempo e ao mundo inteiro que não caíu em terreno safaro a prodigiosa semente plantada pelos Portuguezes ao fechar-se o seculo XV, que tão largos horizontes abriu á humanidade. De uma raça inferior e engolfada na barbaria fez-se um povo que cresceu, abriu os olhos á luz da civilização, recebeu a licção dos mestres e da experiencia, luctou pelo progresso e pela liberdade, organizou-se como nação autonoma,

roteou todos os campos da sciencia, da arte e da industria, conquistou emfim um logar no concerto dos povos cultos.

Esta obra afanosa de quatro seculos, testemunho de um esforço masculino e promessa de brilhante porvir,— eis o assumpto das 15 memorias que compõem o *Livro do Centenario*, agora iniciado com o presente volume.

Pelo variado das materias foi mister commetter a composição d'ellas a distinctos especialistas, como se vê da seguinte relação:

- I. O Descobrimento do Brasil. O Povoamento do sólo. Organização administrativa e politica. Evolução social. . . *João Capistrano de Abreu.*
- II. A Religião. Ordens religiosas. Instituições pias e beneficentes . . . Padre Dr. *Julio Maria.*
Religiões acatholicas. . . Dr. *José Carlos Rodrigues.*
- III. A Litteratura. . . Dr. *Sylvio Romero.*
- IV. A Instrucção. A Imprensa. . . *José Verissimo de Mattos.*
- V. As Bellas-Artes. . . *Henrique Coelho Netto.*
- VI. As Sciencias juridicas e sociaes. Organização judiciaria. . . Dr. *Julio de Barros Raja Gabaglia.*
- VII. As Sciencias mathematicas, physicas e naturaes. Trabalhos e explorações scientificas. . . Dr. *Arthur Getulio das Neves*
- VIII. As Sciencias medico-pharmaceuticas. (1500-1808). . . Dr. *José Eduardo Teixeira de Sousa.*—(1808-1900). . . Dr. *Agostinho José de Sousa Lima.*—Homeopathia. . . Dr. *Joaquim Duarte Murtinho.*
- IX. A Engenharia: viação, obras publicas, construcções em geral. (1500-1808). . . Dr. *Antonio de Paula Freitas.*—(1808-1900). . . Dr. *André Gustavo Paulo de Frontin.*
- X. A Mineração. Riquezas mineraes. . . Dr. *Joaquim Candido da Costa Senna* e Dr. *Antonio Olyntho dos Santos Pires.*
- XI. A Industria. Riquezas extractivas. . . Dr. *Luiz Rafael Vieira Souto.*
- XII. A Lavoura. Riquezas vegetaes. . . Dr. *José Cardoso Moura Brasil.*

-
- XIII. O Commercio e a navegação. As Finanças. . . Dr. *Honorio Augusto Ribeiro*.
- XIV. Organização militar. Exercito e armada. Milicia civica. Fortificações. Arsenaes.—(Exercito). . . General *Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat*.—(Armada). . . Almirante *Arthur de Jaceguay*.
- XV. Relações exteriores: alianças, guerras e tractados. Limites do Brasil. Dr. *Clovis Bevilacqua* e Coronel *Gregorio Thaumaturgo de Azevedo*.

A *Noticia historica* dos trabalhos da commemoração, confiada ao dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, porá remate ao *Livro do Centenario*, fechando o seu quarto volume.

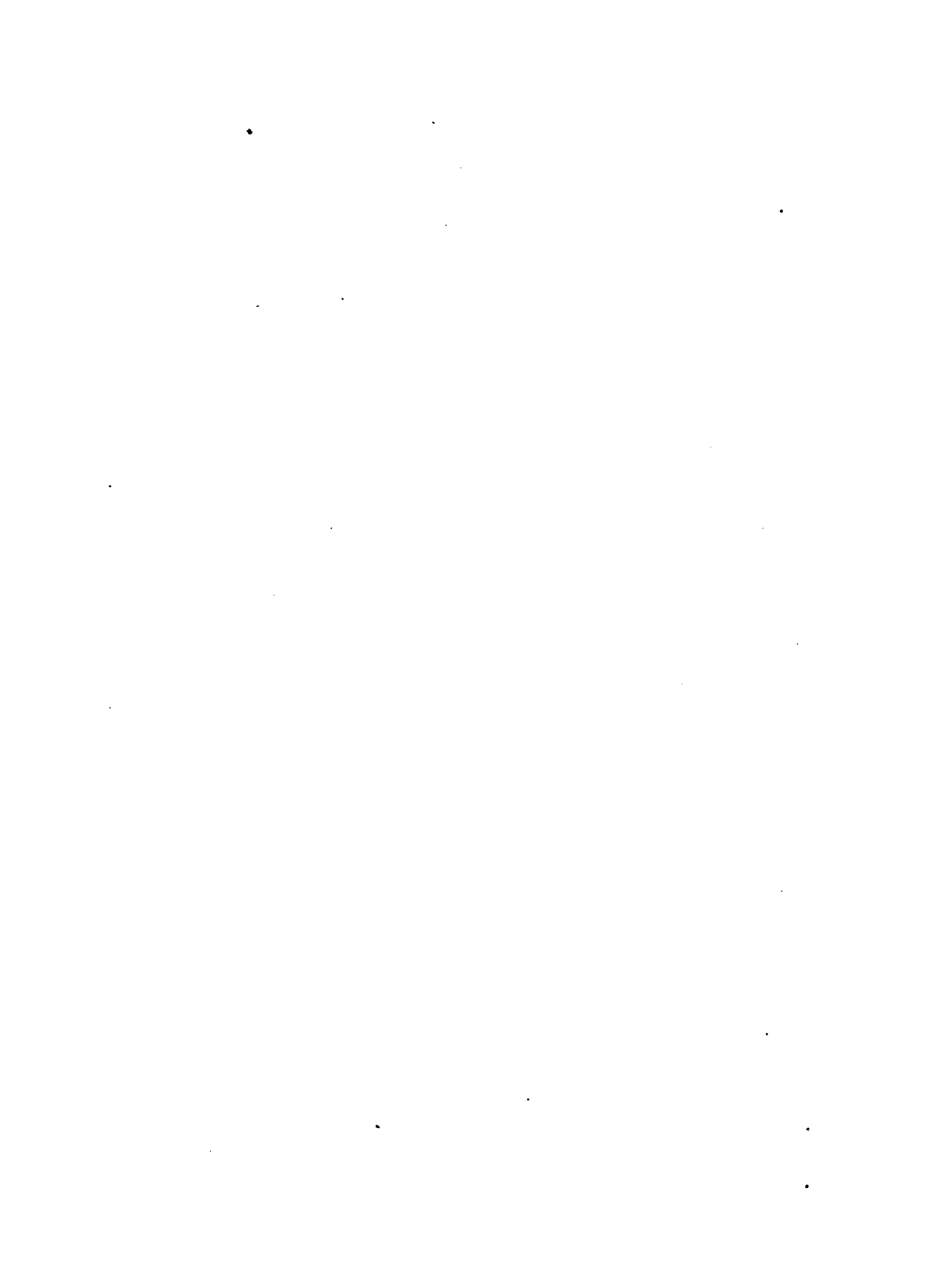
Eis a galeria que hoje se abre ao estudo e á contemplação dos coevos e vindouros. Não será este de certo um dos resultados menos apreciaveis da campanha civica, que a Associação do 4º Centenario tomou sobre seus hombros, inflammada pelo sancto amor da Patria, e interprete de um sentimento generoso que electrizou a tantos corações, do Norte ao Sul do paiz, das populosas cidades do nosso littoral ás placidas e pittorescas villas do sertão longinquo, do benemerito chefe do Estado ao mais modesto cidadão.

Julho de 1900.



SUMMARIO

- I. O DESCOBRIMENTO DO BRASIL, por J. Capistrano de Abreu.— II. A RELIGIÃO. Ordens religiosas. Instituições pias e beneficentes, pelo padre dr. Julio Maria.— III. A LITTERATURA, pelo dr. Sylvio Roméro.— IV. A INSTRUCCÃO. A IMPRENSA, por José Verissimo de Mattos.— Memorias annexas premiadas: 1. O DESCOBRIMENTO DO BRASIL. Suas primeiras explorações e negociações diplomaticas a que deu origem, por M. de Oliveira Lima.— 2. O DESCOBRIMENTO DO BRASIL. Intuitos da viagem de Pedro Alvares Cabral, pelo dr. Moreira de Azevedo.
-



I

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL
O POVOAMENTO DO SÓLO. EVOLUÇÃO SOCIAL

MEMORIA

FOR

JOÃO CAPISTRANO DE ABREU



O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

1. A Índia e os descobrimentos dos Portuguezes : D. Henrique e Bartholomeu Dias.
2. A China : Marco Polo e Toscanelli.
3. Christovão Colombo e o descobrimento da America.
4. Vicente Pinzon e o descobrimento do Brasil pelos Hespanhoes.
5. O tractado de Tordesillas. O descobrimento do Brasil pelos Portuguezes : Cabral, Caminha.
6. Os Brasis.
7. Explorações da costa.
8. A terra descoberta.

1. Seu nome deve a nossa patria a um pau, materia prima de certa substancia vermelha, empregada nas tinturarias medievas e modernas, hoje substituida pelos derivados da anilina e produzida artificialmente nos laboratorios. Dava no Oriente do velho mundo ; com o sandalo, o ebanó e outras madeiras, perfumes e especiarias, marfim e pedras preciosas, entrava no trato que, desde eras apartadas, mais ou menos ligava ao europeu o extremo continente asiatico.

Dentre os paizes fornecedores destes generos sobresaía a Índia. Já os livros mosaicos fallam de Chavilah, terra do algodão, do lapis-lazuli e do ouro ; as frotas de Salomão traziam de Ophir macacos e pavões ; uma rainha de Babylonia estendeu até o Indo suas excursões guerreiras ; algumas daquellas regiões incorporou a seus dominios Dario, rei da Persia ; vencedor da monarchia persa, o grande Alexandre guerreou em Pendjab e conquistando desceu o Indo até a foz. Por sua ordem, Nearchó entre o delta do Indo e o Euphrates navegou e explorou a costa.

Antes de Alexandre, algum commercio era feito em navios dos Hindús, cuja remota assistencia em Socotora e no Yemen está demonstrada ; a quasi totalidade dos generos transitava, porém, por via terrestre, passando de mão, consumindo ás vezes no percurso mezes e annos. A expedição victoriosa de Alexandre deu vida ás emprezas mercantis, e abriu-lhes duas portas : a do golfo Persico, Euphrates e Syria, nos territorios em que Seleuco posteriormente fundou seu imperio ; a do golfo Arabico, Nilo e Egypto, quota de Ptolemeu na partilha do mundo.

O reino de Seleuco, primitivamente o maior, pouco tempo conservou-se unido; agitado por guerras nas fronteiras, talado ou invadido por vizinhos mais ou menos barbaros, minado internamente por forças centrifugas incoerciveis, não pôde colher todos os proveitos de sua situação geographica. Couberam estes ao reino dos Lagidas, cuja politica previdente inspirou-os na execução de um canal entre o Nilo e o mar Vermelho, na fundação de cidades em sua margem occidental, ligadas por estradas commodas ao trecho navegavel daquelle.

O commercio com o Oriente orçava por centenas de milhares de sestercios nas primeiras decadas do imperio romano, quando Hippalo, piloto hellenico do Egypto, descobriu as monções, e compassando a saída e a chegada dos navios pelos movimentos atmosphericos, tornou mais breves e portanto mais frequentes as viagens, até então desesperadamente longas. Desde logo os navegantes passaram além da costa de Malabar, de Ceylão, ao golfo de Bengala, á Indonesia. Gregos foram por mar até a China, denominação trazida do Oriente por via maritima, como a de Cathay, ainda hoje vigente na Russia, veio por via terrestre.

As irrupções dos Barbaros na Europa occidental e o grande retrocesso economico decorrente dellas agiram violentamente sobre esta situação; as drogas da India continuaram apreciadas e consumidas no imperio romano do Oriente, livre das miserias e flagellos companheiros das invasões; nos destroços do imperio romano occidental desapareceram da circulação. O apparecimento do Islão, sua propaganda victoriosa pelas armas, suas conquistas realizadas de chofre em Asia, Africa e Europa, ao principio agiram de maneira egualmente fatal sobre o imperio byzantino. Emquanto grassou intensa e continua a guerra entre Christãos e Sarracenos, os poucos generos orientaes levados ao Mediterraneo transportavam-se em caravanas que iam do Indo ao Oxo e ao Caspio, donde seguiam para o mar Negro.

O commercio do Levante prosperou novamente quando o Khalifado reuniu sob um só sceptro as terras de Ptolemeu e Seleuco, e installou-se primeiro em Damasco, depois em Bagdad. Emporio de primeira ordem tornou-se então Bassora; reanimaram-se as solidões seculares do Euphrates e do Tigris; os portos da Syria e do mar Negro coalharam-se de navios; e como Byzancio dominava o Mediterraneo oriental com as suas armadas, voltou a sua importancia commercial e manteve-se. O Egypto decaiu, principalmente depois de ter o canal do Nilo entulhado pelo khalifa Mansur, ao passo que a Syria constituiu-se e continuou o grande mercado do Levante, até a era dos Cruzados. Só com a victoria final

do Islão, e as conquistas dos sultões mamelucos a preponderancia voltou ainda uma vez ao reino antigo dos Pharaós, a mais opulenta e poderosa das nações musulmanas nos seculos XIII, XIV e XV.

João de Barros assim descreve a situação anterior aos grandes successos que deveriam modifica-la: « As mercadorias, que jaziam além da cidade de Malaca, assim como o cravo das ilhas de Maluco, noz e massa de Banda, sandalo de Timor, canfora de Borneo, ouro e prata do Liquio, com toda las riquezas e especies aromaticas, cheiros e policias da China, Java e Sião e de outras partes e ilhas a esta terra adjacentes, todas no tempo de suas monções concorriam áquella riquissima Malaca, como a um emporio e feira universal do Oriente, onde os moradores de estoutras partes a ella occidentaes que se contém até o estreito do mar Rôxo as iam buscar a troco das que levavam, fazendo commutação de umas por outras, sem entre elles haver uso de moeda. . . E como Malaca era um centro onde concorriam todos os navegantes que andavam nesta permutação, assim os da cidade de Calecut, situada na costa de Malabar, e os da cidade de Cambaya, situada na enseada que tomou o nome della, e os da cidade de Ormuz posta na ilha Geru dentro na garganta do mar Persico, como os da cidade Adem, edificada de fóra das portas do mar Rôxo, todos com a riqueza deste commercio tinham feito a estas cidades mui illustres e celebradas feiras. Porque não traziam sómente a ellas o que navegavam de Malaca, mas ainda os rubis e lacre do Pegu, a roupa de Bengala, aljofar de Calecaré, diamantes de Narsinga, canella e rubis de Ceilão, pimenta e gengivre e outros mil generos de especies aromaticas, assi da costa de Malabar como de outras partes, onde a natureza depositou seus thesouros. E as que desta parte da India se ajuntavam em Ormuz, leixando alli a troco de outras as que serviram para a parte da Turquia e da nossa Europa, eram navegadas por este mar Persico té a povoação de Batsora, que está nas correntes do rio Euphrates. . . no qual logar eram repartidas em cafilas, umas pera Armenia e Trabisonda e Tartaria, que jaz sobre o mar Maior; outras pera as cidades Halepo e Damasco, té chegarem ao porto de Barut, que é no mar Mediterraneo, onde as vendiam a Venezeanos, Genovezes e Catelães, que naquelle tempo eram senhores deste trato. A outra especiaria que entrava per o mar Rôxo, fazendo suas escalas per os portos delle, chegava ao Toro ou a Suez, situados no ultimo seio deste mar, e daqui em cafilas por caminho de tres dias era levada á cidade do Cairo e dahi per o Nilo abaixo a Alexandria, onde as nações que acima dissemos a carregavam pera estas partes da Christandade, como ainda agora em alguma

Voltaram. « Chegados ao ilhéu da Cruz, informa João de Barros, quando Bartholomeu Dias se apartou do padrão que alli assentou, foi com tanta dôr e sentimento como se leixara um filho desterrado pera sempre, lembrando-lhe com quanto perigo de sua pessoa e de toda aquella gente, de tão longe viram sómente aquelle effeito, pois lhe Deus não concedera o principal ».

Tomando do oceano Indico para o Atlantico, Bartholomeu Dias descobriu o cabo, o malfadado cabo ao Sul do continente, e chamou-o Tormentoso, em memoria das tormentas dos homens e dos elementos que por sua causa padecera. Melhor inspirado, D. João II chamou-o da Boa-Esperança. De facto, o novo caminho das Indias estava achado; era só ligar as trezentas e cincoenta leguas de costa, em que foi calculado o descobrimento de Bartholomeu Dias, a Sofala (20° 12 S.).— 13 grãos, não mais, de latitude, a distancia do Rio a Maceió,— confiar-se aos ventos de Hippalo, deixar-se levar e trazer por elles, como se praticara desde tantos seculos. Depois de Sofala e dahi para o Norte encontrar-se-hiam pilotos que tinham feito uma e muitas vezes a travessia para a India.

Si, porém, o vento, que desde a angra das Voltas ou bahia de Sancta Helena obrigou Bartholomeu Dias a amarar-se para Sudoeste houvera durado mais alguns dias, elle teria descoberto as terras brasileiras! Ajudou a descobri-las treze annos mais tarde, as ultimas por seus olhos vistas antes de encontrar a morte nas aguas revôltas do cabo que o immortalizou,— cabo da Boa-Esperança para os outros, para elle sempre das Tormentas.

2. A' influencia das especiarias sobre as viagens e explorações do oceano Indico e periphèria meridional da Asia corresponde a da seda no devassamento do interior do continente, de sua periphèria oriental e do oceano Pacifico.

Desde tempos remotos chegava aos ribeirinhos do Mediterraneo este estofo peregrino, monopolio e segredo de um povo mysterioso, vagamente designado pelo nome de Seres; porém vinha de mão em mão, a intervallos espaçados, levando annos no transito, e si os consumidores ignoravam sua verdadeira procedencia, tão pouco os productores curavam do seu destino ulterior.

Mais de dous seculos antes da era christã os Seres remataram a celebre muralha, que os poz a coberto dos Nomades do Norte e enviou os Nomades para o Occidente; á sua sombra puderam concentrar-se, unificar-se, finalmente expandir-se além dos limites a si proprios traçados. Em 122 antes de Christo um seu general visitou a terra dos Yüeh-chih, Ephtalitas ou Indo-scythas, que das abas septentrionaes do Nan-chan, sua primitiva habitação, se transferiram

a Bactria e a conquistaram. Quasi ao mesmo tempo suas tropas guerrearam em Ferghana: Um seculo depois de Christo o general Pan-Tschao estendeu o dominio de sua nação até ao mar Caspio e fronteira do reino dos Parthas. Seres e Romanos entram pela primeira vez em contacto.

Já então os Seres conheciam os desvairados caminhos por onde corria seu principal producto. Do extremo Oriente saía por uma das duas estradas principaes: Pe-lu, estrada do Norte, ao Norte do Tien-schan, pela Dzungaria; Nan-lu, estrada do Sul, ao Sul do Tien-schan, pela Cashgaria. Depois de chegar á Asia central pelo Pe-lu ou pelo Nan-lu, a seda seguia para Antiochia Margiana (Merv), Hekatompylos, Ecbatana, e por Ktesiphon e Babylonia descia até a barra do Euphrates. Do golfo Persico circum-navegava a Arabia, subia o mar Vermelho até o golfo de Akabá, donde ia por terra á Syria. Na Syria era novamente tecida ou desfiada ou tinctoria, ou bordada, ou entretecida com outras materias, adaptada ao gosto occidental: gaze e damasco ainda recordam as modificações por que passava e os logares onde se faziam.

O commercio terrestre foi se animando. Dez a doze caravanas annuaes, compostas ás vezes de mais de cem parceiros, mal bastavam aos pedidos. Subitamente estancou, em 165 depois de Christo, quando Avidio Cassio, general romano, tomou aos Parthas e destruiu os grandes emporios de Seleucia e Ktesiphon, ao mesmo tempo que desencadeava-se a peste, consequencia da guerra. Sob o reinado do imperador Justino, no seculo VI, os Turcos, ainda não fanatizados pelo Islão, offereceram-se por alliados do imperio romano do Oriente e quizeram reabrir o caminho antigo; mas suas propostas não foram comprehendidas ou foram desdenhadas, e o commercio por esta via se conservou trancado ainda annos e annos.

Contemporaneo da interrupção do trato terrestre com os Seres, Ptolemeu nos dá o itinerario de um Macedonio para Sera metropole, sobretudo notavel pela demasiada extensão que nelle fundado attribuiu-se para Este ao continente asiatico, extensão que influiu posteriormente sobre o modo de representar o globo terrestre e sobre a direcção dada aos descobrimentos geographicos. No fundo o que Ptolemeu e seus contemporaneos sabiam daquellas terras alongadas reduzia-se a muito pouco. « A região dos Seres, condensa Yule, era vasto e populoso paiz, tocando a Este o Oceano e os limites do mundo habitavel, extendendo-se a Oeste para Imaus, isto é, o Pamir. Os povos são civilizados, mansos, justos e frugaes, evitando collisões com os vizinhos, esquivos a conversação estreita, não avessos, porém, a negociar seus productos, de que a seda bruta é a principal droga; teem tambem estofos de seda, pelles finas e ferro de notavel qualidade».

Cerradas por terra, as comunicações abriram-se marítimas, entrando no systema commercial do mar Vermelho. Os navegantes prolongaram suas derrotas pelo Mediterraneo austral-asiatico e chegaram até Cattigara, em Annão ; mais tarde alcançaram Cantão ; os povos então visitados chamaram Sinai ou Thinai. A seda era o principal genero exportado pelos Chins ; coraes, perolas, ambar, objectos de vidro, estofos preparados ao gosto occidental, nos quaes tambem entrava a seda de torna-viagem, representavam os principaes artigos de importação.

Este commercio, feito por navios occidentaes, avultou e prosperou muitos annos ; pelo seculo IV começou a definhar até por fim extinguir-se ; os navios occidentaes foram, porém, rendidos pelos juncos chinezes, alterosos, fortemente armados, guarnecidos de quatrocentos a seiscentos homens munidos de projecteis de naphta contra os piratas. Na sua marcha para o Occidente chegaram até Aden e uma vez por outra enfiaram o mar Vermelho ; o golfo Persico algum tempo chamou-se mar dos Chinezes. Mais tarde o trato maritimo passou para as mãos dos Arabes.

Tambem as comunicações terrestres se reabriram e, graças a ellas, propagou-se o christianismo, sob a fórma que lhe imprime o patriarcha Nestorio. Nestoriano fez-se o povo dos Kheraitas, primitivamente habitadores das cabeceiras do Amur, donde os Khitan os repelliram para a grande volta do Hoang-ho : seu chefe, chamado Wang-Kan, é dos muitos elementos que entram no vulto mysterioso do Preste João, figurado primeiro nas terras centraes da Asia, antes de finalmente identificar-se com o dynasta de Abessinia. Por via terrestre chegou igualmente aos povos do Mediterraneo o conhecimento dos Khitan, ou Khitai, povos de origem turco-mongolica, como os Kheraitas, que no principio do seculo X começaram suas incursões na China, conquistaram-lhe o Norte, e fundaram o reino conhecido no Occidente pelo nome de Cathay (979 a 1123). A identidade da China e Cathay ou Serica só se apurou no seculo XVII, graças ao jesuita portuguez Benedicto Góes.

Commercio maritimo com a China, commercio terrestre com o Cathay passaram por phases diversas ao influxo das constellações nacionaes e internacionaes : ora os Chins avançavam e recuava a gente occidental, ora dava-se o contrario ; umas vezes o Celeste imperio apresentava-se unido, hospitaleiro, tolerante, outras fragmentado, segregado, rompia em manifestações fanaticas e hostis ; as hordas entre os dous Turkestans e o Azof affluíam para Oeste ou refluíam para Este ; e fermentação igual decompunha e recompunha a Arabia, a Persia, a Syria, o Egypto, a Europa, ao calor dos odios religiosos,

dos antagonismos ethnicos, das pretensões dynasticas, das cobiças territoriaes e rivalidades mercantis.

No seculo XIII surgiram do centro da Asia os Mongóes, e sob Dgenghis-Khaan, sob seus successores immediatos fundaram em poucas e decisivas campanhas um emporio enterreirado do Vistula ao mar do Japão. Recebeu-os no Occidente um terror sagrado, — Tartari, non Tatari chamavam-n'os, insinuando suas affinidades diabolicas. Logo, porém, reconheceu-se haver lavrado muito de exaggero em taes terrores, e o panico transformou-se em esperança quando se soube da existencia de numerosos Christãos entre elles, uns arrancados dos logares por onde passaram as hordas conquistadoras, e vivendo com ellas na melhor harmonia, negociando suas mercadorias, exercitando seus officios, vindos outros do Oriente, d'entre os povos convertidos á confissão nestoriana. Na maioria não christã, longe de dominar o fanatismo caracteristico dos Sarracenos, sentia-se a indiferença completa, si não a tolerancia larga e a ausencia de quaesquer preconceitos sectarios.

Si os soubessem dirigir bem, os Mongóes poderiam tornar-se auxiliares prestimosos e aliados da Christandade nas luctas contra o Islão. A ver si conseguiam qualquer cousa neste sentido, Innocencio IV mandou-lhes duas embaixadas de missionarios e mais tarde Luiz IX da França outras duas. Das embaixadas mandadas pelo papa, constituida uma de Franciscanos, outra de Dominicanos, chegaram a Karakorum, nas aguas do lago Baikal e capital do Grão Khaan, no Pe-lu. André de Longjumel e Piano di Carpini; ao mesmo destino chegou Rubruquis, emissario do rei de França. O resultado afinal foi nem um para o fito immediato da missão; mas a Rubruquis e Piano de Carpini devem-se as relações de suas viagens, que pela primeira vez revelaram ao Occidente as terras e os povos ignorados do grande continente. Dos emissarios, uns foram ou vieram pela Syria e Mesopotamia e Persia, outros pelos steppes do Sul da Russia.

Maior attenção que estes enviados pontificios e reaes pedem os Polos, nobres Venezianos, que demandavam o Oriente quando de lá tornava Rubruquis.

Niccoló e Maffeo Polo partiram em 1260 de Constantinopla para a Criméa, com joias byzantinas e pedras preciosas para vender entre os Khans do Volga. Depois de fazer bons negocios, não puderam tornar pelo mesmo caminho, pouco seguro, em consequencia de guerras travadas entre duas hordas, e foram se internando além do Volga, do Ural, do Caspio até Bokhara. Nesta cidade demoraram trez annos commerciando e apprendendo a lingua tatarã; convidados para accompanha-los pelos membros de uma embaixada

expedida da Persia ao grão Khaan, acceitaram o convite, sendo os primeiros europêos a atravessar a grande muralha, os primeiros, pelo menos, cujo nome se conserva.

Era grão Khaan naquelle tempo Kubilai, neto de Dgenghis-Khaan. Accolheu-os benignamente. Na volta deu-lhes por companheiro um enviado, que devia pedir ao papa homens doutos, aptos a ensinarem o trivio e o quadrivio a seus povos. O emissario adoeceu na jornada. Maffeo e Niccoló chegaram sós ao Mediterraneo, ao porto de Lajaz, no anno de 1269.

Tentaram satisfazer os desejos do grão Khaan, mas não puderam. A séde pontificia vagara; a eleição demorou-se muito; dois frades, dados por Gregorio X depois de eleito, descorçoaram logo no principio da jornada. Finalmente partiram os dois Venezianos, levando comsigo Marco Polo, nascido em 1254, filho de Niccoló.

Em Novembro de 1271 saíram de Lajazzo, atravessaram a Armenia, viram o monte nevado onde quedou inacessivel a arca de Noé, passaram as montanhas dos Kurdas, tomaram o Tigris e por Mossul (touz les draps á or et á soie qui se font en ce pays, s'appellent mosolins, diz Marcos), Bagdad, Bassora, onde embarcaram, chegaram a Ormuz. De Ormuz atravessaram a Persia por Kerman e pelo deserto de Lud; em Badakchan, proximo das cabeceiras do Oxo, tomaram o caminho do Sul —, Nan-lu, que os levou a seu destino.

Kubilai recebeu-os da melhor maneira, e principalmente a Marcos votou muita sympathia, deu provas elequentes de confiança, incumbindo-lhe commissões importantes, entre outras a de governador de uma das provincias do Sul da China, durante trez annos. Só depois de uma assistencia de dezesepte annos puderam voltar os viajantes em companhia de uma princeza, que ia á Persia casar com Argun Khan, sobrinho de Kubilai.

A viagem foi por terra de Kambalú (Peking) a Zaitun, no estreito de Fukien, donde continuou por mar, em treze navios providos por dois annos, em principios de 1292. Entre Cambodja e Tonkin avistaram costa; pelo estreito de Malaca, Nicobares e Andamanes passaram á costa de Coromandel, pelo paiz dos Comari ao Malabar e finalmente a Ormuz. Depois de levar a princeza á côrte, onde casou com outro, por seu noivo ter morrido, os illustres Venezianos tomaram o caminho de Bagdad para o Norte, atravessaram o planalto armenio e saíram em Trebisonda, no mar Negro. Tocando em Negroponto (Eubéa) e Constantinopla, chegaram a Veneza em 1295, depois de um quarto de seculo de ausencia.

Em uma guerra entre Venezianos e Genovezes, Marco Polo armou á sua custa uma galera no combate de Curzola aprisionada

(6 de Setembro de 1298). Levado para Genova, dictou a Rusticiano de Pisa sobre as suas aventuras e peregrinações um livro que se divulgou tão depressa quanto possível em tempo e paizes ainda não conhecedores da imprensa, e traduzido em todas as linguas deixou signaes indeleveis de sua passagem na historia e chartographia do extremo Oriente.

Em 1474, Paolo Pozzo de Toscanelli, sabio florentino, escrevia uma epistola, inspirada toda ainda em dizeres do narrador veneziano. Zaitun, onde este embarcou para tornar á patria é « porto nobilissimo, onde carregam e descarregam umas cem náos grandes de pimentas, além de muitas outras náos que carregam as outras especiarias ». Quinsay, onde Marcos esteve antes de embarcar, é « nobilissima e grande cidade, que tem de circuito cem milhas, que são vinte e cinco legoas, na qual existem dez pontes de pedra marmore, e seu nome em nosso romance quer dizer cidade do Ceu ». Cingão, que elle não chegou a pisar, é « ilha fertilissima de ouro e perolas e pedras preciosas; os templos e casas reaes são cobertos de ouro puro ». Desde 1365, os Mandjus expulsaram os Mongões da China; para Toscanelli continuava tudo, porém, no estado em que Marco Polo deixara: « esta patria é poderosissima, e ha nella muitas provincias e muitos reinos e cidades sem conta debaixo do senhorio de um principe, que se chama grão Khan, o qual nome quer dizer em nosso romance rei dos reis, o assento do qual é o mais do tempo na provincia de Catayo ».

A epistola de Toscanelli, dirigida ao conego Fernão Martins, seu amigo e valido do rei de Portugal D. Affonso V, datada de Florença a 25 de Junho de 1474, tracta de assumpto mais interessante do que fa-lo-hiam suppôr as vetustas informações bebidas em Marco Polo. Fôra consultado por ordem do rei de Portugal si haveria para a India um caminho por mar mais curto que o de Guiné feito até então pelos Portuguezes, aliás sem lograrem ainda chegar em terra tão desejada; responde e accompanha a resposta de uma charta semelhante ás usadas para navegar, debuxada por sua propria mão. Nella, commenta, « está pinctado todo o fim do Poente, tomando desde Irlanda ao Austro até o fim de Guiné, com todas as ilhas, em frente das quaes direito por Poente está pinctado o começo das Indias com as ilhas e os logares aonde podeis desviar para a linha equinoxial, e por quanto espaço a saber, em quantas leguas podeis chegar aquelles logares fertilissimos e de toda maneira de especiarias e de joias e de pedras preciosas. E não vos maravilheis que chame Poente aonde nasce a especiaria, porque em commum se diz que nasce no Levante; mas quem navegar ao Poente sempre achará as ditas partidas em Poente e quem fôr

que nem ás quatro viagens por elle proprio feitas, nem todas as expedições, felizes ou mallogradas, publicas ou clandestinas, executadas por tantos navegadores, enquanto viveu, divergentes todas em seus resultados e refractarias ás affirmações do sabio Florentino, bastaram a abrir-lhe os olhos.

Bem imbuido nas idéas de Toscanelli, apresentou a uma juncta convocada por D. João II, rei de Portugal, o traçado do novo caminho marítimo e mais breve para a India do que o procurado e não achado ainda no littoral africano.

Estribava-se em factos observados por pilotos: ilhas vistas muito além dos Açores, pinheiros exóticos fluctuantes no meio do mar, taquaras peregrinas com gomos de capacidade descomunal, madeiras com incisões feitas por mão de homem, homens de côr e raça differentes da Europa, achados mortos em embarcações desgarradas, diversos de quaesquer da Europa e da Africa, portanto asiaticos, isto é, Indios. A estes factos indicativos de terras proximas a Oeste, junctava considerações sobre a esphericidade do nosso planeta e sobre sua exiguidade. Marino Tyrio calculara a distancia da Hespanha á India em quinze horas de tempo ou duzentos e vinte e cinco grãos em arco: a distancia desconhecida a percorrer limitava-se, pois, no maximo, a 135° em arco ou nove horas em tempo. Na realidade era ainda menor, si se levasse em conta o archipelago do cabo Verde omittido por Marino, as terras orientaes cujo fim ninguem vira ainda, o Cypango tão famoso desde Marco Polo, as septe mil quatrocentas e cincoenta e nove ilhas arroladas por este no mar do Cim, e finalmente, a meia jornada, a Antilia ou ilha das Septe Cidades. Tudo isto rematava em moveis religiosos e impulsos mysticos, que com a idade cada vez mais se corroboraram. Indignava-o o dominio do Islão sobre o Sancto Sepulchro depois de tanto e tão generoso sangue christão vertido nas Cruzadas; pelo novo caminho viriam os recursos necessarios para o esmagamento do inimigo perpetuo da Christandade. Avizinhava-se o fim do mundo: urgia emparelhar os dominios de religião de Christo com os limites da Terra, para se cumprir a palavra do Evangelho. Seu nome mesmo, Christum ferens, o do bom gigante germanico, que um dia atravessou o rio com o menino Jesus aos hombros, proclamava a missão que lhe estava destinada *ab eterno*¹.

Que pensaram D. Diogo, bispo de Ceutã, e os cosmographos mestre Rodrigo e mestre Josepe, incumbidos de examinar os planos

¹ Christovão, diz Payne, é o nome da sexta-feira sancta em allemão (Christ offer); é um sancto etymologico, semelhante a Pascal, Noel, Toussaint, festas que em francez servem de nomes de baptismo. *History of the New-World called America* 1, 172 n, Oxford 1892.

colombinos, deste mixto de factos seguros, sciencia indigesta e mysticismo militante, deixaram em silencio os contemporaneos. João de Barros, que si não alcançou algum delles, poude ainda encontrar as tradições vivas, chama o grande navegador « homem fallador, glorioso em mostrar suas habilidades e mais fantastico de imaginações com sua ilha Cypango que certo no que diz ».

Este juizo, exacto a respeito de alguns dos aspectos exteriores, encobre o que havia de intimamente genial em tão extraordinaria individualidade. Suas propostas foram rejeitadas; elle, que para leva-las a effeito, reclamava as maiores honras e prerogativas, teve de sair ás pressas de Portugal, deixando mulher e filhos, como affirma, levando apenas um filho, Diogo, de cinco a seis annos de idade presumiveis. Talvez se visse embaraçado por dividas, como se pode concluir de algumas verbas pouco explicitas de seu testamento. Alguma cousa houve, pois em 1488 obteve um salvo-conducto de D. João II para poder voltar livremente¹.

Entre 1484 e 1485, deu-se o seu exodo para as terras da Hespanha, onde reinavam Fernando de Aragão e Isabel de Castella empenhados em extinguir os ultimos restos dos Mouros ainda existentes na peninsula. A elles Colombo, cada vez mais convencido de suas ideias e crente em sua missão, apresentou-se offerecendo um mundo. Foram oito annos de lucha constante, afinal coroados pela victoria. A 17 de Abril de 1492 assentou-se entre a corôa e Colombo que das terras a descobrir, elle teria o cargo vitalicio e hereditario de almirante com privilegios eguaes aos do almirante-mór de Castella; que dellas seria vice-rei ou governador geral; que do ouro, prata, perolas, pedras preciosas e especearias e quaesquer outras cousas e mercadorias perceberia o dizimo, tiradas as despezas; que em todos os negocios de commercio das dictas terras exerceria jurisdicção por si ou por um tenente; que, si entrasse com um oitavo para as despezas de quaesquer futuras expedições, tocar-lhe-hia um oitavo dos lucros.

Quatro vezes veiu Colombo ás terras incorporadas á humanidade por sua acção maravilhosa.

Na primeira (1492/1493) saiu com trez caravellas de Palos a 3 de Agosto e dirigiu-se a Gomera, nas Canarias, ultimo poncto então alcançado pela civilização européa. A 6 de Setembro en-golfou-se no Oceano desconhecido; a 12 de Outubro descobriu

¹ E por que por ventura tereis algum receio de nossas justiças, resa o salvo conducto datado de Avis 20 de Março de 1488, por rasão de algumas cousas a que sejais obrigado, nos por esta carta vos seguramos pela vinda, estada e tornada que não sejais preso, reteudo, acusado, citado nem demandado por nem uma cousa, ora seja civil, ora seja criminal, de qualquer qualidade. (Navarrete, Colleccion de los viajes y descubrimientos, II, 6, Madrid, 1825).

uma ilha, chamada Guanahaní pelos Indigenas, S. Salvador pelo Almirante, hoje Watling, no grupo das Bahamas, pertencente á Inglaterra. Navegando para SO., foi dar a Cuba, cujo littoral septentrional perlongou algum tempo; passou á ilha a que deu o nome de Hespanhola, hoje chamada Haiti, donde partiu para a Hespanha.

Na segunda, (1493/1496) buscou ainda as Canarias; depois da ilha de Ferro, fez rumo mais ao Sul; descobriu as ilhas Dominica, Maria Galante, Guadelupe, e outras pequenas Antilhas, Portorico — a mais oriental das grandes. De Hespanhola navegou para Cuba, percorrendo o littoral meridional até o poncto em que julgou-se na península de Malaca, — juncto a ilha de Piños, onde a costa corre NS. Na volta para Haiti descobriu a Jamaica.

Na terceira viagem, (1498/1500) expediu parte da esquadra de Gomera, e depois partiu de Santiago de Cabo-Verde, no intento de atravessar a linha para o hemispherio austral. Os ardores e as calmarias de Equador obrigaram-n'o a ater-se ao Norte, onde descobriu uma ilha, a da Trinidad, a mais meridional das Antilhas; o poderoso Orenoco, e, afinal, o continente. Perturbou-o o achado de um rio, cuja possança indicava terras maiores que as simples ilhas esperadas naquellas latitudes, e a unica explicação plausivel do facto com que atinou foi dizer que a terra não era uma esphera, porém uma pêra; na pêra havia um poncto mais saliente onde demorava o paraíso terreal, a cavalleiro das aguas do diluvio. A estes logares inacessiveis chegara agora.

O resultado da viagem não correspondeu a tão brilhante começo. Na Hespanhola encontrou a mais completa anarchia; não soube doma-la pela brandura, acirrou-a com arbitrariedades e violencias, por um de seus admiradores consideradas provas de que exercera na mocidade a profissão de corsario. Os clamores chegaram até a côrte, resultando voltar preso e acorrentado para a Hespanha.

A ultima viagem fez de 1502 a 1504. De Hespanhola foi á costa de Honduras e por ella desceu até o isthmo do Paramá, sem ver, porém, um estreito que procurava e cuja necessidade sentia para chegar ás regiões, sempre annunciadas e sempre phantasticamente longinquas. Em Jamaica perdeu todos os navios e ficou um anno sem poder communicar com o resto do mundo, a principio nem mesmo com a Hespanhola, a tão poucos dias de distancia. Tornou em 1504. A 20 de Maio de 1506 falleceu em Valhadolid.

Todas as viagens descobridoras de Colombo tiveram por theatro as aguas do mar dos Carahybas. Nem um só instante duvidou ter chegado ás terras annunciadas por Toscanelli. Cuba sempre

reputou continente; uma parte do littoral cubano, península de Malaca; em aguas cubanas comminou a pena de dez mil maravedis de multa e lingua cortada, ou lingua cortada e cem açoites, a quem duvidasse estar alli a terra de Mangi; um eclipse lunar observado de 14 a 15 de Setembro de 1494 deu-lhe uma longitude a O. de Cadix de 5 horas 23 m. ($80^{\circ} 45'$) isto é, 18° a mais da realidade; escrevendo ao papa em 1502, diz que Cepango é a Hespanhola; ouvindo em sua ultima viagem falar vagamente de um mar do outro lado da terra no isthmo do Paramá, confirmou-se mais na sua teimosia: andava no golfo de Bengala, do outro lado demorava a India anterior, só restava achar o estreito, isto é, o caminho para lá.

Emquanto Vasco Nunes de Balboa não descobriu em Setembro de 1513 o mar do Sul como o chamou, ou oceano Pacifico, nome por que o christou Fernando de Magalhães, todo mundo gyrava pouco mais ou menos dentro do cyclo das idéas de Toscanelli assimiladas por Colombo. Ainda em 1500 commungava nellas Vicente Añez Pinzon, companheiro do Almirante na memoravel expedição de 1492, commandante da *Niña*, a bordo da qual o descobridor tornou, depois de perdida a *Santa Maria* na costa do Haity e Martim Alonso Pinzon, ermão de Vicente, separado, a descobrir por conta propria.

Vicente Añez Pinzon, obtida licença para armar uma expedição, a 18 de Novembro de 1499 saiu de Palos com quatro caravellas, para Santiago de Cabo-Verde. Nas licenças para descobrir excluíram-se as terras já anteriormente visitadas; por isso Vicente Añez, primeiro entre os Hespanhoes, afoitou-se alem da linha equinocial, em paragens não illuminadas pela estrella polar.

A 26 de Janeiro de 1500 a agua do mar appareceu turva, a sonda registou fundo de dezeseis braças, e a costa assomou proximo. Para ella velejaram, nella desembarcaram e tomaram conta da região em nome da corôa de Hespanha, proclamando o feito em vozes altas, cortando galhos e entalhando nomes nos troncos das arvores, fazendo mouxões de terra, bebendo agua, chantando cruces. De gente viram simples pégadas: a este primeiro poncto chamaram Santa Maria de la Consolacion, hoje cabo de Sancto Agostinho, em Pernambuco.

Seguiram a costa á busca do Equador. Uma noite avistaram fogos e no outro dia pela manhã desembarcaram quarenta homens aparelhados e dispostos á peleja. Saíram-lhes ao encontro trinta e dous indigenas armados de arcos e flechas, de olhar torvo e attitude ameaçadora, mais altos que Germanos e Pannonios. Pelejas não houve; affagos nem um resultado deram, e os Hespanhoes

tornaram para bordo: acharam estes que os rastros dos naturaes da terra eram o duplo dos dos pés de um dos seus.

Proseguindo, chegaram a um rio incapaz de caravellas. Homens armados foram a terra, onde viram alguns indigenas sobre um alto. As tentativas para trato pacifico não deram resultado. Um hespanhol abaixou-se para apanhar qualquer objecto dourado atirado pelos indigenas; immediatamente estes o rodearam e mataram com mais oito vindos em seu soccorro, e apoderaram-se de um dos botes.

Perlongando a costa para NO., deram em rio, antes mar de agua doce, descendo rapido de altas montanhas, inçado de ilhas numerosas cheias de gente. Chamava-se Marañon, é hoje o Amazonas; as terras ao Este delle, Camamoro; as terras ao Occidente, Paricora, hoje Guayana. « E hallaron dentro del rio um maceo, diz Antonio Hernandez Colmenero, é estando surtos los navios, alzaba de golpe de la mar é el ruido que traia les alzó quatro brazas el navio. » Era a pororoca.

Do Amazonas seguiram perlongando a costa: o nome de Vicente Pinzon, dado a um rio, hoje disputado ao Brasil pela França, attesta ainda a sua passagem. De sua viagem levaram pau-brasil, a impressão de arvores tão collossaes que dezeseis homens não bastaram a abarca-las e um saruê que não resistiu á viagem, e Pedro Martyr descreve: « monstruosum animal vulpino rostro, cercopithecea cauda, vespertilioneis auribus, manibus humanis, pedibus simiam simulantis, quod natos iam filios alio gestat quocumque proficiscatur utero exteriori in modum magnæ crumenæ ».

E depois de tão longa viagem Pinzon com seus companheiros, como attesta Pedro Martyr de Angleria, considerou a costa como continente da ilha de Ganges; depois de navegar pela costa de Paria mais de seiscentas leguas, julgaram-se além da cidade de Catayo e da costa da India, além de Ganges, em outros termos labutavam ainda no cyclo das idéas de Colombo e Toscanelli.

Chegada ao tempo da viagem de Vicente Pinzon e contigua nos logares percorridos, é a de Diego de Lepe, ao poncto de não ser facil distinguir bem as duas. Na opinião mais fundada é identica á segunda de Americo Vespucio.

Poncto de partida no archipelago de Cabo-Verde foi a ilha do Fogo; rumo SO., duração da travessia quarenta e quatro dias; logares visitados: costas do Rio Grande do Norte a Pernambuco, além um pouco do cabo de Sancto Agostinho, onde observou-se a inflexão do littoral para Oeste. De Diogo de Lepe antes que de Pinzon parece proceder o nome de Rostro Hermoso dado talvez ao cabo de S. Roque.

4. Dominava os planos de D. João II o proposito de chegar ás terras do Preste João, localizadas agora nos limites meridionaes do Egypto, fronteiras quasi dos descobrimentos de Diogo Cão. Bartholomeu Dias levava comsigo na armada algumas negras, que deviam servir-se das immunidades do sexo (podiam ficar seguras, diz João de Barros, porque como eram mulheres com quem os homens não teem guerra não lhes haviam de fazer mal algum) para alcançar, si possível, o reino sempre cubiçado, sempre esquivo.

Ainda elle arcava contra os homens e a natureza conspirados, quando el-rei de Portugal mandou a Jerusalém frei Antonio de Lisboa e Pero de Montaroyo. Em Jerusalém, discorria, jaz o centro da Christandade ; si Preste João segue a doutrina de Christo, sua gente lá ha de acudir. O calculo era rigoroso, e saiu certo ; mas os dois emissarios ignoravam a lingua arabe, não se atreveram a acompanhar os religiosos abexins, que de facto encontraram na Cidade Sancta.

Novos enviados expediu D. João II de Santarém a 7 de Maio de 1487: Pero de Covilhã e Affonso de Paiva, ambos provavelmente senhores da lingua, o primeiro com certeza. Foram por Napoles a Rhodes, a Alexandria, ao Cairo, a Toro. Em Toro separaram-se: Affonso de Paiva partiu para a Abessinia e de sua viagem não deu conta precisa, por morrer no Cairo á volta ; Pero de Covilhã foi por mar a Calecut, a Cananor, a Gôa, de Gôa a Sofala, ponto extremo da carreira de Malabar; de Sofala, por Aden, ao Cairo. Não achou, como esperava, seu velho collega, mas dois outros mensageiros regios : Abrahão, rabbi natural de Beja, e Josepe, sapateiro de Lamego, vindo pouco antes de Bagdad, com frescas noticias do largo trato feito por via de Ormuz. Josepe devia levar para o reino as cartas e informações de Paiva e Covilhã; Abrahão fazer a jornada de Ormuz a Aleppo; Covilhã desencantar o Preste, si qualquer occurrencia houvesse estorvado Affonso de Paiva.

Mais uma vez Pero de Covilhã cortou as aguas do mar Vermelho e atravessou as portas das lagrimas para Ormuz. Dalli Abrahão seguiu sua rota para a Syria, Pero de Covilhã retrocedeu para Oeste e deu na Abessinia. Bem recebido foi ; mas não teve mais licença de sair. Lá o encontrou mais tarde, em 1515, uma embaixada portugueza, velho, honrado, cheio de filhos. Tão pouco como a Bartholomeu Dias e a D. João II coube-lhe entrar no descobrimento da India, que seus esforços tinham tornado possível e até facil, á altura de qualquer personagem somenos, capaz de levar treze grãos de latitude de cabotagem, antes de encontrar pilotos practicos do oceano Indico.

Com todos estes subsidios, — a navegação franca do oceano Indico ao Sul de Sofala, attestada muitos annos antes por frei Mauro de Veneza; o extremo do continente africano attingido pela costa occidental, e a costa oriental inclinada promissoramente para NE, como entreviu Bartholomeu Dias; Sofala, a aurifera, escala animada da carreira do golfo Arabico, do golfo Persico, de Malabar; a costa de Malabar, centro de irradiação de movimento commercial incomparavel, como encontrara flagrante Pero de Covilhã¹, — com todos estes subsidios podia D. João II amadurecer calmo e desenfadado o remate da obra iniciada por D. Henrique.

Sua quietude foi perturbada por um acontecimento imprevisto. Em Março de 1493 entrou pela barra do Tejo acossada pelos temporaes uma caravella hespanhola, a *Niña*, trazendo a bordo Christovão Colombo, o mesmo dos planos de viagem de Levante pelo Poente rejeitados pela juncta nomeada para examina-los; o emigrado de Portugal, « insalutato hospite », deixando mulher e filhos; o do salvo-conducto de 1488. Descobriria as terras prometidas, blasonava; e provava-o até certo poncto, apresentando não especiarias, perfumes e estofos, alardeando homens evidentemente diversos dos brancos da Europa e dos negros da Africa.

D. João II mostrou desejos de ve-lo. A entrevista deu-se a 9 de Março em Valparaiso, proximo de Santarém, el-rei correcto e fidalgo, o navegante orgulhoso de seus feitos, transbordante de sua superioridade, a côrte humilhada, indignada, azêda do bom exito da empreza tanto como dos ares de triumpho e de victoria do tecelão e filho de tecelão assumpto a almirante de Castella. Alguns dos mais zelosos offereceram-sc para mata-lo. Tudo passaria lisamente, segundo as leis do brio e do bom gosto: troca de palavras, rusga, um encontro, uma cutilada certa.

Na conversa disse D. João II que Colombo entrara por terras a elle pertencentes, por força de tractados assentes com a Corôa de Hespanha, por força de bullas anteriores da Curia Romana. A isto respondeu o descobridor não ter tocado em terras pertencentes á corôa portugueza, segundo ordens recebidas ao partir.

A maneira de ver do Almirante foi partilhada pelos reis da Hespanha e pela Sancta Sé. Em duas bullas, datadas de 3 de Maio de 1493, o Summo Pontifice concedeu á Hespanha todas as terras por Colombo descobertas e por descobrir a Oeste « porque de todas as obras a mais agradavel á Divina Magestade é que a religião christã seja exaltada e divulgada por toda a parte; que a salvação da

¹ Os feitos de Covilhã encontraram finalmente um historiador condigno no conde de Ficalho, auctor das admiraveis *Viagens de Pedro da Covilhã*, Lisboa, 1898.

alma humana seja assegurada em todos os paizes, e as nações barbaras sejam subjugadas e convertidas á Fé Catholica».

Na segunda bulla *Evimiaz devotionis*, da mesma data, Alexandre VI refere-se a Portugal, mas para dizer que as concessões feitas á Hespanha importam favores, privilegios, exempções, liberdades, poderes, immunidades identicas aos concedidos áquelle reino. Só na terceira bulla, datada de 4 de Maio, attende um pouco ás pretensões de D. João, limitando as possessões dos dois monarchas por uma linha traçada cem legoas a Oeste de qualquer ilha dos Açores e do Cabo-Verde (Fabricando et constituendo unam lineam a Polo arctico, scilicet septentrione, ad Polum antarcticum, scilicet meridiem sive terræ firmæ et insulæ inveniendæ sint versus Indiam, aut versus aliam quamcumquam partem; quæ linea distet a qualibet insularum quæ vulgariter nuncupantur de los Azores et Cabo Verde centum leucis versus occidentem et meridiem).

Esta concessão mesmo foi implicitamente revogada em bulla de 25 de Setembro ainda de 1493, conhecida por traducção hespanhola e por uma copia não authenticada de Solorzano, pois original latino desapareceu, na qual se ampliou a doação feita á Hespanha « a todas y cualesquier islas y tierras firmes halladas e por hallar, descubiertas y por descubrir, que navegando o caminando hacia el Occidente ó el Medio dia son ó fueren, ó aparecieren ora esten en las partes occidentales ó meridionales y orientales y de la India ».

D. João II quiz mandar uma esquadra ás regiões novamente descobertas; propoz a divisão por um paralelo, em vez de um meridiano; expediu e recebeu embaixadas. A attitude de Alexandre VI chamou-o finalmente á conciliação. A 7 de Junho de 1494 as duas corôas assignaram em Tordesilhas um tractado fixando a linha divisoria a trezentas e sessenta leguas do archipelago de Cabo-Verde, infelizmente sem indicar a ilha de que devia partir a contagem, nem fixar a medida das leguas, pois a um gráo no Equador correspondiam segundo as opiniões pouco seguras do tempo $14\frac{1}{6}$, 15, $16\frac{2}{3}$, $17\frac{1}{2}$, $21\frac{1}{4}$, leguas. Peior ainda: conforme os interesses de momento as duas côrtes variaram com o decurso do tempo no poncto de partida e na medida itineraria.

Em seguida ao tractado de Tordesilhas falleceu D. João II e succedeu-lhe D. Manoel, primo e cunhado, com razão singularizado pela antonomasia de Venturoso. Um dos seus primeiros cuidados foi continuar a obra do Bartholomeu Dias e Pero Covilhã, incumbencia de que deu boa conta Vasco da Gama (1497/1499). Mandou tambem clandestinamente ás terras encontradas por

Colombo ? Di-lo Duarte Pacheco : « temos sabido e visto, escreveu em 1506 a D. Manoel, como no terceiro anno do vosso reinado do anno de Nosso Senhor de 1498 donde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte occidental passando além a grandeza do mar Oceano onde é achada e navegada uma tão grande terra firma com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella que se estende a setenta graus de ladeza da linha equinocial contra o polo arctico. . . e do mesmo circulo equinocial torna outra vez e vai além em 28 $\frac{1}{2}$ de ladeza contra o polo antartico ¹ » E até certo poncto confirma-se este dizer pela opinião corrente em Lisbôa em Outubro de 1501, de que eram entre si contiguas as terras geladas descobertas pelos Portuguezes ao Norte com as Antilhas descobertas pelos Hespanhóes e a terra dos Papagaios descoberta mais ao Sul por Pedralvares Cabral, como veremos. Em todo caso, de taes viagens não transpirou então noticia nem se tem demonstrado qualquer influencia palpavel sobre as posteriormente feitas.

A volta de Vasco da Gama causou o maior entusiasmo entre seus compatriotas. Colombo demonstrara seu descobrimento da India, apresentando homens diferentes dos Europeus e Africanos, insistindo sobre certas similhaças nos nomes das localidades, como Cibão e Cypango ; Vasco da Gama trazia tambem homens diferentes dos da Europa, da Africa e até dos apresentados por Colombo : trazia o cravo, a canella, o gengibre, todas as especiarias caracteristicas da India recebidas até então por meio de navios italianos ; estivera em Calecut, e si não vira todos os logares e emporios famosos, sabia onde estavam e onde procura-los.

Urgia mandar outra e mais forte armada a visitar novamente a India. Em Março de 1500 estava prompta a desferir a vela para o Oriente uma esquadra de treze navios, levando mil e duzentos homens d'armas, sob o commando de Pedralvares Cabral, de familia nobre e já assignalada nos descobrimentos de D. Henrique : frei Gonçalo Velho Cabral, o descobridor dos Açores e da Terra alta, era seu parente.

A 8 de Março, domingo, houve missa solenne, a que assistiu el-rei, tendo sempre ao lado o chefe da expedição na mesma cortina. Depois da missa foi benta uma bandeira da ordem de Christo, que estivera sobre o altar, e el-rei entregou-a a Cabral, junctamente com um barrete consagrado pelo papa. D. Diogo de Ortiz, bispo de Ceuta, prégou exalçando os membros da

¹ *Esmeraldo de Situ Orbis*, 7. Publicado pela primeira vez em Lisboa em 1892. Humboldt chama isto uma adivinhação surpreendente á vista da ausencia de ellos intermediarios. (*Examen critique*, IV, 263) Ultimamente tem se procurado restabelecer os elos. Veja-se entre outros o livro de José Toribio Medina publicado em Santiago de Chili sobre João Dias de Solis.

expedição: Pedralvares, de ascendentes tão illustres, Nicolao Coelho, o companheiro de Gama, levado outra vez ao scenario de seus triumphos, Bartholomeu Dias, o domador do cabo Tormentoso.

Depois da missa, seguiu el-rei para o Rastello, onde deu a mão a beijar e despediu-se de todos. Foi um dia de festas e alegrias. João de Barros descreve-o assim:

« A qual espedida geralmente a todos foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisboa, por ser dia de festa e mais tambem celebrada por el-rei, cobria aquellas praias e campos de Belém; e muitos em bateis, que rodeavam as naus, levando uns, trazendo outros, assi ferviam todos com suas librés e bandeiras de cores diversas, que não parecia mar, mas um campo de flores, com a frol daquella mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espirito destas cousas eram as trombetas, atabaques, sestros, tambores, frautas, pandeiros; e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquelle dia tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar, nesta e outras armadas que depois a seguiam, porque pera viagem de tanto tempo tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar. Com as quaes differenças que a vista e ouvidos sentiam o coração de todos entre prazer e lagrimas, por esta ser a mais formosa e poderosa estava armada que te aquelle tempo pera tão longe deste reino partira ¹. »

No dia seguinte, segunda-feira 9 de Março, saiu a esquadra de foz em fóra; sabbado, 14, entre oito e nove horas, achou-se entre as Canarias, em calma, obra de trez a quatro leguas á vista da Gran-Canaria; domingo, 22, foi vista a ilha de S. Nicoláo do Cabo-Verde; segunda feira, 23, desgarrou-se e não mais appareceu a náó de Vasco de Athaide, sem ahi haver tempo forte nem contrario.

Nas diversas navegações, até então feitas, notaram-se ventos muito mais constantes e galernos amarando-se, do que chegando-se para o continente, cujas massas exerciam acção perturbadora. Cabral engolfou-se pelo mar, de longo, e encontrou a corrente equatorial, que desde a Africa despede suas aguas para as regiões fronteiras.

Terça-feira, 21 de Abril, encontraram varias hervas, signaes de terra, que no dia seguinte, annunciada por aves chamadas fura-buchos assomou á hora de vespera, grande monte, muito alto e redondo, serras mais baixas ao Sul, terra chã com grandes arvoredos. Estava-se no oitavario da Paschoa: monte Paschoal chamou-se o

¹ *Decadas* I, 5, 1.

primeiro ponto avistado. Fundeou-se á noite em dezenove braças, á distancia de seis leguas da costa.

Quinta-feira, 23, a armada fez vela, com os navios pequenos sondando adeante, até ás 10 horas lançarem ancora em direito da boca de um rio. Lançados bateis e esquifes fóra, foram todos os capitães á não do capitão-mór. Que terra era aquella? Evidentemente a India, nem podia ser outra, pois entre a Europa e a Asia oriental havia um só mar. Nada mais simples do que verifica-lo: ahi estava Nicoláo Coelho, que já estivera na India: elle proprio iria tira-lo a limpo.

Nicolau Coelho tornou com resposta bem diversa da esperada; e no dia seguinte a armada velejou para o Norte, ao longo da costa, por umas dez leguas, até encontrar uma abrigada conveniente.

Sabbado, 25, penetrou-se na bahia, cujas vastas aguas podiam recolher mais de duzentos navios. Os capitães reuniram-se a bordo da capitanea; foram mandados á terra Nicolau Coelho, e, o que não é menos caracteristico, Bartholomeu Dias. Si não eram Indios aquelles homens que andavam nus pela praia, como não se podia mais pretender depois do laudo de Nicolau Coelho, bem podiam ser qualquer casta de Negros: ninguem mais competente para decidi-lo do que Bartholomeu Dias. E não se taxe de absurda a confusão entre os indigenas alli presentes e os negros: antes de se encontrar um appellido geral para denomina-los eram chamados negros, — prova-o entre outras uma carta do padre Manoel da Nobrega, escripta em 1549 — e chamados com igual razão ou sem razão á com que depois ficaram e continuaram chamados indios.

O dia 26 de Abril era domingo de Paschoela. O capitão resolveu ouvir missa; numa ilha da vasta enseada, armou-se um esparavel; levantou-se um altar muito bem corrigido; nelle á parte do Evangelho esteve sempre alta a bandeira de Christo com que o capitão-mór saiu de Belém; cantou a missa em voz entoada frei Henrique, depois bispo de Ceuta, inquisidor de Portugal, em cujo tempo queimou-se o primeiro judeu; com voz igual officiaram os padres e sacerdotes, que alli todos eram.

Depois da missa frei Henrique poz-se numa cadeira alta, a gente assentou-se na areia, á espera do sermão, que ia começar. Não era terra africana, não era terra indiana, a terra agora felizmente achada; era terra nova. Seu achamento conformara-se com o signal da Cruz, sob cuja obediencia viera a armada, a mesma Cruz recebida solennemente em Belém das mãos de um rei, fluctuando alli mesmo aos ventos de largo ao sol do Sul; seu nome estava de antemão dado, nem havia outro a escolher, — ilha da Vera Cruz: — tal podemos imaginar a prégação do franciscano,

filtrada nas palavras fugazes de Pero Vaz de Caminha, escrivão nomeado para a feitoria de Calecut, ali presente.

Depois da festa houve conselho a bordo do capitanea, e venceu-se que se mandaria um emissario ao reino, levando a noticia do novo achamento, para Sua Alteza melhor mandar descobrir e saber de tudo melhor do que se podia fazer de passagem. Foi destacado para este fim o navio de mantimentos : a baldeação pelos outros navios e distribuição dos generos nelle contidos occuparam os dias seguintes.

Segunda feira, 27, cortou-se um grande madeiro para fazer a cruz, que devia, chantada, attestar o descobrimento e a estadia dos Portuguezes. Quinta-feira, ultima de Abril, foram á cruz, que estava encostada a uma arvore juncto a um pequeno rio que fenecia na praia ; ajoelharam ante ella, beijaram-n'a, para os Indios perceberem quanto a acatavam.

Sexta-feira, primeiro de Maio, desembarcou a gente da armada com a bandeira de Christo, foi buscar a Cruz onde a deixara e trouxe-a com os religiosos e sacerdotes adeante cantando á maneira de procissão e plantou-a no lugar que mais conveniente pareceu. Ao pé da Cruz, em que antes se pregaram as divisas e armas reaes, armou-se altar ; cantou a missa frei Henrique ; commungaram o capitão-mór, alguns dos seus companheiros e os religiosos. Acabada a missa prégou outra vez frei Henrique : era dia de São Felippe e Santiago, apóstolos.

A 2 de Maio a armada singrou para S. E. á procura do cabo da Boa Esperança ; o commandante do navio de mantimentos, encarregado de levar a noticia ao reino, fez-se a seu rumo ; dois degredados, deixados na terra, ficaram na praia chorando. Um delles serviu de lingua naquella parte e depois tornou ao reino : a cruz ainda durou algum tempo.

Da carta de Pero Vaz de Caminha, escripta a 1 de Maio, diploma natalicio lavrado á beira do berço de uma nacionalidade futura, podemos colher algumas das impressões deixadas pelos successos de que constituiu-se historiador.

A terra foi considerada uma ilha, por muitas razões. O rio abordado a 23 de abril, o rio que desembocava em Porto Seguro, ambos de pouca agua, o segundo vadeavel com agua pela braga, e não mais largo que um jogo de mangal, mostravam pelo seu pequeno cabedal não pertencer a continente. O mesmo insinuava a ausencia de qualquer quadrupede entre os naturaes. Nem diziam cousa diferente duas pontas de terra avistadas ao Norte e ao Sul, distantes entre si vinte e cinco leguas : era corrente na gente portugueza que os cabos indicavam modificação da linha littoranea : aquellas

duas pontas, junctas á pobreza das aguas pluviaes e á ausencia de mammíferos confirmavam o character insular da terra ¹.

Desta Pero Vaz de Caminha admira sobretudo a vegetação: Os arvoredos são muitos e grandes e de infindas maneiras. . . O arvoredo é tanto e tamanho e tão basto e de tantas prumagens, que não pôde homem dar conta.

Egualmente sympathica a sua attitude a respeito dos indigenas: « De boos rostros e boos narizes, bem feitos. . . Ali verieis galantes, pintados de preto e vermelho e quartejados assi pelos corpos como pelas pernas que certo pareciam assi bem; tambem andavam antrelles quatro ou cinco mulheres moças assi nuás que não parecia mal. Lhes nosso Senhor deu boos corpos e boos rostros como a boos homens. . . Nan comen sinan deste inhame que aqui ha muito, e dessa semente e fruticos que a terra e as arvores de si lançam, e com isto andam taes e tão rijos e tão nedios que o non somos nos tanto com quanto trigo e legumes comemos ». Na explicação que nos dá do facto vibra uma ligeira nota de poesia. Depois de dizer que são esquivos como animaes montezez, esquivos como pardaes de cevadouro, accrescenta: « elles porem, contudo andam muito bem curados, e muito limpos, e naquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias montezez que lhe faz o ar melhor pena e melhor cabello que ás mansas, por que os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos que não pode mais ser, e isto me fez presumir que non tem casas, nem moradas em que se colham, e o ar a que se criam os faz taes. . . »

5. As terras descobertas estavam habitadas de tribus diversas das até então conhecidas pelos Portuguezes. Não eram ellas menos diversas entre si, mas no meio de differenças golpeantes apresentavam notaveis ponctos de profunda similhaça. Nem uma designação geral os comprehendia: os estrangeiros chamaram-n'os Negros, Brasis, Brasilienses, e por fim Indios, ultimo residuo de uma illusão millenar, reverdecida por Colombo. Nos logares onde ainda hoje existem independentes e numerosos conhecem-n'os por Bugres como em S. Paulo, e em geral no Sul.

De seu passado fallecem monumentos. Sambaquis, sernambis, ou ostreiras do littoral e do Amazonas; inscrições traçadas a tincta vermelha em rochas; pedras dispostas umas sobre as outras por modo que soam quando percutidas, nem um passo facilitam

¹ Por motivos oppostos, Pero Alonso Niño concluiu ter tocado em terra firme e não em ilha. Animalia de quibus supra mentionem fecimus (cervos, apros etc.) et multa alia quae in nulla insularum reperiuntur, continentem terram esse testantur (Pedro Martyr, *Oceanae decadis primae liber octavus*).

ao conhecimento dos indigenas no tempo anterior ao descobrimento.

O estudo das linguas pouco resultado apura. A maior parte perderam-se; de outras restam escassos glossarios; textos não possuímos de mais de duas ou trez (tupy, cariry, kiriry, bacaery). Dellas póde dizer-se mais ou menos o seguinte:

Apezar das divergencias de vocabulario, a grammatica é a mesma, tanto para a lingua geral, assim chamada por apparecer em quasi todos os pontos do littoral primeiramente estudados, como para as linguas travadas, de que se serviam muitas das populações do interior, chamadas Tapuyas pelos que falavam a lingua geral.

Assim o nome apparece debaixo de duas fórmulas: absoluta, a menos usada e para algumas palavras não conhecidas em certas linguas; relativa, a mais commum, em que o nome vem precedido do possessivo, — bem entendido só quando o nome designa objecto susceptivel de ser possuido. Assim, em tupi ou lingua geral, *tub*, pae, é a fórmula absoluta; *xerub*, meu pae, *nderub* teu pae, *orub*, seu pae: em bacaery, lingua das travadas, *pepi*, causa em absoluto; *iwepiri*, minha causa; *iwipiri*, tua causa, *ewipiri*, sua causa. O nome não tem genero, embora certas palavras designativas de parentesco mudem com o sexo do possuidor. O nome só admite numero em casos emphaticos: assim em tupi *cunã*, tanto diz mulher como mulheres; mas, si quizermos insistir sobre a pluralidade póde empregar-se *cunã reta*; em bacaery *pekodo* é mulher ou mulheres, mas xisteme os pluraes *pekodomodo*, *pekodomo* e *pekodo*; *ama* diz tanto tu como vós; mas si quizer-se insistir sobre a multidão, ha a palavra *ama-re-mo*.

O nome tem presente, passado e futuro; exemplo: em tupi *taba*, aldeia; *tapera*, aldeia que já foi; em bacaery *ota*, casa, *otabiri*, casa que já foi. Em tupi e bacaery os prefixos do passado podem tambem designar plural: dir-se-hia que para elles o nome designa um individuo exclusivamente, e desde que se estende a mais já passou. Alguns dos nomes passados da lingua geral ficaram em nosso fallar commum: capoera, manipuera, tambuera.

O verbo tem pouco desenvolvidos os tempos; podem tornar-se precisas as idéas de passado, presente e futuro, mas existe uma fórmula que a todos syncretiza. Os verbos intransitivos são verdadeiros nomes e declinam-se ajunctando-lhes o possessivo; os verbos transitivos incorporam sempre dous pronomes, um sujeito, outro objecto, o que importa vozes muito variantes chamadas transições pelos grammaticos do periodo colonial. De supino e gerundios não ha falta, e com elles os missionarios conseguiram traduzir mais ou

menos os conceitos occidentaes alheios aos catechumenos. Conjugações ha duas: uma affirmativa, outra negativa.

A preposição pospõe-se ao nome. Nas palavras compostas, o adjectivo ora vem antes, como no cariry e nas linguas maipuras, ora vem depois, como no tupi e no bacaery; mas o nome traz sempre o possessivo da terceira pessoa; assim, em bacaery: *pima-iwepiri*, capitão-sua-canôa, a canôa do capitão: *pepi-wimari*, canôa-seu-capitão, o capitão da canôa. A construcção da phrase não excedia geralmente a parataxe. Geralmente apparece o sujeito em primeiro lugar, o objecto por ultimo. Não tinham verbo substantivo: para a predicação basta pospôr o adjectivo ao nome: *excatu*, em tupi, significa eu sou bom; *maka iwakuru*, aquelle é bom, em bacaery.

Si da estructura grammatical passarmos ao vocabulario, veremos as similhanças esmaecerem, e avultarem divergencias que obrigam á separação dos indigenas em grupos bem definidos.

O primeiro grupo tractado pelos Portuguezes, que por isso desde logo estudaram a lingua e propagaram-n'a além de sua área primitiva, é o dos Tupis.

Encontraram-n'os em quasi todo o littoral desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, no médio Uruguay, no Paraná, no Paraguay e por Oeste até quasi os Andes (Chirigoanos), no baixo e no médio S. Francisco, na margem meridional do Amazonas; mais tarde appareceram em outros logares. Suas denominações locaes entre outras são as seguintes: Tapes, Carijós, Tupiniquins, Tamoyos, Teemiminós, Tupinaens, Tabajaras, Rari-guaras, Caetés, Petiguares, Jurunas, Maués, Mundurucús, Apiacás. A's vezes uma só tribu tem mais de um nome: assim, os Indios do Rio a si proprio chamavam Tupinambás e eram chamados Tamoyos pelos de S. Paulo.

Entre o Rio Grande do Norte e o Rio Grande do Sul este grupo subdivide-se em trez secções menores: Carijós, Tupiniquins e Tupinambás. Seu centro de irradiação parece o Paraná, entre S. Paulo, Minas e Goyaz. Uns desceram o rio, outros foram para o NO., outros para Este. Os Tupis do Amazonas, Mundurucús, Maués, Jurunas, provavelmente esgalharam do tronco commum antes do descobrimento da America; os Tupinambaranas do Madeira, os Tupinambás do Maranhão e terras adjacentes emigraram depois de começada a colonização do Brasil. Diziam os do Maranhão que sua patria primitiva ficava no tropico do Capricornio ¹.

¹ En premier lieu il convient sçavoir que les Indiens de Maragnan tiennent que vers le tropique de Capricorne il y a vn beau país qu'ils appellent Cayeté, qui veut dire la grande forest, par ce qu'en ce lieu il y a quantité de bois et de forests remplies d'arbres d'une incroyable grosseur et admirable hauteur: c'est là ou ils habitoient le passé (C. d'Abbeville, *Histoire de la mission des Peres Capucins en l'isle de Maragnan*, cap. 43, Paris, 1614).

O segundo grupo, com o qual os Portuguezes só amiudaram contacto no seculo XVII, é o dos Cariryys ou Kiriris, (voz tupi, os tristonhos). Aparecem pelo interior desde o Paraguassú e rio S. Francisco até o Parnahyba; serras do Ceará e Parahyba guardam-lhes o nome. Variam os appellidos locaes: Tremembés, Jucás, Jaicó, Icó, Curema, Sucurú, etc. Pelo que contavam alguns, suas migrações partiram do Norte, de um lago encantado, que bem pôde ser o Amazonas¹. As tradições dos Tupinambás, quaes foram colhidas na Bahia e em Pernambuco, apresentam estes Tapuyas como os primeiros moradores do littoral. Por Parahyba e Ceará deixaram os vestigios em nomes de rios do sertão ou da costa (Siridó, Sibiró, Siará, Choró (Siaró?), Sitiá. A sua internação é alli contemporanea do descobrimento do Brasil. Que em alguns logares mais para o Norte é até posterior, se apura da memoria de Mauricio de Heriarte sobre o Maranhão. Para o Sul parece que se extendiam muito em outro tempo, como mostram as denominações tão características de Orobó na costa do Espirito Sancto, as de Tremembés e Quiririm em S. Paulo. E' possível que os Papanás, Guaytacás e Guayanás² representem seus rebentos meridionaes; como tambem é que mais relações que com quaesquer outros tenham com os Maipures, arrolados no quinto grupo.

Hoje não resta mais tribu independente que se filie ao grupo dos Cariryys, mas talvez ainda se saiba alguma cousa da lingua em sertões de Pernambuco, nas proximidades de Villa Bella.

¹ O erro em que estivestes até agora de crer que vosses antecessores, de quem procedeis, sahiram formados de uma grande lagoa que está da parte do Norte. FREI BERNARDO DE NANTES, *Katecismo indico da lingua Kariris*, 194-195, Lisboa, 1709.

Os Hollandezes procuraram catechisar estes Indios, mas nada conseguiram, assegura Moreau, por causa das visões e demonios que os atormentavam. Entre elles viajou Roulox Baro, em cujo escripto se podem ler algumas de suas visões; descreveu-os Elias Erkman. Alguns dos costumes e das crenças dos Kiriris enumera o seguinte trecho do rarissimo livro do padre Mamiani:

Curar os doentes com assopro; curar de palavra ou com cantigas; pintar o doente de genipapo, para que não seja conhecido do diabo e o não mate; espalhar cinza á roda da casa aonde está um defunto para que o diabo dahi não passe a matar outros; botar cinza no caminho quando se leva um doente para que o diabo não vá atraz delle; esfregar uma criança com porco do mato e lava-la com aloá, para que quando for grande seja bom caçador e bom bebedor; não sahir de casa de madrugada nem á noite para não se topar com a bexiga no caminho; fazer vinho, derrama-lo no chão e varrer o adro da casa para correr com as bexigas (Luiz Vicencio Mamiani, *Katecismo na lingua brasilica da nação Kiriri*, 84-85, Lisboa 1698).

² Guaianás. . . aun que este nombre dan a todolos que no son guaranis puesto que tengan otro proprio, escrevia em 1612 Rui Diaz de Gusman, em sua *Argentina*, impressa e reimpressa muitas vezes em nosso seculo.

Em S. Paulo continua-se a chamar Tupis aos Guayanás, e um largo com este nome adorna a bella capital. No fundo a controversia gyra sobre um equivoco. Dizem uns: a prova de que os Guayanás eram tupis se encontra nos nomes das localidades vizinhas de Piratininga, tedos explicaveis pela lingua geral. Dizem outros: sendo os nomes das localidades vizinhas a Piratininga explicaveis pela lingua geral, não podiam ser dados pelos Guayanas, tapuyas como affirmam Hans Stade, Thevet, Lery, Gabriel Soares, Knivet etc., tão tapuyas que os Cuaranyys do Rio Grande do Sul chamavam Guayaná todas as tribus alheias a sua parentela. O que se pôde dizer a favor da primeira opinião existe numa memoria solida e engenhosa de Theodoro Sampaio, publicada na revista do Museu Paulista em 1898.

No terceiro grupo, chamado Gé por Martius e Paulo Ehrenreich, figuram com o nome de Aymorés ao sul da Bahia, de Botocudos em Espirito Sancto e Minas, Apinagés no Maranhão, Bugres ou Sinklão em Sancta Catharina. Não está definitivamente limitado e comprehende tribus que mais conviria apartar.

É' opinião de Paulo Ehrenreich, — quem melhor estudou estes Indios, — que seu centro de migração foram Espirito Sancto e Minas Geraes, onde avultam mais atrazados, simples apanhadores, em estado muito primitivo; seus representantes no interior encontram-se mais adeantados e progressivos. Seriam assim suas migrações no sentido de Este para Oeste, como seu desenvolvimento. Entretanto parece mais provavel o contrario, isto é, que tenham vindo de onde ainda hoje são mais abundantes: entre Mearim, Tocantins e Araguaya. Prova-o sua distribuição, que vem terminar em cunha sobre o littoral; prova-o ainda melhor a inacção e a ignorancia dos Aymorés em frente do Oceano, a cujas ondas nunca se confiaram. Dos Gés os que maior área geographica povoaram foram os Cayapós, chamados Ibirajaras pelos Tupis e Bilreiros pelos Portuguezes, por causa do porrete de que se serviam. Sua presença é attestada no varadouro de Camapuam, nas aguas do Paraná, nas do S. Francisco, no Araguaya, nas pontas do Xingú, no Tapajoz em meio dos Bacaerys, que os rememoram entre seus alliados e bemfeitores.

Quarto grupo formam os Caribas, chamados Pimenteiras em terras entre o S. Francisco e o Parnahyba, Apiacás no Tocantins, Bacaerys e Enaucucúas no Xingú, Crixanás, Pianagotos, Macuxis, Acawoyos, Wanás no Amazonas e Guayana. Seu centro de dispersão, segundo Carlos von den Steinen, que primeiro revelou este grupo na pureza de suas linhas fundamentaes, localiza-se entre o Madeira e o Tapajoz, donde emigraram principalmente para o Norte. Na Guayana travaram luctas encarniçadas contra os Maipures. Em algumas das Antilhas mataram todos os homens e apossaram-se das mulheres; por isso existem ahi dous idiomas, o dos homens puro carahyba, o das mulheres puro maipure.

Quinto grupo são os Maipures de Gili, Nu-Aruak de Steinen, Aruãs e Nheengahibas (denominação tupi — os que fallam mal) da foz do Amazonas, Wapixanas e Manaus da Guayana, Paramaris do Purús, Custenaús do Xingú, Guanás do Paraguay. De todos os grupos possui a área geographica mais dilatada, pois vai das Guayanas ao Paraguay, e ainda trasborda para os Estados vizinhos. Parecem ter partido do Norte; avultam hoje em maior numero no rio Purús.

Além destes cinco grupos mais consideraveis, outros se encontram menores, salteados umas vezes, como os de Guaiytacá de

Campos, constituindo nucleos mais vigorosos, como Guaycurús, Charruas e Minuanos em aguas platinas, Panos em aguas amazonicas. Vinham elles se encaminhando para terras brasileiras? Foram antes dellas rechaçados? O presente não sabe ainda responder, e a resposta póde esperar-se sem impaciencia, pois os cinco grupos adduzidos abarcam a quasi totalidade do gentio precabralio.

Assim, tem-se em summa que os Tupis, do Sul, do rio Paraná provavelmente, pelo littoral e pelo interior chegaram até o Atlantico, os Andes e o Amazonas; os Carirys do Norte foram descendo o littoral, até que os Tupiniquins primeiro e depois os Tupinambás os foram tangendo para o sertão, rumo Este-Oeste, ao mesmo tempo que de Oeste para Este vinham os Gés afocinhar-se no Oceano entre Espirito Sancto e Bahia; finalmente, os Caribas comprimidos á esquerda pelos Maipures, que atravessaram o Amazonas, á direita pelos Gés, talvez acossados a seu turno pelos Tupis ou Carirys, dirigiram-se para o Norte, levando as devastações até o mar que guarda seu nome.

Notavam-se differenças de incultura entre estes cinco grupos, e até entre as tribus do mesmo grupo: os Botocudos do rio Doce, por exemplo, estavam muito mais atrasados que os Suyás do Xingú, pertencentes, como aquelles, ao grupo Gé.

Entretanto algumas feições positivas ou negativas eram communs a todos elles.

Não tinham metaes; não havia aqui boi, nem vacca, nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria que costumada seja ao viver dos homens, na pphrase do Caminha; não se aproveitavam de ovos e leite; alguns, que se poderia chamar apanhadores ¹, viviam do que encontravam, fructas, raizes, caracões, gafanhotos, formigas, vermes; outros estreavam na agricultura, plantando mandioca, aipim, milho, mudubim; faziam fogo por fricção, e preparavam a alimentação moqueando-a ou assando-a em buracos feitos na terra. Muitas tribus não conheciam o sal; o uso da pimenta era geral. A procura do conducto vegetal cabia á mulher; o homem encarregava-se do conducto animal.

Predominava na alimentação o peixe, pegado em pequenos aparelhos como o puçá, em tapumes como o pari, em anzoes feitos de espinhos (Pindamonhangaba, o anzoleiro), frechado ou embarbascado por meio de certas hervas. Na caça, menos importante para a economia geral, a poncto de Vespucci dizer que os indigenas da costa não eram caçadores, serviam-se do arco e flecha, da palheta

¹ Apanhadores, traducção do termo *Sammelvoelker*, primeiro introduzido por Link na *ethnographia allemã* (Wagner, *Lehrbuch der Geographie*, 1, 682, Hannover, 1900) corresponde aos Índios de corso dos nossos chronistas.

chamada *bybyté* pelos Carirys, da esgravatana de flexas peçonhentas despedidas pelo sôpro, de armadilhas ou mundéos para animaes mais reforçados. O abastecimento, obtido só por esforços individuaes, era o mais irregular possível, um oscillar continuo entre o desperdicio e a inanição. Certo começo de trabalho colectivo temporario revela-se no potirun ou motirão, ainda hoje praticado no interior,— batalhão na Bahia, junta ou adjuto no Ceará.

As armas apparentavam similhaça, em geral arco e flecha; mas no material do arco, na secção transversalmente tomada, no tamanho, no entalhe das extremidades, no modo de amarrar a corda, no empenamento das flechas, na inserção da ponta, cada grupo, si não cada tribu, divergia da outra, e um arco ou flecha encontrada acaso dizia logo ao Indio si estava entre amigos ou inimigos¹. Possuiam geralmente canôas, de arvores excavadas ou de cascas de arvore, ou balsas de talo de buritys, por exemplo, ou de juncos e varas reunidas. Havia louceiros, de que os mais aproveitados pertenciam ao grupo Maipure².

Andavam nús, pinctavam ou tatuavam o corpo, furavam os lobulos das orelhas ou o septo nasal, mas tudo segundo preceitos muito rigorosos, conforme a posição, a idade, o sexo, os fins religiosos: era seu modo de andarem fardados ou propiciar os máos espiritos. Já de longe dous Indios, á simples inspecção, sem trocar palavra, liam a historia um do outro no batoque, na penna enfiada á orelha, nas cisuras do corpo.

Os sentidos possuiam extraordinariamente afinados, vista que na espumarada dos rios delectreava a esteira de canôas passadas dias antes, ouvidos que percebiam e interpretavam os minimos rumores numerosos da floresta, olfato que subodorava os effluvios mais subteis. Sua intelligencia era inteiramente concreta; a memoria de grande tenacidade, guardando tradições antiquissimas, narradas nos mesmos termos, como que estereotypadas; existiam no estado mythopeico, e tinham muitos mythos em que tentavam explicar os phenomenos naturaes. Para os Bacaerys o anno tem dias mais longos que outros, porque em certa estação o sol do occaso é carregado subterraneamente por um animal ligeiro, em outros por um animal tardo e lerdo.

Em seu systema religioso admittiam dous principios: Tupan entre os Tupis, Nakoeri entre os Bacaerys; nâme luminoso, bom,

¹ O estudo do arco e flechas dos indigenas do Brasil foi iniciado pelo auctor Herrmann Meyer, chefe de duas explorações ás pontas do Xingú na sua monographia *Bogen und Pfeil in central Brasilien*, já traduzido em inglez pela Smithsonian Institution de Washington.

² O estudo da ceramica indigena, iniciado pelo inexquecivel Charles Frederic Hartt, foi essencialmente adeantado pelos brilhantes e profundos livros de Carlos von den Steinen, primeiro explorador scientifico do alto Xingú.

indifferente, cujos favores não era mister conciliar; Anhang dos Tupys, Yamûra dos Bacaerys, numes tenebrosos, ciosos, vigilantes, sempre á espreita de offensas para castigar inexoravelmente, legião dos espiritos dos antepassados. Por elles furavam-se as orelhas dos meninos, pintavam-se os corpos ou untavam-se de azeite, sujeitavam-se as mulheres a dieta rigorosa durante a gravidez, penitenciavam-se os homens no chôco si algum filho nascia, respeitava-se a vida de certos animaes, deixavam-se no mato dadas propiciatorias. A este cyclo de ideas se prendem suas concepções totemicas.

Representante visivel dos espiritos tenebrosos era o pajé ou piahi, que não podia mais morrer, por já ter morrido, assumia todas as fôrmas, apparecia em todos os logares, sabia a lingua de todos os entes, venciam todos os estorvos, curava os doentes, dava ou tirava a saude, roubava e escondia a alma de quem o offendia, quando compadecido ainda permittia-lhe viver mais algum tempo. O piahi encarnava o poder espiritual, os mortos governando os vivos, a espontaneidade repellida como crime, a tradição imperando ferrea, o homem escravo sem libertação possivel.

Ao lado deste, nada significava o pouco do poder temporal que restava. Algumas tribus, v. g. a dos Xavantes (Akuens), não tinham termo que significasse capitão ou regedor. Nos outros elle só valia emquanto sujeitava-se á opinião dos companheiros. Si não, era facil elimina-lo ou eliminar-se; ainda mais facil deixa-lo e fazer bando á parte. Nada prendia ao solo: as casas eram de palmas ou ramos que havia em toda parte; as roças eram de plantas annuas, cujo preparo não demandava utensilios complicados; naquella sociedade elementar a somma era exactamente igual ás parcellas e não maior, como entre povos cultos; por assim dizer dominava um estado gazoso em dilatação espontanea e permanente.

A pressão da guerra só e unicamente poderia susta-la, pois o provimento individual da alimentação, segundo o termo introduzido de Karl Buecher, não dava de si mais que o motirão; a guerra, porém, fazia-se como em caçada, sem plano, sem persistencia, conforme os caprichos, para roubar mulheres umas vezes, outras por motivos mais futeis. E, uma vez começada, tornava-se hereditaria. Exactamente porque um individuo resumia a tribu, quem o offendia, offendia a collectividade.

Dos prisioneiros feitos uns ficavam escravos, outros eram devorados. No gosto pela carne humana destacavam-se os Tupis, que faziam o sacrificio com toda a solennidade. Parece, porém, que o sacrificio já adquirira certo character symbolico; em logares

occupados por inimigos, não tendo a quem matar e comer, desenterravam os mortos e quebravam-lhes o craneo. Não seria este um meio de matar a alma do inimigo, de se libertar de suas perseguições?

6. A 2 de Maio partiram a armada para a India, o navio de mantimentos para Portugal.

Pedr'Alvares desde Porto Seguro proseguiu beirando a costa, accompanhou-a mais de quinhentas leguas; não lhe achando fim, convenceu-se de ter dado em terra firme e fez rumo para o cabo da Boa Esperança¹. A 12 illuminou-se o céu com um cometa de longa cauda, que se conservou visível oito a dez noites; extendeu-se depois um bulcão que tudo obumbrou². A 24 desabou uma tormenta tão furiosa que submergiu quatro navios, entre outros, o de Bartholomeu Dias; um desgarrou, subiu pela costa africana oriental, foi dar a Mogodoxó,—o de Pero Dias, irmão de Bartholomeu.

Reduzido agora a seis vasos, continuou Cabral a jornada e a 13 de Setembro chegou a Calicut. Os mercadores arabes, escarmentados com o procedimento de Vasco da Gama, indispuzeram os espiritos contra os Occidentaes.

Nada podiam estes permutar; tudo eram delongas e promessas; queriam prende-los até chegarem os navios do mar Vermelho para dar-lhes combate. A imprudencia ou complacencia do capitão-mór a proposito de um elephante de Ceylão que mandou tomar por Duarte Pacheco ainda mais excitou a população. A 16 de Dezembro foi saqueada a feitoria, mortos trinta portuguezes, feridos vinte que conseguiram escapar; entre os feridos contava-se frei Henrique, entre os mortos quiçá Pero Vaz de Caminha.

Cabral desaffrontou-se bombardeando dous dias o porto com mais violencia que efficacia. Em Cochim e Cananor obteve a carga desejada com a qual se fez de volta a 16 de Janeiro de 1501. Domingo de Ramos (4 de Abril) dobrou o cabo da Boa Esperança; em 26 de Julho chegou a Portugal. Trazia apenas cinco dos primitivos navios, porque á volta por imprestavel foi queimado o de Sancho de Toar.

¹ De sopra del capo de Bona Speranza, verso garbin, hanno discoperto una terra nova, chiamano la terra de li Papaga, per esser li Papaga longi uno brazo e piú, de vari colori, de li qual ni hanno visto doy iudichano questa terra esser ferma, perchè corso per costa duo mila mia e piú, ne mai trovorno fine. Carta escripta de Lisboa para Venesa em 27 de Julho de 1501 por Domenico Pisani di Giovanni — na *Raccolta Colombiana*, parte III, vol. I, pag. 43/44.

² A este bulcão allude talvez Duarte Pacheco, testimunha presencial, nas seguintes palavras: compre que na ora em que virem algum relampaguo ou fozil ou bulcam negro hamarrem suas velas atée passar a força do tal vento porque se isto non fezerem cousa he que pôde hacontecer ha naao em que topar se perder como já por *maao rrecado* se perderom outras. *Esmeraldo*, 103. Seria este *maao rrecado* a causa do ostracismo em que ficou Pedralvares?

O navio de mantimentos seguiu de Porto Seguro para o Norte, naturalmente reconhecendo a costa de passagem. Talvez se encontrou com algum dos viajantes hispanhoes aportados ao cabo de Sancto Agostinho e immediações. Já chegara a seu destino em Setembro, pois na charta de Juan de la Cosa, a mais antiga que se conhece do Novo Mundo, concluída em Setembro de 1500, se encontra figurada a terra descoberta por Cabral.

D. Manuel tractou da exploração do paiz. Preparou-se uma armada de trez navios, commandados, segundo Gaspar Corrêa, por André Gonçalves, o mesmo emissario mandado de Porto Seguro a levar noticia do descobrimento. A partida deu-se em Maio de 1501¹. A bordo vinha Amerigo Vespucci, illustre florentino, que devia dar o nome a um continente revelado por outros. Suas epistolas contem as poucas noticias conservadas do feito.

Fizeram rumo ás Canarias, a cuja vista passaram sem demorar, perlongaram a costa africana até Bezeguiche ou Bezenegue, hoje Gorée, pertencente á França. Ahi encontraram-se com Pedr'Alvares, de volta da India, ahi nas practicas naturaes depois de tantos successos tragicos, combinadas as informações de Vespucci, conhecedor das viagens hispanholas, com as de Cabral, já conhecedor de quinhentas leguas da costa de Porto Seguro, pela primeira vez certamente definiu-se claro o character continental das novas terras desde os gelos polares deparados ao norte por Cortereal e Duarte Pacheco até as regiões de que Cabral não lograra ver o fim.

De Bezeguiche partiram os exploradores SW¹/₄ S., e navegaram mais de dous mezes sob um ceu inclemente. « Quanto soffremos, escreve Vespucci a Lorenzo di Pier Francesco dei Medici, que perigo de naufragio e de corpo aguentamos, em que anxiedade de animo nos vimos, deixo á consideração dos que teem exacto conhecimento

¹ A existencia desta expedição de 1501 demonstra-se pelos seguintes documentos :

1) Scrive esso orator aver auto lettere di Lisbona, di Zuan Frar cesco Ascaitato, cremonese, di 10. septembrio. avisa... e le caravele mandate l'anno passa a scoprir la terra di Papagà o ver di Santa Croce a di 22 luio erano ritornate; e il capetanio referiva aver scoperto piu de 2500 mia di costa nova, nè mai aver trovato fin de ditta costa et dite caravella è venute caíge de verzi et di cassia, nè altre specie hanno portato ect. Carta de Saragoça 12 de Outubro de 1502, extractada no *Diari* de M. Sanuto, Raccolta Colombiana, parte III, vol. I, pag. 91.

2) Amerigo Vespucci arèm qui fra pochi di, el quale à durato asai fatiche e à 'uto pocho profitto, che pure meritava altro che l'ordine : e' re di Portoghallo arendó le terre che lui dischopere a certi christiani nuovi e sono obrighati a mandare ongni anno 6 navili e dischoprire ongni anno 300 leghe avanti, e fare una fortezza nel dischoperto e mantenella detti 3 anni, e'l primo anno non paghano nulla, e'l secondo el ¹/₄, el terzo el ¹/₄, e fanno chonto di portare verzino asai e schiavi e forse vi troveranno chose d'altro profitto. Carta de Piero Rondinelli de Sevilha 3 de Outubro de 1502, msc. da Bibliotheca Riccardiana, Raccolta, parte III, vol. II, pag. 121.

3) Outra prova da expedição de 1501/1502 é a charta geographica que Alberto Cantino, orador estense, levou para a Italia e lá vendeu em Outubro de 1502, em que a costa do Brasil já está representada até o cabo de Sancta Martha.

das cousas, e de que seja buscar o incerto e investigar o ignorado; e para dizer tudo em poucas palavras, accrescentarei que dos sessenta e septe dias que de continuo navegámos, quarenta e quatro tivemos de chuvas, trovões e raios: e tão escuro que nem viamos de dia o sol, nem de noite o sereno céu. O facto é que tanto augmentara em nós o medo, que havíamos perdido quasi toda a esperança de vida.

« No meio destas terriveis tormentas approuve ao céu altissimo mostrar-nos terra continental e novas regiões e outro mundo desconhecido, com o que tanto nos alegrámos quanto podem imaginar os que tenham experimentado varias calamidades e fortunas contrarias. No dia 17 de Agosto de 1501 surgimos na costa daquella terra agradecendo a Deus com solennes preces, celebrando uma missa cantada. »

O primeiro poncto encontrado recebeu do sancto cuja festa se commemorava o nome, ainda vigente, de S. Roque. D'ahi foi a armada beirando a costa, primeiro em rumo de SW. até o cabo de Sancto Agostinho, d'ahi por deante rumo de SE. O poncto mais meridional alcançado apura-se mal das epistolas de Vespucio; uma carta de Alfaitadi, escripta de Lisboa a 10 de Setembro de 1502, falla em 2500 milhas, o que significaria 600 leguas além do cabo de S. Roque. Basta saber-se que como poncto extremo figura no mappa de Cantino o cabo de Sancta Martha; nos que immediatamente succedem desde Cananéa ou Cananor começa o anonymato dos logares; em 1505 Duarte Pacheco limitava a zona conhecida pelo paralelo de 28° 30' S. Dos nomes usados a este tempo dá a seguinte lista: muitos delles, como se verá, ainda subsistem; e seguem-se na ordem do calendario.

	Grãos	Minutos
Angra de S. Roque em trez grãos e trinta minutos	03	30
Sancta Maria d'Arrabida em cinco grãos	05	00
O cabo de Sancto Agostinho em oito grãos e quinze minutos.	08	15
O rio de S. Francisco em dez grãos.	10	00
Aguada de S. Miguel em dez grãos	10	00
Porto Real em quatorze grãos.	14	00
Angra de Todos los Santos em quinze grãos e quarenta minutos.	15	40
Porto Seguro em dezoito grãos	18	00
O rio de Sancta Luzia em dezenove grãos e vinte minutos	19	20
A ilha de Sancta Barbora em vinte grãos e vinte minutos.	20	20

	Grãos	Minutos
O rio dos Arrefens em vinte e quatro grãos e quarenta minutos	24	40
A ilha de Sancta Crara em vinte e quatro grãos e quarenta minutos.	24	40
O cabo Feio (Frio?) em vinte e cinco grãos	25	00
A ilha de Fernahu em vinte e sete grãos	27	00
A ilha de Sancto Amaro em vinte e oito grãos e trinta minutos.	28	30
A ilha d'Assenção em vinte e um grãos	21	00
Angra Formosa em quinze grãos.	15	00
A ilha de S. Lourenço ¹	04	00

As impressões comunicadas pela terra foram as mais vivas « A terra daquellas regiões é fertil e amena, escreve Amerigo Vespucci, de muitos montes e morros e infinitos valles, e regada de grandes rios e fontes, coberta de extensos bosques, densos e apenas penetráveis, e povoada copiosamente de feras de todas as castas. Nella nascem sem cultura grandes arvores, as quaes produzem fructos delectosos, e de proveito ao corpo e nada nocivos, e nem uns fructos são parecidos com os nossos. Produzem-se innumeraveis generos de arvores e raizes, de que fabricam pães e optimos mingaos, além de muitos grãos ou sementes não semelhantes aos nossos. . . Seria demasiado prolixo e descommedido si quizesse dar conta uma por uma de todas as cousas dignas de noticia e das numerosas especies e multidão de animaes. E verdadeiramente creio que o nosso Plinio não conseguiu tractar da millesima parte dos animaes, nem dos papagaios e outros passaros, os quaes naquelles paizes são de fórmias e côres tão variadas que o artista Policleto não conseguiria pinta-los. Todas as arvores são odoríferas, e produzem gomas ou oleos ou algum outro licor, cujas propriedades todas, si fossem conhecidas, não duvido que andariamos todos sãos. E por certo que si o paraíso terreal existe em alguma parte da terra, creio que não deve ser longe destes paizes. . . »

Dos Brasis dá-nos o celebre viajante informações pouco mais completas, certamente muito menos penetrantes que as de Caminha; a maior novidade refere-se á anthropophagia, de que foram victimas alguns marinheiros. Descoberto já o cabo de S. Roque, tomada posse da terra em nome del-rei de Portugal, preparava-se a companhia para fazer agua e lenha, quando appareceu alguma gente em cima de um monte. Não houve signaes bastantes a fazel-os descer; e os

¹ A ilha de S. Lourenço é pela posição a que hoje se chama de Fernão de Noronha. Foi descoberta a 10 de Agosto de 1503, dia deste Sancto Martyr. Veja-se a carta de Amerigo Vespucci a Pedro Soderini.

marinheiros tornaram para bordo, deixando na praia cascaveis, espelhos, avelorios. No outro dia os indigenas continuaram esquivos; dous Europeus com licença do capitão e ordem de tornar dentro de cinco dias, apromptaram-se com muita fazenda de resgate e embarcaram. Quotidianamente vinha gente á praia, sem querer entrar em tracto, até que, passada uma semana, vieram homens trazendo mulheres. . . « Vendo que não acabavam de tomar confiança, continúa o mesmo narrador, deliberámos enviar-lhes um dos nossos, mancebo muito esforçado, e, para o segurarmos mais, ficámos nos bateis, e este foi ter com as mulheres, e chegando junto a ellas, metteram-o no meio de um grande circulo, e apalpando-o attentamente se maravilhavam sobremaneira.

« Estando nisto vimos descer do monte uma mulher que trazia um pau na mão, e chegando onde estava nosso christão lhe sahiu por detraz e levantando o pau lhe deu um tão grande golpe que o estendeu morto; as outras tomaram-o logo pelos pés e o arrastaram para o monte; os homens correram para a praia e começaram a atirar com as settas, pondo a nossa gente em tal confusão que estando surtos com os bateis sobre fateixas, nem um se atreveu a tomar as armas, por causa das muitas flechas, com que eram accõmmettidos. Nós disparámos quatro tiros de bombardas, que não acertaram; porém, ouvindo o estrondo, fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres fazendo o christão em pedaços e assando-o em um grande fogo, que tinham accendido á nossa vista, mostrando-nos muitas porções delle e comendo-as; e os homens, fazendo-nos signaes, como dando-nos a entender que tinham tambem morto e comido os outros dous christãos. »

No meio da multidão de gentes e cousas novas, Vespucci não perdeu a cabeça, educada na frieza da mercatura. . . « Si eu me propozesse a contar as cousas que vi nesta navegação, escreve a Soderini, não teria papel bastante; mas pôde-se dizer que *nella não encontramos nada de proveito*, excepto infinitas arvores de pau brasil, de canafistula, as de que se tira a myrrha e outras mais maravilhas da natureza, que seriam longas de referir. . . » A mesma opinião formou-se nos circulos directores de Portugal e D. Manuel livrou-se de cuidados arrendando a terra por trez annos.

Os arrendatarios, christãos novos entre os quaes figurava Fernão de Noronha, compromettiam-se a mandar annualmente seis navios, a descobrir annualmente trezentas leguas de terra, a maneira de que fizera Fernão Gomes em tempo de D. Affonso V, a fundar e manter uma fortaleza durante um triennio. No primeiro anno nada pagariam, no segundo pagariam um sexto, no terceiro um quarto. Contavam indemnizar-se por meio de pau brasil e escravos

Forse vi trovarano cose d'altro profito, escreve Piero Rondinelli, com quem esteve de passagem em Sevilha Amerigo Vespucci ¹.

Que proveito poderia ser?

Pero Vaz de Caminha insinuara que a ilha de Vera Cruz seria boa pousada para as viagens de Calecut, e como tal encontra-se desde logo recommendada a João da Nova ² expedido para a India ainda antes de Cabral tornado. Porque só pousada e não caminho? porque não procurar passagem pelo sul do continente, chegar em jornada mais rapida a Malaca, de que ia se percebendo cada vez mais a importancia na vida economica do Oriente, á medida que augmentavam as noções sobre os povos, o commercio e a navegação indianos? já não existiam os motivos que antes a isto se oppunham ³.

Isto ponderaria Amerigo Vespucci aos christãos novos arrendatarios do paiz e que desde logo tractaram de cumprir o ajuste. De facto em Maio de 1503 saíram os seis navios ⁴. Nella vinha, commandando segundo parece, um navio, Amerigo Vespucci. Desde o principio estremeceram e azedaram suas relações com o capitão-mór. A 10 de Agosto, por 3° S. avistaram uma ilha alta e deserta no meio do mar; o capitão-mór quiz reconhecê-la, e perdeu contra um cachopo, distante della quatro leguas, a capitanea, nau de trezentas toneladas, de que só a gente se salvou.

Por sua ordem, Vespucci foi á ilha ver si achava algum surgidouro em que pojasse todos. Achou bellissimo porto e deixou-se ficar á espera sem dar signaes de si. Passados oito dias, viu navegando uma nau, com a qual se juntou e foi á bahia de Todos os Sanctos, poncto marcado para a reunião de todos os navios, caso se desse por qualquer motivo dispersão. Ahi esteve algum tempo. Depois fundou mais para o Sul uma fortaleza em que deixou

¹ O trecho de Rondinelli já atrás citado é tão importante que vale a pena repeti-lo: Amerigo Vespucci arém qui fra pochi di, el quale à'uto pocho profitto, che pure mentava altro che l'ordine: e' re di Portoghallo arendó le terre che lui dischoperse a certi Christiani nuovi, e sono obrighati a mandare ongni anno. 6. navili e dischoprire ongni anno. 300. leghe avanti, e fare una forteza nel dischoperto e mantenella detti. 3. anni, e'l primo anno non paghano nulla, e'l secondo el $\frac{1}{4}$, el terzo el $\frac{1}{2}$, e fanno chonto di portare verzino asai e schiavi, e forse vi troveranno chose d'altro profitto. (*Raccolta*, p. III, vol. II, g. 121.)

² Varnhagen, *Historia geral I*, v.

³ Muitas opiniões ouve nestes reinos de Portugal nos tempos passados antre alguns letrados acerca do descobrimento das Ethiopias, de Guiné, e das Indias; porque uns diziam que nom curassem de descobrir ao longo da costa do mar e que melhor seria irem pelo pego atravessando o golfão até topar em alguma terra da India ou vesinha della e que por esta via se encurtaria o caminho; outros disserom que melhor seria descobrir ao longo da terra, sabendo pouco e pouco o que nella ia e assi suas rotas e conhecenças, e cada provincia de que gente era pera verdadeiramente saberem o logar em que estavam por onde podiam ser certos da terra que iam buscar, porque de outra guisa nom podiam saber a região em que estavam. *Duarte Pacheco, Esmeraldo de situ orbis*, l. 3, c. 4

⁴ Diz Damião de Goes que o chefe desta expedição chamava-se Gonçalo Coelho. E' bem possível.

vinte e quatro christãos com mantimentos para seis mezes, doze bombardas e muitas outras armas; acompanhado de trinta homens penetrou umas quarenta legoas pelo sertão; carregou de páo-brasil e chegou a Lisboa em 18 de Junho de 1504.

Que fez o capitão-mór reduzido a trez navios? Até onde chegou, que demora teve, si fundou ou não a fortaleza do contracto, ignora-se. Parece certo que um navio estava de volta em fins de 1504 ou principios de 1505, e por elle se soube de tudo quanto passara e do procedimento do florentino. Por estas informações seria Amerigo Vespucci despedido do serviço portuguez, com o qual já em Setembro de 1502 declarava-se descontente a Piero Rondinelli, porque el-rei não lhe fizera as mercês que esperava; ou de Portugal saíu, insalutato hospite, com receio de qualquer castigo: alguma cousa grave occorreu entre 4 de Setembro de 1504, data de sua carta triumphal a Soderini, escripta de Lisboa, e 5 de Fevereiro do anno seguinte, data da carta de Sevilha em que Christovão Colombo o apresenta e recommenda a seu filho Diogo.

Foi renovado ao expirar o contracto de Fernão de Noronha?

Pode concluir-se isto do substancioso relatorio de Leonardo da Cha Masser, incumbido pela Senhoria de Veneza de ir a Portugal « per veder et intendere quelle navegazioni di quello Serenissimo Re nell' India novamente navegata » Cha de Masser, que dous annos consumiu em sua missão, informava em 1506 estar o trato da nova terra vinculado a Fernão de Noronha, christão novo, por dez annos. Extrahia vinte mil quintaes de páo-brasil annualmente, por elles pagava quatro mil ducados a Coroa, e a Coroa compromettia-se a não deixar vir da India a preciosa madeira. A' terra nova mandava todos os annos homens e navios, acto muito natural, pois o quintal de brasil custava-lhe meio ducado e era vendido em Flandres dous e meio a trez¹.

Em 8 de Novembro de 1510 Pellegrino Venier escrevia de Palermo, noticiando a chegada de um mercador pisano, vindo de Lisboa com a noticia que el-rei de Portugal pensava em dar

¹ Item da tre anni in qua, che fu scoperto Terra Nova, della quale se traze ogni anno verzin da K. 20 mila, el qual verzi mostra sia stá taiado da uno arbero molto grosso, el quale é molto pesado e grave; tamen non tenze in quella perfezion come fa el nostro da Levante: niente de manco se ne spaza molto in Fiandra, e de qui in Castilia et in Italia per molti lochi; el qual valle ducati 2 ¹/₂ in 3 il K., il qual verzi é appaltado per Firnando dalla Rogna, cristian novo, per anni 10 da questo Serenissimo Re, per ducati 4.000 all'anno; el qual Firnando dalla Rogna manda al viaggio ogn'anno in detta Terra Nova le sue nave, et homeni a tutte sue spese, con questa condizion: che questo Serenissimo Re deveda che non ne sia tratto da qui avanti dell' India. El qual verzi, per quello si vede, fin condotto qui a Lisbona, con tutte speze li sta per ducati ¹/₂, el K.; nella qual terra é tutti boschi de questo verzi. Se fa da Lisbona a li, per ostro e garbin, da leghe 800. Publicado nas *Memorias da commissão portugueza do centenario do descobrimento da America* por P. Peragalo, em appendice á Carta de D. Manuel ao rei Catholico pag. 83/84.

liberdade de navegar para as novas terras a quem lhe pagasse o quinto ¹. Si a resolução foi desde logo levada a effeito, não se pode afirmar : tudo quanto se sabe é que em 1511 Fernão de Noronha figurava entre os armadores da nau *Bretoa*, mandada à terra nova para buscar brasil ²; que em 1513 Jorge Lopes Bixorda ³ tinha « trato do pau brasil que trazem desta terra de Santa Cruz ».

Mais interessante que estas expedições de Christãos novos e mercadores, é a chamada armada de Dom Nuno Manoel.

Em 1513 D. Nuno Manuel, Christovão de Haro e outros obtiveram del rei licença para dous navios percorrerem as terras ainda desconhecidas. Para o Sul muito se adeantaram; descobriram um cabo, o de Sancta Maria, á entrada do rio da Prata; navegaram por este acima até ver as duas margens se approximarem; descendo depois pela costa chegaram aos 40 S. ou isto entendeu o colono da ilha Madeira a quem devemos a noticia. Trouxeram pelles da Patagonia; houveram noticias de montanhas permanentemente cobertas de gelo, de um povo adeantado que morava nas serras, encontraram principalmente prata, metaes vindos deste povo por um rio que não viram, mas souberam ser affluente do Prata; sobretudo noticiaram o achamento de um estreito ao Sul do continente, a proximidade de Malaca, distante apenas seiscentas leguas, a existencia de Chinezes commerciantes e negociantes por aquellas latitudes.

Esta expedição, de tanto alcance, não despertou attenção em Portugal. Della só temos informações por um colono da Madeira, onde de volta chegou um dos navios a 12 de Outubro de 1514, escriptas a um amigo de Antuerpia. O escripto, confuso e pouco intelligivel, foi logo impresso na Allemanha e passou por trez edições. O cosmographo Johannes Schoener leu-o, traduziu-o em parte, figurou um estreito, segundo suas indicações, num globo que publicou em 1515. Dous annos antes, Vasco Nunes de Balboa descobrira o mar do Sul, o Oceano Pacifico. As duas descobertas completaram-se e fructificaram na circumnavegação do globo, iniciada por Fernão de Magalhães em 1519, continuada por João Lopes de Carvalho, o piloto da nau *Bretoa*, que comsigo levou um filhinho tido em India do Rio de Janeiro, ultimada em 1522 por Sebastião del Cano. Assim, quando pareciam triumphantes as idéas classicas, inconcussa a identidade entre o oceano occidental da

¹ *Raccolta Colombiana*, parte III, vol. II, pag. 234.

² O livro da nau *Bretoa* foi publicado por Varnhagen na primeira edição da *Historia geral*, I, 427/432, e reimpresso na quarta do *Diario de Pero Lopes*, Rio 1867.

³ Damião de Goes, *Chronica do felicissimo rey D. Manuel*, p. 1^a, c. 56.

Europa e o oceano oriental da Asia, o elemento solido occupando muito maior parte do globo que o elemento liquido, o Oceano como uma grande lagoa, na phrase de Duarte Pacheco, mandando pelas terras dentro braços que são mediterraneos, os mares encadeados no meio das terras, quando em 1514 o descobrimento de um estreito ao Sul tudo confirmava e documentava, veio o ardimento de Balboa descobrir um oceano e um continente, para os quaes não havia logar nem no saber antigo nem no saber contemporaneo.

As explorações do littoral N. E. além do cabo de S. Roque permanecem obscuras.

Em 13 de Julho de 1503, os reis catholicos recebiam noticia de que quatro navios portuguezes haviam tocado no paiz descoberto por Bastidas e levado muitos escravos e páos de tinctoria¹.

Existe um alvará de lembrança, passado a 16 de Janeiro de 1504 em favor de Fernão de Noronha, cavalleiro da casa real doando conditionalmente « a nossa ilha de S. João que *de ora* novamente achou e descobriu cincoenta leguas a la mar da nossa terra da Sancta Cruz ». *De ora* não estava em logar de *se ora*? Fernão de Noronha, fidalgo da casa real, será o mesmo que Fernão de Noronha christão novo? e este deixaria seu telonio de argentario para expor-se aos perigos do mar, abeberar-se de poesia tropical, embevecer-se nas magnificencias do céu do Sul?

O nome de S. João dado á ilha pôde indicar a passagem de alguém pela ilha em 24 de Junho; e com esta data combinam alguns nomes da costa fronteira transmittidos por Oviedo: São Miguel, Setembro; Todos os Sanctos, Novembro; rio da Natividade, Dezembro. Seria Fernão de Noronha o descobridor de toda a costa até o Pará ou Natividade? A tanto não chega o nosso saber, que reduz-se todo a nomes nús: João Coelho, da porta da Cruz em Lisboa, Diogo Ribeiro, arauto del-rei morto pelos Indios (Affonso Ribeiro, deixado em Porto Seguro por Cabral? e neste caso arauto não será synonymo de lingua?) Francisco Corso, Pero Corso.

Estevão Froes que cita estes nomes, e accompanhava os dous ultimos, assegura terem chegado suas explorações só a cento e cincoenta legoas ao sul do Equador. Com a caravella comesta de busano e broma, fazendo muita agua, com o leme quebrado, accolheram-se a Portorico e levados a S. Domingos foram submettidos a processo².

¹ Medina, *Juan Dias de Solis, Estudo historico*, CXV, Santiago do Chile, 1897.

² Carta escripta de S. Domingos 30 de Junho de 1514, e primeiramente publicada no *Descobrimto do Brasil* do que escreve esta linha. Por erro de copia saiu Fernando em vez de Estevão — Cf. *Alguns documentos da Torre do Tombo*, 361. Esta questão dos Portuguezes presos em S. Domingos, baralhada por Varnhagen, pôde ser agora cabalmente resolvida, com os novos documentos publicados no livro da Torre de Tombo e o de Medina sobre Solis.

A terra descoberta por Cabral chamou-se primeiro ilha de Vera Cruz ou da Cruz¹ e como poncto que podia ser procurado ou devia ser evitado na derrota da India apparece em diversos documentos officiaes; chamava-se terra da Sancta Cruz já em 1503 em seguida ás explorações que evidenciaram sua continentalidade. Pouco tempo apenas; o nome de terra do Brasil já apparece em 1503 e logo se generalizou e permaneceu até agora.

Alguns auctores propuzeram extender a designação a todo o continente; mais feliz foi a suggestão de Hylacomilus ou Waldzeemüller feita em 1507, de chama-lo America ou Amerige, em honra de Amerigo Vespucci². Accollida desde logo na Lorena, onde surgiu, propagou-se pelos paizes vizinhos, Allemanha, França, Flandres, e graças á imprensa conquistou o mundo. Os Hispanhóes sós protestaram; Indias, Indias Occidentaes, Novo Mundo persistiram em chamar as terras de que foram descobridores. As mais antigas cartas hispanholas com o nome de America estão no atlas de Tomaz Lopes impresso em Madrid em 1758.

Hondius, chartographo hollandez, extendeu ao Norte a designação creada para o Sul e distinguiu as duas massas com o nome de America Meridional e Septentrional; depois da independencia dos Estados Unidos, a accepção da palavra tem ido se estreitando, e si ainda se diz America do Sul e America do Norte, em compensação americano sem mais nada hoje significa o cidadão da grande republica.

Poderia chamar-se a America latina Colonasia ou Colombindia, como tem sido lembrado; mas já passou e provavelmente não mais volverá a éra creadora dos nomes de continentes³.

¹ Regimento dado a D. Francisco de Almeida em 5 de Março de 1505: que tome agua em Bezeguiche, precisando-a, ou na ilha da Cruz, si no caminho que seguir se chegar a ella. Regimento a Fernão Soares dado em 1507: E tomando a dita augua na costa de Bezeguiche si, polos tempos vos não servirem, tivesses a diante necessidade d'alguma mais augua, que esperamcs em nosso Senhor que nam seja, porém acontecendo que assi fosse si vos achasees polo caminho que fizessees tam chegado á ilha da Cruz, poderès hir a ella e hy tomar augua e lenha que vos comprir: e d'y farees loguo voso caminho embora sem mais detença, e neste caso de irdes a dita ilha ou nam lixarvos a vos que façaes o que mais nosso serviço vos parecer, segundo a necessidade que da dita augua teverdes, por que quando a nam ouvessees e fossees abastado da dita augoa, por vos poderdes poher alem do dito cabo, averiamos por escusado tomardes a dita ilha da Cruz, por nam fazerdes em vista caminho demora sem necessidade. *Alguns documentos do Arch. Nac. da Torre do Tombo*, 140, 163, Lisboa, 1892.

² No exemplar da *Cosmographiae introductio* de Hylacomilus pertencente á Bibliotheca Nacional lê-se o seguinte no verso da folha não numerada que se segue a aiiij:

Nunc vero et haec partes sunt latius lustratae & alia quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inuenta est quā non video cur quis jure vetet ab Americo inuentore sagacis ingenii viro Amerigen quasi Americi terrā sive Americam dicendā: cum et Europa et Asia a mulieribus sortita sint nomina.

³ Hugues, *Le vicende del nome America*, Torino, 1898.

7*. Da grande p \acute{e} ra sul-americana — situada entre 12° lat. N. e 55 lat. S. e que se estende mais do que qualquer outro continente pela regi \tilde{a} o antarctica, ao mesmo tempo possuindo a prerogativa physio-graphica de ser a parte do mundo que maior desenvolvimento de superficie ostenta na zona tropica e sub-tropica do hemispherio meridional, o Brasil, exteriormente marginado pelo oceano Atlantico, occupa cerca de $\frac{1}{3}$ em circumferencia e perto de metade em superficie. E' a porç \tilde{a} o maior da Sul-America cisandina. E, como lhe cabe a primazia territorial no enorme terraço triangular, cuja hypothenusas, na cordilheira dos Andes, em sobranceiro peitoril se insurge contra o oceano Pacifico, comprehensivel se torna que a biogeographia moderna creando o reino neo-tropico, tinha de reservar assignalado papel a esta gigantesca parcella, que a sciencia conhece pelo nome de sub-regi \tilde{a} o brasilica.

Com a sua enorme extens \tilde{a} o territorial, tanto no sentido da latitude como no da longitude geographica, com a diversidade orographica (orla baixa da restinga littoranea, serras costeiras, planaltos e chapadas do sert \tilde{a} o etc.); com as differenças climaticas, que necessariamente se devem fazer sentir quer em relaç \tilde{a} o \acute{a} latitude, quer em relaç \tilde{a} o \acute{a} elevaç \tilde{a} o vertical e \acute{a} maior ou menor proximidade da costa (clima oceanico e clima continental); e finalmente at \acute{e} com a diversidade da origem e idade geologica, que com crescente probabilidade devemos presumir para differentes partes no Brasil actual, — comprehende-se logo tambem, por outro lado, que esta « sub-regi \tilde{a} o brasilica » constitue, nas producç \tilde{e} es da natureza, um verdadeiro Protheu, incomparavelmente mais complexo do que as porç \tilde{e} es restantes do reino neotropico, quer salteadamente, cada uma por si, quer no seu conjuncto.

Hoje, ao despontar do seculo XX, p \acute{o} de-se dizer que o character essencial da fauna e da flora da sub-regi \tilde{a} o brasilica j \acute{a} se deixa satisfactoriamente delinear, pelo menos nos seus contornos geraes e exteriores. A sciencia poder \acute{a} na maioria dos casos informar si esta planta, aquelle animal \acute{e} andino, guayanense, argentino, ou si pertence \acute{a} nossa sub-regi \tilde{a} o. Mas n \tilde{a} o podemos dizer a mesma cousa quanto ao estado dos conhecimentos relativos \acute{a} exacta distribuiç \tilde{a} o interior. Ainda n \tilde{a} o passa da phase embryonaria todo o nosso saber hodierno acerca do problema: Como sub-dividir a nossa sub-regi \tilde{a} o? Eis a tarefa do novo seculo.

Trez modalidades distinctas offerece o aspecto physionomico do extensissimo littoral do Brasil; ao visitante que tiver occasi \tilde{a} o

* Escripito, a pedido do auctor desta memoria, pelo doutor Emilio Augusto G \acute{o} eldi, director do Museu Paraense, em sua rapida passagem pelo Rio no mez de Abril.

de percorre-lo pelo lado do mar, desde o extremo Sul até o longinquo Norte.

Desde o Rio Grande do Sul até a Bahia mais ou menos notará que a terra firme se descortina em animado quadro de montanhas e morros, de differente altura e variadas formas, embora a do cône mais ou menos estirado seja o feitio predilecto. Acha a sua expressão typica sobretudo no trecho entre Rio de Janeiro e Espirito Sancto. Devido á sua côr roxeada, tincta neutra, estes mammillos graniticos á distancia de algumas milhas assumem certo ar sombrio, grave, quasi oppressor por assim dizer; o navegante, ao passar, por exemplo, pelo cabo Frio, não conseguirá facilmente libertar-se d'esta impressão. N'este sentido ha um que de parecido com a physionomia de certos grupos de ilhas, solteiras no vasto oceano (Canarias, Cabo-Verde). Mas, ao passo que nestas ultimas, ao approximarem-se, com o seu colorido de sepia retincta, tão caracteristico dos funis vulcanicos e plutonicos, o sentimento tende a augmentar,— reconcilia e anima o aspecto das serranias do littoral do Brasil meridional vistas de perto. Viçosa e exuberante vegetação arborea envolve com sympathico tapete de um verde sadio e benefico o cimo, bem como aquelles lados do manto, que não se precipitam com face por demais escarpada e ingreme ás profundezas sub-marinas. D'entre as arvores dicotyledones são diversas Canellas que em certa predilecção escolhem taes culminancias, e diversas elegantes Palmeiras regularmente porfiam tambem por um logar n'estes elevados miradouros. Mas mesmo nos paredões quasi verticaes o olhar difficilmente percebe ainda fenda, greta, saliencia, onde não se postasse, com audaz galhardia, pelo menos algum ramilhete de Bromelias ou de Orchideas. N'isto vai um palpavel contraste com o character physionomico das supra-mencionadas ilhas vulcanicas, que com algumas parcas Gramineas, Cactos, Tamariscos arbustivos, etc., em vão luctam para entremear com algum salpico verde a monotonia e a nudez de sua roupagem torrida.

Da Bahia para o Norte muda o aspecto do littoral. Primeiramente alternando ainda, a pequenos trechos, com paredões pouco elevados de barro vermelho, mais a mais chegam a absoluto e incondicional predominio as alvas praias arenosas, que em interminavel orla cingem a costa dos estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, não sómente até o cabo de S. Roque, como ao longo do Ceará e do Maranhão; não perdem este predominio, sinão, por assim dizer, no proprio porto da capital do ultimo estado. E' o feudo secular da areia movediça, assumindo aqui a fórma de praias extensas, planas

e rasas, acolá a de dunas, com ora mais ora menos elevadas collinas. Monotona, melancholica é a impressão causada por esta paizagem, campo de batalha, onde contra o despotico regimen eolico trava uma pobre e opprimida vegetação herbacea e arbustiva bem desigual combate de existencia. São principalmente algumas Convolvulaceas rasteiras nas praias e alguns Muricys (*Byrsonima*) arbustivos no tope das dunas, que com particular tenacidade sustentam a acerba contenda, de successo variavel conforme as localidades e as estações do anno. Ao lado d'esta vegetação espontanea nota-se, por intervallos, efficaç intervenção humana, que com palmares, ora mais, ora menos extensos, de coqueiros da India veiu dar a esta parte da costa um aspecto que ella não pôde ter adquirido sinão desde tempos historicos (no restricto sentido do termo relativo á historia do Brasil).

Do Maranhão ao extremo Norte do Brasil ocorre a terceira modalidade physionomica, a matta littoranea adaptada á influencia das marés. O navegador parece estar presenceando o espectáculo de uma Fata Margana, quando desta costa vê emergindo no horizonte umas copas despregadas primeiramente, ganhando successivamente e aos poucos seu tronco cada uma, reunindo-se finalmente em compacto e ininterrupto debrum florestal, que directamente do mar surge e periodicamente é inundado ainda pelas ondas salsas. Na composição desta vegetação entram com indubitavel prepotencia o Mangal (formado pelo *Rhizophora*) e o Siriubal (formado pela *Avicennia*)— arvores, que, sem serem dotadas de excepçionaes encantos paizagistas (falta-lhes para isto copa sufficientemente compacta e densa), incomparavelmente agradam mais do que a severa monotonia das dunas arenosas, cuja alvura nivea acaba por martyriziar os olhos, quando banhadas profusamente pela intensa luz do sol tropical. Esta matta do littoral baixo, que tanto contrasta com o character physionomico das duas outras categorias descriptas e sitas mais para o Sul, permanece typica além da foz do Amazonas, por toda a Guayana, até o Oyapók.

Com encenação muito diversa surprehende-nos a natureza, si a viagem de exploração fôr dirigida em outro sentido, no do littoral para o interior, rumo E—O. Em similhante commettimento submettemo-nos primeiramente ao effeito de uma mudança assaz consideravel e abrupta de elevação vertical; com as linhas ferreas modernas temos occasião de trocar, em rapida successão de horas sómente, a baixada quente, o torrido reconcavo, pela aragem fresca de alturas subalpinas, tendo vencido uma differença de nivel de 1.000 metros a mais. Claro é que o aspecto da natureza não será

de todo o mesmo, si effectuarmos a viagem na altura do Rio de Janeiro, ou na da Bahia, ou na do Ceará, mudando e substituindo-se os elementos constituintes, conforme a latitude; mas não deixa de ser notavel que o effeito total varia relativamente pouco. Na baixada quente, na restinga, lá onde ella fôr enxuta, arenosa, dão manifestos signaes de bem-estar vegetaes como o Cajueiro, a Goyabeira, a Pitangueira, diversos Cactus de exquisita fôrma; nos brejos dominam as Coccolobas, o Piri (*Papyrus*), as Heliconias, de aromaticas flôres alvinitentes, ao lado dos *Chrysodium*, com o seu pó de ouro na pagina inferior das frondes.

Luxuosa devéras é a vegetação em ambas as fraldas da serrania que a variavel distancia no interior corre parallelamente ao contorno maritimo. Pertence ao mais bello que a natureza produz no territorio do Brasil.

Garridas Embaúbas, de folhas prateadas, muitas Melastomaceas de variegadas flôres, muitas graciosas Palmeiras, grandes umas, anãs outras, esbeltos Fetos arboreos destacam-se por sua frequencia, fôrmas e belleza no complicado conjuncto vegetal, estuante aqui de um viço e vigor indomavel, o qual no mesmo grão sómente se observa na matta marginal dos grandes rios, attingindo o seu pino de intensidade na *Hylaea frondosa* do valle amazonico: aqui como lá ininterrupta, febril borbóta a faina de producção, sobre tudo de folhas, perenne bachanal da força_ creatriz num torrão visivelmente privilegiado.

Menos rico de pittorescos contrastes, de agradaveis sorpresas e attrahentes pontos de descanso para a vista é o aspecto geral da natureza do sertão, do vasto planalto do Brasil central: extensas áreas, com a pouca ou nenhuma movimentação de nivel, cobertas de Gramineas rijas e palhentas, aqui baixas e parcamente revestindo a crosta terrestre, lá elevando-se á altura de embaraçar a orientação ao viajante a cavallo, alternando com ilhas de um matto ralo, baixo, de vegetaes arbustivos ou de meão tamanho. Extranha impressão causam nos cerrados os galhos tortos, os troncos obliquos e curtos, as folhas, por via de regra, grandes e coriáceas, além da roupagem espinhenta ou lanuginosa das associações das characteristics fôrmas vegetaes. Sem difficuldade reconheceremos aqui um aparelho protector contra as excentricidades do clima continental, acolá medida de precaução contra as investidas dos animaes herbivoros, que á procura de abrigo e sombra não podem deixar de frequentar assiduamente taes capões de matto.

Esboçados assim, em traço corrido, contornos geraes e côr de fundo daquillo que ha de fixo e immutavel na grandiosa tela da natureza brasileira, e alinhavada a moldura vegetal,

resta-nos estudar a correlação com as manifestações da vida animal.

Na composição da fauna da cinta littoranea, compreendida entre beira-mar e o pé das serras costeiras, entram diversos contingentes. Tudo que é producto do mar propriamente dicto tem o cunho para o qual o qualificativo de «sul-atlantico» é talvez o que melhor convém, por caracterizar com satisfactoria precisão não só a feição geographica, como também os laços de parentesco phylogenetico. Basta apontar, por exemplo, entre os Invertebrados para os Moluscos, e entre os Vertebrados para os Peixes (fallando-se, bem entendido, só das especies maritimas).

Outro contingente, assaz nitidamente circumscripto, é fornecido pela Ornis littoral, onde entre as Aves aquaticas existe pronunciado pan-americanismo. Da familia dos Pernaltos, por exemplo, ha grupos inteiros, como o que o povo aqui costuma designar, sob o termo, infelizmente por demais vago, de Massaricos, que os naturalistas do Canadá, dos Estados Unidos podem citar com igual direito como pertencentes á fauna dos respectivos paizes. Diversas Marrecas habitam igualmente as Antilhas. Gaivotas, Fragatas, Andorinhas do mar teem uma distribuição ás vezes incrivelmente vasta. No mundo alado dão-se ainda hoje periodicas migrações entre Norte e Sul do continente americano, quer do lado do Pacifico, quer do Atlantico, migrações cuja existencia, na verdade, só será percebida pelo naturalista profissional e cuja origem mysteriosa jaz no passado remoto de periodos geologicos anteriores. Este instincto migratorio existe tanto no pequeno peito do rutilante Beija-flor, como no do reforçado Gavião.

Deduzidos estes dous contingentes, ainda o resto da fauna do littoral não constitue conjuncto de todo homogeneo. Olhando de mais perto, não tardaremos a reconhecer hospedes das serras costeiras em villegiatura, por um lado visitantes do sertão central, e da zona dos campos, por outro. Diminuta relativamente é a fauna endemica e autochthone da baixada littoranea, e com diffi-culdade achariamos uma unica forma animal mais vistosa e geralmente conhecida, que estivesse plenamente neste caso.

Quando muito poderiamos citar certo numero de Aves e alguns Repteis, sem excepção abaixo de meio tamanho.

Um facto digno de nota é que, tanto entre os Vertebrados como entre os Invertebrados, a natureza produziu formas particularmente adaptadas ao ambiente: ha Aves, Crustaceos, Insectos e Arachnides, cujo colorido concorda de tal modo com a areia, que em posição de repouso não será facil descobri-los.

Sendo composta de selvicolas, mais ou menos severos e observantes, a maioria dos Mammiferos, Aves e Repteis caracteristicos do Brasil, comprehende-se que na zona das mattas, tanto das serras costeiras como das margens fluviaes, é onde acharemos condensada a parte mais expressiva do conjunto faunistico do paiz. Coincide, portanto, numa e mesma zona visivelmente o optimo de condições exteriores de existencia no reino vegetal com o optimo animal. Entre os Mammiferos são os Macacos, os Carnivoros, os Roedores e os Didelphos (Saruês) aquelles aos quaes a vida no matto apraz melhor do que qualquer outra. Das 10 ordens, de que se compõe a aviaria brasilica, são nada menos do que 7 o que devemos qualificar como partidarios do mesmo modo de vida. E no mundo dos Invertebrados vemos que não se comportam de outra maneira os grupos moradores de terra firme. Na solitaria vereda da floresta teremos a maior probabilidade de encontrar as *Ithomias*, delicadas e hyalinas, os *Heliconium*, de variegados desenhos de preto, amarello e encarnado, os esplendidos *Morpho* e *Cigoal*, gigantescas Borboletas diurnas, que em gravibundo rythmo ostentam o brilho sedoso das suas azas celestes.

Interminavel a serie de typos que offerece a passarada moradora da matta. Si ao Brasil cabe incontestavelmente a palma na riqueza ornithologica, alojando por si só perto de $\frac{1}{4}$ de todas as especies de Aves do globo—nem uma outra parte da terra, nenhum outro paiz apresenta igual algarismo—é a zona da matta, sobretudo, que constitue o genuino viveiro de similhante thesouro. Comtudo desta incomparavel avifauna são talvez sufficientes trez typos para determinar o caracteristico essencial: a senhoril Ardea, o grotesco Tucano e o mimoso e petulante Beija-flor.

Nada menos do que 20 familias de Aves brasilicas revestem aquella roupagem sumptuosa, que se chama a « grande gala tropical ». Certa medida avantajada de luz e calor favorece a apparição de cores vivas, e assim vemos reservado saliente papel á aviaria indigena na arena, onde todas as regiões tropicaes do globo debatem a primazia de belleza e opulencia para as suas producções. Circumstancia digna de attenção para o amigo da natureza é a predilecção com que a côr verde reincide dominante em certas familias de Aves: basta apontar, por exemplo, para a dos Papagaios.

Entretanto não se tardará em reconhecer a vantagem auferida por similhante roupagem protectora no meio de um mar de copas frondosas da mesma côr.

E eis-nos outra vez na pista do mysterioso nexo causal entre o reino vegetal e o reino animal! A tendencia da vegetação para

erescimento e desenvolvimento arbóreo não podia deixar de imprimir também cunho peculiar á fauna a ella ligada por identidade de interesses. E, de facto, só por este prisma podemos comprehender o costume de trepador, habito tão frequente entre Mamíferos e Aves do Brasil, observado até em grupos e familias, cujos antepassados evidentemente eram feitos para a vida no chão. Significativos exemplos constituem entre os primeiros certamente as Preguiças, os dous Tamanduás menores, os Sarués e Cuícas. Nenhum dos Simios neotropicos se decide a abandonar sua arborea vivenda, sinão por momentos, por necessidade e ainda assim prodigo de receio e com amplas medidas de precaução. Curioso exemplo entre as Aves forma, na ordem dos Passeres, a familia dos Formicarides, da qual um ramo consideravel se desenvolve em sentido paralelo com a familia dos Picapáos legitimos.

Mais pallida em colorido e fraca em força numerica é a fauna do sertão. Sumptuoso uniforme de gala nos descampados não seria desejavel nem proveitoso. Para os animaes sertanejos é de mais vantagem sua roupagem branco-amarellada e monotona, que no meio do capim se conserva neutra entre a côr do sólo e o colorido da macega torrada pelo sol.

Si por um lado, no littoral, é apparelho util a aza comprida, apropriada ao vôo persistente, e por outro lado o pé trepador para o moçador da matta, — torna-se precioso dote para formas animaes que vivem correndo pelo solo uma perna comprida e capaz de corresponder a fortes exigencias. Ahi estão para attesta-lo a Seriema, de alto cothurno, e a gigantesca Éma, Avestruz sul-americana.

O proprio Lobo brasileiro (*Chrysocyon jubatus*) munuiu-se, além de umas orelhas grandes, a modo de Chacal do deserto, de longas pernas a feitio de Galgo.

Em Mammíferos terrestres o Brasil actual poucos pôde apresentar: a Onça pintada entre os Carnivoros, a Anta entre os Ungulados, o Veado galheiro entre os Ruminantes, a Capivara entre os Roedores, o Tamanduá-bandeira e o Tatú-canastra entre os Desdentados. Productos autochthone do solo sul-americano parece unicamente o typo dos Desdentados (e talvez ainda o dos Roedores), que em precedentes epochas geologicas extranho florescimento assumiu. Dos typos superiores, porém, nenhum tomou aqui a sua origem; o material para os hodiernos representantes provém de diversas infiltrações, via America do Norte e pontes continentaes hoje sobreaguadas. Os mais valiosos animaes domesticos, como o Boi e o Cavallo, embora achassem condições notoriamente favoraveis em grande parte da Sul-America, não datam

sinão da invasão européa. A Sul-America durante os quatro seculos decorridos contribuiu com um unico producto seu para o inventario internacional dos animaes domesticos: o Pato (*Cairina moschata*) que na sua indole semi-bravia ainda deixa perceber uma domesticação não consummada de todo.

Concluindo, diremos de passagem que para a sciencia não paira hoje mais a menor duvida de que o berço do genero humano não deve ser procurado em territorio americano.

FONTES DA HISTORIA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

- I. SEPTIMO LIBRO DE LA SEPTIMA NAVIGATION, primeira narrativa da viagem de Vicente Anez Pinzon escripta por Pietro Martire d' Anghiera, transmittida para Veneza a Domenico Malipiero em carta escripta da Hispanha, em 1501, por Angelo Bernardin de Trevisan, reproduzida da *Raccolta di documenti e studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana pel quarto centenario dalla scoperta della America*, parte III, volume I, paginas 80/82.— II. COMINCIA EL SECONDO, narrativa da viagem de Pinzon ou Diego de Lepe, escripta por Amerigo Vespucci em carta de Lisboa 4 de Setembro de 1504 dirigida a Pier Soderini, reproduzida da *Raccolta*, parte III, vol. II, paginas 153/160.— III. CARTA escripta a S. A. Dom Manuel, rei de Portugal, do Porto Seguro da ilha de Vera Cruz por Pero Vaaz de Caminha, escrivão da feitoria que se ia estabelecer em Calecut, reproduzida segundo copia extrahida do original em 1876 para a Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro por João Pedro da Costa Basto, official maior da Real Torre do Tombo.— IV. CARTA de mestre Johannes artium et medicine bachalarius, escripta de Vera Cruz a D. Manuel em 1 de Maio de 1500, reproduzida segundo o fac-simile dado por A. C. Teixeira de Aragão no *Centenario do descobrimento da America. Memorias da Comissão Portugueza*, Lisboa 1892.— V. NARRATIVA da viagem de Pedr'alvares Cabral, enviada depois da sua volta da India por Giovanni Matteo Cretico, reproduzida da *Raccolta Colombiana*, parte III, vol. I, pag. 83/86.

I

SEPTIMO LIBRO DE LA SEPTIMA NAVIGATION

Vincentianes, chiamato Pinzone, et Aries suo nepote, che furon nel primo viazo cum el Columbo, del. 1499. armorono a sue spese. 4. caravelle, et a di. 18. de novembre se partirono da Palos, de dove loro sono, per andar a cercar novi paesi. fuorono a le insule de Canaria, da poi a le insule de Cavo Verde, de deve ai. 6. zener feceno vela per garbino, et navigati per quel vento. 300. lige, dicono che perseno la tramontana et che, immediate persa, forono assaltati da una fortuna terribilissima de mare, pioza, vento; pur seguendo el suo camino cum gran pericolo, sempre per garbino, andorono altre. 240. lige. a li. 20. de zener tanden da luntano videnno terra, a la qual aproximandosi trovavano sempre mancho fundi. getorono li scandagli et trovarono. 16. braza de acqua. zonti a terra, smontorono et stetenno do zorni che mai apparse alcuno. partiti de li et scorsi più avanti. videnno la note molta luce che pareva de uno campo de zente d'arme. andati a quella, trovarono molta zente, ma non li volse disturbar fino la matina, che apparse el sole, mandorono a terra. 40. homeni armati, a l'incontro de li quali vene 32. de quella gente, nudi, armadi de archi et freze, homeni grandi come Todeschi, de faza torva, che tuta via minazavano. li Spagnoli li poteno far careze assai, che mai volsen nè pace nè concordo nè amicitia cum loro, unde per allora se ritornoron a nave cum animo de tornar la matina a combater cum essi. ma subito facta la nocte se levorono tuti et se nè andorono, adeo che se fa inditio che siano gente vaga, come Tartari, che non habino propria casa, ma vano hozi in qua, doman in là cum sue molie et fioli. alcuni che videnno da poi la forma de li soi pedi nel sabione, affermano che la pianta sua é do volte mazore che la nostra. navigando più avanti, trovarono uno fiume, ma non de tanto fondo, che le caravelle vi potesse sorzer per che mandorono a terra. 4. barche de le nave armate de li homeni; li quali arivati in terra, se li fece incontra innumerabile numero de gente, pur nude al usato, mostrando desiderar el suo comertio. li Spagnoli non se assicurando de acostarseli, li getorono uno sonaglio, et a l'incontro loro ge gettorono uno pezo de oro. uno Spagnolo più ardito de li altri volse smontar a tor quello pezo de oro, ma non fece ben vista de chinarse a terra, ch'el fu circondato da una infinità de quella gente che non volevano prender, et defendendose lui cum la spada in mano, li compagni soi saltaron de barca a defenderlo, et se incomenzò una tal guerra, che forono morti octo Spagnoli et li altri hebene fatica ritirarsi a la barcha; ne li valse esser armati de lanze et spade, chè questa zente, per molti che fosseno morti de loro, non se curavano, ma sempre più arditi li seguivano fino ne l'aqua, per modo che al fine li trasseno una barcha de le mano et amazoron el patron; lo resto hebene de gratia cum le. 3. barche fuzirsene a nave, et far vela et partirse de li, et se drizzorono mal contenti per tramontana, chè cosi se incolfa quella costa. andati. 40. lige, trovarono el mar de aqua dolce, et investigando dove queste aque veniva, trovò una bocha che usciva in mar. 15. lige cum grandissimo impeto, davanti de la qual in mar ne erano molte insule

habitate de gente humana et piacevole, ma non havevano cosa alcuna de contractar. tolse 36. schiavi, poi che altro non trovavano, per non tornar senza guadagno. el nome de questa provintia chiamano Marinatambal. diceva questa gente che dentro in terra ferma era gran quantità de oro. partiti da questo fiume, in pochi zorni scoperseno la tramontana da li a. 50. lige. dicono sempre aver scorso per la costa de la terra Paria, per chè poi veneno a la bocha detta del Dragone che é a la bocca di Paria, dove fo lo ammirante. in alcune insule avante questa Paria in gran numero, cargarono le nave de verzino: de le qual insule alcune ne trovarono deshabitate per paura de li Canibali, et molte case ruinate. videnò etiam alcuni homeni che se fuziron al monte; trovarono molti arbori de cassia fistola, et ne portorono molta in Spagna. li medici che l'hanno vista dicono che se la fosse ricolta in tempo, la saria perfeta. li arbori de li sono grandi, che sei homeni non li porian strenzer. fra questi arbori trovòno uno animal monstruoso che ha el corpo et muso de volpe, la coda et li piedi detro di simia, quelli davanti de homo, le orecchie de noctola, et ha soto el ventre uno altro ventre de fora, come una tasca, dove la sconde soi fioli, poi che sono nasciuti, nè mai li lassa uscir fin sono facti grandi, salvo qualche fiata a spasso, over per latarli. questo animal, essendo portato de Sibia in Granata a li serenissimi re, se ne morì, et io lo vidi morto. preseno etiam li fioli ch'el teneva in quello ventre, quali morirono in nave. questo Vicentianes afferma aver navigato per la costa de Paria. 600. lige, et che non dubitano la sia terra ferma, ma l'ha per certo. de li se ne veneno a la insula Spagnola a li. 23. de zugno, et de li dicono esser dapoì andati per ponente. 400. lige in certa provintia dove, de. 4. caravele che havevano, li assaltò una fortuna, del mese de luio, che do se ne somerseno, l'altra, rote le gomene, se smarite, la quarta stete firma, sorta, ma cum tanto travaglio che havevano zà persa ogni speranza de salute, unde atrovandose el forzo de loro smontati in terra, havevano incominciato pensar de viver li; ma dubitando che quella gente de quello loco non andasseno in qualche altro loco per soccorso et li tagliasseno a pezi, feceno deliberatione de amazarli prima loro; et zà havevan incominciato dar principio a farlo, quando in capo de octo giorni se fece bonaza, et la nave che era smarita tornò cum. 18. homeni, et cum quella et l'altra che era salvata, sorta, feno vela et se ne veneno a casa sua, a di ultimo settembre.

Sono venuti molti altri, che sono navigati per mezo di, ma tuti però per la costa de la terra Paria, che hano portato cassiafistula, melior de quella de Vicentianes.

II

COMINCIA EL SECONDO

Quanto al secondo viaggio et quello che in epsa viddi più degno di memoria, è quello che qui segue. partimo del porto di Calis tre navi di conserva a di. 16. di maggio. 1499. et cominciammo nostro cammino adiritti alle isole del 20 cavo Verde, passando a vista della isola di Gran Canaria: et tanto navigammo che fumo a tenere ad una isola che si dice l'isola del Fuoco. et qui facta nostra provisione d'acqua et di legne, pigliammo nostra navigatione per il libeccio. et in. 44 giorni fumo a tenere ad una nuova terra, et la giudicammo essere terra ferma et continua con la disopra si fa mentione: la quale è situata drento della Torrida zona et fuora della Linea equinoctiale alla parte dello austro, sopra la quale alza el Polo del meridione. 5. gradi fuora d'ogni clyma, et dista dalle decte isole per el vento libeccio. 500. leghe: et trovammo essere equali è giorni con le nocte, perchè fumo ad epsa a di. 27. di giugno, quando el sole sta circa del tropico di Cancer: la qual terra trovammo essere tucta annegata et piena di grandissimi fiumi. in questo principio non vedemmo gente alcuna, surgemmo con nostre navi et buttammo fuora è nostri battelli: fumo con epsi a terra et, come dico, la trovammo piena di grandissimi fiumi et annegata per grandissimi fiume che trovammo: et la commettemmo in molte parti per vedere se potessimo entrare per epsa, et per le grandi acque che traevono è fiumi, con quanto travaglio potemmo; non trovammo luogo che non fussi annegato. vedemmo per è fiumi molti segnali di come la terra era popolata. et visto che per questa parte non la potavamo entrare, accordammo tornarcene alle navi et di commetterla per altra parte. et levatammo nostre anchora et navicammo infra levante et scilochco, costeggiando di continovo la terra, che così si correva, et in molte parti la commettemmo in spatio di. 40. leghe: et tucto era tempo perduto. trovammo in questa costa che le corrente del mare erano di tanta forza che non ci lasciavano navigare, et tucte correvano dallo scilochco al maestràle: di modo che, visto tanti inconvenienti per nostra navigatione, factò nostro consiglio, accordamo tornare la navigatione alla parte del maestràle. et tanto navicammo al lungho della terra che fumo a tenere un bellissimo porto, el quale era cansato da una grande isola che stava all' entrata, et dentro si faceva una grandissima insenata. et navicando per entrare in epsa, prolungando la isola, havemmo vista di molta gente: et allegratici, si dirizzammo nostre navi per surgere dove vedavamo la gente, che potavamo stare più al mare circa di quattro leghe, et navicando in questo modo, havemmo vista d'una canoe che veniva con alto mare, nella quale veniva molta gente: et accordammo di haverla alla mano, et facemmo la volta con nostre navi sopra epsa, con ordine che noi non la perdessimo, et navicando alla volta sua con fresco tempo, vedemmo che stavano fermi co'remi alzati, credo per meraviglia delle nostre navi: et come vidono che noi ci andavamo apressando loro, messono è remi n'ell'acqua et cominciarono a navicare alla volta di terra. et come in nostra compagnia venisse una caravella di. 45. tonelli, molto buona della vela, si puose a barlovento della canoe, et quando le parve tempo d'arrivare sopra epsa, allargò li apparecchi et venne alla volta sua, et noi alsì: et come la carovelleta pareggiasse con lei et non la volesse investire, la passò, et poi rimase sotto vento: et come si vedessino a vantaggio, cominciarono a far forza co'remi per fuggire: et noi che trovammo è battelli per poppa già stipati di buona gente, pensando che la piglierebbono: et travagliarono più di due hore, et infine se la carovelleta in altra volta non tornava sopra epsa, la perdavamo. et come si viddeno stretti dalla carovella et dà battelli, tucti si gittarono al mare, che potevono essere. 70. huomini, et distavano da terra circa di due leghe. et seguendoli co' battelli, in

utto el giorno non ne potemmo pigliare più che dua, che fu per acerto: gli altri tutti si furono a terra a salvamento, et nella canoe restarono. 4. fanciulli, é quali non eron di lor generatione, chè li traevano, presi dall'altra terra, et li havevano castrati, chè tucti eron senza membro virile et con la piaga fresca, di che molto ci maravigliammo: et messe nelle navi, ci dixeno per segnali che li havevon castrati per mangiarseli: et sapemmo castoro erano una gente si dicono Camballi, molto efferati, che mangiono carne humana. fumo con le navi, levando con noi la canoe per poppa, alla volta di terra, et surgemmo a meza legba: et come a terra vedissimo molta gente alla spiaggia, fumo co'battelli a terra et levammo con noi é dua huomini che pigliammo. et giuncti in terra, tucta la gente fuggi et si misseno pé boschi: et allarghammo uno delli huomini, dandogli molti sonagli, et che volavamo essere loro amici. el quale fece molto bene quello li mandammo, et trasse seco tucta la gente, che potevono essere. 400. huomini et molte donne, é quali vennono senza arme alchuna adonde stavamo con li batteli: et facto con loro buona amistà, rendemmo loro l'altro preso et mandamo alle navi per la loro canoe et la rendemmo loro. questa canoe era lunga. 26. passi et larga due braccia, et tucta d'um solo arbore cavato, molte bene lavorata. et quando la hebbono varata in un rio et messala in luogho sicuro, tucti si fuggirono et non vollon più praticare con noi, che ci parve tanto barbaro acto, che gli giudicammo genti di poca fede et di mala conditione. a costoro vedemmo alcun pocho d'oro, che tenevano nelli orecchi. partimo di qui ed entrammo drento nella insensata, dove trovammo tanta gente che fu maraviglia, con li quali facemmo in terra amistà, et fumo molti di noi con loro alle loro populationi molto sicuramente et ben ricevuti. in questo luogho rischattammo. 150. perle, che ce le detton per un sonaglio, et alcun poco d'oro, che ce lo davano di gratia. et in questa terra trovammo che beevano vino facto di lor fructe et semente ad uso di cervogia et bianco et vermiglio, et el migliore era facto di mirabolani et era molto buono, et mangiammo infiniti di epsi, chè era el tempo loro. è molto buona fructa, saporosa al ghusto et salutifera al corpo. la terra è molto abondosa dé loro mantenimenti, et la genti di buona conversatione et la più pacifica che habbiamo trovata infino a qui. stemmo in questo porto. 17. giorni con molto piacere: et ogni giorno ci venivano a vedere nuovi populi della terra drento, maravigliandosi di nostre effigie et bianchezza, et dé nostri vestiti et arme, et della forma et grandezza delle navi. da questa gente havemmo nuove di come stava una gente più al ponente che loro, che erano loro nimici, che tenevano infinita copia di perle, et che quelle che loro tenevano, eron che le havevan lor tolte nelle lor guerre: et ci dixeno come le peschavano et in che modo nascevano, et il trovammo essere con verità, come udirà vostra magnificentia. partimo di questo porto et navicammo per la costa, per la quali di continuo vedavamo fumalte con gente alla spiaggia: et al capo di molti giorni fumo a tenere in un porto, ad causa di rimediare ad una delle nostre navi che faceva molta acqua, dove trovammo essere molta gente, con li quali non potemmo nè per forza nè per amore aver conversatione alchuna, et quando andavamo a terra, ci difendevano aspramente la terra; et quando più non potevano, si fuggivano per li boschi et non ci aspectavano. conosciutoli tanto barbari, ci partimo di qui. et andando navicando, havemmo vista d'una isola che distava nel mare. 15. leghe da terra, et acchordammo di andare a vedere se era popolata. trovammo in epsa la più bestial gente et la più brutta che mai si vedesse, et era di questa sorte. erano di gesto et viso molto brutti, et tucti tenevano le ghote pieni di drento di una herba verde che di continuo la rugumavano come bestie, che apena potevon parlare, et ciaschuno teneva al collo due zucche secche, che l'una era piena di quella herba che tenevano in bocca et l'altra d'una farina bianca che pareva gesso in polvere, et di quando in quando con un fuso che tenevano, immollandolo con la bocca, lo mettevano nella farina, dipoi se lo mettevano in bocca da tutta dua le bande delle ghote, infarinandosi l'herba che tenevano in bocca: et questo facevano molto a minuto. et maravigliati di tal cosa non potavamo intendere questo secreto nè ad che fine cosi facevano, questa gente, come ci vidono, vennono a noi tanto familiarmente come se havessimo tenuto con loro amistà. andando con loro per la spiaggia

parlando, et desiderosi di bere acqua fresca, ci feciono segnali che non la tenevano, et conferevon di quella loro herba et farina, di modo che stimammo per discretione che questa isola era povera d'acqua et che per difendersi dalla sete tenevano quella berba in bocca et la farina per questo medesimo. andammo per la isola un di et mezo senza che mai trovassimo acqua viva : et vedemmo che l'acqua chè è beevano era di rugiada che cadeva di nocte sopra certe foglie che parevano orecchi di asino, et empievonsi d'acqua, et di questa beevano : era acqua optima: et di queste foglie non ne havevono in molti luoghi. non tenevano alcuna maniera di vivande, nè radice, come nella terra ferma et la lor vita era con pesci che pigliavon nel mare, et di questi tenevano grandissima abundantia, et erano grandissimi pescatori: et ci presentorono molte tortughe et molti gran pesci molto buoni. le lor donne non usavon tenere l'herba in bocca come gl'huomini, ma tucte traevono una zuccha con acqua et di quella beevano. non tenevano populatione nè di case nè di capanne, salvo che habitavano di basso in fraschati che li defendevano dal sole et non da l'acqua, che credo poche volte vi pioveva in quella isola. quando stavano al mare peschando tucti tenevano una foglia molto grande et di tal largheza che vi stavon di basso drento all'ombra et la ficchavano in terra, et come el sole si volgeva, così volgevano la foglia, et in questo modo si defendevano dal sole. l'isola contiene molti animali di varie sorte. et beeno acqua di pantani. et visto che non tenevano proficto alcuno, ci partimo et fumo ad un' altra isola : et trovanno che in epsa habitava gente molto grande. fumo indi in terra per vedere se trovamo acqua fresca : et non pensando che l'isola fussi popolata, per non veder gente, andando a lungho della spiaggia, vedemmo pedate di gente nella rena molte grandi, et giudicammo, se l'altre membra rispondessimo alla misura, che sarebbono huomini grandissimi. et andando in questo riscontrammo in cammino che andava per la terra drento ; et acchordammo nove di noi, et giudicammo che l'isola, per esser piccola, non poteva havere in sè molta gente, et però andammo per epsa, per vedere che gente era quella et dipoi che fumo iti circè di una legha, vedemmo in una valle cinque delle lor capanne, che ci parevono dispopolate ; et fumo ad epse, et trovammo solo cinque donne, due vecchie et tre fanciulle, di tanto alta statura che per maraviglia le guardavamo: et come ci viddono, entrò lor tanta paura che non hebbono animo a fuggire: et le due vecchie ci cominciorono con parole a convitare, traendoci molte cose da mangiare, et messonci in una capanna. et eron di statura maggiori che uno grande huomo, che ben sarebbon grande di corpo come fu Francesco degli Albizi, ma di miglior proportione, di modo che stavano tucti di proposito di torne le tre fanciulle per forza et per cosa maravigliosa trarle a Castiglia. et stando in questi ragionamenti, cominciorono a entrare per la porta della capanna ben. 36. huomini molto maggiori che le donne, huomini tanto ben facti che era cosa famosa a vederli, é quali ci missono in tanta turbatione che più tosto saremo voluti essere alle navi che trovarci con tal gente. traevano archi grandissimi et frecce con gran basfoni con capocchie, et parlavano d'infra loro d'un suono come volessimo manometterci. vistoci in tal pericolo, facemmo varii consigli infra noi: alchuni dicevano che in casa si cominciasse a dare in loro, et altri che al campo era migliore, et altri che dicevano che non cominciassimo la quistione infino a tanto che vedessimo quello che volessin fare : et acchordammo del salir della capanna et andarcene dissimulatamente al cammino delle navi: et così lo facemmo, et preso nostro cammino, ce ne tornammo alle navi. loro ci vennon drieto tuttavia a un tiro di pietra, parlando infra loro : credo che men paura havevon di noi, che noi di loro, perchè alcuna volta ci riposavamo, et loro alsì senza appressarsi a noi, tanto che giugnemmo alla spiaggia dove stavano é battelli aspectandoci, et entrammo in epsi. et come fumo larghi, loro saltorono et ci tiro:ono molte saette, ma pochi paura tenevamo già di loro: sparammo loro dua tiri di bombardia più per spaventarli che per far loro male, et tutti al tuono fuggirono al monte. et così ci partimo da loro, che ci parve scampare d'una pericolosa giornata, andavano del tucto disnudi come li altri. chiamo questa isola l'isola de' Giganti, a causa di lor grandezza, et andammo più inanzi prolungado la terra, nella quale ci accadde molte combattere con loro per

non ci volere lasciare pigliare cosa alcuna di terra. et già che stavamo di volontà di tornarcene a Castiglia, perchè eravamo stati nel mare circha di uno anno, et tenavamo poco mantenimento, et el poco damnato a causa delli gran caldi che passamo, perchè da che partimo per l'isole del cavo Verde insino a qui di continuo havevamo navigato per la Torrida zona et due volte atraversato per la Linea equinoctiale; che, come disopra dixi, fumo fuora di epsa. 5. gradi alla parte dello austro, et qui stavamo in. 15. gradi verso el septentrione. stando in questo consiglio, piacque allo Spirito Sancto dare alchuno discanso a tanti nostri travagli: che fu che andando cerchando un porto per racchonciare nostri navalii, fumo a dare con una gente, la quale ci ricevette con molta amistà: et trovammo che tenevano grandissima quantità di perle orientali et assai buone: co'quali ci ritenevamo. 47. giorni, et riscatammo da loro. 119. marchi di perle con molta pocha mercantia, che credo non ci costorono el valore di quaranta ducati, perchè quello che demmo loro non furono se non sonagli et specchi et conte, dieci palle et foglie di octone; chè per uno sonaglio dava uno quante perle teneva. da loro sapemmo come le pescavano et donde, et ci dettono molte ostriche, nelle quali nascevano. riscatammo ostrica nella quale stava di nascimento. 130. perlè et altre di meno: questa delle. 130. mi tolse la regina, et altre mi guardai non le vedesse et ha da sapere vostra magnificencia che se le perle non sono mature et da sè non si spicchano, non perstanno, perchè si dannano presto: et di questo ne ho visto experientia: quando sono mature, stanno drento nella ostrica spicchate et messe nella carne, et queste son buone. quando male tenevano, che la maggior parte errano roche et mal forate, tuttavia valevano buon danari, perchè si vendeva ei marcho ** et al capo di. 47. giorni lasciammo la gente molto amica nostra, partimoci, et per la necessità del mantenimento fumo a tenere all'isola d'Antiglia, che è questa che discoperse Cristophal Colombo più anni fa; dove facemmo molto mantenimento, et stemmo duo mesi et. 17. giorni, dove passammo molti pericoli et travagli con li medesimi Christiani che in questa isola stavano col Colombo, credo per invidia, che per non essere prolixo li lascio di racchontare. partimmo della decta isola a di. 22. di luglio, et navigammo in un mese et mezo, et entrammo nel porto di Calis, che fu a di. 8. di settembre, di di. el mio secondo viaggio. Dio laudato.

Finitis el secondo viaggio.

III

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA A D. MANUEL

SÑOR

posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães spreuam a vossa alteza a noua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta nauegaçom achou nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu milhor poder aimda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer (pero tome vossa alteza minha inoramçia por boa vomtade. a qual bem certo crea que por afremosentar nem afeiar aja aquy de poer mais ca aquilo que vy e me pareceo) da marinhajem e simgraduras do caminho nom darey ajuy comta a vossa alteza porque o nom saberey fazer e os pilotos deuem teer esse cuidado, e por tanto sñor do que ey de falar começo e diguo.

que a partida de belem como vosa alteza sabe foy segunda feira ix de março. e sabado xiiii do dito mes amtre as biii e ix oras nos achamos antre as canareas mais perto da gram canarea e aly amdamos todo aquelle dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas. e domingo xxij do dito mes aas x oras pouco mais ou menos ouuemos vista das ilhas do cabo verde. s. da ilha de sam nicolaao. segundo dito de pero escolar piloto. e a noute seguimte aa segunda feira lhe amanheceo se perdeo da frota vaasco d atayde com a sua naao sem hy auer tempo forte nem contrairo pera poder seer. fez o capitam suas deligençias pera o achar a huas e a outras partes e nom pareceo mais. E asy seguimos nosso caminho per este mar de lomgo ataa terça feira doitauas de pascoa que foram xxi dias d abril que topamos alguus synaaes de tera seemdo da dita ilha segundo os pilotos deziam obra de bix ou lxx ¹ legoas, os quaes heram muita cantidade deruas compridas a que os mareantes chamam botelho e asy outras a que tambem chamam Rabo dasno. E aa quarta feira seguimte pola manhaã topamos aves a que chamam fura buchos. e neeste dia a oras de bespera ouuemos vista de tera. s. primeiramente d huum grande monte muy alto e Redomdo e d outras serras mais baixas ao sul dele e de terra chaam com grandes aruoredos ao qual monte alto o capitam pos nome o monte pascoal E aa tera a tera da vera cruz. mandou lançar o prumo acharam xxb braças e ao sol posto obra de bj legoas de tera surgimos amcoras em xix braças amcorajem limpa. aly jouuemos toda aquela noute e aa quimta feira pola manhaã fizemos vella e seguimos direitos aa terra e os nauios pequenos diante himdo por xbii xbj xb xiiij xiiij xij x E ix braças ataa mea legoa de terra omde todos lançamos amcoras em direito da boca de huum Rio e chegaríamos a esta amcorajem aas x oras pouco mais ou menos e daly ouuemos vista d homees que amdauam pela praya obra de bij ou biiij segundo os nauios pequenos disseram por chegarem primeiro. / aly lançamos os batees e esquifes fora e vieram logo todolos capitaães das naaos a esta naao do capitam moor e aly falaram. e o capitam mandou no batel em terra nicolaao coelho pera veer aquele Rio e tamto que ele começou pera la d hir acodiram pela praya homees quando dous quando tres de maneira que quando o batel chegou aa boca do Rio heram aly xbiij ou xx homees pardos todos nuus sem nenhuia cousa que lhes cobrise suas vergonhas. traziam arcos nas mãos e suas seetas. vynham todos Rijos pera o batel e nicolaao coelho lhes fez sinal que posesem os arcos e eles os poseram. aly nom pode deles auer fala nem entendimento que aproveitasse polo mar quebrar na costa. soomente deu lhes huum barete vermelho e huua carapuça de linho que leuaua na cabeça

9 de Março

22 de Março

21 de Abril

22 de Abril

23 de Abril

¹ 660 ou 670 leguas.

e huum sombreiro preto. E huum deles lhe deu huum sombreiro de penas d aues compridas com huã copezinha pequena de penas vermelhas e pardas coma de papagayo e outro lhe deu huum Ramal grande de comtinhas brancas meudas que querem parecer d aljaueira as quaaes peças creio que o capitam manda a vossa alteza e com isto se volueo aas naaos por ser tarde e nom poder deles auer mais fala por aazo do mar.

24 de Abril.

a noute seguinte ventou tamto sueste com chuuaceiros que fez caçar as naaos e especialmente a capitana E aa sesta pola manhaã aas bij oras pouco mais ou menos per conselhos dos pilotos mandou o capitam leuamtar amcoras e fazer vela e fomos de lomgo da costa com os batees e esquifes amarados per popa comtra o norte pera veer se achauamos alguã abrigada e boo pouso omde jouuesemos pera tomar agoa e lenha. nom por nos minguar mas por nos acertarmos aquy e quando fezemos vela seriam ja na praya asentados jumto com o Rio obra de lx ou lxx homeês que se juntaram aly poucos e poucos / fomos de lomgo e mandou o capitam aos nauios pequenos que fosem mais chegados aa terra e que se achasem pouso seguro pera as naaos que amaynasem. E seendo nos pela costa obra de x legoas domde nos leuamtamos acharam os ditos nauios pequenos huum aRecife com huum porto dentro muito boo e muito seguro com huã muy larga entrada e meteram se dentro e amaynaram. e as naaos aRibaram sobreles. e huum pouco amte sol posto amaynaram obra d huã legoa do aRecife e ancoraram se em xi braças. E seendo afonso lopez nosso piloto em huum d aqueles nauios pequenos per mandado do capitam por seer homem vyuo e deestro pera isso meteo se loguo no esquife a somdar o porto demtro e tomou em huã almaadia dous d aqueles homeês da terra mancebos e de boos corpos. e huum deles trazia huum arco e bj ou bij seetas e na praya andauam muitos com seus arcos e seetas e nom lhe aproueitaram trouue os logo ja de noute ao capitam omde foram Recebidos com muito prazer e festa.

a feiçam deles he seerem pardos maneira d auermelhados de boos Rostros e boos narizes bem feitos (amdã nuus sem nenhuã cubertura nem estimam nenhuã cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas. e estã acerqua disso com tanta inocencia como teem em mōstrar o Rostro.) traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos per eles senhos osos d oso bramcos de compridã d huã maõ traussa e de grosura d huum fuso d algodã e agudo na ponta coma furador. metem nos pela parte de dentro do beiço e o que lhe fica antrẽ o beiço e os demtes he feito coma Roque d enxadrez e em tal maneira o trazem aly emcaxado que lhes nom da paixã nem lhes torua a fala nem comer nem beber. / os cabelos seus sam coredios e amdãuam trosquiados de trosquya alta mais que de sobre pemtem de boa gramdura e Rapados atã por cima das orelhas. e huuni deles trazia per baixo da solapa de fonte a fonte pera detras huã maneira de cabeleira de penas d aue amarela que seria de compridã d huum couto muy basta e muy çarada que lhe cobria o toutuço e as orelhas. a qual amdãua pegada nos cabelos pena e pena com huã comfeiçam bramda coma cera e nom no era. de maneira que amdãua a cabeleira muy Redomda e muy basta e muy igual que nom fazia mingoa mais lauajem pera a leuantar / o capitam quando eles vieram estãua asentado em huua cadeira e huã alcatifa aos pees por estrado e bem vestido com huum colar d ouro muy grande ao pescoço. e sancho de toar e simã de mirãda e nicolão coelho e aires coreã e nos outros que aquy na naao com ele himos asentados no chaõ per esa alcatifa / acemderam tochas e emtraram e nom fezeram nenhuã mençam de cortesia nem de falar ao capitã nem a ninguem. pero huum deles pos olho no calar do capitã e começo d acenãr com a maõ pera a terra e despois pera o colar como que nos dizia que avia em terã ouro e tambem vio huum castiçal de prata e asy meesmo acenãua pera a terã e entã perã o castiçal como que avia tambem prata / mostraram lhes huum papagayo pardo que aquy o capitã traz / tomaram no logo na maõ e acenaram pera a terra como que os avia hy / mostraram lhes huum carneiro nom fezeram dele mençam. mostraram lhes huã galinha. casy aviam medo dela e nom lhe queriam poer a maõ e despois a tomaram coma espantados. / derã lhes aly de comer pam e pescado cozido. confeitos fartees mel e figos pasados. nom quizeram comer d aquilo casy nada e

algũa cousa se a prouuam lançauam na logo fora. troueran lhes vinho per huã taça peseran lhe asy a boca tam malaues e nom gostaram dele nada nem o quiseram mais / troueram lhes agoa per huã albarada tomaram dela seus bocados e nam beberam. soamente lauram as bocas e lançaram fora. vio hum deles huãas contas de Rosairo brancas. acenou que lhas dessem e folgou muito com elas e lançou ao pescoço e despois tirou as e enbrulhou as no braço e acenaua pera a terra e entam pera as contas e pera o colar do capitam como que dariam ouro por aquilo. Is.o tomauamo nos asy polo desejaros, mas se ele queria dizer que leuaua as contas e mais o colar. isto nom queriamo nos emtender porque lho nom auiamos de dar e despois tornou as contas a quem lhas deu e entam estiraram se asy de costas na alcatifa a dormir sem teer nenhuã maneira de cobrirem suas vergonhas as quaaes nom heram fanadas e as cabeleiras delas bem Rapadas e feitas. / o capitam lhes mandou poer as cabeças senhos coxiis e o da cabeleira precuraua asaz polla nom quebrar e lançaram lhes hum manto em cima e eles consentiram e joueram e dormiram.

ao sabado pola manhaã mandou o capitam fazer vella e fomos demandar a emtrada a qual era muy largua e alta de bj bij braças e entraram todalas naaos dentro e ancoraram se em b bi braças / a qual ancorajem dentro he tam gramde e tam fremosa e tam segura que podem jazer dentro neela mais de IJr * nauios e naaos. e tamto que as naaos foram pousadas e ancoradas vieram os capitaães todos a esta naao do capitam moor e d aquy mandou o capitam nicolao coelho e bertolameu dyz que fosse em terra e leuasem aqueles dous homees e os leixassem hir com seu arco e seetas. aos quaaes mandou dar senhas camisas nouas e senhas carapuças vermelhas e dous Rosairos de contas brancas d oso que eles leuauam nos braços e senhos cascauees e senhas campainhas. e mandou com eles pera ficar la hum mancebo degradado criado de dom joham teelo a que chamam afonso Ribeiro pera amdar la com eles e saber de seu viuer e maneira e a mym mandou que fosse com nicolao coelho. fomos asy de frecha direitos aa praya / aly acodiram logo obra de IJr 4 homens todos nuus e com arcos e seetas nas mãos. aqueles que nos leuauamos acenaram lhes que se afastassem e posessem os arcos e eles os poseram e nom se afastauam muito. / abasta que poseram seus arcos e emtam saíram os que nos leuauamos e o mancebo degradado com eles. os quaaes asy como saíram nom pararam mais nem esperaua hum por outro se nom a quem mais coreria e pasaram hum Rio que per hy core d agoa doce de muita agoa que lhes daua pela braga e outros muitos com eles e foram asy corendo aalem do Rio antre huãas moutas de palmas onde estauam outros e aly pararom e naquillo foy o degradado com hum homem que logo ao sahir do batel ho agasalhou e leuou o ataa la e logo ho torraram a nos e com ele vieram os outros que nos leuauamos os quaaes vinham ja nuus e sem carapuças. E entam se começaram de chegar muitos e entrauam pela beira do mar pera os batees ataa que mais nom podiam e traziam cabaaços d agoa e tomauam alguus barys que nos leuauamos e emchian os d agoa e trazian os aos batees. nom que eles de todo chegasem a bordo do batel. mas junto com ele lançauam no da mão e nos tomauamol os e pediam que lhes dessem algũa cousa / leuaua nicolao coelho cascauees e manilhas e huus daua hum cascauel e a outros huã manilha. de maneira que com aquela emcarua cazy nos queriam dar a mão. Dauam nos d aqueles arcos e seetas por sonbreiros e carapuças de liho e por qualquer cousa que lhes homem queria dar / Daly se partiram os outros dous mancebos que nom os vimos mais.

amdaum aly muitos deles ou cazy a maior parte que todos traziam aqueles bicos d oso nos beiços e alguus que amdaum sem eles traziam os beiços furados e nos buracos traziam huus espelhos de pao que pareciam espelhos de boracha e alguus deles traziam tres d aqueles bicos. s. hum na metade e os dous nos cabos. e amdaum hy outros quartejados de cores. s. deles ameeade da sua propia cor e ameeade de tintura negra maneira d azulada e outros quartejados

4 Duzentos.

d escaques. / aly amdauam autreles tres ou quatro moças bem moças e bem jentiis com cabelos muito pretos conpridos pelas espadoas e suas vergonhas tam altas e tam çaradinhas e tam limpas das cabeleiras que de as nos muito bem olharmos nom tynhamos nenhuda vergonha. / aly por emtam nom ouue mais fala nem emtendimento com eles por a berberia deles seer tamanha que se nom emtemdia nem ouuia ninguem. / acenamos lhe que se fosem e asy o fezeram e pasaran se galem do Rio e saíram tres ou quatro homeês nosos dos batees e emcheram nom sey quantos barrys d agoa que nos leuauamos e tornamo nos aas naaos.

e em nos asy vyndo acenaram nos que tornasemos. / tornamos e eles mandaram o degradado e nom quiseram que ficase la com eles. / o qual leuaua hũa bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la ao S^{or} se o hy ouuese. / nom curaram de lhe tomar nada e asy o mandaram com tudo e entam bertolameu dyž o fez outra vez tornar que lhes dese aquilo. e ele tornou e deu aquilo em vista de nos aaquele que o da primeira agasalhou e entam veu se trouuemol o. / este que o agasalhou era ja de dias e amdaua todo por louçaynha cheo de penas pegadas pelo corpo que parecia aseptado coma sam sabastiam. outros traziam carapuças de penas amarelas e outros de vermelhas e outros de verdes. e huã d aquelas moças era toda timta de fumdo a cima d aquela tintura a qual certo era tam bem feita e tam Redomda e sua vergonha que ela nom tynha tam graciosa que a muitas molheres da nossa terra veemdo lhe taes feições fezera vergonha por nom teerem a sua comeela / nenhum deles nom era fanado mas todos asy coma nos e com isto nos tornamos e eles foram se.

aa tarde sayo o capitam moor em seu batel com todos nos outros e com os outros capitaães das naaos em seus batees a folgar pela baya a caram da praya mas ninguem sayo em tera polo capitam nom querer sem embargo de ninguem neela estar soomente sayo ele com todos em huum ilheeo grande que na baya esta que de baixa mar fica muy vazio pero he de todas partes cercado d agoa que nom pode ninguem hir a ele sem barco ou anado / aly folgou ele e todos nos outros bem hũa ora e mea e pescaram hy amdando marinheiros com huum chimchorro e matarom pescado meudo nom muito e entam voluemo nos aas naaos ja bem noute.

26 de Abril

ao domingo de pascoela pela manhaã detreminou o capitam d hir ouuir misa e preegaçam naquele ilheeo e mandou a todolos capitaães que se corejesem nos batees e fosem com ele e asy foy feito. / mandou naquele ilheeo armar huum esperauel e dentro neele aleuantar altar muy bem coregido e aly com todos nos outros fez dizer misa a qual dise o padre frey amrique em voz entoada e oficiada com aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram / a qual misa segumdo meu parecer foy ouuida per todos com muito prazer e deuaçom. aly era com o capitam a bandeira de christos com que sayo de belem a qual esteue sempre alta aa parte do auanjelho. / acabada a misa desuestio se o padre e pose se em huã cadeira alta e nos todos lamçados per esa area e preegou huã solene e proueitosa preegaçom da estoreo do auanjelho. e em fim dela trautou de nossa vynda e do achamento desta terra conformando se com o sinal da cruz so cuja obediencia vynos a qual veo muito a preposito e fez muita deuacom.

em qaanto esteuemos aa misa e aa preegaçom seriam na praya outra tanta jente pouco mais ou menos como os d omtem com seus arcos e seetas os quaaes amdauam folgando e olhando nos e asentaram se. e despois d acabada a misa aseentados nos aa preegaçom aleuantaran se muitos deles e tanjeram corno ou vozina e começaram a saltar e dançar huum pedaço. e alguũs deles se metiam em almaadias, duas ou tres que hy tynham as quaaes nom sam feitas como as que eu ja vy. soomente sam tres traues atadas juntas e aly se metiam iij ou b ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra se nom quanto podiam tomar pee / acabada a preegaçom moueu o capitam e todos pera os batees com nosa bandeira alta e embarcamos e fomos asy todos contra terra pera pasarmos ao longo per ond eles estauam hindo bertolameu dyž em seu esquife per mandado do capitam diamte com huum paaõ d huã almaadia que lhes o mar leuaua pera

lho dar e nos todos obra de tiro de pedra tras elle. como elles viram ho esquife de bertolameu dyz chegaram se logo todos a agoa metendo se neela ataa onde mais podiam. acenaranlhes que posesem o arcos e muitos deles os hiam logo poer em terra e outros os nom punham. amdava hy huum que falaua muito aos outros que se afastassem mas nom ja que m a mym parecese que lhe tynham acatamento nem medo / este que os asy amdaua afastando trazia seu arco e seetas e amdaua timto de tintura vermelha pelos peitos e espadoas e pelos quadrys coxas e pernas ataa baixo. e os vazios com a bariga e estamego era da sua propia cor e a tintura era asy vermelha que a agoa lh a nom comya nem desfazia / ante quando saya da agoa era mais vermelho / sayo huum homem do esquife de bertolameu dyz. e andaua antreles sem eles emtenderem nada neele quanta pera lhe fazerem mal. se nom quamto lhe dauam cabaços d agoa e acenauam aos do esquife que saisem em terra. com isto se volueo bertolameu dyz ao capitam e viemo nos aas naaos a comer tanjendo tronbetas e gaitas sem lhes dar mais apresam e eles tornaram se a asentar na praya E asy por entam ficaram.

neeste ilheo omde fomos ouuir misa e preegaçam espraya muyto a agoa e descobre muita area e muito cascalhaao. foram alguus em nos hy estando buscar marisco e nom no acharom. e acharam alguus camarões grosos e curtos. / antre os quaaes vynha huum muito grande camaram e muito grosso que em nenhum tempo o vy tamanho tambem acharom cascas de bergoões e d ameijeas mas nom toparam com nenhuma peça inteira, e tanto que comemos vieram logo todolos capitaaes a esta naao per mandado do capitam moor com os quaaes se ele apartou e eu na companhia e perguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a noua do achamento desta terra a vosa alteza pelo nauio dos mantimentos pera a melhor mandar descobrir e saber dela mais do que agora nos podiamos saber por hirmos de nosa viagem e antre muitas falas que no caso se fizeram foy per todos ou a mayor parte dito que seria muito bem. e niisto comcrudiram. / e tanto que a concrusam foy tomada. perguntou mais se seria boo tomar aquy per força huum par destes homees pera os mandar a vosa alteza e leixar aquy por eles outros dous destes degradados. / a esto acordaram que nom era necesareo. tomar per força homees. por que jeeral costume era dos que asy leuauam per força pera alguã parte dizerem que ha hy todo o que lhe preguntam, e que melhor e muito melhor enformaçom da terra dariam dous homees destes degradados que aquy leixassem. do que eles dariam se os leuassem. por seer jente que ninguem emtende nem eles tam cedo apremderiam a falar pera o saberem tam bem dizer que muito melhor ho estoutros nom digam quando ca vosa alteza mandar. e que por tanto nom curassem aquy de per força tomar ninguem nem fazer escandolo pera os de todo mais amansar e apaceficar. / senom soamente leixar aquy os dous degradados quando daquy partisemos. / e asy por melhor parecer a todos ficou detreminado.

acabado isto. dise o capitam que fossemos nos batees em terra e veersia bem o Rio quejamdo era e tambem pera folgarmos. / fomos todos nos batees em tera armados e a bandeira com nosco. eles amdauam aly na praya aa boca do Rio omde nos hiamos e ante que chegassemos. / do emsino que dantes tiinham poseram todos os arcos e acenauam que saisemos e tanto que os batees poseram as proas em terra pasaram se logo todos aalem do Rio o qual nom he mais ancho que huum jogo de manqual e tanto que desembarcamos. alguus dos nosos pasaron logo o Rio e foram antre elles. / e alguus aguardauam e outros se afastauam. pero era a cousa de maneira que todos amdauam mesturados / eles dauam deses arcos com suas seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por quallquer cousa que lhes dauam. / pasaram aalem tantos dos nosos e amdauam asy mesturados com eles. que eles se esquiuaam e afastauan se e hian se deles pera cima onde outros estauam e entam o capitam feze se tomar ao colo de dous homees e pasou o Rio e fez tornar todos. / a jente que aly era nom seria mais ca aquela que soya. / e tanto que o capitam fez tornar todos vieram alguus deles a ele nom polo conhecerem por S.^{or} ca me parece que nom entendem nem tomauam disso conhecimento mas porque a jente nossa pasaua ja

pera quem do Rio. / aly falauam e traziam muitos arcos e continhas daquelas ja ditas e Resgatauam por qualquer cousa. em tal maneira que troueram daly pera as naaos muitos arcos e seetas e comtas e entam tornou se o capitam aaquem do Rio e logo acodiram muitos aa beira dele.

aly veriees galantes pintados de preto e vermelho e quartejados asy pelos corpos como pelas pernas. que certo pareciam asy bem. / tambem andauam antreles *xxxj* ou b molheres moças asy nuas que nom pareciam inal antre as quaaes amdaua huã com huã coxa do giolho ataa o quadril e a nadega toda tinta daquela tintura preta e o al todo da sua propia cor. outra trazia anbolos giolhos com as curuas asy tintas e tambem os colos dos pees e suas vergonhas tam nuas e com tanta inocencia descubertas que nom avia hy nenhuã vergonha /. tambem andaua hy outra molher moça com hum menino ou menina no colo atado com hum pano nom sey de que aos peitos que lhe nom parecia senom as perninhas. / mas as pernas da may e o al nom trazia nenhum pano. / e despois moueo o capitam pera cima ao longo do Rio que anda senpre a caram da praya e aly esperou hum velho que trazia na mão huã paa d almaadia. / falou estando o capitam com ele perante nos todos sem o nunca ninguem emtender nem ele a nos quanta cousas que lhohem pregumtaua d ouro que nos desejuamos saber se o avia na terra. / trazia este velho o beiço tam furado que lhe caberia pelo furado hum gram dedo polegar e trazia metido no furado huã pedra verde Roim que çaraua per fora aquele buraco e o capitam lha fez tirar e ele nom sey que diaabo falaua e hia com ela pera a boca do capitam pera lha meter. / esteuemos sobriso hum pouco Ryndo e entam enfadou se o capitam e leixou o. e hum dos nosos deu lhe pola pedra hum sonbreiro uelho nom por ela valer alguã cousa mas por mostrar. e despois a ouue o capitam. creio pera com as outras cousas a mandar a vosa alteza / amdamos per hy veendo a Ribeira a qual he de muita agoa e muito boa. / ao longo dela ha muitas palmas nom muito altas em que ha muito boos palmitos. colhemos e comemos deles muitos. / entam tornou se o capitam pera baixo pera a boca do Rio onde desembarcamós e aalem do Rio amdauam muitos deles damçamdo e folgando huã ante outros sem se tomarem pelas mãos e faziam no bem. / pasouse emtam aalem do Rio Diego Dyž almoxarife que fcy de sacauem que he homem gracioso e de prazer e leuou consigo hum gayteiro noso com sua gaita e meteo se com eles a dançar tomando os pelas mãos e eles folgauam e Riam e amdauam com ele muy bem ao soom da gaita. Despois de dançarem fez lhe aly amdando no chaão muitas voltas ligeiras e salto Real de que se eles espantauam e Riam e folgauam muito. e com quanto os com aquilo muito segurou e ataagou. tomauam logo huã esquieeza coma monteses e foran se pera cima E entam o capitam pasou o Rio com todos nos outros e fomos pela praya de longo himdo os batees asy a caram de terra e fomos ataa huã lagoa gramde d agoa doce que esta junto com a praya porque toda aquella Ribeira do mar he apaulada per cima e saay a agoa per muitos lugares e depois de pasarmos o Rio foram huã *bij* ou *bijj* deles amdar antre os marinheiros que se Recolhiam aos batees e leuaram d aly hum tubaram que bertolomeu dyž matou e leuaua lho e lançou o na praya. / abasta que ataaquy como quer que se eles em alguã parte amansasem logo dhuã mam pera a outra se esquiuaam coma pardaaes de ceuadoiro e homem nom lhes ousa de falar Rijo por se mais nom esquiuaem. e todo se pasa como eles querem polos bem amansar. / ao velho com que o capitam falou deu huã carapuça vermelha e com toda a fala que com ele pasou e com a carapuça que lhe deu. tanto que se espedio que começou de pasar o Rio. foi se logo Recatando. e nom quis mais tornar do Rio pera quem. / os outros dous que o capitam teue nas naaos a que deu o que ja dito he. nunca aquy mais pareceram. de que tiro seer jente bestial e de pouco saber e por ysso sam asy esquiuos. / eles porem comtudo andam muito bem curados e muito limpos e naquilo me parece ainda mais que sam coma aves ou alimareas monteses que lhes faz ho aar melhor pena e melhor cabelo que aas mansas / porque os corpos seus sam tam limpos e tam gordos e tam fremosos que nom pode mais seer e isto me faz presumir que nom teem casas nem moradas em que se colham e o aar a que se criam os faz taaes. / nem nos ainda taagora noam vimos nenhuas casas nem maneira delas /. mandou o capitam

a aquele degradado afonso Ribeiro que se fosse outra vez com eles. o qual se foy e andou la hum boõ pedaço e aa tarde tornou se que o fizeram eles vÿr e nom o quiseram la consentir e deram lhe arcos e seetas e nom lhe tomarom nenhuã cousa do seu. / ante dise ele que lhe tomara hum deles huãas continhas amarelas que ele leuaua e fogia com elas e ele se queixou e os outros foram logo apos ele e lhas tomaram e tornaran lhas a dar e emtam mandaram no vÿr. dise ele que nom vira la antre eles se nom huuã choupaninhas de Rama verde e de feeitos muito grandes coma d antre doiro e minho e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute a dormir.

aa segumda feira depois de comer saimos todos em terra a tomar agoa. / aly vieram emtam muitos. mas nom tantos comaas outras vezes e traziam ja muito poucos arcos e esteueram asy hum pouco afastados de nos. e despois poucos e poucos mesturaran se com nosco. e abraçauam nos e folgauam e alguũs deles se esqui-uauam logo. / aly dauam alguũs arcos por folhas de papel e por alguã carapucinha velha e por qualquer cousa E em tal maneira se pasou a cousa que bem xx ou xxx pesoas das nosas se foram com elles onde outros muitos deles estauam com moças e molheres e trouueram de la muitos arcos e baretes de penas daues deles verdes e deles amarelos de que creio que o capitam ha de mandar amostra a vossa alteza. e segundo deziam eses que la foram folgauam com eles. / neeste dia os vimos de mais perto. e mais aa nosa vontade por andarmos todos casy mesturados E aly deles andauam daquelas tinturas quartejados outros de meetades outros de tanta feiçam coma em panos d armar. e todos com os beiços furados e muitos com os osos neeles e deles sem osos. / traziam alguũs deles huũs ouriços verdes d aruores que na cor queriam parecer de castinheiros se nom quanto heram maos e mais pequenos. e aqueles heram cheos d huũs grãos vermelhos pequenos. que esmagando os antre os dedos fazia timtura muito vermelha da que eles amdauam timtos e quanto se mais molhauam tanto mais vermelhos ficauam. / todos andam Rapados ataa cima das orelhas. / e asy as sobrancellas e pestanas. / trazem todos as testas de fonte a fonte timtas da timtura preta que parece huã fita preta aucha de dous dedos. E o capitam mandou aaquele degradado afonso Ribeiro e a outros dous degradados que fosem amdar la antreles e asy a diogo dÿz por ser homem ledo com que eles folgauam. e aos degradados mandou que ficasem la esta noute. / foram se la todos e andaram antreles e segundo eles deziam foram bem huã legoa e mea a huã pouoraçom de casas em que averia ix ou x casas as quaaes deziam que eram tam conpridas cada huã com eesta naao capitana e heram de madeira e das ilhargas de tauoas e cubertas de palha de Rozoada altura e todas em huã soo casa sem nenhuum Repartimento tÿnham de dentro muitos esteos e d esteo a esteo huã Rede atada pelos cabos em cada esteo altas em que dormiam e debaixo pera se aquentarem faziam seus fogos e tÿnha cada casa duas portas pequenas huuã em hum cabo e outra no outro. e deziam que em cada casa se colhiam xxx ou R¹ pesoas e que asy os achauam e que lhes dauam de comer daquela vianda que eles tynham. s. muito inhame e outras sementes que na terra ha que eles comem. e como foy tarde fizeram nos logo todos tornar e nom quiseram que la ficasse nenhuum e ainda segundo eles deziam queriam se vÿr com eles. / Resgataram la por cascaues e por outras cousinhas de pouco ualor que leuauam papagayos vermelhos muito grandes e fremosos. e dous verdes pequeninos e carapuças de penas verdes e hum pano de penas de muitas cores maneira de tecido asaz fremoso segundo vosa alteza todas estas cousas vera porque o capitam volas ha de mamdar segundo ele dise. e com isto vieram. e nos tornamos aas naaos.

aa terça feira depois de comer fomos em terra dar guarda de lenha e lauar Roupa. / estauam na praya quando chegamos obra de lx ou lxx sem arcos e sem nada. / tamto que chegamos vieram se logo pera nos sem se esquiarem / e depois acodiram muitos que seriam bem II² todos sem arcos. / e mesturaram se todos

¹ Quarenta.

² Duzentos

27 de Abri

28 de Abril

tanto com nosco que nos ajudauam deles a acaretar lenha e meter nos batees e luitauam com os nosos e tomauam muito prazer. / E emquanto nos faziamos a lenha. faziam dous carpenteiros huia grande cruz d huum pao que se otem pera ysso cortou / muitos deles vynham aly estar com os carpenteiros e creio que o faziam mais por veerem a faramenta de ferro com que a faziam que por veerem a cruz por que eles nom teem cousa que de fero seja e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em huum pao antre duas talas muy bem atadas e per tal maneira que andam fortes segumdo os homees que otem a suas casas deziam porque lhas viram la. / era ja a comuersaçam deles com nosco tanta que casy nos toruauam ao que aviamos de fazer. / E o capitam mandou a dous degradados e a diogo dyz que fosem la a aldeia e a outras se ouuesem delas nouas e que em toda maneira nom se viesem a dormir as naaos. ainda que os eles mandasem e asy se foram. / em quanto andauamos neesa mata a cortar a lenha atrauesauam alguis papagayos per esas aruores deles verdes e outros pardos grandes e pequenos de maneira que me parece que a vera neesta terra muitos pero eu nom veria mais que ataa ix ou x. outras aues entam nom vimos somente alguuas ponbas seixas e pareceram me mayores em boa cantidade ca as de portugal alguis deziam que viram Rolas mas eu nom as vy mas segumdo os aruoredos sam muy muitos e grandes e d infimdas maneiras nom douido que per ese sartaão ajam muitas aues. E acerqua da noute nos voluemos pera as naaos com nossa lenha. / eu creio S.^{or} que nom dey ainda aquy conta a vosa alteza da feiçam de seus arcos e seetas // os arcos sam pretos e compridos e as seetas compridas e os feros delas de canas aparadas segumdo vosa alteza vera per alguus que creio que o capitam a ela ha d emuiar.

29 de Abril

aa quarta feira nom fomos em terra porque o capitam andou todo o dia no nauio dos mantimentos a despejalo e fazer leuar aas naaos isso cada huia podia leuar. / eles acodiram aa praya muitos segumdo das naaos vimos que seuiam obra de iij^o ¹ segundo sancho de toar que la foy dise. / diego dyz e afonso Ribeiro o degradado a que o capitam otem mandou que em toda maneira la dormisem volueranse ja de noute por eles nom quererem que la dormisem e troueram papagayos verdes e outras aues pretas casy coma pegas se nom quanto tiinham o bico bramco e os Rabos curtos. e quando se sancho de toar Recolheo aa naao querian se viir com ele alguis mas ele nom quis se nom dous mancebos despostos e homees de prol / mandou os esa noute muy bem pemsar e curar e comeram toda vianda que lhes deram e mandou lhes fazer cama de lençooes segundo ele dise e dormiram e folgaram aquela noute e asy nom foy mais este dia que pera spreuer seja.

30 de Abril

aa quinta feira deradeiro d abril comemos logo casy pola manhaã e fomos em terra por mais lenha e agoa e em querendo o capitam sair desta naao chegou sancho de toar com seus dous ospedes e por ele nom teer ainda comido poseran lhe toalhas e veio lhe vianda e comeo / os ospedes asentaram nos em senhas cadeiras e de todo o que lhes deram comeram muy bem especialmente lacam cozido frio e aRoz. nom lhes deram vinho por sancho de toar dizer que o nom bebiam bem. / acabado o comer metemo nos todos no batel e eles com nosco. / deu huum gromete a huum deles huia armadura grande de porco montes bem Reuolta e tanto que a tomou meteo a logo no beicho e por que se lhe nom queria teer. deram lhe huia pequena de cera vermelha e ele corejeio lhe de tras seu aderemço pera se teer e meteo a no beicho asy Reuolta pera cima e viinha tam contente com ela como se teuera huia grande joya. / e tanto que saymos em terra foi se logo com ela que nom pareceo hy mais. / andariam na praya quando saymos biiij ou x deles e d hy a pouco comecaram de viir. e parece me que viinriam este dia aa praya iitj^o ou iijel³. traziam alguis deles arcos e seetas e todolos deram por carapuças e por quall quer cousa que lhes davam. comiam com nosco do que lhes dauamos e bebiam alguis deles vinho e outros o nom podiam beber mas parece me que se lho avezarem que o beberam de boa vomtade. / andauam todos tam despostos e

¹ Trezentos.² 400 ou 450.

tam bem feitos e galantes com suas tinturas que pareciam bem. / acaretavam dessa lenha quanta podiam com muy boas uontades e leuauam na aos batees e andauam ja mais mansos e seguros antre nos do que nos andauamos antreles. / foy o capitam com alguus de nos hum pedaço per este aruoredado ataa huãa Ribeira grande e de muita agoa que a noso parecer era esta meesma que vem teer aa praya em que nos tomamos agoa. / aly jouemos hum pedaço bebendo e folgando ao longo dela antrese aruoredado que he tanto e tamanho e tam basto e de tantas prumajeës que lhe nom pode homem dar comto; ha antrele muitas palmas de que colhemos muitos e boos palmitos. / quando saymos do batel dise o capitam que seria boos hirmos dereitos aa cruz que estaua emcostada a huãa aruore junto com o Rio pera se poer de manhaã que he sexta feira e que nos posemos todos em giolhos e a beijasemos pera eles veerem ho acatamento que lhe tiinhamos. e asy o fezemos. / E eses x ou xii que hy estauam acenaram lhes que fezesem asy e foram logo todos beijala. / pareceme jemte de tal inocencia que se os homem emtendese e eles a nos. que seriam logo xpaãos¹ porque eles nom teem nem emtendem em nenhuãa creemça segumdo parece. E por tamto se os degradados que aqui am de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem. / nom douido segundo a santa tençam de vosa alteza fazerem se xpaãos e creerem na nossa samta fee. aa qual praza a nosso Snõr que os traga porque certo esta jente he boa e de boa siinprezidade, e enpremar se a ligeiramente neeles qualquer crunho que lhes quizerem dar e logo lhes nosso S.^{or} deu boos corpos e boos Rostros coma a boos homeës. e ele que nos pera aquy trouue creo que nom foy sem causa. e por tanto vosa alteza pois tamto deseja acrecentar na santa fe catolica. deue emtender em sua saluaçam e prazera a deus que com pouco trabalho sera asy. eles nom lauram nem criam nem ha aquy boy nem vaca nem cabra nem ovelha nem galinha nem outra nenhuãa alimarea que costumada seja ao viuer dos homeës nem comem se nom dese inhame que aquy ha muito e dessa semente e fruitos que a tera e as aruores de sy lançam. e com isto andam taaes e tam Rijos e tam nedeos que o nom somo nos tamto com quanto trigo e legumes comemos. / em quanto aly este dia amdaram senpre ao soom d hum tanbory nosso dançaram e bailharam com os nosos / em maneira que sam muito mais nosos amigos que nos seus. / se lhes homem acenaua se queriam viir aas naaos fazian se logo prestes pera isso em tal maneira que se os homem todos quisera conuidar / todos vieram. porem nom trouemos esta noute aas naaos senom iiii ou b. s. o capitam moor dous e simam de miranda hum que trazia ja por paje e airez gomez outro asy paje. / os que o capitam trouue era hum deles hum dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe troueram. o qual veo oje aquy vestido na sua camisa e com ele hum seu irmaão os quaaes fo.am esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como de cama de colchooës e lençooes polos mais amansar.

E oje que he sexta feira primeiro dia de mayo pola manhaã saymos em terra com nossa bandeira e fomos desenbarcar acima do Rio contra o sul onde nos pareceo que seria melhor chantar a cruz pera seer melhor vista. e aly asiinou o capitam onde fezesem a coua pera a chantar. E em quanto a ficaram fazendo. / ele com todos nos outros fomos pola ✕ abaixo do Rio onde ela estaua. / trouuemola d aly com eses Relegiosos e sacerdotes diante cantando maneira de precisam. / heram ja hy elguus deles obra de lxx ou lxxx e quando nos asy viram viir alguus deles se foram meter debaixo dela ajudar nos. / pasamol o Rio ao lomgo da praya e fomol a poer onde avia de seer que sera do Rio obra de dous tiros de beesta. / aly andando nisto viinriam bem cl ou mais. / chentada a cruz com as armas e deuisa de vosa alteza que lhe primeiro pregaram. armaram altar ao pee dela. / aly dise misa o padre frey amrique a qual foy cantada e ofeciada per eses ja ditos. / aly esteueram com nosco a ela obra de l ou lx deles asentados todos em giolhos asy coma nos e quando veo ao avanjelho que nos erguemos todos em pee com as maãos leuantadas. eles se leuantaram com nosco e alçaram as

1 de Maio

¹ Christaos.

mãos. estando asy ataa seer acabado. e entam tornaran se a asentar coma nos. E quando leuantarom a deos que nos posemos em giolhos. eles se poseram todos asy coma nos estauamos com as mãos leuantadas. e em tal maneira asesegados que certefico a vosa alteza qve nos fez muita deuaçom./ esteueram asy com nosco ataa acabada a comunham. E depois da comunham comungaram eses Relegiosos e sacerdotes e o capitam com alguûs de nos outros./ alguûs deles por o sol seer grande em nos estando comungando aleuantarom se e outros esteueram e ficarom./ huum deles homem de l ou lb anos ficou aly com aqueles que ficaram./ aquele em nos asy estamdo ajumtaua aqueles que aly ficaram e aimda chamaua outros./ este andando asy antr eles falando lhes acenou com o dedo pera o altar e depois mostrou o dedo pera o ceo como que lhes dizia alguûa cousa de bem e nos asy o tomamos./ acabada a missa tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alua e asy se sobio junto com ho altar em huûa cadeira e aly nos preegou do auangelho e dos apostolos cujo dia oje he trautando em fim de preegaçom deste voso proseguimento tam santo e vertuoso. que nos causou mais deuaçom./ eses que aa preegaçom senpre esteueram estauam asy coma nos olhando pera ele./ e aquele que digo. chamaua alguûs que viesem pera aly./ alguûs viinham a outros hiam se e acabada a preegaçom. trazia nicolaa coelho muitas cruces d estanho com cruçufiços que lhe ficarom aimda da outra viinda, e ouueram por bem que lançasem a cada huum sua ao pesçoço./ pola qual cousa se asentou o padre frey anrique ao pee da cruz e aly a huum e huum lançaua sua atada em huum fio ao pesçoço fazendo lha primeiro beijar e aleuantar as mãos. / Vinham a isso muitos e lançaram nas todas. que seriam obra de R¹ ou L. / e isto acabado era ja bem huûa ora depois do meo dia./ viemos aas naas a comer omde o capitam trouue comsigo aquele meesimo que fez aos outros aquela mostramça pera o altar e pera o ceo e huum seu irmão com elle ao qual fez muita homra e deu lhe huûa camisa mourisca. e ao outro huûa camisa destoutras. / E segundo ô que a mym e a todos pareceo. esta jemte nom lhes falece outra cousa pera seer toda xpaã² ca entemderem nos./ porque asy tomauam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos per onde pareceo a todos que nenhuûa idolatria nem adoraçom teem./ E bem creo que se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande que todos eram tornados ao desejo de vosa alteza./ e pera isso se alguem vier nom leixe logo de viir clerigo pera os bautizar por que ja emtam teeram mais conhecimento de nossa fe pelos dous degradados que aquy antr eles ficam os quaaes ambos oje tambem comungaram./ antr todos estes que oje vieram nom veo mais que huûa molher moça a qual esteue senpre aa missa. aa qual deram huum pano com que se cobrise e poseram l ho d aRedor de sy/ pero ao asentar nom fazia memorea de o muito estender pera se cobrir./ asy S.^{or} que a inocencia desta jemte he tal que a d adam nom seria mais quanta em vergonha/ ora veja vosa alteza quem em tal inocencia viue. ensinamdo lhes o que pera sua saluaçom perteece. se se conuerteram ou nom./ acabado isto / fomos asy perante eles beijar a cruz e espedimo nos e viemos comer.

creo Snôr que com estes dous degradados que aquy ficam / ficam mais dous grometes que esta noute se saíram desta naao no esquife em terra fogidos./ os quaaes nom vieram mais e creemcs que ficaram aquy por que de manhaã prazendo a deos fazemos d aquy nosa partida.

Esta terra S.^{or} me parece que da pomta que mais contra o sul vimos ataa outra ponta que contra o norte vem de que nos deste porto ouuemos vista. / sera tamanha que auera neela bem xx ou xxb legoas per costa. / traz ao longo do mar em algûas partes grandes bareiras delas vermelhas e delas bramcas e a terra per cima toda chaã e muito chea de grandes aruoredos. / de pomta a pomta he toda praya parma muito chaã e muito fremosa. / pelo sertoão nos pareceo do mar muito grande porque a estender olhos nom podiamos veer se nom tera e aruoredos que nos parecia muy longa tera. / neela ata agora nom podemos saber que aja

¹ Quarenta.

² Christãa.

ouro nem prata nem nenhuma cousa de metal nem de fero. nem lho vimos. / pero a terra em sy he de muito boos aares asy frios e tenperados coma os d antre doiro e minho por que neste tenpo d agora asy os achauamos coma os dela / agoas sam muitas imfindas. E em tal maneira he graciosa que querendo a aproueitar dar se a neela tudo per bem das agoas que tem. / pero o melhor fruto que neela se pode fazer me parece que sera saluar esta jemte e esta deue seer a principal semente que vosa alteza em ela deue lamçar. / E que hy nom ouesse mais ca teer aquy esta pousada pera esta nauegaçom de calecut / abastaria / quanto mais desposiçam pera se neela conprir e fazer o que vosa alteza tamto deseja. s. acrecentamento da nosa santa fe.

E neesta maneira S.^{or} dou aquy a vosa alteza do que neesta vosa terra vy e se algum pouco alomguey. ela me perdoe /. ca o desejo que tiinha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo. E pois que Snör he certo que asy neeste careguo que leuo como em outra qualquer cousa que de voso seruiço for uosa alteza ha de seer de mym muito bem seruida. / a ela peço que por me fazer singular mercee mande viir da ilha de sam thomee jorje de soiro meu jenrro. o que dela Receberey em muita mercee. / beijo as mãos de vosa alteza. / deste porto seguro da vosa ilha da vera cruz oje sexta feira primeiro dia de mayo de 1500.

pero uaaaz de caminha.

Sobrescrito: A el Rey noso Snör. — *Arch. da T. do T. Gav. 8.^a Maç. 2.^o N.^o 8.*

Barão de Santo Angelo Consul Geral do Brasil em Portugal e Dominios & & &

Reconheço authentica esta copia da carta de Pero Alves digo de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manoel sobre a descoberta do Brasil, escripta pelo Sñr. João Pedro da Costa Bastos, Official maior da Real Torre do Tombo.

E para que conste mandei passar a presente que assignei e fiz sellar com o Sello das Imperiaes Armas deste Consulado Geral.

Lisbôa 12 de Dezembro de 1876.

(Assignado) — Barão de Santo Angelo

Consul Geral.

(Estava o sello das Armas Imperiaes e em baixo a palavra — *Gratis* —)

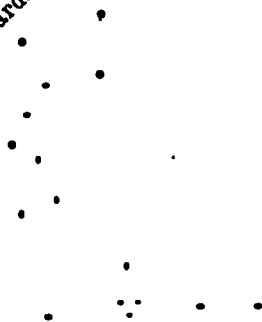
IV

CARTA DE MESTRE JOÃO A D. MANOEL

SEÑOR

o bacherel me^{te} Johã fisico e cerurgyano de vosa alteza beso vosas reales manos. Senor por que de todo lo aca pasado largamente escriuierõ a vosa alteza asy arias correa como todos los otros, sola mente escreuire dos puntos Senor ayer segunda feria que fueron 27 de abril descendimos en terra yo e el pyloto do capitán moor e el pyloto de Sancho de touar e tomamos el altura del sol al medio dya e fallamos 56 grados e la sonbra era septentrional por lo ql segund las reglas del estrolabio jugamos ser afastados de la equinoçial por 17 grados, e por cõsyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados, segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno, por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adelante de mi en tanto que pero escobar va adelante 150 leguas e otros mas e otros menos: pero quien dise la verdad non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas cierto ellos con la carta, o yo con la carta e con el estrolabio: quanto Senor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un mapamundi que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel mapamundi non certyfica esta terra ser habytada, o no: es mapamundi antiguo e ally fallara vosa alteza escrita tan byen la mina: ayer casy entendimos per asenos que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadias a pelear con ellos e los lleuan catiuos: quanto Senor al otro punto sabra vosa alteza que çerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podido pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tan byen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninguna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me parece ser imposible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el nauio enbalance se yerran quatro, o cinco grados, de guisa que se non puede fazer synon en terra, e otro tanto casy digo de las tablas de la India que se non pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que si vosa alteza supyese como desconcertauan todos en las pulgadas reyrya dello mas que del estrolabio porque desde lisboa ate as canarias unos de otros desconcertauan en muchas pulgadas que unos desian mas que otros tres e quatro pulgadas, e otro tanto desde las canarias ate as yslas de cabo verde, e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jugauan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parecia que avyan andado

las guardas



la bosya el polo antartyco

que non el camino por las pulgadas: tornando Senor al proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en deredor sobre el horizonte, e aun esto dudoso que non se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas principalmente las de la crus son grandes casy como las del carro, e la estrella del polo antartyco, o sul es pequena como la del norte e muy clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena: non quiero mas alargar por non ynportunar a vosa alteza, saluo que quedo rogando a noso Senor ihesu christo la la vyda e estado de vosa alteza acresciente como vosa al-

teza desea. Fecha en uera crus a primero de maio de 500. pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante nin con otro ningud estrumento. do criado de vosa alteza e voso leal servidor

Johannes

artium et medicine bachalarius¹

¹ Arch. Nac. da Torre do Tombo, Corpo chron. part. 3^a maç. 2, doc. n. 2.

V

NARRATIVA DE MATTEO CRETICO

In l'anno. 1500. mandò el serenissimo re de Portugal, don Emanuel, una sua armata de nave et navili per la parte de India cum. 12. nave et navili, capitano general Pedro Aliares Cambrale filio de Algos. partino et ben apparecchiati et in ordine de ogni cosa necessaria che fosse per uno anno et mezo: de le qual nave. X. andasse a Colochut et le altre do per la altra via in loco chiamato Zaffalla, per voler contractar marchadantia: el quale loco de Zaffalla trovase esser in lo camino de Colochut, et cosi le altre. X. nave levasse merchadantia per dicto viazo de Colochut. et adi. 8. de marzo fono preste, et fo el di de domenega. andarono lonzi da questa città do milia in uno locho chiamato Rastello, dove è una chiesa chiamata santa Maria de Belem, et la serenità de la maestà del re fo lui proprio in persona in quel loco a consignar al capitano el standardo real per la dicta armada. et adi. 9. de marzo, el zorno de luni, parti dicta armada cum bon tempo per seguir suo viazo: et adi. 14. dicto passò la dicta armada per la insula de Canaria: et adi. 22. passò per la insula de Capo Verde: et adi. 23. dicto se parti del dicto loco una de le predicate nave de epsa armata, de la qual mai se ha sentito novella alcuna fin al presente. et adi. 24. d'aprile, che fo el mercordi in la octava de Passione, hebe la dicta armata vista de una terra che ne hebe grandissimo piacer, et arrivòno a terra per voler intender che terra la fosse: la qual trovò esser molto habundante d'arbori e gente che caminavano per lo lito marino; et sorseno in bocha de uno fiume piccolo, et el capitano fece butar in mar uno batello et mandòlo a veder che gente erano quelle. trovarono che erano gente de color pardo tra el bianco e nero; e homini disposti cum capelli longi, vano nudi como nasceno, senza alcuna vergogna, et cadauno de loro porta uno suo arco cum preze, come homini che stavano in defension del dicto fiume; et in la dicta armada non vi era alcun che intendesse sua lingua: et visto cosi, el batello ritornò al capitano, et in questo instante fece nocte. in la qual nocte fece gran fortuna, et el di sequente la mattina si levò, cum gran temporal, la dicta armada correndo a costa per tramontana, el vento era da sirocho, per veder se trovassino alcun porto da ridurre et sorzer in quello. finalmente ne trovaron uno, donde sorseno, et trovòno questi homini medesmi che andavano in loro barchete pescando; et foli mandato uno batello, et preseno do de quelli homini, et conducti avanti del capitano per saper che gente erano, fece alto che non se intendevano per favella nè per cegni, e quella nocte el capitano li retenne apresso de lui, et el di sequente li mandò in terra cum una camisa et uno vestido et una bereta rossa; per le qual vestimente restarono molto contenti, maravigliati de le cose che li forono mostrate. in quello di medesimo, che era la octava de Passione, adi. 26. de april, determinò el capitano mazor de aldir messa et mandò a drizar una tenda in quella spiazza, soto la qual tenda fo drizato uno altare, et tute le zente de l'armada andorono aldir messa et la predica, donde si trovaron molti de quelli homini balando et cantando cum soi corni; e subito come fu compita la messa tuti ritornorono a nave, e quelli homini de quella terra intravano in lo mar fino sotto i brazì, cantando e prendendo piacere e festa. et dapoi disnar el capitano tornò in terra, le gente de l'armata piliando solazo et piacere cum quelli homini de la terra, et cominzarono cum quelli a contractar de l'armata, et davano de soi archi et frize per sonagle et sfogli de carta et pezi di pano, et tuto quel zorno piliorono piacere cum esso loro, et trovarono in quel loco uno fiume de aqua dolce, et tardi tornorono tuti a nave, et l'altro zorno determinò el capitano mazor de tuor aqua et legne, et le zente de

l'armata forono in terra, et quelli homini vegnivano aiutar a far la dicta aqua et legne; et alcuni di nostri andòno a la terra dove habitavano quelli homini, che era luntan de la marina. 3. milia, e baratòno papagalli et una radice chiamata igname, che è el pan loro che manzeno, et archi; et quelli dela armata li davano sonagli et fogli de carta in pagamento. in lo qual loco stettesemo. 4. in 6. zorni. el modo de queste gente, sono homini pardi, vano nudi senza vergogna, hano capelli longi, portano le barbe pelate et li palpieri de li ochii et sopracilia de pente, come figure, de colori bianchi, neri, azuri et rossi, portano le labra de la bocha, zoè quelle da basso, forate, et ne li busi pongono uno osso bianco grande come chiodo, et altro portano una pietra azura et verde, et subiano per li dicti busi. le done vano nude et simile senza vergogna, et suno done belle de corpo cum li capelli longi; et le sue case sono de legname coperte de folie et rane de arbori, cum molte colone de legni in mezo de dicte case; a le dicte colone al muro meteno una rete de bombaso apichata tanto che staga un homo fra una reta et l'altra. fano uno focho in modo che in una sola casa starano. 40 et 50. leti, armati a modo de telari in questa terra non vedesemo niun ferro nè mancho altro metallo, et le legne tagliano cum pietri. ne son molti ocelli de molte sorte, et specialmente de papagalli de molti colori. fra iquali n'è di grandi come una galina, et altri ucelli molti belli, de le piume de quali fano capelli et berete che portano. la terra è molto habondante de arbori et molte aque e meglio e legne e bombaso. in questo loco non velessimo animale de quatro piè nissuno. la terra granda, non intendesemo se la era isola over terra ferma, ma indicassemo per la sua grandeza sia terra ferma, la qual ha bonissimo aere. questi homini hano rete et sono gran peschatori. ne pigliano de molte sorte, in fra li qual ne vedesimo uno grande come una bota et più longo et tondo, et tegniva el corpo come uno porcho, li ochi piccoli, non haveva denti, haveva rechie longe uno brazo et large mezo brazo, da basso del corpo haveva. 2. busi et, la coda era longa un brazo et altrettanto larga, non haveva pedi, in alcuni lochi era peloso como uno porcho, el cuoro era grosso uno dedo, la sua carne biancha et quella come de porcho. in questi zorni che stesemo qui, terminò el capitano de far intender a questo serenissimo re la trovata di questa terra et de lassarin essa do homini banditi indicati a morte, che erano ne l'armata a tal effecto. et subito el capitano spazò uno navilio che l'aveva cum lui cum victuarie oltra le XII. nave sopradicte, et per quello mandò lettere a sua maestà cum avisation de quanto l'haveva visto et discoperto. et spazato el dicto navilio, el capitano smontò in terra, fece piantar in terra una gran croce di legno; et havendo lassato li do homini banditi, come sedice di sopra, li qual se messeno a pianzer crudelmente, et quelli homini de quella terra li confortavano, dimonstrando haver gran pietà. et adi. 2. de mazo del dicto millesimo la dicta armada fece vela per andar a la volta del cavo Bona Speranza, el qual camino saria de colfo de mare. 1200. lige, che è 4. milia per liga; et adi. 12. del dicto mese, andando a nostro camin, ne aparse una cometa verso la parte de Arabia cum uno razo molto longo, la qual parse de continuo. 8. o. 10. nocte. et adi. 24. el zorno de la domenega andando tuta l'armata zonta cum bon vento, cum le vele a mezo arboro senza boneta, per rispetto de una pioza che havessimo el zorno avanti, sopragouse uno vento tanto forte per davanti e tanto subito che mai se ne avedesemo, se non quando le vele forono traversate e l'alboro; et in quel instante se perseno. 4. nave cum tute le zente senza poterli dar alcun socorso; et le altre sette che scampono stetono a pericolo de perderse. piliassemo el vento in pope cum li arbori et vele rote, ei a Dio misericordia andassemo tutto quel zorno; el mar sgonfiò per tal modo che pareva che andasseno le cielli sopra denui; el vento de subito se cambiò, ancora che era tanta fortuna che non havevamo ardir de dar de vele al vento....

Giongemo al cavo de Bona Speranza; el di de Pasqua florida ne dete bon tempo cum lo quale attraversamo et vegnimo a la prima terra. gionti a Cavoverde e Besamche, de li se trovamo cum 3. navilie che el nostro re de Portugallo mandava a discoprire la terra nova cho mui havevemo trovata quando andavemo a

Calicut, et cosi ne dete nova de una nave che perdemo de vista quando andamo, et la quale fo a la bocha de lo streto de la Mecha e stete a una citate adonde li tolseno el batello cum tutta gente que haveva dentro, si che veniva la nave solamente cum sei homini, la mazor parte amalati, e non beveveno se non aqua che recollevano in la nave quando pioveva; et cosi ne vegnimo, e agiongiamo in questa citade de Lisboa in la fin de julio.



N. B. — As duas partes complementares d'esta Memoria virão em volumes subsequentes.

II

A RELIGIÃO. ORDENS RELIGIOSAS. INSTITUIÇÕES PIAS
E BENEFICENTES NO BRASIL

MEMORIA

PELO

PADRE JULIO MARIA

DOUTOR EM DIREITO, MISSIONARIO APOSTOLICO, MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL



INTRODUCCÃO

A Religião, no Brasil, pôde ser considerada em trez periodos bem distinctamente caracterizados: o periodo colonial, o do imperio, e o republicano.

No primeiro, a Religião e o descobrimento das terras brasileiras se confundem num só facto historico; e a *primeira missa*, a *posse divina*, o *Jesuita* são os trez mais bellos episodios do drama grandioso que o Christianismo veiu representar neste scenario americano.

No periodo monarchico, a Religião não pôde ser considerada pelo historiador sem que ao lado do profundo sentimento catholico que anima o povo e do prestigio que ella tem para as massas, se mostrem bem salientes estes factos: o regalismo, o enfraquecimento das ordens religiosas, o desprestigio do clero, a reacção energica, mas ephemera, do Episcopado e do elemento catholico contra as usurpações do poder publico, o racionalismo ou o scepticismo das classes dirigentes.

No periodo republicano, separada a Egreja do Estado, a Religião tem no Brasil uma nova e tão energica affirmacção, que não é licito apontar, como farei, os erros e os excessos dos legisladores republicanos, sem reconhecer, ao mesmo tempo, os proveitos e vantagens que de facto implicou para o Brasil o novo regimen.

O que penso e sinto, sem temor, vou dizer-lo ao meu paiz, nesta *Memoria*, de cuja honrosa incumbencia não me quizeram dispensar aquelles ¹ a quem insistentemente pedi que considerassem no prazo de poucos mezes que me era dado para escreve-la, nas viagens e prégações que eu devia fazer no resto deste anno, na deficiencia, emfim, de minhas habilitações, na impossibilidade de apresentar um trabalho condigno do assumpto tão vasto e complexo de que fui encarregado.

Compensem a lealdade, a franqueza, a exempção de espirito com que vou escrever esta *Memoria* a pequenez e a deficiencia dos

seus desenvolvimentos, que, aliás, mesmo superabundando os recursos que me faltam, não poderiam ultrapassar os limites pre-scriptos aos trabalhos que devem compôr o *Livro do Centenario*.

Num assumpto que se prende a toda a vida politica do paiz, é difficil dizer a verdade sem offender susceptibilidades e contrariar interesses. Estou certo de que, por mais exacta e imparcial que seja a minha narração, não faltarão espiritos que a deturpem ou censurem. Compreendo e relevo as injustiças desses homens que não preferem aos seus interesses pessoaes, ou á humilhação de seu amor proprio o prazer delicadissimo de que podiam ser participantes na averiguação da verdade. Nem por isso, porém, deixarei de ser fiel á minha missão, nem de ser verdadeiro á minha patria, que, sem duvida, eu não honraria omitindo, por condescendencia a pessoas, ou por temor de invectivas, a verdade historica que deve ser a summa desta *Memoria*.

Os homens morrem; os apodos desfazem-se; os interesses, as paixões, as injustiças — tudo isso passa qual um turbilhão. Como a torrente de um rio prosegue, não obstante as gottas d'agua que saltam fóra e ficam á margem; a torrente da historia, isto é, a verdade, deslisa e segue triumphante, máo grado as vozerias que tentam deter-lhe a marcha. Como o rio chega ao oceano, a verdade chega á posteridade.

CAPITULO I -

NO PERIODO COLONIAL

Quando historiadores, chronistas, ou compiladores de factos historicos nos fallam do descobrimento da America, e especialmente do do Brasil como de aventuras felizes de navegadores ou-sados, ou de simples coincidencias e acasos ², sem duvida elles não o fazem com o proposito esclarecido e consciente de negar os principios que regem a sciencia da Historia, e as leis que adaptam o meio, o theatro, o scenario, por assim dizer, do drama humano ao desenvolvimento progressivo, logico, harmonioso e necessario de seus episodios. E' certo, entretanto, que assim descrevendo com tamanho descuido ou indiferença pela sua essencial razão de ser os factos historicos, elles de todo não apprehendem o elemento divino da Historia. Esta, é bem claro, se lhes apresenta como uma simples agglomeração de factos sem coordenação a leis fixas, immutaveis, extranhas e superiores á liberdade humana. E', certo, entretanto, que, como entendia o mais illustre e grave dos contemporaneos que a cultivaram, a Historia é um edificio onde a vontade do homem póde impôr a decoração, mas não determinar as linhas geraes, prescriptas por leis immutaveis. E' certo que a historia não é a chronica, nem a gazeta: é a harmonia do verdadeiro, do bello e do bom; é uma sciencia que, ligando o presente ao passado como o effeito á causa, e os meios ao fim, transporta para a ordem eterna do universo as leis que regem o mundo moral. Dahi é que decorre a necessidade de se exigir da historia a fórmula de seus phenomenos e tambem a necessidade de combinar-se o seu elemento *livre, accidental, humano* com o seu elemento *essencial, immutavel, divino* ³. Sem isso, não se comprehendem os factos; não se determina nem caracteriza nenhum facto, muito menos o facto religioso, isto é, o maior e o mais imponente de todos os factos. Por mais synthetica que deva ser a *Memoria* de que fui encarregado, não posso escreve-la sinão

sob as inspirações desse criterio, sem o qual não comprehendendo que se possa escrever uma memoria historica sobre a Religião no Brasil, onde o inicio e o desenvolvimento de nossa nacionalidade, a formação da patria, as luctas coloniaes, a educação do povo, os usos e costumes — tudo isto está identificado com as crenças religiosas de nossos antepassados. Aliás, o criterio que adopto para descrever o facto religioso no Brasil é o criterio que se impõe a todo escriptor consciencioso; porque, quer se tracte do facto religioso na historia geral do mundo, quer se tracte, como nesta *Memoria*, do facto religioso na historia particular de um povo, o papel do historiador deve ser sempre o mesmo. Elle não pôde impunemente, isto é, sem faltar á verdade, violar as leis divinas da Historia.

Considerando neste trabalho o descobrimento da America um facto providencial, de industria preparado por Deus para compensação e equilibrio das perdas que na Europa o protestantismo acarretou á Igreja; dando a Pedro Alvares Cabral uma missão divina; fazendo, emfim, do Brasil um novo scenario dado ao christianismo, dirão, talvez, que eu faço do *Discurso sobre a Historia Universal*, essa obra prima de Bossuet, o modelo, a regra, o limite dos quadros e narrações da Historia. Respondo que a Historia, mesmo servida pelos processos de Taine, não pôde ser escripta verdadeira e exactamente, amesquinhando-se a amplitude do facto religioso, tão largo, tão vasto, tão complexo, e tão preso tambem aos outros factos que os proprios adversarios da Fé reconhecem a sua supremacia, e o estudo comparado das religiões se tornou, principalmente na Allemanha e na França, um dos grandes objectos de trabalhos scientificos.

Assim devia acontecer; porque não se pôde escrever a historia particular de cada povo sem relaciona-la com a historia geral do mundo, que, maxime no facto religioso, attrahe irresistivelmente todas as historias particulares. Como alguém, ainda mesmo muito mais habilitado do que eu, poderia escrever uma memoria historica sobre a religião no Brasil, segregando o facto christão brasileiro do facto christão que se desenvolveu nos outros paizes, segregando a historia do Brasil da historia geral do mundo?! Duvido que alguém o pudesse fazer; porque eu penso com illustre escriptor contemporaneo que o objecto da Historia não é apenas a serie dos imperios e dynastias; a cadeia das grandes batalhas que têm successivamente mudado a charta do mundo politico; a vida dos grandes capitães dos differentes seculos; as guerras entre os Estados que têm disputado a preponderancia, e em cada Estado as luctas entre os partidos que têm disputado o poder; o progresso

das letras, das artes, das sciencias, da industria e do commercio nas differentes nações ; a condição do direito privado e do direito das gentes nas differentes epochas do mundo. Penso que o objecto da Historia é, além de tudo isso, *o quadro fiel da marcha do genero humano atravez dos seculos*. Esta marcha não consiste sómente no movimento politico, juridico, scientifico, litterario, industrial, artistico das nações ; mas tambem no *movimento geral* que abrange e arrebatá todos esses movimentos interiores dos povos para o *fim*, o destino da humanidade ⁴. Dando, como dou, na historia do Brasil, o primeiro lugar ao catholicismo ; affirmando, como affirmo, que o catholicismo formou a nossa nacionalidade ; pretendendo, como pretendo, que um ideal de patria brasileira sem a fé catholica é um absurdo historico, tanto como uma impossibilidade politica ; entendendo, como entendo, que num paiz que surgiu, cresceu e se desenvolveu á sombra da Cruz, uma democracia anti-religiosa não pôde deixar de ser uma democracia artificial ; emfim, julgando, como julgo, que não se pôde escrever a historia do Brasil sem dar a supremacia ao facto religioso, eu não nego por isso a importancia de seus factos politicos, militares, juridicos, scientificos, artisticos, industriaes. Estabeleço, apenas, uma hierarchia entre os factos. Da mesma sorte que na historia geral do mundo a importancia da historia politica e militar, da historia do direito, da historia das sciencias, das artes e da industria depende principalmente de sua relação com o movimento historico-fundamental da humanidade, o qual não é sinão a historia de nossa origem, de nossa natureza, de nossos destinos divinos ; na historia particular do Brasil a importancia de todos os factos sociaes que foram o desenvolvimento da nacionalidade e constituíram a formação politica do povo depende do facto primeiro e fundamental que se pôde chamar — *o principio de vida do Brasil*.

O que se chama principio de vida de uma nação distingue-se de seus codigos, de suas leis, de suas constituições. Não é nem o seu organismo politico, nem a geographia physica, nem a corrente do sangue e da lingua : é a sua crença, a sua fé, a sua tradição, isso tudo que se pôde chamar — a alma da nação. Si, pois, o laço religioso é a unidade viva, a synthese da vida, o nexó da historia particular de cada povo, da mesma sorte que é o laço, a synthese, o nexó da historia geral do mundo ; esta *Memoria* é, e não pôde deixar de ser, ao mesmo tempo, documento de minhas crenças catholicas e da fé religiosa que fundou o Brasil.

De minhas crenças, porque eu não posso escreve-la sinão com a minha fé, com o meu espirito e o meu coração, com o sentimento profundo das verdades catholicas, pelas quaes, na fraca

medida de minhas forças, desde a juventude, hei combatido na tribuna e na imprensa. Da fé religiosa que fundou o Brasil, porque é impossível escrever a historia do Brasil quebrando a cadeia da tradição, repudiando o sentimento de nossos antepassados, que por toda parte, no alto das montanhas, na cumiada dos edificios, nos templos, nas escholas, nos lares — ergueram o symbolo sagrado do fundador do christianismo. O Brasil é hoje nas suas classes dirigentes, nos seus homens de letras, nos seus estadistas, politicos e parlamentares, nos proprios educadores da mocidade um paiz cheio de preconceitos contra o catholicismo. Que felicidade, si alguém fizesse para a historia do Brasil o que Janssen fez para a historia da Allemanha! Fazendo dos mesmos processos de que usa Taine um auxiliar poderoso da Religião, o auctor da *Historia do povo allemão* foi o restaurador da verdade catholica entenebrecida no seu paiz pelos preconceitos, erros e lendas do protestantismo.

O que Mallinckrodt e Winthorst tinham sido para o movimento politico e social, Janssen foi para o movimento catholico da Allemanha, reivindicando a verdadeira historia, de tal sorte desfigurada e hostil á Egreja, que não se conheciam sinão duas epochas: a anterior e a posterior a Luthero, proclamado libertador dos povos e luz do mundo; não se tinha da Egreja sinão a calumniosa idéa de que ella impedira os desenvolvimentos legitimos da intelligencia; não se tinha da média-edade sinão o falso juizo, tão corrente entre pretensos litteratos, isto é, que ella foi uma epocha de trevas e tyrannia, sem sabios, sem philosophos, sem artistas, de miseria no povo, de embrutecimento nas massas, de dupla oppressão: o despotismo da Egreja e o despotismo feudal. Um critico illustre mostra como foi escrevendo-se a historia do povo allemão sob o poncto de vista catholico que se conseguiu destruir os preconceitos, dissipar as illusões, patentear as falsidades e os erros do racionalismo religioso e politico; mostrar que aquella supposta epocha de ignorancia e obscurantismo foi uma efflorescencia maravilhosa do saber humano, que as escholas foram numerosas; que um sôpro poderoso de fé animou os sabios; que a sciencia não foi apanagio de classes privilegiadas, mas enormemente diffundida na Allemanha; que tambem as artes, architectura, esculptura, pintura, musica se tinham elevado a um grande esplendor; que o trabalho era considerado uma funcção social; que o povo já existia verdadeiramente, exercia direitos, tomava parte na vida publica; que a servidão estava quasi abolida; que, finalmente, si de uma epocha tão grande e tão bella saíu com todas as suas miserias e torpezas, discordias e revoltas o seculo XVI, foi porque a civilização na

média-idade, não obstante os seus esplendores, encobria germens de dissolução. Estes foram os abusos no governo da Igreja, a cobiça de certos monges, a corrupção parcial do clero. Entretanto, contra tudo isso ergueram-se muitos homens zelosos e cheios de fé, sendo que, si não triumphou a legitima reforma desejada pela Igreja, foi porque Lutero fez de sua falsa reforma um instrumento nas mãos de humanistas e revolucionarios, com elles collocou a lucta no terreno politico; se aproveitou das odiosidades que na Allemanha havia contra o Papado, que acreditava-se ter, em proveito da França, enfraquecido a hegemonia allemã; emfim, animando o povo a se levantar contra auctoridade, depressa conseguiu do povo o desprezo do dogma e a corrupção dos costumes⁵.

Um Janssen que reconstruisse a historia do Brasil, sem duvida não teria, para se mover, uma esphera ampla como a do historiador allemão; mas, ainda assim, grande seria a sua gloria, dissipando erros, pulverizando falsidades, corrigindo inexactidões, mostrando como desde seu inicio a nacionalidade brasileira teve como *principio de vida* a Religião, demonstrando que o missionario, na organização social do paiz, competiu com o estadista, com o legislador, e os excedeu; que o Jesuita foi o verdadeiro desbravador do terreno onde só o catholicismo assentou os alicerces fundamentaes da patria futura; que a Igreja, como mãe carinhosa, depois de te-la gerado, acompanhou, nutriu, educou, desde o berço, a joven nação, a qual, só mais tarde, pelo enfraquecimento do espirito religioso, atrophiado por politicos materialistas e educadores scepticos, chegou a esta fraqueza moral dos characteres, a esta lamentavel decadencia dos costumes.

Infelizmente, não temos um Janssen; e os nossos historiadores ou chronistas, como os nossos politicos, são dominados pelos preconceitos contra o catholicismo; preconceitos tão fortes e arraigados que, ainda quando a verdade religiosa se lhes simpõe de modo irresistivel, elles disfarçam, quanto podem, a sua adhesão, e, obrigados a narrar o facto religioso na historia do paiz, não o fazem sem prestar algum preito aos inimigos da Fé.

Si tivessesmos um Janssen para reconstruir a historia do Brasil, não mais veria nos, como hoje acontece, nos compendios chronicas e narrativas historicas, tantas inexactidões a respeito, do Jesuita e sua acção no periodo colonial; não veriamos de envolta com o facto historico tantos erros, mentiras e até invectivas; e os nossos compatriotas que se occupam da historia do Brasil, procura do ensina-la por meio da palavra ou da penna, não iriam beber inspirações em certos escriptores estrangeiros, de todo alheios, não só aos nossos sentimentos de gratidão para com os organizadores

da nacionalidade brasileira, mas também ao espírito christão, que foi a alma, o genio, a inspiração das Missões.

Em alguns desses escriptores o que se vê bem manifesto em relação ao periodo colonial é a falsa apreciação de tudo que o Jesuita fez para defender o indigena contra o colono, que elles, entretanto, compromettem quando pretendem que este se serviu do Jesuita para opprimir o indigena.

E' assim que não se pôde sem displicencia ler certos capitulos de Oliveira Martins, aliás escriptor notavel⁶, occupando-se de nossa historia no periodo colonial, dos Jesuitas das Missões. Em tal escriptor são transparentes os preconceitos contra o catholicismo, o espirito de seita, a antipathia pela Companhia, o pezar profundo de que o colono portuguez tivesse como concorrente no solo da nova região o discipulo de Sancto Ignacio de Loyola.

Si se tractasse nesta *Memoria* de reconhecer o talento, a erudição, o estylo do publicista portuguez, não lhe seria regateado o devido elogio, mas o que á *Memoria* importa é só e tão sómente a bitola pela qual elle méde o nosso periodo colonial, isto é, os delineamentos de nossa civilização. Ora, essa bitola é estreita, mesquinha, falsa; de todo se não ajusta á verdade historica, completamente desfigurada nos trabalhos de Oliveira Martins, que não pôde sem desprazer encontrar o elemento catholico nas primeiras camadas de nossa formação nacional.

Felizmente as contradicções do proprio escriptor são um dos melhores testemunhos da verdade historica. Em certas paginas nos diz Oliveira Martins que o aldeamento dos indios na America só se distinguiu da escravidão secular em ser uma fôrma mais benigna e intelligente de exploração; que as missões jesuiticas eram complicadas pelo plano que os discipulos de Loyola tinham de dominar o mundo não só com as armas espirituaes, mas também com os instrumentos mundanos — riqueza, intriga, força; que evidentemente queriam crear estados ou nações jesuiticas, provocando assim conflictos com a auctoridade civil; que exigiam para as suas fazendas e aldeias todos os indios, creando assim uma guerra constante com os demais colonos, que, á falta de braços, iam á caça ao sertão; que a barbaria e a crueldade dos capitães e colonos não eram sinão a necessidade da defesa; que si as homilias jesuiticas mais tarde condemnaram o mau tracto dos indios, é certo que a principio a guerra e a escravização se lhes affiguraram pura de todo peccado; que Nobrega e Anchieta, e os fundadores das missões do Brasil, cooperaram com os capitães nas guerras contra os indigenas, em vez de

defenderem os índios contra os capitães; que os Jesuitas entendiam que só á força se podia converter o selvagem; que as bandeiras do resgate do sertão iam salvar os prisioneiros das guerras intestinas da anthropophagia e da perdição eterna; que os primeiros Jesuitas se propuzeram domar os selvagens como se faz ás feras cuja domesticação Nobrega e Anchieta bem comprehendiam, auxiliando os colonos a submeterem as tribus sublevadas; que taes educadores, formados na ideia de que o homem é um ser passivo e como que abstracto, variavam seus processos, mas sempre com o mesmo intuito—fazer da gente selvagem da America, domesticando-a para Jesus, o mesmo que tinham feito da gente culta da Europa; que para esse fim lhes estudavam a lingua, como o arlequim estuda os gestos mudos do animal; os deslumbravam com ceremonias vistosas e utensilios brilhantes do culto; os encantavam com a musica: não sendo a protecção, o amor, a meiguice si não os auxiliares do chicote de ferro do domador⁷.

Eis ahi o que em certas paginas affirma Oliveira Martins que, noutras, menos infiel a verdade historica, reconhece *que não obstante tantos embarços que as missões creavam ao franco desenvolvimento do Brasil; apesar do evidente proposito de o ver transformado num systema de aldeias de índios baptizados e cretinizados, systema dentro do qual não havia lugar para colomzação livre, por ella não poder ter braços que a servissem: apesar da inhospitalidade ao clima e da fereza das tribus indigenas* — a colonia caminhava a passos largos no desenvolvimento da povoação, da riqueza, da exploração interior⁸.

O que o escriptor portuguez chama exploração do selvagem pelo Jesuita é essa mesma catechese dos Nobregas, Anchietas e tantos outros discipulos de Loyola, da qual nos diz aliás insuspeito professor de historia patria: «verdadeiros heroes esses que no Brasil se empregavam na catechese dos indigenas, contrariando as exageradas e criminosas ambições dos colonos, que perseguiam os selvagens e os reduziam á escravidão. Verdadeiros heroes esses que, chegando ao seio das populações embrutecidas, torturados por tantas privações e sacrificios, fundavam escholas e se empenhavam na civilização daquellas por meio da cultura de sua intelligencia. Verdadeiros heroes esses que corajosamente se apresentavam aos festins das tribus agglomeradas em torno dos prisioneiros e salvavam as victimas votadas á anthropophagia⁹.

O que o escriptor portuguez exprobra aos dous chefes fundadores da missão Nobrega e Anchieta, é isso mesmo que se tem chamado o melhor systema de catechese até hoje conhecido¹⁰. O que qualifica de funesto na concorrência do Jesuita com o

colono é terem os missionarios opposto uma barreira ás ambições desmarcadas dos colonos, impedindo a escravização dos indios¹¹. E' não terem sido as doutrinas e vistas dos padres da Companhia de Jesus as mesmas dos colonos, por que, ao passo que estes queriam a escravidão barbara dos indios, elles queriam a catechese e o trabalho do gentio, mas sem o captiveiro¹². Aquillo, finalmente, de que o chronista portuguez se exquece, escrevendo do Brasil no seu periodo colonial, é que, como aos brasileiros não é licito exquecer, tambem a ninguem é licito escurecer as notaveis acções dos Nobregas e Anchieta¹³. Não; não podemos os brasileiros renegar as origens christãs de nossa patria; nem repudiar a obra nacional dos primeiros evangelizadores, cujo combate grandioso nas plagas virgens da nova região basta para mostrar que não foi o acaso a origem do descobrimento do Brasil, cuja historia, como disse na introdução a esta *Memoria*, se abre com os tres grandes episodios que considero os tres factos fundamentaes e essenciaes da Religião no periodo colonial: *a primeira missa, a posse divina, o Jesuita*. É lamentavel, em relação ao descobrimento do Brasil, como li em interessante escripto¹⁴, não ter apparecido um poeta que se lembrasse de perpetuar em sublimes estancias o obscuro encontro dos selvagens desconhecidos com heroes famosos, não ter sido ainda a memoria do primeiro facto da historia do Brasil gravada, como a expedição de Gama, nos altos relevos de um poema. É lamentavel que de tão alto acontecimento, como o primeiro encontro da civilização do mundo antigo com a nova barbaria, só tenhamos a carta de Pero Vaz de Caminha, que é o mais antigo documento da historia do Brasil e que, não só pela ingenuidade do chronista, a minuciosidade da narrativa e a pureza e simplicidade do estylo, mas tambem pela exacta expressão da verdade, nos mostra bem distanciado do prefacio da historia das potencias europeas — *guerra, separação, conquista*, o prefacio da nossa, que foi *o symbolo christão, o sacrificio do Calvario, a paz, o direito, a equidade, a humanidade*.

Bem lamentavel isso, sem duvida; mas quão lamentavel tambem que não apparecesse ainda um grande historiador brasileiro e catholico que fizesse reviver não só os acontecimentos, mas os seus protagonistas! Si não podiam deixar de ser factos grandiosos o primeiro encontro dos descobridores com os selvagens, a collocação da Cruz nas terras virgens da nova região, a tomada de posse do solo em nome de Deus e da nação portugueza, a celebração da missa; que figuras tambem não deviam ser os homens predestinados aos principaes papeis desse drama providencial?! Não; não os podemos considerar sinão como figuras

excepcionaes. Como nos dizem as chronicas, foi no periodo de 22 de abril a 2 de maio que, depois de ancorada a frota em Porto Seguro, se realizaram essas notaveis occurrencias; sendo que a opinião mais acceita, quanto á primeira missa, é que foi celebrada a 26 de abril de 1500 em um ilhéu ou restinga, que se acha á entrada de Porto Seguro, assistindo á solennidade todos os da armada, e, cheios de espanto, muitos filhos da terra que ali vieram ¹⁵. Victor Meirelles desenhou numa tela soberba, cheia de belleza e verdade, este sublime episodio de nossa historia. Quaesquer olhos, por menos acostumados aos primores da arte, facilmente apprehendem na tela do artista brasileiro as magnificencias de nossa natureza, a alegria dos descobridores, o pasmo dos selvicolas, a grandeza da solennidade, a imponente magestade do padre, celebrando no mais formoso e esplendido altar que lhe podia proporcionar a natureza americana, a *primeira missa no Brasil*.

O que, porém, quaesquer olhos não podem apprehender, mas só os olhos de um crente podem discernir é isso que o artista, por maior que fosse o seu talento, não poderia exprimir com a linguagem muda das cores, porque o homem mesmo não o pôde exprimir com a linguagem viva do verbo humano: a divindade do Sancto Sacrificio, a especialidade dessa primeira missa no Brasil, a vocação exepcional do sacerdote predestinado a celebra-la. Foi a Ordem de S. Francisco que teve a gloria de dar esse sacerdote.

Que alma, que espirito, que coração não deviam ser os de frei Henrique de Coimbra! Para que a graça insigne daquelle d'a lhe fosse concedida, quantos dons, quantos favores e beneficios divinos lhe foram preliminar e preparatoriamente concedidos! E' licito pensar que Deus o tivesse creado principalmente para aquelle momento; que sua missão especial tenha sido essa; que todos os outros factos de sua vida fossem simples incidentes, preparando de longe, ou de perto, directa ou indirectamente, esse facto capital; que, emfim, sua vocação tenha sido celebrar a primeira missa no Brasil.

Mas, sendo assim, que figura a de frei Henrique de Coimbra! Mui deficientes as noticias que os escriptores da historia patria nos dão deste sacerdote celebre, de quem Jabotão, em sua tão apreciada Chronica dos padres menores da provincia do Brasil, nos diz que, na obra da propagação da Fé pelas conquistas em que o monarcha portuguez faria concorrer com Cabral e os outros navegantes e os operarios evangelicos, obrou progressos admiraveis, filhos de seu apostolico espirito; e depois de voltar da India,

onde alguns de seus companheiros colheram pelo justo premio de seus trabalhos a corôa do martyrio, foi eleito confessor do rei D. Manoel e bispo de Ceuta, na Africa ¹⁶. Tambem de um *Subsidio Historico* devido á solitudine do Sr. Olavo Martins se verifica: — que frei Henrique, acompanhado de septe religiosos da mesma Ordem á que elle pertencia, embarcou com Cabral, quando este seguia para a conquista das Indias, em 1500; que a frota em que elle ia, composta de 13 náos e 1.200 homens, tomára o rumo das Indias, mas que a Providencia a levára ao descobrimento do Brasil, onde, segundo uns a 24, segundo outros a 25 deste mez, ancorou em Porto Seguro; que, durante a estada em Porto Seguro, tendo chegado a festa da Resurreção, frei Henrique obteve de Cabral que consentisse em que toda a gente saltasse em terra; que, armando um altar portatil, disse o Sancto Sacrificio da Missa, no meio das tripulações dos navios e á vista de uma grande reunião de gentios, que, cheios de admiração, não sabiam dar conta do que aos seus olhos se passava; que, depois da Missa, frei Henrique dirigiu um discurso á tripulação, e, dirigindo-se com acenos e com a vista aos gentios, que o escutavam commovidos de celestial inspiração, distribuiu entre elles alguns insignificantes presentes que os infieis receberam com as maiores provas de satisfação, repetindo a mesma cousa todos os dias até receber ordem de embarque; que os gentios se familiarizaram muito com frei Henrique e os seus companheiros, mostrando-lhes affeição, escutando com toda docilidade as suas palavras, beijando com o maior fervor a sancta cruz, e mostrando as melhores disposições para abraçar o christianismo; que frei Henrique de Coimbra trabalhou para conseguir de Cabral que o deixasse e aos seus companheiros no Brasil, não o conseguindo; que, tendo Cabral levantado ferros para de novo continuar no caminho das Indias, e tomando rumo de leste no intuito de dobrar o cabo da Boa Esperança, em consequencia de uma tempestade que desbaratou a sua expedição, teve de se demorar por alguns tempos em Moçambique, Quilôa e Melinde. Esta contingencia, frei Henrique aproveitou-a para pregar a Fé aos povos destas regiões, não conseguindo, apesar de todo o trabalho que empregou, sinão desprezos, insultos e mesmo o risco que correu de morrer. Tomando novamente a expedição o rumo das Indias, nos poucos dias que se demorou a frota em Anchediva, frei Henrique baptizou 23 pessoas; em Calicut obteve do rei liberdade illimitada para prégar a lei evangelica, sendo innumeradas as conversões que, em união com os seus ermãos, conseguiu ali, onde, graças aos seus discursos um *joghi*, isto é, um sujeito que gozava de grande reputação de virtuoso

e sabio, pediu o baptismo, converteu-se, sendo a sua conversão motivo para que muitos de seus companheiros, depois os *nairis*, isto é, os nobres, e, finalmente, grande multidão de povo fizesse o mesmo. Quando tudo parecia sorrir na nova christandade, um grande numero de gentios, nada menos de 4.000, lançaram-se sobre os Portuguezes, tiraram a vida a muitos delles, assassinaram e esquitejaram barbaramente a trez religiosos e tentaram fazer o mesmo a frei Henrique e a mais quatro religiosos, que ficaram muito maltratados, e só escaparam da morte pela intervenção de Cabral e sua gente. Estes repelliram os gentios e de seus attentados tiraram grande desforra.

Em Cochim, frei Henrique, não querendo tornar-se oneroso a Cabral, esmolava junctamente com os seus ermãos, indo de porta em porta e distribuindo as sobras que recebiam entre os pobres. Os gentios muito admiraram essa conducta de frei Henrique e seus companheiros, e mais ainda do que isso a abnegação com que se comportaram numa epidemia contagiosa que se declarara naquelle reino, não poupando trabalho nem esforço para attender aos pobres infieis, nem descançando noite e dia, servindo aos doentes e até levando os cadaveres sobre seus hombros para lhes dar sepultura. O numero de gentios chegou a ser tão consideravel que frei Henrique julgou opportuno fundar diversas capellas em differentes lugares para que os infieis fossem mais bem attendidos.

Em Vaipen, pouco distante de Cochim, frei Henrique com seus companheiros conseguiu tambem muitas conversões e fundou outra capella. Em 1501 regressou a Lisboa, onde foi recebido pelo rei e a cidade inteira com as maiores demonstrações de regozijo e satisfação. Feita então a el-rei a narração de tudo o que se tinha dado, não permittiu elle a volta de frei Henrique ás Indias, para não se ver assim privado de um subdito que lhe podia ser mui util no governo de seus estados. O rei, para te-lo mais perto de si, nomeou-o seu confessor e lhe confiou diversos negocios, que frei Henrique desempenhou satisfactoriamente. O papa, captivado pela prudencia e sabedoria de frei Henrique, confiou-lhe certos assumptos. Em 1505 frei Henrique foi consagrado bispo de Ceuta, tendo sido antes de tomar posse de sua Sé, enviado á Hespanha, numa commissão do rei de Portugal; melhorou muito a sua diocese; em 1517, a chamado do papa Leão X, foi a Roma para fazer um relatorio juridico sobre a morte de Gonçalo do Vaz, martyrizado na Africa. Depois disso, parece que frei Henrique foi trasladado da sé de Ceuta, pois que em 1528 governava o arcebispado de Lisboa. Morreu em Olivença, no dia 4 de Novembro de 1532, e acha-se sepultado

na igreja da Magdalena ¹⁸. Eis sobre frei Henrique de Coimbra os mais preciosos dados biographicos que até ao presente se tem podido obter e que, como se refere no citado *Subsidio Historico*, de muitas e varias obras foram tirados pelo missionario hespanhol Lerchundi, chefe das missões franciscanas hespanholas em Marrocos.

Pode-se accrescentar que de todos os religiosos que partiram na frota lusitana o superior, não só na auctoridade, mas nos meritos, era frei Henrique de Coimbra; que o celebrante da primeira missa no Brasil era um homem de talento não vulgar; que tinha largado a toga de desembargador da casa da Supplicação em Lisboa pelas asperezas do Instituto, que abraçou no convento de Alenquer, onde seu noviciado foi tão fervoroso que deu logo indicios de virtudes eminentes ¹⁹.

Como não ser assim num padre predestinado a tão alta missão?

Si foi mister ao coração do grande e eterno sacerdote, Jesus-Christo, ser maior e mais vasto do que toda humanidade, para que a todos e a cada um dos homens no passado, no presente e no futuro pudesse abranger num só sacrificio, extensivo nos seus effeitos a todos os povos e a todas as raças; ao coração do sacerdote que celebrou a primeira missa no Brasil era mister, pelo menos, ser maior do que a patria que ia nascer desse Sancto Sacrificio, germen que a continha inteira; ser maior do que todas as almas do Brasil reunidas; era mister que sua alma não só pudesse abranger cada uma das oblações, cada uma das acções de graça devidas a Deus pelas almas que successivamente apparecessem no Brasil, mas tambem cada uma das impetrações, cada uma das satisfações de todas essas almas. Que vasto holocausto! Que immensa immolação! Como comprehende-los no espirito de um sacerdote, cuja alma não fosse capaz de os conter?!

E como não crer que Deus tenha feito para a primeira missa no Brasil um padre especial, um padre que bem se assimilhasse ao grande e verdadeiro padre, Jesus-Christo?!

Não; eu não posso imaginar frei Henrique de Coimbra sinão como um desses poucos eleitos a terem na reproducção do Divino Sacrificio, que todos os padres, é certo, reproduzem na sua integridade e com equal valor, mas com differente intensidade individual, uma graça especial.

Sua missa foi necessariamente, nas plagas virgens da nova região, não só o primeiro, mas o maior e mais vasto de todos os holocaustos offerecidos em prol do Brasil. A nação futura estava ainda no germen que deviam fecundar o suor do apostolo e o sangue do martyr, mas o seu resgate, identificado com o de

Jesus-Christo no Calvario, estava já naquella missa, que aos olhos de Deus, e no coração do sacerdote incluía todos os peccados privados e publicos do Brasil: as iniquidades de seus magistrados; o atheismo politico de seus estadistas; a apostasia de seus governos; o paganismo de suas escholae; a irreligião practica de seus lares; a impiedade de seus parlamentos; as torpezas de sua litteratura; o materialismo de seus jornaes; a ignorancia religiosa de seus mestres; a apathia e os sacrilegios de seus padres; as crueldades da escravidão; a oppressão da Egreja e de seus bispos; todos os erros politicos da Monarchia; todos os erros religiosos da Republica.

Eu imagino que, qual outro Henrique Suso, o bemaventurado que, rezando um dia o *Prefacio* esse cantico sublime do Sancto Sacrificio, que se pôde chamar o cantico da criação, contemplou, num extasi, ao redor de si, envolvendo o altar, todas as creaturas de que o Omnipotente povoou o céu, a terra, os elementos, os anjos do céu, os animaes das florestas, os habitantes das aguas, as plantas da terra, a arêa do mar, os atomos que volteiam no ar aos raios do sol, os focos de neve, as gottas da chuva e as perolas do orvalho — convidava, excitava todas as creaturas, no meio das quaes elle sentia-se como que o chefe de uma immensa orchestra, a cantarem alegremente pela sua bocca: *sursum corda; habemus ad Dominum; gratias agamus Domino Deo nostro*²⁰; eu imagino, digo, que frei Henrique, ao celebrar a primeira missa no Brasil, contemplou em espirito, e como que viu presentes, ao seu lado, erguendo com elle no *Prefacio* seus canticos de acção de graças ao Deus Omnipotente — não só as arvores e as flores, os bosques e os campos, as aves, os peixes e os animaes, as cascatas, as montanhas, os rios, as praias, a flora e a fauna, o céu, a atmosphaera, todos os elementos, multiformes, variados, da mais opulenta de todas as regiões do mundo — a região brasileira; mas tambem que, no cantico sublime, elle cantou o hymno de cada uma das almas, exprimiu o louvor de cada um dos corações do Brasil.

Eu imagino isso; mas imagino tambem que a impetração deve ter envolvido todas as nossas necessidades nacionaes; e a satisfação desse primeiro Sacrificio nas plagas brasileiras deve ter sido o holocausto de todos os peccados de nossa patria! E' assim que eu comprehendo, em minha crença catholica e em minha alma de padre a *primeira missa no Brasil*. Foi assim que num momento solenne²¹, eu a descrevi, considerando essa primeira missa o acto inicial da nossa nacionalidade; louvando á commissão a idéa grandiosa de commemorar a descoberta do Brasil com a celebração de uma missa, na qual, disse eu do pulpito, todos os catholicos deviam ver a reproducção exacta dessa outra, de cujo celebrante

as intenções não podiam, não deviam ter sido sinão as mesmas com que eu convidava todo o vasto auditorio que me ouvia, a meditar este texto, que foi o do meu sermão, e com o qual demonstrei que Jesus Christo foi constituido dono de todas as nações: *dabo tibi gentes hereditatem tuam*.

A commemoração imaginada e realizada era de facto a mais condigna do facto historico, cuja dupla grandeza nos mostra, de um lado — o Sacrificio do altar, de outro, a patria.

Para qualquer lado que nos voltemos, encontramos Jesus Christo. Encontramo-lo no Sacrificio do altar, porque este sacrificio é a morte mesma de Jesus Christo, facto unico e fundamental da humanidade resgatada, não limitada a um poncto do espaço, ou a uma hora do tempo, mas duplamente universal; de sorte que todas as missas successivas estão incluídas na missa do Cenaculo, todos os successivos Sacrificios do altar estão incluídos no Sacrificio do Calvario. Encontramo-lo na patria, porque a patria não é sinão uma cadeia em cada um de cujos elos o christão encontra necessariamente a Jesus Christo.

A patria é o berço, o lar, a familia, a cidade, a nação; e quem, sinão Jesus Christo, ensinou — no berço, a inviolabilidade da creança; no lar, a dignidade da mulher; na familia, a sanctidade do casamento; na cidade, a autonomia da pessoa humana; na nação — o direito, a justiça, a liberdade? ! Eis por que, disse eu, finalmente, na missa campal, Jesus Christo é o dono, o senhor de todas as nações. Elle é, entretanto, de um modo especial, o dono, o senhor da nação brasileira, que não surgiu á face do mundo sinão depois que seu solo foi fecundado pelo sangue do Sancto Sacrificio; querendo tambem Deus que os direitos especiaes de Seu Filho á nova região fossem patenteados ao mundo, não só pela cerimonia divina da *primeira missa*, mas tambem pela solennidade imponente do que nesta *Memoria* se chama — a *posse divina*, isto é, o facto da occupação do solo em nome de D. Manuel, e a collocação de uma cruz com as armas do rei. Este acto é bem laconicamente marcado por Porto Seguro e outros historiadores, que apenas nos dizem ter sido no dia 1º de Maio, e no meio da solennidade de outra missa, que se effectuou a tomada de posse da nova região para a corôa de Portugal, levantando-se num morro vizinho uma grande cruz de madeira, com a divisa do venturoso rei D. Manuel²².

Jaboatão dá-nos do facto uma descripção menos parca e mais bella, que merece ser reproduzida nesta *Memoria*: « Passada esta primeira acção de graças, logo a trez de maio, dia da Invocação da Santa Cruz, depois de benzer o padre frei Henrique uma mui

formosa, que fabricaram de madeira, se ordenou uma devota procissão desde a praia até ao mais alto de um pequeno monte, que allí se levantava, no qual, sendo levada nos hombros daquelles religiosos e de algumas pessoas das principaes, foi arvorado este sagrado estandarte das nossas victorias em a terra novamente descoberta, a que o General religiosamente agradecido e em reverencia deste santo dia, deu o titulo de *Provincia de Santa Cruz*, que a indiscreta politica dos homens, ou a sua imprudente ambição mudou depois em o de *Provincia do Brasil*, mostrando, sem o querer, que fazia mais estimação do valor destes páos vermelhos, de que dependem os seus lucros temporaes, do que do inestimavel preço daquelle sagrado madeiro, donde com outra melhor côr, e sem comparação alguma, pendeu todo o nosso espirital remedio. Ao pé desta consagrada Arvore levantaram Altar, celebraram Missa, e houve sermão com grande jubilo dos Catholicos, e alegria dos gentios, que a seu modo e com suas musicas desentoadas e rusticos instrumentos ajudavam a celebrar estes primeiros annuncios do Santo Evangelho e Altissimos Mysterios da Santa Fé na sua terra. Com esta acção catholica, por ora a ultima, tomou para o monarcha portuguez Pedro Alvares Cabral a posse da vasta região do Brasil ²³ ».

Eis o que eu chamo a *posse divina* do Brasil; não sendo a tomada da posse pelo rei de Portugal sinão o exercicio de uma investidura que a Fé lhe déra. Todos sabem que os reis de Portugal, como os seus primeiros exploradores, estavam convencidos de que com suas viagens, descobrimentos e conquistas não faziam sinão propagar o Catholicismo. A Fé Catholica e a riqueza da metropole — taes eram as idéas, diz um contemporaneo, em que elles resumiam a patria e que lhes davam força para empresas tão ousadas ²¹.

Si o futuro historiador do Brasil, como accrescenta o mesmo escriptor, será aquelle que souber ensinar-nos donde veiu e como se formou este povo, digo eu que a verdadeira historia do Brasil será aquella que nos ensinar a formação de nosso paiz. O que eu chamo a *posse divina* é uma das provas de que a descoberta do Brasil não foi um acaso, mas uma sequencia da providencial descoberta da America.

Para os que estudam a Historia guiados pelos principios superiores que nos mostram os factos com o seu encadeiamento, os phenomenos com a sua série e a vida dos povos com os seus combates, vicissitudes ou victorias, todos sujeitos, em resultados proximos ou remotos, aos interesses fundamentaes da humanidade, o descobrimento da America foi uma compensação á Igreja na

epoca em que o protestantismo arrancou á Fé Catholica metade da Europa, desvairada pelo espirito pagão que renascêra nas sciencias, nas letras, nas artes, na politica, nos costumes, na educação, e deixou a outra metade profundamente abalada nas crenças, que certas nações catholicas não repudiaram formalmente, mas de que, desde então, não mostraram mais como nações o exemplo e a practica.

A compensação é manifesta, contemplando-se de um lado — um mundo que se dissolve, sob o poncto de vista catholico, contaminado pelas heresias, os scismas, as revoluções, as catastrophes, todo o cortejo de males da *Reforma*; do outro — um mundo novo que surge, cheio de vida e de esperanças christãs; d'um lado — milhões de crentes que repudiam a Fé; de outro — milhões de proselytos que abraçam a Egreja e arvoram a Cruz. Não é só no facto do descobrimento da America, e medindo o alcance que elle teve para a civilização christã, que vemos a Providencia Divina protegendo a Egreja de Jesus Christo; é tambem na figura de Christovão Colombo, cuja vida bem patentêa este designio providencial: dar ao christianismo um mundo novo, um novo campo de combate.

Aquelles proprios que dizem do descobrimento de Cabral ter sido um *simple acaso*, não dizem isso do descobrimento de Colombo, que para elles *foi um acontecimento scientifico, como scientifica se deve considerar a viagem de Colombo, cuja direcção tomada na viagem que descobriu a America foi semelhante á da frecha disparada a toda força do arco, e cujos estudos levaram-no a planejar e executar a viagem como quem conhecia o porto a que se destinava*²⁵.

Sua convicção, seu ardor, seu enthusiasmo, seus estudos profundos, os desprezos que teve de soffrer, os obstaculos com que teve de lutar, as zombarias e invectivas que o não pouparam, a tenacidade com que, não obstante todas as contrariedades, persistiu na sua empreza e conseguiu os meios de levar a effeito o plano grandioso que, com gravidade e ar inspirado, elle expuzera na audiencia real que lhe fôra concedida; tudo isso nos mostra em Colombo o homem fortemente persuadido da missão providencial que lhe fôra dada, e da qual nunca duvidou, nem antes nem depois do embarqué.

Quando este se realizou, dizem as chronicas, as almas encheram-se de desolação e terror, ante o spectaculo solenne de tantos homens que pareciam condemnados a tentar uma navegação arriscada por mares desconhecidos; os amigos dos navegantes separavam-se delles chorando; as mãis e as esposas consideravam-se outras tantas victimas sacrificadas aos sonhos de um ambicioso; os

propios marinheiros não conseguiam encobrir seus temores; sobre todos, porém, destacava-se a bella figura de Colombo, tão serena, tão cheia de paz e de alegria, quando subiu ao navio almirante; depois de ouvir missa com a sua equipagem, de commungar e collocar os seus navios sob a guarda da Providencia Divina, como quando, depois de nove semanas de navegação, avistou a primeira ilha da America, de que tomou posse *em nome de Deus* e do rei da Hespanha, denominando-a de *S. Salvador*. Tão humilde na victoria como fôra resignado nos revezes, prostrando-se de joelhos, Colombo agradeceu ao Senhor o successo de sua empreza.

Depois disto, contemplai os progressos da Fé na America, onde um mundo novo foi aberto ás mais ardentes e nobres ambições do apostolado, onde os missionarios catechizaram e fizeram entrar no seio da Igreja tribus e povos; onde o catholicismo penetrou rapida e successivamente pelas ilhas e terras hoje conhecidas sob o nome de Mexico, America Central, Venezuela, Nova Granada, Equador, Perú, Bolivia, Paraguay, Chile, Argentina, Uruguay, Brasil, Guyannas, Estados Unidos, Canadá, Nova Bretanha; onde, ainda por causa das Missões, se ergueu um grande numero de igrejas, universidades, seminarios, conventos para homens e para mulheres, onde a sanctidade se tem mostrado personificada em tantos herões e heroínas, Claver, Ignacio de Azevedo e seus companheiros, Nobrega, Anchieta, Felipe de Jesus, Sebastião da Apparição, Margiz, Pallefoz, Las Casas, Beltrão, Maria Paredes, Rosa de Lima, Turibio, Solano, e tantos outros que tem engrandecido a Igreja com o apostolado, com o martyrio, ou com a virgindade; onde, ainda presentemente, desde o Atlantico até ao Pacifico, desde a Patagonia até á America do Norte, vemos tão grande numero de missionarios, uns avivando a Fé entre os povos civilizados, outros caminhando pelas florestas, em busca do selvagem ainda não catechizado; onde, de um modo especial no Brasil, vemos, depois de tantos e tão gloriosos serviços dos Franciscanos, dos Jesuitas, dos Capuchinhos, dos Lazaristas, associarem-se a estes novos combatentes da Fé Catholica, os Dominicanos, os Salesianos, os Redemptoristas, os Premonstatenses e outros congregados. Contemplai tudo isto, sem esquecer a liberdade e independencia de que a Igreja goza na America, o numero brilhante das conversões, o augmento constante das dioceses e parochias, congregações e estabelecimentos religiosos, tantas conquistas, enfim, que fizeram o grande padre Ventura, no panegyrico de Martinho de Torres dizer que si a França é *o reino dos bispos*, por estes a terem formado como as abelhas ao seu cortiço, a America é *reino dos missionarios*, porque estes é que lhe deram a Fé, a sanctidade, a sciencia, a civilização²⁶, e vós concordareis que a

descoberta da America foi, como eu disse, uma *compensação* á Egreja, e o seu descobridor não foi sinão o heróe predestinado a mostrar ao Evangelho as vastas e magnificas regiões de um mundo novo. Mas, si o descobrimento da America foi uma *compensação* á Egreja, o Brasil foi para a America um novo e vasto theatro dado ao apostolado catholico para que elle mostrasse ao mundo novos heroismos, novas maravilhas, novos prodigios da Fé.

Impossivel é não ver a Providencia mesmo abrindo o scenario, onde o christianismo vai reproduzir nas florestas virgens do Brasil os feitos sublimes dos primeiros apóstolos que illuminaram o mundo, quando lemos as chronicas, nas quaes, não obstante a concisão e simplicidade das narrativas, transparece nos episodios e nos homens que os representaram o designio de Deus. Não; não foi um encontro fortuito, por mais que se diga, o encontro de Pedro Alvares Cabral e seus companheiros com os selvagens e barbaros da nova região americana: foi um encontro providencial da civilização christã com milhões de creaturas humanas que tinham de ser, dentro em pouco, incorporadas pelo devotamento sublime do missionario ás phalanges da Egreja.

Não; não se pôde chamar acaso *um acontecimento momentoso que nos designios da Providencia devia produzir tão grande resultado* ²⁷.

Foi sob os auspicios da Religião, dizem as chronicas, que Cabral embarcou em Portugal, em demanda das Indias, de cuja rota teve por força maior, de se desviar. A missa pontifical, celebrada por Diogo Ortiz; a bandeira da ordem de Christo que Cabral recebeu das mãos de D. Manuel; as preces ardentes da população pelo exito dos navegadores que saíam de Lisboa com 1.200 homens, sete frades franciscanos missionarios sob as ordens de frei Henrique de Coimbra, oito capellães e um vigario ²⁸, — tudo mostra o sentimento profundamente catholico que dominava o empreendimento de Cabral, que manifestamente conduzido pela Providencia, quarenta dias depois de sua partida, avistou o primeiro monte (que denominou *Paschoal*) desta, como se exprime classico e apreciado chronicista, porção notavel, deliciosa, e rica da terra; theatro prodigioso em que vão ser representadas scenas prodigiosas, successos admiraveis, feitos heroicos, obrados a esforços da graça e valentias do espirito pelos religiosos; notavel pelas circumstancias especiaes de seu descobrimento; tantos mil annos occulta á noticia dos humanos discursos, e que a julgaram por inhabitavel, quando já era possuida e cultivada de tantas e tão varias nações; notavel pela natureza de seus habitadores, o incerto de sua origem, a barbaridade de seus costumes, a fereza de seu natural; deliciosa pelo salutifero dos ares, a frescura das virações, o benigno do clima,

o fertil do terreno, que a influxos de astros propicios e a vigores de natureza provida dá tudo o que conduz, não só para sustentação precisa da vida humana, como para o seu melhor regalo, com menos fadiga e trabalho de seus naturaes do que o que para isso precisam as mais gentes ; rica pelos infinitos thesouros de ouro, prata, pedras preciosas, e outras varias drogas de estimavel preço e apetecido custo ; reclusa entre os dous famosos rios que, como duas preciosas chaves, fecham toda ; uma de prata, nome que lhe pôde dar esse, que a demarca pela parte do Sul, o chamado Rio da Prata ; e a outra, de ouro, de que a pôde formar aquelle que pelo Norte a cerca, celebrado Amazonas, ou Grão-Pará, que como o imperador dos rios, corre sobre pedras preciosas, seixos de ouro e arêas de prata ; terra, já levantada em montes empinados, já abatida em valles estendidos, já ornada de verdes e frondosos arvoredos, tão incorruptiveis uns que presumem igualar a duração dos tempos, e resistir á voracidade do fogo, e tão fructiferos outros que se jactam de apparecer com os seus pomos a qualquer estação do anno ; já matizada de tão alegres e distinctas flores, que sem mais cuidado para o seu cultivo, que o da natureza, e do tempo, umas só servem de divertimento ao inquieto dos olhos, outras tambem dão que sentir ao delicado do olfacto ; já povoada de volantes aves, umas que recreiam a vista com o vario e lustroso das pennas, outras, que satisfazem o gosto com o saboroso e desenfastiado das carnes ; muitas que divertem o humano com o suave do canto, e algumas que imitam o racional com o palreiro das vozes ; tão fecunda de gados de todas as especies, que assim como sobejam para o gosto e sustento, abundam para o serviço e servem para o lucro ; tão cheia de ouro, prata e pedras preciosas as suas entranhas, que não inveja os diamantes da Asia, o Potosi do Perú nem o Ophir de Salomão ; tão aromaticas as suas plantas, que podem emprestar excessos aos balsamos da Arabia e aos aromas de todo o Orbe ; um terreno fertil, um clima salútilifero, uns ares alegres, e um novo Mundo, em que parece quiz emendar nelle o seu Autor alguns avessos do tempo, e dos astros do mundo antigo, porque aqui falla o dia e corre igualmente com a noite, a viração tempera o calor, o inverno não resfria, nem o verão abraza ; um novo Mundo, emfim, e uma tão bem disposta estação para viver o homem que não merecia muita censura, quem quizesse plantar nella o Paraiso terreal ou ao menos descreve-la com as excellencias e prerogativas de um terreal Paraiso ²⁹.

Tal, nunca mais bellamente descripta em lingua portugueza, a nova região cuja descoberta, sem duvida, não estava na pretenção de D. Manuel, que apenas queria proseguir nas conquistas e para sso confiou uma grande esquadra a Pedro Alvares Cabral.

A descoberta, porém, estava nos designios de Deus, senhor dos ventos e das tempestades, de cuja furia se serviu para desviar o capitão e a esquadra da rota que seguiam, levando-os á descoberta de um novo paiz, de uma região maravilhosa, da qual se apossam sem obstaculo dos seus naturaes, que recebem pacificamente os que dentro em pouco deviam conquista-los, e com alegria assistem aos actos religiosos que se celebram, admirados, batendo nos peitos, mas ao mesmo tempo parecendo perceberem a significação dos sagrados mysterios.

Muito mais cresceu nelles o respeito, diz referindo-se aos gentios frei Vicente do Salvador, quando viram a oito frades da ordem de nosso Padre S. Francisco, que iam com Pedro Alvares Cabral, e por guardião o Padre Frei Henrique, que depois foi bispo de Cepta, o qual disse alli Missa, e prégou aos gentios. Estes, ao levantar da Hostia e Calix se ajoelharam e batiam nos peitos, como faziam os christãos, deixando-se bem ver nisto como Christo e Senhor nosso, neste divino sacramento, domina os gentios, que é o que a Egreja canta em o Invitatorio de suas Matinas, dizendo: *Christum regem dominantem qui se manducantibus dat spiritus pinguedinem, venite adoremus* ³⁰.

Mostrou-se Deus, diz Jaboatão, referindo-se ao mesmo factó, nesta como em todas as grandes obras da sua Providencia sempre admiravel; porque aquelles barbaros ajoelhavam, batiam nos peitos e faziam todas as mais acções devotas, como si tiveram clara noticia e conhecimento certo daquelles sagrados Mysterios, a que se humilhavam, e como si percebessem ser a palavra que mui rendidos ouviam daquella superior Divindade que de nada os havia creado ³¹.

Foi no meio de uma segunda missa, como já ficou dicto, que se realizou a tomada de posse da nova região, erguendo-se pela primeira vez na terra brasileira a Cruz de Salvação.

Tão facilmente os gentios a adoraram, tanta facilidade mostraram em aceitar a fé catholica, que logo os frades quizeram ficar-se alli para os educar e baptizar.

Tão ardente e apostolico desejo dos Franciscanos não foi satisfeito. A India attrahia irresistivelmente a Pedro Alvares Cabral, que para ali seguiu com os religiosos, deixando no Brasil *uma cruz levantada* ³².

Que formoso episodio historico! Os descobridores do solo retiraram-se inconscientes do thesouro descoberto; mas, no centro das florestas virgens, sobre um monte que domina os mares, fica plantada a arvore da Redempção, a cuja sombra vão brotar os germens de uma nova e grandiosa christandade.

Sem duvida, Cabral e os seus companheiros não podiam imaginar este futuro da conquista que acabavam de realizar.

Elles, diz Varnhagen, com pensamento na patria, sobre a superficie das aguas extendiam saudosos os olhos e mal podiam imaginar a importancia e grandeza da terra comprehendida dentro da demarcação ajustada em Tordesilhas e cuja existencia iam revelar ao mundo civilizado.

Menos por certo imaginariam que nessa terra, dentro de algumas gerações, se havia de organizar uma nação mais rica e mais consideravel do que a mãe patria ³³.

De facto, tão pouco o imaginavam que durante meio seculo os Portuguezes não ligaram maior importancia ao descobrimento do Brasil. E' certo que a metropole não descurou de todo a colonização da nova região, cujas terras foram logo divididas em capitánias; mas a ideia de uma colonia grande e poderosa não preoccupou os espiritos sinão mais tarde. A unidade politica não sairá sinão da unidade religiosa. Por emquanto a arvore donde deve brotar uma nova nação fica, por assim dizer, inculta. Aquelle que a Providencia destina ao seu cultivo não é o colono, o capitão ou mesmo o governador central; é o missionario.

Emquanto, porém, este não apparecer, o solo não ficará sem os signaes de seu verdadeiro possuidor, — o Deus que deve ser adorado por innumeraveis milhões de adoradores nas formosas plagas do Brasil, onde a Cruz é o symbolo gravado como um sinete pelo Creador numa das suas mais bellas obras. E' isso que se chama a *posse divina*, da qual repito o que em outro lugar, fallando a um grande e illustre auditorio, eu proprio disse: « Propõe-se ao povo brasileiro o Positivismo para substituir a Religião de Jesus Christo. Protesto. Protesto, não só como padre, mas tambem como brasileiro.

Padre, eu poderia invocar a divindade da religião catholica, expôr os fundamentos inabalaveis de seu dogma, as maravilhas incomparaveis de sua Moral. Poderia descrever os prodigios inauditos de seu apostolado, a magnifica perpetuidade e os triumphos assombrosos de sua Egreja. Poderia, neste instante, fazer desfilar deante de vós dezenove seculos, e obrigar cada um delles a saudar a Jesus-Christo nas le tras, nas artes, nas sciencias, nas industrias, na politica, na liberdade e no progresso.

Padre, poderia fazer tudo isso. Brasileiro, prefiro agora appellar para as tradições mais gloriosas de nossa patria. Eu appello, pois, e digo: ha em todos os povos civilizados, ao lado do Direito Civil, que reconhece e garante os direitos e privilegios do homem, o Direito Historico, que reconhece e garante os direitos e privilegios de Deus. Ha em todos os povos civilizados, ao lado daquillo que o jurisconsulto chama *posse juridica* uma cousa que o philosopho chama *posse divina*. Pois bem; quando navegadores

ousados aportaram ás nossas plagas e deante do mundo encantado desdobraram esta larga pagina de maravilhas que se chama o Brasil, a primeira cousa que fizeram foi plantar nas plagas brasileiras o symbolo da civilização moderna — a Cruz de Jesus-Christo. A Cruz de Jesus-Christo foi o signal da posse divina das terras do Brasil.

Foi á sombra da Cruz que se formaram os nossos costumes, se promulgou o nosso direito, se legislaram os nossos codigos, se formou a nossa nacionalidade. Venha; venha o Positivismo; compareça perante o tribunal da Historia; exhiba seus titulos, suas pretensões. Seus titulos são falsos; suas pretensões impertinentes e exorbitantes. Debalde elle tenta esbulhar a Cruz de sua posse divina; debalde para isso explora a nossa politica, que não tem feito sinão complicar. Debalde, porque o povo o repelle; e o juizo imparcial da Historia lavra-lhe a sentença, dizendo: no Brasil os usos, os costumes, as tradições, o sentimento nacional, as familias, os lares, os templos, as proprias pedras, em cujo cimo se elevam os cruzeiros, tudo diz, tudo exclama, tudo brada: o Brasil pertence a Jesus-Christo ³⁴. »

A posse divina dá ao descobrimento do Brasil um duplo aspecto: o do descobrimento material ou politico, que pertence a Cabral, e o do descobrimento espiritual ou catholico, que pertence aos primeiros religiosos que aportaram ás plagas brasileiras.

Esta gloria é nobremente e com todo o direito assignalada pelos historiadores da Ordem de S. Francisco, Vicente do Salvador e Jaboatão; e eis por que não posso chegar ao ultimo dos trez grandes episodios com que nesta *Memoria* caracterizo o periodo colonial, sem primeiro contemplar essas bellas e nobres figuras que na espiritual conquista das terras brasileiras precederam os discipulos de Sancto Ignacio.

Quiz Deus que a elles pertencessem as primicias do Christianismo no Brasil; que aos Franciscanos coubesse não só a gloria da *primeira missa* e a da *posse divina*, mas tambem a da evangelização e a do primeiro sangue derramado em prol da Fé no solo brasileiro.

Elles foram, dentre os religiosos, os primeiros na descoberta; os primeiros que cultivaram o solo, durante meio seculo; os primeiros que, da maneira que lhes foi possivel, dirigiram aos selvicolas a palavra de Deus; os primeiros que administraram os sacramentos. O primeiro templo erguido em todo o Brasil foi o que dous Franciscanos, vindos para o paiz, edificaram naquelle mesmo lugar de Porto-Seguro, onde, trez annos antes, tinham aportado frei Henrique de Coimbra e os seus companheiros: templo que elles puzeram sob a invocação do Seraphico Patriarcha S. Francisco,

e em cujo presbyterio permaneceram, prestando preciosos serviços de caridade aos gentios. Os dous primeiros martyres do Brasil foram esses mesmos Franciscanos, trucidados por barbaros selvicolas que, armados de flechas, arcos e páos de jucar, penetraram e os surprehenderam no templo. Estas, as glorias do Franciscano. Agora, a nova região, a região maravilhosa, onde os prodigios da Fé vão vencer e como que humilhar os prodigios da mais bella natureza, está descoberta. O novo mundo conquistado está já santificado pelo sacrificio do Calvario. O solo que vai ser theatro de innumeraveis combates da Igreja já está regado pelo sangue do martyrio. O theatro, emfim, está preparado, está prompto; o seu actor predestinado pôde apparecer; e elle apparece: é o Jesuita.

Não é aqui o lugar proprio, e mesmo para espiritos ainda de limitada cultura, não é mais tempo de fazer o panegyrico da Companhia de Jesus, cujo fundador é uma das glorias da humanidade, e cujo instituto é uma das mais arrojadas concepções do espirito humano. Só não o reconhecem os que não apprehenderam ainda a sublimidade da Companhia de Jesus, o papel providencial do Jesuita na Historia, que no-lo mostra tentando, num arrojado de genio, qual nunca se viu igual, suster com as suas mãos a torrente da anarchia que se precipitou sobre o mundo; entrevedo por entre as nevoas de um sonho magnifico a fraternidade social, a paz do genero humano, a felicidade universal, que elle tentou apressar; que elle apressaria, si o philosophismo maldoso, a sciencia vaidosa e a politica ciumenta não lhe embargassem as aspirações gigantescas. Guizot reconheceu a grandeza do Jesuita, e era um protestante! Henri Martin confessou a belleza colossal da Companhia de Jesus, e era um livre pensador! Deixando de lado, porém, o intuito geral da Companhia de Jesus, que não era sinão o exterminio do espirito pagão, resuscitado na chamada *Renascença*, pela renovação religiosa da humanidade; deixando de lado essa multipla e engenhosa combinação, de que não é possivel, nesta *Memoria*, dar nem sequer os delineaamentos — limito-me, como é mister, á acção do Jesuita no periodo colonial do Brasil, onde a sua missão pôde ser considerada sob triplice ponto de vista: a obra humanitaria, a obra politica, a obra catholica. A obra humanitaria foi a defesa do indigena; a obra politica, a tentativa de formar um povo aborigene; a obra catholica, a catechese.

Quanto á obra humanitaria, nenhum historiador nega formalmente que os missionarios da Companhia de Jesus foram o amparo dos indigenas contra a crueldade dos governantes e a ambição desmarcada dos colonos. E' certo que Oliveira Martins e dous

illustres compatriotas nossos³⁵, repetindo ideias de outros escriptores deprimem, si é que não contestam, essa protecção dos jesuitas aos pobres selvicolas. Pretendem elles que Nobrega e Anchieta e seus companheiros não protegeram tanto os gentios que não chegassem a empregar contra elles *o chicote de ferro do domador*; que não poucas vezes se alliaram aos colonos nas suas medidas de rigor contra os gentios; que a estes não era de maior proveito a protecção dos Jesuitas, porque, afinal de contas, uma vez catechizados e aldeiados, sua escravidão não fazia sinão variar, monopolizando os Jesuitas em proveito proprio o trabalho dos indigenas; que a ambição, mais do que o sentimento da humanidade, animava, quanto á defesa do indio, os padres da Companhia, cujo sonho era a formação de um imperio jesuitico!

Esta, a summa das affirmativas com que ao mesmo tempo se negam aos jesuitas certos serviços e se lhes faz a accusação de uma ambição colossal. Não obstante, a verdade historica é outra e bem differente. Não se póde ler a historia do Brasil, no seu periodo colonial, sem verificar que o primeiro e o mais esforçado e difficil trabalho dos jesuitas foi justamente a defesa, a protecção aos gentios. Grande e bem arriscada foi a sua lucta no sentido de accommodar os gentios com os Portuguezes, sendo que, para chamar aquelles á confiança, já perdida, lhes era mister combater os vicios e os crimes de pessoas acostumadas ao mando e á oppressão.

Pereira da Silva o reconhece, quando allude a todas as tentativas monstruosas dos colonos, cujo desejo era reduzir á escravidão todos os indios que encontravam e apanhavam, entretendo assim o odio de raça e conservando a guerra ceifadora e mortifera³⁶. As chronicas attestam que os colonos, para attrahirem os selvagens, se fingiam de padres da Companhia; e que, vestidos de habitos sacerdotaes, muito facilmente conseguiam leva-los para seus engenhos e fazendas. Ora, isto prova a affeição dos selvagens pelos jesuitas, e quão leve e doce, não oppressiva e tyrannica, como alguns dizem, era para elles a sujeição aos padres. O que Oliveira Martins, repetido por Martins Junior, diz que foi nas mãos do jesuita contra o gentio *um chicote de ferro do domador*, Varnhagen³⁷ diz que foi como que uma lyra de Orpheu, encantando, humanizando e attrahindo á civilização milhões de seres que viviam como feras. Como razoavelmente pretender que a sujeição do gentio ao jesuita, depois de libertado do colono, não fosse sinão outra escravidão?

Uma vez que com seus disfarces os Portuguezes conseguiam levar os gentios para seus engenhos e fazendas, ahí os repartiam

entre si, e os obrigavam a trabalhar desde a manhã até a noite com tal deshumanidade que, não só eram carregados como homens, mas sobrecarregados como azémolas, quasi todos nús, ou cingidos com uns trapos e com uma espiga de milho para ração de cada dia ³⁸!

Os jesuitas, dizem alguns, libertando os indios da escravidão dos colonos, não deixaram, entretanto, de sujeita-los a uma outra exploração. Mas que exploração foi essa?

Nunca o jesuita teve em mente substituir pelo seu o dominio do colono. O que elle queria era a salvação das almas, impossivel na escravidão a que o portuguez sujeitava o selvagem. Attrahir este, chama-lo ao seu serviço, era o melhor meio preparatorio da conversão. Nem se pôde chamar oppressiva uma evangelização, na qual, a não ser *in extremis*, só se baptizavam os adultos depois de bem provados, e com certeza moral de que não haviam de voltar aos seus costumes gentílicos ³⁹.

Nunca, como bem recentemente demonstrou em sua importante conferencia já citada, no *Tricentenario de Anchieta*, o padre Americo de Novaes, nunca os indios foram escravos dos padres.

O que succedia era que alguns delles, ficando no gôzo da liberdade, eram por disposições regias deputados ao serviço das missões, serviço que redundava em beneficio das aldeias, de que faziam parte os mesmos indios. Si, ás vezes, os padres compravam indios escravizados com justo titulo, como se dizia então, os compravam sómente para liberta-los da tyrannia dos brancos, de quem exigiam no acto da compra um documento, em virtude do qual já não pudessem dispôr daquelles infelizes — documento equivalente á carta de alforria, porque o serviço dos indios escravizados era tão suave como o dos indios livres. Tudo isto é bem demonstrado na conferencia citada, onde, não só a grande voz do padre Antonio Vieira, que o conferentista fez ecoar, mas o insuccesso de Pombal em medidas que tomara, nos fazem ver o que valem as taes accusações da escravidão dos indios pelos padres da Companhia. O que na historia do Brasil é certo, bem certo, e dos escriptores que citamos, adversos ao jesuita, um delles, o Sr. Martins Junior explicitamente o reconhece ⁴⁰, é que o *colonato*, quer na sua primeira phase — o *systema das capitánias hereditarias* ou o *néo-feudalismo brasileiro*, quer na sua segunda — a dos *governadores geraes*, não foi sinão o regimen dos mais monstruosos privilegios do portuguez contra o gentio; é que em tal regimen a materia prima da colonização era o colono portuguez, o criminoso homiziado, o africano captivo e o *indio escravizado*. O que na historia do Brasil é certo, bem certo, é

que, ainda mesmo depois das leis que reagiram contra a escravidão do gentio, este continuou a soffrer a oppressão do colono portuguez. O que é certo é que, apesar de decisões reiteradas dos reis de Portugal e dos summos pontifices, declarando a liberdade dos indios, a crueldade, a ambição e a ganancia, mais de uma vez conseguiram com reclamações e provisões restabelecer o antigo captiveiro, que não poude ser definitivamente vencido pela magnifica eloquencia de Antonio Vieira, sómente o sendo apoz interrompidas e repetidas renovações, por uma intervenção ultima e decisiva da Sancta Sé. Si a obra humanitaria do jesuita no Brasil foi, como acabo de mostrar, a defesa do selvagem, a sua obra politica foi a tentativa de formar um povo aborigene. Um dos espiritos cultos desta geração brasileira, eivado infelizmente de preconceitos que de sua parte são inexplicaveis contra o catholicismo, diz, tractando das *raças que constituiram o povo brasileiro*: « o regimen theocratico, ajudado pelos jesuitas, amordaçara a nação que na America viu nos Indios mais herejes que deviam ser extirpados do que braços que podiam ser aproveitados. A consideração de se ter o jesuita alliado ao indio contra o portuguez e o negro, não tem valor contra factos mais geraes. O portuguez na America procedia de accordo com as suas ideias, com sua intuição do mundo e da humanidade; e um tal modo de pensar era em grande parte de formação fanatica e jesuitica.

Si os padres da Companhia, contradizendo-se, deixavam escravizar o negro e protegiam o indio, não é que a destruição deste lhes causasse horror; é que em sua cubiça e em seus calculos elles sonharam um imperio exclusivamente formado sobre o indigena. O inconsciente da historia venceu-os; na lucta pela existencia o portuguez supplantou o caboclo e o jesuita. O negro serviu-lhe de arma de apoio; tal o seu grande titulo historico em o Novo Mundo⁴¹.

Inexacta, cada uma destas affirmativas do sr. Sylvio Roméro.

Quaesquer que fossem os erros, excessos, ambições, crueldades dos colonos portuguezes contra os gentios, factos que nesta *Memoria* não são negados, mas, pelo contrario, bem profligados; é certo que nunca o governo da metropole teve por intuito a *extirpação do indio*. Si muitas vezes deixou de proceder com acerto e energia, relativamente á escravização do indio, que tolerou e que chegou a auctorizar, nas ordens aos donatarios e governadores sempre declarava que—o *principal fim por que se mandára povoar o Brasil era a redução dos gentios á Fé Catholica, cumprindo que elles fossem bem tratados e que, no caso de se lhes fazer damno e molestia, se lhes desse toda reparação, castigando-se os delinquentes.*

Dir-se-ha que taes declarações não passavam de palavras vãs com que a metropole queria cohonestar a *extirpação do indio*; mas o que é certo é que com os primeiros governadores geraes vieram para o Brasil os Jesuitas, e o primeiro trabalho destes, com acquiescencia e auxilio dos governadores, foi, sem descuido da direcção espiritual dos colonos, iniciar os trabalhos da catechese e civilização dos indigenas.

Si os padres da Companhia contradiziam-se, protegendo o indio, mas *deixando escravizar o negro*, é que a escravidão africana era tida como legitima; é que os padres se occupavam das almas dos infelizes escravos, mas não podiam, antecipando-se a qualquer deliberação da Egreja, contestar o direito dos senhores a esses, na phrase do padre Vieira — *captiveiros justos, os quaes só permit-tiam as leis, e que taes se suppoem os que no Brasil se compram e vendem, não dos naturaes, senão dos trazidos de outras partes*⁴².

Finalmente, não era um *imperio exclusivamente seu, fundado sobre o indigena*, o que os Jesuitas desejavam formar; o que elles tentavam foi formar das tribus selvagens que habitaram o paiz, na epocha de seu descobrimento, um grande povo christão, uma nação forte e laboriosa.

O que os Jesuitas não tinham conseguido á beira-mar, onde o máo exemplo, a immoralidade dos colonos, o contacto com os criminosos, os aventureiros, os forasteiros, tornavam impossivel a obra da evangelização do selvagem, foram tentar no *planalto*.

Os Jesuitas, cujo empenho no littoral era extinguir a escravidão dos indios, aos quaes, não sem grande esforço, restituiram a liberdade, não exercitavam ahi a sua missão humanitaria sem incorrer em odios terriveis, sem expôr-se a constantes perigos, e sem levantar contra a Companhia a guerra de tantos interesses offendidos. Comprehenderam então a difficuldade ahi da catechese, que se lhes affigurou menos difficil e mais proficua, além, no sertão, onde, como diz em sua *Chronica* Simão de Vasconcellos, — *Nobrega queria fundar um povo principiado em sinceridade, verdadeira religião e amor de Christo*.

S. Paulo, a formosa Piratininga, foi o campo escolhido para a nova experiencia do que chamamos a tentativa politica do jesuita, isto é, a formação de um povo *brasileiro*. Que o sitio não podia ser melhor escolhido, dizem os homens competentes. S. Paulo tornou-se, como bem lembrou um nosso illustre compatriota, o centro donde se irradiou a descoberta e a colonização do Brasil, podendo-se dizer que o Brasil foi feito pelos Paulistas, sem os quaes a lingua portugueza seria fallada apenas numa estreita facha de territorio paralelo do Atlantico⁴³.

O grande ideal dos Jesuitas, tentando formar dos aborigenes um povo christão, só não se realizou pelos obstaculos oppostos á catechese que elles tiveram de abandonar, cedendo á força das circumstancias, mas, ainda assim, a tentativa não foi sem fructo, não ficou sem grandes resultados.

O selvagem já começava pela catechese e cultura a elevar-se ao nivel do homem civilizado. Indio e europeu já começavam a identificar-se. Já Portuguezes pobres começavam a casar-se com as naturaes da terra, segundo attesta Nobrega em su s cartas; e, como bem pondera o padre Novaes, com o tempo reconhecida á luz evangelica a egualdade das duas raças, dar-se-hia o cruzamento. Era assim que o sertão levaria vantagem ao littoral, porque ahi se deviam preparar os elementos de nossa nacionalidade, fazendo-se do selvagem, não só um christão, mas tambem um homem livre, digno de ter uma patria ⁴⁴.

Como quer que seja, é a esse ideal dos Jesuitas, mesmo não realizado, que devemos não se terem retardado por um ou dous seculos o povoamento e a civilização do Brasil; porque, como bem disse o sr. Eduardo Prado, si os Jesuitas não tivessem tornado os indios sedentarios e mansos, o cruzamento da quasi totalidade da população brasileira não se teria dado; os Portuguezes, ou teriam destruido todos os indios, ou estes teriam destruido todos os primeiros estabelecimentos portuguezes ⁴⁵.

Não comprehendemos como um homem da esphera do sr. Sylvio Romero julgue *grande titulo historico* do portuguez ter supplantado o jesuita, que foi o nosso evangelizador, e o caboclo, que, como ainda ha pouco diziam Eduardo Prado e Couto de Magalhães, é o *verdadeiro brasileiro*. O mesmo historiador de nossa litteratura, que exprobra ao regimen theocratico e aos Jesuitas terem visto *nos Indios mais os hereges que deviam ser extirpados do que braços que podiam ser aproveitados*, regosija-se de que dos trez factores que concorreram para a formação do povo brasileiro — o *selvagem*, o *portuguez*, o *negro*, o primeiro quasi que desaparecesse, estando os milhões de Indios do Brasil reduzidos hoje a alguns milhares nos remotissimos sertões! Os partidarios da *exterminação do indio* não foram, pois, os Jesuitas; são de nossos historiadores aquelles que, como Varnhagen, Pereira da Silva e Sylvio Romero, mais ou menos, na sua sympathia pelo povo conquistador, amnistiam todas as violencias contra as tribus selvagens.

Estas estão reduzidas a milhares em remotos sertões. E' certo; mas por que?

Sumiu-se grande copia dos indigenas, nos desertos interiores, diz Pereira da Silva, porque preferiram a liberdade e independencia

nas florestas a uma liga com os Portuguezes. Trucidavam-se outros nas luctas civis, nas guerras e emboscadas contra os invasores, e no captiveiro a que eram assaltados muitas vezes ⁴⁶. E' preciso, porém, ler as historias e as chronicas do tempo para bem avaliar a crueldade dos colonos, e como esta não deixou aos Jesuitas a possibilidade dos resultados que uma catechese completa teria produzido, dando ao Brasil, não uma nação theocratica, como diz Sylvio Romero, mas uma enorme população laboriosa e christã.

Tractando em sua *Historia do Brazil* das minas de metaes e pedras preciosas, exprobrando aos Portuguezes sua negligencia em não se aproveitarem das terras descobertas, diz frei Vicente do Salvador: «quando elles vão ao sertão é a buscar indios forros, trazendo-os á força e com enganões, para se servirem delles, e os venderem com muito encargo de suas consciencias, e é tanta a fome que disto levam, que ainda que de caminho achem mostras ou provas de minas, não as cavam nem ainda as veem, ou demarcam ⁴⁷.» Eis bem manifesta a grande ambição do colono: a escravidão do indio. A ambição foi ao poncto de inutilizar no sertão, para onde o jesuita tinha levado a catechese, grandes resultados já conquistados.

E' de um historiador que fez parte da catechese, Montoya, cuja preciosa obra devemos á solitudine de dous illustres brasileiros, Baptista Caetano, que a traduziu da versão em guarany, e Ramiz Galvão, que a fez traduzir e publicar, que tirei a seguinte noticia dos horrores que os colonos, destruindo os povos todos até então fundados, practicaram em S. Paulo: «A vida delles é só a matar gente, e, si alguém procura livrar-se de ser seu escravo, debalde é maltractado como animal. Dous ou trez annos inteiros e ás vezes até 12 annos seguidos, elles teem passado andando á cata de gente, como si fosse animal. Aquelles homens, mais ferozes do que os pagãos, invadiram as nossas povoações, vencendo, matando as gentes, até profanando a sancta casa de Deus. Nós, os trez padres, em ouvindo isto, lá fomos ao lugar onde tinham elles amontado a gente que tinham agarrado. Nós pedimos a elles a gente que nos tinham elles arrebatado, da qual alguns estavam com as cadeias (cordas de ferro) com que os tinham amarrado. Nem bem ouviram o nosso pedido aquelles desalmados; como loucos, gritaram immediatenté, para o nosso lado: pegai, matai os maldictos! dizendo, e em seguida dispararam as suas espingardas: feriram oito ou nove pessoas das que vinham connosco, e um morreu immediatamente ⁴⁸.» A narração, que, por demasiadamente longa, não pôde ser aqui

transcripta inteiramente, prosegue mostrando que na propria casa de Deus iam procurar e matar a gente que vivia com os padres, que, arrastavam e levavam consigo muitos pagãos já doutrinados, que não só agarravam os indios, mas ainda queimavam-lhes os ranchos; que, não só agarravam os gentios, tractando-os como escravos, tambem agarravam os padres, mettendo-os na cadeia, sem respeito algum ao seu estado sacerdotal; que *os malvados christãos, em S. Paulo moradores*, desde 1628 até 1639, sem interrupção, fizeram todo o mal possível á gente dos padres, sendo por isso que os gentios, já domesticados, se safavam para o matto, ficando pouca gente nas povoações, e restando das treze aldeias que os missionarios tinham fundado, apenas duas, pois que onze foram *reduzidas á tapera* (aldeia abandonada) pelos moradores de São Paulo, que mataram os que moravam nellas e os levaram consigo como escravos; que os padres andavam leguas e leguas, fazendo longas caminhadas, para socorrerem espiritualmente, baptizando-os, ou confessando-os, os que caíam doentes, sendo muitos os que morriam sem se fazerem christãos, ou, sendo já baptizados, sem se confessarem; não podendo haver enterramento de defunctos porque eram muitos.

Foram todos estes horrores, de que dão noticia as chronicas, entre as quaes a de Montoya, o que perturbou a grande obra do jesuita no planalto, onde, com o tempo necessario ao grande apprehendimento, elle conseguiria a formação, tão desejada, de um immenso povo brasilico, cujo ingresso na civilização pela catechese teria sido, sem duvida, melhor colonização para o Brasil do que foi essa, na phrase de Montoya, *gente de todas as qualidades vinda de Hespanha, de Italia, de Portugal e de outras terras, que só se occupa e cuida de fazer cousas ruins* ⁴⁹.

Os acontecimentos não o permittiram, e, pelo contrario, produziram o abandono dos gentios e sua volta á vida selvagem.

« Esse abandono e essa volta, depois do desaparecimento dos Jesuitas, disse o dr. Theodoro Sampaio, é a melhor prova de quanto valiam aquelles padres, como civilizadores dos indios. Quando, em 1886, descí, explorando as aguas do Paranapanema, até onde outr'ora se estenderam as missões de Guayra, tocou-me a alma, naquelle deserto immenso, o bosque marginal das bravas e incultas laranjeiras. De seus pomos de ouro, abundantes, bellos, pendidos sobre as nossas cabeças, não reçumava, entretanto, sinão fel. O indio, abandonado, ou perseguido, ficou como essas laranjeiras esplendidas na sua grandeza selvagem, mas cujos fructos a corrente dispersou e corrompeu. Azedume e fel, desconfiança e odio, — eis o que resta hoje na alma do indio, contra essa

civilização cujo alvorecer apenas entrevira, e que tão cedo lhe arrebatarem ⁵⁰ ».

Não fosse perturbada a conquista do *planalto*, transformado já em centro de nossa civilização; não fosse interrompido o exodo dos selvagens que dos sertões affluíam a Piratininga, atraídos pelos religiosos; não produzissem novas contendas com os Portuguezes o exterminio de tantas aldeias; não fossem os padres expulsos, arruinadas as povoações e de novo os indios affugentados para os sertões,— a obra politica do jesuita teria sido completa: elle teria das tribus aborigenes formado um povo!

Mas nem a elevação da obra humanitaria, que elle realizou na defesa do gentio; nem a profundeza da obra politica e economica que elle empreheudeu, tentando nacionalizar as tribus, formar um povo aborigene; nem mesmo as duas obras reunidas podem egualar a grandeza da obra catholica que elle realizou no Brasil: a catechese. Esta foi a grande epopeia do Christianismo na America; esta, a missão especial e sublime do jesuita nas florestas virgens do Brasil, onde

Reina fundo silencio. Passo e passo
O homem do Evangelho se encaminha
Para o meio das gentes reunidas;
Qual o astro que as veigas illumina
E faz abrir a flor, saltar o insecto,
Romper-se a bella e nitida chrysalida,
Cantar o passarinho, e a leve corça
Pular pelas campinas orvalhadas,
Assim rebenta a vida e o movimento.
A' medida que o mestre se approxima
Sobre grande fogueira chamma brilha,
Robustas mãos arrastam duros cepos,
Outras mais frageis pelo chão estendem
Lisas, moles esteiras, ramas frescas;
Ajoelham por fim, e o missionario
Para a imagem de Christo se voltando
Repete as santas orações da noite,
Das noites as orações já terminadas,
As gentes abençoa, e então começa
Da Redempção a historia sacro-santa ⁵¹.

Sim; foi a historia da redempção a que o jesuita escreveu nas paginas do livro americano com as lagrimas da caridade e o sangue do martyrio. E' facil, hoje, quatro seculos depois da descoberta do Brasil, no meio de todos os recursos da sciencia e de todos os instrumentos da civilização moderna, escrever theorias e formulas, systemas de catechese e colonização, deprimindo o que o jesuita fez, ou lembrando o que elle deixou de fazer. Importa,

diz um de nossos chronistas brasileiros, não louvar só as excellencias do systema de catechese e de aldeamento dos Jesuitas, escurecendo o que [ha nelle de pernicioso e incompleto ⁵². Mas, quaes foram os defeitos, as falhas e, mais do que tudo, os males do systema? O chronista citado não o diz. Limita-se a extrahir dos chronistas da Companhia os *Apontamentos* com que prova todos os grandes serviços do jesuita. Diz que é mister reconsiderar que elles obraram no Brasil, que é conveniente reflectir criticamente a sua historia, de que elles são os *proprios escriptores e, por consequencia, não isenta de grande somma de parcialidade e inverosimilhança*.

Pois bem; com as pedidas precauções, leiam-se os *Apontamentos*,

O auctor que não possui outras fontes historicas do periodo colonial que as que nós todos possuímos, lança mão dos chronistas conhecidos; declara elle proprio que seus *Apontamentos* são extrahidos dos chronistas da Companhia de Jesus; resume e reproduz entre outras, as chronicas de Simão de Vasconcellos, Balthazar Telles e José de Moraes. Reproduzindo-as, affirma o que não podia deixar de fazer, os serviços dos missionarios na defesa, catechese, conversão, evangelização do gentio. Desde que se mallograra o systema de colonização adoptado pela metropole; que as capitánias se tinham mostrado incapazes de resistir aos indigenas e estavam expostas ás tentativas de aventureiros extranhos que ahi tentassem se estabelecer; desde que os colonos importados de Portugal para o Brasil eram de tal qualidade que ⁵³ suas relações com os selvagens só produziram males, tornando-os todos peiores do que d'antes; desde que os anthropophagos adquiriam novos meios de destruição, e os europeus novas practicas barbaras, uns perdendo o pavor aos banquetes sanguinolentos, outros o respeito e veneração de uma raça grosseira; desde que, de um lado os colonos, com seu egoismo e ambição não tinham feito sinão espantar os indios, enche-los de desconfiança e odio, e de outro lado, os indios por toda parte se rebellavam, reduzindo a ruinas a maior parte das capitánias, era conveniente, concorda o citado chronista brasileiro, que a metropole empregasse outros meios na domesticação dos selvagens. Para este fim, *appareceram a proposito os Jesuitas*, que chegaram ao Brasil em 1549; e, comquanto poucos, ignorantes da lingua, que começaram a aprender, se entregaram ao trabalho da conversão, cujas difficuldades eram grandes, doutrinando os gentios. Estes, desde logo cobrando aos padres grande respeito e amor, vinham busca-los, como si de muitos annos os conhecessem. Tudo isto e mais outras cousas reconhece o nosso compatriota no seu resumo das chronicas ⁵⁴.

Formúla, entretanto, como juízo seu, que a si proprio parece muito insuspeito e despreoccupado de qualquer preconceito contra o Catholicismo, a opinião de que, si os Jesuitas, na opposição que fizeram aos colonos, se proclamaram estrenuos defensores da liberdade dos Indios; si lastimavam as crueldades de que eram victimas, não foi por amor e dô desses infelizes, sinão como meio de opposição ás outras ordens religiosas e aos colonos, seus competidores no commercio e lavoura, e no fervor das luctas contra os governadores, bispos e todos quantos não eram da Companhia⁵⁵. Eis ahi um outro movel dado á obra do jesuita.

Segundo o auctor da *Historia da Litteratura Brasileira*, si o jesuita defendeu a liberdade dos indios, não é que a destruição destes lhes causasse horror; mas porque elle tinha a aspiração de organizar na America um imperio fundado sobre o gentio⁵⁶.

Segundo o auctor dos *Apontamentos para a Historia dos Jesuitas no Brasil*, o jesuita combateu, de facto, pela liberdade dos indios, mas por opposição, principalmente, ás outras ordens religiosas⁵⁷. Segundo o sr. Sylvio Romero, para a formação e na formação do povo brasileiro, o portuguez, felizmente, suplantou o caboclo e o Jesuita⁵⁸. Segundo o sr. Henriques Leal, o jesuita, parece que queria a liberdade dos indios; mas Deus, que delles se servia, segundo as vistas de sua alta providencia, tinha disposto que não fossem sinão o instrumento da aniquilação dos indigenas para que os portuguezes se pudessem estabelecer e consolidar o seu dominio⁵⁹. São meios singulares estes de escrever a historia! Não me parece que dos processos positivistas ou naturalistas decorra para o criterio dos chronistas o direito de conjecturas tão vagas sobre o movel occulto de façanhas, cuja manifestação é a de actos heroicos não contestados, mas só deprimidos. Repito o que já disse: é facil deprimir serviços á patria, ou affirmar que taes não foram tão completos como deviam ser. O que é certo é que, não obstante os nossos vapores, as nossas estradas de ferro, os nossos projectos, os nossos clubs e associações colonizadoras, os nossos orçamentos e os nossos tractados, tudo isso com que deviamos sobrepujar os primitivos missionarios na obra da civilização das tribus indigenas e do povoamento do paiz, ainda não fizemos cousa que se possa comparar ao que elles fizeram; e o que elles fizeram foi verdadeiramente grandioso.

Historiadores ou chronistas podem, como ficou dicto, interpretar diversamente o movel do jesuita na catechese nacional; podem considerar a sua obra como si ella fôra um simples incidente no periodo colonial, e não um dos factores de nossa nacionalidade.

Mas, fosse o movel do jesuita, como pretende o sr. Sylvio Romero, a ambição de fundar um imperio; ou, como pretende o sr. Henriques Leal, a ambição de prevalecer sobre as outras ordens religiosas; o certo, como bem escreveu Fernandes Pinheiro, é que, qualquer que fosse o movel que determinava os Jesuitas a defenderem a todo transe a liberdade dos indios, a razão e a justiça se achavam do seu lado, e não do dos moradores, cujos motivos se cifravam na carencia de braços para a lavoura ⁶⁰.

O que é certo ainda, é que si os Jesuitas não tiraram de seu systema de catechese todas as vantagens possiveis, a razão desse facto independente da vontade delles, encontramos-na nas difficuldades que o colono civilizado oppunha á catechese. Desde que este se resolveu a apoderar-se, fosse como fosse, do trabalho do indigena, e para isso entregou-se ás expedições pelo deserto, que ficaram conhecidas pelo nome de *bandeiras*, as mesmas tribus que com toda a mansidão tinham recebido os missionarios, se sublevaram enfúrecidas. Inutilizaram-se assim, em grande parte, os esforços dos missionarios na evangelização dos indios, que, entretanto, em porfiada lucta, de que nos dão testemunho os alvarás, cartas régias e bullas do regimen colonial, elles defenderam contra o egoismo, as ambições e violencias de homens corrompidos.

O que é certo ainda é que, desde que por D. João III foi definitivamente organizado o systema de colonização para o Brasil, e sob a auctoridade de um governador geral, os serviços do jesuita foram o principal e mais benefico agente da metropole. Não ignora quem quer que lê as chronicas coloniaes, de que poderoso auxilio foi logo o padre Manoel da Nobrega ao primeiro governador geral nas difficuldades que teve de arrostar para remediar todos os erros anteriormente commettidos no regimen das capitancias.

Hoje, não é difficil dizer que tinha defeitos o systema de colonização que então se adoptou, e que o jesuita ou não fez taes cousas, ou taes cousas podia ter feito mais completas.

Entretanto, observou muito bem o sr. barão Homem de Mello, por mais acanhado que fosse o systema de que se tracta, elle povoou um vasto continente, plantando em toda a sua região a Cruz do Senhor; o que talvez não nos fosse facil fazer hoje si por um mysterioso encantamento, como a Cabral acontecêra em 1500, fosse posto á nossa disposição para o povoarmos em toda a sua extensão e nelle firmarmos o imperio da fé, um immenso continente ⁶¹. Finalmente, o que é certo é que, lidas as chronicas do periodo colonial, ninguem pôde deixar de considerar o trabalho

do jesuita na catechese de nossos selvagens, como um sacrificio heroico.

Atravessar montanhas escarpadas; arrostar torrentes impetuozas; transpor, sobre abysmos, valles e rios; abrir o caminho de cerradas brenhas; penetrar nos medonhos recessos de florestas onde o bramir das féras se confundia com a vozeria dos indios; enfrentar o selvagem; fallar a tribus barbaras; permanecer no meio de hordas antropophagas; não obstante settas mortíferas que varavam o peito de uns, e instrumentos terriveis que despedaçavam as carnes de outros, de seus companheiros, attrahir reduzir, fascinar a infeliz gentildade até prostrar-se deante de uma cruz de madeira, erguida no seio dos desertos, como o symbolo da humanidade e da civilização; conseguir que homens, mulheres, e crianças, bandos numerosos de suas terriveis phalanges seguissem os padres e os accompanhassem a logares onde ficavam, formavam povoações, edificavam casas e egrejas, convertiam-se, emfim, ao Catholicismo: esta foi a suprema abnegação do jesuita. Quando o seu systema de catechese não tivesse sido o unico que até hoje se tem mostrado proficuo na domesticação e conversão dos selvagens brasileiros, os actos só de sua dedicação, os devotamentos de sua caridade teriam direito a encher a primeira pagina da historia do Brasil.

Não; por simples ambição mundana, deseioso, como se tem pretendido, de formar nas regiões do novo mundo um imperio jesuitico, um homem não é capaz de alimentar-se de raizes e fructos silvestres, correr de tribu em tribu, arriscar continuamente a vida a supplicios e torturas, nem siquer contemplados por alguém que os possa applaudir, pelo contrario deprimidos pelos proprios colonos portuguezes na opposição que os seus vicios, paixões e interesses contrariados faziam á catechese; não é capaz de caminhar todo o dia, velar toda a noite, deitar-se sobre o chão, estremecer a todo o instante aos gritos de guerra, contemplar frequentemente o espectaculo horroroso do fogo reduzindo as casas, os arraiaes, as aldeias a montes de cinza, procurar o selvagem nas proprias festas, nos proprios banquetes sanguinolentos em que o maior appetite delles é o de comer carnes humanas!

A ambição mundana não é capaz desses devotamentos; só o amor de Jesus Christo os póde inspirar.

No littoral, como no sertão, a catechese foi a obra da caridade. E de que outro meio podiam dispor os Jesuitas para as façanhas e feitos maravilhosos de que nos fallam as chronicas?

Meio seculo ainda não tinha decorrido depois de sua chegada ao Brasil, e já quasi todo o littoral, desde Pernambuco até

S. Vicente, estava povoado por selvagens domesticados e convertidos; já os padres tinham baptizado mais de cem mil indios. No sertão, como no littoral, o trabalho dos missionarios era verdadeiramente prodigioso. A mesma paciencia que tinham revelado em supportar a ira e os furores dos colonos e lavradores, correndo de casa em casa, verificando si elles tinham indios escravizados, e, no caso affirmativo, fazendo que elles os restituissem á liberdade, revelavam nas difficeis e trabalhosas jornadas pelos bosques e mattas, correndo o sertão, procurando as tribus, attra-hindo o selvagem, ensinando-lhe, emfim esse *Evangelho nas selvas*, que não é sómente o poema apostolico de Anchieta, mas o do jesuita em dous seculos de missões e peregrinações brasileiras, tão porfiadas nas praias do mar, á margem dos grandes rios, atravez das montanhas, como no abysmo profundo e tetrico das florestas seculares.

Que marchas laboriosas as dos padres pelos desertos! Não poucas vezes, em caminho para a *terra dos pagãos*, depois de muitas fadigas, vinha-lhes o soffrimento da fome, pois acabava-se-lhes a *matolotagem*, e, para se alimentarem, tinham apenas um *punhado de milho*.

Tudo elles soffriam no deserto para tirarem o gentio de seu *erroneo modo de vida*, para *destruirem-lhe os habitos antigos e leva-lo a crer* na palavra de Deus. Para isso faziam aldeias; ensinavam aos meninos a ler e escrever; ensinavam ás *gentes a palavra de Deus*, fazendo-as entrar na Igreja; mas, não obstante *não quererem fallar do sexto mandamento quando pregavam sobre costumes*, além de tudo que soffriam nas aldeias, tiveram os padres de supportar as exigencias com que o *demo quiz debalde tentar-lhes a vida sem peccado*, impellindo *muitos* principaes a exigirem dos padres que substituisssem no serviço de casa os rapazes que os ajudavam pelas *muitas mulheres que elles designavam* — o que elles não fizeram nunca, com *admiração dos gentios*, que se ensoberbeciam de seu modo de viver com as mulheres ⁶².

E' impossivel nesta *Memoria* reproduzir os labores da catechese.

Mas, a catechese não foi só uma obra de fé. Obrigado a concentrar toda a sua actividade num poncto afastado das colonias do littoral, o missionario tomou posse do planalto, conquistou-o. Isto importou para o paiz no interior, o conhecimento, e no exterior a fama de suas riquezas; porque, como disse uma voz competente, conquistar o planalto foi revelar ao mundo um Brasil de ouro, mais rico do que o proprio Perú, tão vasto como a Europa, tão attrahente e seductor como essa mesma

India de Vasco da Gama, que, por tantos annos, nos fez ex-quecidos e desprezados ⁶³.

Si de um lado é certo que a obra da catechese não podia ser feita sem brandura, zêlo, devotamento, immolação; de outro lado, não é menos evidente, que a obra da civilização brasileira não se teria iniciado, sinão muito tarde, sem a preseverança dos missionarios.

O mesmo heroismo que os mantinha sollicitos na propaganda do Evangelho, na educação das tribus, na opposição aos colonos, na edificação de egrejas e casas, na fundação de escholâs para o cultivo da intelligencia, e de officinas para a aprendizagem das artes-mechanicas; e que, quando mister, fe-los trocar a habitação do littoral pela vida mais arriscada do sertão, onde, para internar nas mattas virgens e seculares que antes não tinham sido pisadas pelo homem civilizado, era-lhes mister expôr a vida a perigos constantes; esse mesmo heroismo, digo, foi o primeiro agente de nossos interesses politicos e economicos.

Que philosophos ou politicos se metteriam, por amor da patria, naquelles esconderijos?! Que patriotismo, por mais achrysolado, tem a intrepidez e a coragem de, para o povoamento do Brasil, ir procurar milhões e milhões de homens que vivem como fêras; de homens, diz frei Vicente de Salvador, *que nenhuma fê tem, nem adoram a algum Deus; nenhuma ley guardam, ou preceitos, nem tem Rey que lha dê e a quem obedecam senão he um capitão mais pera a guerra, que pera a paz?* Fetichistas, idolatras dos rios, do sol, dos bosques, que consideram como outros tantos seres; dados à anthropophagía, sendo para elles a matança de um prisioneiro a melhor e a mais alegre de todas as festas; usando constantemente arcos e flechas hervadas com succos venenosos; polygamos, inçados de todos os vicios; errando nús pelas florestas como fêras; fanatisados por um culto multiforme, bizarro, absurdo — taes os homens com quem tem de arcar o jesuita na catechese, a que elles dedicam os dias, as noites, o repouso, a vida. Conseguiram, entretanto, dentro de poucos annos, formar um grande numero de povoações ou reducções, compostas de milhares e milhares de indios baptizados. Conseguiram tambem, como diz um historiador, iniciar a *unidade brasileira*, com a frequencia de noticias e relações de umas villas para outras, e mais fraternidade entre os habitantes das differentes capitânicas, as quaes, só com o Evangelho, foram deixando o habito das injurias e doestos ⁶⁴.

Qual foi o segredo desses resultados maravilhosos? Sem duvida, os prodigios da catechese não teem outra causa primeira

sinão a graça de Deus dada á alma valorosa, intrepida do missionario, faminto de dores, de sacrificio, de immolação, avido de dar ao Brasil milhões de habitantes, e dar á christandade milhões de almas errantes nas trevas do fetichismo; mas o meio humano, o segredo das maravilhas apostolicas na America prende-se a isso que, ha poucos annos, o sr. Eduardo Prado, com muita felicidade e com a bella intuição christã de seu talento, chamava — *o methodo catholico de colonisação* ⁶⁵.

Durante meio seculo tinham sido nullas, sem o missionario, todas as tentativas de colonizaçáo do Brasil, mas, emfim, a metropole, onde, como escreveu Fernandes Pinheiro, nenhum estadista nos conselhos de D. Manoel tinha sido capaz de planear um systema colonizador da terra de Vera Cruz, comprehendeu que essa obra cabia ao apostolo e ao evangelista, antes que ao estadista e ao administrador.

D. João III em boa hora appellou para a ainda incipiente Companhia de Jesus. Ao lado de Thomé de Souza, o primeiro governador geral, encarregado de inaugurar no Brasil um novo regimen, collocou o padre José da Nobrega, superior dos primeiros Jesuitas que aportaram ao Brasil, e que foram, além de Nobrega, João de Aspilcueta Navarro, Antonio Pires, Leonardo Nunes, e os irmãos leigos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

Chegados ao Brasil, em 29 de Março de 1549, estes primeiros soldados da grande milicia; desde que o primeiro governador funda na Bahia o centro da primeira administração geral do Brasil, dando á nova cidade o nome — Salvador — o jesuita começa logo a ser o indispensavel auxiliar de Thomé de Souza na colonizaçáo; começa logo a procurar por todos os meios captar a amizade do gentio, por meio de canticos harmoniosos que lhe commovem o coração, de cerimoniaes e procissões que lhe encantam a imaginação, de actos religiosos que o attrahem.

Aprendem a lingua dos que tinham de converter, e conseguem prégar o Evangelho na lingua tupica, por meio de sermões que os persuadem e convertem. Os escriptores dominados de preconceitos contra a Igreja teem chamado a isso — illudir e fanatizar o gentio. Com que methodo entendem elles que se devia converter o gentio? Porventura, o jesuita, no periodo colonial do Brasil, estava como o padre, hoje, collocado no meio de philosophos incredulos, ou de catholicos degenerados, precisando de converter aquelles pela polemica, ou de regenerar estes pela doutrinação?

O methodo adoptado na catechese foi o que devia ser seguido, e o unico que o podia ser com vantagem pelos padres da Companhia.

Com que tacto elles começaram a sua grande obra pela catechese da infancia! Que delicadeza no tracto do menino! Que habilidade em attrahir os homens e as mulheres, que, atraz dos filhos, vinham cantar em côro e assistir á missa, e, seduzidos pelas harmonias da musica e pelos esplendores da solennidade e pompas do culto, deixavam de vez as florestas, e vinham formar povoações e aldeias! Nestas, o missionario conseguia transformar em carpinteiros, serralheiros, ferreiros, pedreiros, ourives, pintores, esculptores, em fabricantes de orgãos, de flautas, harpas, guitarras, homens ainda ha pouco tempo entregues aos costumes mais ferozes e sanguinarios; conseguiam que as mulheres vissem occupadas em misteres domesticos, e fossem auxiliares de seus maridos no trabalho; que as crianças frequentassem as escholas, e, conforme a vocação manifestada, fossem destinadas á uma educação litteraria. Que tacto, repito, em tudo isso! Por qualquer face que se a encare, só pelo lado religioso, sob o poncto de vista politico, ou sob o poncto de vista economico; ou, finalmente, como methodo, como systema, como recurso empregado — a evangelização do Brasil colonial é uma obra prima do jesuita. Sem excluir do applauso, do respeito, da veneração e gratidão devidos pela posteridade, nenhum dos discipulos de Loyola que fecundaram as nossas plagas com o suor de seu trabalho apostolico, é justo gravar nesta *Memoria* como as' duas mais completas personificações do jesuita — Nobrega e Anchieta.

Nobrega, primeiro provincial da Ordem da Companhia de Jesus, na provincia do Brasil, foi o fundador da christandade brasileira, cujo grande evangelizador foi Anchieta, que, *se pôde chamar Apostolo do Brasil, pelas obras e milagres, que nelle fez*, como o padre S. Francisco se chamou da India ⁶⁶.

Chegando ao Brasil, em 1549, em companhia de seis jesuitas de que era o chefe, Nobrega iniciou desde logo os trabalhos da catechese e civilização dos indigenas. Nomeado provincial da ordem no Brasil, passou de S. Vicente para Piratininga, onde fundou o collegio de S. Paulo.

Quando esse illustre varão apostolico veiu para o Brasil, cujo solo, desde que elle o avistou, saudou num *Te-Deum* fervoroso como a *terra promettida* aos desejos de sua caridade, já em Portugal eram notorios os seus meritos e virtudes.

Espirito activo, que as contrariedades providenciaes de sua vida tinham subjugado; coração repleto de ambições mundanas, que Deus não permittiu fossem satisfeitas; alma susceptivel, entretanto, das mais delicadas emoções da piedade, que se lhe desperta, ouvindo um prégador eloquente verberar o mundo e a falsidade de suas

glorias, Nobrega, sem repugnancia, bem cedo, faz a Deus o sacrificio de seus talentos, de seus gostos, de sua vontade, e entra, em 1544, na Companhia de Jesus, onde o seu noviciado foi um arroubo, em que o joven postulante subiu rapidamente, abraçado com a cruz de Jesus Christo, todos os degrãos da perfeição christã. Preparado o athleta do Senhor, que o enche de um zelo inflammado, o que lhe falta é um theatro condigno. Seu valor já nos deixam presentir as primicias de um apostolado iniciado no ensino da doutrina, na prégação pelas cidades, aldeias e praças.

O céo, porém, lhe predestina maiores feitos em terras longinquas, cheias de multidões errantes, ferozes, avidas de sangue e de carne humana, entregues á feitiçaria e ás mais grosseiras superstições. E' para o meio dessas legiões barbaras que o heroe parte, contente da missão que se lhe confia no Brasil, onde, como nos diz a chronica, gloriosas foram as suas obras.

Foi elle um pai mui amoroso para os pobres, e unico remedio para os desamparados, assim portuguezes, como indios. Foi o primeiro que amansou e domesticou aquellas gentes, mais feras que as mesmas feras; que as ajunctou em aldeias; que lhes deu leis; que as ensinou e doutrinou, tendo-lhe ellas tão grande affecto e obediencia que o que não podia acabar o governo por força das armas, acabava o padre Nobrega só com a sua presença e poucas palavras ⁶⁷. Nobrega fundou os collegios do Rio de Janeiro, Bahia, Piratininga, as casas de S. Vicente e Porto Seguro. Apenas teve conhecimento da lingua, dispoz-se a ir procurar os gentios nos seus proprios enconderijos. Galgou montanhas, atravessou florestas, transpoz planicies e desertos, soffreu o rigor das estações, sêdes e fomes; mas, conseguiu que milhares de gentios fossem baptizados; que em muitas tribus se abolisse o costume da anthropophagia; que sobre idolos de fetichismo se elevassem cruces do verdadeiro Deus; conseguiu em trinta annos, que aqui viveu e prégou, como diz um dos seus biographos, transformar o Brasil, que elle tinha encontrado como uma floresta de vicios e peccados, num paraíso de virtudes ⁶⁸.

Grande defensor da liberdade dos indios, que muito o amavam, e que elle, nem mesmo na velhice, abandonou, Nobrega teve contra si o odio dos Portuguezes, que chegaram, mas debalde, a tentar contra a sua vida, e que tripudiaram de alegria quando, por amor delles proprios e da christandade, Nobrega se offerceu para ir, no meio dos inimigos sublevados contra os colonos, conseguir um tractado de paz.

Pensavam elles que morreria por sua imprudencia á mão dos inimigos o heroe, que, tendo feito a Deus o sacrificio voluntario

de sua vida, pela graça de Deus não só saiu incolume do perigo, como com a sua palavra conseguiu *transformar leões furiosos em pacíficos cordeiros* ⁶⁹.

Era com lagrimas nos olhos que este padre, cultor insigne da castidade, que nelle foi verdadeiramente angelica, celebrava o Sancto Sacrificio. Lendo continuamente o livro do Crucifixo, delle sabia mais por sciencia practica que todos os philosophos do seculo por suas estereis theorias ⁷⁰.

Os furores dos gentios, as traições dos Portuguezes, o veneno que se tentou propinar-lhe, o naufragio de que no mar de S. Vicente foi milagrosamente preservado — nenhuma destas tribulações pôde exterminar esta vida gloriosa. a que Deus queria dar na suprema consagração da velhice os mais doces prazeres da paternidade apostolica, venerada e carinhosamente amada nelle pelos proprios gentios, que, onde quer que elle apparecesse, corriam a recebe-lo com canticos e flores. Era a justa gratidão dos filhos ao pai amorosissimo que, com heroica caridade, tantos annos lhes tinha dado todas as sollicitudes de seu coração e todas as fadigas de seu corpo.

Sua morte, de que teve revelação, foi calma e serena como o pôr do sol — que verdadeiro sol tinha sido elle nas trevas da gentilidade.

Ao lado de Nobrega, de quem foi no seu provincialado o melhor interprete, ergue-se o vulto de Anchieta, o jesuita, o apostolo, o thaumaturgo, o poeta.

Jesuita — sua vocação foi uma das mais completas e bellas que já enaltecera a Companhia de Jesus.

Nasceram, por assim dizer, quasi junctos, Anchieta e a Companhia de Jesus; aquelle em 1533, esta em 1534.

Deus, que segundo o bello pensamento de illustre prelado ⁷¹, não levantou um monte, nem abriu um valle, ou aformoseou uma praia sem saber para que povo, ou para que alma trabalhava, parece que creando a Companhia de Jesus uma das almas em que pensou, e especialmente a destinou, foi a daquelle que, um anno antes, numa *ilha afortunada*, tinha visto a luz do dia.

Dir-se-hia que o livro esplendido da natureza, onde tudo é prescripto, ordenado e sujeito á vontade de Deus; onde vemos reunidos os impetos do mar, as fulgurações do céu, a harmonia dos passaros e o perfume das flores; dir-se-hia que o livro da natureza, aberto na ilha de Teneriffe aos olhos do menino, foi a preparação de todas as heroicas virtudes de sua alma, na qual se resumem com toda a perfeição — a obediencia do religioso, os arrojos do apostolo, os resplendores do sancto, os versos do vate.

Foi bella a inteireza de sua virgindade, que desde a infancia, desabrochou como um lyrio aos pés da Virgem, a quem elle a dedicou, e se derramou nas aldeias, nos altares, nas paginas, emfim, de seu poema como um odor precioso. Anchieta é um nome difficil de adjectivar. Tambem cada chronista, historiador ou escriptor que o celebra, dá-lhe um epitheto. *Personagem historico, legendario, quasi biblico*, como se expressa Teixeira de Mello ⁷² —, uns celebram nelle o evangelizador das tribus selvagens, outros o genio da poesia e das lendas, outros, emfim, o patriarcha rodeado, no seio das florestas, de uma grande e bella descendencia espiritual, que elle gerara no Christo. A Historia diz delle que, desde 1553, foi o maior e mais poderoso cooperador do padre Nobrega na catechese dos indios; e o denomina — o *aposto'lo*. A lenda diz que os seus milagres foram tão admiraveis como os seus trabalhos; e o denomina — o *thaumaturgo*. A tradição nos traz o seu nome, atravez de tantos episodios e de luctas tão ardentes, e não obstante tambem as miserias e fraquezas do coração humano — superior a todas as ambições mundanas, tão estreme de toda a macula como *si não tivesse pela carne pertencido á humanidade*; e o denomina — o *sancto*.

Quando Anchieta, inflammado de um zelo tão impetuoso que o seu maior desejo era já, na juventude, a conquista, em terras longinquas, de povos e nações ferozes, chegou ao Brasil, era mais cruel, diz a chronica, a guerra que os indios Tamoyos faziam aos Portuguezes.

Foi preciso para acalma-los uma embaixada composta de Nobrega e Anchieta, *o qual bastou para abrandar a dureza daquelles penhascos* ⁷³. Como tivesse ficado em refem entre os Tamoyos, Anchieta aproveitou-se da occasião para reconciliar os espiritos, instruir e regenerar uma grande multidão de barbaros, heroismo, sem o qual, dizem os escriptores, todas as tribus coalizadas, exterminariam os estrangeiros e anniquillariam d'uma vez as colonias portuguezas. Essa é apenas uma das muitas façanhas de sua vida, bem comparavel, como diz um de seus chronistas, á de S. Paulo; podendo Anchieta dizer, como este, que sua missão foi uma ladainha de trabalhos, cansaços, fomes, sêdes, frios, ingratidões, mãos tractamentos e affrontas, tudo isso não durante dias ou mezes, mas durante quarenta e quatro annos. Todos os historiadores reconhecem os seus talentos, as suas virtudes, os seus serviços apostolicos.

Elle uniformizou e methodizou a catechese; reuniu em torno de si uma porção de discipulos; penetrou no interior dos nossos sertões, procurando os Guaycurús, os Purys, os Guaranyes, para os converter; emprehendimento em que teve o immenso desgosto

de ver morrerem ás frechadas dos barbaros alguns de seus discipulos, como Pedro Corrêa e João de Souza.

Chamou para a vida social muitas tribus nomades e erantes, aldeiou-as em populações; tornou-as industriosas e trabalhadoras.

Foi elle quem formou nos campos de Piratininga, em 1554, o terceiro collegio regular do Brasil, sendo esse lugar, onde, pela primeira vez se celebrou missa, em 25 de Janeiro, consagrado ao apostolo S. Paulo. A antiga aldeia é hoje a formosa e opulenta cidade, que, em 1896, prestou á sua memoria, em brilhantes conferencias litterarias feitas por illustres oradores, uma esplendida homenagem. Esta foi condigna daquelle que, para converter os indigenas, não se contentava com a voz harmoniosa, que os attrahia, deixando elles para ouvi-la as tabas e as florestas; mas ainda compunha grammaticas, compunha versos e cantigas, compunha dialogos e comedias; recorria, emfim, aos talentos do litterato que nos deixou esse poema consagrado á Virgem, do qual as estrophes como que para serem menos indignas da pureza immaculada de Maria — foram escriptas nas alvas praias do mar.

Eleito provincial, a sua actividade já se não concentrava numa capitania; mas se estendeu a todo o territorio abrangido pelo Prata e pelo Amazonas — immensa região, onde, na phrase feliz de João Monteiro, que o celebrou delicadamente — *Na Poesia e nas Lendas Brasileiras* — Anchieta completou, mais grandioso do que o genovez audaz, a obra de Colombo; por que este de arcanos geographicos arrancou um povo bruto; elle, de um bruto povo, fez almas christãs⁷⁴. Si sua vida, como diz um de seus biographos, não cede em maravilhas e sanctidade a nenhuma vida de apostolo⁷⁵; a ternura apostolica de seu coração transborda de suas cartas, essas preciosas reliquias, esses documentos, que, diz Teixeira de Mello, não podemos contemplar sem que nos entre pela alma um como bafejo acre e puro das auras embalsamadas das mattas seculares de nossa patria, sem parecer que assistimos ao primeiro despertar desta natureza e ás peregrinações de seus primitivos habitantes.

De facto, le-las nas *Revistas* de nosso Instituto Historico, ou nos *Annaes* de nossa Bibliotheca Nacional, esses dous preciosos escriptos da historia patria, é pormo-nos em contacto com a alma do Brasil primitivo.

Pois é um homem destes, não só o nosso primeiro evangelizador como tambem o mais antigo vulto de nossa litteratura, que, diz o insuspeito Sylvio Romero, a critica mesquinha que ha presidido á organização de nossas chronicas litterarias, tem excluido de seu quadro⁷⁶!

Eis ahí, em Nobrega e Anchieta, as duas mais completas e bellas personificações do jesuita, no periodo colonial do Brasil, que a Companhia encheu de phalanges intrepidas e heroicas. Por mais exforçada, porém, que fosse a ordem de Sancto Ignacio na evangelização e civilização do Brasil, mui grande era a seára, muito vasto o campo de batalha offerecido á Fé nas terras de Sancta Cruz. Eis por que providencialmente novas ordens religiosas appareceram e vieram concorrer com o Jesuita na conversão dos gentios, na construcção de egrejas, de hospicios, de collegios, de instituições pias e beneficentes. As primeiras ordens religiosas, que depois dos jesuitas se estabeleceram no Brasil foram a dos Benedictinos, a dos Franciscanos Capuchos, de S. Francisco e dos Carmelitas Observantes. Todas trez se estabeleceram na epocha da colonização da Parahyba, e sob o governo de Manoel Telles Barreto. Os Benedictinos, em 1581, ficaram estabelecidos na cidade do Salvador; pouco depois, estabeleceram outra abbadia no Rio de Janeiro; e em 1586 uma terceira em Olinda, e foram se extendendo até contar no Brasil septe abbas e varias presidencias ⁷⁷.

Esta ordem religiosa tinha roteado e civilizado a maior parte da Europa. Antes de 1334 já tinha dado á Egreja 24 papas, 200 cardeaes, 7.000 arcebispos, 15.000 bispos, 15.000 abbades celebres, 4.000 sanctos beatificados ⁷⁸. Era, por muitos titulos, uma bella aquisição para o Brasil, que lhe offerecia um solo fertil para a agricultura e milhares de almas para receberem a instrucção.

Os Capuchos, cuja primeira introducção foi devida a Jorge de Albuquerque, chegaram ao Recife, onde tomaram conta da ermida de N. S. das Neves, em 1585; organizaram-se em provincia independente, que se dividiu depois em duas — uma na Bahia, outra no Rio de Janeiro. Os Carmelitas Observantes, que chegaram depois ao Brasil, fundaram conventos em Olinda e Santos; constituiram duas provincias, uma no Sul, outra no Norte. Aos Carmelitas Observantes seguiram-se os Carmelitas Descalços ⁷⁹.

Taes as primeiras ordens religiosas que, no periodo colonial, se estabeleceram no Brasil, onde, no correr dos tempos, veremos successivamente apparecer em diversas congregações religiosas, que tanto teem concorrido para a nossa civilização, e que teem sido os nossos grandes promotores da instrucção da mocidade, da educação da infancia desvalida, da evangelização do povo: os Lazaristas, os Jesuitas, os Salesianos, os Redemptoristas. Na mesma epocha fundam-se numerosos conventos de freiras de ordens religiosas celebres na Egreja, dos quaes o primeiro inaugurado e que por

isso e por outras circumstancias merece nesta *Memoria* especial menção, foi o de Sancta Clara, na Bahia.

Povoado o Brasil, estabelecidas as ordens monasticas, era uma consequencia logica do fervor religioso da epocha que a vocação para os bellos apostolados da Egreja, aliás tão necessarios e imprescindiveis numa christandade recentemente formada, não se limitasse aos homens; que ella despertasse tambem, como em todos os paizes tem acontecido, no coração, em regra, tão piedoso e devoto, da mulher.

Foi o que aconteceu. Muitas donzellas desejavam servir a Deus, desejo contrariado em umas pelo temor de atravessarem os mares e fazerem a viagem necessaria á profissão, que não se podia ainda realizar no Brasil; outras, pela falta de recursos pecuniarios para tal viagem. Foi considerando todos estes inconvenientes que, como nos attesta um dos chronistas da ordem de S. Francisco, o Senado da Bahia, com zelo do bem commum, alcançou licença do principe regente do reino para fundar mosteiro de religiosas em sua cidade, e impetrou tambem para este effeito breve do summo pontifice Clemente X, por força do qual mandou o seu procurador em Lisboa que dos mosteiros de melhor Reforma buscasse algumas religiosas que quizessem vir fundar á Bahia ⁸⁰.

As diligencias feitas foram improficuas; mas frei Francisco do Desterro, achando-se em Evora, no convento de Sancta Clara, de tal sorte expoz á madre abbadessa o desejo que na Bahia havia de ter mosteiro de religiosas, que no coração de muitas religiosas accendeu-se o ardente desejo de serem as fundadoras do da Bahia, e para tal se offereceram; sendo, porém, sorteadas, dentre todas as pretendentes, quatro — soror Margarida de Columna, soror Hieronyma de Presepio, soror Luiza de S. José, e soror Maria de S. Raymundo.

Em Novembro de 1676, estas religiosas começaram sua viagem para a Bahia, onde chegaram no dia 9 de Abril de 1677, indo a bordo recebe-las os governadores do Arcebispado, cujo arcebispo era D. Gaspar Barata, os governadores da praça, os prelados, o clero, e o mais illustre do povo, todos mui contentes e satisfeitos de terem, emfim, conseguido o que tantos annos tinham desejado e supplicado.

Foi grande e imponente a festividade da recepção; não faltando as náos do mar, e as fortalezas de terra com os estrondos de suas artilherias. Houve *Te-Deum* na cathedral, onde estava o cabido incorporado; depois do que, as quatro religiosas fundadoras se recolheram ao seu hospicio. Ahí viveram dez mezes

só com as serventes que do reino as tinham acompanhado, com poucas esperanças de receberem religiosas, pelas dificuldades que a isso se oppunham; mas, dentro em pouco, taes difficuldades se dissiparam, e o convento começou a receber religiosas. As primeiras a quem se lançou o habito foram D. Martha Borges de França, natural da Bahia, de 28 annos de idade, e Leonor de França, de 17 annos de idade, natural do Rio de Janeiro, ambas filhas de Salvador Corrêa Vasqueanes e Margarida de França Corte-Real. As duas ermãs tomaram o nome — a primeira, — de *Martha de Christo*, a segunda, de *Leonor de Jesus*. Outras foram, em seguida, recebendo o habito, elevando-se em 1684 ao numero de 29. A primeira mestra de noviças eleita pelas religiosas foi soror Maria de S. Raymundo. As religiosas fundadoras governaram até ao anno de 1686, em que se retiraram da Bahia para o reino, depois de dez annos de reaes e importantes serviços á religião no Brasil, onde deixaram fundado o primeiro convento de mulheres⁸¹.

Como se vê, a Religião, no nosso periodo colonial, e pouco depois da descoberta do Brasil, foi a preocupação não de uma, mas de todas as ordens religiosas, as quaes concorreram para o desenvolvimento e os progressos do paiz, catechizando os indigenas, educando o povo, fundando collegios, escholae, hospitaes, institutos pios e de beneficencia.

Como exquecer o que o Brasil deve ás ordens religiosas, no seu periodo colonial, e mesmo durante a infancia do imperio? Grandes foram na litteratura, na sciencia, nas artes, na lavoura, em todos os ramos da actividade humana, os serviços dos Benedictinos, que em muitos de nossos grandes centros de população, e em varias outras cidades, deixaram erguidos magestosos conventos, sob cujas arcadas se asylaram milhares de brasileiros, que da ordem de S. Bento receberam o ensino, a educação, os recursos intellectuaes e moraes com que depois serviram á patria nas differentes carreiras e posições em que se acharam collocados.

Os claustros de S. Bento deram ao Brasil uma pleiade de homens eminentes, de mestres em todas as sciencias e artes.

Não menos fecunda foi a Ordem Carmelitana, de cujos mosteiros saíram chronistas, oradores, professores, em cujos sanctuarios, hoje quasi abandonados, estão ainda gravados os signaes da magestade e do esplendor do culto nas epochas passadas. Tambem aquelles d'entre os religiosos que tinham sido os primeiros a pisar o solo brasileiro, e fecunda-lo com seu sangue, isto é, os gloriosos filhos do seraphico S. Francisco, foram no

nosso, como em tantos outros paizes, grandes e poderosos agentes da civilização christã, oppondo, pelos exemplos da mortificação, de pobreza, de desprezo do mundo, de suas honras e glorias, um obstaculo á corrupção da sociedade, que é sempre effeito da ambição desenfreada das almas, e da dissolução moral dos corações.

O Franciscano viu nascer o Brasil. Foi elle quem o baptizou. O primeiro germen, do qual, em não remoto futuro, brotou formosa e fecunda a arvore da catechese, que ao Jesuita deve tantos suores e lagrimas, foi o sermão de um franciscano.

O Franciscano viu organizar-se o imperio, que elle acompanhou até ao tumulo, e ao qual sobrevive, infelizmente mais como uma sombra do que como a representação viva de uma grandeza passada.

Foi dos claustros franciscanos que surgiram, no Brasil, os famosos oradores, cuja tradição ainda perdura.

O Jesuita roteou as florestas, subjugou os indios, domesticou essas feras; do Norte ao Sul encheu de aldeias e povoações o littoral e o planalto do Brasil.

O Benedictino, o Carmelita, o Franciscano penetraram noutras florestas; procuraram, em selvas não menos compactas nem menos sombrias, feras não menos embrutecidas e furiosas que os gentios: entraram no seio mesmo das populações, procuraram e attrahiram as almas de milhares de brasileiros para os quaes não tinha brilhado ainda, nas trevas em que viviam, o sol do Evangelho.

O Jesuita foi o primeiro athleta da catechese, o primeiro batalhador da civilização do Indio e o defensor ardente e audaz da liberdade dos gentios. Foi tambem o vexillario de nossa existencia nacional e politica; e não se póde elimina-lo de nossa historia sem supprimir as origens da patria.

Os outros religiosos foram os colonizadores da christandade formada pelo jesuita, da patria catholica, que devemos á caridade de Nobrega, e aos ardores apostolicos de Anchieta.

O clero, regular e secular, teve, e não repudiou, uma missão gloriosa, em mais de dous seculos de nossa existencia politica; sendo quasi incomprehensivel que de uma geração clerical tão brilhante e intrepida nos combates da intelligencia, como nas batalhas da vida publica, saísse uma descendencia que se esconde, hoje, á sombra do santuario, separada das grandes questões de nossa epocha e dos grandes interesses de nossa patria pelas muralhas das sacristias, onde ella não quer e não permite chegar o écho do clarim que convida ao combate.

No periodo de que tracto, não foi só do claustro, mas tambem do clero secular que saíram os homens eminentes que brilharam na tribuna sagrada, na cadeira do magisterio, na poesia, nas lettras e nas artes.

Não só a eloquencia, tambem a historia e as sciencias exactas tiveram cultores eximios.

Não comporta esta *Memoria* um rol de todos esses homens eminentes que a eloquencia, o professorado, as musas, a litteratura, e a arte reclamam como notabilidades. Póde-se, entretanto, encontra-lo num interessante escripto, que sobre *Os claustros e o clero no Brasil* publicou distincto patricio nosso, o sr. José Luiz Alves, que conseguiu dar-nos uma relação nominal de todos os oradores, professores, poetas, chronistas, historiadores, artistas no periodo colonial, não só das ordens beneditina, carmelita, franciscana, mas tambem do clero secular ⁸².

O clero não se distinguiu sómente na esphera scientifica e na litteratura; tambem na politica, no jornalismo, no parlamento, nos conselhos da nação, na suprema governação do Estado.

Para apressar o movimento da independencia concorreram com seus escriptos padres regulares e seculares, entre estes, Januario da Cunha Barbosa, José Custodio Dias, Geraldo Leite Bastos, Francisco Agostinho Gomes e Diogo Antonio Feijó, que chegou á alta posição de regente do Imperio, tendo sido antes ministro da justiça.

Na Assembléa Constituinte, nas camaras e senados do Brasil, o clero occupou, até certo tempo, os logares mais importantes, dos quaes só o vemos arredado depois que o Imperio, saído das agitações da colonia antiga, pareceu firmado nas bases inabalaveis de uma nacionalidade. Ver-se-ha no logar competente desta *Memoria* como começou a decadencia das ordens religiosas.

O que agora cumpre mencionar são os serviços que ao altar e á patria prestaram essas congregações e ordens religiosas, que primeiro na catechese e civilização do paiz, depois na educação da mocidade, no cultivo das sciencias, das lettras e das artes tão alto se elevaram. E' a dedicação com que não só o Jesuita, que por sua acção primordial e mais vasta no inicio da nacionalidade brasileira, absorve muitas vezes a attenção do historiador, mas tambem o Franciscano, o Benedictino, o Carmelita, se entregaram á conversão dos povos gentilicos, e á edificação de templos, escholae, e asylos, em todos os angulos do paiz: Pará, Parahyba do Norte, Piauhy, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Espírito-Sancto, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, Sancta Catharina, Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Goyaz. E' a dedicação com que

penetraram nas mattas, civilizando as florestas, convertendo os índios, em cuja catechese tambem os capuchinhos italianos muitos serviços prestaram á nação. Fazendo a apologia das ordens religiosas; mostrando como, tanto nos conventos e mosteiros das capitaes e das provincias, como nos das cidades e villas do interior, o passado dessas ordens é *riquissimo de nomes illustres e de serviços importantes*; destacando no clero brasileiro, no presente seculo, quanto á conquista dos selvagens e á evangelização do sertão, apenas um nome— o dr. João Carlos Pereira Ibiapina, que apoz sua formatura em direito, deixou o exercicio da advocacia e magistratura, se cingio do burel do capuchinho, e *appareceu nos sertões e serras de Ibiapaba, atando á Cruz de Jesus Christo o indio das mattas*, cuja conquista foi a aspiração mais ardente do apostolico sacerdote brasileiro, que deixou em todo o Norte do Brasil um rastro luminoso da sua palavra e das suas virtudes; o citado auctor do — *Os claustros e o clero no Brasil* assim se exprime: « longe, bem longe vão esses tempos em que as ordens e o clero brasileiro conquistaram tão brilhante nomeada. Hoje, esses conventos estão despovoados, não tanto pelos estragos da morte, como, pelas guerras intestinas que nelles teem lavrado; guerras que lhes trarão a exterminação completa. Salvando honrosas e rarissimas excepções, os religiosos que os habitam são os primeiros que contribuem para a sua extincção, e que olham com olhar de revés para aquellas habitações da virtude e da sabedoria, reliquias preciosas do seu sublime passado, para aquellas pedras ennegrecidas e esboroadas pela acção destruidora dos tempos, para aquelles poemas de pedra e cal, que alli permanecem affrontando os seculos, sem o menor sentimento de vaidade, sem ligar ás reliquias preciosas e tradicionaes de seu passado a mais pequena importancia, e só almejando que no relógio augusto dos tempos sôe a ultima hora da existencia desses augustos e veneraveis sanctuarios da religião, sanctuarios que nunca deviam deixar de existir, não só por estarem cobertos com a poeira dos seculos e pelas tradições ricas e gloriosas que a elles estão ligadas, como porque elles ainda podem prestar os mais assignalados serviços á religião e á patria, á sociedade e ao estado⁸³ ». A historia das ordens religiosas no Brasil, infelizmente, ainda não foi escripta; e numerosos documentos que andam esparsos e que poderão servir para a construcção de um monumento historico, condigno dos talentos, virtudes e serviços de nosso passado monastico, estão ainda por ser codificados.

E' certo que quem emprehender esse commettimento prestará relevante serviço ao nosso paiz. Uma nação não vive só do presente e das preoccupações do futuro; mas tambem das recordações gloriosas do seu passado.

Si não temos ainda uma historia das ordens monasticas, temos muitos elementos para escreve-la ; e um dos menos preciosos não é, sem duvida, o catalogo que nos *Annaes* da Bibliotheca Nacional se encontra sob o titulo — *A historia das ordens religiosas* — e pelo qual se habilitará quem quer que tente escrever a necessaria obra a recorrer ás mais abundantes e-preciosas fontes sobre o assumpto.

Foi, por isso, esse catalogo de tantas obras, chronicas, collecções, noticias, relações, biographias, ensaios, elogios, cartas, discursos, representações, descripções, memorias, estatutos, documentos, emfim, relativos a congregações religiosas e ordens monasticas, um dos grandes serviços da *Exposição da Historia do Brasil*, a qual, na phrase do illustre dr. Ramiz Galvão, bibliothecario em 1881, foi execução de um patriotico pensamento do barão Homem de Mello ⁸¹.

Ao lado das ordens religiosas vão apparecendo, no começo ainda do periodo colonial, as primeiras das instituições pias e de beneficencia que tanta honra hão de fazer ao Brasil.

Essas primeiras instituições são um testemunho eloquente dos sentimentos catholicos que animaram a infancia de nossa nacionalidade, porque a beneficencia, invenção de Jesus Christo, é um dos serviços gratuitos e populares que só a Igreja tem sabido organizar. A mendicidade, a orphanidade, as doenças, as miserias physicas do homem, como as suas miserias moraes, não foram olhadas com verdadeira compaixão e caridade sinão depois que Jesus Christo revelou por ellas as mais dedicadas e ternas solitudes de seu divino apostolado.

O paganismo olhava a pobreza como um vicio, a enfermidade corporea como uma aberração da natureza, mais digna de horror que de compaixão ; os indigentes, como menos uteis que os animaes, a mendicidade como digna de ser supprimida, não pela caridade, mas pelo exterminio.

Jesus Christo transfigurou todas essas desventuras da humanidade ; e dir-se-hia que todas as circumstancias de sua vida foram adrede preparadas para faze-las amar. A humanidade, antes de Jesus Christo, tinha horror a tudo isso. Depois de Jesus Christo — a formosura da pobreza fascinou as almas ; a paixão da miseria enfeitiçou os corações ; o mendigo disputou aos fidalgos o amor das princezas ; a mocidade disputou ás damas a juventude dos sanctos ; o hospital fez ciumes ao palacio ; filhas de reis trocaram suas purpuras por aventaes ; o salão invejou a enfermaria ; mil donzellas trocaram pelo serviço dos pobres a inutilidade dos bailes ; a caridade venceu a carne, a ambição e a gloria ; mancebos opulentos, cheios de vida e esperanza, trocaram a riqueza, o ardor dos sentidos, a esperanza do porvir pelo apostolado da doença e da morte ; o lazareto, o

hospital, o orphanato, o asylo, os institutos de beneficencia, as ordens religiosas, as congregações e os institutos consagrados á pobreza — todos os prodigios da Esmola cobriram a superficie do globo; o amigo do escravo, o amigo do louco, o amigo do orphão, o amigo do leproso, a ermã da pobreza e da dor — todos os apóstolos da caridade glorificaram a Jesus Christo nesses milhões de instituições pias e beneficentes. Impossivel enumerar no mundo todas essas instituições; quando é tão difficil, numa pequena *Memoria Historico* enumera-las num só paiz como o Brasil. Logo no periodo colonial, a Beneficencia começa em algumas povoações a se revelar em instituições que não só tinham por fim acolher os peregrinos, como as antigas albergarias, mas proteger os pobres, curar os enfermos, enterrar os mortos, educar e dotar as desvalidas orphãs e praticar outras obras de caridade; pelo que o estabelecimento onde em cada povoação isso era adoptado se chamou *Sancta Casa de Misericordia*, ou simplesmente a Misericordia, ou a Sancta Casa ⁸⁵.

O primeiro hospital de Misericordia que se estabeleceu no Brasil foi o de Santos, nos principios do anno de 1547, segundo Mello Moraes ⁸⁶, ou em 1543, segundo Varnhagen ⁸⁷.

Foi Braz Cubas, seu fundador, que em presença do porto de ancoragem da bahia de Santos, para enfermaria e curativo da marinhagem dos navios de cabotagem que fossem a S. Vicente, e para os forasteiros, concebeu a idéa, applaudida pelos moradores, de sua instituição, que se realizou com o proprio consentimento do capitão-mór de S. Vicente, Christovão de Aguiar Daltro, e approvada pelo governo com a criação de uma confraria, por alvará de 2 de Abril de 1551 ⁸⁸.

Comquanto não exista documento historico da fundação da Sancta Casa de Misericordia da Victoria, no Espirito Sancto, bons fundamentos ha para se affirmar que essa foi a segunda instituição pia e de beneficencia estabelecida no Brasil. Esses fundamentos são os que veem exarados num recente Relatorio do provedor da mesma casa, do qual se vê que essa Misericordia foi primitivamente fundada na villa do Espirito Sancto, hoje cidade do mesmo nome; que foi seu capellão o padre José de Anchieta; que numa noticia historica da fundação da Sancta Casa de Recife, baseada em documentos importantes, se dá a fundação da da Victoria pelos annos de 1545 e 1555; que em virtude de petição do provedor e ermãos ao governo da metropole foram concedidos á Misericordia da Victoria, por alvará de 1 de Junho de 1605, os privilegios da de Lisboa ⁸⁹. A's duas primeiras casas de caridade seguiram-se, no periodo colonial, a de Olinda, em 1560, a da Ilha de Ilhéos, em 1564, a da

Bahia, entre 1549 e 1572, e em 1582 poucos annos depois da fundação da cidade por Mem de Sá, a de S. Sebastião do Rio de Janeiro, a qual, vai ser, como se verá noutro periodo de nossa historia e desta *Memoria*, pelos seus serviços a milhares de desvalidos, e pelos seus magníficos desenvolvimentos, a mais bella e opulenta de todas as instituições beneficentes da America do Sul.

Ao lado das Misericordias, a todas as quaes foram concedidos pela metropole privilegios analogos aos de que gozava no reino a de Lisboa, erigiram-se, desde o periodo colonial, irmandades ou communidades, em que, sob a invocação de algum sancto e com certas prácticas devotas, os ermãos se obrigavam, por compromissos, a se prestarem certos auxilios.

As pequenas dimensões desta *Memoria* não permitem maior referencia ás primeiras Misericordias do Brasil, que, como já ficou dicto, foram as de Santos, Victoria, Olinda, Ilha dos Ilhéos, Bahia e S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Foi muito depois destas que se instituiram a de S. Paulo, que em 1680 já existia, mas de cuja fundação não se pôde dar precisamente o anno; a de Minas e outras, que foram surgindo na sequencia do periodo colonial, entre as quaes as que o celebre ermão Joaquim do Livramento fundou no Desterro, em Sancta Catharina, e em Angra dos Reis. Esses logares guardam ainda, como outros do Brasil, a memoria do grande benemerito, que, cingido de burel e cordão, fundou á custa de esmolos, que implorava de porta em porta, com grandes difficuldades e até sacrificio de sua saude, tantos monumentos, entre os quaes os seminarios dos orphãos, na cidade da Bahia e de Itú, em S. Paulo, da grande caridade que o animava.

E' nesta mesma epocha que elle e outros membros de ordens religiosas fundaram não só casas de caridade, mas tambem seminarios dedicados á educação da mocidade, como o de Jacuacanga, fundado pelo ermão Joaquim do Livramento, e o do Caraça, fundado pelo ermão Lourenço. Este, foragido de sua patria por motivos politicos, asyrou-se no Brasil, onde em Minas Geraes fez-se ermitão, habitou nas fendas das serras, e com obolos desveladamente esmolados fundou esse sanctuario celebre, de cujas aulas tem saído, ha tantos e tão longos annos, tantos brasileiros que lhe devem, em todas as posições sociaes, a primeira cultura do espirito, e os primeiros preparos do coração.

Quando, em 1891, ainda subdiacono, fui passar algumas semanas nesse sanctuario famoso, um padre meu amigo, vigario então do Rio Novo, pediu-me por uma carta que o descrevesse.

«Descrever o Caraça, escrevi numa carta a que elle entendeu que devia dar publicidade, e que desde então foi reproduzida em varios jornaes do Brasil; descrever o Caraça é uma tentativa temeraria. A ascensão magestosa, que começa duas leguas antes do poncto desejado, isto é, desde a raiz da serra até ás cumiadas onde está o santuario; a fôrma colossal e exotica das serranias; a prodigalidade da agua, que parece orgulhar-se das cascatas luxuosas em que se derrama, e que só se humilha diante dessa outra agua viva que Nossa Senhora offerece, nos recessos de seu templo, ás almas sequiosas; a physionomia das montanhas, revestidas de uma austeridade que força o espirito a desprender-se de todos os pensamentos frivolos; a magnificencia das mattas que margeam a estrada, e exhibem, durante todo o trajecto, as mais bellas variedades da flora; a sombra e o perfume que, ainda de longe, fazem presentir o bosque sagrado; os precipicios medonhos, coroados de vegetação; os abysmos incomensuraveis que dão a sensação do bello-horrivel; as alturas vertiginosas, das quaes se divisam como ponctos num vasto lençol de relvas, cidades ou arraiaes; um painel enorme, no qual se atropellam os productos mais colossaes do mundo physico; finalmente, em cima, bem no alto, encravado nos penhascos, o templo de Nossa Senhora, que se eleva como uma supplica da indigencia humana ao Senhor de tantas riquezas: tudo isto se contempla, se admira, mas não se descreve. Si não fôra o amor, muito cheio de gratidão que vos dedico, ao vosso pedido responderia apenas como Moysés, quando exhortado a annunciar os prodigios de Deus; *non sum eloquens*, não sei fallar. . . D'aqui parece que todos os reinos do mundo estão aos nossos pés; não se ouve o combate das paixões da terra, nem o redemoinhar das miserias humanas, nem sequer os ruidos da vaidade universal. E' um deserto, sim; mas o Pai Eterno, que para nosso ermão mais velho preparou um tão cheio de amarguras e tentações, para os ermãos mais moços preparou este, tão cheio de delicias, e onde nem sequer permite que o Tentador se approxime delles. Sente-se, é verdade, muito frio; mas o alto calor da alma compensa a baixa temperatura do corpo; e a alegria espiritual, estampada em todos os semblantes, não deixa que ninguem se queixe da intemperie das estações. Ruas, praças, tanques e banheiros naturaes, valles, collinas, grutas, cascatas — ha recreios variadissimos, e perspectivas sempre novas. Mui poucos dos que aqui residem teem conseguido exgotar todas as vistas do panorama caracense, que se desdobra numa bacia vastissima, a qual, sem duvida, comportaria uma enorme e gigantesca cidade, com innumeraveis ruas e

deliciosos arrabaldes. Nesta região, o Breviario, o poema epico da Igreja, torna-se sensivelmente um drama animado. Onde quer que se o reze, por sobre os lagedos, no seio dos bosques, ou á beira das grutas, uma multidão de creaturas toma a voz do ministro e entõa o *Benedicite*. Perto de casa ha um campo que se chama *da condemnação*; e alli em verdade a gente tem vontade de condemnar-se a todos os soffrimentos para merecer o amor da Sancta Virgem.

Mais perto ainda ha um rochedo escarpado que se chama o *Calvario*; e alli, em verdade, sente-se o desejo de crucificar o corpo, e, arrancando-lhe a alma, offerece-la limpa e formosa á nossa Mãe amabilissima⁹¹. »

O periodo colonial, no que diz respeito á Religião, não é notavel só, como se acaba de ver, pela catechese, a evangelização, o esplendor das ordens religiosas, e as primeiras instituições pias e de beneficencia; é notavel tambem pela *organização* ecclesiastica. Catholicos como eram, e tendo nas suas conquistas sempre em vista a expansão do catholicismo, esses, na phrase do epico,

Reis que foram dilatando
A fé e o imperio

não se esqueceram de prover com toda sollicitude ás necessidades da Igreja na sua colonia americana. Foi assim que, pouco depois de seu descobrimento, em 1551, pela bulla *Super specula militantis Ecclesiae*, se creou no Brasil o bispado de S. Salvador, suffraganeo do bispado de Lisbõa. Até então tinha o Brasil estado primeiro sob a jurisdicção espiritual do vigario de Thomar, e depois, do bispado de Funchal.

A bulla da criação do primeiro bispado brasileiro continha a um tempo o provimento e a confirmação do respectivo bispo.

O primeiro bispo que houve no Brasil, nomeado a pedido de D. João III pelo papa Julio III, foi D. Pedro Fernandes Sardinha, clérigo do habito de S. Pedro, sacerdote ornado de talentos e virtudes apostolicas, que revelou em serviços prestados não só aos gentios, como aos catholicos. Infelizmente, a sua administração não durou mais de quatro annos, porque, tendo embarcado, a chamado do rei, para Portugal, onde devia tractar com elle dos interesses spirituaes do Brasil, o navio que o conduzia deu á costa na enseada chamada dos *Francezes*, e elle, bem como os passageiros, que, orçavam por mais de cem, foram mortos e comidos pelos gentios da terra.

D. Pedro não se tinha demorado em seguir para a diocese, que se lhe designara, e onde se apresentou antes do fim do

anno em que tinha sido feita, com a criação da diocese, a sua nomeação.

A sé episcopal estabeleceu-se na cidade de S. Salvador. Durante 126 annos não teve o Brasil sinão esse bispado, ao qual ficaram pertencendo todas as terras brasileiras, para tal effeito desannexadas da mitra do Funchal.

Innocencio II, porém, attendendo ás necessidades espirituaes do paiz, que iam crescendo de par com o seu progresso material, e deferindo a petição da Côrte, que no seculo XVII reclamava a criação de novas dioceses; pela bulla *Inter pastoralis officii* de 22 de Novembro de 1676 elevou o bispado de S. Salvador á dignidade de arcebispo e metropolitano. Pelas bullas, desse mesmo dia, *Romani Pontificis*, e *Ad Sacram Beati Petri*; creou as dioceses suffraganeas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e de Olinda. Pela bulla *Super Universas* de 30 de Agosto de 1677 creou a sé do Maranhão, suffraganea do arcebispado de Lisbôa.

Foram eleitos D. Gaspar Barata de Mendonça arcebispo da Bahia; D. Estevão Briosso de Figueiredo bispo de Pernambuco; D. Frei Antonio de Santa Maria, substituido depois por D. Gregorio dos Anjos, do Maranhão; D. Frei Manoel Pereira, depois substituido por D. José de Barros do Alarcão, do Rio de Janeiro.

Taes foram as primeiras dioceses, e os primeiros bispos do Brasil. As sés se installaram, com os seus corpos capitulares, dignidades, conegos, capellães e moços do côro.

No decurso dos tempos, os interesses espirituaes, ampliando-se cada vez mais, novas dioceses se foram creando, com as quaes muito se desenvolveu o progresso religioso, e prosperou a Igreja no Brasil. A diocese de Belém do Pará, cujo primeiro bispo eleito foi frei D. Bartholomeu do Pilar, foi creada pela bulla *Copiosus in misericordia*, de 4 de Março de 1719, do papa Clemente II, as de Marianna e de S. Paulo, cujos primeiros bispos eleitos foram frei D. Manoel da Cruz e D. Bernardo Rodrigues Nogueira, foram creadas pela *Bulla Candor Lucis*, de 6 de Dezembro de 1745, do papa Bento XIV; as de Goyaz e de Cuyabá, sendo o primeiro prelado daquela D. Luiz Caetano Pereira, foram creadas pela bulla *Sollicita Catholici Gregis*, de 15 de Julho de 1826, do papa Leão XII; a de S. Pedro do Rio Grande do Sul, foi creada pela bulla *Ad oves Dominicas*, de 7 de Maio de 1848, do papa Pio IX; a de Fortaleza do Ceará, pela bulla *Pro Animarum Salute*, de 6 de Junho de 1854, do papa Pio IX; a de Diamantina, pela bulla *Gravissimum Sollicitudinis*, do mesmo mez e anno, e do mesmo pontifice ⁹².

Como se vê, e para torna-lo bem saliente, junctam-se ás do periodo colonial as do periodo monarchico, desde 1550 ou 1551 até 1889, termo do periodo monarchico; em trez seculos e meio, o numero de bispados no Brasil attingiu apenas a doze; não se creando, desde 1854, isto é, durante 36 annos, nenhuma diocese. Não obstante, em todo o periodo colonial, isto é, nos seculos XVI, XVII, e XVIII, do nosso regimen monarchico, a Religião teve no Brasil um grande desenvolvimento, e saliente preponderancia sobre os negocios e interesses do paiz. Si de um lado, os bispos com seus cooperadores conseguiram, sem obstaculos, ou opposição do Estado, dar á Egreja a importancia e o valor que de facto teve não só como director das almas, mas tambem como auxiliar dos poderes publicos na obra do desenvolvimento nacional; de outro lado, o povo, cujas classes dirigentes não estavam ainda contaminadas pelo racionalismo e o materialismo politico, se deixava facilmente conduzir pelos principios da fé. Bem longe de divorciar os seus dos interesses da Egreja, o povo procurava dar aos seus representantes toda a força moral; procurava na obediencia ao clero elevar-lhe ainda mais o prestigio; o clero tinha acção, e exercia com consciencia e patriotismo os seus direitos, como cumpria com dignidade os seus deveres.

No periodo colonial não só a catechese, a evangelização, a actividade das ordens monasticas brilharam nas paginas de nossa historia; tambem a arte, a poesia e a eloquencia tiveram fulgores que se não apagaram ainda. Recorrendo a valiosos subsidios esparcos em escriptos de auctores brasileiros; estudando com diligencia e senso religioso os munumentos artisticos do nosso passado colonial, pôde um distincto compatriota nosso, o dr. Cunha Barbosa, fazer-nos contemplar o *Aspecto da Arte Brasileira Colonial*.

Mostra-nos elle nesse trabalho como nos tempos coloniaes a arte foi cultivada pelas ordens religiosas, que enriqueceram o interior de suas egrejas com ornamentações douradas; que muitas de nossas egrejas são magnificos monumentos que attestam o progresso das artes mechanicas, os officios daquella época, em que tanto se desenvolveram as artes e officios liberaes; que era verdadeiramente notavel o luxo dos templos, muitos dos quaes, primores de architectura, revelam o progresso que tinham as artes de ornato, decoração, pintura talha, dourados e alta marcenaria; que na Bahia, em Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Geraes os artistas ourives primavam em artefactos de ouro e prata, e na fabricação de caixas para rapé; que as pedras preciosas, desde o diamante até o chrysolitho eram lapidadas e trabalhadas pelos nossos artistas; que foi grande o progresso e o esplendor da musica, estudada com gosto e

proficiencia em todo o Brasil; que um dos beneficios da installação da familia real portugueza no Brasil foi a creação da Academia das Bellas Artes, para a qual vieram da Europa, contratados, artistas notaveis; que, emfim, si durante os trez seculos coloniaes o Brasil dispoz de homens notaveis nas lettras e no pulpito, como os mais eminentes da culta Europa, tambem os teve nas artes com égual merecimento⁹³. Póde-se, pois, dizer que foi verdadeiramente fecundo sob o triplice poncto de vista do verdadeiro, do util e do bello, o nosso regimen colonial; porque elle plantou a Fé, desenvolveu o Trabalho, dignificou a Arte. Seus ultimos dias, que começaram com as pompas e as solennidades grandiosas da Côrte de D. João VI, foram como que os raios mais intensos e vivos de uma luz que se vai extinguir, na qual brilharam a musica, a poesia e a eloquencia, as partituras de José Mauricio, os versos de Sousa Caldas, os sermões de S. Carlos, Sampaio e Mont'Alverne.

Sem duvida, nesta epocha, o Brasil tem, mesmo sem sair do clero, outros talentos que brilham e que gozaram de fama e gloria. Tem frei Caneca, poeta, orador e jornalista, que, fascinado pelas suas ardentes aspirações politicas, se fez um dos principaes protagonistas da revolução pernambucana, recusando-se a accellar a Constituição de 1824, e reconhecer como legitimo soberano aquelle que, na sua phrase, o *Brasil e temporaneamente condecorou com o titulo de imperador*; frei Caneca, que, preso, posto a ferros, encarcerado, ainda depois disso tudo, prérgou a *resistencia*, e, parece, não tinha sobrevivido ao periodo colonial sinão para ser pelo seu fusilamento, um lugubre signal de sangue no alvorecer do Imperio. (Vide nota sobre frei Caneca).

Tem o conego Januario da Cunha Barbosa, vulto politico e litterario, fundador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tem frei Bastos, franciscano, um dos mais populares oradores sagrados de sua epocha, talento em que se cruzam os arroubos da eloquencia com os enlevos da poesia, celebrado em épicas invectivas por Junqueira Freire; frei Bastos, vate grande e infeliz, que de si proprio disse, num soneto magnifico:

Si um homem houver, homem tão forte,
Que possa ver em sua casa entrando
Malfitores crueis assassinando
A cara filha, a candida consorte,

Si um tal homem houver que sem transporte
Veja o céo rubros raios vomitando,
O mar pelos rochedos atrependo,
A terra inteira a bracejar com a morte;

Appareça esse heróe assim disposto,
Que lhe quero mostrar por dentro o peito,
E quero lhe não mude a côr do rosto!

Ha de cahir em lagrimas desfeito
Vendo o meu coração pelo desgosto
Em mil ruturas e pedaços feito.

Sim, o Brasil tem no occaso do periodo colonial esses e outros vultos. Os que, entretanto, vemos mais celebrados e honrados pela côrte de D. João VI, o principe que elles fascinam, e de cujo reinado não sem gloria fazem, por assim dizer, condignas exequias, são os seguintes :

Padre José Mauricio, grande musico, cujos trabalhos rivalizam com os dos maiores compositores do mundo; cujo *Requiem*, no juizo dos competentes, eleva-se até á altura dos maiores e mais universalmente applaudidos; José Mauricio, sublime no orgão, no piano, no cravo e na viola; que espantou a côrte de D. João VI, venceu Marcos Portugal, afamado maestro europeu, que pretendera supplanta-lo, e immortalizou o seu nome na historia da Harmonia. O padre Sousa Caldas, que cultivou a eloquencia e a poesia; de quem, como poeta, temos os *Psalms*, e de quem, como orador, a julgar por esta estrophe :

Do Brasil esplendor, da patria gloria,
Discursando ou fallando trovejava :
O discurso, a dicção, a essencia, a fôrma
Tão veloz como o raio se inflammava.

que para sua urna funeraria escreveu o illustre poeta mineiro José Eloy Ottoni, devemos acreditar que teve grande reputação no pulpito. Frei Francisco de S. Carlos, frei Francisco de Sampaio e frei Francisco de Mont'Alverne, trez atletas da tribuna sagrada, que ^{9a} *todos trez nasceram na cidade de Mem de Sá, nos fins do seculo XVIII no mesmo mez, posto que em annos differentes, escolheram a mesma vida de claustro, cingiram o mesmo cordão e saial do pobre de Assis, occuparam todos trez a cadeira do magisterio, todos trez colheram louros e ovações no pulpito, occuparam no convento os cargos mais elevados, foram todos trez theologos da nunciatura apostolica, prégadores regios; todos trez eguaes no nome de baptismo, no talento e na gloria, pela amizade unidos em vida, na morte todos trez em sepulturas unidas, no mesmo claustro do seu convento.*

Foi grande, repito, o periodo colonial. E' certo que desde as origens de nossa organização ecclesiastica, o padroado tinha

ficado, de algum modo, instituído, pois que pela bulla institucional da diocese da Bahia todas as terras do Brasil desannexadas para este effeito da mitra do Funchal ficavam pertencendo ao novo bispado, *mas como terras que eram da ordem do Christo continuavam sujeitas in spiritualibus et in temporalibus ao seu grão-mestre.*

E' certo isso; mas o padroado, mais tarde transformado num instrumento de oppressão e aviltamento para a Igreja, não tinha tido ainda as cerebrinas interpretações que no nosso periodo monarchico-independente lhe deram os nossos politicos e estadistas, cada qual, salvas as devidas excepções, mais solícito e cuidadoso, nas assembléas, nos parlamentos, nos ministerios ou nos conselhos de Estado de firmar a supremacia do Estado sobre a Igreja, do rei sobre o papa; de nullificar a acção religiosa no paiz, neutralizando, quanto possivel, a influencia do catholicismo nas leis, nos codigos, na educação e no ensino litterario das gerações brasileiras.

E' preciso, porém, não antecipar nesta *Memoria* a consignação de factos de que ella se vai occupar noutro periodo.

O que desde já não pôde deixar de ficar assignalado é que em toda essa epocha da nossa historia a semente christã, que os primeiros descobridores lançaram no solo virgem do Brasil, tirada do Sancto Sacrificio da Missa, orvalhada pelo sangue do martyrio dos primeiros franciscanos victimados pelos indios, desabrochada em arvore de civilização pela cultura dos heroicos evangelizadores da Companhia de Jesus, regada pelo suor das ordens religiosas, de um episcopado valente e de um clero cheio de fé e de patriotismo, cresceu, desenvolveu-se, desdobrou-se em ramos formosos que abrigaram á sua sombra muitas gerações brasileiras.

O que deve, como synthese de todo esse periodo, ficar assignalado nesta *Memoria* é que o periodo colonial, pela profundeza, vivacidade e entusiasmo do sentimento catholico em todas as suas manifestações, nas sciencias, nas lettras, na arte, na eloquencia, nos claustros, na politica, na vida do povo brasileiro, foi para a Igreja, no Brasil — o esplendor da Religião.

CAPITULO II

DURANTE O IMPERIO

Grande e magestosa tinha sido a obra do catholicismo no Brasil, cujos alicerces nacionaes foram firmados pelos discipulos de Christo, que abençoaram e sanctificaram as terras descobertas,

cathechizaram os selvagens, fundaram as cidades, formaram as populações, iniciaram os costumes christãos, e, do Norte ao Sul, em todos os pontos da região brasileira levantaram triunphante a cruz civilizadora.

Henriquê de Coimbra, Nobrega, Anchieta, o franciscano e o jesuita foram os progenitores da nossa christandade. Foram, sem duvida, os primeiros organizadores desta nação, que mais forte e mais viril, mais robusta teria sido, si o grande ideal, que aos evangelizadores animou, de um povo accentuadamente brasileiro, não fôra tolhido na sua começada realização pelos mil obstaculos que lhe oppuzeram a avidez, a ambição, os embustes, a perseguição dos colonos e por ultimo essa expulsão, de que resultou o retrocesso da civilização christã no continente brasileiro. Com as medidas vexatorias de Pombal em Portugal e as violencias dos nossos antepassados no Brasil a obra do jesuita desmoronou-se, os indios volvéram aos desertos, as povoações e as aldeias da catechese não mais deixaram ver sinão ruinas.

Ainda assim de que outra fonte, a não ser a christandade organizada com os labores, o suor e o sangue do missionario, poderia sair a joven nação, cujo primeiro vagido politico foi o grito do Ipiranga, mas cuja gestação nacional foi producto fecundo das idéas e dos sentimentos christãos que o claustro e o pulpito, as ordens religiosas e a tribuna sagrada, o clero regular e secular, com suas aulas, seus discursos, seus escriptos davam aos brasileiros?

Depois de um tão vasto periodo historico, em que o Brasil sente, desde o seu berço, no ensino do jesuita, até ao occaso do colonato, na administração de D. João VI, a poderosa influencia do catholicismo; depois desse grande percurso de mais de trez seculos, era impossivel que um imperio se fundasse no Brasil sem recorrer ao elemento religioso, e sem pedir á Egreja o prestigio necessario para substituir, si não na realidade, ao menos aparentemente de accôrdo com as idéas e os sentimentos religiosos da nação. Quando as aspirações da independencia começaram a alentar a alma de nossos antepassados já o Brasil era catholico; tão catholico, que a Constituição Politica de 1824, isto é, o pacto fundamental do imperio, não fez sinão reconhecer esse facto, prescrevendo no art. 5º « a religião catholica, apostolica, romana *continuará* a ser a religião do imperio ».

Da expressão *continuará* decorre o reconhecimento constitucional de um facto preexistente ao imperio, que não fez sinão dar á religião, no regimen por elle inaugurado, as immuni-dades e os privilegios legaes de que ella já gozava, e que, ao

legislador constitucional pareceram não só de direito da Igreja, como também de conveniência do Estado. Não foi, pois, fique bem firmado, a Constituição quem fez da religião catholica a religião do Brasil. Não foi um código politico quem fez do catholicismo a religião nacional. O catholicismo foi reconhecido pelo legislador como um facto anterior; a religião catholica reconhecida por elle como um direito adquirido da nação brasileira. Este duplo reconhecimento sobre de poncto, tendo sido feito, como foi, num artigo dos que os commentadores chamam *constitucionaes*, isto é, os que affectam os direitos individuaes e politicos dos cidadãos.

As considerações que acabam de ser feitas não são inuteis, mas de alta importancia, quando vemos as falsas idéas e os erroneos conceitos de muitos dos nossos homens a respeito da Igreja no Brasil.

Acreditam alguns delles, como recentemente tem mostrado no regimen republicano, que a religião catholica no Brasil não passava de uma criação artificial da lei; que facilmente se podia elimina-la da vida da nação; que facilmente se podia promulgar codigos e leis, fundar escholas e formar educação sem attenção ás crenças religiosas.

Tal politica, sobre ser altamente absurda no regimen democratico, é crassamente ignorante das nossas tradições, de nossa historia, de nossa formação e evolução nacional.

Os que suppõem, no Brasil, que o catholicismo não tem preponderancia entre nós, não foi introduzido nos nossos usos e costumes sinão por ter sido religião do Estado; os que suppõem aqui o altar uma criação do throno estão completamente enganados; e, não só ignoram, como já disse, a historia de nossa formação e evolução nacional, as origens do povo brasileiro; mas desconhecem igualmente, em relação á Religião, a sequencia de todo esse periodo de nossa historia — o *imperio*. Este, no seu inicio, é certo, pediu á Igreja o prestigio necessario á sua fundação; mas desde logo se desenvolveu, parallelamente a ella, com orientação e intuitos diversos, em actividade opposta. E' o que se verá nesta *Memoria*, em 67 annos que foram o periodo do imperio, desde 1822 até 1889.

Quanto ao tempo decorrido de 1808, data da chegada de D. João VI ao Brasil, até 1822, data da acclamação e coroação do principe D. Pedro como primeiro imperador do Brasil, ficou incluido no periodo colonial, o qual *officialmente* só terminou em 1815, e completamente só com a *independencia*, que nos libertou da metropole.

A exposição dos factos bem justificadas tornará as minhas afirmações em relação ao período do imperio, que, aliás, não será nesta *Memoria* julgado em relação á Religião, sinão com a mesma bitola com que o julgaram alguns de seus melhores servidores. Para isso, na exposição e commentario dos factos, recorrerei ás fontes mais puras, isto é, a opiniões e escriptos de illustres e genuinos monarchistas.

O período do imperio, disse eu na introdução, é caracterizado pelos seguintes factos: o regalismo, o aniquilamento das ordens religiosas, o desprestigio do clero, a reacção energica mas ephemera do episcopado e do elemento catholico contra as usurpações do poder publico, o racionalismo e o scepticismo das classes dirigentes.

O methodo e a clareza aconselham a considerar separadamente e na ordem proposta cada um desses factos.

O *regalismo*. O imperio, é certo, pediu á Egreja a sua sacração. Entretanto, trez annos não tinham decorrido, e já da parte do Estado se manifestava a tendencia de preponderar sobre a Egreja, invadir sua esphera de acção, desconhecer os seus direitos e conculcar os seus privilegios. E' assim que, depois da independencia, um dos primeiros cuidados do Estado, promulgada a Constituição do imperio, foi enviar a Roma um ministro extraordinario, monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, encarregado de obter da Sancta Sé uma concordata, em virtude da qual continuassem no chefe do imperio os antigos direitos de que, em relação á Egreja, se achavam de posse os soberanos de Portugal.

Tal concordata não se effectuou; em vez della, tivemos, em 1827, uma bulla concedendo á corôa do Brasil os mesmos direitos que tinha a de Portugal pela dos papas Leão X e Julio III em 1514 e 1550, isto é, o padroado secular da corôa quanto ás cathedraes e o ecclesiastico da ordem de Christo para os beneficos com ou sem cura. Exigiu a Sancta Sé, quanto á apresentação dos bispos e parochos, a plena execução da sessão de 24 do Concilio de Trento.

Do exposto resulta: 1º, que o proprio Estado, enviando a Roma para o fim alludido um ministro especial, reconhecia na Sancta Sé o direito de conceder padroados; 2º, que a Sancta Sé, com a bulla de 1827, nada innovou no direito preexistente.

Qual era esse direito preexistente? O direito resultante de uma simples tolerancia da Sancta Sé, de um padroado admittido por ella. Nenhuma das pretendidas liberdades da Egreja lusitana prova em Portugal a existencia de um padroado, que não

o concedido pela Igreja; nem o padroado pôde ser delegação nacional, porque sua natureza é espiritual, e a soberania da nação é de ordem temporal.

Esse padroado, unico que existia em Portugal, a Igreja o admittiu no interesse do seu serviço, e sem prejuizo da sua liberdade. Comprehende-se que si a Igreja, por causa do padroado, cumulava os principes e seus governos de favores e distincções, era para que elles a auxiliassem, e não para que se tornassem seus oppressores.

Quaesquer que fossem os abusos, os excessos do poder temporal, em Portugal, absorvendo todas as reservas pontificias, os direitos dos bispos e cabidos, não podia isso constituir nunca um direito contra a Sancta Sé e a favor da corôa, não revestida pela Igreja, em que peze aos regalistas, do *direito* do padroado.

Mas, qualquer que fosse a fórma, em Portugal, do padroado, é certo que, no Brasil, o Governo reconheceu que a sua concessão era direito da Sancta Sé, da qual, em 1827, solicitou favores e privilegios identicos aos de que gozava o Estado Lusitano. Não tendo o Governo accettato as condições exigidas pela Sancta Sé, que nunca reconheceu por meio de um documento o padroado, é claro que este de direito não existia no Brasil.

Que não existia, provam todas as bullas que iam successivamente creando dioceses no Brasil; bullas das quaes se deduz que nada se havia estipulado quanto ao padroado; que este não fôra dado com o titulo e as perogativas do Direito Canonico ao governo brasileiro, o qual só por mera concessão da Sancta Sé apresentava bispos e beneficiados.

Que o padroado nunca foi no Brasil *direito* do Estado, prova-o tambem o procedimento deste, que só de 1843 em diante se animou a affirma-lo clara e publicamente, declarando que o direito de padroado era da competencia do imperador, *sem dependencia da concessão pontificia*.

Entretanto, as exigencias do regalismo no imperio não começam nessa data, mas desde 1824. Para verifica-lo, basta recorrer ao aviso de 28 de Agosto de 1824, e ás Instrucções dadas ao ministro Vidigal, a quem o governo, lembrando quanto a *Sancta Sé gosta de ingerir-se nos negocios dos Estados em materia* de jurisdicção, recommendava muita discricção e diligencia para conseguir todas aquellas cousas que deviam pertencer ao imperador *como Soberano Protector e Padroeiro da Igreja do Brasil*, entre as quaes nomear funcionarios para todos os beneficios, arcebispos, bispos, conegos, nomear e apresentar pessoas para as

sés vagas; para conseguir, quanto aos benefícios de parochias, o reconhecimento de todos os direitos exercidos até então pelos reis de Portugal; para quanto á materia de dispensas, fazer vingar *os direitos legitimos* dos bispos *habil e artificiosamente* esbulhados pela Sancta Sé do producto dessas dispensas, quando é certo que os bispos de que se tracta são *eguaes aos bispos de Roma, os quaes não devem ter mais que as prerogativas necessarias á conservação da unidade da Igreja* — para quanto aos nuncios apostolicos, não esquecer a conveniencia de não serem elles revestidos do character do nuncios; para, quanto aos religiosos, de nenhum modo concordar em novos estabelecimentos no Brasil, que *não precisava de monges*.

Taes as instrucções de 1824, cuja conclusão era uma recommendação ao ministro para que, negando ou difficultando á Sancta Sé as medidas reclamadas, a ameaçasse de que o imperador nomearia os bispos e os faria sagrar immediatamente! O *regalismo*, porém, não se manteve muito tempo occulto, e na sombra de instrucções diplomaticas. Logo, nos debates da primeira legislatura, elle irrompeu com acrimonia e irreverencia para com a Sancta Sé. De diversas bullas, creando novas dioceses, e, contra o disposto no art. 101 § 4º da Constituição, submittidas á sua approvação, as camaras sómente approvaram a parte referente á extensão e aos limites dos novos bispados, julgando-se em tudo mais de nenhum effeito as bullas; o Governo, ao mesmo tempo que rejeitava o padroado, continuava a apresentar sacerdotes. Filhos da Igreja, que ao mesmo tempo renegavam de seu baptismo, do juramento prestado como deputados, e alguns até de sua ordenação, faltavam nos seus discursos ou pareceres de commissão, para com a Sancta Sé, ás regras mais triviaes de civilidade e cortezia. A proposito da bulla de 1827, aliás solicitada pelo proprio governo brasileiro, e que concedia á corôa do Brasil os direitos que a de Portugal tinha, consistentes no padroado secular quanto ás cathedraes e no padroado da Ordem de Christo para os benefícios ecclesiasticos, exigindo a devida observancia de certas disposições do Concilio do Trento, foi apresentado na Camara dos deputados parecer assignado por leigos e padres, julgando-o offensivo da Constituição do Imperio, da tolerancia dos cultos, por ella garantida, usurpação dos direitos do Imperador. Este, por *direito proprio* e pela Constituição do imperio, tinha, segundo o parecer, os direitos que a bulla pretendia conceder-lhe. A bulla, segundo o tal parecer, era exorbitante das prerogativas do papa, que *não tem nenhum deposito do poder temporal! para delle fazer participantes monarchas seus amigos!*

Odiosa também era a bulla, segundo o parecer, por conferir ao imperador direitos que elle já tinha *por titulos mais nobres* ⁹¹!

Emfim, por todos os seus órgãos, desde 1827, o imperio declarou que o direito do padroado era um direito proprio do principado civil, e não concessão do papa. Contra tal prepotencia do Estado, ao menos implicitamente nas suas bullas, sempre protestou a Igreja, declarando nellas o summo pontifice *conferir ao chefe do Estado* o direito de padroado. O *regalismo*, entretanto, implantou-se no Brasil.

Desde 1827 a legislação é uma serie progressiva de attentados contra a Igreja e seus ministros, bem cedo reduzidos ao papel de empregados publicos. Desde então, viveu a Igreja manietada pelo regalismo e gallicanismo, transplantados de Portugal e que se inveteraram na politica e administração do Brasil, que embaraçavam e limitavam quanto possivel; não tendo apparecido, segundo o conceito de Candido Mendes e Benevides, um só governo verdadeiramente catholico.

Todos os estadistas do imperio mais ou menos entendiam, como o marquez de S. Vicente, em seu *Direito Publico*, que o Estado tem o direito de policia sobre o culto religioso, e o direito de inspecção sobre a doutrina e a disciplina; como o desembargador Sousa, que a nomeação de bispos e provimento de beneficios ecclesiasticos é direito proprio da soberania nacional; como os conselheiros de Estado, em 1873, na questão dos bispos, que estes, como funcionarios publicos, da nomeação do imperador, deviam obedecer antes a elle do que ao papa, e cumprir as ordens do poder executivo antes que os canones da Igreja. Com o apoio dos estadistas, o applauso das camaras e a prepotencia dos governos successivamente foram apparecendo as usurpações que transformaram a protecção do Estado num vexatorio systema de inspecção sobre a Igreja, cujos seminarios chegaram a ser, em 1863, regulamentados pelo Estado. Já antes, a Igreja tinha visto as ordens militares do imperio arbitrariamente despojadas de seu character religioso. O poder invasor, conquistando á força o padroado, deu a maior amplitude possivel á secularização do Estado; transformou em empregados civis os bispos, conegos e parochos, todos os funcionarios da Igreja. Para o martyrio da Igreja tudo concorria, até o proprio clero, que, mudo, de braços cruzados, assistia a esse spectaculo, e a tudo se sujeitava, até mesmo á disposição legislativa que impunha pena a todo brasileiro que recorresse á auctoridade estrangeira, residente dentro ou fóra do Imperio, sem legitima licença, para impetrações e privilegios de gerarchia ecclesiastica!

Desde 1831 os bispos e os parochos foram claramente considerados e tractados como agentes do poder executivo; e isso por iniciativa de um padre, o celebre Diogo Antonio Feijó. Já antes em, 1830, o Governo tinha declarado que os empregados ecclesiasticos, para assistirem ás sessões de assembléa, de que fizessem parte, ficavam exemptos de exercer os cargos da Egreja.

Declarando que os funcionarios ecclesiasticos eram funcionarios civis, *porque elle os pagava*, exquecia-se o Estado de que o pagamento das miserrimas congruas era feito com dinheiro da propria Egreja, de cujas rendas o Estado, que fôra constituido depositario dellas, tirava para os funcionarios da Egreja ordenados que, além de diminutos, eram sujeitos ao imposto civil. Não contente com tão fraudulosa usurpação, não permittia em certos casos, aos ministros do culto, seus pretensos empregados, enterrar os mortos, baptizar ou casar os vivos, sem o *sello* da auctoridade temporal, solicitado e pago. A suppressão, por artificiosa expoliação, dos recursos pecuniarios da Egreja, chegou ao poncto de serem supprimidas as rendas que, por bulla, acceitas, mas depois supprimidas pelo imperio, eram destinadas á instrucção do clero e á catechese dos indios. Chegou ao poncto de com o auxilio, na Camara dos deputados, de trez padres, Feijó, Ferreira de Mello e Reinaut, que constituiram a respectiva commissão, negar-se á Sancta Sé o direito, que tinha, de receber do imperio, por effeito de bulla, por este proprio solicitada, a contribuição promettida annualmente para o dinheiro de S. Pedro. No parecer de tal commissão, a bulla é qualificada como um decreto de tributo sobre a nação brasileira, revestido do manto da religião e, além disso, attentatorio da disciplina ecclesiastica e auctoridade dos bispos. *O regalismo* invadiu tudo, apoderou-se de tudo, de tudo serviu-se, leis, codigos, ministerios, camaras, assembléas, para manietar e opprimir a Egreja. Foi uma marcha incessante; e bem depressa os artigos da Constituição, que prescreviam a religião do Estado e os seus privilegios, eram letra morta. O acto adicional á Constituição, no seu art. 10 § 1º e § 10 deu ás Assembléas Provinciaes, não só a attribuição de legislar sobre a divisão ecclesiastica, mas a de legislar sobre conventos e quaesquer associações religiosas. O Codigo Criminal ⁹⁶, offensivo do art. 5º da Constituição, só teve penas para os que negassem a existencia de Deus, ou a immortalidade da alma, permittindo, por exclusão, a offensa ás outras verdades dogmaticas da religião catholica.

O decreto de 28 de Março de 1857, que regulava o *recurso á corôa*, deu origem no Brasil ao principio de direito portuguez,

que dava ao estado a faculdade de regular a disciplina externa da Igreja. Todas as ordens religiosas perderam, por decreto, o character religioso. Em 1854, contra uma lei expressa de 1828, o aviso de 21 de Julho declarou que competia ao imperador a nomeação e apresentação de todos os benefícios ecclesiasticos e dignidades, *independentes de consultas ou propostas a prelados ou por prelados*, como era de uso.

Impossível ennumerar, nesta pequena *Memoria*, todas as usurpações do *regalismo* no Brasil, desde seus primeiros ensaios, em 1824, até aos seus maiores excessos, como os que se verão opportunamente, na questão dos bispos, em 1873. A legislação do imperio, no prazo decorrido de 1827 a 1889, é uma emaranhada rêde de alvarás, consultas, resoluções, avisos e regulamentos, em cujas malhas o imperio trazia presa e manietada a Igreja; e da qual se vê, conforme um exacto e precioso resumo, de conveniente reprodução nesta *Memoria*, que:— os ministros ordenavam ridiculamente aos bispos o cumprimento dos canones do Concilio de Trento no provimento das parochias; prohibiam-lhes a saída das dioceses sem licença do governo, sob pena de ser declarada a sé vacante, e proceder o governo á nomeação de successor; sujeitavam á approvação do governo os compendios de theologia por que se devia estudar nos seminarios, revogavam as disposições dos estatutos de certos cabidos, ordenavam-lhes pontual observancia do Sagrado Concilio Tridentino; declaravam que, dado o caso da sé vacante, a jurisdicção episcopal passasse toda ao vigario capitular; concediam, por graça imperial, ao cabido metropolitano o direito de nomear um, depois de expirado o prazo do Concilio; exemptavam os capellães militares da visita dos prelados, dando-lhes o direito de usar de solidão e anel; prohibiam que as ordens religiosas recebessem noviços; auctorizavam os superiores regulares a licenciarem os religiosos para residirem por seis mezes fóra de seus conventos; approvavam as resoluções capitulares dos frades franciscanos; concediam o uso de cinto e borla encarnados aos conegos do Pará, ficando mudada a côr de que usavam; declaravam que os parochos não teem o direito de exigir as velas das banquetas, fixavam o competente para a nomeação do porteiro da massa nas cathedraes⁹⁷.

Tal foi, em suas linhas geraes, e sem ter ainda em conta os seus maiores excessos, quaes os de 1873, na questão religiosa, o *regalismo* no Brasil, onde, em consciencia, ninguem dirá ter sido elle menos hostile á Igreja do que foi na Prussia o *josephismo*.

Entretanto, só quando dous bispos brasileiros foram accusados, processados e condemnados por não cumprirem ordens do poder

executivo, contrarias a canones da Igreja — houve um brado contra a opressão. Em longo periodo, em 67 annos do imperio, o clero, mudo, impassivel, resignado a tudo que se lhe impunha, só despertou um instante, voltando ao somno lethargico da indifferença. Esse mesmo brado vigoroso e heroico, desferido em 1873, por D. Vital e D. Macedo Costa, as duas victimas do *regalismo*, não teve mais, annos depois, para muitos ouvidos, nas fileiras do clero, uma repercussão agradável; parecendo a certos padres, como a certos leigos, que os dous herões não tinham sido mais do que dous imprudentes que perturbaram a agradável paz em que vivia a Igreja.

Ordens religiosas. Já não ha quem razoavelmente conteste a legitimidade das ordens religiosas. Quaesquer que tenham sido, em diversos paizes, os erros, desvios e aberrações das leis positivas, prohibindo-as, manietando-as, limitando-as, sujeitando-as a medidas oppressivas do Estado, é certo que o pensamento que as inspirou e no mundo inteiro as mantém, ha muito triumphou, no proprio espirito da sociedade moderna, de todos os preconceitos hostis. E, como a sociedade moderna, que adoptou, até nos seus excessos e demasias, o regimen da liberdade, poderia proscreve-las? Seria isso um attentado, uma usurpação inaudita do direito individual; quer consideremos, conformemente ao conceito de illustre escriptor, as ordens religiosas no seu elemento *material*, quer no seu *elemento espirital*; quer consideremos o *direito* que teem os cidadãos de habitar uma mesma casa, deitar-se e levantar-se á mesma hora, comer á mesma mesa e usar o mesmo vestuario; quer consideremos o *voto* constitutivo da familia religiosa, contra o qual não se podem oppôr sinão objecções já sediças e pulverizadas. A familia religiosa, como a natural, é sujeita á lei da perpetuidade; porque o voto religioso é um acto livre no seu principio e na sua execução; é uma relação intima, cuja inviolabilidade a consciencia exige e ninguem tem o direito de prohibir, da alma com Deus. Proscrever um voto é proscrever actos de virtude, a fé, o devotamento, a castidade, a obediencia; é impedir que se realizem na terra as aspirações mais ousadas dos proprios politicos, os desejos mais ardentes dos melhores amigos da humanidade⁹⁸. Repudiar as ordens religiosas, como demonstra outro illustre escriptor, é até certo poncto repudiar as fontes da civilização moderna, cuja origem não podemos achar sinão nesse passado monastico que apresenta na ordem intellectual, moral, ou artistica, os titulos mais incontestaveis á nossa admiração e gratidão. Na ordem intellectual — todo o thesouro litterario, sciencia, philosophia, ou theologia; na ordem moral — tanto esse

patrimônio de idéas e costumes christãos que devemos á propagação do Evangelho ; na ordem artistica — tantas e tão maravilhosas construcções do genio christão, elevado principalmente em suas magnificas basilicas até á expressão desse bello, que Platão dizia ser o *esplendor do verdadeiro*; a quem devemos tudo sinão ás ordens monasticas, cuja gloria na formação do mundo moderno os estudos historicos de nossa epocha não fazem sinão reivindicar? Onde, porém, está o maior serviço das ordens religiosas é na practica social do Evangelho, cuja moral, sublime e divina, não seria completamente util si a sociedade não conseguisse, por assim dizer, assimila-la nos seus usos e costumes, mantendo-a, quaesquer que sejam as infracções individuaes, superior ás paixões e como fonte suprema onde o mundo pudesse sempre regenerar-se.

Essa practica do Evangelho, essa assimilação social de seus preceitos, sem duvida é á Egreja que as devemos; mas á Egreja pelas ordens religiosas. Sem estas toda a parte do Evangelho, que é de *conselho*, não teria tido applicação social; os preceitos teriam, nesse caso, sido julgados de impossivel execução.

As ordens religiosas, porém, levando a practica do Evangelho até ao sancto rigor do *conselho*, fizeram que a massa não recuasse deante dos *preceitos*, e se sentisse estimulada a practica-los.

Este é o juizo do erudito Auguste Nicolas, que considera as ordens monasticas como fôcos de edificação e sanctidade, onde o espirito do Evangelho, concentrado até á perfeição, brilhou e se diffundiu pelo mundo moderno, do qual ellas foram como que os *rebocadores*, que o arrastaram das ondas da corrupção pagã, conseguindo eleva-lo, pelos exemplos que lhe deu, de castidade — á casta inviolabilidade do casamento; de pobreza — á moderação nas riquezas; de obediência — á resignação e submissão em todos os deveres e condições da vida. Foi tambem pelos seus exemplos de vida regular, de disciplina monastica, pelos exemplos de suas constituições e leis que conseguimos — a ordem e harmonia social de que gozamos. Estas nos foram dadas sem duvida pelas ordens monasticas, que em suas diversas especialidades livraram o mundo moderno dos seis grandes perigos que o ameaçaram: *a corrupção pagã*, conjurada pelos padres do deserto e as ordens monasticas do Oriente; *a barbaria germanica*, conjurada pelas diversas ordens de S. Bento; *a barbaria musulmana*, conjurada pelas ordens militares de Malta, dos Templarios, dos Teutons e das Mercês; o *socialismo dos Albigenses e Valdenses*, pelas ordens de S. Domingos e S. Francisco; o *protestantismo* e o *jansenismo* pelos institutos dos Jesuitas, dos

Oratorianos, Lazaristas, Sulpicianos e outros; o *socialismo contemporaneo* pelas congregações das irmãs da Doutrina Christã, das Pequenas irmãs dos Pobres da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e muitas outras ordens e congregações, que, conjunctamente com asylos, orphanatos, casas de beneficencia religiosas ou leigas, conservam a ordem social, combatendo, sob todas as suas differentes fôrmas, a miseria, a enfermidade, a ignorancia, a corrupção.⁹⁾

Em que peze aos detractores das ordens religiosas, ellas representam necessidades permanentes do homem e da sociedade.

O mundo moral, como o mundo physico, é divinamente equilibrado; e, si como disse o poeta em relação ao equilibrio do mundo physico:

Le nid que l'oiseau bâtit,
Si petit,
Est une chose profonde;
L'œuf ôté de la forêt
Manquerait
A l'équilibre du monde.

incomparavelmente mais o equilibrio do mundo moral seria perturbado, si delle se tirassem as ordens religiosas. São ellas, segundo o pensamento de Origenes, encarregadas de combater pelos fracos, com a oração, o jejum, a justiça, a piedade, a doçura, a castidade, com todas as virtudes.

O christianismo não sendo, dizem os theologos, sinão uma grande indulgencia, isto é, a acceitação da victima por excellencia offerida pelo genero humano culpado, essa acceitação suppõe a reversibilidade dos meritos do justo sobre o peccador; e isso acontece porque somos todos ermãos, todos solidarios uns pelos outros.

E' assim que, pela immolação, ellas são o equilibrio do mundo moral, onde, como cutros tantos Moysés, com as mãos levantadas para o céu, os religiosos, não só satisfazem pelas iniquidades que deveriam, sem elles, apressar o descalabro do mundo, mas conseguem o triumpho da Igreja sobre as heresias, as perseguições, os escandalos.

As ordens religiosas não são sómente necessarias ao Estado e á Religião, como ficou dicto: ellas são tambem expressões variadas de necessidades individuaes.

Nem a todos, como diz o illustre Gaume, citando Martin Doisy, é dado entrar na corrente social. Ha almas que não sentem vocação para isso, espiritos a quem isso repugna, naturezas a quem o attrito do mundo faz mal ou faz medo.

Uns acham no mundo os logares tomados ; outros são de organização tão delicada que não acham echo na sociedade. Para todos estes as ordens religiosas são asylos, não inventados, como se tem dicto, pelo capricho ou pela falsa devoção, mas proporcionados por uma caridade não comprehendida por muitos, é certo, enaltecida entretanto, já na nossa epocha por grandes espiritos, philosophos, poetas, prosadores. Basta citar, entre os mais illustres panegyristas das ordens religiosas, Chateaubriand, Lacordaire, Victor Hugo, Lamartine, Alfredo de Musset, Alexandre Dumas filho, Octavio Feuillet, Leconte de Lisle.

Todos estes, para enumerar só alguns, decantaram, em prosa ou verso, as ordens religiosas, que não foram transplantadas de uns para outros paizes sinão pelas solicitações dos soberanos, dos grandes, do povo, por causa dos serviços particulares que ellas prestavam e de que se sentia a necessidade em differentes logares, onde ellas foram satisfazer a commodidade do publico¹⁰⁰. Si em nenhuma parte podem razoavelmente ser contestadas a legitimidade e a utilidade das ordens religiosas, muito menos podiam se-lo no Brasil, onde tão grandes foram os seus serviços na formação, evangelização, educação da patria, cuja constituição, como já ficou dicto, reconheceu a religião catholica, a que deu os foros de religião official, como um facto preexistente no paiz.

Prescrever como religião do Estado a religião catholica era assumir implicitamente o compromisso de respeitar a autonomia das ordens religiosas, as quaes ficavam desde então existindo, não só como um *facto nacional*, mas como um *direito auctorizado* pela Constituição e a lei civil ¹⁰¹.

Cedo, entretanto, começou o imperio seu combate de morte contra os institutos monasticos.

E' certo que por occasião da independencia, como nos mostra o erudito Candido Mendes, que em magnificos capitulos de um de seus livros ¹⁰² fez um accurado e consciencioso estudo do regalismo, da Igreja e das ordens religiosas no Brasil, estas em consequencia dos enredos e intrigas politicas em que se tinham envolvido, e tambem em consequencia de outros abusos, já começavam a decair da importancia e do prestigio, que tanto as tinham enaltecido entre nós.

Esta circumstancia, e mais do que ella o prurido de imitar as hostilidades que então tinham curso na Europa, principalmente em França, contra as ordens religiosas, determinaram no Brasil esse combate que devéra, como bem pondera o mesmo Candido Mendes, ser pela consecução da *reforma*, e não pelo desejo de *extincção*.

A' extincção, directa ou indirecta, foram, porém, encaminhados e dirigidos todos os esforços. Candido Mendes e Benevides, dous

servidores do imperio, tão illustres quanto insuspeitos, em livros já citados nesta *Memoria*, mostram como toda a legislação imperial referente ás ordens religiosas, não fez sinão opprimi-las, escraviza-las, esbulha-las de seus privilegios, de suas prerogativas e de seus bens, e impelli-las, quanto possivel, á completa ruina. Affirmam ambos que no Brasil o regimen da união do Estado com a Egreja não foi sinão uma triste servidão desta, e um opprobrioso despotismo daquelle, não só em relação ao clero secular, como já ficou visto nesta *Memoria*, mas em relação ao clero regular e aos seus institutos.

Logo nas Instrucções de 1824 ao ministro Vidigal, enviado a Roma, se recommendou a obtenção de medidas no sentido de que as ordens religiosas não ficassem sujeitas aos superiores de Portugal; que não se facultasse mais á ordem dos capuchinhos, nem a qualquer outra, estabelecer-se no Brasil, que *não tinha necessidade de frades estrangeiros, nem de augmentar as suas profissões.*

Apezar das solicitações do governo imperial, a Sancta Sé não concedeu a separação das ordens religiosas de seus superiores em Portugal, sinão depois que elles proprios a pediram.

A primeira que a pediu foi a ordem Benedictina, separada pela bulla — *Inter gravissimas curas*, de 7 de Julho de 1826.

Em 1828 foi apresentado á Camara dos deputados, nella discutido e aprovado um monstruoso projecto, do qual o art. 1º prohibia a admissão e residencia no imperio a frades ou congregações estrangeiras, quer exercessem suas funcções religiosas em corporação, quer isoladamente; o art. 2º prescrevia para os monges que incidissem na prohibição serem presos e reenviados pelo governo ao respectivo convento; o art. 3º prohibia a criação de novas ordens ou corporações religiosas de um e outro seculo; o art. 4º prescrevia a expulsão, para fóra do imperio, de frades ou congregados que obedecessem a superiores residentes em paizes estrangeiros; o art. 5º prescrevia, para quem quer que, contra as disposições do projecto, entrasse em ordens ou corporações religiosas, as penas de expulsão do convento e de trez mezes de prisão, ou de banimento, caso já estivesse realizada a profissão.

Este monstruoso projecto, que não teve curso no Senado, foi apenas um ponto de partida de muitas e successivas medidas de oppressão e esbulho contra as ordens religiosas das quaes, a principio, umas, as mais fracas e que menos podiam resistir, depois, com artificios e cautelas as mais poderosas, e que poderiam reagir, viram seus patrimonios considerados bens nacionaes, de que o Estado, não só se assegurava quanto á posse futura, mas ia desde logo tirando, mediante pesadissimos impostos, uma porcentagem a que se julgava

com direito como *legitimo proprietario*, não sendo os religiosos sinão simples administradores. A lei de 23 de Outubro de 1832 impoz ás ordens religiosas o pagamento das decimas sobre os seus predios, não obstante ser a commutação dos legados pios, *ex-vi* de leis portuguezas adoptadas no imperio, da competencia do papa. O decreto de 16 de Setembro de 1827 dispoz sobre a revalidação dos bens das corporações regulares. A lei de 26 de Novembro de 1827 mandou applicar aos hospitaes dos respectivos districtos os bens dos legados pios não cumpridos. Tudo isso se fez sem consulta á Sancta Sé, com violação do direito canonico, de disposições do Concílio de Trento e de bullas papaes.

A lei de 28 de Junho de 1870 dispoz que os predios rusticos e urbanos, terrenos e escravos das ordens religiosas fossem convertidos em apolices da divida publica interna intransferiveis, dentro do prazo de dez annos. Com os olhos fitos no patrimonio das ordens religiosas, o Estado com estas e medidas anteriores e posteriores não fazia sinão preparar a grande expoliação que tinha em vista e que as vicissitudes politicas não lhe permittiram realizar, de todos os bens das ordens religiosas.

Era a este fim que elle tendia, quando, em 1830, decretava que todas as alienações e contractos onerosos feitos sem permissão do governo, por ordens religiosas, sobre bens moveis e immoveis de seus patrimonios, eram nullos. Era ao mesmo fim que se encaminhavam todos os pretensos projectos de reforma, das quaes uns foram simples velleidades, outros planos implicitos de extincção.

A planejada reforma de 1831, primeira que se tentou e a que dedicaram todos os esforços os representantes da Sancta Sé, monsenhor Ostini e Domingos Fabrini, não ficou em simples tentamen, como mostra Candido Mendes, sinão por culpa do governo, de sua incuria, fraqueza e pouca lealdade.

Nessa mallograda reforma, a regencia do imperio pelo ministro Feijó começou expedindo um aviso em 3 de Dezembro de 1831, no qual dizia que, desejosa de concorrer para a reforma das ordens religiosas, *consentia* que o nuncio, a quem o aviso era expedido, exercesse a respeito das mesmas ordens toda a jurisdicção temporal e economica, necessaria á mesma reforma. Desta sorte o governo imperial mais uma vez, em documento publico, arrogava-se os direitos da Igreja e ao representante desta dava licença para exercê-los!

O nuncio apostolico dirigiu, em ordem á reforma, uma circular aos provinciaes das ordens, solicitando-lhes todas as informações, instrucções e auxilios necessarios; e, em 1833, em sua ausencia, o encarregado dos negocios da Sancta Sé, monsenhor

Fabrini, de accordo com o governo publicou o breve de reforma dos Benedictinos do Brasil. Os monges beneditinos, rebellados contra a medida da auctoridade ecclesiastica, conseguiram que a Camara dos Deputados avocasse a si o conhecimento do breve para julga-lo, como julgou, *violento, despotico, inutil e nullo*; e que o governo abandonasse o representante da Sancta Sé.

Em 1855 delineou-se outra reforma, que se devia effectuar por meio de uma concordata com a Santa Sé.

Tal reforma não passou do celebre aviso Nabuco, que, a despeito de todos os protestos e explicações que desde os discursos do auctor até ás apreciações de seus amigos e biographos se lhe tem dado, foi, sinão na intenção de quem o fez, pelo menos na realidade dos factos, verdadeira metralha, a mais formidavel de todas contra a vida mesma das ordens religiosas. Estas, dizia Nabuco no seu relatorio, achavam-se em estado deploravel, pelo que era tempo de se tomarem medidas energicas e urgentes a seu respeito. Para isso o governo esperava os pareceres que já tinha solicitado do arcebispo e dos bispos, como tambem solicitaria o concurso do Sancto Padre naquillo que fosse de sua competencia. Um anno depois deste relatorio, o ministro declarava quaes as medidas necessarias á reforma; mas que, enquanto esta não se effectuava, ou por outra, como começo desta, o governo expedia o aviso circular de 19 de Maio de 1855, ordenando que as ordens religiosas não accitassem noviços, até que o governo fizesse concordata com a Sancta Sé sobre a reforma e reorganização desses institutos. Como nega-lo? A prohibição de noviços, contraria á Constituição e á legislação ecclesiastica vigente no imperio, era a morte lenta, mas fatal das ordens religiosas, de cuja extincção a demora era compensada pela não necessidade de novos accordos e concordatas.

O governo não estava auctorizado por lei a limitar o numero de individuos que quizessem entrar em taes ordens; pelo que, diz Benevides, a prohibição foi um attentado á Igreja, cuja existencia legal tinha sido admittida pelo art. 5º da Constituição, que implicitamente reconhece a legitimidade das ordens e corporações instituidas pela Igreja. Biographando, em importante livro, o vulto politico de seu pai, diz o sr. Joaquim Nabuco, referindo-se ás ordens religiosas e ao aviso, que nenhum acto de Nabuco, em sua politica ecclesiastica, tem sido tão impugnado, sob o poncto de vista religioso, como a prohibição ás ordens monasticas de receberem mais noviços — medida essa provisoria que ficou definitiva, succedendo-se mais de vinte gabinetes, sem nenhum a revogar; sendo que só com a separação da Igreja e do Estado, no novo regimen, se reabriu o noviciado nos conventos. Accrescenta ainda o sr. Joaquim

Nabuco que seu pai é por isso tractado na polemica da imprensa e do fóro como destruidor das ordens religiosas; mas que o historico do incidente mostra com a maior evidencia que o espirito que animava a Nabuco não era o de hostilidade ás instituições monasticas do paiz, mas *verdadeiro e sincero espirito de reforma*. O historico feito pelo sr. Joaquim Nabuco, de conformidade com o relatório de seu pai, reduz-se ás seguintes allegações, não contestadas nesta *Memoria*: que os conventos pela maior parte se achavam em estado deploravel quanto á disciplina e á administração; que alguns, abandonados e sem culto divino, estavam entregues a um só religioso que desbaratava ou não aproveitava os bens; que outros davam o triste espectaculo da intriga que os dilacerava por causa das cabalas que sem pejo de simonia se agitavam por amor dos cargos. A conclusão do historico feito é que para regenerar os conventos, obstando a que elles se tornassem fôcos de immoralidade, sujeitos á inspecção da policia, como aconteceu com o convento do Carmo do Maranhão, era de urgente necessidade tomarem-se medidas energicas que os restituíssem á sua antiga sanctidade. As provas comprobatorias do historico e do seu intuito principal, isto é, mostrar que o auctor do aviso de 1855 não era inimigo das ordens religiosas, não as queria supprimir, mas pelo contrario restaurar-lhes a grandeza moral — são as respostas dos bispos e do internuncio ao ministro Nabuco, reconhecendo todos elles a decadencia das ordens religiosas e a necessidade de sua reforma¹⁰³. Em que pese aos defensores do ministro, de cujas intenções não cogita a *Memoria*, o aviso não se justifica, nem temperante a Egreja, o Direito e a Constituição, explicação legitima.

Da necessidade da reforma não decorre nem a legalidade do aviso, nem o direito do ministro ás funcções de reformador, character que não lhe podiam dar as cartas ou pareceres dos bispos, que é certo opinaram pela reforma, mas não que essa fosse feita por um modo insolito, abstruso, extravagante, sem previa audiencia da Sancta Sé, cuja promettida concordata se reduzia desse modo a uma verdadeira burla. Que o ministro nunca sinceramente pensou necessitar de tal concordata, prova — o seu discurso de 1870, no qual disse: « sempre se considerou no *jus cavendi* que ao Estado compete sobre a Egreja a admissão de noviços nas ordens religiosas. . . Si a Egreja por sua parte deve zelar as vocações sinceras, o Estado tem interesse em que seus subditos não corram para o claustro sómente para eximirem-se do onus da vida social, para evadirem-se do exercito ».

Este trecho retrata perfeitamente as ideias do ministro e as da sua epocha, cujo meio regalista comportou perfeitamente o

reformador leigo das ordens religiosas, a respeito das quaes o inter-nuncio tinha feito sentir, mas em vão, que tudo devia ser feito de accordo com a Sancta Sé, a quem pertence decretar em taes materias. Com taes ideias, expendidas pelo proprio ministro, a que se reduz a allegação feita pelo sr. Joaquim Nabuco de que o pensamento do ministro era *o de uma perfeita intelligencia com a Sancta Sé, e que as licenças só eram cassadas até á realização da concordata*, que o governo nunca realizou, nem teve desejo sincero de realizar? O pensamento dominante no imperio foi sempre, como diz Candido Mendes, não reformar, mas *extinguir* as ordens religiosas, o que logo depois da independencia se viu bem manifesto nas instrucções dadas ao ministro Vidigal, e em todos os decretos, leis e projectos com que os governos tentaram apoderar-se das riquezas dos conventos. E' singular, sob todos os pontos de vista, a defesa do aviso pelo ministro, pelos seus amigos e pelo seu biographo, que diziam e dizem: — *o aviso não era sinão uma medida preliminar e preparatoria para a reforma dos conventos, que só teria logar com a concordata, que aliás não se realizou, não sendo, porém, isso culpa do ministro, cujo plano ficou incompleto, limitado á prohibição do noviciado.*

Mas, si esta prohibição era a reforma mais radical, violenta e illegal, que se poderia fazer?! Si a prohibição do noviciado não era sinão a realização dos desejos de extincção, desejos tão radicados na politica do imperio, que o proprio Nabuco como que desafiava as administrações posteriores a revogarem o seu acto, dizendo-lhes que, si entendiam não existirem mais os motivos que tinham determinado o aviso, deviam deroga-lo, porque elle não era lei, e cada um devia tomar a sua responsabilidade?! Não, não ha justificação para o aviso que, como eu escrevi em 1885, « fechou brutal e despoticamente as portas dos conventos aos noviços, e prohibiu indefinidamente, com menosprezo do art. 5º da Constituição do Imperio, o desenvolvimento das ordens religiosas; sendo cousa notavel que o ministro que assim com uma pennada revogava no Brasil as prerogativas mais sagradas da consciencia humana, as regalias mais preciosas da liberdade individual, espoliando os brasileiros de direitos acatados em todo o mundo civilizado e até nos paizes protestantes, era um liberal ¹⁰⁴ ». Resumindo tudo o que fica dicto e o mais que eu poderia dizer sobre a politica do imperio, em relação ás ordens religiosas, si os limites da *Memoria* o comportassem, affirmo de accordo com Candido Mendes, tão illustre quanto insuspeito servidor do imperio, que o pensamento deste foi sempre o aniquilamento das ordens religiosas. Tal aniquilamento

o imperio procurou realizar, já com as extincções directas como as das leis de 1830, de 1831, 1835 e 1840, que extinguiram a congregação dos Padres de S. Felippe Nery, em Pernambuco, a associação dos Carmelitas Descalços, a associação religiosa dos missionarios italianos Capuchinhos na mesma provincia, a associação dos religiosos Carmelitas, em Sergipe, a comunidade dos Carmelitas Descalços na Bahia; já com a extincção indirecta pelas medidas prohibitivas do noviciado; já com todos os alvires de que lançou mão para desprestigiar a auctoridade da Igreja e usurpar suas attribuições em relação ás ordens religiosas, como mostram differentes avisos de 1830, 1831 e 1844. Nestes o governo dá normas de proceder aos provinciaes; indica as practicas que deviam seguir; nega beneplacito a rescriptos do internuncio; concede licença a religiosos para viverem fóra do claustro. E' certo, pois, que si não fóra a revolução politica de 1889, que annullou o plano do imperio em relação ás ordens religiosas, estas teriam fatalmente de extinguir-se, ou pela morte lenta a que desde 1855 estavam condemnadas, ou, como disse o citado Candido Mendes, por uma medida violenta, si a morte se tornasse tão demorada que afinal fatigasse aos que tão ardentemente a desejavam ¹⁰⁵.

A unica compensação ao enfraquecimento cada vez maior das ordens monasticas no Brasil foi o devotamento com que certas congregações estrangeiras, a dos Lazaristas, a dos Jesuitas, a dos Salesianos, e, mais tarde, já iniciado o novo regimen politico, a dos Redemptoristas, vieram entregar-se aos arduos trabalhos da educação da juventude e da prégação evangelica. Desses, os primeiros que chegaram ao Brasil, depois de constituido nação, foram os Lazaristas, de, cujos collegios e seminarios tem o paiz colhido maiores proveitos, já quanto á educação da juventude, já quanto á formação do clero nacional, pequeno mas que, sem os seminarios de S. Vicente de Paulo, teria continuado a ser, além de diminuto, por falta de vocações no Brasil, acanhadamente instruido.

Os serviços que durante mais de meio seculo teem prestado ao Brasil os congregados, missionarios de S. Vicente de Paulo, e as Ermãs de Caridade, estão bem manifestos nos seminarios, nos collegios, nos hospitaes fundados, dirigidos ou servidos pelos illustres varões e as nobilissimas damas da gloriosa Congregação, cujas primeiras fundações na diocese de Marianna foram recentemente, no corrente anno, celebradas por seu egregio Pastor, nos seguintes termos: « A 3 de Abril proximo futuro, amados filhos, completam-se cincoenta annos que chegaram a esta cidade os primeiros congregados, missionarios de S. Vicente de

Paulo, e as primeiras Ermãs de Caridade mandadas vir pelo nosso antecessor, de feliz memoria, D. Antonio Ferreira Viçoso. Os beneficios que essas filhas de S. Vicente teem derramado nesta diocese, durante estes cincoenta annos, só Deus os pôde aquilatar. Os sacerdotes que elles formaram e que por sua vez teem sido e continuam a ser instrumentos de salvação para innumeraveis almas; os moços que se educaram no seminario de Marianna, no Caraça, em Congonhas; as meninas formadas pelas ermãs e que depois foram sanctas mães de familia, e as que no estado virginal, no meio do seculo, ou em congregações religiosas, consagraram a Deus o melhor dos dias e de sua vida; as orphãs desvalidas, preservadas da miseria e corrupção; os enfermos curados, ou fallecidos, com os sacramentos, penhores de salvação, em Marianna, Barbacena, S. João d'El-Rei, para só me restringir á diocese de Marianna, tudo isto está exigindo os nossos agradecimentos, por ter sido esta diocese tão favorecida e privilegiada com as primeiras fundações destes sanctos institutos. Desejamos, por isso, que em todas as matrizes, nesse dia, se faça algum acto de agradecimento, ainda que seja rezando o *Terço* e um *Te-deum* tambem rezado, e a quem isto fizer concedemos 40 dias de indulgencias. . .¹⁰⁶ ».

Não só os Lazaristas, tambem os Jesuitas, estes antigos evangelizadores do Brasil, lhe teem prestado, depois que voltaram á região onde o exilio delles não tinha apagado a fama de seus feitos heroicos, grandes e preciosos serviços na educação da juventude que enche os seus collegios, presentemente reputados em todo o paiz como os mais completos estabelecimentos de instrucção secundaria.

Foi muito depois dos Lazaristas e dos Jesuitas, as duas importantes congregações que com maxima solitudine se dedicaram ao ensino da juventude, tendendo uma especialmente á preparação de moços para a carreira sacerdotal e outra para as differentes carreiras da actividade humana, que vieram para o Brasil os Salesianos, os quaes se estabeleceram no paiz em 14 de Julho de 1883. Este dia é memoravel para todo brasileiro que ame a sua patria e conheça a origem, o plano, os intuitos dos institutos salesianos, cuja concepção é a mais bella solução do problema social em nossa epocha.

Não comporta esta *Memoria* o fazer a historia da instituição de D. Bosco, assumpto sobre o qual não posso aqui escrever sinão uma pequena parte do que da tribuna já proferi:

« Dentre tantos apostolos que tanto teem amado a pobreza e glorificado Jesus Christo no pobre, ninguem o glorificou mais do que esse homem extraordinario, estupendo, cujo amor predilecto parece ter

sido justamente o amor da pobreza; ninguém o glorificou mais do que D. Bosco; ninguém mais do que D. Bosco compreendeu o que é o pobre.

D. Bosco não forneceu sómente á nossa epocha uma das mais bellas soluções do problema social nas suas multiplas phases — educação, ensino, trabalho, moralidade. D. Bosco não deu sómente á nossa epocha, ao nosso seculo, á sociedade moderna modelos admiraveis, na officina, na fabrica, nas industrias, nas profissões e artes liberaes; D. Bosco não provou sómente com a eloquencia dos factos como é pueril, estreito, ridiculo esse preconceito, aliás de homens de letras, de homens politicos e de governantes, de estadistas, que já Montesquieu combatia no *Espirito das Leis*, de que a religião catholica diz apenas respeito aos interesses supra-sensíveis do homem, ás suas esperanças de immortalidade, desprezando com pletamente os interesses da terra. D. Bosco não provou sómente com a eloquencia dos factos como o rico e o pobre se podem entrelaçar, realizando o pensamento da Escripura — *dives et pauper obviaverunt sibi*. D. Bosco não foi sómente um dos grandes pacificadores da revolução que agita o mundo moderno. . . D. Bosco entendeu o que é o pobre; reconstruiu o papel evangelico do pobre; fez com que o pobre reassumissem a sua dignidade na Igreja. D. Bosco compreendeu o que é o pobre, compreendendo a grandeza sobrenatural do pobre, o seu destino providencial, transformou o pobre em protector do rico. Compreendeis bem, meus amigos, o meu pensamento? Apprehendeis perfeitamente esta bella e admiravel obra de D. Bosco?!

Muitos teem decantado a obra social do apostolo; outros muitos teem enumerado os multiplos beneficios da instituição salesiana. Eu quero, porém, posto que o primeiro, saudar a belleza theologica da obra de D. Bosco. Essa obra não foi um tractado, um compendio, um livro. Foi mais, muito mais, incomparavelmente mais do que isso: foi a restauração na Igreja do plano de Deus, que a fundou sobre a pobreza, fazendo do pobre, não só o privilegiado de Deus, não só o hierarcha do rico, mas o protector do rico. Eis a grande obra theologica de D. Bosco.

No seio da sociedade moderna, onde tantos odios, tantas paixões e tantas ambições inconfessaveis assaltam a propriedade e ameaçam a riqueza, elle creou uma protecção para o rico, mais poderosa do que os governos, mais efficaz do que os exercitos, mais sollicita e providente do que a politica. Compreendeis a belleza de sua obra? Mais do que a infancia desamparada, os ricos devem venerar D. Bosco! Saudémos, pois, saudemos na sua obra gloriosa o grande restaurador.

E vós, Senhora amabilissima; vós que fostes a estrella de D. Bosco nas batalhas ardentes de sua caridade; vós bem sabeis, é inutil lembrar-vo-lo, foi num dia memoravel, no dia de vossa Immaculada Conceição, no dia de vossa festa a mais gloriosa, que se despertou no espirito do padre illustre o pensamento da obra salesiana, esta obra gigantesca que devia tornar-se, como aconteceu, um dos maiores prodigios do seculo XIX. Pois bem, Senhora sacratissima, Mãi nossa amabilissima, nós os brasileiros queremos tambem de vós, em relação a D. Bosco e á sua obra, um favor especial. Queremos, Senhora, que inspireis a imprensa, os parlamentos, os governos, a politica, todos os cidadãos e christãos que aqui estão presentes.

Nós os brasileiros queremos, Senhora, que inspireis a imprensa para que ella proclame em todas as regiões do Brasil D. Bosco, não só um dos bemfeitores da humanidade, um dos athletas da civilização universal, mas tambem um dos promotores da civilização brasileira, que do norte ao sul do Brasil, já contempla fructos beneficos de sua obra.

Nós queremos que inspireis os parlamentos, para que elles saibam tirar dessa obra gloriosa os principios e ideias que devem ser adoptados na legislação sobre o ensino e a educação das novas gerações, maxime da infancia, que, não só nos collegios, mas tambem nas officinas, nas fabricas, nas industrias, por toda parte, precisa de ver a Jesus Christo, dignificando o homem, nobilitando o trabalho, divinizando a alma.

Queremos que inspireis os governos brasileiros para que elles tenham a exempção de espirito e a independencia civica necessarias para calcar aos pés preconceitos pueris contra a Egreja e sua divindade, para auxiliar, quanto possivel, esta grande empreza salesiana, que oxalá vissemos extendendo-se a todas as cidades do Brasil.

Queremos que inspireis a politica, para que, no meio de tantas tristezas e adversidades, no conflicto de tantas ideias, num como que scepticismo que vae pouco e pouco apagando das almas os grandes ideias do christianismo, ella comprehenda que jamais poderá resolver problema brasileiro sem o auxilio da religião.

E pela minha parte, Senhora, eu vo-lo supplico: inspire todos estes cidadãos aqui presentes; fazei com que elles saiam hoje deste templo considerando cada um como triplice dever de sua parte—dever de homem em face do problema universal, dever de patriota em face do problema nacional, dever de christão em face de Deus e da Egreja—auxiliar a obra de D. Bosco ^{107.}»

Eis ahi o que em 1898 disse o auctor desta *Memoria* sobre a congregação salesiana, cujo primeiro e mais glorioso instituto no Brasil é o collegio de Artes e Officios, fundado em 7 de Julho de 1883, sob os auspicios de D. Pedro Maria de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, em Nictheroy, onde o que o illustre prelado e os primeiros salesianos fizeram para conseguir a installação e depois a manutenção do Collegio de Sancta Rosa é uma serie de actos admiraveis. Esse Collegio de Sancta Rosa merece, sem que nisso vá nenhum menosprezo aos outros collegios salesianos do Brasil, uma menção especial. Elle é verdadeiramente o thesouro, a arca onde os salesianos guardam no Brasil os episodios mais tocantes, a tradição mais honrosa da primeira e mortificada, cheia de vicissitudes e tribulações, vida que elles passaram neste paiz. Para proveito da patria e felicidade da infancia brasileira, além do Collegio de Sancta Rosa, sempre repleto de centenas de alumnos, temos presentemente o Lyceu do Coração de Jesus, fundado na capital de S. Paulo, em 1886; o Collegio de S. Joaquim, em Lorena, fundado nessa cidade em 1890; o Lyceu de Campinas, fundado em 1897; as Escolas do D. Bosco, fundadas em 1896, em Cachoeira do Campo, Minas; o Collegio de S. Gonçalo, fundado em Cuyabá, em 1894; o Collegio de Sancta Theresa, fundado em 1899, em Corumbá, Matto Grosso; o de Pernambuco, fundado em 1894; e o de S. José, fundado em 1899, em Guaratinguetá, S. Paulo. Além de todos esses lyceus, em que milhares de meninos aprendem lettras, artes e officios, tambem ha as casas de instrucção e beneficencia, fundadas ou dirigidas pelas ermãs salesianas: collegios de N. S. do Carmo, de N. S. Auxiliadora, em S. Paulo; Asylo Sancta Isabel, em Matto Grosso; Sancta Casa de Misericordia e Externato de Sancta Anna, em Ouro Preto.

Quanto aos missionarios redemptoristas, só em 1894 vieram para o Brasil, onde estão estabelecidos em S. Paulo, Minas e Goyaz, prestando nestas trez dioceses muitos relevantes serviços á Egreja brasileira no cathecismo dos meninos, e nas missões. A's congregações religiosas devemos não se ter apagado o facho da Fé no Brasil, tanto decaiu o clero nacional.

O *desprestigio do clero*. Na primeira assembléa legislativa do imperio tinha assento não pequeno numero de padres; e, não obstante, como diz Candido Mendes, foi essa legislatura a que causou maiores prejuizos á Egreja, e maiores attentados aos direitos da Sancta Sé.

Por que? Porque o clero estava avassallado pelo regalismo; e, desde o inicio do imperio, de tal sorte começou a decair na

consideração e estima publica, que, nas seguintes legislaturas, foi rareando nas camaras o numero de ecclesiasticos, e estes chegaram quasi que a desaparecer do parlamento.

Eram gallicanos, uns mais, outros menos exaggerados, os padres Romualdo de Seixas, depois arcebispo da Bahia, Marcos de Souza, depois bispo do Maranhão, D. José Caetano, bispo do Rio de Janeiro, monsenhor Vidigal, conego Vieira da Soledade, Diogo Antonio Feijó, Miguel Reinaut, monsenhor Pizarro, conego Januario da Cunha Barbosa, Rocha Franco, José Custodio Dias, José Bento Leite Ferreira de Mello.

Dos padres referidos, alguns, além de antagonistas declarados da Sancta Sé, eram maçons; todos sectarios das pretendidas prerogativas do Estado contra os direitos de Roma ¹⁰³.

Compreende-se que tantos padres, uns salientes pela sua influencia partidaria e politica, outros pelos dotes intellectuaes, outros, emfim, pela sua posição no clero, esposando, como esposaram, com cega e illimitada dedicação a causa do *regalismo* contra a Igreja, esta não podia deixar de ficar, como ficou, enfraquecida e desarmada no Brasil.

Era justo, porém, que o clero fosse perdendo esse mesmo prestigio, de que gozava aos olhos do povo, e de que se serviu contra a Igreja. Era justo que o proprio *regalismo*, satisfeito em todas as suas aspirações, atirasse para um lado o instrumento de que se tinha servido, em tantas e tão solennes occasiões, para combater a Sancta Sé, e até injuriar o Sancto Padre, mais de uma vez tractado pelo clero, no parlamento, de arbitrario, de caprichoso, usurpador e hypocrita, que *revestia com o manto sagrado da Religião bullas que não eram sinão decretos de tributos sobre a nação brasileira* ¹⁰³.

Era justo que o episcopado e o clero, concordes ambos em elevar sobre as ruinas da liberdade da Igreja o busto triumphante do cesarismo, caíssem no Brasil nessa lamentavel prostração moral, cujo ultimo gráo foi a sua completa nullificação social.

Mas comprehende-se que, nullificado social e politicamente o clero, a Igreja no Brasil não podia ter força para exigir do Estado aquellas medidas, sem as quaes o proprio clero não se poderia reerguer, aspirando a mais do que ás congruas mesquinhas e ás regalias futeis que o Estado lhe concedia.

Como o Estado havia de preoccupar-se da criação de dioceses, da reorganização dos seminarios, da instituição de faculdades theologicas — medidas necessarias ao augmento das vocações ecclesiasticas, ao lustre do clero e á prosperidade da Igreja no Brasil — si tudo isso limitaria a esphera de acção do *regalismo*,

e este era acceito, applaudido, calorosamente defendido pelos proprios bispos e padres ?!

Eis por que uma vasta e opulenta christandade ficou longos annos sem um numero de dioceses correspondente ás suas necessidades espirituaes. Só em 1854 pôde contar doze dioceses, e com doze ficou até 1889.

Ao passo que na America do Norte, no fim do primeiro centenario da instituição canonica do bispado dos Estados-Unidos o numero de bispos e arcebispos estava elevado a oitenta e quatro, e o numero de padres a cêrca de oito mil, o Brasil, no fim do primeiro centenario de sua existencia, tinha apenas um bispado, o de S. Salvador; no fim do segundo centenario, apenas tinha septe, esse e os do Rio de Janeiro, creado em 1676, o de Olinda creado no mesmo anno, do Maranhão creado em 1677, o do Pará creado em 1719, de S. Paulo creado em 1745 e o de Marianna creado no mesmo anno; no fim do terceiro centenario tinha apenas dez, esses, os de Goyaz e Cuyabá creados em 1826, e o do Rio Grande do Sul creado em 1848; no meio do quarto centenario apenas doze, esses e os de Diamantina e Ceará creados em 1854.

Si comparamos o pequeno e rachitico desenvolvimento, em tão largo espaço de tempo, da Igreja brasileira com o rapido e prodigioso desenvolvimento da dos Estados-Unidos num terço do mesmo prazo, não podemos deixar de attribuir as causas dos dous phenomenos nos Estados-Unidos á intrepidez do episcopado, á actividade do clero, á liberdade de que goza a Igreja; no Brasil, ao gallicanismo, ao regalismo e á servidão da Igreja num regimen de falsa união.

Não se pôde ler a historia da Igreja nos Estados-Unidos sem reconhecer que todos esses resultados teem sido conquistas porfiadas do apostolado e da evangelização.

Nos Estados-Unidos o bispo, o padre, o sacerdote — todos comprehenderam o dever da prégação. No Brasil, depois dos evangelizadores coloniaes, e não fallando nos sermões e panegyricos bonitos feitos para as côrtes de D. João VI, Pedro I e Pedro II, que prégação fez o clero nacional, nos 67 annos do imperio?

Responde um sacerdote, conego de uma das nossas sés, e ainda recentemente vigario capitular de diocese importante: « No Brasil o preceito da prégação é o mais descurado, tanto pelos bispos, como pelos parochos. Raras vezes e com raras excepções, os bispos pregam em suas cathedraes, e os parochos em suas matrizes, conforme as disposições tridentinas, sendo que a

relaxação deste dever não é de recente data, mas vem de tempos remotísimos ¹¹⁰».

Mas o atrazo do clero, concorrendo com o pequeno numero de dioceses e a falta de prégação, o que podia e devia produzir? Como o auctor desta *Memoria* mostrou em um *Estudo sobre o culto, o ensino e o estado das parochias no Brasil*, produziu a degeneração do culto. Ceremonias que não edificam, devoções que não apuram a espiritualidade; novenarios que não revelam fervor, procissões que apenas divertem; festas, emfim, que não aproveitam ás almas nem dão gloria a Deus — eis ao que está reduzido, geralmente nas parochias brasileiras, como se lê no citado *Estudo*, o grande e magestoso, divino culto catholico. . .

Tão degenerado está o culto externo, tão profanadas andam as ceremonias da Igreja, que, parece, nada concorre mais para o endurecimento dos impios e a pertinacia dos incredulos que certas festividades em nossos templos. Ignorando elles, como ignoram, o profundo e bello symbolismo catholico, attribuem á Igreja o que não é devido sinão aos desvios da falsa devoção, reputam o culto externo uma futilidade, accusam a Igreja de obrigar as populações a despenderem enormes quantias com festas improficuas e inuteis, que não melhoram os costumes, não regeneram as almas, e apenas divertem a multidão: accusação, sem duvida injusta, porque nunca a Igreja entendeu nem quiz que as festas tivessem tal sentido, uso e applicação. . .

A principal necessidade das parochias brasileiras é a doutrinação; mas o nosso pulpito, si ainda falla, isto é, si faz panegyricos e sermões de festa, não ensina. Nas parochias, a maioria dos fieis não tem idéa clara do que crê e practica, não conhece o valor do sacrificio da missa; não sabe o que é um sacramento; não discerne as partes da penitencia; não conhece sinão litteralmente o Decalogo. . . Ora, degenerado o culto, falseadas as devoções, rebaixada a sagrada tribuna, abandonado ou nunca começado o estudo da palavra divina, omittido ou apenas dado, a espaços, em tantas freguezias, em minima quantidade, sem sequencia nem methodo, confusamente, o ensino catholico; absorvido a maioria do clero nacional, ou por agitadas preocupações mundanas de posição, riqueza, prazer, ou pelas simples exterioridades das festas religiosas — as parochias brasileiras não podem continuar neste estado.

A hydropesia de suas festas não encobre a anemia de sua fé, que é mister retemperar.

Como? O ensino eis o grande remedio, a — grande necessidade do momento actual. Os novenarios, as devoções, as festividades,

feitas com os devidos requisitos, são cousas boas; mas o principal, o essencial, a cousa boa por excellencia, a maior de todas as obras da caridade parochial é— ensinar os ignorantes. A ignorancia da religião — eis o inimigo; a doutrinação— eis a grande arma apostolica.

Já é tempo que se estude e se ensine; que se dê o pão da intelligencia aos meninos, ás donzellas, aos casados, aos pobres e aos ricos.

Sem duvida isto não se faz num dia, mas tambem nunca se fará enquanto o clero não se resolver a fazer da doutrinação o seu objectivo, e levar annos e annos a fazer sómente sermões de festa ¹¹¹.

O desprestigio do clero nacional no Brasil, tendo sido, como ficou demonstrado, uma consequencia logica e necessaria do *regalismo*, do pequeno numero de dioceses, da falta de seminarios e de uma educação theologica vasta e orientada, era natural que o Estado não contemplasse sinão com olhos de pasmo e assombro o primeiro spectaculo de resistencia opposta ás prepotencias com que elle ordenava á Egreja a execução de suas ordens. Era natural que o imperio não ouvisse sinão estupefacto o brado energico que, desferido pelos labios de Vital e Macedo Costa, os dous bispos da reacção, echôu em todos os angulos do paiz contra o *regalismo*.

Reacção ephemera. Foi em 1872 que se agitou no Brasil a *Questão religiosa*, na qual tinha de produzir todos os seus calamitosos effeitos o malfadado *Recurso á Corôa*, decreto com que o imperio, desde 1854, tinha arbitraria e despoticamente prescripto os casos em que as decisões ou sentenças dos tribunaes e auctoridades ecclesiasticas deviam ser sujeitas á revisão e ao juizo de magistrados seculares.

Longo tempo o *Recurso á Corôa* foi tolerado pela Egreja brasileira, cujo clero, como já foi dicto nesta *Memoria*, bem facilmente acostumou-se á escravidão que lhe impuzera o *regalismo*.

Por fim, dous bispos illustres, aos quaes não tinha sido possivel, em graves emergencias occorridas em suas dioceses, nem transigir com os deveres, nem alienar os legitimos direitos de pastores das almas, e superiores das irmandades religiosas, ergueram-se contra o vexatorio decreto, altamente affirmando sua illegitimidade, e contra o *regalismo*, profligando e não cumprindo prepotentes ordens do poder executivo; soffrendo, mas não sem heroica resistencia e alevantado brado, que percorreu todo o mundo, a gloriosa pena de tão bella confissão. Esta questão

se me afigura a prova suprema do imperio, isto é, a occasião decisiva que lhe deu a Providencia para afirmar ou renegar o baptismo christão da monarchia brasileira. Por muitos, entre nós, ella é considerada e discutida sob o falso prisma das questões de partido, ou então, sob a influencia de considerações pessoaes, quaes as determinam os protagonistas politicos da infeliz tragedia, cujos actos nas deliberações do gabinete, nas reuniões do Conselho de Estado, nas audiencias do Tribunal, tanto como nas publicações da grande imprensa ou nos esconderijos da maçonaria, foram as mais tristes façanhas do *regalismo* no Brasil. O que é certo é que na *questão religiosa* a prisão material dos bispos foi o menor delicto do imperio.

O seu maior crime foi a prostração moral de toda uma geração de estadistas aos pés da Maçonaria, que fizera de um interdicto do bispo de Olinda o pretexto para rompimento da guerra já planejada e resolvida contra a Igreja do Brasil. Da questão religiosa eu não posso nesta *Memoria* tractar sinão de tres pontos, e esses resumidamente: a origem da questão, a acção do governo, a reacção dos bispos.

Não é exacto, como se tem dito, e ainda recentemente escreveu o sr. Joaquim Nabuco, repetindo o *Memorandum* do barão de Penedo, mas historicamente falso, que a *origem* da questão religiosa fosse o procedimento de frei Vital para com os maçons do Recife. Diz o sr. Joaquim Nabuco, tractando da *origem* da questão, que elle faz desviar do acto episcopal de 27 de Dezembro de 1872, com que D. Vital ordenou ao vigario de Sancto Antonio no Recife exhortar o dr. Costa Ribeiro, membro da Irmandade do Sanctissimo Sacramento, a abjurar a maçonaria e a expulsa-lo do gremio da Irmandade, caso não fizesse a abjuração, egualmente imposta a outros membros de irmandades, reconhecidamente maçons:— «a agitação que se seguiu a esse acto, no Recife, o interdicto que o bispo lançou contra uma irmandade que se tinha negado a expulsar os irmãos maçons foi grande; e, sendo a maçonaria uma só em todo o paiz, levantou-se de todos os focos maçonicos o mesmo clamor contra o prelado que se mostrara resolvido a separar a maçonaria da Igreja ¹¹². Escrever assim a historia de um grande episodio politico de nosso paiz não é resumir, é omittir; e, si a omissão, é certo, aproveita até certo ponto a uma pretendida defesa dos maçons e regalistas do gabinete Rio Branco, ou do Conselho d'Estado, principalmente á do conselheiro Nabuco, prejudica a verdade dos factos, não deixando ver bem a prudencia, moderação, longanimidade com que procedeu o bispo D. Vital.

Por mais resumidamente que se tracte da questão religiosa, não se pôde deixar de lado a sua verdadeira *origem*. Qual foi esta? O interdito de D. Vital? Não, apesar da exposição do sr. Joaquim Nabuco.

Desde que, em 1872, a maçonaria viu seu grão mestre collocado á frente do gabinete, resolveu declarar abertamente á Egreja a guerra que até então lhe fazia occulta e disfarçadamente. O primeiro incidente que se lhe proporcionou para isso foi a suspensão, pelo bispo do Rio de Janeiro, do padre Almeida Martins, por ter feito, a 3 de Março de 1872, em festa da maçonaria, um discurso maçónico, depois publicado nos grandes jornaes.

A suspensão do padre, que não accitou a prévia solicitação do bispo para abjurar a maçonaria, arrancou desta um brado de guerra, que foi repetido por todas as lojas do Brasil.

Estas augmentaram o numero de jornaes maçonicos, e em todos os recantos do paiz começaram um combate do inferno contra a religião, os seus dogmas, o papa, os bispos e os padres.

Tudo isto começou em 1872, antes que os bispos de Olinda e do Pará tivessem dicto ou practicado qualquer cousa contra a maçonaria, que ao bispo do Rio, em Maio de 1872, desafiou a impedir uma missa que ella mandava celebrar, e que celebrada foi, apesar da prohibição do bispo, sob pena de suspensão, por sacerdote que não foi suspenso.

Quando a *questão religiosa* tinha assim começado de um modo bem claro por actos publicos da maçonaria, artigos da imprensa, criação de jornaes em todo o Brasil, frei Vital achava-se em S. Paulo, de onde, só depois de sagrado, partiu para Olinda, e ahi tomou posse da diocese, em 24 de Maio de 1872. Nada tinha feito ainda. Sua primeira pastoral, enviada de S. Paulo, tractava de assumptos mui diversos da questão religiosa. Entretanto, já os jornaes nacionaes de Pernambuco o chamavam *um jesuita, um ultramontano, um homem perigoso*. A 27 de Junho do anno de 1872, uma loja maçónica annunciou com estrondo pelos jornaes, que ia fazer celebrar uma missa na egreja de S. Pedro, em commemoração do anniversario de sua fundação.

O bispo, em circular *reservadissima*, ordenou então ao clero que não funcionasse em ceremonias maçonicas; pelo que a missa não foi dicta, mas as folhas maçonicas proromperam em injurias, insultos e blasphemias, que durante cinco mezes produziram o maior escandalo e consternaram profundamente o coração catholico, ferido até na sua reverencia a Maria Sanctissima, cuja virgindade e pureza eram desaforada e sacrilegamente discutidas e contestadas pelos pasquins maçonicos. Como affronta ao bispo, cuja longanimidade

parecia cansar a maçonaria, esta fez publicar os nomes dos maçons existentes nas confrarias, desafiando o prelado a *cumprir seu dever*, que elle de facto cumpriu, mas só depois de ter longo tempo lançado mão de todos os meios brandos e secretos, fazendo ir a palacio os sacerdotes maçons, exhortando-os com completo exito a abjurarem, como abjuraram, excepto dous, a maçonaria. Tendo se dirigido, mas sem resultado, aos maçons leigos, que faziam parte das confrarias, e só depois de respostas negativas e successivas exhortações, suspendeu-as, lançando-lhes o interdicto, que lhes prohibia comparecerem aos officios divinos, como associações religiosas, formarem prestitos religiosos e receberem novos membros. Interdisse algumas capellas exclusivamente dirigidas pelas confrarias maçonicas; mas declarou que o interdicto cessaria, logo que as irmandades despedissem os membros maçons, ou estes abjurassem a maçonaria ¹¹³. Onde a imprudencia, a precipitação de frei Vital em tudo isso, que não fez sinão mostrar quanto era calmo, prudente, caridoso? Diz o sr. Joaquim Nabuco que: o direito do bispo de privar de opa, na missa, os que insistiam em cingir á noite, nas lojas, o avental maçonico, era perfeito; « *mas que o modo por que se achavam formadas as irmandades, a dependencia em que estava dellas o culto publico, o facto de estarem todos convencidos de que a maçonaria no Brasil não professava intuitos anti-catholicos*, tudo isso explicava a condescendencia dos bispos quanto á participação dos maçons no culto e nas irmandades, e mostrava que, dado, por assim dizer, entre a Egreja e o Estado e suas relações, um quasi-contracto, nunca um bispo devia romper por si só o *modus vivendi* existente no Brasil entre a Egreja e o Estado, decidindo a golpes de interdicto uma questão cuja melhor solução devia ser a diplomatica, em Roma ». A que se reduz a allegação do sr. Joaquim Nabuco, quanto á *origem* da questão depois do historico feito? Podia haver mais illusões quanto á maçonaria? Tendo-se tornado manifestos os seus intuitos, deviam os bispos condescender por mais tempo? *modus vivendi* não era o puro *regalismo* que á força se revestiu de privilegios nunca reconhecidos pela Sancta Sé? A que ficariam reduzidos na Egreja de Deus, si prevalecessem taes idéas, o dever do episcopado, a intrepidez da fé e o heroismo do martyrio?!

Fique firmado, quanto á *origem* da questão, que os lamentaveis conflictos que esta produziu não foram a consequencia de qualquer imprudencia do bispo de Olinda, mas resultados logicos e necessarios de um plano tenebroso, que a maçonaria concebêra contra a Egreja brasileira, e a que dera começo, antes da conducta dos bispos de Olinda e do Pará, por occasião do incidente Almeida Martins, em

1872. Fique firmado que, desde então, a maçonaria prorompeu, cheia de raiva e com grande estrondo, contra a Igreja. O grão-mestre do Grande Oriente, Joaquim Saldanha Marinho, reuniu todo o povo maçônico para uma encarniçada luta contra o chamado clericalismo e começou a publicar no *Jornal do Commercio* violentos e injuriosos artigos contra o catholicismo e seus representantes mais elevados ¹¹¹. A maçonaria oficialmente declarou aos bispos que estava nas igrejas, dentro mesmo dellas, dirigindo as funcções do culto, senhora das chaves do tabernaculo, dos vasos e paramentos sagrados, com sacerdotes e até vigários, como caixeiros, e sob suas ordens ¹¹⁵. Firmada a *origem* da questão, preciso é agora ver qual foi a acção do governo.

Nos Estados Unidos, ou em qualquer paiz livre e bem governado, ainda que sem religião de Estado, como bem observou Macedo Costa, ou a querela ficaria entre os bispos e as irmandades, ou interviria o poder publico para manter o direito da communhão catholica de viver segundo suas leis. Seria mantida a liberdade de consciencia catholica. No Brasil, porém, com uma carta que impunha ao governo a obrigação de sustentar e defender a religião catholica, apostolica, romana, pensou-se de outro modo. O poder publico esposou a causa das irmandades rebeldes e da maçonaria; deu aos bispos ordens a que elles não podiam obedecer, porque a obediencia importaria o reconhecimento da maçonaria como sociedade licita, compativel com a Igreja e até favoravel a ella. Mas o governo não fez só isso que diz Macedo Costa. O governo, pelo seu proceder, por todos os seus actos, mostrou-se de pleno accordo com a maçonaria. Elle proprio, pelo seu ministro do Imperio, João Alfredo Corrêa de Oliveira, intromettendo-se na questão, aconselhou ás confrarias interdictas que interpuzessem recurso; o que ellas fizeram, não só contrariamente ás leis da Igreja, mas ás leis civis, porque o recurso não foi interposto no prazo de dez dias, a partir do acto que lançou o interdicto, mas longo tempo depois, não foi assignado por advogado do Conselho de Estado, nem tambem foi interposto antes, como devêra ser, porque se tratava de auctoridade ecclesiastica, junto do metropolitano. Não obstante essas infracções, o governo, que aconselhára o recurso, tambem o acceitou e sujeitou a uma commissão do Conselho de Estado, em grande parte composto de maçons.

O relator da referida commissão, visconde do Bom Retiro, deu um parecer que era, palavras do sr. Joaquim Nabuco — *a summa do systema regalista*. Do Conselho de Estado a maioria (S. Vicente, Sousa Franco, Inhomirim, Bom Retiro, Caxias), opinou pelo processo dos bispos, caso estes não obedecessem ao governo.

Nabuco, que de preferencia quereria as *temporalidades*, em longa dissertação regalista louvou o *profundo estudo* do relator. Sousa Franco declarou que *renunciaria todos os seus cargos publicos*, si os bispos não fossem castigados. Muritiba, Nictheroy, Sapucahy e Jaguary oppuzeram-se a qualquer coerção. Dous mezes depois, a 12 de Junho de 1873, João Alfredo Corrêa de Oliveira, ministro do imperio, enviou, em nome do imperador, ordem ao bispo de Olinda para fazer levantar, no prazo de um mez, a suspensão das confrarias e o interdicto das capellas, declarando-lhe que a maçonaria era uma sociedade beneficente, permittida pelo Estado; que as bullas papaes que a condemnam não haviam recebido o *placet* imperial do Brasil (o que é falso); que as confrarias eram materia mixta, e, que por conseguinte, o bispo não podia suspende-las sem permissão do governo. Este, não lhe tendo obedecido o bispo, cuja memoravel resposta se verá adeante, encarregou um leigo de ler perante as confrarias e nas capellas interdictas *ordem* do imperador levantando o interdicto. Fez o presidente de Pernambuco, Henrique Pereira de Lucena, chamar a palacio os vigarios, induzi-los a desobedecerem ao bispo, o que Lucena não conseguiu. O governo então fez processar os vigarios e tirar-lhes a congrua. Tolerou, de cumplicidade com o referido presidente, que os maçons fizessem grandes disturbios em Recife e devastassem barbaramente, quebrando pulpitos, confissionarios, estatuas e imagens, a igreja dos padres Jesuitas, mais tarde iniquamente presos e deportados pelo governo sem processo nem julgamento como tendo parte, o que era falso, em motins produzidos pela cobrança de impostos. Finalmente, ao mesmo tempo que enviava, em ordem á questão religiosa, uma missão á Roma, parecendo querer a pacificação do conflicto, pois que recommendava ao seu enviado conseguir pela intervenção do papa que a lucta não assumisse proporções maiores, e que ella cessasse quanto antes, mandava prender, processar e condemnar os bispos, mostrando que de facto não queria sinão esmaga-los.

Os dous factos principaes da acção do governo na questão religiosa foram: a missão Penedo, e o julgamento dos bispos. A missão Penedo que o sr. Joaquim Nabuco qualifica de *grande victoria diplomatica*¹¹⁶, não foi sinão um dos mais tristes episodios de nossa diplomacia, que não conseguiu em Roma o resultado alardeado pelo barão de Penedo e recentemente encomiado pelo sr. Joaquim Nabuco, sinão *ob et subrepticamente*, desnaturando o procedimento dos bispos, alterando a verdade dos factos occorridos no Recife e no Pará, illudindo a Sancta Sé. O barão de Penedo, como elle proprio confessou, não conseguiu o

reconhecimento de *legitimidade* do beneplacito, do padroado e do recurso á corôa no Brasil, onde apenas eram tolerados. *Ladeadas as difficuldades*, como elle proprio se exprime em seu livro *Missão especial a Roma* em 1873, procurou, contrariamente á verdade historica, já exposta nesta *Memoria*, persuadir á Sancta Sé: que os bispos tinham sido provocadores do grave conflicto com a maçonaria; que o conflicto tivera origem no procedimento do bispo de Olinda; que a maçonaria, composta de pessoas piedosas e adherentes á Egreja, de nenhuma fórma tinha attentado contra a religião e os bispos, com os quaes vivia em pleno accordo e harmonia; que esta harmonia só fôra perturbada pelo inopinado procedimento do bispo de Olinda; que este bispo, depois o do Pará, *que se tornou mais exagerado do que o primeiro, e até provocador*, lançaram de chôfre excommunhões em massa, privaram os fieis do exercicio do culto, interdisseram e fecharam os templos, supprimiram o culto, aterraram o clero com suspensões *ex-informata conscientia*, não deram ás irmandades interdictas tempo de responder á intimação, e com violencias, abusos, infracções dos canones, tinham tornado forçosa e necessaria a acção do governo, a cujas solicitações não tinham attendido.

Foi com taes recursos que o barão de Penedo conseguiu do cardeal Antonelli uma carta official, escripta em nome do papa aos bispos, na qual, segundo o mesmo barão, era reprovado o procedimento delles. Esta carta, conhecida com o nome de *Gesta tua* e que o sr. Penedo reclama como seu trophéo, foi admiravelmente analysada pelo sr. bispo do Pará.

Este provou exuberantemente não ter essa carta, não poder ter a significação que se lhe dava. Provou que o procedimento de D. Vital, desejando e procurando extirpar das irmandades o virus maçonico, fôra louvado pelo papa, no breve de 29 de Maio de 1873, com o qual Sua Sanctidade o estimulava e a todos os bispos do imperio a *procederem com a severidade das leis canonicas contra essas irmandades, que tão torpemente viciaram a sua indole*. Provou que a carta não foi sinão o resultado de um engano da secretaria de Estado do Vaticano, logo depois emendada, annullada, mandada sepultar no mais profundo exquecimento.

Com effeito:

1º, a carta, datada de 18 de Dezembro de 1873, não traz absolutamente as taes palavras — *gesta tua non laudantur*; pelo contrario, louva logo no principio o *empenho e o zelo do bispo em fazer expulsar dentre as ovelhas de Christo a perniciosa peste da seita maçonica*;

2º, a carta do cardeal Antonelli diz que o que tinha *commovido* muito ao Sancto Padre foi a *maneira por que* o bispo tentou proceder

contra as irmandades isto é: de *chôfre*, de pancada, precipitadamente, e não gradualmente; mas como tal procedimento da parte dos bispos não foi real, porém falsa informação dada á Sancta Sé pelo ministro brasileiro, o reparo da Sancta Sé fica sem objecto e se desvanece, permanecendo da parte dos bispos o dever, que a propria Sancta Sé lhes recommenda, isto é, procurar prudentemente expulsar das confrarias os maçons;

3º, longe de dizer aos bispos que obraram mal, que deixassem tranquilos os maçons nas irmandades, que nada fizessem, a carta, pelo contrario, dizia aos bispos que era preciso trabalhar, e trabalhar com diligencia e perseverança, na reforma das irmandades maçonizadas;

4º, esta mesma carta, redigida pelo cardeal Antonelli sobre informações incompletas e inexactas de um agente diplomatico, a Sancta Sé mandou destrui-la, considerando-a de nenhum effeito, e declarando, em documentos solennes e publicos, que a tinha dado mediante a palavra de honra do governo brasileiro, pelo seu enviado, de que nenhum acto hostile seria practicado contra os bispos, perseguidos e presos, ao mesmo tempo que com falsas promessas e *obscurecendo não levemente* os factos, o ministro brasileiro lhe supplicava intervir no conflicto e pacificar as almas no Brasil.

Tal foi a *grande victoria diplomatica* do barão de Penedo, cujo pretendido *trophêo de gloria* — a carta do cardeal Antonelli —, desde que a Sancta Sé teve exacto conhecimento dos factos, foi completamente nullificado no Brasil com differentes actos pontificios de Pio IX, entre os quaes a carta apostolica, de 4 de Março de 1874, ao governador do bispado de Olinda, a carta apostolica, de 1 de Abril de 1874 ao bispo de Olinda, a carta pontificia de 18 de Maio de 1874 ao bispo do Pará, a carta pontificia de 26 de Agosto de 1874 ao bispo de Pernambuco, a carta apostolica de 24 de Novembro de 1875 ao bispo do Pará, a carta apostolica de 25 de Fevereiro de 1875 ao cabido e clero do Pará. Em todos estes documentos o papa declara solennemente que os bispos cumpriram de modo louvavel o seu dever, e que não se devia acreditar ter elle reprovado o empenho dos pastores em exterminar a seita maçonica, e reformar as irmandades. A acção do governo, astuta e traiçoeira, na missão de que foram principaes protagonistas o ministro de estrangeiros visconde de Caravellas e o barão de Penedo, manifestou-se despotica, repugnante e odiosa na prisão, processo e julgamento dos bispos. Estes, em 1874, foram successivamente presos, transportados para o Rio de Janeiro, arrastados á barra do Supremo Tribunal de Justiça.

Os membros deste Tribunal, excepto trez ou quatro, eram todos maçons, e com muito gosto satisfizeram todos os desejos do gabinete

presidido pelo grão-mestre visconde do Rio Branco. Em 21 de Fevereiro compareceu a julgamento o bispo de Olinda, para cuja defesa foram admittidos, com violento protesto do procurador da Corôa, os senadores Zacharias de Góes e Candido Mendes. Esse procurador, D. Francisco Balthazar da Silveira, revelou contra os bispos má vontade e intolerancia, já no libello, já na accusação, já recusando no julgamento, por ter opinião favoravel ao accusado, o ministro Figueira de Mello. O membro do Supremo Tribunal barão de Pirapama foi no julgamento do bispo de Olinda o unico magistrado que, não pactuando com a iniquidade, contestou a competencia do Tribunal para julgar em uma causa espiritual, e, como não prevalecesse a sua opinião, absolveu o accusado.

O nobre magistrado foi por isso muito applaudido pela imprensa catholica, que o comparou a José de Arimathéa.

O accusado D. Vital, em seu julgamento, como na resposta que deu ao libello, guardou silencio. *Jesus autem tacebat*, foram as unicas palavras por elle escriptas na contrariedade. Zacharias e Candido Mendes produziram, em defesa do accusado, importantes e substanciosos discursos. Costa Pinto, Valdetaro, Villares, Simões, Montserrate, Veiga, Albuquerque, ministros presentes ao julgamento, presidido por Marcellino de Brito, condemnaram o réo. A pena, que era de quatro annos de prisão com trabalho, foi, em 12 de Março seguinte, commutada em prisão simples. No dia 1º de Julho effectuou-se o julgamento de D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, condemnado da mesma fórma, á mesma pena, egualmente commutada. Tudo se passou como no processo do bispo de Olinda; sendo D. Antonio brilhantemente defendido pelos seus advogados conselheiro Zacharias e dr. A. Ferreira Vianna. Os dous bispos cumpriram a pena de prisão, D. Vital na fortaleza de S. João, D. Antonio na Ilha das Cobras, até á amnistia, decretada pelo ministerio Caxias, em 17 de Septembro do anno seguinte.

A resistencia dos bispos foi, desde as primeiras medidas vexatorias do governo até ao duplo e vexatorio attentado do Supremo Tribunal de Justiça, firme, inabalavel, heroica.

A resposta de D. Vital ao primeiro acto hostile do gabinete, isto é, o aviso de 12 de Junho de 1873, em que o ministro João Alfredo lhe ordenou suspender os interdictos, é um monumento digno do talento de um doutor e da coragem de um apostolo da Igreja. Essa resposta, datada do Palacio da Soledade, no Recife, em 6 de Julho de 1873, pulveriza um por um todos os argumentos do Conselho de Estado, em cujo parecer, o governo, que o remetteu conjunctamente com seu aviso ao bispo, se baseou, para delle exigir que desfizesse o que tinha feito, reconhecesse a

legitimidade do beneplacito, do *placet*, do recurso da corôa, e até da maçonaria. Os Phariseus do Conselho de Estado viram verdadeiramente esmagadas pela erudição primorosa e a logica triumphante do prelado de Olinda as sesquipedaes, enfadonhas e indigestas dissertações com que o regalismo tentou, mas debalde, enfraquecer a resistencia de D. Vital. Este não só resistiu ao despotismo do governo, resistiu também ás manobras de seu delegado no Recife, Henrique Pereira de Lucena.

Como demonstrou o bispo do Pará no seu livro missão Penedo, resistiu ainda ao proprio internuncio, monsenhor Sanguigni, quando este, numa das phases mais criticas da questão religiosa, insinuado pelo governo, tentou suborna-lo, offerecendo-lhe recursos pecuniarios para uma visita á sua diocese, ou uma viagem á Europa.

D. Vital, que respondera ao aviso do governo, dizendo-lhe apoz longa e brilhantissima exposição de motivos, « não levanto, não posso levantar a pena de interdicto que em cumprimento dos sagrados deveres de meu pastoral ministerio lancei sobre as irmandades que não querem afastar de si os maçons, ligados com as mais graves censuras ecclesiasticas; que escrevera ao presidente Lucena, quando este reuniu e tentou seduzir os vigarios do Recife para que não obedecessem ao seu prelado, *supplico a V. Ex. que tenha a generosidade de não exigir daquelles dignos sacerdotes um acto, que além de ser peccado gravissimo, um crime enorme aos olhos do incorruptivel Juiz de nossas almas, uma vergonhosa traição aos sagrados juramentos que elles prestaram na occasião de sua ordenação, seria também uma verdadeira apostasia da religião de Nosso Senhor Jesus Christo*; D. Vital, que escrevera tudo isso, respondeu também ao internuncio Sanguigni:— *sobremodo agradeço o recurso pecuniario que me offereceu por parte do exm. ministro do imperio. Quando mesmo, exm. sr., eu tivesse de sair agora em visita, dispensa-lo-hia, porquanto, tendo feito voto de pobreza, tenho-me acostumado a distribuir com os pobres o que não me é absolutamente necessario, e na qualidade de pobre capuchinho com pouco me contento, e meus diocesanos não me deixariam fazer um real de despeza.* Tal foi D. Vital perante o proprio internuncio, que também não conseguiu d'elle a publicação, desejada pelo governo, da celebre e já analysada carta do cardeal Antonelli. Este não tinha escripto para ser publicada, nem a tinha escripto nos termos apregoados pelo barão de Penedo, o governo, os maçons e todos os outros inimigos da Egreja. Quando semelhante carta, mais tarde, se tornou publica, já a Sancta Sé a tinha inutilizado, mandando que os bispos a julgassem de nenhum effeito; já em successivos breves lhes tinha approvedo o procedimento, lamentando a deslealdade e a perfidia.

da missão a Roma. Da sinceridade desta missão se pôde avaliar pela resposta que o ministro de estrangeiros, visconde de Caravellas, deu ao representante da Sancta Sé, quando este, em 22 de Fevereiro, protestou contra a prisão e julgamento de D. Vital.

« Em poucas palavras, respondeu o ministro, formulo a resposta do governo imperial ao vosso protesto; não porque seja difficil ao mesmo governo sustentar o que v. ex. nega, mas porque não devo acceitar a discussão daquillo que só pôde ser discutido por quem tenha o direito de faze-lo. . . *O protesto do sr. internuncio é impertinente, nullo, e como tal não pôde produzir effeito algum.* »

Esta nota, datada de 1º de Março de 1874, de todo indigna do governo de uma nação catholica, causou geral indignação, exprobrando-se ao governo que elle não seria capaz de dirigir uma semelhante a qualquer nação que tivesse espingardas e encouraçados para defender o seu direito.

Parece, entretanto, que ella foi, na humilhação que infligiu a monsenhor Sanguigni, um justo castigo do auxilio que mais de uma vez tinha prestado ao governo contra os bispos, do desemparo em que deixou a estes, e do serodio apparecimento de seu protesto. Todos estes factos ficaram bem claros no livro do bispo do Pará.

Nada abateu a altivez e a apostolica coragem de D. Vital, o qual, preso no Recife, no dia 2 de Janeiro de 1874, leu, no acto de sua prisão, effectuada, em virtude de ordem do Supremo Tribunal, pelo juiz de direito Quintino José de Miranda, o seguinte memoravel protesto. . . « Protestamos, em face do nosso rebanho muito amado e de toda a Sancta Egreja de Jesus Christo, da qual somos bispo, posto que muito indigno, que só deixamos esta cara diocese, que foi confiada á nossa solitudine e vigilancia, porque della somos arrancado violentamente pela força do governo. Protestamos, outrosim, com todas as forças de nossa alma contra essa violencia, que em nossa humilde pessoa acaba de ser irrogada á Sancta Egreja Catholica Apostolica Romana, violencia que jámais será capaz de alienar os nossos direitos, privilegios e prerogativas de supremo e legitimo pastor desta diocese. Protestamos, finalmente, que em todo e qualquer logar onde nos acharmos, conservaremos fielmente o mais ardente amor e a mais profunda dedicação aos nossos queridos diocesanos, cuja guarda a Deus confiamos, e, depois, aos governadores por nós nomeados. . . »

A resistencia do bispo do Pará, que, á ordem do governo para suspender os interdictos, e á intimação do Supremo Tribunal de Justiça, oppoz a luminosa *Resposta* datada de 24 de Janeiro de 1874, do Palácio Episcopal de Belém do Pará, demonstrando

a injustiça do governo e a incompetencia do Tribunal; que tambem sobre a questão religiosa escreveu dous excellentes livros, um demonstrando os erros e os abusos do regalismo no Brasil, outro reduzindo ás suas devidas proporções a celebre missão Penedo, a resistencia do bispo do Pará, digo, foi em tudo igual á de seu illustre companheiro.

Condemnados que foram os bispos, o sublime brado de indignação que percorrera todo o Brasil, echôu no parlamento, onde, além de vibrantes discursos proferidos contra o governo durante toda a questão religiosa, o deputado Leandro Bezerra, na sessão de 2 de Setembro de 1874, da Camara dos Deputados, apresentou nobre e energica denuncia contra os ministros de Estado conselheiro visconde do Rio Branco, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira e conselheiro visconde de Caravellas, pelo crime de traição: 1º, por machinarem a destruição da religião catholica apostolica romana, consagrada pela Constituição do Imperio; 2º, por suborno, empregando por intermedio de seu delegado, presidente de Pernambuco, peditorio e influencia para que os vigarios da cidade do Recife não cumprissem o dever de obediencia ao seu legitimo prelado. Foi nomeado, para dar parecer sobre a denuncia, uma commissão composta de Tristão de Alencar Araripe, A. C. Carneiro da Cunha e L. A. Pereira Franco. Araripe, maçõ, relator da commissão, fez que esta no mesmo dia de sua eleição apresentasse parecer concluindo, com a negativa de todas as verdades conhecidas sobre a questão religiosa, e pela rejeição da denuncia, que, de facto, foi rejeitada, mas não sem, para todo sempre, ficar gravado nos annaes do parlamento brasileiro o acto glorioso do deputado Leandro Bezerra.

O gabinete 7 de Março, composto de Rio Branco, João Alfredo, Duarte de Azevedo, Caravellas, Joaquim Delfino, Costa Pereira e Junqueira, e sob cuja administração se desenvolveu a perseguição da Igreja, foi substituido, em 1875, pelo gabinete de 25 de Junho, composto dos seguintes conselheiros: Duque de Caxias, José Bento (imperio), Diogo Velho, Cotegipe, Pereira Franco e Thomaz Coelho.

Foi este o gabinete que, em 17 de Setembro de 1875, decretou a *amnistia*, acto que, depois de dous annos de perseguição, e depois de vinte mezes e meio de prisão dos bispos, encheu de alegria os catholicos brasileiros, os quaes com grande jubilo souberam que por força do referido decreto eram, sem nenhuma condição, postos em liberdade os bispos e os governadores de dioceses que tinham sido processados e presos.

Foi assim que terminou a questão religiosa, na qual, não só da parte dos bispos, mas do clero em geral, e de um grande

numero de catholicos foi energica a reacção contra o regalismo e a escravidão da Igreja no Brasil.

Ephemera, infelizmente, foi essa reacção; e o ultimo monstruoso tentamen do *regalismo* contra as liberdades da Igreja brasileira, si parece ter-lhe feito uma grande concessão na *amnistia* dos bispos, é certo que conseguiu intimidar e quebrar a coragem a todos os que porventura pretendessem seguir os exemplos de Vital e Macedo Costa.

O heroico prelado de Olinda foi no episcopado brasileiro o primeiro bispo que tentára a reforma da Igreja brasileira. Comquanto a Sancta Sé, quando bem orientada das perfidias do governo impérial, e bem sciente das ciladas de que tinha sido victima, dêsse aos dous bispos brasileiros a mais solenne e completa reparação por essa tal ou qual condescendencia que tivera com a missão Penedo, concedendo-lhe uma intervenção não completamente de accordo com o que já tinham feito os bispos, é certo, como ponderou D. Vital, em seu exacto, claro e luminoso *Resumo Historico da questão religiosa do Brasil*, que as consequencias da missão Penedo prejudicaram a reacção.

« A questão religiosa, escreveu elle, tinha feito um bem inaudito á fé entre nós. Os bispos se tinham tornado mais vigilantes e mais activos. Os sacerdotes haviam sentido a necessidade de mudar de vida, para poder erguer a fronte pura deante dos fieis e deante dos inimigos de Deus; se haviam unido mais a seus bispos; se mostravam mais corajosos para sustentar os direitos da Igreja e mais zelosos no cumprimento de seus deveres. Os leigos tambem tinham mudado de uma maneira verdadeiramente maravilhosa. O numero dos catholicos practicos augmentou. Perdeu-se a timidez e o respeito humano; começou-se a fazer peregrinações, procissões solennes, communhões geraes de homens (cousas que jámais se vira no Brasil). Foi então que se fundaram muitas associações catholicas, muitos jornaes religiosos, muitas sociedades de S. Vicente de Paulo, em differentes provincias do Brasil. Começou-se a estudar as materias ecclesiasticas e a religião. . . Chega a nova do resultado da *missão Penedo*; tudo começa a mudar. . . Os outros bispos, que iam obrar do mesmo modo que os do Pará e de Olinda, logo se detiveram, não quizeram mais fazer a menor cousa, com receio de se comprometterem. Os sacerdotes, que tinham começado a se mostrar dignos de sua sancta missão, cruzaram os braços e não curaram sinão de imitar seus bispos. E os fieis? Em alguns o desacoroçoamento tem sido completo. Alguns tem havido que hão deixado as sociedades catholicas; outros que não querem mais se apresentar a favor da causa dos bispos. . .

O movimento catholico, que ia tão apressado, ha diminuido á vista d'olhos!! » Eis ahi o que as ciladas da diplomacia imperial conseguiram contra a reacção.

O auctor do *Resumo Historico* diz que os breves do Sancto Padre aos bispos de Olinda e Pará conseguiram prejudicar esses proveitos do maçonismo e reanimar o movimento; mas o que é certo é que a reacção, como a imaginára e iniciára o grande e apostolico espirito de Vital, nunca mais reviveu. A *amnistia* fez esquecer tudo, até mesmo o dever da Igreja brasileira de, tendo reconhecido e proclamado tão alto a sua escravidão, não mais tolera-la. O episcopado, reatando a antiga amizade, fez as pazes com o *regalismo*. O clero, imitando os pastores, voltou á antiga submissão. O imperio, obedecido de novo, se não completamente satisfeito, continuou no triste regimen do *padroado*, do *placet*, do *recurso á Corôa*. A maçonaria, em paz, deu-se por satisfeita; as irmandades continuaram, como continuam, a ser isso que frei Vital assim descreveu: « No meu desgraçado paiz, as confrarias, sociedades cujo fim é conseguir mais facilmente a salvação por meios particulares, como o exemplo, a prática das virtudes durante a vida, preces e suffragios depois da morte. . . estão entulhadas de maçons publicos, de inimigos furiosos da Igreja, de gente que não frequenta os sacramentos e ainda embarçam muitas vezes a administração, que, em vez do bom exemplo, dão escandalo, não somente estão inteiramente affastados do fim de sua instituição, mas ainda é extremamente difficil de ahi fazer chegar ou reconduzir. São uma verdadeira chaga cancerosa as confrarias no estado em que se acham no Brasil, principalmente agora são um membro gangrenado e apodrecido, que tem resistido a todos os soccorros da medicina, e que si não se amputa, poderá communicar sua podridão a todo o corpo ¹¹⁷ ».

Eis o que ha vinte e quatro annos, em 1875, escrevia D. Vital contra as irmandades, cuja reforma, depois d'elle, ainda nenhum bispo tentou; que continuam maçonizadas, soberanas, tão soberanas na Igreja Brasileira que poder-se-hiam citar as que governam as parochias, dirigem as ceremonias, e tomam dos parochos para guarda-las e lhes conceder, quando entendam necessario, a chave dos proprios sacrarios!

Tal o espirito que ainda domina o catholicismo das confrarias no Brasil, onde o brado apostolico de Vital e Macedo Costa bem cedo perdeu-se na indifferença; onde o enthusiasmo da reacção foi rapido e ephemero como uma espuma que não deixa sulcos; onde o *regalismo* dominou em todo o imperio. O episcopado transigiu, o clero cedeu, os fieis accomodaram-se, a

religião do Estado continuou para este a ser apenas um rotulo, e a educação litteraria social e politica de meio seculo, paganizando as gerações brasileiras, não fez sinão entorpecer a acção do catholicismo, obliterar mesmo o senso religioso das classes altas. Uma vez que o Estado politica e oficialmente fazia a obra da impiedade, era natural que a educação e o ensino da mocidade, como a vida politica e a acção parlamentar, se resentissem do racionalismo de uma parte das classes dirigentes, e do scepticismo de outra parte. Já se viu nesta *Memoria* como pensavam, sob o ponto de vista catholico, ministros, conselheiros de Estado, magistrados e membros do parlamento, bastando a questão religiosa para nos revelar os sentimentos que dominavam quasi que uma geração inteira de homens publicos no Brasil. De D. Pedro II, em cujo reinado se agitou essa questão, o sr. Joaquim Nabuco, que (muito nobremente) fez todo possivel para defender a seu pai, o senador Nabuco, tentando mesmo provar que elle tinha sido um *estadista catholico*, diz, no mesmo livro, sem duvida, com muito menos indulgencia, mas sem calumnia: « D. Pedro II tinha o espirito fortemente imbuido do preconceito anti-sacerdotal. Elle não era propriamente anti-clerical; o que não lhe inspirava interesse era a propria vocação religiosa: evidentemente o padre e o militar eram aos seus olhos de estudioso infatigavel de sciencia, si não duas futuras inutilidades sociaes, duas necessidades que elle quizera utilizar melhor: o padre, fazendo-o tambem mestre-eschola, professor de universidade; em vez do militar, um mathematico, astronomico, chimico, engenheiro.» O juizo do sr. Nabuco, que começa tão seguro sobre o espirito anti-catholico do imperador, dizendo-o numa phrase, *fortemente imbuido do preconceito anti-sacerdotal*, nas phrases seguintes parece modificar-se e vacillar, porque não é ter preconceito anti-sacerdotal querer que o padre seja *mestre, professor*. O sr. Nabuco, porém, volta logo á primeira affirmativa, dizendo na nota: « As idéas do Imperador, em materia religiosa, não podem ainda ser perfeitamente reconstruidas, por falta de dados e revelações sinceras e verdadeiras. . . O imperador, na resenha que faz (refere-se á fé de officio que por intermedio do visconde de Taunay foi publicada em 1891) dos objectos a que se dedicou refere-se ao augmento do numero de dioceses e á criação de novos seminarios, *mas sem dar o primeiro plano á regeneração do clero. . .*

Pelo que se póde deprehender, o imperador era, quanto á religião, *um espirito emancipado que organizava a sua propria. . .* em materia de religião positiva, de instituição ecclesiastica, *um espirito independente, sui juris, indifferente, posto que convencionalmente deferente, intensivamente desprendido, alheio a toda ordem de preoccupações*

que a sujeição religiosa suggere. Para tudo dizer, a Igreja não tinha, na concepção de Estado do imperador, sinão uma parte secundaria, quasi rudimentar e provisoria, como a religião catholica, como seus mandamentos e tribunaes terrestres não tinha em sua vida intima verdadeiro poder coercitivo¹¹⁸. Eis o retrato que o sr. Joaquim Nabuco nos dá do principe illustre que, primeiro nascido no Brasil, mais de meio seculo governou este paiz, cuja Constituição prescrevia que a religião catholica era a do Estado; e, não tinha investido o monarcha de sua soberania, sem prescrever-lhe como condição do mandato nacional, o juramento de manter e de defender aquella religião. Como admirar tudo que se dizia e fazia no Brasil contra o catholicismo, si monarcha, ministros, conselheiros de Estado, magistrados e parlamentares, todos, não só o imperador, unico a esse respeito salientado pelo sr. Joaquim Nabuco, com manifesta injustiça pensavam de tal modo, e tinham taes idéas de religião? Tambem publicamente se sustentava que — *nem o Estado nem o governo tem nada com a cartilha*; o auctor desta *Memoria* profligava a pretensão maldosa de despedir Deus de todos os logares, escrevendo em 1884: « A impiedade já se não disfarça; o atheismo já não mascara com as cores do estylo ou ornatos de phrases a fealdade repellente do philosophismo que contamina o paiz. A monomania positivista já não recorre a embustes. Felizmente, porque o inimigo declarado é menos perigoso; e tanto tempo ha que a politica ataca a Igreja *por detraz do pão*, que é um jubilo para o espirito christão poder, emfim, enfrentar com o malfeitor, cuja maior vantagem era feri-la pelas costas. *Educação leiga, secularização da eschola*, esses e outros manjares da cozinha positivista, por muito provados, já não regalam o paladar de nossa época.

E' preciso um acepipe mais apimentado, mais acre e que augmente a sêde, que o paiz já sente, de uma *nova religião*, que ha de liberta-lo completamente dessa cruz pesada, que elle ainda tem o máo gosto de carregar! . . .

Dahi o aphorismo — o *Estado nada tem com a cartilha*. . .¹¹⁹.

Tal aphorismo não era a opinião individual de um ou outro racionalista, ou de um ou outro sceptico. Não, a opinião corrente no parlamento, como na imprensa, era que o fim do Estado está encerrado nos limites do tempo; que as sociedades humanas não têm outra missão que comer, beber, ganhar dinheiro e morrer. A mocidade não lia a Biblia. O mesquinho gosto litterario do paiz preferia ir aos archivos da Grecia e de Roma desenterrar os auctores pagãos a pegar naquelle livro que tem sido a fonte de todas as grandes inspirações da humanidade nas sciencias, nas letras e artes. Não havia ministro que ao assumir a pasta do imperio não dêsse logo

uma reviravolta no ensino publico, exhibindo em longos pareceres e relatorios, novos planos de novas reformas. Entretanto, tanto nos collegios, como nas academias, o ensino de tal sorte estava paganyzado, que em 1885 foi esse abuso o assumpto de duas longas conferencias feitas em presença do imperador ¹²⁰.

Nesse mesmo anno de 1885 o estado social e religioso do Brasil era assim descripto pelo auctor desta *Memoria* em artigos que tiveram grande publicidade e foram depois, em duas edições successivas, reunidos em opusculo:

« O nosso paiz corre soffrego á taça envenenada do materialismo.

Illudido pela falsa sciencia, o Brasil abriga e alimenta em seu seio o infernal repudio da fé catholica.

Não ha mercador de politica, não ha falso interprete da religião, não ha philosopho de catalogo, não ha litterato brunido pelo oleo da meia-sciencia; não ha escriptor da moda que o não mystifique e illuda. A ave da impiedade esvoaça pelos horizontes do Brasil. A tribuna, a imprensa, a eschola, o palco, o governo, o parlamento, tudo repercute o pio sinistro que augura a morte. . . Depois de enfraquecer no espirito do paiz o principio da auctoridade e da ordem, a incredulidade procura arrancar-lhe da consciencia o que lhe resta da fé catholica que ainda pôde salva-lo. . . A monarchia acautele-se: não é uma simples enfermidade, é uma epidemia que invadiu o paiz, que a politica não pôde debellar, que só a religião tem remedio para extinguir ¹²¹. »

Analysado o materialismo impio e impudente que já se não mascarava na litteratura, na educação, no ensino, na politica e no governo, o articulista accrescentava: « O paiz carece visivelmente de uma reacção catholica que retempere o poder publico e restitua ao principio auctoritario monarchico a energia e o prestigio de que o despojaram as idéas atheisticas e anarchicas hoje em voga. A monarchia escolha: ou collaborar na Egreja na grande obra, cuja necessidade se impõe da reconstrucção catholica do Brasil, ou afogar-se na onda do scepticismo anarchico que sobe desde a choupana até ao palacio ¹²². »

Do parlamento dizia o articulista: « D'alli não se ergue um homem, um só que tenha nas mãos a bandeira das idéas grandes, das grandes verdades moraes que nas épochas de decadencia retemperam os povos e salvam as nações! D'alli não se levanta um estadista, um só, que tenha gravado na fronte os sulcos do pensamento christão, que percorre o mundo e desafia as cogitações de todos os pensadores. A evolução religiosa, que, parece, tenta rehabilitar o seculo no seu periodo ultimo, tão repleto de problemas difficeis e convulsões medonhas, não

tem um echo alli. Naquelle campo as grandes questões do espirito humano no momento actual não dão batalha á intelligencia, nem trophéos á palavra ¹²³ ».

Analysada essa pequenez intellectual do parlamento, as banalidades das discussões jornalisticas, a pornographia da litteratura, toda essa miseria social, dizia o articulista: « O paiz tocou ao ultimo grão de atonia moral. As paixões vis, os interesses inconfessaveis, a fome sordida de dinheiro, todas essas podridões do pantano aberto no coração da patria pelo scepticismo religioso se vaporizaram, subiram, e ahi estão negras e tetricas, nos horizontes do Brasil. São as nuvens da revolução. O genio catholico, que velava por nós, voou, desapareceu. O Estado, atheu disfarçado, já não tem medo de Deus ¹²⁴ ».

Da perfidia com que se violava a Constituição dizia o articulista: « Dizer a lei fundamental que a religião catholica é a do Estado, mas não dar a todas as leis organicas o cunho dessa religião; não dar ás instituições o espirito catholico; não dar ao ensino o methodo christão que tem sido adoptado em todos os paizes religiosos; não tornar de facto obrigatorio o juramento que deve preceder á investidura dos cargos publicos; não oppôr a uma mal entendida liberdade de cultos os limites que o bom senso prescreve, a moralidade religiosa exige, e a autonomia da Igreja não póde prescindir — não é ter uma religião de Estado: é mascarar com a mais funesta das hypocrisias uma cobardia que não quer ser sinceramente christã, nem quer ter a coragem de declarar-se francamente atheista ¹²⁵ ».

Profligando energicamente os effeitos do positivismo politico do Brasil ¹²⁶, dizia o articulista á monarchia: « Sem a reacção religiosa a desorganização do paiz é certa e a morte da dynastia infallivel ». Accrescentava ¹²⁷ quanto ao racionalismo e positivismo das classes dirigentes: — « Politicos, parlamentares, toda essa gente que se jacta de ser a nossa classe directora está completamente alheia a tudo o que a respeito de religião nos ensinam os mais notaveis publicistas. . . completamente alheia aos estudos sociologicos que mostram a causa das perturbações das sociedades européas no materialismo ¹²⁸ ».

Racionalistas, materialistas, ou scepticos — taes eram, em grande parte, os homens que dirigiam a sociedade brasileira no ultimo periodo do imperio.

Socialmente fallando, a religião, em todo esse periodo de sessenta e septe annos, só teve uma expressão catholica: a Beneficencia.

Como se viu, esta começou no periodo colonial pelas Misericordias. Desde então, as instituições pias e beneficentes se

desenvolveram cada vez mais no Brasil, onde nas provincias, hoje estados, se estabeleceram, já por iniciativa particular auxiliada pelos poderes publicos, já por iniciativa do proprio governo. Verdadeiramente prodigioso, durante o imperio, o numero de hospitaes, asylos, orphanatos, casas para alienados, de todas essas instituições de que se verá em seguida a possivel enumeração.

Exclusão feita desse desenvolvimento da caridade, tão propria do coração brasileiro, e de que vemos, em numerosos edificios, não só nas capitaes e grandes cidades do Brasil, mas até em suas aldeias, testemunhos irrefragaveis; exceptuada essa manifestação, o catholicismo não teve no periodo monarchico nenhum desenvolvimento, e nenhuma actividade mesmo, além da que se traduz nos actos individuaes da Fé, e nas ceremonias do culto, que, aliás, já se viu quão deturpado se nos apresenta na vida das parochias.

Comparado á colonia, que, como eu disse, foi o esplendor, o imperio foi, pelo *regalismo*, pelo enfraquecimento das ordens religiosas, pelo desprestigio do clero, pela rapidez da reacção catholica na questão religiosa, e, finalmente, pelo racionalismo e o scepticismo das classes dirigentes—a decadencia da religião.

CAPITULO III

NO REGIMEN REPUBLICANO

Proclamada a republica em 15 de Novembro de 1889, aos 7 de Janeiro do anno seguinte o governo provisorio publicou o decreto da separação da Igreja e do Estado, abolindo no art. 4º—o padroado com todas *as suas instituições, recursos e prerogativas*; prohibindo no art. 1º ao governo federal—leis, regulamentos ou actos administrativos sobre religião; declarando no art. 2º o direito de todas as confissões religiosas ao exercicio de seu culto, sem obstaculo aos seus actos particulares ou publicos; assegurando no art. 3º a liberdade religiosa, não só aos individuos, isoladamente considerados, mas ainda ás Igrejas que os unem numa mesma communhão; estabelecendo no art. 5º a personalidade juridica para todas as Igrejas e communhões religiosas, e mantendo a cada uma o dominio de seus bens.

Como a Igreja official, no Brasil, recebeu este primeiro acto da republica em relação á religião, e que juizo emittiu a respeito da causa determinante do novo regimen politico, isto é, a revolução de 15 de Novembro?

A resposta, temo-la na *Pastoral Collectiva* do episcopado brasileiro, de 19 de Março de 1890, assignada por todos os bispos de então.

O juizo politico sobre o acontecimento de 15 de Novembro está nestas palavras da *Pastoral*: « Acabamos de assistir a um espectáculo que espantou o universo; a um destes acontecimentos pelos quaes o Altissimo dá, quando lhe apraz, terriveis licções aos povos e aos reis. Acabamos de ver um throno de repente desabar *no abysmo que lhe cavaram em poucos annos principios dissolventes medrados á sua sombra. . .* ».

O juizo sobre o decreto está nestas palavras da *Pastoral*: « Si no decreto ha clausulas que podem facilmente abrir a porta a restricções odiosas — desta liberdade (a ecclesiastica) é preciso reconhecer que, tal qual está redigido, o *decreto assegura á Egreja Catholica no Brasil uma certa somma de liberdades que ella jamais logrou no tempo da monarchia* ».

Mas então, o que no juizo dos bispos, signatarios de *Pastoral*, tinha sido a protecção da monarchia?

A *Pastoral* o diz: « uma protecção que nos abafava. Não eram só intrusões continuas nos dominios da Egreja; era frieza systematica, para não dizer desprezo, respondendo quasi sempre a urgentissimas reclamações della; era a practica de deixar as dioceses por largos annos viúvas de seus pastores, sem se attender ao clamor dos povos e á ruina das almas; era o apoio official dado a abusos que estabeleciam a abominação da desolação no logar sancto; era oppressão ferrea a pesar sobre os institutos religiosos — efflorescencia necessaria da vida christã — vedando-se o noviciado, obstando-se a reforma e expiando-se baixamente o momento em que expirasse o ultimo frade para se pôr *mão viva* sobre esse sagrado patrimonio chamado de *mão-morta. . .* ».

Tal fôra, segundo os bispos de 1890, a *protecção* do imperio á Egreja, que, segundo a *Pastoral*, foi opprimida e quasi *completamente atrophiada* por um *pretenso* padroado, que ella assim classifica: « O padroado, com todas as suas instituições, recursos e prerogativas é abolido. O governo provisorio aboliu neste artigo, com toda razão, um pretenso direito de que o imperio fazia grande ostentação como prerogativa inherente á Corôa, quando um tal direito não podia ser realmente obtido sinão por uma concordata com a Sancta Sé. A magnanima condescendencia dos summos pontifices, *pro bono pacis*, o tinha sómente tolerado. . . ».

A *Pastoral Collectiva* analisa um por um os artigos do decreto de 7 de Janeiro de 1890, entendendo que todos esses são convenientes á Egreja: o 1º, porque liberta a acção episcopal e

parochial dos pastores da Igreja da antiga tutela do poder executivo, que não mais, como outr'ora, diz a *Pastoral*, governará a Igreja, em nome do padroado e da maçonaria; o 2º, porque garante aos catholicos o direito de não serem interrompidos ou perturbados em suas funcções religiosas; o 3º, porque garante a acção social da Igreja, não limitando sua liberdade sómente á esphera individual; o 4º, porque devolve o direito de apresentação de bispos, conegos, vigarios e outros funcionarios ecclesiasticos, de crear ou dividir parochias e dioceses, com fixação ou modificação de seus respectivos limites, de publicar no paiz bullas, breves, decisões dos concilios ou do soberano pontifice, ás legitimas auctoridades, revogando a *oppressiva legislação do antigo Estado realista, pombalino, josephista*; o 5º, porque garante á Igreja Catholica e seus institutos a plenitude do direito de propriedade.

Finalmente, os bispos de 1890, affirmando *indifferentes á Igreja todas as fôrmas de governo*; não julgando licito pensar-se que — *a resurreição da Igreja do Brasil no gozo de uma plena liberdade possa suscitar difficuldades á republica*; declarando bem alto que os catholicos brasileiros não separam em seus corações *dous amores originarios da mesma fonte divina* — o da religião e o da patria; concluem fazendo votos para que não seja inserida na Constituição da republica — *uma só palavra que possa offender a liberdade da consciencia religiosa do paiz, que é, na sua grande maioria, catholica, apostolica, romana*.

Com effeito, o novo regimen era incontestavelmente a liberdade restituída á Igreja Brasileira depois de sua longa e triste escravidão. Era o termo dessa aparente e falsa união com que durante longos annos foram sacrificados os interesses religiosos do paiz. Era a realização de uma ardente aspiração de catholicos puros e fervorosos, que, sem duvida, em *these* só acceitam a união do Estado e da Igreja como o principio verdadeiro; mas que, quanto ao *facto*, vendo no Brasil, sob as apparencias de uma falsa união, o escravizamento da Igreja, preferiam aos *privilegios e subsidios* com que se mascarava a oppressão o regimen do direito commum. Era a satisfação de necessidades palpitantes, de que assim falava um illustre catholico e venerando servidor do imperio, numa obra que é o processo do regalismo brasileiro: « Seremos no futuro uma grande nação e um poderoso instrumento de legitimo progresso, si a nossa Igreja fôr livre; nossa influencia moral abrangerá um vasto horizonte. A Igreja livre, derramando a moralidade nas populações por exemplos de virtudes e de solida instrucção, fortificará todas as nossas liberdades, contendo nos seus justos limites essa potente, necessaria, poderosa alavanca da monarchia.

Uma Igreja serva, tal como a possuímos, torna-se a mofa do século, um instrumento inútil para o bem e desprezo para a sociedade. O regalismo, acostumado a rege-la, por certo que não affrouxará as cadeias que a opprimem; mas, como todos os despotismos, ha de ter o seu dia de provações, quando a opinião esclarecida do paiz se fizer ouvir ¹²⁹.»

Era o velho Candido Mendes, tão orthodoxo em religião como moderado em politica; era o nobre defensor dos bispos processados quem isso escrevia no seu *Direito Ecclesiastico*.

Entretanto, uma grande parte do clero, a quasi totalidade, agarrada aos *privilegios e aos subsidios* contemporizava com a escravidão, não querendo ouvir a voz que lhe dizia: « Si quereis a reforma da Igreja Brasileira, dai o passo decisivo: renunciái á essas tristes migalhas que vos abandonam para não morredes de fome; invocai a generosidade dos catholicos do paiz, quando não quizerdes reclamar o proprio direito da Igreja ¹³⁰ ».

O clero, porém, tinha perdido na sujeição os habitos da actividade e do trabalho; preferia receber do Estado os seus salarios.

Debalde o velho senador avisava: « Quando os reis eram catholicos e os estados se regiam por legislação impregnada do mesmo espirito, quasi que não havia perigo em deixar ao poder temporal o cuidado de fazer a cobrança dos rendimentos da Igreja e ainda mesmo a distribuição dessas rendas pelo pessoal empregado no culto. Hoje semelhante situação é insustentavel, maxime nos paizes com fórma de governo identica á nossa. O estado, si não é atheu, tem-se tornado indifferente em materia religiosa; portanto, não é mais o competente para ser procurador officioso e imposto á Igreja ¹³¹ ».

O aviso foi sempre inútil. Nem mesmo depois que o estado cobria de opprobrios e vilipendios a Igreja Brasileira, encarce-rando-lhe os bispos e exprobrando-lhe a dependencia em que o clero estava delle pelos salarios que lhe dava, bispos e padres resolveram propugnar pela reforma e reclamar contra a escravidão, que só terminou com o decreto de 7 de Janeiro de 1890.

Grande e completa seria a gloria da republica, despedaçando assim os grilhões da Igreja Brasileira, si os elementos deleterios e subversivos que se introduziram no novo regimen não tivessem conseguido desfigura-lo, arvorando na bandeira de uma nação catholica o emblema de uma seita; secularizando a constituição; desconhecendo, na esphera da representação parlamentar, direitos sagrados da liberdade individual e religiosa; banindo a religião do ensino e da educação; prescrevendo, sem as condições

possiveis e acceitaveis de um simples registo official, o casamento civil; não dando officialmente nenhuma esphera de acção ao culto publico de Deus, compativel com a fôrma da separação da Egreja e do Estado.

«Um acto de tyrannia, diz o auctor da *Historia Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil*; um acto de tyrannia incluiu na bandeira o lemma de uma eschola philosophica, com o prestigio de um emblema nacional, quando a bandeira da revolução, aquella que foi hasteada no edificio da Camara Municipal e no mastro do *Alagôas* em paiz estrangeiro foi a do primeiro club republicano. A esta cabia ser a bandeira da nação e não aquella que, devendo encarnar tradições e precedentes historicos, encarna as convicções de uma eschola, que ainda não encontrou no paiz meio para desenvolver-se¹³².»

Mas não foi esse o unico acto tyrannico, como parece ao auctor da *Historia Constitucional*, reconhecendo nesse mesmo livro que — *as nações positivistas do paiz se limitam a um circulo circumscripto e representam uma grande minoria da opinião da nação*; reconhecendo que o lemma — *Ordem e Progresso* não passou de *um acto de dictadura, de oppressão ás crenças do paiz e aos principios cardeaes do partido republicano*.

Não; não foi esse acto o unico acto tyrannico. Tyrannicos são tambem todos os artigos, a que já alludi, da *Constituição*, organizada e promulgada sem nenhuma influencia dos principios religiosos que devem animar a politica de todo povo christão, de todo governo, monarchico ou republicano, de toda nação civilizada, catholica ou protestante.

Onde as causas de tamanha enormidade? Ellas vêm do proprio imperio, isto é, da educação racionalista, da politica liberalista, do materialismo litterario, que, como se viu, durante um largo periodo de sessenta e septe annos, entorpeceu o sentimento catholico e obliterou mesmo o senso religioso em tantas gerações brasileiras. A critica historica não pôde referir essas causas nem á essencia do regimen republicano, nem á indole das instituições novas, que poderiam ser ainda mais democraticas sem o repudio do elemento religioso. Refere-as aos homens, aos espiritos, que, saídos de nossas academias, de nossos collegios e escholas, de nosso jornalismo, sem as noções mais elementares do catholicismo, completamente ignorantes das relações necessarias da politica com a religião, não fizeram mais do que levar ás suas ultimas consequencias a obra de demolição catholica que o periodo do imperio, nas leis, na educação, no ensino, tinha começado e grandemente adeantado.

O erro dos legisladores republicanos, secularizando o novo regimen politico, banindo da Constituição o elemento christão e transformando ineptamente a separação do Estado e da Igreja em indiferença religiosa, foi energicamente profligado, em conferencias, na tribuna sagrada, pelo auctor desta *Memoria*, que disse:

«No Brasil não ha ideia verdadeira da theoria da *separação*; no Brasil os que pretendem dirigir a politica não têm a noção exacta do que significam *Igreja e Estado separados*.

Ignorando-o, confundem a separação com a hostilidade, ou com a indiferença; e, em nome da separação, exigem o repudio de todo elemento religioso no governo e na politica; exigem a proscricção do culto publico de Deus, mostrando assim que não conhecem, não têm lido o que os publicistas mais illustres, mais desprendidos de proselytismo catholico affirmam e sustentam.

No seu livro—*O Estado moderno e suas funcções*—diz Leroy Beaulieu que a idéa do estado *leigo* transformou-se para muitos na idéa do Estado *atheu*; mas que isso é um erro porque o estado *leigo* quer dizer estado que não se subordina a nenhuma religião, que não tem compromissos officiaes com qualquer religião que seja; que olha a religião sem subordinação, *mas não sem benevolencia, e considerando sempre a religião uma força moral com a qual deve contar*. Esse publicista accrescenta que — separação não quer dizer hostilidade, nem mesmo indiferença. Porque duas pessoas vivem separadas, não se segue por isso que sejam des-affectas e que não entretenham boas relações. Aliás é impossivel que o estado, orgão de interesses multiplos, finja ignorar que ha na sociedade crenças, principios, idéas religiosas. E' impossivel que o estado que pretende dirigir tantos serviços, tão complexos, tão delicados, como a educação, o ensino, a sorte dos orphãos, dos condemnados, das crianças abandonadas, o exercito, a marinha, possa sem imprudencia prescindir do concurso da força mais antiga e activa que se conhece—a religião ¹³³.»

Demonstrando em seguida, desenvolvidamente, que o *principio de vida* de um povo não é a sua constituição politica, nem a sua legislação, nem isso que se chama o *organismo politico*, nem tambem a circumscripção do solo, a bacia de seus mares, o curso de seus rios—toda a porção de terra que a Providencia lhe concedeu, nem tambem a communhão de sangue ou de lingua, mas que é, não póde deixar de ser Deus; o mesmo orador das referidas conferencias mostrou como, perante a politica, perante a historia, perante a philosophia da historia, a tentativa brasileira de uma nação sem Deus é—*original, temeraria, absurda*; concluindo com este voto: «Trabalheemos todos para que no Brasil

o Estado e a Igreja se entrelacem, como podem e devem fazê-lo, no interesse do povo e para salvação da pátria; o Estado dando à Igreja todo o prestígio, toda a força moral, e procurando também infundir em seus códigos, em suas leis, em suas instituições o sentimento christão, que fortalece as almas, ennobrece os corações e retempera as raças; a Igreja, por seu turno, dando ao Estado, como deve, em testemunho de civismo, a prova de que não tem a sua fé escravizada às cadeias do passado¹³⁴ ».

Felizmente parece que estas ideias já vão preponderando, sinão em todos, em alguns dos mais altos representantes da politica e do clero brasileiro.

Já se lêem nos jornaes diarios infundadas censuras à administração da republica por provas de consideração dadas à Igreja em occasiões solennes e em actos publicos, e porque a theoria da separação já vai sendo melhor attendida, não só nos estados, como na propria capital federal. Bem recentemente ainda, por occasião da pomposa recepção, que em Belém do Pará foi feita aos bispos brasileiros que regressavam de Roma, onde tinham tomado parte no concilio sul-americano, o intendente municipal, senador Antonio Lemos, em discurso feito no palacio da Edilidade, dizia: «O governo municipal de Belém entende que não se afasta nem da lettra nem do espirito do instituto fundamental da nação, na parte em que prohibe relações de dependencia ou hostilidade, dando aos illustres principes do catholicismo aqui presentes, uma prova de consideração. Separação não quer dizer desconhecimento ou hostilidade, mas independencia; e esta não exclue a idéa de harmonia e mutua estima que para felicidade do povo deve reinar entre a Igreja e o Estado».

Na mesma sessão festiva do paço municipal, o governador do Estado, dr. Paes de Carvalho, saudando os bispos, aos quaes, já antes da sessão, tinha dado officialmente todas as manifestações de apreço, disse, em desenvolvido discurso, que todo versou sobre a necessidade de completa harmonia e de mutuas relações de amizade entre a Igreja e o Estado para o fim de manter a unidade nacional, elevar o nivel moral da sociedade, educar o povo, assegurar a paz e a prosperidade da nação: «As instituições republicanas nada têm de hostis nem de incompativeis com a moral divina e redemptora do martyr do Golgotha. A separação e a independencia dos poderes civil e religioso, inscriptas na Constituição de 24 de Fevereiro, não estabeleceram solução de continuidade em nossas tradições religiosas, que datam de quatro seculos; não proscreveram os altares que illuminaram a fé e ouviram as preces dos nossos maiores; não despedaçaram o sagrado

symbolo que se levanta em nossos templos, e a cuja sombra e protecção se constituiu a vida nacional. Portanto, apostolae livremente; inoculae na alma do povo o espirito creador e fecundo que animava os prophetas; trabalhae, de accordo com os patrioticos votos formulados no concilio a que acabaes de assistir, pelo engrandecimento da patria ».

O arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde, agradecendo em nome dos bispos a brilhante e entusiastica manifestação do povo e das auctoridades do Pará, proferiu, em resposta aos discursos do intendente e do governador, um discurso, do qual, deixando de lado os topicos que dizem respeito aos deveres religiosos do Estado, por já ter tractado delles nesta *Memoria*, destaco o seguinte, relativo á devida posição da Igreja em face da republica: « O que sobremodo nos impressiona é ver aqui que as principaes auctoridades do estado e do municipio, não só acompanham, mas se identificam com as manifestações populares, no momento em que erradamente se entende que o puro republicano não pôde transpôr os umbraes da Igreja, como si a Igreja estivesse presa, ligada a esta ou áquella fôrma de governo; como si ella não protegesse e animasse qualquer fôrma de governo capaz de conduzir um povo á grandeza e á salvação. . . O que nós queremos é que as leis sejam feitas sob o influxo da religião, e não ditadas nos gabinetes, antros e esconderijos sectarios, para levar o povo á descrença, ou indifferentismo. . . Não queremos, e tememos o estado atheu. . . Quanto á republica, abrimos os braços ás instituições que actualmente nos regem e dessa fôrma nos manifestamos nos actos do ultimo e recente concilio ¹³⁵ ». Eis, quanto á theoria da separação da Igreja e do Estado, as idéas que, parece, vão tendo curso numa parte do clero, em grande parte ainda aferrado ao antigo regimen do padroado e dos homens politicos, em grande parte, por seu turno, ainda não orientados sobre o grande papel da religião na direcção das sociedades politicas.

Oxalá o movimento dessas idéas progrida e chegue mesmo ao poncto de modificar a Constituição politica da Republica, inserindo nesse pacto fundamental, promulgado sob a influencia de um falso republicanismo, o culto publico de Deus, com o reconhecimento de seus direitos, com todos os auxilios e respeitos devidos á religião da immensa maioria do povo brasileiro.

Emquanto isso não se conseguir, a instituição republicana no Brasil não terá a maior garantia, a unica infallivel, de sua prosperidade.

E' direito de todos, censurando energicamente essa falha, trabalhar para que ella se encha. O que não é licito desconhecer

é que a republica, logo no seu inicio, libertou a Igreja brasileira da escravidão em que jazia; é que, não obstante, as omissões da Constituição, a Igreja Brasileira, no regimen do direito commum, inaugurado pelo decreto que aboliu o padroado, tem prosperado, e o sentimento catholico se desenvolvido.

Pouco depois de abolido o padroado, os bispos, que tinham comprehendido ser chegada a occasião da iniciativa propria, reuniram-se em S. Paulo, escreveram a *Pastoral Collectiva* e resolveram pedir ao sancto padre augmentar no Brasil a hierarchia episcopal. O sancto padre, reconhecendo que um dos motivos pelos quaes os interesses catholicos não prosperavam no Brasil era o pequeno numero de bispados, sem proporção com a extensão do paiz e o numero de seus habitantes, logo depois da solicitação feita pelo episcopado, augmentou, em 1893, a hierarchia no Brasil pela instituição de uma outra provincia ecclesiastica, e a criação de quatro sédes episcopaes.

O Brasil, que desde a administração da metropole até 1889, isto é, em quatro seculos — não conseguira mais de doze dioceses, conseguiu logo, no regimen novo, um augmento de dioceses grandemente consideravel em relação ao tempo decorrido de 1889 á presente data, 1899; sendo que, depois da reorganização hierarchica que dividiu o Brasil em dous arcebispados ou provincias ecclesiasticas e quatorze bispados, mais uma diocese foi creada e outras estão em via de criação.

As dioceses creadas desde 1893 são: as de Nictheroy, Amazonas, Parahyba, Paraná e Espirito Sancto. Quanto ás ordens religiosas, revogado como foi o singular interdicto civil, que desde 1855 prohibia os noviciados, tendem, em virtude da liberdade restituída á Igreja, a se reconstruïrem. Decadentes, como já se mostrou, desde a independencia; frustrados, como foram no periodo do imperio, os projectos ou tentamens de os reformar, poderiam os institutos monasticos, não refeitos no seu pessoal durante trinta e cinco annos, de repente prosperar e florescer?! Dez annos de liberdade dada á Igreja não bastam, sem duvida, para despertar as vocações religiosas num paiz onde para o proprio clero secular tanto têm rereado, desde longo tempo, as vocações.

Entretanto, com o auxilio de religiosos estrangeiros já noviciados se tem instituido, e é certo que, com a acção do tempo, medidas da Sancta Sé e a substituição inevitavel, fatal, pela morte dos monges que nas respectivas ordens se acham ainda muito identificados com os erros, abusos e males do antigo e decadente estado dessas ordens, a reorganização completa se ha de operar. A vida nova já penetrou nas ruinas de nossos institutos monasticos,

e dellas se hão erguer, mais bellos que nunca e retemperados, os conventos do Brasil.

Ao movimento que em relação ás ordens religiosas trouxe a nova ordem de couças, ainda em Setembro do corrente anno de 1899 alludia o sancto padre nestas palavras de uma carta sua aos arcebispos e bispos do Brasil: « Não ignoramos os esforços que tendes feito para manter os direitos dos religiosos que ainda existem, das antigas ordens desse paiz, e para reviver o primitivo brilho de seus institutos. Com esses religiosos collaboram mui vantajosamente ermãos que vão da Europa sem hesitarem, no seu nobre ardor, nem por causa da delonga da viagem, nem por causa da inclemencia do clima. A's primeiras congregações junctam-se muitas outras, recentemente instituidas, que tendes convidado já a fundarem e dirigirem collegios, já a se consagrarem ás missões, ou a outras funcções sacerdotaes, para cujo cumprimento não bastava vosso pequeno, tão reduzido clero ¹³⁶ ». Segundo dados recentes de uma estatistica publicada neste anno de 1899 ¹³⁷, existiam em 1894, no Brasil, as seguintes congregações religiosas e ordens monasticas:— Ordem Carmelitana Fluminense, Provincia Franciscana da Immaculada Conceição, Congregação da Missão (Lazaristas), com suas respectivas sédes na capital federal; Commissariato da Terra Sancta, com sua séde em Petropolis; Provincia Carmelitana da antiga observancia, Provincia Franciscana de Santo Antonio do Brasil, Ordem Benedictina brasileira, com sua respectiva séde na Bahia; Ordem Carmelita da antiga e regular observancia, com sua séde no Recife; Companhia de Jesus, com sua séde em Roma; Ordem Dominicana, com sua séde em Tolosa. Taes as congregações e ordens monasticas do sexo masculino. As ordens monasticas do sexo feminino têm no Brasil os seguintes conventos: da Ajuda e de Sancta Thereza, séde na capital federal; de Sancta Clara do Desterro, das Ursulinas das Mercês, das Ursulinas da Soledade, das Ursulinas da Conceição da Lapa, com suas sédes na Bahia.

A Ordem Benedictina brasileira conta (1894) onze mosteiros situados na capital federal e nos Estados da Parahyba, Pernambuco, Bahia e S. Paulo. A Ordem Carmelitana da antiga observancia divide-se em trez provincias, que são a pernambucana, bahiana e fluminense. A Ordem Franciscana divide-se em duas provincias, assim denominadas: Sancto Antonio do Brasil e Immaculada Conceição. A provincia de Sancto Antonio do Brasil tem a sua casa capitular no convento de S. Francisco da Bahia.

A companhia de Jesus tem no Brasil duas missões: uma a cargo da provincia germanica, cujos edificios se acham no estado do Rio Grande do Sul, e a outra sob a direcção da provincia romana.

Tem, além dos collegios estabelecidos em Itú e Nova Friburgo, casas de residencia em Nova Trento, S. Paulo e Campanha.

Os Lazaristas dirigem os seminarios da capital federal, Bahia, Marianna, Diamantina, Fortaleza, Coritiba, e tem casas conventuaes na capital federal, Campo Bello, Caraça, Petropolis.

Os dous seminarios archiepiscopaes do Brasil são o de S. José, na capital federal, e o de Sancta Thereza, na Bahia. Além dos seminarios já mencionados, ha os do Pará, Matto Grosso, Goyaz, Amazonas, S. Paulo, Petropolis, Porto Alegre, Olinda, Maranhão.

As instituições beneficentes, que, como já foi dicto, tiveram em todo o periodo do imperio grande desenvolvimento, continuam em augmento e prosperidade.

Desde o periodo colonial, em que surgiram as primeiras Misericordias e Irmandades destinadas ao auxilio da pobreza, da doença e da orphandade, essa fôrma tão delicada da caridade teve em todo o Brasil as mais bellas applicações. Em todas as provincias, hoje estados, não só nas capitaes e cidades mais importantes, mas tambem nas de segunda ordem e até nas villas, surgiram sob a fôrma de Misericordias, hospitaes, asylos, orphanatos, essas instituições a que mais recentemente se têm junctado, com o grande intuito do auxilio physico e do proveito espiritual dos pobres, as associações de S. Vicente de Paulo e as do Pão de Sancto Antonio, estas em começo ainda, mas já com maravilhoso progresso em dous logares de que posso fallar com conhecimento: em Porto Alegre, onde a dirige e ampara com apostolica solitudine o cura da cathedral, conego José Marcellino de Souza Bittencourt, e em Juiz de Fôra, onde, por iniciativa do benemerito catholico Francisco Baptista de Oliveira, foi fundada em 25 de Dezembro de 1898.

Pelas informações pedidas para esta *Memoria*, das quaes, infelizmente apenas uma parte foi fornecida, só é possivel mencionar aqui como notaveis: em Minas, as Misericordias de Ouro Preto, S. João d'El-Rey, Diamantina, Campanha, Formiga, Bom-Fim, Montes Claros, Juiz de Fôra e Mar de Hespanha; em S. Paulo, na capital, além da Sancta Casa de Misericordia, o asylo de Mendicidade, a Casa Pia de S. Vicente de Paulo, o Orphanato de Christovam Colombo, o Asylo de Nossa Senhora Auxiliadora, o Asylo do Bom Pastor, o Externato de S. José (das ermãs de S. José), o Asylo de Nossa Senhora da Luz, no Paraná, onde se acham em construcção, Asylos de Orphãos, em Curitiba, e um Asylo de Alienados, trez hospitaes de Misericordia na capital, dirigidos pelas ermãs de S. José; o hospital do Desterro, em Sancta Catharina, dirigido pelas ermãs da Divina Providencia, e os hospitaes de Antonina, S. Francisco e Laguna; no Rio Grande do

Sul, o de Porto Alegre; no Rio de Janeiro, entre muitos outros de diversas cidades, os de S. João Baptista em Nictheroy, os de Angra dos Reis e de Vassouras, onde existe tambem o Asylo Furquim, consagrado á orphandade; no Espirito Sancto, a anti-quissima casa de Misericordia da capital. Nos estados, de que não ha para esta *Memoria* as necessarias informações, é certo, entretanto, que existem nas capitaes e cidades numerosas casas de beneficencia. Importante, a antiga casa de Misericordia da cidade do Recife. Na capital da Bahia notam-se a casa e o collegio da Providencia, a casa dos Expostos, denominada Asylo de Nossa Senhora da Misericordia, o collegio do Coração de Jesus, o orphanato de Nossa Senhora de Salete. Além destes estabelecimentos, confiados ás ermãs de Caridade, que muito e com a conhecida dedicação os têm feito prosperar, existe na cidade do Salvador um asylo fundado para meninas, em virtude de legado que deixou o conde de Pereira Marinho, e que está entregue ás ermãs do Bom Pastor.

Na capital da republica, além das sociedades e das associações de S. Vicente de Paulo, notam-se, entre um prodigioso numero de instituições pias e de beneficencia, de caixas de beneficencia e de soccorros mutuos, philantropicas ou religiosas, para artistas, operarios, empregados publicos, homens do mar: o Asylo das Crianças Desamparadas (Casa de S. José), inaugurado em 9 de Agosto de 1888, por iniciativa do então ministro da justiça Ferreira Vianna, e que, reorganizado depois pelo dr. Cesario Alvim, é hoje mantido pela Intendencia Municipal; o Asylo dos Invalidos da Patria, mantido pela sociedade do mesmo nome, e com estatutos approvados como instituição do estado; o Asylo Isabel, fundado em 8 de Dezembro de 1891, em predio proprio, doado pelo conselheiro Mayrink e sua mulher, e destinado, sob a direcção da congregação de Nossa Senhora do Amparo, á educação de meninas pobres; os Asylos de S. Francisco de Assis, destinado á mendicidade, de orphãos de S. Francisco de Paula, das Orphãs da Sancta Casa de Misericordia, das Orphãs de Sancta Maria, das orphãs da Sociedade Amante da Instrucção, o Asylo do Bom Pastor, cuja actual prosperidade é devida aos incansaveis esforços de monsenhor Cruz-Saldanha, o Asylo da Velhice Desamparada; além dos hospicios (entre os quaes se destaca o *Hospicio Nacional*), o Hospital Central do Exercito, o dos Lazaros auxiliado pelo Estado e administrado pela Irmandade do Sanctissimo Sacramento da Candelaria, desde 1763, em que essa honrosa incumbencia lhe foi dada, em beneficio dos morpheticos, pelo então bispo diocesano D. Frei Antonio do

Desterro; os hospitaes de Marinha, de Sancta Isabel, Militar do Andarahy, da Penitencia, de S. Francisco de Paula, os de S. João Baptista, S. Sebastião, da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula; o Recolhimento de Sancta Thereza, fundado em 14 de Março de 1852, para asylo de meninas indigentes, que não possam ser admittidas no Recolhimento das orphãs da Sancta Casa; a Casa de Expostos, fundada em 1738 pelo veneravel Romão de Mattos Duarte e servida por dezeseis ermãs de caridade.

Dentre tantas e tão numerosas instituições de beneficencia da capital ergue-se, como a mais importante, a mais bella e gloriosa para o paiz, a Sancta Casa da Misericordia, que tem a seu cargo o hospital geral e os estabelecimentos annexos, a Casa dos Expostos, o Recolhimento das Orphãs, Empreza Funeraria e Instituto Pasteur.

Instituição que data dos tempos coloniaes e que já existia em 1545, é ella que presentemente faz na capital federal todo o serviço da assistencia publica, não tendo subsistido e se desenvolvido tão admiravelmente sinão pela muita dedicação de seus administradores e a munificencia dos que lhe têm feito esmolas e legados.

Desde a fundação da cidade de Mem de Sá, a Sancta Casa, de cuja gloriosa instituição participa o egregio Anchieta, é mantida por uma communitade religiosa, constituida por cidadãos eminentes e dedicados á beneficencia, que na Sancta Casa abrange os multiplos serviços da doença, da orphandade, da infancia desamparada, da velhice, da viuvez. Ella não se limita a cuidar, no seu hospital, da saude e da vida physica: tem dous recolhimentos para educação de orphãs, que ella instrue e auxilia a formar familia, dotando-as e facilitando-lhes bons casamentos; tem asylos para mulheres e homens velhos, que delles precisem para ter um tecto, onde abrigados possam ser dos rigores das intempéries e dos rigores da fome; tem a seu cargo dar pensões mensaes a viuvas honestas e edosas.

Não é facil dar uma informação exacta do multiplo apostolado que no Rio de Janeiro e em todo o paiz exercita a beneficencia brasileira pela Sancta Casa da Misericordia.

Utilizando-me de interessantes dados, ainda bem recentemente, em Julho do corrente anno de 1899, fornecidos por um distincto escriptor, direi, entretanto, como certo, que durante o periodo duas vezes secular de sua existencia, accompanhando sempre os melhoramentos e progressos da hygiene, ella não tem só

mantido sem intermittencias o hospital destinado ao povo; tem com os varios ramos de seu serviço, já referidos, satisfeito variadas necessidades publicas; sendo que seu dispendio presentemente com os serviços a seu cargo ascende á cifra que por certo não comportariam os cofres publicos, geral ou municipal, si porventura a elles coubessem taes encargos.

Ainda ninguem cogitou, pondera o mesmo chronista dos serviços da Sancta Casa, na grande economia que essa instituição consegue para os cofres publicos com a manutenção de um tão difficil e custoso serviço de assistencia, que em todas as cidades cultas é feita pelo estado, mas no Rio de Janeiro é tão satisfactoriamente poupado ao estado por uma instituição particular.

Para elogio da Sancta Casa, basta dizer que o seu hospital é um dos de maior movimento no mundo; que correm por sua conta a casa de expostos, os recolhimentos das orphãs, o hospicio para alienados, os hospicios para molestias infecciosas, dos quaes um especial para tuberculose. Basta dizer, este é o seu maior e mais relevante serviço ao Brasil, que no seu hospital geral, desde o anno de 1698—1699 até 1897—1898—a população enferma, que era naquella data de 305 doentes, foi gradativamente crescendo, de quinquennio em quinquenio, até que no ultimo anno compromissal apurado, ella ascende á elevada cifra de 14.879; e, tractando approximadamente de 15.000 enfermos, a todos proporciona dieta apropriada, remedios, aconchego e todos os soccorros spirituaes, que na Sancta Casa lhes proporcionam ermãs de caridade, que, como anjos da guarda, dia e noite velam pelo hospital, e sacerdotes que alli celebram o sancto sacrificio e administram os sacramentos¹³³. Tendo resumido o periodo colonial, quanto á religião, nesta palavra—*esplendor*; e o periodo do imperio nesta outra—*decadencia*, a qualificação é menos facil relativamente ao periodo republicano, no qual, de um lado se nos depara o grandioso factio da liberdade da Igreja brasileira, cujas algemas foram despedaçadas pelo decreto que extinguiu o padroado; de outro, a Constituição e as leis promulgadas sem nenhuma influencia, em suas disposições, do elemento religioso. E' claro para os catholicos obedientes aos ensinios do summo pontifice, e que não preferem á politica divina de Leão XIII os miserimos interesses partidarios, tão irreconciliaveis, entre nós, com a verdadeira doutrina catholica, a situação se define com clareza; e o dever dos catholicos, principalmente do clero, não é duvidoso: reduz-se a pôr em practica o programma que Leão XIII, para todas as situações identicas á nossa, resumiu

n'uma phrase — *acceitar o direito constituído e combater a legislação*. O dever do clero e dos catholicos não pôde deixar de ser este. Em primeiro logar, quaesquer que sejam, e são grandes, os erros dos legisladores republicanos, é certo que nós estamos no regimen da liberdade. Em segundo logar, não é licito negar que na situação republicana a Egreja tem prosperado no Brasil; que o sancto padre pôde, sem as peias e os obstaculos do antigo regimen, reorganizar a hierarchia, augmentar o numero de dioceses, pôr-se mais facilmente em contacto com os bispos, os quaes para irem a Roma e promoverem nossos interesses religiosos já não precisam de licença do poder executivo; que o sentimento catholico tem se desenvolvido no Brasil.

Tudo isto, repito, não é licito negar; e si os homens politicos, explorando o que a republica tem de defeituoso em relação á religião, têm procurado incutir no espirito dos catholicos contra a nova fórma de governo prevenções, preconceitos, odios — o dever do clero, em prol da patria e da Egreja, é, quanto estiver nos seus recursos, promover a obra da pacificação politica e religiosa. Dominado destes sentimentos, um padre brasileiro, o mesmo que escreve esta *Memoria*, e que não pertence a nenhum dos partidos politicos do Brasil, já para propaganda das verdades religiosas do catholicismo, já para encaminhar os espiritos que militam na politica a harmonizarem com a Egreja as novas instições, fez de 1891 a 1895 uma larga prégação nos estados de Minas, Rio de Janeiro, S. Paulo, Sancta Catharina, Rio Grande do Sul, prégação de que se occuparam os jornaes desses estados e tambem os da capital federal. Em todas as capitaes e grandes cidades em que préçou, não só os homens mais eminentes da administração, tambem o clero, e em geral os catholicos, não se dedignaram de mostrar acquiescencia ou pelo menos benevolencia á concordia politica pregada do pulpito, sempre que incidentemente havia oportunidade para o fazer, sem prejuizo dos themas meramente religiosos. Não foi, porém, sem grande, posto que occulta opposição de alguns ecclesiasticos e alguns politicos da capital federal, que o mesmo sacerdote fundou nessa cidade, em 15 de Agosto de 1897, o curso catholico das *Conferencias da Assumpção*. O curso referido, segundo o plano concebido e que começava a realizar-se, compõe-se de *Dogma, Moral e Culto*. Estas tres partes, tendo sido precedidas de uma parte preparatoria — *Preliminares* — o desenvolvimento destes com o intuito, nelles manifestado, de se promover, pelos meios licitos, a harmonia da Republica com a Egreja, desagradou muitissimo a certos homens politicos, que vêem

no clero um excellento instrumento para agitar o paiz em prol de suas pretensões; e conluído; com alguns ecclesiasticos desenvolveram contra a prégação e contra o prégador as mais insidiosas hostilidades, denunciando-o á Sancta Sé, como herege, e tentando mesmo no Brasil o que não conseguiram de monsenhor Abreu Lima, vigario geral, que então administrava a diocese de S. Sebastião, suspender a prégação. Esta proseguiu e terminou quando devia, e tem proseguido, annualmente, com licença do reverendissimo arcebispo metropolitano, D. Joaquim Arcoverde. A 1ª serie (*Preliminares*), realizada em 1897, comprehendeu 12 conferencias; a 2ª serie (*O Dogma*), realizada em 1898, comprehendeu 12 conferencias; a 3ª serie (*A Moral*), realizada em 1899, comprehendeu 8 conferencias; e, segundo declaração do prégador; a 4ª serie (*O Culto*), ultima, que elle pretende fazer em 1900, comprehenderá 8 conferencias.

Instituido, como já foi ha trez annos, similarmemente ao de *Notre-Dame*, em Pariz; extraordinariamente concorrido pela mocidade das escholas, pelos homens da politica, do parlamento, da imprensa, das lettras, da magistratura, do commercio, pelos representantes das classes dirigentes da sociedade, é de crer que o curso catholico das *Conferencias da Assumpção* prosiga e se perpetue na séde metropolitana do Rio de Janeiro.

Só a prégação poderá illuminar as trevas em que jazem tantos espiritos de nossas classes dirigentes, os quaes, sem instrucção religiosa, ignorando a doutrina catholica, cujos principios não lhes são ensinados, nutrem os mais absurdos preconceitos contra a Egreja. Esses mesmos, uma vez esclarecidos, hão de ser os auxiliares do clero nas reivindicações a que a religião tem direito, em face da republica, num paiz cuja immensa maioria é de catholicos, e que não pôde contemplar impassivel na bandeira — o lemma, nas escholas do paiz a influencia da seita positivista.

Para isso, porém, é mister que o clero, insensivel ás insinuações de certos politicos, que procuram identifica-lo com os seus interesses e aspirações, se entregue com enthusiasmo e dedicação á causa da religião.

Em todos os Estados do Sul do Brasil, bem como em Minas e S. Paulo, tanto quanto comportaram os meus pequenos recursos, abri combate de morte contra o *Positivismo*, ao qual, só na 1ª serie das *Conferencias da Assumpção*, em 1897, na capital federal destinei quatro conferencias. Posso affirmar que essa quadrupla refutação, com a analyse feita dos males, que o positivismo theorico e practico, causa ao Brasil, calou profundamente no espirito de uma multidão de ouvintes.

Para que da parte do clero tanto pessimismo? A mocidade, no Brasil, é certo, está desviada dos caminhos rectos da verdade para as veredas tortuosas do erro; mas, convenientemente instruída, ella não trocará a tradição historica de nossa religião nacional pela mercadoria importada do estrangeiro, e já entre nós avariada, do positivismo.

Ainda a Republica não prohibiu ao clero a livre prégção. Pela minha parte, posso garantir aos meus compatriotas que em oito annos de apostolado pelo Brasil, si alguma vez têm surgido difficuldades á minha prégção, já como simples padre, já como missionario apostolico, ellas não têm partido de auctoridades ou homens politicos da Republica, mas justamente de ecclesiasticos e politicos afferrados ao antigo regimen.

Quaesquer que sejam, repito, os erros da Republica, em materia da religião, é certo que ella deu á Egreja a liberdade.

Não desaproveitemos desta; e, para profligar aquelles, procuremos no terreno legal a modificação das leis, a reforma do ensino, a rehabilitação de nossa bandeira — procuremo-las na arena da publicidade, e não nos esconderijos politicos.

O periodo da Republica não pôde ser ainda para a religião, como foi o colonial, o esplendor. Não é tambem, como foi o do imperio, a decadencia. E', não pôde deixar de ser — o periodo do combate.

CONCLUSÃO

O que penso e sinto, relativamente aos trez periodos da Religião no Brasil, disse-o ao meu paiz.

Si nem todos os contemporaneos me forem favoraveis ao modo por que fiz a exposição da verdade historica, acredito que a posteridade, em unanime juizo, decretará que não foi nem podia ser um homem apaixonado pelos interesses de partido aquelle que, antes de sua apparente severidade para com o periodo do imperio, tinha, em pleno regimen monarchico, escripto as *Apostrophes*, e que, mesmo accitando, como facto politico, a republica na sua patria, não encobriu nesta *Memoria* a realidade de seus erros, como não omittiu, no pulpito, em conferencias publicas, as censuras e os conselhos que lhe devia.

Escrevi, como costume fallar, invocando o Espirito da verdade e da força; da verdade para não occulta-la nunca de qualquer modo, por nenhum interesse, nenhuma consideração pessoal; da força, para proferi-la inteira e intrepidamente, sem nenhum temor.

Cumprida está a minha tarefa. Eu não posso, entretanto, encerrar esta *Memoria* sem contemplar de mais perto e de um modo especial o espectáculo da igreja Brasileira na presente situação.

Os meus sentimentos são hoje os mesmos que em publicações jornalísticas me foi dado exprimir ha cerca de dous annos apenas.

Nunca maior missão se deparou á igreja em nosso paiz.

Nunca, porém, o clero brasileiro se mostrou menos disposto e orientado para se elevar ás alturas de uma grande e nobre cruzada.

Como no mundo inteiro, hoje no Brasil não ha, não pôde hever sinão duas forças: a igreja e o povo. E si uni-las é, no mundo, o ideal do papa, concorrer para essa união é, no Brasil, o dever dos catholicos, principalmente do clero. Infelizmente, como em França e noutros lugares, certos politicos, entre nós, em face do facto republicano, não têm perdido occasião de explorar o clero, ou antes, aquella parte do clero que se acostuma a medir os horizontes do mundo pelas dimensões de uma sacristia, onde não lhe chegam as vozes, que fóra tumultuam, das grandes reivindicações populares, mas apenas as vozes dos devotos. Verberando as manobras politicas de que grande parte do clero brasileiro participa, ou como agente solidario ou como simples victima, pois que parte delle não discerniu ainda o justo e o verdadeiro na questão de que se tracta, eu bastantemente demonstrei o erro do clero e o nosso dever na hora presente.

O erro, porque não devemos julgar da democracia pelos anathemas que lhe infligem politicos obstinados. O dever, porque não nos é licito negar nossa cooperação á causa publica. Não devemos nos desprender das luctas patrioticas. Precisamos combater nos regimens novos o que elles têm de máo e hostil ao catholicismo. Não podemos sob o pretexto de que não se harmonizam com estas ou aquellas idéas politicas, renunciar a tudo, até mesmo ao devido esforço pela refórma de seus vicios e erros-religiosos. Não nos é licito esquecer a devida e indispensavel distincção feita pelo papa entre fôrma de governo e legislação, sendo o dever dos padres e catholicos combaterem os defeitos desta, mas acceitarem aquella, por mais democratica e republicana que seja.

Este, o dever que grande parte do clero não comprehendeu ainda no Brasil, onde, no regimen da liberdade, em vez da pugna valorosa, que poderia ser travada para dar á igreja brasileira o logar que lhe cabe no nosso movimento social, não vemos, infelizmente, sinão — uma devoção morbida, sem virilidade christã, uma piedade assustadiça que se espanta de todos

os movimentos do seculo e foge, covardemente desanimada, de tantos combates, em que os interesses do catholicismo, para triumphar, dependem apenas de que desfraldemos, com ardor religioso e intrepidez civica, o estandarte da nossa fé.

Com o direito de brasileiro, catholico e padre, disse e demonstrei que o clero no Brasil não pôde, nem deve presentemente encastellar-se nos sanctuarios, contemplando de longe o povo e pensando que fará obra de Deus só com as nossas devoções, as nossas festas e os nossos panegyricos. Demonstrei que, bem longe disso, o que, por assim dizer, deve ser a sua missão é isto que no mundo inteiro, neste momento solenne e tragico da sociedade moderna, se impõe como programma ao catholicismo: consorciar os espiritos; pacificar as almas, harmonizar as vontades neste immenso conflicto das paixões pessoaes contrariadas com os principios de uma nova ordem de cousas; substituir ás questões politicas, erroneamente predominantes nos governos, nos parlamentos e nos jornaes, a *questão social*, que é a questão por excellencia, porque ella affecta os interesses fundamentaes do homem e da sociedade; não mais pleitear privilegios que já não têm razão de ser; dar aos partidistas intolerantes dos novos regimens a persuasão de que já não é prudente nem licito resistir, no que é justo e legitimo, á força nova que agita o mundo; mostrar aos pequenos, aos pobres, aos proletarios que elles foram os primeiros chamados pelo Divino Mestre, cuja igreja foi logo, desde seu inicio, a igreja do povo, na qual os grandes, os poderosos, os ricos tambem podem entrar, mas si têm entranhas de misericordia para a pobreza; sujeitar o despotismo do capital ás leis da equidade; exigir delle, não só a caridade, mas a justiça a que tem direito o trabalho; dignificar o trabalhador; christianizar a officina; levar no ensino christão os supremos postulados da consciencia humana ás fabricas, onde a machina absorve o homem, não lhe deixando tempo sinão de ganhar dinheiro, queimar carvão, ou aperfeiçoar a raça dos animaes; proclamar bem alto a eminente dignidade do operario na cidade de Deus, que Jesus Christo fundou na terra, não com as castas, as aristocracias, as burguezias ou as dynastias, mas com o povo e para o povo; convidar francamente, sem hypocrisia politica, nem covardia religiosa, a democracia ao banquete social do Evangelho; separa-la dos sectarios que a desfiguram; desprende-la dos preconceitos que uma parte mesmo dos catholicos e do clero a tem feito alimentar contra a igreja; mostrar-lhe as suas origens christãs; lembrar-lhe no amor de Christo pelo povo o seu dever de gratidão; faze-la reconhecer nos discursos incomparaveis do Homem-Deus as primeiras reivindicações

do direito, as primeiras satisfações da justiça que ella deseja hoje; apontar-lhe na serie divina e triumphante do papado, desde S. Pedro, que fez baquear o despotismo do poder, até Leão XIII, que encheu de raiva o despotismo da riqueza, os verdadeiros amigos do povo; transfigurar a democracia no chrysol da fé; assim transfigurada, incorporar todas as classes na grande massa, á qual compete hoje o predomínio que já não póde pertencer a dynastias, aristocracias ou burguezias; fazer da palavra de Deus, não só a estrella que conduz as almas ao céo, mas tambem a bussola que guia as sociedades, não só o ensino que regenera os corações, mas tambem a doutrina que ensina ás patrias os direitos e os deveres dos cidadãos; emfim — UNIR A EGREJA E O POVO.

Receioso de que a este programma, dado ao catholicismo brasileiro, no regimen novo, faltasse para muitos, o que era justo, a auctoridade de um nome a recommenda-lo, lembrei e demonstrei que o programma não é sinão o que tem sido para situações identicas á nossa o programma mesmo dos maiores homens da egreja em nossa epocha — os Ketteler na Allemanha, Manning na Inglaterra, Lavigerie na França, Gibbons e Ireland na America do Norte; que o programma não é mesmo sinão a bandeira de Leão XIII, levantada bem no alto do Vaticano para que a contemplem, saudem todas as nações da terra.

Mostrei como a Ketteler, que iniciára o movimento social na egreja, Leão XIII denominou — *seu grande precursor*. Mostrei como Manning, sempre de perfeita harmonia com o summo pontifice, que mais de uma vez o felicitou pelos seus triumphos, sustentava ha bem poucos annos na Inglaterra, com a sua grande auctoridade de arcebispo e de cardeal, que a *auctoridade, tendo passado das classes ás massas e o futuro pertencendo, como pertence, á democracia, uma missão nova é imposta ao clero, o qual não é um instrumento de reino ou um apoio dynastico, mas uma força social*. Mostrei como o apostolico prelado queria e reclamava a liberdade da egreja em face do estado, não por odio como os sectarios, por indiferença como os philosophos, ou por liberalismo como certos publicistas, mas pela convicção profunda de que a concordata, o codigo, a centralização, toda a obra napoleonica já teve o seu tempo; que hoje é mister, e os padres devem entrar nesse trabalho, reconstruir o edificio social, infiltrando a verdade catholica, não só nas almas, mas na politica, na administração e no governo.

Mostrei como na America do Norte, outro grande arcebispo, o cardeal Gibbons, bastantemente tem combatido para mostrar que — *amigo do povo, o clero não deve ficar indifferente a nenhuma das questões sociaes politicas ou economicas, que dizem respeito ao interesse*

e prosperidade da nação; podendo e devendo tractar de todos, porque o padre é um reformador social.

Mostrei como, dando aos ensinos de tão grandes homens da igreja a sancção da sua palavra, Leão XIII, que impellira o cardeal Lavigerie a precede-lo na acceitação da republica em França, exigindo-lhe pôr o seu talento, a sua palavra, o seu prestigio ao serviço de uma ideia que ia ser em breve o assumpto de importantissima encyclica; mostrei, digo, como Leão XIII julga a nossa época e a sociedade moderna. Elle viu todos os movimentos que agitam o seculo; pesou todas as suas revoluções; analysou todas as aspirações democraticas; contemplou as correntes diversas que percorrem o oceano social; meditou profundamente a historia da igreja; avaliou o pouco que ella ganhou e o muito que ella perdeu em certas allianças politicas; viu que os reis se tornaram cesarianos, e os burguezes, muito cheios de si proprios, nos governos se esqueceram da religião; viu o *gallicanismo*, o *regalismo*, o *josephismo*; viu a obra, tantas vezes inutil para a igreja, dos seus *tractados* com os poderes civis; contemplou tambem as miserias de nosso tempo; ouviu os gemidos de milhões de proletarios; compadeceu-se desta chamada lucta pela vida que assumiu na epocha presente as tragicas proporções de um martyrio que, dia e noite, consome homens, mulheres e até crianças; viu a humilhação da *meia-ciencia*, que tinha ousado prometter ao povo a felicidade sem a religião; viu a confusão da politica materialista, que tinha promettido ás nações governa-las sem Christo e a igreja; ponderou a immensa e divina flexibilidade do catholicismo, adaptavel a todas as crises da humanidade, como propicio a todas as enfermidades sociaes; sommou tudo isso, e disse á igreja, mostrando-lhe o povo: Mãe, eis teu filho; e disse ao povo, mostrando-lhe a igreja: eis tua Mãe.

Quando expedindo estas ideias, que em desenvolvidos escriptos formaram o meu estudo do estado actual da igreja no Brasil ¹³⁹, eu mostrei que, vivemos presos a teias de aranha; que tudo que sae um pouco dos caminhos trilhados nos desgosta e amedronta; que não perdemos ainda a catinga do *regalismo*, do qual parece estamos saudosos como um liberto que suspirasse pelas pancadas do feitor; que, quanto á democracia, não acceitamos inda os ensinos do papa.

Não, a igreja brasileira não acceitou ainda practicamente os ensinos do papa. O clero vive separado do povo; quasi que o povo não o conhece. O clero contenta-se com uma certa aristocracia de devotos. Quasi que a sua aspiração se reduz a ver os templos bem enfeitados, o côro bem ensaiado, e, no meio

de luzes e flores, os seus paramentos bem reluzentes. Toda a actividade do clero quasi que se resume nisto — festas para os vivos e pompas funebres para os mortos.

O clero brasileiro não tem nenhum valor politico e social. Nem elle pesa, como devêra acontecer, na balança da opinião; nem a igreja brasileira é ouvida em nenhum dos grandes interesses da patria.

Por que? Porque o clero está encerrado na sacristia; e, esperando tudo da graça de Deus, imagina que esta ha de arranjar tudo sem a sua cooperação, como si a promessa de triumpho que Deus fez a sua igreja comprehendesse a do catholicismo em todos os logares onde a negligencia, o preconceito theologico e a paixão politica unem-se como intimos amigos, em opposição aos progressos da religião ¹⁴⁰.

Os mesmos sentimentos que no meu trabalho — *A Igreja e o Povo* — exprimi são os que me animam ainda em relação á igreja brasileira.

Entendo que a sua missão social está traçada pela serie dos acontecimentos politicos que datam do dia 15 de Novembro de 1889. Quando mesmo a união da igreja e do estado não tivesse sido, no regimen extincto, a maior e a mais humilhante das tutelas impostas por este áquelle; exquecendo mesmo a longa cadeia de usurpações e attentados de que a igreja foi victima; dando de barato mesmo que o regimen do padroado fosse para ella, no periodo do imperio, não o que bem manifesto ficou nesta *Memoria* — uma escravidão, mas uma protecção honrosa e vantajosa, não seria ainda assim licito, por idolatria ao passado, quedarmo-nos nesta tão condemnavel inercia.

Nenhum pretexto justifica o nosso pessimismo. Estamos no regimen do direito commum; devemos aproveitar a liberdade que nos é dada. Devemos tambem confiar muito nos sentimentos catholicos do povo brasileiro. A impiedade politica no Brasil, não podemos dizer que seja uma consequencia desta ou daquella fôrma politica. Si a Constituição da Republica, infelizmente, não encerra os postulados de uma nacionalidade christã, e por isso convém que seja e ha de ser reformada; o imperio, nem porque teve uma constituição differente, foi catholico e favoravel á igreja.

O que parece certo é que entre nós a impiedade politica é um resultado logico da educação racionalista e pagã de tantas gerações brasileiras que teem constituido entre nós as classes dirigentes do paiz, em opposição á fé e aos sentimentos do povo. Como quer que seja, ella é uma nuvem: intercepta por

algun tempo, é certo, aos nossos olhos o sol rutilante que brilhou no berço da nação; porém, mais cedo ou mais tarde, ha de refulgir no horizonte social, offuscando com os seus raios os erros que, si ainda reclamam e conseguem um lugar na nossa direcção publica, é porque somos fracos, negligentes e com frivolas desculpas fugimos ao combate que Deus nos suscita.

Em circumstancias, aliás peiores que as nossas, não procederam assim os catholicos allemães, que neste seculo deram ao mundo, contra as usurpações e violencias do atheismo politico, o mais bello espectáculo da fé corajosa e intrepida.

O *josephismo* tinha feito na Allemanha contra a igreja catholica uma obra de destruição ainda maior e mais violenta do que a do *regalismo* no Brasil.

D. José II conseguira corromper o clero, separar o episcopado de Roma, sujeitar á sua jurisdicção as castas episcopaes, exercitar absoluta inspecção sobre o proprio serviço dos templos, chegando tal inspecção ao poncto de ser a elle que competia determinar o numero de velas que se deviam accender nos altares. Absorveu todas as regalias da igreja e de tal sorte intrometteu-se nas cousas do culto que ficou conhecido na historia da Allemanha pela alcunha do *imperador sacristão*.

Além disso, quando, mais tarde, Bismarck se entregou á tentativa nefanda de aniquilar de todo o catholicismo allemão, o despota tinha para favorece-lo, não só essa decadencia que vinha de longa data, mas ainda todas as armas de seu poder, isto é, do governo de que era chefe.

A situação, pois, dos catholicos na Allemanha era peor do que presentemente é a dos catholicos no Brasil.

Quaesquer que sejam os erros, que devemos profligar da republica em sua legislação, é certo que ella libertou a igreja do captiveiro em que se achava; é certo que estamos no regimen do direito commum. Ao passo que, na Allemanha, Bismarck tinha para manobrar, como monobrou, contra os catholicos todas as armas do poder do despotismo e da oppressão, nós temos dada pelo proprio poder publico, a mais ampla liberdade de acção.

Que nos falta, então? Falta-nos o que abundou nos catholicos allemães: a resolução para o combate. O clero e os catholicos allemães conheciam para fazer frente ao despota, as grandes armas que brandiram e com que venceram: o jornal, o livro, a conferencia, o congresso, os *meetings*, a representação. Nós, porém, clero e catholicos brasileiros, para melhorar o nosso estado social e religioso, de que recurso dispomos? Só e tão sómente de um: a lamentação. Vivemos chorando os males da patria, que,

entretanto, só precisa de uma profunda e energica reacção religiosa. Em monarchias ou republicas, confirma-se sempre aquella celebre sentença de Donoso Cortez, em virtude da qual, só existindo para os povos duas reacções — uma externa e outra — interna, não pôde o thermometro religioso descer abaixo de zero sem que tudo se perturbe e se anarchize, impotentes, politica e governos, para salvar a sociedade; mas, em compensação, não pôde subir o thermometro religioso, isto é, apparecer a reacção religiosa, sem que tudo se pacifique, se ordene e a sociedade se salve.

Para o espirito pensador, a crise no Brasil não é uma crise politica, cuja solução dependa de fórmulas de governo. E' uma crise moral, resultante da profunda decadencia religiosa, desde o antigo regimen, das classes dirigentes da nação, e que só pôde ser resolvida por uma reacção catholica.

E' ao catholicismo, não a um partido politico, que manifestamente, na hora presente, Deus convida á reconstrucção moral da sociedade.

E' á religião, não a esta ou áquella forma de governo, que a Providencia Divina mostra na successão dos factos e na corrente dos acontecimentos, o designio misericordioso de fazer reviver na terra do Cruzeiro, retemperada e triumphante, a fé que animou os nossos descobridores; que regou o nosso solo com o suor de seus apóstolos e o sangue de seus martyres; que germinou exuberante em nossas plagas; que preparou as bases fundamentaes de nossa nacionalidade, e, por assim dizer, na physionomia do paiz inteiro, estampou os signaes indeleveis que ainda não foi dado ao tempo nem ás revoluções apagar, e que fazem exclamar, contemplando-a: *Terra de Sancta Cruz!*

Quaesquer que sejam as difficuldades presentes, nunca, repito, ao clero brasileiro foi dada uma missão mais alta. Nas mãos da igreja, creio profundamente, está o futuro do Brasil.

NOTAS

¹ Os membros da Directoria da Associação do 4º Centenario do Descobrimento do Brasil, aos quaes por intermedio do dr. Ramiz Galvão, pedi a dispensa que não me foi concedida.

² Em Pereira da Silva, *Varões Illustres do Brasil*, em Americo Brasiliense, *Lições de Historia Patria*, em outros escriptores nacionaes ou estrangeiros, affirma-se que—o acaso e só o acaso foi o auctor do descobrimento do Brasil. Ver, em sentido contrario, o importante trabalho de Joaquim Norberto, publicado no tomo XV, de 1858, da Revista do Instituto Historico.

³ Cesar Cantu, *Historia Universal*.

⁴ Deschamps, *Œuvres*, tomo II, 2ª parte.

⁵ Kannengieser, *Le reveil d'un peuple*.

⁶ Oliveira Martins, *O Brasil e as colonias*, liv. 1º, caps. 4º e 5º.

⁷ Oliveira Martins, obr. cit., cap. 4º.

⁸ Oliveira Martins, obr. cit., caps. 5º e 6º.

⁹ Americo Brasiliense, *Lições de Historia Patria* (Escriptor insuspeito), porque racionalista e livre pensador).

¹⁰ Pereira da Silva, *Varões Illustres do Brasil—Anchieta*.

¹¹ Americo Brasiliense, obr. cit., lic. 3ª.

¹² Mattoso Maia, *Historia do Brasil*, lic. 8ª.

¹³ Americo Brasiliense, obr. cit., lic. 3ª.

¹⁴ *Jornal do Commercio* de 15 de Março de 1899: *Acto de Convocação do Congresso Juridico Americano*.

¹⁵ Porto Seguro, *Historia Geral do Brasil*, secç. 5ª. Citado no *Acto de Convocação do Congresso Juridico Americano*.

¹⁶ Jabotão, *Novo Orbe Seraphico Brasileiro*, parte 1ª, vol 2º, cap 1º.

¹⁷ Americo Brasiliense, obr. cit., lic. 1ª. Porto Seguro, tomo I, secç., 5ª.

¹⁸ Revista do Instituto Historico, tomo LIX de 1896.

¹⁹ Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, publicada por Capistrano de Abreu. Fernando da Soledade, *Historia Seraphica*, cap 3º.

²⁰ *Vie du bienheureux Henri Suzzo*.

²¹ Padre Julio Maria, *Sermão* na missa campal de 7 de Setembro de 1898, mandada celebrar, no Campo de S. Christovão, pela Sociedade Commemorativa das Datas Nacionaes, em homenagem á independencia do Brasil.

²² Porto Seguro, *Historia Geral do Brasil*, tomo I, secç. 5ª.

²³ Jabotão, obr. cit., vol 1º.

²⁴ Tristão de Alencar Araripe, *Indicções sobre a Historia Nacional*, Revista do Instituto Historico, tomo LVII de 1895.

²⁵ Americo Brasiliense, obr. cit., Edgard Quinet.

²⁶ Goud, *Historia Ecclesiastica*, 5ª epocha. Rohrbacher, *Historia da Igreja*. Rosely de Lorgues, *Christophe Colombe*.

²⁷ Charles Sainte-Foi, *Vie du Vénérable Joseph Anchieta*.

²⁸ Mattoso Maia, lics. citadas.

²⁹ Jabotão, obr. cit., parte 1ª, vol. 2º, cap. 1º.

³⁰ Frei Vicente do Salvador, obr. cit., cap. 1º.

³¹ Jabotão, obr. cit., vol 1º.

- ²⁸ Frei Vicente do Salvador, obr. cit.
- ²⁹ Porto Seguro, obr. cit., tomo I, secç. 5ª.
- ³⁰ Padre Julio Maria, *Conferencias da Assumpção*, 1ª serie, 11 conf.
- ³¹ Oliveira Martins, obr. cit. Sylvio Romero, *Historia da Litteratura Brasileira*, cap. 9
- Martins Junior, *Historia do Direito Nacional*, cap. 4º.
- ³² Pereira da Silva, obr. cit., tomo I, *Introdução*.
- ³³ Porto Seguro, obr. cit.
- ³⁴ Conferencia do Padre Americo de Novaes, em S. Paulo, no Tricentenario de Anchieta; citações do Padre Vieira.
- ³⁵ Americo de Novaes, Conferencia cit.
- ³⁶ Martins Junior, obr. cit.
- ³⁷ Sylvio Romero, obr. cit., cap. 6º.
- ³⁸ Americo de Novaes, conf. cit.
- ³⁹ Dr. Eduardo Prado, Conferencia em S. Paulo, no Tricentenario de Anchieta, sobre — *O Catholicismo, a Companhia de Jesus e a colonisação do Novo Mundo*.
- ⁴⁰ Americo de Novaes, conf. cit.
- ⁴¹ Eduardo Prado, conf. cit.
- ⁴² Pereira da Silva, obr. cit., tomo I.
- ⁴³ Frei Vicente do Salvador, obr. cit.; cap. 5º.
- ⁴⁴ *Manuscripto Guarany* da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, sobre a primitiva catechese dos Indios das Missões. Annaes de 1878 — 79.
- ⁴⁵ *Manuscripto Guarany* cit.
- ⁴⁶ Dr. Theodoro Sampaio — *S. Paulo no tempo de Anchieta* — conferencia feita em 1897, no Tricentenario.
- ⁴⁷ Fagundes Varella, *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*, poema, canto 1º.
- ⁴⁸ Dr. Antonio Henrique Leal, *Apontamentos para a historia dos Jesuitas, extrahidos dos chronistas da Companhia de Jesus*, Revista do Instituto Historico, tomos XXXIV, de 1871 e tomo XXXVI, de 1873.
- ⁴⁹ Southey, *Historia do Brasil*, vol. 1º.
- ⁵⁰ Henrique Leal, obr. cit.
- ⁵¹ Henrique Leal, obr. cit.
- ⁵² Sylvio Romero, obr. cit., cap. 6º.
- ⁵³ Henriques Leal, obr. cit.
- ⁵⁴ Sylvio Romero, obr. cit.
- ⁵⁵ Henrique Leal, obr. cit.
- ⁵⁶ Fernandes Pinheiro — *Discussão Historica sobre o que se deve pensar do systema de colonisação seguido pelos Portuguezes no Brasil*. Revista do Instituto Historico, tomo XXXIV, de 1871.
- ⁵⁷ Homem de Mello, *Discussão Historica sobre o mesmo assumpto*, cit. Revista do Instituto.
- ⁵⁸ *Manuscripto Guarany* cit.
- ⁵⁹ Dr. Theodoro Sampaio, conf. cit.
- ⁶⁰ Porto Seguro, obr. cit. tomo I, cap. 15.
- ⁶¹ Dr. Eduardo Prado, conf. cit.
- ⁶² Frei Vicente do Salvador, obr. cit. cap. 3º.
- ⁶³ Padre Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesus*.
- ⁶⁴ Charles de Sainte-Foi; *Vie du Ptre de Nobrega*, cap. 2º.
- ⁶⁵ Charles de Sainte-Foi, obr. e cap. cit.
- ⁶⁶ Vida de Santa Clara da Cruz, por Lorenzo Tardi, cap. 13.

- ⁷¹ Vida da bemaventurada Margarida Maria, por Bougaud, cap 3º.
- ⁷² Teixeira de Mello, Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. 1º, fasc. 1º *Introdução ás cartas de J. de Anchieta*.
- ⁷³ Chronica de Simão de Vasconcellos.
- ⁷⁴ Dr. João Monteiro — Conferencia em 1896, Tricentenario de Anchieta.
- ⁷⁵ Charles de Sainte-Foi, obr. cit.
- ⁷⁶ Sylvio Romero, *Historia da Litteratura Brasileira*, vol. 2º, cap. 1º.
- ⁷⁷ Porto Seguro, *Historia* cit., tomo I,
- ⁷⁸ Goud. *Historia Ecclesiastica* — seculo XV.
- ⁷⁹ Porto Seguro, obr. cit.
- ⁸⁰ Jaboaão, *Novo Orbe Seraphico*, vol. 3º, parte 2ª.
- ⁸¹ Jaboaão, obr. e vol cit.
- ⁸² José Luiz Alves, *Os Claustros e o clero no Brasil*, Revista do Instituto Historico, tomo LVII de 1895.
- ⁸³ José Luiz Alves, obr. cit.
- ⁸⁴ Artigo no vol. 9º (1881-82) dos Annaes da Bibliotheca Nacional.
- ⁸⁵ Porto Seguro, obr. cit.
- ⁸⁶ Mello Moraes, *Chronica Geral e minuciosa do Imperio do Brasil*.
- ⁸⁷ Porto Seguro, obr. cit.
- ⁸⁸ Mello Moraes, chronica cit.
- ⁸⁹ Relatorio apresentado á Mesa da Misericordia da Victoria, pelo provedor Silveira, 1898-99.
- ⁹⁰ Porto Seguro, *Historia Geral*, tomo I.
- ⁹¹ Julio Maria, *O Santuario do Caraça — Carta ao Vigario Hypolito Campos*, publicada em varios jornaes, entre estes no *O Mar de Hespanha* de 14 de Junho de 1891.
- ⁹² Porto Seguro, obr. cit. Martins Junior, obr. cit. Goud. *Historia Ecclesiastica*.
- ⁹³ Dr. Antonio da Cunha Barbosa, *Aspecto da Arte Colonial Brasileira*. Memoria apresentada ao Instituto Historico.
- ⁹⁴ José Luiz Alves, obr. cit.
- ⁹⁵ Relatorio das commissões reunidas de Constituição e Negocios Ecclesiasticos, da Camara dos Deputados, approvado na sessão de 16 de Outubro de 1827.
- ⁹⁶ Codigo Criminal, art. 81.
- ⁹⁷ *Pastoral Collectiva* dos Bispos Brasileiros, Candido Mendes, *Direito Civil Ecclesiastico*, Benevides. *Analyse da Constituição do Imperio*.
- ⁹⁸ Lacordaire *Memorias para o restabelecimento em França da Ordem dos Irmãos Prégadores*.
- ⁹⁹ Auguste Nicolas — *Novos Estudos sobre o Christianismo, La Vierge Marie*, vol. 4º, cap. 6º.
- ¹⁰⁰ Bergier, *Diccionario Theologico*, palavra—*Ordres*.
- ¹⁰¹ Benevides, *Analyse* cit.
- ¹⁰² Candido Mendes, *Direito Civil Ecclesiastico*.
- ¹⁰³ Joaquim Nabuco — *Um Estadista do Imperio*.
- ¹⁰⁴ Dr. Julio Cesar de Moraes Carneiro — *Apostrophes*.
- ¹⁰⁵ Candido Mendes e Benevides, obras citadas.
- ¹⁰⁶ D. Silverio Gomes Pimenta, *Carta Pastoral* de 9 de Março de 1899.
- ¹⁰⁷ Padre Julio Maria, *D. Bosco e o Pobre*, conferencia na igreja de S. Francisco de Paula, da capital federal, em 12 de Outubro de 1898.
- ¹⁰⁸ Candido Mendes, ob. cit.
- ¹⁰⁹ Parecer da commissão da Camara dos Deputados sobre a Bulla *Jam inde* do papa Leão XII.

- ¹¹⁰ Conego Ezechias Galvão—*A Igreja e a liberdade.*
- ¹¹¹ Padre Julio — *O Deus desprezado e Estudo sobre o culto, o ensino e o estado das parochias no Brasil.*
- ¹¹² Joaquim Nabuco — *Um estadista do Imperio*, capit. sobre a Questão Religiosa, tomo III.
- ¹¹³ Bispo de Olinda, *Resumo Historico da Questão Religiosa do Brasil.*
- ¹¹⁴ *Resumo* cit. do Bispo de Olinda. D. Antonio de Macedo Costa— *A Questão Religiosa.*
- ¹¹⁵ Macedo Costa, obr. cit. e a *Missão especial a Roma.*
- ¹¹⁶ Joaquim Nabuco, obr. cit.
- ¹¹⁷ Bispo de Olinda, *Resumo Historico* cit.
- ¹¹⁸ Joaquim Nabuco, obr. cit.
- ¹¹⁹ Idem.
- ¹²⁰ Idem, *Conferencias nas Escolas publicas da Gloria.*
- ¹²¹ Idem, *Apostrophes.*
- ¹²² Idem.
- ¹²³ Idem.
- ¹²⁴ Idem.
- ¹²⁵ Idem.
- ¹²⁶ Idem.
- ¹²⁷ Idem.
- ¹²⁸ Idem.
- ¹²⁹ Candido Mendes, *Direito Civil Ecclesiastico.*
- ¹³⁰ Idem.
- ¹³¹ Idem.
- ¹³² Felisbello Freire, *Historia Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil*, vol. 2º cap. 4º.
- ¹³³ Padre Julio Maria, *Conferencias da Assumpção*, 1ª serie, 12ª conf.
- ¹³⁴ Padre Julio Maria, conf. cit.
- ¹³⁵ Transcripções dos jornaes do Pará feitas pelos do Rio e Minas.
- ¹³⁶ Carta do sancto padre Leão XIII, de 18 de Setembro de 1899, aos arcebispos e bispos do Brasil.
- ¹³⁷ Relatorio do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas do anno de 1899.
- ¹³⁸ Dr. Pires de Almeida, *Jornal do Commercio* de 2 de Julho 1899.
- ¹³⁹ Padre Julio Maria — *A Igreja e o Povo*, *Gazeta de Noticias*, ns. de 14, 17, 20, 24, 27 e 31 de Março, 3 17, 22, 24, de Abril, 1, e 7 de Maio de 1898.
- ¹⁴⁰ Padre Julio Maria — *A Igreja e o Povo.*

(Frei Caneca) Sobre Frei Caneca leem-se no *Compendio da Theologia Moral*, tomo II, cap. 3º do Padre Marcolino do Amaral, penitenciario da Cathedral de Olinda, as seguintes linhas: « Na cidade do Recife já houve a degradação de um sacerdote por motivos politicos! Esse sacerdote foi o celebre patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o homem da liberdade, o zeloso lutador da independencia da patria. Sua degradação teve logar no dia 13 de Janeiro de 1825, á porta da Igreja de Nossa Senhora do Terço, por provisão do bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, passada ao padre João Camello, capellão de brigada, afim de ser o Frei Caneca justicado, segundo sentença do poder civil, por crime de rebelião e de lesa-magestade. No mesmo dia foi Frei Caneca fuzilado no largo de Cinco Pontas. . . Não podia o bispo do Rio degradar á Frei Caneca, pois que não era seu subdito. . . A degradação foi uma verdadeira violencia á lei canonica! »

III

A LITTERATURA

1500—1900

MEMORIA

PELO

DR. SYLVIO ROMÉRO



I

PRELIMINARES

Uma vista geral da litteratura brasileira, nos quatro seculos de nosso desenvolvimento, não pôde deixar de ser uma vasta synthese em que se procurem descobrir e demonstrar as leis que presidiram á sua evolução. Problemas technicos de critica e erudição teem de ser deixados á margem, por não perturbarem a marcha da narrativa e o normal encadeamento dos factos.

Quaes as phases ou periodos capitaes de nossa litteratura? Quando começou ella? Qual a sua melhor interpretação doutrinaria? Qual o mais adequado methodo a seguir na sua exposição historica? Eis os principaes quesitos a esclarecer antes do desdobrar dos acontecimentos.

Fernando Wolf, em 1863, dividia a historia de nossas letras nos periodos seguintes: 1º, do descobrimento do Brasil ao fim do seculõ XVII; 2º, primeira metade do seculo XVIII; 3º, segunda metade do seculo XVIII; 4º, do principio do seculo XIX ao anno de 1840; 5º, de 1840 ao anno em que publicou o seu *Brésil littéraire* (1863).

O defeito desta enumeração de phases é ser demasiado fragmentada e não attender ao criterio do desenvolvimento das idéas em sua determinação.

Porque fazer dos primeiros cincoenta annos do seculo XVIII um periodo litterario no Brasil? Que houve então de especial na evolução espirital dos brasileiros? Não se percebe facilmente.

Que motivos aconselham a marcar uma phase com os primeiros quarenta annos do seculo XIX? Menos justificavel ainda é este periodo.

Fernandes Pinheiro em 1872, em seu *Resumo de Historia Litteraria*, deixou designados estes momentos, como os mais caracteristicos de nossa vida nas letras: — 1º, periodo da *formação*,

abrangendo os seculos XVI e XVII; 2º, o do *desenvolvimento*, enchendo o seculo XVIII; 3º, o da *reforma* constituido pelo seculo XIX.

Divisão de phases esta mais bem feita do que a de Fernando Wolf, porém ainda assás defeituosa. O auctor deixou-se evidentemente illudir pela separação material dos seculos, sem attender que o andar das idéas e doutrinas não obedece o mais das vezes ás marcações exteriores do tempo. Que houve na primeira metade do seculo XVIII no dominio do pensamento brasileiro, que o distinguisse em absoluto das ultimas decadas do seculo anterior? Nada, que o saibamos. E que representam de novo nas doutrinas e theorias litterarias os trinta primeiros annos do seculo XIX, que os afaste do velho classismo do seculo antecedente?

Nada por certo. A enumeração de Fernandes Pinheiro é, pois, tambem inaceitavel.

Por nossa vez, na *Historia da Litteratura Brasileira*, indicámos esta divisão: *periodo de formação* (1500-1750); *periodo de desenvolvimento autonomico* (1750-1830); *periodo de transformação romantica* (1830-1870); *periodo de reacção critica e naturalista* (1870 em diante.)

Classificação esta, attenta mais ao movimento das idéas e coadunada melhor com os phenomenos intellectuaes da nação. Entretanto, é possivel simplifica-la, reduzindo-a a dous momentos fundamentais: *phase de formação e phase de desenvolvimento*. A primeira, dentro das forças do periodo do classismo litterario e do absolutismo régio, começa desde quando se fundaram as primeiras escholas de humanidades no Brasil e espiritos, como Nobrega, Anchieta, Cardim, Luiz da Gran, Gandavo, Gabriel Soares e outros eguaes ensinaram ou escreveram n'esta parte d'America, formando desde logo discipulos da estatura de Vicente do Salvador e Antonio Vieira, e chega até ao proto-romantismo da eschola de Minas (1549-1792); a segunda parte d'ahi, d'essa nitida consciencia, que já tínhamos de nós mesmos, e desdobra-se por todo o seculo XIX, ligando o proto-romantismo mineiro ao romantismo propriamente dicto e ás escholas que subseqüentemente o substituíram, 1792-1900. O primeiro periodo abrange quasi todo o Brasil colonial e o segundo quasi só o Brasil independente, verificando-se mais uma vez o *consensus* existente entre as lettras e a politica. O anno de 1792, divisor das duas grandes epochas, tão fortemente unidas, não é escolhido a esmo, sinão por ser assignalado por um grande feito — a primeira edição das *Lyras* de Gonzaga, livro famoso entre os mais famosos e digno de unir o velho ao novo Brasil.

Fica assim resolvida a primeira das quatro questões propostas no principio d'estes preliminares.

Quanto á segunda: quando começou nossa litteratura,— é cousa insolúvel em sentido rigoroso. Qual deve ser o criterio da designação de uma data? Impossível é determinar. E' o descobrimento do paiz, porque desde então, desde a *carta* de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel, começa a ser elle conhecido? Mas isto não é litteratura. Deverá ser datado o inicio d'esta das poesias de Aspiciuêlta Navarro e das de Anchieta? Mas aquellas nunca se publicaram e se perderam, por certo, e estas só muito mais tarde chegaram mui limitadamente a ser impressas. Dever-se-hão dar como poncto de partida as *informações, cartas e annuas* de Nobrega, Anchieta, Luiz da Gran, Cardim e outros? Porém taes escriptos nem são litterarios, nem foram publicados no tempo em que foram redigidos, sinão muito mais tarde.

O mesmo se tem de affirmar do livro magistral de Gabriel Soares, escripto em 1587 e só impresso em 1825.

Existe publicada desde 1576 a *Historia da Provincia de Santa Cruz* de Gandavo. Este, porém, sobre ser portuguez, não exerceu a mais leve influencia. Deverão ser o marco de partida as fundações dos diversos *collegios* dos Jesuitas durante o primeiro seculo? O ensino, entretanto, é o inicio da cultura, mas não é ainda a litteratura.

Deveremos recorrer ás primeiras *canções populares* do reino passadas á colonia desde o começo do povoamento? Quaes foram ellas não se sabe, e persiste a difficuldade.

Resta-nos, pois, considerar o grande seculo XVI, o brilhante seculo do descobrimento e do inicio da vida civil no Brasil, como um grande periodo de profunda e vasta incubação de todos os nobres e fecundos germens, que vieram a desenvolver-se nas épochas seguintes, e directamente quasi mudo no que diz respeito á producção litteraria.

Só no fim do seculo, com a publicação da primeira edição da *Prosopopéa* de Bento Teixeira Pinto, existe um poncto de partida, um marco directo de orientação ¹.

Tal a solução, que nos parece merecer a segunda questão proposta, que nos leva naturalmente á terceira,—a melhor theoria interpretativa de nossa evolução espiritual.

Capistrano de Abreu, o maior erudito em assumptos brasileiros, que até hoje tem existido, sobrepujando assás Varnhagen, João Lisboa, Joaquim Caetano, Silva Paranhos e Candido Mendes, os melhores sabedores conhecidos de nossas cousas, disse-nos uma vez em conversação particular: « A evolução da

¹ A edição de 1601 era já a segunda.

litteratura brasileira se me antolha feita assim:—no primeiro momento o paiz é descripto por viajantes estrangeiros e moradores, mais ou menos incertos da sua permanencia na terra, tambem estrangeiros. E' o tempo de Nobrega, Anchieta, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim, Lery, Thevet, Hans-Staden. E' o Brasil do seculo XVI. Existem indecisões ao lado de vagas esperanças. O europeu despreza a terra e seus naturaes selvagens. Surge após o que se poderia chamar a primitiva eschola pernambucana. O paiz já é descripto por moradores estaveis e por filhos da terra e não mais por *touristes*. E' um tempo de entusiasmo nascente; o brasileiro christão começa a apparecer, a crescer e a aspirar. Bento Teixeira Pinto, com a sua *Prosopopéa*, o auctor desconhecido dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, Frei Vicente do Salvador, com a *Historia Brasil*, D'logo Lopes de Santiago, com a *Historia da Guerra Hollandeza*, são a manifestação deste espirito, que já indica um principio de distincção entre brasileiro e européo, considerado ainda bem alto o ultimo em face do outro. E' o Brasil do seculo XVII e XVIII até ao descobrimento das minas. Surge por esse tempo o phenomeno extranho de Gregorio de Mattos, que despreza tanto ao brasileiro quanto ao portuguez, dando-lhes uma especie de balanço pessimistico, singularmente curioso. Com o descobrimento das minas, o Brasil é considerado o primeiro paiz do mundo.

Rocha Pitta, na *Historia da America Portugueza*, Botelho de Oliveira, a *Academia dos Esquecidos*, o auctor da *Chronica dos Mascates* cantam em todos os tons os portentos e maravilhas unicas da terra. O filho do paiz julga-se mui grande cousa, sem ainda pretender supplantar o européo. Desde ahi o brasileiro accentua-se; apparecem pelos tempos proxivamente seguintes os estudos nobiliarchicos de Taques, Borges da Fonseca, Lourenço do Couto e Joboatam. E' o tempo da *nobreza da terra, do branco filho do paiz*: o brasileiro genuino é esse branco, é esse nobre d'America. Reinam as illusões patrioticas, e o portuguez tem desmerecido de importancia. Mais tarde, pouco mais tarde, dá-se outro passo decisivo: o *indio* é poetizado e o *brasileiro genuino* é-lhe equiparado. E' a phase da *nobreza indigena*, é o tempo da eschola mineira, da Independencia, seguido de perto da morte do classismo e do advento da era romantica. Nesta desde o primeiro momento o optimismo augmenta; o brasileiro suppõe rivalizar com qualquer povo européo. Magalhães, Porto-Alegre, Gonçalves Dias dão-se *ares de Europa* no Brasil. Portugal já não é o centro das idéas; a França toma a deanteira. No segundo momento romantico, sob a influencia da navegação directa a vapor, as idéas generalizam-se, accentuam-se

mais, e, com Alvares de Azevedo, Lessa, Macedo, Alencar, a influencia franceza reforça-se e a portugueza affoga-se quasi completamente. O brasileiro, supposto igual ao europeu, julga-se o primeiro povo d'America. No ultimo momento do romantismo, com a guerra do Paraguay, problemas politicos e sociaes varios, novos ideaes philosophicos, abre-se um periodo de reacção pessimistica, e Tobias Barreto tenta arrancar-nos da influencia franceza, mostrando na Allemanha o modelo a seguir. E' escassamente ouvido, dando-se uma especie de revivescencia do influxo portuguez e da acção franceza, ao lado de outras correntes alienigenas. Morre o romantismo, sob a acção de um pessimismo geral; ninguem mais acredita na superioridade do brasileiro deante de outros povos quaesquer, e Sylvio Roméro, procedendo, na *Historia da Litteratura Brasileira*, a uma especie de balanço ethnographico, tem chegado á conclusão de ser o genuino brasileiro pura e simplesmente o *mestiço* physico ou moral. Tal o caminho e o resultado final da evolução em quatro seculos. » Taes as palavras, fielmente reproduzidas, do erudito e talentoso historiador. São uma parte da verdade, ou, si o quizerem, a verdade vista apenas por um lado. O problema theorico da evolução brasileira, quer sob o poncto de vista litterario, quer tomada ella em sua completa generalidade, abrangendo todas as faces da actividade nacional, não se deixa resolver só pela apreciação da maior ou menor importancia, que aos nossos proprios olhos tenhamos dado ao nosso paiz e a nós mesmos. A cousa é muito mais complexa.

As palavras, que nos foram dictas pelo erudito editor de Anchieta, Cardim e Frei Vicente do Salvador, são uma fórma mais simples e mais completa das que por elle mesmo já tinham sido uma vez impressas, e são as seguintes, postas, entre outras, como Introducção ás *Informações e Fragmentos Historicos* do padre Joseph de Anchieta: «Das *Informações* ha muito que aprender: a falta de açougues (pags. 34 e 37), a preguiça da terra e a falta de engenho dos estudantes (pag. 39), a pinctura dos engenhos (pag. 47) e muitos outros ponctos que rasgam perspectivas novas. Chamarei a attenção rapidamente para dous delles: o primeiro é que os primitivos colonos achavam a terra melancholica, e tinham razão, porque bastavam as privações descriptas ás pags. 20 e 21 e que não eram privativas dos jesuitas; as cobras, que caíam dos telhados sobre as camas ou mettiam-se nas botas (pag. 51), as formigas, que obrigavam os moradores todas as noites a andarem de facho a cata-las (pag. 52); os receios dos inimigos externos que, segundo Gabriel Soares, os trazia de constante sobresalto, bastando para produzir uma irritação constante. Ora, segundo a bella expressão de

Taine, as sensações fazem a sensibilidade. *Por ser nesta terra*, diz-nos Anchieta (pag. 38). E' o que todo mundo dizia então e pensava.

O segundo poncto é que os filhos de portuguezes nascidos no Brasil eram tratados com desdém: *faltos de engenhos*, diz o auctor, pag. 37, *afeiçoados aos costumes dos Índios*, diz pag. 70. Cousas semelhantes diz elle nas suas cartas, e repetem os contemporaneos. Este poncto, — o desdém pela terra, o desdém pelos naturaes, *mazombos*, como então os chamavam em opposição aos *reinões*, é capital em nossa historia, e si quizermos definir em poucas palavras o periodo, que começa com o descobrimento de Cabral e remata com a conquista do Maranhão, nem um ha tão caracteristico. Neste periodo, que se pôde chamar *transoceanico*, de nosso poncto de vista particular ou, segundo a classificação genial de Ratzel, periodo da *distribuição peripherica*, é elle que tudo domina, tudo explica e systematiza.

A partir de 1614 abre-se novo periodo, o da exploração do interior. Em S. Paulo começara mais cedo, porque a estreita restinga, que separa a cordilheira do oceano, obrigou a galga-la desde logo; no valle do Amazonas o movimento accelerara-se graças á admiravel rêde fluvial que o retalha; na Bahia a posição central do S. Francisco serve como de nucleo coordenador; as bandeiras alastram por todo o paiz; os conquistadores estendem os limites da civilização; a criação de gado alonga-se por espaços immensos.

Emfim, em 1697, descobre-se o caminho por terra entre a Bahia e o Maranhão pelo Piahy e começa a corrente curiosa, e até hoje quasi desconhecida, da população que vem do interior para o mar, corrente que liga toda a historia do Norte, e que permite apresenta-la como uma unidade. Já então ia desaparecendo o desdém pela terra e pelos mazombos. Emfim, abre-se com os primeiros annos do seculo passado o periodo das minas e rebenta verdadeira revolução psychologica. Não se precisa ler os dithyrambos enthúsiastas de Rocha Pitta, basta meditar nas paginas de André João Antonil, ou, para dizer o verdadeiro nome, João Antonio Andreoni, porque Antonil era pseudonymo, para ver o entusiasmo que a terra despertava. Basta lembrar as pequenas rusgas que havia com os reinões, a prohibição de serem vereadores aqui no Rio, as guerras contra os Emboabas em Minas Geraes, as guerras dos Mascates em Pernambuco, para medir a differença que havia deste para o periodo transoceanico, para sentir que os desdenhados não eram mais os mazombos e caboclos ¹.»

As palavras citadas são verdadeiras n'um sentido geral; mas devem ser acceitas *cum grano salis*. Era natural, sem duvida, an-

¹ *Materiaes e achégas para a Historia e Geographia do Brazil*, I, pag. XI a XIII, Rio de Janeiro, 1886.

tolhar-se aos primeiros colonos, ainda desprovidos de quaesquer commodidades e recursos, a terra como *melancholica*. O mesmo ainda hoje acontece ao immigrante que, ao chegar, se vê falho de collocação, desequilibrado deante do desconhecido.

Quantas bellas cidades européas não parecem insipidas ao viajante americano que a ellas chega, desconhecendo os prazeres e particularidades da vida local! E' o caso, notavelmente, de Londres, sempre aborrecida dos brasileiros que alli se demoram dous ou trez dias, e sempre encantadora aos que se deixam ficar por dilatados mezes e annos. Era tambem natural que o desenvolvimento progressivo da cultura, da vida civil, e do conhecimento das riquezas do paiz, fixando mais o colono ao sólo, o fizesse vêr com melhores olhos as bellezas da terra. Naturalissimo era que a população nova, oriunda dos colonisadores, quando viesse a preponderar em numero, se considerasse igual e até superior em predicados aos filhos da metropole. Estes phenomenos se deram sempre desde que o homem se lembrou de descobrir e colonizar terras. Não são peculiares ao Brasil e não podem servir de base ou poncto de partida para uma differenciação de nosso character. São em demasia genericos.

Além disso, não é de todo certo que no primeiro momento, no tempo de Anchieta, todos achassem *melancholica* a terra e tratassem-n'a com desdém. O proprio famoso jesuita cantou mais de um dithyrambo ás suas maravilhas, e o mesmo fizeram Nobrega, Cardim e Gabriel Soares. Este ultimo quasi só tem louvores para nossos recursos naturaes por toda a magnifica descripção que faz da costa brasilica, desde o Amazonas até muito além do Rio da Prata. O melhor de seus encomios deixou-os como era de ver para a Bahia, a terra de sua residencia e empreendimentos. « Atraz fica dito, escreveu elle no começo da segunda parte de seu admiravel Tratado, passando pela Bahia de Todos os Santos, que se não soffria naquelle logar tratar-se das *grandezas della*, pois não cabiam alli; o que se faria ao diante mui largamente, depois que se acabasse de correr a costa com que temos já concluido. Da qual podemos agora tratar e explicar o que se della não sabe para que venham á noticia de todos os occultos desta *illustre terra*, por *cujos merecimentos deve de ser mais estimada e reverenciada do que agora é*. . . Como El-Rei D. João III de Portugal soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, sabendo já das *grandes partes da Bahia, da fertilidade da terra, dos bons ares, maravilhosas aguas e da bondade dos mantimentos della*, ordenou¹. . . » Assim fallava

¹ *Tratado Descriptivo do Brasil em 1587*, edição do Rio de Janeiro, 1879, pag. 101.

o maior observador portuguez que pisou terras da America, em 1587, e em taes palavras muito aquem ficou do veneravel Anchieta, que, dous annos antes, no proprio escripto a que se refere Capistrano de Abreu, já tinha dicto: « Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo o anno arvore nem herva secca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedade de especies. Muitos dão bons fructos e o que lhes dá graça é que ha nelles muitos passarinhos de grande formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinões, pintasilgos, colorinos e canarios de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos, que os lindos e artificiaes de Portugal ficam muito abaixo. Ha muitas arvores de cedro, aquila, sandalos e outros paus de bom olor e varias côres e tantas differenças de folhas e flôres, que para a vista é grande recreação e pela muita variedade não se cansa de ver ¹ ». Boa terra, *algo melancholica*, essa de que se dizem tantas maravilhas e muitas e muitas mais, no proprio escripto citado, que calamos por brevidade, não escondendo que no proprio anno da chegada dos primeiros jesuitas, 1549, escrevia Nóbrega a seu mestre o dr. Navarro, fallando da cidade do Salvador:

« E' muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grandes as fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriram, são poucos os que enfermar e estes depressa se curam. A região é tão grande que, dizem, de tres partes em que se dividisse o mundo, occuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos fructos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar igualmente muito peixe e bom. Similham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas diversas feituraz, quaes nunca conheceu Plinio, nem delles deu noticia, e hervas de differentes cheiros, muitas e diversas das de Hespanha; o que bem mostra a grandeza e belleza do Creador na tamanha variedade e belleza das creaturas ². » Escusado é recorrer a Cardim. E assim, pois, por uma passagem dos velhos chronistas de *quinhentos* em desfavor da terra, citam-se vinte em prol della, e, pelo que toca aos habitantes, os jesuitas são naquelle periodo accordes em considerar os colonos portuguezes muito mais viciados do que os índios e mestiços do paiz. Na éra de *seiscentos*, por outro lado, si um

¹ *Materiaes e achegas*, I, pag. 51.

² *Materiaes e achegas*, II, pag. 63.

auctor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* e um frei Vicente do Salvador não cançam de bemdizer da terra, no que são continuados em principios de *setecentos* por Pitta e Andreoni, entre esses quatro escriptores, e contemporanea dos dous ultimos, surge a diabolica figura de Gregorio de Mattos, negação completa do fervoroso optimismo de todos elles. E' que os maiores ou menores gabos que nos mereçam a terra e seus habitadores, já o dissemos, as maiores ou menores censuras que lhes façamos, questão afinal do temperamento de quem escreve ou da feição do tempo em que se vive, não são um criterio rigoroso e completo de caracterização de nossa indole, como povo, em qualquer das esferas em que nos tenhamos exercitado.

Creemos que o problema se deixará melhor solver, si appellarmos para phenomenos mais peculiares e profundos, para factores mais energicos e efficazes.

De que se tracta? Nada menos do que definir o brasileiro, caracteriza-lo em face do portuguez, cuja lingua elle falla n'America, cuja civilização elle representa em o Novo Mundo. E' um problema de differenciação ethnica em que teem collaborado durante quatro seculos o portuguez, o indio, o africano e o clima; e tambem a influencia estrangeira, maximé franceza, durante um seculo, principalmente pela industria, pela arte, pela litteratura; e mais colonos allemães nos derradeiros quarenta ou cincoenta annos e colonos italianos nos proximos vinte annos, estes ultimos, allemães e italianos, não no paiz todo, apenas nas regiões extremas do sul. Deste immenso mestiçamento physico e moral, desta fusão de sangues e d'almas, que se não deu em parte alguma d'America tão caracteristicamente como entre nós, é que tem saído differenciado¹ o brasileiro de hoje e ha-de sair cada vez mais nitido o do futuro.

Quanto ao methodo a seguir neste escripto, ultima das quatro questões propostas, parece-nos preferivel tomar cada genero litterario, poesia, theatro, romance, eloquencia, historia, critica, e, si quizerem, philosophia, que tem muito mais com a sciencia do que com a litteratura, e dar-lhe a evolução completa nos trez seculos; parece-nos isto preferivel a dividir cada genero em phases para os ir accommodando a cada periodo litterario.

Pelo methodo proposto teremos tantas pequenas monographias quantos são os generos em litteratura; será mais facil apprehender as luctas e segredos da evolução e melhor se enchergerão os resultados obtidos.

¹ Vide, in *Historia da Litteratura Brasileira*, todos os nove capitulos do 1º livro, I vol.

E' o caminho que vamos trilhar, tanto mais quanto dos sete generos indicados apenas trez —, poesia, eloquencia e historia —, existiram nos tempos coloniaes.

Os outros quatro só em nosso seculo se desenvolveram.

II

A POESIA

Um quadro completo da poesia brasileira, em seu secular desenvolvimento, deveria ser aberto pela apreciação das graças e donaires da musa popular. Alli é que se vão prender as raizes mais profundas da esthesia patria, o que nella é verdadeiramente nacional. Ao povo, com suas tradições, com suas lendas, com suas cantigas improvisadas, com seus infantis contos da lareira, é que pertencem as notas mais intensas, porque são as que saem directamente das esperanças ou dos desalentos da raça. A natureza deste ensaio veda-nos a entrada ampla nesse templo de nossas phantasias anonymas, que, felizmente, n'outros escriptos já tivemos ensejo de descrever e admirar ¹.

Limitar-nos-hemos agora a poucas palavras. Foi no correr dos dous primeiros seculos da conquista e do povoamento que os colonos e mareantes portuguezes cantaram neste paiz os imaginosos *romances*, as saudosas *xacarás*, as doces *serranilhas*, as magoadas *trovas soltas* de seu abundante cancionero. Ao desbravar dos terrenos, ao derribar das mattas, no duro córte do pão *brasil*, e no preparo dos eitos para o plantio das cannas nas roças, negros e indios escravizados ouviram as primeiras melopéas na lingua de Camões.

No seu trabalho e nas suas festas tambem cantavam elles as toscas canções de seus repertorios selvagens. Entre os colonos houve logo desde o começo bons *linguas* das fallas indigenas e dos dialectos africanos, bem como entre os escravos das duas raças muitos foram prestes assimilando o idioma do vencedor. Nas longas noitadas dos engenhos e fazendas nas solidões brasilicas, quando nossas principaes cidades não passavam de insignificantes aldeias e as aldeias e villas não existiam ainda, a ausencia de toda a diversão, o receio das feras e dos assaltos de indios bravos, o medo de possiveis ataques de estrangeiros affeitos, forçariam o aconchego de todos em torno dos chefes e senhores

¹ Vide *Cantos Populares do Brasil, Contos Populares do Brasil e Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*, pelo auctor.

como a regra geral, e, então, comprehende-se com quanta avidéz deveriam ser ouvidas quaesquer notas festivas, cantos ou contos, que viessem acaso quebrar a monotonia e o tédio nos rusticos solares de nossos avoengos. Foi assim que iniciou-se e produziu-se a fusão das trez almas que nos formaram. E é por isso que em nossos cantos e contos populares o concurso dos trez povos é irrecusavel na lingua, nos themas, nos mythos, na contextura de todos elles.

E é por isso finalmente que na evolução secular de nosso lyrismo, porque toda a nossa poesia é, digamo-lo desde já, essencialmente lyrica, mesmo quando se mette a querer ser épica ou dramatica, nunca faltou certa tendencia popular, campestre, aldeã, especie de revivescencia das origens tradicionaes plebéas, de que elle dimanou.

E' a evolução deste lyrismo que nos importa assignalar, caracterizando-o nas fórmas capitaes que tem assumido, qual uma especie de organismo vivo, que passasse á America e nella se desenvolvesse.

Para melhor comprehensão e mais exacta intelligencia d'uma vista de conjuncto, dê-se, antes de quaesquer explicações ulteriores, uma especie de quadro synoptico de seu desenvolvimento. E' difficil tarefa, que, parece-nos, poderá ser solvida deste modo:

I. Primeira Eschola Pernambucana, representada em BENTO TEIXEIRA PINTO.

II. Primeira Eschola Bahiana, constituida por EUSEBIO DE MATTOS, BOTELHO DE OLIVEIRA, SANTA MASIA ITAPARICA, etc., e pelo typo divergente de GREGORIO DE MATTOS;

III. Eschola Mineira, personificada em BASILIO, DURÃO, CLAUDIO, ALVARENGA PEIXOTO, GONZAGA, etc;

IV. Primeira Eschola Fluminense, cujos orgãos foram SILVA ALVARENGA, SOUSA CALDAS, SÃO CARLOS, etc;

V. Eschola Romantica: primeiro momento (Segunda Eschola Fluminense), com o triumvirato inicial de MAGALHÃES, PORTO ALEGRE E GONÇALVES DIAS;

VI. Eschola Romantica: ainda primeiro momento, com os quatro divergentes —, MONIZ BARRETO (em torno ao qual se grupou a Segunda Eschola Bahiana), MACIEL MONTEIRO, JOSÉ MARIA DO AMARAL e LAURINDO RABELLO;

VII. Eschola Romantica: segundo momento (Primeira Eschola Paulista), com o triumvirato byroniano de AZEVEDO, LESSA e BERNARDO GUIMARÃES;

VIII. Eschola Romantica: terceiro momento, os epigonos de Byron, Musset e Lamartine, com JUNQUEIRA FREIRE, CASIMIRO DE

ABREU, PEDRO DE CALASANS, CONSTANTINO GOMES, AUGUSTO DE MENDONÇA, etc., e aos quaes se prende FAGUNDES VARELLA;

IX. Eschola Romantica: quarto momento, os sertanistas e cam-pesinos (Eschola Maranhense), com TRAJANO GALVÃO, GENTIL HOMEM, DIAS CARNEIRO, JOAQUIM SERRA, etc., e aos quaes se junctam FRANKLIN DORIA, BITTENCOURT SAMPAIO, JUVENAL GALENO, BRUNO SEABRA e MELLO MORAES FILHO;

X. Eschola Romantica: os dous divergentes dos momentos im-mediatemente anteriores, — JOSÉ BONIFACIO e LUIZ DELPHINO, pre-cursores do Hugoanismo condoreiro;

XI. Eschola Romantica: os trez divergentes tambem dos mo-mentos anteriormente proximos, precursores do parnasianismo, TEIXEIRA DE MELLO, MACHADO DE ASSIS e LUIZ GUIMARÃES JUNIOR;

XII. Eschola Romantica: quinto e ultimo momento (Segunda Es-chola Pernambucana), com os condoreiros a Hugo e Quinet.— TOBIAS BARRETO, CASTRO ALVES, VICTORIANO PALHARES, ELZIARIO PINTO, etc;

XIII. Reacção contra o romantismo: Eschola scientificista com SYLVIO ROMÉRO, MARTINS JUNIOR, a que se prendem TEIXEIRA DE SOUSA, J. DO PRADO, SAMPAIO LEITE, etc;

XIV Reacção contra o romantismo: Eschola realistico-social, com CELSO DE MAGALHÃES, GENERINO DOS SANTOS, SOUSA PINTO, CARVALHO JUNIOR, FONTOURA XAVIER, LUCIO DE MENDONÇA, ASSIS BRASIL, AUGUSTO DE LIMA, VALENTIM MAGALHÃES, etc., aos quaes se prende MEDEIROS E ALBUQUERQUE, sendo que a todos precedera annos antes — JOSÉ JORGE DE SIQUEIRA FILHO;

XV. Reacção contra o romantismo: os parnasianos (Segunda Eschola Paulista), com THEOPHILO DIAS, RAYMUNDO CORREA, OLAVO BILAC, ALBERTO DE OLIVEIRA, AFFONSO CELSO, aos quaes se prendem JOÃO RIBEIRO, GUIMARÃES PASSOS, RODRIGO OCTAVIO, MAGALHÃES DE AZEREDO, etc;

XVI. Reacção contra o romantismo: divergentes mais ou menos pronunciados do parnasianismo, — LUIZ MURAT, MUCIO TEIXEIRA, EMILIO DE MENEZES, JOÃO BARRETO DE MENEZES;

XVI. Reacção contra o parnasianismo: eschola symbolista e de-cadista, com os adversarios francos do systema anterior, CRUZ E SOUSA, BERNARDINO LOPES, ALPHONSUS DE GUIMARAENS, FRANCISCO MANGABEIRA, NESTOR VICTOR, etc.

* * *

Este quadro dá uma clara idéa do desenvolvimento organico da poesia nacional nos quatro seculos de nossa existencia. Faz-se mister esclarece-lo com as respectivas datas.



A chamada primitiva eschola pernambucana, cujo feito mais conhecido é a publicação da *Prosopopéa* de Bento Teixeira Pinto em 1601, costuma ser marcada desde esse anno como tendo nelle o seu inicio e vindo a acabar não se sabe quando. Entretanto, si Bento Teixeira em 1565, trinta e seis annos antes da referida publicação, já tinha prestigio bastante para ser amigo do donatario de Pernambuco, a poncto de ser seu companheiro de viagem em a não *Sancto Antonio*, é evidente que já por esse tempo deveria elle ter dado provas de seus talentos e havia de ter composto versos. Além disto, si a edição de 1601 da *Prosopopéa* era uma segunda edição, como nella se declara, é obvio que a publicação anterior fôra feita ainda dentro do seculo XVI. Em que anno teria sido? Em 1570, ou 80, ou 90? Por emquanto não se sabe, porque apenas são conhecidos exemplares da segunda edição. E, si Bento Teixeira nasceu em 1540 ou pouco depois, em 1601 deveria ter sessenta e um annos ou pouco menos, e não se concebe que só nesta idade compuzesse elle poesias. Já antes o devêra ter feito e pôde-se affirmar ser quasi certo que nas ultimas decadas de quinhentos tivesse sido elle conhecido como poeta em Pernambuco, devendo ter companheiros e imitadores. A chamada primitiva eschola pernambucana teria abrangido os ultimos decennios do seculo XVI e os primeiros do seculo XVII.

Em 1618 escrevia alli alguém os *Dialogos das grandezas do Brasil*, um dos livros mais notaveis dos tempos coloniaes.

Pelo estudo attento do texto estamos convencidos de não serem elles obra de Bento Teixeira e sim de algum intelligente colono portuguez de Pernambuco, uma especie de Gabriel Soares daquellas paragens.

A eschola bahiana do seculo XVII prolongou-se largamente pelo seculo seguinte; porquanto, si Eusebio de Mattos, seu ermão Gregorio, Bernardo Ravasco e outros viveram e morreram dentro dos limites de seiscentos, Botelho de Oliveira existiu em ambos os seculos, e Sancta Maria Itaparica e outros nasceram e falleceram durante o seculo XVIII.

A eschola mineira é toda um producto deste ultimo seculo, pelo genio e pelos principios que a dirigiram, contendo apenas raros representantes que, já velhos e cansados, prolongaram os dias até os começos do seculo XIX. Diverso é o caso da que nós chamamos a primeira eschola fluminense, cuja funcção foi exactamente unir os dous seculos, com Silva Alvarenga († 1814), Sousa Caldas († 1814) São Carlos († 1829), a que se ligam Januario Barbosa († 1846), Eloy Ottoni († 1851), Pedro Branca († 1855), frei Bastos († 1846).

Entre estes e os românticos acham-se Odorico Mendes, Firmo Silva e Dutra e Mello.

A eschola romântica teve seu primeiro periodo de 1836 em diante com os sectarios de Chateaubriand e Lamartine, sob a direcção de Domingos de Magalhães, Porto Alegre, que viveram até muito depois de 1870, e Gonçalves Dias, fallecido mais cedo em 1864, o que importa dizer que os dous primeiros chegaram a ver todo o desenvolvimento e até a morte de seu systema, e o terceiro apenas a sua melhor parte, sem presenciar-lhe o desastre final.

Entretanto, desde antes de 1836, trez homens, dous de grande talento poetico, Maciel Monteiro e José Maria do Amaral, e o terceiro de raro talento de repentista, Francisco Moniz Barreto, iniciaram-se na divina arte, sem nada dever a Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias, de quem divergem consideravelmente. E' forçoso junctar-lhes um quarto, que tem com elles, além de outros pontos de contacto, o de nada tambem dever aos alludidos chefes, Laurindo Rabello, nascido em 1820, e não em 1826, como erradamente se diz, e fallecido no mesmo anno em que o auctor dos *Primeiros Cantos* — 1864.

O segundo periodo romântico, já presentido por Francisco Octaviano, começa verdadeiramente desde 1847 ou 1848, com as primeiras notas de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães em S. Paulo, prolonga-se por bons quinze annos (1848-1863), alastra o paiz inteiro, com Junqueira Freire, Franco de Sá, Constantino Gomes, Pedro de Calasans, Casimiro de Abreu, Augusto de Mendonça, e chega a ter por ultimo representante notavel — Fagundes Varella, fallecido em 1875.

O grupo romântico seguinte desenvolve-se pelo mesmo tempo, tendo intuições diversas, representadas em — Trajano Galvão, Marques Rodrigues, Dias Carneiro, Gentil Homem, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Bittencourt Sampaio, todos já fallecidos, intuições, que chegam até Juvenal Galeno e Mello Moraes Filho, ainda vivos.

Ao lado desses dous ultimos grupos, a datar de 1853 ou 1854 o primeiro, e o outro um tanto mais tarde, apparecem os dous grandes talentos divergentes: José Bonifacio, o moço, morto em 1886, Luiz Delfino, ainda vivo, dous precusores dos condoreiros, parnasiano mais tarde o segundo. Seria possivel junctar-lhes Pedro Luiz, si este não fosse mais um declamador politico do que um poeta.

Caso parecido de divergencia é o que se dá com Teixeira de Mello e Machado de Assis, que seriam filiados no grupo em que se acham Junqueira, Casimiro e Varella, si pela correcção plastica do verso, não divergissem tanto delles.

Similhante é o caso de Luiz Guimarães Junior, que vai constituir, por identico motivo, com esses dous divergentes, o grupo dos precusores do parnasianismo. Vivos acham-se os dous primeiros, a escrever desde 1857 ou 1858, e o ultimo, morto ha pouco, escreveu versos desde 1862.

A phase seguinte, de reacção especialmente contra as sentimentalidades e devaneações a Lamartine ou a Musset, iniciou-se naquelle anno de 1862, n'um trovar mais rude em que havia já preocupações politicas, patrioticas, ou sociaes e uns tons tomados a Edgar Quinet e Victor Hugo. Tobias Barreto, Castro Alves, Victoriano Palhares e Elysiario Pinto são os quatro melhores representantes desta ultima phase organica do romantismo, que durou de 1862 a 1870.

O scientificismo desenvolveu-se de 1870 a 80. E seu principal manifesto doutrinario foi publicado por Sylvio Romero, acompanhado n'este poncto com invejavel talento por Martins Junior, Teixeira de Sousa e poucos mais, mas em Pernambuco principalmente. Ao lado se havia formado certa tendencia de coloração realista, alliada em alguns a mais ou menos fortes preocupações sociaes; isto por 1871 ou 72 em deante, personificando-se mais salientemente, ainda no Recife, em Celso de Magalhães, Generino dos Santos, Sousa Pinto e Carvalho Junior, até certo poncto precedidos por J. G. de Siqueira Filho .

Pelo mesmo tempo, mas um pouco mais tarde, equal tendencia surge em S. Paulo, com Fontoura Xavier, Lucio de Mendonça, Assis Brasil, Augusto de Lima, Valentim Magalhães, e outros, vindo a ter um *survival* em Medeiros e Albuquerque, que seguiu-lhes os passos no Rio de Janeiro.

Logo após, ou melhor de 1878 ou 79 em deante, apparece e opulenta-se o grupo dos parnasianos, para o qual se passam muitos dos sectarios dos credos anteriores, e prolonga-se sem ataques até 1890 ou 91, ou pouco depois. De então em deante surgem na liça os ultimos *novos*, actuaes e recentes, até que tambem lhes chegue a vez de envelhecerem. São os symbolistas.

Cumpre advertir que, desde o momento em que se destacaram os parnasianos, desde 1880, dous poetas muito produziram, sem se poderem dizer filiados na eschola: Luiz Murat, com um talento pessoal e forte, e Mucio Teixeira, com singular intelligencia, dexterdade e consummado *savoir faire*, e, algum tanto mais tarde, dous outros teem feito o mesmo, sem terem de ser incluidos nem entre os crentes do parnasianismo, nem entre os nephelibatas, e são Emilio de Menezes e João Barreto, filho do auctor dos *Dias e Noites*.

Convém ponderar, finalmente, em referencia a datas, que quasi todos os poetas citados em os ns. XIII, XIV, XV, XVI, e XVII de nosso quadro synoptico, que são os representantes, em numero de trinta e trez, das escholas successoras do romantismo, estão ainda vivos, tendo fallecido apenas cinco:—o chefe dos parnasianos—Theophilo Dias, o mais illustre dos symbolistas—Cruz e Sousa, e trez dos mais eminentes realistas—Celso de Magalhães, José Jorge e Carvalho Junior, e que dos trinta e quatro poetas da eschola romantica, citados em numeros anteriores, apenas seis vivem ainda—Franklin Doria, Luiz Delfino, Teixeira de Mello, Machado de Assis, Juvenal Galeno e Mello Moraes Filho.

Taes foram em perto de quatrocentos annos os principaes orgãos dessa funcção nacional que se chama a poesia.

Que feições teve ella? como se desenvolveu? que côres tomou? como tem significado que se sentiu ou se pensou nesta porção d'America? Responder a isto é o essencial num trabalho do genero deste.

* * *

A poesia no Brasil, durante os ultimos decennios do seculo XVI, inicia-se timidamente, porém imitando as fórmulas mais notaveis que já havia attingido em Portugal.

O grande poema de Camões era então a verdadeira culminancia nas letras portuguezas. O esplendido estylo dos *Lusiadas* desprendia brilhos, que chegavam até á America.

Gandavo, o mais antigo historiador dos fastos brasileiros, era amigo particular do incomparavel épico, desde o inicio uma força na evolução do Brasil espirital.

BENTO TEIXEIRA PINTO adopta a oitava rima, ao gosto camoneano, copia-lhe a maneira, chegando até a cita-lo, no fim d'uma estrophe. O tom de nosso lyrismo é então certamente acanhado; porém já revela a notavel qualidade de descrever a natureza do paiz. A *Prosopopéa* não se exquece de trazer a descripção do porto do Recife. As primeiras manifestações da musa no Brasil dão, pois, testemunho de sua admiração ante os encantos naturaes da terra. Impossivel é tomar-lhe o timbre, o emocionante tom dos primitivos accordes sem ouvi-la:

E' este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Neptuno a furia esquivã.

Entre a praia e a pedra decomposta
O estanhado elemento se deriva
Com tanta mansidão, que uma fateixa
Basta ter á fatal Argos anneixa.

Em meio desta obra alpestre e dura
Uma boca rompeu o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura
Paranámbuco de todos é chamado:
De — *Paraná* — que é mar, — *puca*, — rotura;
Feita com furia deste mar saigado,
Que, sem no derivar, commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua. . . .¹

Um trecho da heroica terra pernambucana foi, já se vê, quem mereceu as primicias da musa brasileira. E já desde aqui, repetimos, temos nascida a mais antiga e estimavel qualidade de nossa poesia: a descripção carinhosa da natureza. Era a primeira affirmação do *nacionalismo*, que nunca mais a arte patria havia de abandonar, e, ao contrario, teria de colorir e abrilhantar no decorrer dos seculos, sempre que a poesia tivesse de ser sincera consigo mesma e digna dos superiores destinos de que havia de ser a interprete querida.

Passando á Bahia, essa tendencia não se desmentiu; e as effusões dos poetas foram apenas como que a repetição rythmada das bellas paginas dos *Dialogos das grandezas do Brasil*, que, sem duvida, corriam por todas as mãos. O estylo é ainda fundamentalmente o mesmo, tendo-se á lyra dos cantores junctado, a mais, certa nota religiosa e, de vez emquando, a severa corda em que, desde então, fallam tambem em nossa alma as cruciantes dôres, as fundas magoas que soem produzir os magnos problemas do destino humano. E' por isso que a poesia em MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA canta as bellezas da *Ilha da Maré* e em FREI MANOEL DE SANTA MARIA descreve os encantos da *Ilha de Itaparica*, e, no poema *Eustachidos* — a destruição de Jerusalém, e os tormentos e horrores do inferno.

O lyrismo nacionalista é então ainda puramente descriptivo e, talvez, menos do que isso, meramente enumerativo. Botelho e Santa Maria limitam-se a enumerar os accidentes geographicos e as bellas e raras fórmas das plantas e animaes das paragens que descrevem.

O tom é ainda em essencia o mesmo que de Bento Teixeira; sente-se já certo surto lyrico que havia de ir de mais em mais cre-

¹ Edição de 1873 — Rio de Janeiro.

scendo, avolumando-se, a poncto de vir a produzir as fôrmas do genero mais perfeitas que já uma vez foram cantadas em qualquer lingua humana. Disse Botelho de Oliveira, fallando de sua ilha:

E' como a concha tosca e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa.
Erguem-se nella outeiros
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes despresando,
As presumpções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.

E passa o poeta, em tom verdadeiramente realista, a enumerar tudo que de raro em peixes, plantas, fructas se lhe antolha em sua deliciosa mansão, não se esquecendo de os comparar aos de Portugal, dando preferencia aos de sua terra ¹.

Frei Manoel de Santa Maria Itaparica é ainda mais expressivo. A descripção da ilha, de que o frade tomou o nome, é um quadro de genero em que muito, para o tempo, ha a admirar. Não fallando já no que se lê nella, no que concerne ás arvores, fructos e animaes insulanos, enumerados com maior vigor do que os de Botelho na *Ilha da Maré*, basta o quadro da pesca da balêa para dar a esse pedaço da velha poesia brasileira um cunho singularmente notavel:

Monstro do mar, gigante do profundo,
Uma torre nas ondas sossobrada,
Que, parece, em todo o ambito rotundo,
Jamais bêsta tão grande foi creada;
Os mares despedaça furibundo
Co'a barbatana ás vezes levantada;
Cujos membros teterrimos e broncos
Fazem a Thetis dar gemidos roncous.

Tanto que chega o tempo decretado,
Que este peixe do vento Austro é movido,
Estando á vista de terra já chegado,
Cujos signaes Neptuno dá ferido,
Em um porto desta ilha assignalado,
E de todo o precioso prevenido,
Estão umas lanchas leves e veleiras,
Que se fazem com remos mais ligeiras.

¹ Vide — *Florilegio da Poesia Brasileira*, de F. A. Varnhagen, 1850: I, pag. 134 e segs.

Os nautas são ethiopes robustos,
 E outros mais do sangue misturado,
 Alguns mestiços em a côr adustos,
 Cada qual pelo esforço assignado:
 Outro alli vae tambem, que sem ter sustos
 Leva o harpão da corda pendurado,
 Tambem um, que no officio a Glauco offusca,
 E para ista Brasilo se busca. . .

Impossivel é alongar a citação de tão vivo quadro, que vae num crescendo realistico até o final. Precisamos de poupar o espaço.

E, como nosso empenho é sentir apenas desde já o tom e a côr da poesia nacional em seus albores para assignalar-lhe as transformações evolutivas, não é inutil lembrar ao leitor que não deixe despercebidos os laços que prendem o trovar de frei Sancta Maria Itaparica ao dos seus predecessores citados.

Note a tendencia descriptiva por enumeração, o entusiasmo pela terra, a oitava-rima camoneana, o sabor classico do verso, ao lado de certos amaneirados dos seiscentistas, cousas todas estas, que lhe saltaráõ aos olhos, si os passar por sobre todos os versos das apenas indicadas descrições d'*A Ilha de Itaparica*, d'*A Ilha da Maré* e d'*A Prosopopéa*.

E para que, desde já, fiquem patentes certas distincções de estylo, certo vigor de tinctas da novél poesia brasileira, ainda na infancia, na bocca do frade poeta, ouça-se esta estrophe do quadro do *Inferno*:

Ardente serpe de sulfureas chammas
 Os centros gira deste alvergue humbroso,
 São as faiscas horridas escamas,
 E o fumo negro dente venenoso:
 As lavaredas das volantes flammas
 Azas compõem ao monstro tenebroso;
 Que quanto queima, despedaça e come,
 Isso mesmo alimenta, que consome¹.

Tomemos nota deste alento da fôrma e prosigamos.

Quem assim, ainda na infancia, já mostra porte tão seguro e ostenta roupagens tão vistosas, com alguns passos adeante, haveria de ser uma celeste criatura envolta em ethereas e roçagantes vestes.

Mas a poesia, como tudo que é humano, é uma filha da terra, por mais que a façamos fugir para o céu de nossos devaneios, para o azulado infinito de nossas aspirações; e, como filha da

¹ *Florilegio* cit. I, pag. 174.

terra, tem de lutar e soffrer a nosso lado, tem que gemer as nossas dôres e carpir as nossas magoas.

E posto n'estas paginas tenhamos mais que vêr a poesia do que os poetas, a arte como alguma cousa de functional de que os poetas são apenas órgãos occasionaes, não poderemos passar sem reparo o referver de paixões, odios e coleras de que GREGORIO DE MATTOS foi, na epocha que vimos passando, a expressão mais nitida.

Para bem termos a ideia do que era a Bahia na segunda metade do seculo XVII, devemos lembrar já fazer mais de seculo que se havia erigido alli o governo geral do Brasil; ter Portugal já perdido de todo as esperanças na India, e feito convergir seu esforço e interesse exclusivamente para suas conquistas d'America; haverem-se já grandemente desenvolvido o commercio, a lavoura e a riqueza. A sociedade, estimulada por governadores gananciosos, por padres e magistrados cobertos de pretenções, sedentos de riquezas, ostentava já muitas das maculas que então carcomiam a velha metropole.

O seculo XVII, apogeo do regio absolutismo, foi no mundo occidental um periodo notavelmente viciado. A capital brasileira, valhaoito de aventureiros de toda a casta, ostentava tantas mazellas quantas Lisboa.

Quasi sempre, porém, os periodos de violentas paixões são tambem epochas de notavel lavor espiritual.

A Bahia achava-se n'este estado. E basta dizer que raramente algum periodo de nossa historia contou n'um centro qualquer homens como Eusebio de Mattos, seu ermão Gregorio, Antonio Vieira, seu ermão Bernardo, Rocha Pitta, Botelho de Oliveira e trinta outros de quasi equal merecimento.

Não é só: deve-se até affirmar que nunca mais se deu equal phenomeno, porquanto na vida espiritual luso-americana não existem dous Antonios Vieiras nem dois Gregorios de Mattos. Esta singular e terrivel figura, já por nós duas vezes estudada com esmero, não pôde aqui ter mais que uma rapida, porém significativa, menção. Foi o genio satyrico mais poderoso de nossa lingua até hoje; foi o retrato de sua epocha, por elle profligada desapiedadamente; é, acima de tudo, um documento por onde se pôde reconstruir o quadro dos costumes do tempo. Grandes e pequenos, bispos, governadores, conegos, magistrados, nobres e plebêos, todos soffreram as pancadas de seu latego implacavel.

E tinha graça o iracundo censor ¹. Em meia duzia de versos pinctava uma situação comica, digna de soffrer o *fouet* da satyra.

¹ Vide *Historia da Litteratura Brasileira e Historia do Brasil pela biographia de seus heroes*.

Eis como a musa faceta bahiana já em pleno seculo XVII debicava com as parvoas desaventuras de um *pernostico* cantador de *modinhas*:

Uma grave entoação
Te cantaram, Braz Luiz.
Segundo se conta e diz
Foi *solfa* de fá *bordão*.
Pelo *compasso* da mão,
Em que a *valia* se apura;
Parecia *solfa escura*;
Pois a mão nunca parava! . . .
Nem no ar, nem no chão dava,
Sempre em cima da *figura*! . . .

A poesia lyrica neste divergente mostra os evidentes signaes que a prendem á de seus contemporaneos.

Mas a vida que, ao findar do seculo XVII e nas primeiras decadas do XVIII, já era intensa na Bahia, Recife, S. Luiz e Belém, e para sabe-lo é bastante ler as *Cartas* de Antonio Vieira, a *Cultura e Opulencia do Brasil*, de Andreoni, ou a *Historia da America Portugueza*, de Pitta, não fallando já nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, ou na *Historia do Brasil*, de Vicente do Salvador, por serem dous documentos bem mais antigos, a vida social era então tambem intensa no Rio de Janeiro e em S. Paulo, e tinha desde esse tempo irrompido pelos sertões mineiros.

E é por isso que durante a segunda metade do seculo de Voltaire e Rousseau, as cidades das Minas, nomeadamente Villa Rica, são verdadeiros fôcos intellectuaes em que a intelligencia colonial faz verdadeiros prodigios. Os nomes de Sancta Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio da Costa, Thomaz Gonzaga, Alvarenga Peixoto são ainda hoje dos mais illustres da poesia brasileira.

Pouco importa o haverem todos elles ido á velha metropole colher as luzes da cultura. Levavam n'alma os bons germens, auridos na patria, os nobres estimulos que não morrem nunca. Era isto indispensavel para que apurassem alli o ouro de lei da boa linguagem, que deveriam de volta, como milionarios, espalhar entre os patricios.

Si a mãe-patria nos reenviou polidos Gonzaga, Claudio, Basilio, os Alvarengas, nós demos-lhe feito o extraordinario e inexcedivel Vieira, a mais colossal figura de suas lettras depois de Camões. E' que na Bahia tambem havia um sanctuario da boa e eloquente linguagem, e, si os poetas mineiros muito deveram ao Reino para a formação de seu genio, não é menos certo que muito lhes entrou n'alma a grande tradição da eschola bahiana. SANCTA RITA DURÃO é

como um laço que une as duas escholas, é o traço que liga frei Sancta Maria Itaparica a Claudio, aos Alvarengas e a Gonzaga. Nem devemos esquecer ter passado este ultimo a meninice e primeira mocidade em Pernambuco e Bahia, circumstancia de grande valor no caso.

O auctor do *Caramuru*, assumpto tomado á historia bahiana, é um Sancta Maria Itaparica um pouco mais desenvolvido e accentuado.

N'elle como em Basilio, como em Claudio, como em Gonzaga, como nos dous Alvarengas, quer no fluminense (Alvarenga Peixoto), que foi viver em Minas, quer no mineiro, que veio habitar o Rio de Janeiro (Silva Alvarenga), a poesia nacional encontrou algumas de suas notas mais verdadeiras, mais eloquentes, mais profundas, mais originaes.

Ainda hoje quando sentimos saudades da divina mensageira é principalmente n'estes seis grandes mestres mortos que nos imos saciar.

E' assim que ouvimos a *ronda* phantastica das tradições chorar as magoas da gentil *Moema*:

E' fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pertendiam,
Vendo avançar-se a não na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam,
Entre as ondas com ancia furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam;
E nem tanta agua que fluctua vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

Copiosa multidão da não franceza
Corre a ver o espectáculo assombrada;
E ignorando a razão da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á não se apega ao leme.

«Barbaro, a bella diz, tigre e não homem. . .
Porem o tigre, por cruel que breme,
Acha forças amor, que emfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor, com tedio e asco. . .
Ah! que o corisco és tu. . . raio. . . penhasco!

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
 Quando eu a fé rendia ao teu engano;
 Nem me offenderas a escutar-me altivo,
 Que é favor, dado a tempo, um desengano:
 Porém deixando o coração captivo
 Com fazer-te a meus rogos sempre humano
 Fugiste-me, trahidor, e desta sorte
 Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratidão menos sentira,
 E este fado cruel doce me fôra,
 Se a meu despeito triumphar não vira
 Essa indigna, essa infame, essa traidora;
 Por serva, por escrava te seguira,
 Se não temera de chamar senhora
 A vil Paraguaçu, que sem que creia,
 Sobre ser-me inferior, é nescia e . . . feia.

Emfim, tens coração de ver-me afflicta,
 Fluctuar moribunda entre estas ondas;
 Nem o passado amor teu peito incita
 A um ai sómente, com que aos meus respondas:
 Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
 Disse vendo-o fugir, ah! não te escondas,
 Dispara sobre mim teu cruel raio. . .
 E indo a dizer mais, cae n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
 Pallida a côr, o aspecto moribundo,
 Com mão já sem vigor, soltando o leme,
 Entre as salsas espumas desce ao fundo;
 Mas na onda do mar, que irado freme,
 Tornando a apparecer desde o profundo:
 «Ah! Diogo cruel!» Disse com magua,
 E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymfas bellas,
 Que nadando a Moema acompanhavam;
 E vendo que sem dôr navegam dellas,
 A' branca praia com furor tornaram:
 Nem póde o claro Heróe sem pena vel-as,
 Com tantas provas que de amor lhe davam;
 Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
 Sem que ou amante chore, ou grato gema.

A evolução é patente: a velha poesia brasileira, dos seculos XVI, XVII e XVIII, de Pernambuco e Bahia, os dous grandes centros espirituaes d'onde a vida mental irradiou por todo o norte, e tambem pelo sul do Brasil, passando pelo Rio de Janeiro e São

Paulo, a velha poesia brasileira, quando veio a florescer nos sertões mineiros na segunda metade do século passado, não desmentia a sua origem. Vibrava ainda as primitivas cordas da descrição das paisagens americanas; sabia achar accordes para as dôres e esperanças nacionaes e não era muda deante dos problemas humanos. Mas que esplendida floração! que harmonioso desenvolvimento! Não é só a natureza exterior que falla á imaginativa dos poetas; o homem tambem começa a captiva-la; as varias raças e classes da população despertam-lhe sympathias. O interior das almas começa a ser perscrutado.

A fórma tem-se enriquecido; a metrica é mais variada, mais flexivel, mais ductil; o estylo tem-se tornado mais firme, mais brilhante, mais cheio de plasticidade. Tudo isto, porque o pensamento é mais amplo, mais consciente, mais profundo. Em BASILIO DA GAMA, em Peixoto, principalmente em Gonzaga e Claudio, a psychologia dos sentimentos já tem o que estudar e definir.

A alma do branco, do conquistador não é a unica que se julga capaz de nobres acções; a do selvagem é tirada do esquecimento e mostrada a toda a luz. E' por isso que ainda hoje a bella e triste *Lindoya* continúa a ser uma das mais encantadoras filhas da phantasia de nossos poetas, um mixto de amor e saudade que brilha na galeria de nossos typos ideaes.

O scenario é digno da heroina e impõe-se á admiração:

Entram enfim na mais remota e interna
 Parte do antigo bosque, escuro e negro,
 Onde ao pé de uma lapa cavernosa
 Cobre uma rouca fonte, que murmura,
 Curya latada de jasmims e rosas.
 Este logar delicioso e triste,
 Cançada de viver, tinha escolhido
 Para morrer a misera Lindoya.
 Lá reclinada, como que dormia,
 Na branda relva e nas mimosas flôres,
 Tinha a face na mão, e a mão no tronco
 De um funebre cypreste, que espalhava
 Melancolica sombra. Mais de perto
 Descobrem que se enrola no seu corpo
 Verde serpente, e lhe passeia e cinge
 Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
 Fogem de a vêr assim, sobresaltados,
 E param cheios de temor ao longe;
 E nem se atrevem a chama-la e temem
 Que desperte assustada e irrite o monstro,
 E fuja e apresse no fugir a morte.
 Porém o dextro Caitutú, que treme
 Do perigo da erman, sem mais demora

Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpe na testa, e a bocca e os dentes
Deixa cravados no vizinho tronco.
Acoita o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cypreste e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado ermão, que ao desperta-la
Conhece, com que dôr! no frio rosto
Os signaes do veneno e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos em que amor reinara um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos échos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na tésta da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não-sei-que de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

Bellissimo surto poetico, mais lyrico do que épico, posto seja uma folha arrancada a um poema heroico! E' que, desde os tempos de Basilio, nossa indole de meridionaes e mestiços ia mais e mais seleccionando como a fórma esthetica, que melhor nos quadra, o lyrisimo. E, d'então até hoje, os maiores lyricos da lingua nos pertencem.

Como entre todos os povos jovens, ou em via de formação, o lyrisimo brasileiro é quasi sempre meramente descriptivo, por vezes contemplativo, e quasi nunca se eleva á pinctura de situações characteristics da vida, d'alma humana nos dolorosos transes da existencia. Assim como a evolução suprema do drama, da comedia e do romance é a pinctura completa, por vezes terrivel, dos characteres, créando os typos immortaes da vasta galeria das paixões, tambem o desenvolvimento completo da lyrica é o desenho exacto das situações do espirito.

Não basta descrever a paizagem, ou exhalar admirações ou queixumes deante dos phenomenos humanos; é preciso ir até aos

recessos do coração e de lá trazer a photographia exacta das crises d'alma individual ou collectiva.

E' por isso que o *Sino*, de Schiller, o *Cantor*, de Goethe, a *Filha da Albergueira*, de Uhland, são typos magistraes do eterno lyrismo de todos os tempos.

Na eschola mineira não tinha a musa nacional chegado plenamente áquelle apuro; mas ainda assim já se nos antolham alli profundas expressões d'uma poesia exemplar.

Pelos labios de CLAUDIO DA COSTA eis como o genero dedilha as cordas do coração:

Não se passa, meu bem, na noite e dia
Uma hora só que a misera lembrança
Te não tenha presente na mudança
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,
Com que mais me atormenta e mais me cansa. . .
Pois, se tão longe estou de uma esperança,
Que allivio pôde dar-me esta porfia?

Tyranno foi commigo o fado ingrato
Que crendo, em te roubar, pouca victoria,
Me deixou para sempre o teu retrato. . .

Eu me alegrara da passada gloria,
Se, quando me faltou teu doce trato,
Me faltara tambem delle a memoria!

Em muitas outras notas, como esta, pela bocca do immaculado *inconfidente*, a alma dolorida da poesia brasileira exhalou-se repetidas vezes. A evolução se accentuava cada vez mais; não era só o velho Claudio que sentia o *est Deus in nobis*; outros recebiam eguaes favores, e as *lacrymae rerum* eram choradas por outros olhos.

O genio altivo de ALVARENGA PEIXOTO tinha ás vezes palavras destas:

Não cedas, coração; pois nesta empreza
O brio só domina; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Já não podes amar sem vil baixaza.

Rompa-se o forte laço, que é fraqueza
Ceder a amor, o brio deslustrando:
Vença-te o brio, pelo amor cortando,
Que é honra, que é valor, que é fortaleza.

Foge de vêr Alléa; mas se a vires
 Por que não venhas, outra vez a ama-la,
 Apaga o fogo, assim que a presentires.

E se inda assim o teu valor se abala,
 Não lh'o mostres o rosto; oh! não suspires!
 Calado geme, soffre, morre, estala!

Mas onde este outro *inconfidente* foi verdadeiramente admiravel, pela intuição nitida de nossa situação em fins do seculo XVIII, foi no afamado *Canto Genethliaco*, dirigido ao filho de D. Rodrigo de Menezes, governador de Minas, nascido no Brasil. Alli, como já uma vez dissemos, comprehendeu elle a posição ethnica dos brasileiros e viu claro o nosso futuro, tendo, demais, um brado de alento para os miseros escravos. O *Canto Genethliaco* é uma como revelação; n'elle está o poeta com todos os seus enthusiasmos e todas as suas esperanças. Contrapõe a Portugal o Brasil rude, é certo, mas rico e cheio de porvir; n'aquelles versos o sentimento é real, o espirito brasileiro os alenta, affirmando nossas prerogativas. Que firmeza de tons, que lyrismo espontaneo nas largas fôrmas d'estas estrophes! . . . Ouçam:

Esses partidos morros escavados,
 Que enchem de horror a vista delicada,
 Em soberbos palacios levantados
 Desde os primeiros annos empregada,
 Negros e extensos bosques tão fechados,
 Que até ao mesmo sol negam a entrada,
 E do agreste paiz habitadores
 Barbaros homens de diversas côres;

Isto, que Europa barbaria chama,
 Do seio de delicias tão diverso,
 Quão differente é para quem ama
 Os ternos laços de seu patrio berço!
 O pastor louro, que meu peito inflamma,
 Dará novos alentos a meu verso,
 Para mostrar de nosso heróe na bocca
 Como em grandezas tanto horror se troca.

Aquellas serras, na apparencia feias,
 Dirás, por certo, oh! quanto são formosas!
 Ellas conservam nas occultas veias
 A força das potencias magestosas;
 Têm as ricas entranhas todas cheias
 De prata, ouro e pedras preciosas;
 Aquellas brutas, escavadas serras
 Fazem as pazes, dão calôr ás guerras.

Aquelles morros negros e fechados,
 Que occupam quasi a região dos ares,
 São os que em edificios respeitadros
 Repartem raios pelos crespos mares.
 Os corynthios palacios levantados,
 Dos ricos templos jonicos altares,
 São obras feitas desses lenhos duros,
 Filhos destes sertões, feios e escuros.

A c'roa d'ouro, que na testa brilha,
 E o sceptro, que empunha na mão justa
 Do augusto José a heroica filha,
 Nossa rainha soberana augusta,
 E Lisboa de Europa maravilha,
 Cuja riqueza a todo mundo assusta,
 Estas terras a fazem respeitada,
 Barbara terra, mas abençoada! . . .

Esses homens, de varios accidentes,
 Pardos, pretos, tinctos e tostados,
 São os escravos duros e valentes,
 Aos penoscs serviços costumados:
 Elles mudam aos rios as correntes,
 Rasgam as serras, tendo sempre armados
 Da pesada alavanca e duro malho
 Os fortes braços feitos ao trabalho.

Houve, no seculo XIX, um momento em que a poesia tornou-se tribunicia, vestiu a blusa do operariado e verberou os abusos dos reis, estygmatisou os soffrimentos do povo tecendo hymnos ás esperanças das desprotegidas classes sociaes.

Não haverá uma illusão da critica, si ella notar nas bellas oitavas que acabam de ser ouvidas alguma cousa que é um sentimento de tão expressivos ardores humanos e patrioticos. Podemos avançar ser isso a verdade; e bem claro se terá visto como se foi encordoando a lyra de nossa poesia. A' corda da descripção naturalista, junctou-se a religiosa e mais a satyrica e mais a pessoal e subjectiva e mais a patriotica e humanitaria. Temos já a gamma completa, faltando ainda, por certo, a dexte-ridade quasi perfeita da execução e a originalidade e profundeza quasi inexcedíveis dos tons. E' o que só ha de vir com o tempo, a pouco e pouco, em o decorrer do seculo que vai das *Lyras* de um T. ANTÔNIO GONZAGA (1792) aos *Broqueis* de um Cruz e Souza (1893).

O desditoso amante de *Marilia*, o magoado *Dirceu*, ainda estava no Brasil, d'onde saíu degredado para as Pedras de

Angoche, em Africa, em fins de Setembro de 1793, quando em Lisboa apparecia a primeira edição das *Lyras*, no anno anterior.

Apezar da gloria que o celebrizou desde logo, não deixou de ser condemnado, como envolvido na *Inconfidencia mineira*, e de amargar os dias em Africa até 1809.

Neste inconfidente a poesia affirmou-se como alguma cousa de sonoro e cantante que caía na alma emocionada do povo. Depois dos *Lusiadas* de Camões nenhum livro tem sido mais amado por nós do que a *Marilia de Dirceu*. E com razão. E' que alli estão muitas das notas mais sinceramente sentidas que já uma vez foram moduladas em lingua portugueza ¹.

O lyrismo pessoal e intimo, si não chega ás maiores profundezas do genero, é doce e acariciante, cheio de donaires e finezas, e, sobretudo, ternamente magoado. Eis como a lyra então falla a linguagem selecta dos apaixonados :

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta ;
Julgou o justo céu que não convinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah ! minha bella, se a fortuna volta,
Se o bem que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces,
Te juro renascer um homem novo ;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no céu a Jove e a ti na terra. . .

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas e com cêstos os peixinhos :
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos ;

¹ Por que não sejam Varnhagen, Innocencio e Norberto completos no que dizem das edições da *Marilia*, aqui damos a seguinte nota que, devemos ao sr. dr. J. Alexandre Teixeira de Mello, illustrado director da Bibliotheca Nacional: As *Lyras de Dirceu* foram impressas pela primeira vez em 1792 (Lisboa, Typ. *Nunesiana*) e depois em 1800. (Lisboa Off. de *Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões*) e foram successivamente reimpressas, ora uma de suas partes, ora duas, ora as trez em 1802 (Lisboa Typ. *Nunesiana*) ; em 1804 (Ibi. Typ. *Lacerdina*) , em 1810 (Rio de Janeiro *Impressão Régia*) ; em 1811 (Lisboa Typ. *Lacerdina*) ; em 1812 (Lisboa *Imprensa Régia*) ; em 1813 (Bahia, Typ. *Viuva Serra*) ; em 1819 (Lisboa, Typ. *Lacerdina*) ; em 1820 (Ibi., idem) ; 1824 (Ibi, Typ. de *J. F. M. de Campos*) ; em 1824 e 1825 (Ibi Typ. de *João Nunes Esteves*) ; em 1827 (Ibi Typ. *Rollandina* e na *Imprensa Régia*) ; em 1827 (Ibi, Typ. de *João Nunes Esteves*) ; em 1833 (Ibi, Typ. do mesmo *J. N. Esteves*) ; em 1835 (Bahia, Typ. do *Diario*) ; em 1840 (Lisboa Typ. *Rollandiana*) ; em 1842 (Recife, Typ. de *Santos & C.*) ; e tambem no Rio de Janeiro (Typ. de *J. J. Barroso & C.*) ; em 1845 (Rio de Janeiro, Typ. de *E. & H. Laemmerl*) ; em 1850 (Bahia, Typ. de *Carlos Poggelli*) ; em 1855 (Rio de Janeiro, Typ. *Commercial de Soares & C.*) ; em 1862 (Paris, *Simon B. L. Garnier, Raçon & C.*)

Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio — honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira;
Entre as falsas historias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira;
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,
Ainda o rosto banharei de pranto. . .

A poesia em Gonzaga teve, além de suavíssimas notas lyricas, de character pessoal e psychologico, bellos surtos descriptivos e realistas da natureza e da sociedade.

Nos versos citados, como em todos os da *Marilia*, ha um caracteristico tom de affago, de brandura, de meiguice, sem affectação, sempre real, verdadeiro, capaz, só por si, de dar a medida do caminho percorrido pelo espirito brasileiro, no terreno da arte, durante trez seculos.

A passagem de Gonzaga para SILVA ALVARENGA é naturalissima. Um teve sua *Marilia* e outro a sua *Glaura*; ambos poetas lyricos, e ambos amantes apaixonados; ambos contemporaneos e amigos. Silva Alvarenga serve para plenamente mostrar a transição da poesia mineira para o Rio de Janeiro e do seculo XVIII para o XIX. O poeta veio fixar-se, depois de formado, na capital da colonia, onde dedicou-se á advocacia e ao magisterio, e onde falleceu em 1814. Ainda aqui, na éra de 1863, conhecemos alguns velhos que tinham sido discipulos do notabilissimo cantor de *Glaura*. O livro de madrigaes e rondós d'esse extraordinario poeta, que consideramos o maior dos tempos coloniaes, appareceu em 1801. Abriu-se assim brilhantemente na poesia o seculo XIX no Brasil. O livro de *Glaura*, como fôrma e brilhantismo de estylo, é superior ao de *Marilia*. A poesia foi diferente nos dous cultores; em Silva Alvarenga, *mestiço* em regra, ella foi acima de tudo a arte da palavra, da fôrma sonora, do rythmo musical. Temperamento meridional, amigo dos tropos cadenciados, deliciava-se nas cambiantes dos sons, no susurro das rimas. As delicadezas da arte chegavam a este poeta principalmente pelo ouvido; a natureza era para elle um marulho languido, perdendo-se longe, bem longe, no infinito.

Gonzaga era o poeta das imagens exteriores, das fôrmas opulentas, dos quadros deslumbrantes: a poesia vinha-lhe principalmente pela vista. Em Alvarenga ha sempre os gemidos, os marulhos da lympha, os susurros das folhas e das brisas, os sons da lyra, o canto das aves; em Gonzaga vêm as flores, os

mares, as nuvens, as estrellas, as auroras, e tudo isto ainda é pouco para fornecer as côres com que o poeta possa retratar a sua amada.

Ha, por outro lado, na poesia de Silva Alvarenga mais talvez do que na de Gonzaga, pronunciado brasileiro, e é um brasileiro não consistente em descrições, como já o tinham feito outros, do homem americano, o selvagem, o caboclo; sim um brasileiro, que se prazia, como o primitivo, em apreciar o torrão patrio.

D'ahi a côr natural de seus quadros, que se passam de ordinario entre as mangueiras, os cajueiros, os coqueiros, os passaros, os beija-flôres, nas bellas tardes americanas, aos reflexos rutilantes do sol tropical.

E esses quadros naturaes servem apenas de moldura a uma poesia subjectiva, intima, pessoal, auto-psychologica, qual a que teriamos de vêr entre as gerações de romanticos, quer europeos, quer brasileiros, a datar de 1820 a 1870.

Ouçamos-lhe algumas notas para bem sabermos em que altura nos achamos e nortearmos bem a nossa rôta. Eis uma:

Se eu conseguisse um dia ser mudado
Em verde beija-flôr, oh que ventura!
Desprezara a ternura
Das bellas flôres no risonho prado.
Alegre e namorado,
Me verias, oh Glaura, em novos giros,
Exhalar mil suspiros;
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

E' bello isto; mas eis o que talvez seja mais bello:

Não desprezes, oh Glaura, entre estas flores,
Com que os prados matiza a bella Flora,
O jambo que os amores
Colherão ao surgir a branca aurora.
A dryade suspira, geme e chora
Afflicta e desgraçada.

Ella foi despojada... os ais lhe escuto. . .
Verás neste tributo,
Que por sorte feliz nasceu primeiro,
Ou fructo que roubou da rosa o cheiro,
Ou roza transformada em doce fructo.

Alvarenga Peixoto, a datar de 1777, anno em que se fixou no Rio de Janeiro, naturalmente se constituiu o centro em

torno ao qual se haviam de mover os espiritos intelligentes, que abrilhantaram a velha capital dos vice-reis durante as duas ultimas decadas do seculo passado e as duas primeiras do seculo prestes a findar. Sousa Caldas, S. Carlos, Sampaio, Rodovalho, Mariano J. Pereira da Fonseca, Januario da Cunha Barbosa, monsenhor Pizarro e Araujo, padre Luiz Gonçaves dos Santos, monsenhor Netto, padre José Mauricio e o proprio Mont'Alverne, que já tinha trinta annos quando Alvarenga falleceu, são desse numero. A poesia n'esse meio, a que se vieram junctar pouco mais tarde Villela Barbosa e Bonifacio de Andrada, era certamente a velha poesia da phase classica, a delicada filha do Renascimento, a dilecta discipula do humanismo, porem rejuvenescida ao sol d'America. A quem sabe lêr com amor e sentir com abundancia d'alma a poesia em algumas paginas escolhidas de Claudio, de Peixoto, de Gonzaga, de Silva Alvarenga, de Durão, de Basilio da Gama, de Sousa Caldas, e ás quaes não fôra talvez exaggerado junctar umas poucas de Natividade Saldanha e do vigario Ferreira Barreto, de Pernambuco, n'esse tempo, e de frei Bastos Baraúna, da Bahia na mesma época, e de Tenreiro Aranha, no Pará, em egual periodo, a quem, sabe lêr com amor e sentir com abundancia d'alma a poesia em algumas paginas selectas d'estes escriptores mostra já todas as intuições capitaes que vieram a ser pelos romantics transformadas em systemas com tendencias exclusivistas e dadas por novidades originaes de sua doutrina. A quem só sabe encherger na litteratura brasileira e na das Americas em geral méras copias das lettras européas, de fórma a não ser cada periodo novo o desenvolvimento natural do antecedente, e sim apenas a cópia servil d'alguma phase correlativa do pensamento d'alem Atlantico, a evolução de nossa poesia, como a de qualquer outra manifestação de nossa energia espiritual, torna-se um enigma insolúvel. Mas este systema deprimente é felizmente absurdo e não tem o apoio dos factos. As quatro ou cinco ou, si quizerem, seis notas capitaes do romantismo brasileiro não são mais do que o desenvolvimento natural e evolutivo de intuições já existentes no seio do velho lyrismo dos nossos classicos. Vejamos essas cinco ou seis notas tonicis e indiquemos a evolução. O nosso romantismo, logo no seu primeiro momento, mostrou trez colorações principaes, que se transformaram em trez systemas, em trez escholas: tendencia *religiosa* ou *crente*, tendencia *indiana* ou *americanista*, tendencia *campestre* ou *costumeira*; a primeira predominou em Magalhães, principalmente nos seus *Suspiros Poeticos e Saudades*, nos seus *Mysterios e Cantos Funebres*; a segunda em Gonçaves Dias, em alguns

de seus *Cantos* e nos *Tymbiras*; a terceira em Porto Alegre em varias de suas *Brasilianas*.

Ora, quem desconhecerá a origem da primeira na velha intuição religiosa, já tão vibrante em Eusebio de Mattos, em Sancta Maria Itaparica, o cantor de *Santo Eustachio*, e chegada ao apogéo em Sousa Caldas, nas suas poesias originaes, além da bella traducção dos *Psalmos*, e em frei S. Carlos, no poema á *Assumpção da Virgem*?

Para que desprezar as influencias naturaes de casa e sonhar apenas com estímulos extranhos?

Não é só: a intuição *indianista*, *americana*, *indigena*, ou como a queiram chamar, que teve em Gonçalves Dias apenas sua especial perfeição, vinha ininterruptamente de Basilio da Gama, de Sancta Rita Durão e dos poetas menores que lhes succederam até os tempos do primeiro reinado e da regencia, bastando citar, entre outros exemplos, a famosa nenia *Nietheroy*, de Firmino Rodrigues Silva. A terceira, conjunctamente ou na sua dupla face descriptiva das scenas da *natureza* e descriptiva dos *costumes populares*, nomeadamente os costumes pittorescos dos camponios, dos aldeões e das classes plebéas, ou separadamente numa ou noutra destas duas tendencias, é nossa velha conhecida em paginas de Botelho de Oliveira, de Sancta Maria Itaparica, de Claudio, de Silva Alvarenga, de Alvarenga Peixoto, de Gonzaga e até de S. Carlos e, em sentido muito geral, do proprio Bento Teixeira Pinto. Ainda mais: o romantismo, em sua segunda phase, quando entrou a gemer e a lamuriar, em uma palavra, quando arvorou a *melancholia* em deusa predominante da poesia, não tem grande penetração historica, falta-lhe o senso da intuição dos tempos, si, principalmente em Silva Alvarenga, Thomaz Gonzaga e sobretudo em Claudio, não se lhe depararem paginas, que poderiam ser assignadas pelos seus mais lamartinianos ou byronianos poetas. E ainda mais: a nota *patriotica* e a *social*, que vieram, na eschola condoreira, a fechar a epocha romantica, andam, em ambas as suas manifestações, esparsas em toda a velha poesia classica, bastando lembrar, de Silva Alvarenga, o mestiço genial, as odes: a *Affonso de Albuquerque*, *A Mocidade Portuguesa* e o poemeto *As Artes*, e d'outro mestiço de grande talento os hymnos que dedicou a cada um dos herões da guerra hollandeza, o pernambucano Natividade Saldanha.

Dest'arte comprehende-se o andar normal dos factos e a poesia, bem como a arte e a litteratura em geral, perde aquelle character forasteiro e adventicio, para assumir as feições de uma funcção que se desenvolve por selecção natural, por hereditarie-

dade e adaptação a novos meios. Não é isto desconhecer a acção da influencia européa, nem amesquinhar o valor do romantismo e dos systemas que o substituíram.

Bem ao contrario. A vida espiritual no Brasil começou por importação do Velho Mundo; mas esta implantação não se fez apenas a datar do romantismo. Tinha-se feito trez seculos antes, de fórma que, ao iniciar-se a romantica, já encontrou entre nós todos aquelles germens de que ella propria teria de brotar nas terras transatlanticas, e, assim veio a ser, antes e acima de tudo, um broto espontaneo de antigos troncos, além de ser tambem estimulada pelas influencias européas.

Por outros termos: nossa terra é, ha trez seculos a esta parte, uma partcipe da cultura occidental, onde, portanto, estão depositadas todas as forças e energias que a constituem. A evolução vai-se, pois, fazendo aqui e além com os mesmos elementos e sob identicos principios. Póde a Europa ir adeante em certos assumptos; porém n'outros não é de extranhar que lhe tomem o passo a America ou a Australia, ou até a Africa e a propria Asia, quando tambem estas acabarem por se constituir em nações de typo europêo. E' o destino do mundo e elle se ha de cumprir.

Mas apreciemos a evolução do romantismo, indicando as transformações da poesia ¹.

Não é este o logar mais proprio para ainda uma vez discutir a indole e a natureza da famosa evolução litteraria e artistica, que, sob o nome de romantismo, encheu quasi toda a vida espiritual do seculo XIX.

Indicadas as phases principaes que atravessou em nosso paiz, como se lê nas linhas acima e mais indeviduadamente no quadro synoptico deixado paginas atraz, lembrados o como e o porque se prendem todas as suas escholas a germens existentes na litteratura colonial, resta-nos caracterizar os seus principaes representantes. Taes characteristics não podem deixar de ser traços rapidissimos, o mais das vezes simples notações, apenas esboçadas.

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811 — 1882), pelo que diz respeito á fórma, ao estylo, ás roupagens da poesia, por certo nada adeantou aos escriptores das ultimas decadas do seculo passado. Ha inquestionavelmente mais mimos de fórma, mais bellezas naturaes e espontaneas nos versos de Gonzaga, de Claudio

¹ Sobre o significado da revolução romantica e analyse das diversas theorias que têm apparecido a esse respeito, veja-se *Historia da Litteratura Brasileira*, livro IV, capitulo I, pag. 683 a 691. Sobre as relações do nosso romantismo com a litteratura colonial, vejam-se *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea*, pag. 300.

e de Silva Alvarenga do que nos do auctor dos *Suspiros Poeticos*.

A esthetica de Magalhães leva, porém, vantagem aos seus predecessores na variedade, grandeza e solennidade dos assumptos. Vê-se bem que o poeta, tendo feito viagem ao velho mundo e estudado a litteratura européa, deixou-se impressionar por grandes factos e grandes scenas do antigo mundo. Seu espirito reflexivo procurou conscientemente agir na reforma da poesia, na criação do theatro e no estudo da philosophia entre nós.

Tal o intuito dos *Suspiros Poeticos*, de *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição* e dos *Factos do Espirito Humano*.

Si a poesia em Magalhães não possui a graciosidade, a delicadeza de tons, os mil segredos acariciantes da fôrma; si não nos dá em notas inolvidaveis nem paizagem, nem o viver intimo das almas, não importa isto negar-lhe certo vigor nos bons momentos. Eis como a musa n'elle falla de Napoleão, perdido na sua ultima batalha:

Sim, aqui estava o genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos d'aguia!
O infernal retintim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibillo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões; e, nem ousando
Toca-lo, ao seu ginete os pés lambiam. . .

A lyrica, em um poeta como o auctor dos *Suspiros*, de *Urania* e dos *Cantos Funebres*, tem sempre certa envergadura philosophica, expressão de um espirito pensador. O amor n'uma alma dessas é uma especie de emanação das forças eternas que regem o universo. A sua amada desce-lhe do seio do infinito:

Alto saber proclama a Natureza,
Proclama alto poder
D'aquella Eterna Fonte de belleza
Que brilha em todo ser.

E quanto a vasta immensidade encerra
O louva sem cessar;
O dia, a noite, o céo, o mar, a terra
O hão de sempre amar.

E por tudo que eu via o adorava,
 Que Elle tudo criou ;
 Mas, por mais um prodigio eu esperava ;
 E um Anjo a mim baixou .

Um Anjo pareceu-me que descia
 Da celica mansão,
 Tanto seu divo aspecto me infundia
 Amor e devoção .

Nunca tão pulchra, em todo o firmamento,
 Estrella reluziu ;
 Nunca tão bella, sobre o salso argento,
 Aurora resurgiu !

Nunca em visão poetica arroubado
 Delicia igual senti,
 Como nesse momento afortunado
 Em que seu rosto vi .

Absorto vi seu rosto peregrino,
 E o seu rosto era o teu !
 Sim, era o teu ! E que outro mais divino
 Me mostraria o céu? . . .

Vê-se, em todo caso, que as boas tradições do seculo anterior foram conservadas em Magalhães nos felizes momentos.

Em MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE (1806 — 1879) o mesmo se deu, isto é, teve pulso bastante para não desmentir a lei da evolução.

O lyrismo n'elle, si não é um progresso sobre o da eschola mineira, não mostra signaes de retrocesso; si não ostenta mui pronunciados mimos, delicadezas, doçuras de fórma, em compensação está cheio de grandes quadros, bellas pinturas da natureza que dão claros signaes de sua alma energica e vigorosa.

Nas *Brasilianas* não existem amostras de poesia pessoal, intima, psychologica; tudo são scenas do mundo exterior ou da historia da humanidade. Si Magalhães pôde ser considerado uma especie de precursor entre nós da poesia scientifica, Porto-Alegre é um antecipador da poesia historica, a poesia que se praz na apreciação dos varios cyclos das luctas da civilização. Neste sentido é caracteristico o poemeto escripto em 1835, o *Canto sobre as ruinas de Cumas*, denominado *A Voz da Natureza*. E' alguma cousa que lembra os pequenos poemas da *Lenda dos Seculos* de V. Hugo, mas muito anterior. A musa falla pela voz do *Horizonte*, do *Circeum*, de *Gaeta*, do *Oceano*, de *Tuberão*, de uma

Columna Dorica, de um *Rouxinol*, de *Pontia*, de *Pandataria*, do *Amphitheatro*, de *Pithecusa*, de *Rochyta*, de *Caprez*, do *Visuvio*, etc. E' como o entoar de um côro immenso em que cantam as dôres e as saudades de todos. Diz uma das vozes :

Toca a hora : silencio ! A hora sôa
 Em que o globo inflammado,
 Que o dia á terra mostra,
 Do ethereo oceano ao fundo rola,
 E das celestes vagas já levanta
 As gotas luminosas que borrifam
 O vasto firmamento.
 Salve, estrellante noite,
 Que do berço da aurora resurgindo
 De um manto adamantino te apavonas
 Nas ceruleas campinas !
 Vagai na immensidade, ardentes cirios,
 Que só a immensidade ora me encanta,
 Mesquinha á mente a terra me parece.
 Mysticos sonhos, celica harmonia,
 Adejai vossas azas,
 Resoai no infinito ;
 Sombras de amor, passai, passai ligeiras,
 Dançai e repeti em muda lingua
 O nome que idolatro.

A poesia em Porto Alegre tem duas notas capitaes: uma lhe era ministrada por certa intuição pantheista que transuda de toda essa bella symphonia *A Voz da Natureza*, e tambem se evola de muitas das melhores paginas do *Colombo*; a outra era originada de scenas da paizagem brasileira. Deste ultimo cunho são a *Destruição das Florestas*, o *Corcovado*, o *Harpoador*. No seu *brasileirismo* entrou mais, muito mais, o sólo, a terra, do que o homem. Este raramente appareceu, e o poeta, por isto, é ainda um genuino continuador da poesia classica do seculo antecedente. Mas, em sentido geral, elle é o precursor, si não o fundador, da eschola sertanista e campezina de nossa poesia, porque della teve o presentimento, sem que a levasse plenamente a effeito.

Tinha de caber a ANTONIO GONÇALVES DIAS (1823 — 1864) a função de preencher as lacunas dos dous mestres anteriores do romantismo. Neste extraordinario mestiço todas as cordas da lyra vibraram unisonas. Fundo e fôrma, a natureza e o homem, vida civilizada e vida selvagem, scenas das cidades e scenas da roça, tudo, tudo se apurou e refulgiu, passando pela voz desse vate insigne.

Tem-se dicto que elle foi pura e simplesmente o cantor dos selvagens, o poeta dos *indios*. E' certo que o que se veio a chamar o *indianismo* fôra, em tempo, o momento capital de seu poetar, ou, pelo menos, foi por essa face que elle mais impressionou os contemporaneos. Mas a verdade é que sua palheta era muito mais variada em tintas; o simples *indianismo* era por si só incapaz de explicar um character tão complexo, como foi o poeta d'*O Gigante de Pedra*, o dramata de *Leonor de Mendonça*. Este sim, fez avançar e muito a herança recebida dos proto-romanticos da eschola mineira. Apreciemos a poesia nelle em rapida silhouete.

O auctor de *Marabá*, da *Mãe d'agua*, do *Leito de folhas verdes*, do *Gigante de Pedra*, do *Y Juca-Pirama*, dos *Tymbiras*, que é tambem o auctor das *Sextilhas de Frei Antão*, isto é, o auctor do que existe de mais nacional e do que ha de mais portuguez em nossa litteratura, já o temos dicto mais de uma vez, é um dos mais nitidos exemplares do povo, do genuino povo brasileiro. E' o typo do mestiço physico e moral, encarnação completa do character patrio. Gonçalves Dias era filho de portuguez e mameluca, o que vale dizer que descendia das trez raças que constituiram a população nacional e representava-lhes as principaes tendencias. Aos africanos deveu aquella expansibilidade de que era dotado, aquella ponta de alegria que não o deixou jámais e que especialmente se nota em suas cartas. Aos índios, as melancholias subitas, a resignação, a passividade com que supportava os factos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor delles. Aos portuguezes, o bom senso, a nitidez e clareza das ideas, a religiosidade que nunca o abandonou, a energia da vontade, as precauções phantasistas, um certo idealismo indefinido, impalpavel. Junctae a tudo isto fortes impressões de luz e de côres, de vida e de movimento, fornecidas pela natureza tropical, que se expande pela região em fôra que vai de Caxias a S. Luiz; junctae ainda as scenas maritimas da primeira viagem a Portugal; não esqueçais os quadros da natureza e da vida provinciana no velho reino, e nem tão pouco os panoramas indescriptiveis do Rio de Janeiro e região circumvizinha; trazei a esse concurso de factos e circumstancias as leituras dos poetas antigos e modernos, o estudo das chronicas coloniaes, e tereis os elementos predominantes e constitutivos do talento artistico desse valente e mimoso lyrista.

Os chefes do romantismo portuguez, nos ultimos annos (1843 — 1845) passados pelo escriptor maranhense em Coimbra, já tinham publicado suas obras principaes, e a evolução da poesia entre os

epigonos, havia attingido a phase do sentimentalismo affectado e esterilizante.

O nosso poeta, já de si bastante melancholico, aprendeu aquella maneira e deixou-se eivar da molestia geral. O sentimentalismo é, dest'arte, uma das notas mais intensas do seu trovar; mas é preciso ser surdo para não ouvir que um intenso naturalismo americano, um certo mysticismo religioso, o calor e a effusão lyricas junctam ás notas monotonas daquelle sentimentalismo as volatas e fanfarras d'uma poesia variada, ampla, serena, meiga, embriagadora. A volta do poeta para o Brasil, sua nova estada no Maranhão, sua subseqüente partida para o Rio de Janeiro entram como factores na formação de seu talento.

Sob a acção de tão variados estímulos, é claro que o poeta não podia ficar no circulo estreito do *melancholismo* e nem tão pouco em o ambito apertado do *indianismo*. A verdade é que esse illustre lyrico, sem planos preconcebidos, espontaneamente, sem impulsos doutrinaris, só pela força nativa de sua intelligencia, seleccionada pelas circumstancias, deixou-se influenciar pela vida dos selvagens, como em *Y Juca Pirama* e dez outras composições; pelas tradições portuguezas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça*; pelos soffrimentos dos escravos pretos, como na *Escrava* e na *Meditação*; pelos sentimentos e phantasias dos mestiços, como em *Marabá*. E todas estas notas não exgotam ainda a complexidade do sentir do poeta.

E' mister junctar-lhes a poesia pessoal e subjectiva e a poesia exterior e paizagista.

Em summa: a musa sagrou neste homem um poeta e poeta lyrico. Deu-lhe a vibratilidade das sensações, a ideação prompta e mobil, a linguagem fluida, sonora e cadente, o espirito sonhador e contemplativo, a imaginação sempre prompta a desferir o vôo. Não era da raça dos que confundem a poesia com a eloquencia, a musica d'alma com os sons de um instrumento. Tal o poeta; e no poeta o lyrista distinguia-se pela justeza do sentimento, a doçura das imagens, a delicadeza das tinctas, a facilidade das idéas, a espontaneidade da fôrma, o vôo sereno de todas as forças espirituas.

E' por isto que muitas de suas produções são bellissimas poesias e das mais encantadoras da lingua portugueza.

Eis aqui alguma cousa que pôde bem claro mostrar a distancia percorrida pela lyrica nacional em trez seculos; comparem-se estas estrophes cantantes, aladas, levissimas, esta musica de palavras que deslisam fulgidas e macias, com as oitavas de Bento Teixeira, ou de Sancta Maria Itaparica, ou de Sancta Rita Durão; comparem-n'as

com as estrophes de Gregorio de Mattos, ou de Botelho de Oliveira, e até de Claudio, de Gonzaga e de Alvarenga Peixoto :

Eu vivo sósinha; ninguém me procura
 Acaso feita
 Não sou de Tupá?
 Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,
 — Tu és, me responde,
 — Tu és Marabá!

Meus olhos são garços, são côr das saphiras,
 Teem luz das estrellas, teem meigo brilhar;
 Imitam as nuvens de um céu anilado,
 As côres imitam das vagas do mar.

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
 — Teus olhos são garços,
 Responde anojado:—mas és Marabá:
 — Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
 — Uns olhos fulgentes,
 — Bem pretos, retintos, não côr de anajá!

E' alvo o meu rosto, da alvura dos lyrios,
 Da côr das arêas batidas do mar;
 As aves mais brancas, as conchas mais puras
 Não teem mais alvura, não tem mais brilhar.

Se ainda me escuta meus agros delirios:
 — E's alva de lyrios
 Sorrindo responde:—mas és Marabá:
 — Quero antes um rosto de jambo corado,
 — Um rosto crestado
 — Do sol do deserto, não flôr de cajá!

Meu collo de neve se curva engraçado,
 Como hastea pendente de cactos em flôr;
 Mimosa, indolente, resvalo no prado,
 Como um soluçado suspiro de amor! . . .

E' inutil proseguir. Certo está evidente: com este poeta o romantismo já está de posse de suas principaes armas. A evolução vai continuar, mostrando outras faces dos factos e das ideas; porém raro excederá a poesia dos *Cantos*, como fôrma e como fundo. Depois do triumvirato inicial da phase romantica, podemos passar em silencio a acção dos epigonos, que se acercaram delles: *Teixeira Sousa, Norberto Silva, Dutra e Mello, Francisco Octaviano, João Cardoso de Menezes Sousa, Joaquim José Teixeira, Manoel Pessoa da Silva, Torres Bandeira, padre Correia de Almeida,*

Felix Martins, José Maria Velho da Silva e outros. Nada influíram na evolução da poesia entre nós.

Seria possível abrir uma excepção para *Francisco Octaviano*, si a politica não o tivesse feito abandonar de todo a arte, confinando-o no terreno safaro do jornalismo partidario e da eloquencia parlamentar. Em todo caso, é justo dar-lhe um distincto logar na poesia nacional, por algumas producções originaes e principalmente por suas bellas traducções de poetas inglezes e allemães. Menção distincta mereceria tambem Dutra e Mello.

A elle e a outros de seus contemporaneos já fizemos justiça na *Historia da Litteratura Brasileira*. A indole desta memoria obriga-nos a insistir apenas nos chefes de fila, os abridores de caminho, guias de grupos.

Entre o triumvirato da primeira phase do romantismo e o triumvirato mussetista e byroniano de sua segunda phase, temos de abrir espaço para quatro poetas dos mais notaveis do Brasil, que não podem ser chamados meros discipulos dos primeiros nem dos segundos. São, como vimos em nosso quadro synoptico, Moniz Barreto, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral e Laurindo Rabello.

Os dous primeiros eram mais velhos que Porto Alegre, o mais antigo da trindade inicial do romantismo; o terceiro era da idade de Magalhães, e o quarto era anterior um pouco a Gonçalves Dias, o mais moço do grupo. Não é, porém, por este motivo que são collocados á parte; é que seu trovar foi devêras divergente. FRANCISCO MONIZ BARRETO (1804 — 1868) foi educado na velha poesia classica ao gosto e geito de muitos outros poetas do começo do seculo XIX. Não foi propriamente um lyrico; não tinha nem imaginação nem sentimento para isto. O que lhe garante um logar na historia litteraria é o seu raro e verdadeiramente phenomenal talento de repentista. Eis uma amostra :

Vêr. . . e do que se vê logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente,
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai magoado;

Aquillo que não foi inda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar continuamente,
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais quão mais se prive,
Calmar o ardor que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que elle se active;

O que isto é, a todos nós occorre:
 — Isto é amor, e deste amor se vive;
Isto é amor, e deste amor se morre. . .

Bellissimo soneto e admiravel como repente. D'estes o poeta improvisou centenares.

A poesia em ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO (1804—1868) foi particularmente notavel pelo brilho das imagens, o colorido da phrase. O poeta habitou Pariz de 1822 a 1829, concluindo alli os estudos preparatorios e formando-se em medicina. Assistiu, portanto, acolá ás grandes luctas do romantismo, sob a direcção de Victor Hugo, Lamartine, Sainte Beuve, Vigny e consocios. Em 1830 já se achava de volta no Brasil, sendo deputado e ministro no periodo regencial. Um homem d'estes, mais velho que Magalhães, conhecedor da vida parisiense treze annos antes d'elle, espirito muito mais vivace, testemunha directa das mutações litterarias operadas em França durante o terceiro decennio deste seculo, não tinha a esperar que o poeta fluminense, espirito muito mais tardo, classico emperrado ainda em 1832 nas *Poesias Avulsas*, fosse á Europa e nos enviasse de lá os *Suspiros Poeticos* em 1836, para comprehender e seguir a nova eschola. Cremos que os primeiros versos romanticos escriptos por brasileiros foram de Maciel Monteiro.

Cada citação, rapida que seja, que vamos fazendo, é pura e simplesmente para mostrar as fórmulas diversas que a poesia vai assumindo e assim sorprehender em flagrante os passos da evolução. Em Maciel Monteiro a arte da poesia reveste uma lucidez, uma transparencia de roupagens, como raras vezes tem acontecido na lingua portugueza. E' o mais antigo poeta hugoano do patrio idioma nos dous hemispherios. Eis uma prova, d'entre muitas:

Genio! genio! . . . inda mais: supremo esforço
 Das mãos de Deos no ardor do enthusiasmo!
 E's anjo ou és mulher, tu que nos roubas
 Do culto o amor, o extasis do pasmo?

Na pujança do vôo a aguia soberba
 Tenta o céu devassar, exhausta pára:
 Nas azas do lyrismo, tu de Gehóva
 Ao templo chegas e te prostras n'ara.

Ahi, c'roada de fulgente aureola,
 No concerto dos anjos te mixturas;
 E, si cantas da terra, são teus hymnos
 Harmonias que ouviste nas alturas.

Ahi aspiras o lustral perfume
 Que das urnas sagradas se evapora;
 Eis por que tua voz parece unguida
 Dos olores da flor que orvalha a aurora.

Ahi do coração na harpa animada
 As cordas descobriste de oiro extreme,
 Que, si vibram de amor, atêam n'alma
 Paixão que goza e soffre, canta e geme.

Ahi o idioma typico aprendeste
 Que entendem todos e que tudo exprime:
 E' assim teu olhar o verbo vivo,
 E' teu gesto a linguagem mais sublime.

Mysterio augusto que do Eterno ao *fiat*
 Surgiste qual visão que attrahe, fascina;
 Si da mulher teu corpo veste a fôrma,
 Arde no genio teu chamma divina. . .

Ha n'este estylo certo arroubamento, que denuncia um'arte senhora de si mesma, conscia de seus recursos.

D'indole, porém, bem diversa era o doce poetar de JOSÉ MARIA DO AMARAL (1811—1887).

Si fossemos a filiar o espirito deste poeta no espirito de alguém, este havia de ser o do velho inconfidente Claudio da Costa.

Ha nestes dous homens alguns pontos de contacto na vida, e pelo lado mental similhanças profundas. Em ambos o lyrismo é uma revivescencia de uma qualidade ethnica; em ambos o lyrismo tem a fôrma e o sabor do velho lyrismo portuguez. Amaral não exerceu uma influencia profunda na poesia brasileira, porque, passando os melhores annos de sua vida fóra do paiz, muito poucas publicações litterarias fez entre nós. Nenhum dos poetas nacionaes de seu tempo teve em mais alto grão aquella doçura, aquella delicadeza de impressões, nem aquelle vago do pensamento e aquella embriaguez do desconhecido, extravasados numa linguagem ondulante e caprichosa, ninguem mais do que elle teve aqui esse caracteristico romantico.

Tinha a faculdade de ouvir a monodia de extranhos mundos e sentir o prazer das solidões interminas do mar:

Aos mares outra vez, vamos aos mares,
 Nas vagas embalar os sonhos d'alma;
 No inquieto balouçar d'inquietas ondas
 Vamos da vida sacudir os nojos.

Sólta o velame, nauta, aos sôpros d'alva,
 Acima o ferro, ao horizonte a prôa,
 Leva-me longe a errar por essas aguas,
 Abre-me a vastidão que as brisas correm;
 Quero entornar minh'alma em tanto espaço,
 Quero em tanta grandeza engrandecê-la.
 Nem patria o bardo tem nem tem amores;
 Canta como alcão, como elle vôa
 De vaga em vaga ás bordas do infinito,
 De brisa em brisa esfolha a vida em hymnos,
 A' terra um só adeus; partamos, nauta,
 Aos mares outra vez, vamos aos mares,
 Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

São versos estes do tempo da mocidade. Então o poeta não sentia ainda o pungir de acerbos dôres moraes, que o assediaram na velhice e exhalaram-se em cerca de oitocentos sonetos dos mais sentidos que já uma vez saíram de penna d'homem¹.

Nos quatro divergentes de que imos tractando, a musa da alegria, que se praz em festas e improvisos, encarnou-se em Moniz Barreto; a musa voluptuosa que fareja a belleza das mulheres ermanou-se com a alma de Maciel Monteiro; a musa triste e melancolica dos desconsolados deu a mão a José Maria do Amaral.

Quanto a LAURINDO RABELLO (1820—1864), si a musa brejeira dos espiritos galhofeiros visitava-o por vezes, não é menos verdade ter sido sua companheira mais constante a magoada inspiradora do auctor de *Veroni*.

E por isso Laurindo e José Maria são os dous maiores elegicas do Brasil.

Laurindo Rabello se distingue pela complexidade de seu temperamento. Triste, profundamente melancolico, já por indole e já pelas condições de sua existencia, mas robusto, forte, sadio, dotado, além do mais, de uma extraordinaria espontaneidade de pensar e produzir, não se limitou em sua vida a exhalar profundas e sinceras magoas; a satyra, a ironia, a chalaça foram muitas vezes a expressão natural de seu sentir. Tinha elasticidade bastante para a galhofa, a pilheria, o improvisado, a pornographia; mas no fundo lá estava a nota plangente dos desconsolados.

Eis um trecho da deprecação, bem se podéra dizer da prece que dirigiu á sua ermã, depois de morta:

Que tens, mimosa saudade?
 Assim branca quem te fez?
 Quem te poz tão desmaiada,
 Minha flôr? que pallidez!

¹ Vide *Historia da Litteratura Brasileira*, I, pag. 524 e seg.

Ah! talvez n'um peito vario
Emblema foste de amor:
O peito mudou de affecto
E tu mudaste de côr. . .

Quem sabe. . . (Oh! meu Deus, não seja,
Não seja esta idéa van!)
Si em ti não foi transformada
A alma de minha ermã?

— Minh'alma é toda saudades,
De saudades morrerei. . . —
Disse-me quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei.

E agora esta saudade
Tão triste e pallida, assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim;

A namorar-me os sentidos,
A fascinar-me a razão. . .
Julgo que sinto a voz d'ella
Fallar-me no coração!

Exulta, minh'alma, exulta!
Aos meus labios, flôr louçã. . .
No meu peito. . . Toma um beijo,
Outro beijo, minha ermã!

Outro beijo, que estes beijos
Não t'os prohiibe o pudor:
Sou teu ermão, não te mancham
Os beijos do meu amor. . .

Desnecessario é citar mais. Ousamos convidar o leitor a examinar a característica, por nós consagrada a este grande lyrico em nossa *Historia da Litteratura*, uma das que alli foram feitas com mais amor.

Entretanto a evolução proseguia. Depois de haver tomado a coloração religiosa e emanuelica, a indiana e paizagista, a poesia romantica tinha de, por assim dizer, systematizar o desgosto da vida, a dôr do mundo, a *Weltschmerz* dos espiritos a Byron, Vigny, Mussét e outros illustres coripheus do pessimismo. José Maria e Laurindo são simplesmente elegiacos; Alvares de Azevedo e seus companheiros Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães (estes dous muito menos) foram, por vezes, verdadeiros desesperados.

Em MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO (1831—1852), que se deve considerar, depois de Gonçalves Dias e José de Alencar, a mais alta figura do romantismo brasileiro, a poesia complicou-se de problemas novos. O moço auctor é o typo representativo do homem moderno, do *filho do seculo* — no Brasil.

Na serie da evolução litteraria elle é não o primeiro, mas o mais accentuado exemplo, verdadeiramente illustre, de um producto puramente local, de um filho de academia brasileira. Sabemos que alguns poetas, oradores sagrados, musicos e pintores dos tempos coloniaes não saíram nunca do Brasil; aqui fizeram-se o que foram; mas, além de terem sido a excepção, accresce que sua intuição em geral permaneceu quasi puramente portugueza nos tons fundamentaes. Sabemos ainda que, já no seculo a findar, alguns bons talentos se formaram, antes de Azevedo, que se acharam nas mesmas condições de seus predecessores coloniaes, e é d'entre os nomes já apreciados linhas acima o caso de Moniz Barreto, de Dutra e Mello, de Francisco Octaviano, de Laurindo Rabello e varios outros; porém, além de não constituirem a regra geral, cumpre confessar que todos esses não chegaram inteiramente a libertar-se da influencia da antiga mãe-patria.

Porto-Alegre, Magalhães, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral e Gonçalves Dias viajaram muito e completaram sua educação lá fóra. A criação, como já uma vez ponderámos, das academias brasileiras foi de um alcance intellectual extraordinario; logo na esphera politica e administrativa começámos a ter homens, como Eusebio, Nabuco, Zacarias, Cotegipe, Rio Branco e cincoenta outros, filhos de faculdades nacionaes, e alguns delles não puzeram jámais os pés na Europa, ou os puzeram rapidamente, e foram sempre os melhores. O mesmo se foi dando na litteratura: Penna, Laurindo, Octaviano, Macedo, Azevedo, Lessa, Bernardo Guimarães, Alencar, Agrario, Junqueira Freire, Varella, Teixeira de Mello, Machado de Assis, Tobias Barreto, Castro Alves, Luiz Delfino são filhos das escholas brasileiras e com elles tudo o que houve de mais illustre em nossa vida espirital no seculo que finda.

Penna só foi ao velho mundo colher a morte e Alencar apressa-la, já o dissemos algures.

Com Alvares de Azevedo, o trabalho começado pelos primeiros românticos para arrancar-nos da influencia portugueza, progrediu consideravelmente. O moço poeta, educado pelos allemães Planitz, a principio, e, mais tarde Tautphoeus no Collegio de Pedro II, costumou-se a olhar para o grande mundo das lettras e da poesia e a ler os grandes mestres gregos, latinòs, inglezes, allemães, hespanhòes e francezes.

O poeta da *Lyra dos vinte annos* foi um talento possante numa organização demasiado franzina. Não podia viver muito, era doentio, e era *melancholico*. Isto pode-se d'elle dizer, porque é a verdade manifestada em sua vida e em seus escriptos.

Essa natureza notavelmente intelligente e idealista, n'um organismo morbido e desequilibrado, tornou-se singularmente agitada pelo estudo e pela leitura dos sonhadores do tempo. Não foi anjo nem demonio, qual o teem julgado dous partidos oppostos que mal o comprehenderam. Tomou, por certo, parte n'algumas d'essas brincadeiras proprias de estudantes, essa poesia practica da vida que bem se desfructa na quadra da mocidade no periodo academico. Não teve, porém, nem ensejo nem tempo de travar algum amor serio, alguma paixão sincera e profunda.

Precoce em tudo, extranhava que esse affecto não lhe tivesse ainda chegado. D'ahi o dualismo que se nota nas suas composições lyricas de genero amoroso.

Ora é um lyrismo idyllico, todo confiante e puramente ideal; ora é a amargura de quem não encontrou ainda um coração que o comprehendesse, ou a pinctura d'alguma scena lasciva.

Outro dualismo dá-se nas opiniões, crenças e doutrinas do poeta. Idealista e crente por indole, educado n'um regimen religioso, o sôpro de seculo abalou-o em metade.

Essa revolução não se fez por intermedio da sciencia e de idéas positivas; fez-se por meio da poesia e da litteratura romantica. D'ahi, esse desequilibrio, esse cambalear, essas duas facetas do genio e das inspirações do moço escriptor. Posição aliás commum a um grande numero de espiritos em nosso seculo, cheio de tão rapidas renovações e mutações intellectuaes.

Vida quasi toda subjectiva, agitada pela desordenada leitura, não teve, repetimos, ensejo de amar, nem de gozar á farta. D'ahi, o desanimo, a excitação, a impotencia da vontade.

Sua melancholia, ingênita e desenvolvida pela vacillação das idéas não proveio de injustiças soffridas, de luctas sociaes, ou de problemas scientificos em desharmonia com seus sentimentos. Não teve um canto de alegria pelo amor satisfeito e retribuido, nem de desespero pelo amor trahido. Teve sempre queixas de não haver podido encontrar mulheres puras e sómente messalinas. . . Foi sincero n'isto, tragicamente sincero. Não foi um viciado, um libertino que fizesse a poesia de seus vicios, nem tão pouco um'alma candida e virgem que se mostrasse viciada por systema.

Foi um imaginoso, um triste, um lyrico que enfraqueceu as energias da vontade e os fortes impulsos da vida no estudo e

enfermou o espirito na leitura tumultuaria dos romanticos a Byron, Shelley, Heine, Musset e Sand.

Quanto ao valor de sua obra, deve se dizer que n'elle temos um poeta lyrico e o esboço d'um *conteur*, d'um dramata e d'um critico; o poeta, de que sómente ora tractamos, é superior a todas as mais manifestações de seu talento.

O lyrismo do joven artista não é o simples lyrismo melancolico a Lamartine.

Ha n'elle grande variedade, introduzida por estimulos objectivistas, por scenas de costumes, preocupações politicas, por passagens humoristicas.

E' um engano suppor ter sido elle um lacrymoso perenne; ha em sua obra paginas, e das melhores, de um completo objectivismo: *Pedro Ivo*, *Thereza*, *Cantiga do sertanejo*, *Na minha terra*, *Crepusculo no mar*, *Crepusculo nas montanhas* e muitas outras o provam. Em *Gloria moribunda*, *Cadaver de poeta*, *Sombra de D. Juan*, *Bohemios*, *Poema do frade*, e *Conde Lopo* — ha muito d'esse satanismo, d'esse desprazer terrivel da vida em que veio a dar certa ramificação do romantismo.

Ha apenas mais talento do que em Baudelaire; porque, de mixtura com os desatinos e extravagancias do genero, em Azevedo apparecem manifestações de são e opulento lyrismo, que tão eloquentes não possuia o famoso poeta das *Flores do Mal*, livro posterior, aliás, á morte do nosso compatriota.

O lyrismo n'este amavel sonhador da *Lyra dos Vinte annos* pôde soffrer uma divisão capital: *idealismo e humorismo*. N'um e n'outro existem notas pessoas e geraes. Leiam-se *Anima Mea*, *Harmonia*, *Tarde de verão*, *Saudades*, *Virgem morta*, *Spleen e charutos*, *Meu desejo*, *Lagrimas da vida*, *Malva maçan*, *Namoro a Cavallo* e outras.

Julgamol-o mais apreciavel na sua fôrma seria e idealista, posto reconheçamos ser o nosso poeta o primeiro a usar em lingua portugueza do *humour*, essa bella manifestação da alma moderna.

O *homour* á ingleza e á allemã nós não o tinhamos jámais cultivado nem no Brasil nem em Portugal, e convém não o confundir com a chalaça, a velha pilheria lusitana; esta tivemos-la sempre, e sempre a possuiu o reino. Para concluir com este grandissimo poeta: uma qualidade de seu lyrismo, e que o distingue do d'aquelles que o precederam, é certa frescura das imagens.

Em Magalhães, Porto Alegre, Moniz Barreto, e até em Gonçalves Dias, Maciel Monteiro, Laurindo Rabello e José Maria do Amaral ha um certo *tour* na fôrma que lembra o velho classismo.

No poeta da *Lyra dos vinte annos* a cousa é cutra e a impressão é bem diversa; o tom é novo; vê-se nitidamente que se está a tractar com um genuino *enfant du siècle*. E como é mister sentir aqui mesmo a meiguice d'esse estylo, quando elle traduz os bons sentimentos do poeta, não nos furtamos ao prazer de, ao menos, ler as quatro primeiras estrophes da bellissima poesia dirigida pelo mallogrado moço a sua mãe:

E's tú, alma divina, essa Madona,
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tú quem vela,
Tremulo o coração que a dór anceia,
Nos ais do soffrimento inda mais bella,
Pranteiando sobre um'alma que pranteia.

E, si pallida sonhas na ventura
O affecto virginal, da gloria o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho.

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vae doirando:
Pensamento de mãe é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando. . .

Como isto é acariciante e doce! Como já sabia neste desventurado joven a poesia vasar numa linguagem de oiro as mais fundas emoções d'alma!

Mas Alvares de Azevedo não estava só. Uma pleiade notabilissima de moços ardentes pelo saber e pela gloria o cercava. O periodo que nós chamamos a primeira eschola de S. Paulo (1845-1855) mereceria um estudo especial em que, derredor o moço poeta, fossem estudados os typos de Octaviano, José de Alencar, Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio, Silveira de Sousa, Felix da Cunha, Ferreira Vianna, Duarte de Azevedo, Paulo do Valle, Lopes de Araujo, Ferreira Torres, e muitos e muitos outros. Nós aqui temos apenas de notar em traços rapidissimos o que denominamos o triumvirato byroniano. Já vimos Azevedo; digamos celere de Lessa e Bernardo.

A poesia em AURELIANO JOSÉ LESSA (1828-1861) teve trez feições principaes: a philosophica, a melancholica, a amorosa; a primeira não passava de certo metaphysicismo pantheistico; a segunda

tinha em seus labios um travor dolorosissimo; a ultima se lhe traduzia em doces e languorosos arroubos. Os documentos da primeira fórma são: — *O Sol, A Creação, O Hymno da Creação, A tarde, O Poeta*; os da terceira são: *Leviana, A. . . , Tu, Canto de amor, Queixa, Duas auroras*; a nota a Byron e Musset espalha-se em varias paginas do pequeno volume que do auctor nos ficou. Em Azevedo ha mais devaneios, mais exuberancias; em Bernardo mais lyrismo; em Lessa mais energia, mais lucidez, mais vigor de phrase. Pincta a pinceladas largas e possantes como estas:

Depois co'a dextra contrahindo o vacuo
Informe e tenebroso
Deixou cahir o Universo inteiro
No espaço luminoso.

O silencio expandiu-se; era um sussurre
De sublime harmonia:
Hymno da vida, porque o sol gyrava
O primitivo dia.

Um chuva de mundos despenhou-se
Pelos desertos ares,
Como a saraiva, ou como os grãos de areia
Lá no fundo dos mares.

Rodava a terra verde e a lua pallida,
Ia a noite após ellas;
Mas cahiu sobre as trevas, que fugiam,
Uma chuva de estrellas. . .

Toda esta admiravel poesia — *A Creação* — é de um lyrismo impessoal, imponente e rutilo.

Em BERNARDO JOAQUIM DA SILVA GUIMARÃES (1827-1885) a poesia teve bellas amostras de lyrismo naturalista, como em *Invocação* e *O Ermo*; de lyrismo philosophico, como em *O Devanear do sceptico*; de lyrismo umoroso, como em *Evocações*; de lyrismo humoristico, como em *Orgia dos duendes, Diluvio de papel, O nariz perante os poetas*.

Mas isto não define, não individualiza o poeta entre os seus pares; preciso é descobrir uma nota que seja só d'elle, que o afaste de seus competidores; e esta nota parece-nos estar nas tinctas sertanejas de sua palheta e no tom brasileiro de sua linguagem. Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral, Laurindo, Alvares de Azevedo e muitos outros poetas românticos nacionaes, do norte ou do sul, eram filhos da região da costa ou da região das mattas proxima

à costa. Viveram, além disto, nas grandes cidades, ao contacto de estrangeiros e quasi nada conheceram das diversas regiões do paiz.

Gonçalves Dias, que poderia fazer excepção, só nos ultimos annos é que viajou os sertões do norte.

Aureliano Lessa pouca propensão tinha pela paizagem, posto fosse tambem um sertanejo. Por mais brasileira que fosse a intuição desses homens, não o poderia ser tanto quanto a de Bernardo, talento objectivista, que nasceu e viveu na plena luz do coração do Brasil, o planalto central. Filho de Minas, viajou muito os sertões de sua provincia e das de Goyaz, S. Paulo e Rio de Janeiro.

Tinha o prurido de *bohemio*, movia-se constantemente, e neste caminhador havia o instincto do pittoresco. Juncte-se a isto o conviver intimo com o povo, o fallar constante de sua linguagem e ter-se-ha a razão pela qual o intelligente mineiro em seus versos e romances foi uma das mais nitidas encarnações do espirito nacional.

Quasi todos os seus escriptos versam sobre temas brasileiros; mas ha nelles alguma cousa mais do que a simples escolha do assumpto; ha o brasileirismo subjectivo, espontaneo, inconsciente, oriundo d'alma e do coração.

Na impossibilidade de estudar aqui uma por uma as quatro notas do lyrismo do poeta das *Evocações*, enviamos o leitor para a *Historia da Litteratura*, onde se acha longamente feita a sua characteristic. E, como fazemos neste ensaio questão de mostrar a evolução da fôrma, do tom, da côr, do estylo, em summa, que vae a arte da poesia revestindo nos seus eleitos nesta parte da America, documentaremos a feição que chegou a ter no grande cantor mineiro. Eis um trecho da *Primeira Evocação*:

Das sombras do sepulchro
 Ei-la que surge, placida e formosa,
 Essa visão primeira,
 Que me sorriu na quadra venturosa
 Da infancia prazenteira. . .

Sê mui bem vinda, oh flor sempre lembrada
 De minha leda aurora!
 Graças te rendo, pois a consolar-me
 Surges primeira agora.

Inda hoje mesmo, após tão largos annos,
 Que repousas no leito funerario,
 A' minha voz acodes e abandonas
 Para escutar-me o gelido sudario. . .

Não; não morreste; ou bella como outr'ora
 A' voz do meu amor hoje renasces!
 Tombam-te ao collo as nitidas madeixas
 E adoravel pudor te adorna as faces.

Não vens da campa, não, que nos teus labios
 Vejo o frescor e a purpura da rosa;
 Palpita o seio e brincam-te os sorrisos
 Na bocca perfumosa. . .

E por vinte e sete estrophes doces, serenas, encantadoras deslisa este cantico, que deve ser lido pelos amantes da boa e desprestenciosa poesia.

E' o lyrismo pessoal; mas a personalidade aqui é realçada pela sinceridade.

As *Evocações* lembram, já uma vez o dissemos, as *Noites* de Musset, talvez a mais bella producção do romantismo francez. Prosigamos.

Em nosso quadro synoptico segue o terceiro momento do romantismo, com os epigonos de Byron, Musset e Lamartine, cujos principaes foram: Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Franco de Sá, Constantino Gomes, Augusto de Mendonça, Pedro de Calasans, e aos quaes, dissemos nós, se prende Fagundes Varella, que tinha, entretanto, algumas notas divergentes. Este grupo de poetas contem alguns daquelles *choramigas*, que chegaram a desacreditar o romantismo brasileiro na quadra que vai de 1850 a 1862 mais ou menos. Varella muito mais rico de talento do que qualquer delles, se lhes vae ligar mais pela face ironica e rebelde do byronismo do que pela sentimentalidade lamartiniana. Similhante é o caso de Pedro de Calasans, que entra no gremio por eguaes motivos. Apressamo-nos, porém, em declarar que as classificações litterarias não devem jamais ser tomadas rigorosamente á lettra. Os grandes talentos possuem sempre certas qualidades que os fazem romper com as medidas e convenções doutrinarias e criticas.

Nosso quadro synoptico parece-nos o mais completo e exacto ensaio de classificação que se poderia tentar da enorme legião de poetas dos quatro seculos da existencia nacional. E' superior ás tentativas por nós mesmos feitas na *Historia da Litteratura*. Nossa vista de conjuncto é agora mais perfeita; mas, ainda assim, deve ser entendida e usada com precauções.

Daremos nestas linhas dos septe poetas, citados no periodo de que ora tractamos, apenas ligeiras palavras dos quatro principaes: — Junqueira, Casimiro, Calasans e Varella.

Com LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE (1832-1855) temos ensejo de assistir, por momentos, á evolução do que se poderia chamar a segunda (a primeira foi, como já se viu, a do seculo XVII) eschola bahiana.

Referimo-nos ao grupo de litteratos, escriptores e poetas que, em torno de Moniz Barreto, fulgiu na Bahia em 1847 ou 48 até 1866 ou 67. Não esquecer que então alli o jornalismo e a eloquencia tiveram representantes, como João Mauricio Wanderley, Landulpho Medrado, Fernandes da Cunha, Barbosa de Almeida, Guedes Cabral, Alvares da Silva, João Barbosa, Victor de Oliveira, Eunapio Deiró, Gustavo de Sá e Leão Velloso; e que a litteratura e a poesia expandiram-se pela bocca do citado Moniz Barreto, Agrario de Menezes, Manoel Pessôa da Silva, Gualberto dos Passos, Rodrigues da Costa, Augusto de Mendonça, João Freitas, Joaquim Ayres e muitos outros. Junqueira Freire, pois, não estava isolado.

Este poeta foi um joven de temperamento nervoso e apprehensivo, que se viu attrahido por duas correntes diversas. A educação religiosa e a intuição livre do seculo travaram lucta em sua alma sem que nenhuma das duas triumphasse da outra completamente; suas crenças vacillaram, resentiram-se seus sentimentos. D'ahi certa dubiedade, certo dualismo em seus escriptos, justamente o mesmo abalo que se dera em Azevedo e companheiros.

Apenas Junqueira era mais lucido, mais raciocinador e menos imaginoso, menos poeta.

O bahiano é, como todos os bons vates brasileiros, um bom lyrista; e seu lyrismo tem quatro notas principaes: religiosa, philosophica, amorosa, popular ou sertanista. Damos estes dous ultimos epithetos ao punhado de poesias que se inspiram de scenas do viver de nossas classes aldeians e roceiras. Si não são as mais abundantes, são as melhores do auctor. As principaes são: *A Orphan na costura, O Banho, O Canto do gallo, O Menestrel do sertão*. Nos outros generos as mais saborosas são: *Por que canto, Meu filho no claustro, A flor murcha no altar*.

Nada podemos exemplificar; limitamo-nos a dizer que o estylo do poeta bahiense, nos bons momentos, tem certa simplicidade e doçura ao gosto das melopeias populares. Não possuía, entretanto, o auctor das *Contradições Poeticas* o vigor de Azevedo e Lessa, a terna melancholia de Bernardo Guimarães, nem a exuberancia de Laurindo Rabello. A qualidade que tinha menos que Bernardo, era ainda mais pronunciada em CASIMIRO DE ABREU, avantajado aos dous por esta face.

O poeta das *Primaveras* (1837-1860) é o mais perfeito e completo typo do romantico triste, melancolico, sentimental. Esta nota, já existente em todos os seus predecessores romanticos, e que se vai encontrar até em Silva Alvarenga e Gonzaga, em Casimiro chegou á completa evolução. Tudo conspirou para este resultado: o meio social, o temperamento do poeta, seu genero de vida em desaccordo com seus gostos e aspirações.

Pobre moço, fraco, côm propensões á tuberculose, cheio de de leituras sentimentaes, vaporosas, aereas, embriagadoras, tudo o levava a collocar su'alma n'um palacio de chimeras, irizados sonhos em desaccordo completo com a dura realidade. Mas ha a mais completa ausencia de artificio nas maguadas poesias do desconsolado mancebo. Este meigo e doce desequilibrado é o mais sincero, o mais puro e honesto dos homens. E' um'alma de moça, alguma cousa como Shelley aos dezeseis annos, antes que o mundo o tivesse tomado em suas garras e lhe houvesse alterado a primitiva virgindade.

O estylo, como simplicidade, ausencia de amaneirados, espontanea singeleza, tem chegado á quasi perfeição. Uma ou outra vez descamba para o defeito daquella qualidade: — torna-se vulgar. Ei-lo quando é melhor:

Tú m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flôr da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos ardores febris da mocidade.

Tú vinhas pelas horas das tristezas,
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo.

E' esta a nota quasi geral da poesia no auctor das *Primaveras*. Dizemos quasi geral, porque em Casimiro encontram-se tambem, de longe em longe, algumas volatas de lyrismo alegre, expansivo, com uns doces tons comicos.

Em PEDRO DE CALASANS (1836-1875) a poesia romantica brasileira revela alguns symptomas dignos de nota.

O poeta sergipano deve figurar entre os epigonos do byronismo e do mussetismo, não pela face sentimental, que não tinha ao gosto de Casimiro de Abreu, por exemplo, sim pelas cores de ironico realismo que sabia manejar.

Em seu tempo a poesia brasileira ramificava-se por trez caminhos principaes, aliás provindos, como demonstrámos, da phase

classica e trilhados tambem pelos chefes do nosso romantismo: a corrente de Gonçalves Dias e a de Alvares de Azevedo, isto é, o indianismo e o sentimentalismo descrente, a que se junctava a veia sertanista e campestre, que, exactamente ao lado de Calasans, havia de ter os seus melhores representantes em Trajano Galvão, Dias Carneiro, Gentil Homem, Marques Rodrigues, Costa Ribeiro, Franklin Doria e Bittencourt Sampaio. Esta brilhante pleiade de poetas, entre os quaes predominam moços do Maranhão, fez o curso de direito na faculdade do Recife entre os annos de 1854 a 60 ou 61 e constituiu alli uma verdadeira eschola, que teremos de estudar linhas abaixo.

São poetas todos do norte e bem diversos de seus contemporaneos da eschola de S. Paulo. A transição entre uns e outros é representada por Junqueira Freire e Augusto de Mendonça, poetas bahianos, que jámais saíram da bella patria de Gregorio de Mattos. Em Calasans, posto fosse elle respeitado como mestre por todos aquelles collegas seus de academia e de litteratura, não apparece nenhuma das trez notas indicadas.

N'elle não apparecem os *Renés*, *Rollas* e *Manfredos* enfastiados, não se veem os cabildas selvagens, nem se escutam as canções bucolicas do naturalismo aldeão. Seu realismo é outro, é o realismo da cidade, da gente elevada, dos salões civilizados, das classes cultas.

O poeta pincta principalmente os vicios elegantes do seu tempo, nomeadamente os desregramentos da mulher viciada e *blasée*. *Sete somnos*, *Mulheres de ouro*, *Fel por mel*, *Wiesbade* são caracteristicos n'este sentido. E como exemplo de estylo para exacta apreciação da evolução, lembramos *A Pomba do lago*, que assim começa:

Brilhava a lua sob um céu de seda,
Recamado de estrellas diamantinas,
Como donzella nos salões de um baile
Aos trementes clarões das serpentinas.

N'uma planicie que florestas fecham,
Escondendo aos mortaes um paraíso,
A mão do eterno se esmerou pinctando
Um manso lago do crystal mais liso.

Fulgente lamina de metal pulido
O lago solitario parecia,
Onde os bafejos d'uma aragem branda
Finos traços na flor, leve, esculpia.

E da floresta nas selvagens harpas
 Expiravam de amor longiquas notas,
 Como os murmúrios de adormida lympha,
 Bater das azas de gentis gaivotas. . .

E' um dos poetas largamente estudados na *Historia da Literatura*, e pôde alli ser melhor apreciado.

Aqui importa-nos apenas o sentido geral da evolução lyrica. E, por tal face, é demasiado curioso o caso de LUIZ NICOLÃO FAGUNDES VARELLA (1841-1875). Quando em 1861, este rapaz, aos vinte annos de idade, publicou os primeiros versos, a poesia brasileira estava quasi completamente muda. Magalhães e Porto Alegre ainda viviam no estrangeiro, um dedicado quasi exclusivamente á philosophia, o outro calado, escrevendo lentamente seu extenso poema. Gonçalves Dias e Laurindo, prematuramente cansados e proximos á morte, mais nada produziam.

Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire tinham emmudecido no sepulchro.

José Maria do Amaral e Maciel Monteiro, que nunca foram assiduos em publicações poeticas nem nos deixaram livros impressos, estavam lá fóra na diplomacia. Francisco Octaviano e José Bonifacio, que tambem raro produziam, andavam calados e entregues á politica. Bernardo Guimarães perdia-se obscuro nos centros de Minas e começava a cultivar o romance de preferencia ao verso.

Teixeira de Mello tinha emmudecido completamente depois das *Sombras e sonhos* (1858).

O mesmo tinham feito Calasans, por alguns annos, depois das *Ultimas paginas* (1858); Franklin Doria, após os *Enleivos* (1859), e Bittencourt Sampaio, após as *Flôres sylvestres* (1860). Os companheiros de Calasans e Doria, na academia do Recife tinham-se graduado em direito e haviam dependurado as lyras para só raro a tangerem de longe em longe. Luiz Delfino não se havia ainda revelado o potente lyrista que veio a ser no correr dos ultimos trinta annos. Machado de Assis começava apenas e mui timidamente na poesia. D'est'arte, Fagundes Varella foi quem tomou aos hombros os encargos da arte essencialmente querida dos brasileiros no quinquennio de 1860 a 65. Desde dez ou doze annos passados, desde os aureos tempos de Azevedo não se tinha visto em nossas academias um tão interessante typo de litterato. As boas tradições romanticas, os bellos dias da bohemia tinham renascido. Varella foi o ultimo representante de merito de certa indole de poetas e de certa feição de poesia. Por isso prendemol-o ao grupo que vimos agora repassando;

porque elle é fundamentalmente o continuador daquellas tendencias. E, como ao lado d'esse grupo, e exactamente pelo mesmo tempo, tinha-se destacado o grupo paralelo dos sertanistas, distincto do outro logica e não chronologicamente, segue-se ser Fagundes Varella, que com uns e outros tinha ponctos de contacto, o verdadeiro êlo que prende todo o romantismo brasileiro á ultima eschola de systema, a famosa eschola condoreira.

A obra de Varella, aparentemente logica, é uma das mais contradictorias que possuímos; aparentemente pessoal, é uma das mais impessoaes de nossa litteratura. O poeta não foi um triste, nem um alegre, nem um crente, nem um sceptico, nem um liberal, nem um auctoritario; porque foi tudo isto ao mesmo tempo conforme o ensejo e a occasião. Foi uma natureza multipla, inconstante, excessivamente excitavel, atormentada por estimulos diversos.

Foi um agitado, um *detraqué* ao geito de Edgar Poë, menos a epilepsia franca. Dahi a variedade de suas impressões e a mobilidade dos tons de seu cantar; dahi essa morbidez inconsciente e irresistivel que se evapora de quasi todas as suas composições. Tal a characteristica que mais o define, e por isso as produções que melhor o representam são aquellas em que apparecem essas incertezas, essas fluctuações, essas nevoas, esses claros e escuros, essas vagas aspirações, esses sonhos roseos e dubios, esses matizes impalpaveis, essas ondulações chimericas de um espirito inconsistente adormecido numa especie de embriaguez, e que bem se poderia chamar o lyrismo bacchico.

O traço pessoal da lyrica varelliana é o phantasiar caprichoso e dolente, aereo e brumoso, cheio de doçuras e sonoridades, alguma cousa de impalpavel e indefinido, de vaporoso, e phosphorescente na propria vaporosidade.

Nevoas, Juvenilia, Acusmata, Visões da Noite, Madrugada á beira mar, Enchente, Gualter, Diversão e cincoenta outras o provam. Estes versos não encontram eguaes em lingua portugueza, não como forma, sinão no sentido a que alludimos:

Cresce, transpõe as bordas
De brilhante crystal,
Torrente amada que o prazer acordas. . .
Toma a guitarra, escravo! afina as cordas,
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz. . .
Anjos, inspirações, mundos de ideias,
Sacodi-me da frente as sombras feias
Deste scismar atroz!

Que celestes bafagens!
 Que languidos perfumes!
 Que vaporosas, lucidas imagens
 Dançam vestidas de subtis roupagens
 Entre esplendidos lumes!

Tange mais brando ainda
 Esse mago instrumento!
 Mais. . . inda mais! Que maravilha infinda
 Que plaga imensa, luminosa e linda!
 Que de vozes no vento!

São as huris divinas
 Que junto a mim perpassam,
 Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
 Que cingidas de rosas purpurinas
 Choram Bulbul e passam?

Oh! não, que não são ellas.
 Mas, ai! meus sonhos são!
 São do passado as vividas estrellas,
 Que á flux rebentam cada vez mais bellas,
 De mais puro clarão!

São meus prazeres idos,
 Minha extincta esperança!
 São. . . Mas que nota fere-me os ouvidos?
 Escravo estulto, abafa esses gemidos!
 Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura,
 O mar e o céu azul!
 Quero olvidar minha comedia escura,
 E a ledos sons as larvas da loucura
 Bater como Saul.

Leva-me ás densas mattas
 Onde viveu Celuta;
 Faze-me um leito á margem das cascatas
 Ou nas alfombras humidas e gratas
 De recondita gruta. . .

Assim. . . assim. Fagueiras
 Escuto já nos ares
 As vozes das donzellas prazenteiras
 Que dançam rindo ao lume das fogueiras
 No centro dos palmares. . .

E' a mais completa systematização do delirio de que ha exemplo na poesia brasileira. Varella não chegou á completa lucidez na

extravagancia e na loucura, como Edgar Poë; caminhava, porem, para lá e poderia vir a ser nesse caminho o mais extraordinario de nossos poetas.

O cantor de *Anchieta* foi tambem o cantor de *A Roça* e de *Mimosa*, duas bellissimas producções de nosso naturalismo campestino e bucolico, e isto nos offerece natural passagem aos mais extremados cultores do genero que havemos tido.

Foram elles o grupo de poetas que floresceram, como já dissemos, em Pernambuco, de 1854 a 60, entre os quaes predominaram intelligentes filhos do Maranhão, retirados mais tarde para a sua provincia, onde constituiram verdadeira eschola litteraria.

Escusado é repetir os nomes de *Trajano Galvão*, *Marques Rodrigues*, *Franco de Sá*, *Dias Carneiro*, *Gentil Homem*, *Joaquim Serra*, aos quaes se prendem os do piauiense *José Coriolano*, do paraense *Bruno Seabra*, do cearense *Juvenal Galeno*, do sergipano *Bittencourt Sampaio* e dos bahianos *Franklin Doria*, *Mello Moraes Filho*. Daremos uma idéa dos quatro melhores *Trajano Galvão*, *Joaquim Serra*, *Bittencourt Sampaio* e *Mello Moraes Filho*.

O romantismo, talvez o mais complexo e variado movimento litterario havido em todo mundo, cuja comprehensão não se ha de ir pedir ao extravagante, atrazado, beato e classico Brunetiére, entre as multiplas faces, que mostrou no correr da existencia teve a de ser nas lettras, n'um momento, a repercussão do famoso *principio das nacionalidades*.

Isto quando, após seu inicio na Inglaterra, com Richardson, Cowper, Crabbe, Gray, Coleridge, Wordsworth, Joung, Burns, Swift, Sterne, sua passagem primeira pela França, com Prevost, Diderot, Rousseau, sua erupção na Allemanha, com Lessing, Götte, Schiller Tieck, os Schlegels, Novalis, voltou de novo á França, em dias de Bonaparte, com Stäel e Chateaubriand. De uma simples reacção contra os ideaes classicos d's povos do meio dia em favor da intuição das gentes do norte, que fôra em sua primeira phase, transformou-se, de 1813 em diante e por algum tempo, n'um movimento em prol das tradições de todos os povos modernos. Era o despertar das nações occidentaes que haviam sido pisadas pelas patas dos corceis da Revolução e de Bonaparte.

D'ahi á chamada volta ás tradições populares, no que ellas tinham de lendario, imaginoso e sentido. Na Europa, cheia de velhas nações, era o phenomeno de facil explicação e a tentativa tambem relativamente facil na execução. Os valorosos estudos historicos dos homens, que haviam iniciado a nova phase da linguistica, da critica religiosa, do direito, do *folk-lore* nos começos do

seculo XIX, desbravaram o terreno aos poetas, romancistas e dramaturgos.

Simplez foi a italianos, francezes, allemães, portuguezes, hispanhóes, russos, inglezes, e escandinavos, indicar o filão meio esquecido de suas origens e tradições e mostrar-lhes o caminho novo a ser trilhado.

Não tanto, porem, na America e respectivamente no Brasil. Tinhamos durante perto de trez seculos sido representados especialmente como *portuguezes*, meros continuadores do pensar da metropole.

O absurdo era evidente, e o nosso romantismo, que teve, como já lembrámos, um extraordinario precursor na nunca assás louvada *escola mineira* do seculo XVIII, reagiu contra o exclusivismo, caíndo, entretanto, no exaggero de pretender, ao menos um certo tempo foi essa a sua illusão, representar-nos como *caboclos*.

Tal é o significado historico e social da nossa rapida escola indianista. Durante a illusão mesma dos indianistas, os nossos melhores poetas, romancistas, contistas, comediographos e até varios dos que um momento tinham sacrificado aos idolos caboclos, sabedores instinctivamente de não sermos nem *portuguezes* nem *indios* (os *negros*, como raça, nunca tiveram partidarios francos e decididos nas lettras) começaram de olhar mais intensamente para as varias classes da população e com mais amor para nossos costumes genuinamente *nacionaes* oriundos desse immenso *mestiçamento*, que tem vindo a operar-se durante quatrocentos annos, e foram produzindo muitas das paginas mais bellas e mais *brasileiras* de nossa litteratura. Nesse grupo é que tem logar as creações superiores do theatro de *Martins Penna*, de *Macedo*, de *Agrario*, de *Alencar*, de *Augusto de Castro*, de *Joaquim Serra*, de *França Junior*, de *Arthur Azevedo*: as melhores producções do romance de *Manoel de Almeida*, *Bernardo Guimarães*, *Franklin Tavora*, *Celso de Magalhães*, *Escragnolle Taunay*, *Inglez de Sousa*, *Aluizio Azevedo* e do proprio *Alencar* e até de *Macedo*, bastando lembrar d'este as *Mulheres de Mantilha*, a *Moreninha*, as *Victimas Algozes*, *Moço Loiro* e do outro *O Tronco do Ipé*, *Til*, *O Gaucho*, *O Sertanejo*; as paginas mais bellas das poesias do grupo sertanista, que vimos agora estudando; e os mais perfeitos dos contos e novellas dos modernos auctores — *Coelho Netto*, *Afonso Arinos*, *Pedro Rabello*, *Escragnolle Doria*, *Adolpho Caminha*, *Domicio da Gama*, *Raul Pompeia*, *Rodolpho Theophilo*. Os proprios poetas, sectarios de outras escolas, um *Alvares de Azevedo*, um *Gonçalves Dias*, um *Junqueira Freire*, um *Augusto de Mendonça*, um *Tobias Barreto*, um *Constantino Gomes*, um *Castro Alves*, um *Bernardo Guimarães*, um *Casimiro de Abreu* não

deixaram de nos mimosear com algumas paginas do genero, porque tinham a intuição do seu valor como impressão do meio e dos costumes genuinamente brasileiros. Pode-se até affirmar ter sido de todas as manifestações da estho-psychologia nacional a mais perfeita e completa, porque nada lhe tem faltado: está representada no drama, na comedia, no romance, na novella, no folhetim, e até na critica litteraria, desde que é certo não ter sido outro o movel inspirador de livros, como os *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* e a *Historia da Litteratura Brasileira*.

O genesis desta tão grande corrente litteraria, tão amplamente ramificada, já foi n'estas mesmas paginas determinado, tendo-se mostrado que suas raizes se vão prender na especie de proto-romantismo entre nós existente desde fins do seculo XVIII. Eram então, como nos praz repetir, trez as ramificações principaes de nossa poesia: certo *lusismo* determinadamente *religioso*, cujo principal representante era o padre Sousa Caldas; um *indianismo* incipiente, cujas notas mais altas estavam em Basilio e Durão; um *brasileirismo*, ora *bucolico* e *campestre*, ora *matuto* e *sertanista*, ora *aldeião* e *burguez*, cujas mais vivas côres andavam esparsas em Silva Alvarenga, em Claudio, em Gonzaga, em Peixoto, em Caldas Barboça. Quando se deu a evolução romantica, não tivemos quasi nada a mudar além da fôrma; o fundo permaneceu o mesmo; as trez correntes continuaram a rolar as suas aguas; a imaginação e o sentir brasileiro proseguiram os mesmos vôos, apenas com azas mais possantes: Magalhães (pouco dotado quanto á fôrma) prolongou Sousa Caldas, com quem tem innumerous pontos de contacto; Gonçalves Dias protrahiu Basilio, de quem é digno ermão no manejo do verso branco; Porto Alegre avançou na senda dos Alvarengas, no que elles tinham de sentimento real da natureza e da paizagem. Volvamos aos nossos sertanistas.

A poesia em TRAJANO GALVÃO (1830-1864) mostra trez notas principaes: lyrismo geral naturalista, lyrismo local campesino, em que faz entrar scenas do viver do escravo negro, lyrismo satyrico e pilherico. A segunda é incontestavelmente a mais notavel e é por ella que o poeta maranhense merece ter seu nome na historia litteraria. Dissemos, linhas acima, não haverem os negros, como raça, contado partidarios convictos e decididos em nossas lettras; e é a verdade.

Houve sim, e só de certa epocha em deante, quem se referisse á escravidão, ás dores e soffrimentos do captiveiro, e os lastimasse; mas os pretos, como classe da população, nunca foram objecto de especial carinho dos poetas, romancistas e dramaturgos. Só o *escravo* é que, no africano e seus descendentes,

nossos poetas tardiamente viram; jámais o *homem*. E, todavia, os raros, que do captivo se têm occupado, ainda podem ser divididos em duas classes: os que apenas estygmatisaram em tons diversos o facto geral e, por assim dizer, abstracto da escravidão; os que deram, em suas producções, entrada a scenas da vida real dos escravizados. O primeiro, que o sabemos, a enveredar por esta ultima trilha foi Trajano Galvão. E, como consideramos de alcance o facto, para aqui transcrevemos litteralmente o que sobre elle escrevemos n'outro livro. « Trajano Galvão não foi um grande poeta; mas é indispensavel considera-lo em nossa historia litteraria, porque ha n'elle alguma cousa que lhe garante um nome.

Referimo-nos á circumstancia de ter sido o primeiro a dar ingresso aos captivos da raça negra em nossa poesia. Antes de Trajano um ou outro poeta havia roçado de passagem nos escravos pretos; mas só de passagem e sempre como protesto contra a escravidão. Trajano foi além: collocou-se mais no intimo do viver dos escravos e pintou typos mais os menos reaes. Infelizmente poucas poesias nos restam d'elle e particularmente do genero de que tractamos.

As deste numero conhecidas são o *Calhambola*, a *Crioula*, *Nurranjau* e *Jovino o senhor d'escravos*.

Bem se comprehende a importancia da cousa. Era uma anomalia a ser notada por toda a gente: na litteratura brasileira a raça negra, apesar de ter contribuido com um grande numero de habitantes do paiz, de ser o principal factor de nossa riqueza, de se haver entrelaçado immensamente na vida familiar, de estar por toda a parte, em summa, nunca foi assumpto predilecto aos nossos poetas, romancistas e dramaturgos. O *indio* e o *branco* obtiveram sempre a preferencia; e mais tarde os mestiços, sob os nomes de *sertanejos*, *matutos*, *tabaréos* e *caipiras*, tiveram tambem seu quinhão nas attenções geraes dos litteratos.

Muitos decantaram as *moreninhas*, as formosas *côr de jambo*, muitos outros chegaram até ás *mulatinhas* com seus *cabeções rendados* a enfeitiçar toda a gente, e outras pieguices da especie. Ninguém, durante seculos, jámais se lembrou do negro, nem como ente humano, nem mesmo como escravo. Só muito modernamente rarissimos d'elle se occuparam de passagem, e sempre como motivo para declamações fugitivas. Tal é o caso até de bons poetas, como Gonçalves Dias com a sua *Escrava*, Bittencourt Sampaio com a sua *Captiva*, Luiz Delfino com a sua *Filha d'Africa* e d'outros d'igual indole e estylo.

No theatro ha o caso phenomenal do *Demonio Familiar*, de Alencar, onde se move um typo de negro, e no romance o das

Victimas Algozes, de J. Manoel de Macedo; mas a comedia de Alencar, sobre ser facta relativamente recente, isolado e não seguido, tomou apenas o escravo n'um caso excepcional e bastante raro; e o romance de Macedo, além de mediocre, foi escripto nos ultimos annos da vida do auctor, hontem, por assim dizer, e com pretensões anti-abolicionistas. Foi uma obra de partido, felizmente sem repercussão. Escusado é fallar da *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; porque a interessante filha da imaginação do poeta mineiro era uma verdadeira *branca escravizada*.

Declamações sobre o factio do captiveiro houve-as ahí a granel; especialmente depois que se accentuou o movimento abolicionista, não appareceu verzejador que se não quizesse celebrar á custa dos pobres pretos.

Dos que na litteratura tardia e escassamente se occuparam com elles, só quatro o fizeram mais demorada e conscientemente: *Trajanio Galvão*, *Castro Alves*, *Celso de Magalhães* e *Mello Moraes Filho*. Trajanio tem o merito da antecedencia e de se haver collocado no poncto de vista descriptivo do viver do preto escravo. Em suas poesias o captivo não protesta, não se lastima; o poeta dá-lhe a palavra e o *calhambola*, a *crioula*, a *Nuranjan* descantam suas pretensões, seus anhelos¹.

Castro Alves tomou outro caminho; escreveu odes de indignação, de cholera, no estylo alteroso e meio declamatorio de Victor Hugo: tal a indole do *Navio Negreiro*, das *Vozes d'Africa* e da mór parte da *Cachoeira de Paulo Affonso*. O poeta bahiano possuía a imaginação e o tom altisonante dos lyristas pomposos, mas não tinha o espirito de observação, o naturalismo apto a surprender as scenas populares.

Celso de Magalhães, o bello talento que fomos o primeiro a dar a conhecer ao Brasil em geral, no seu poema *Os Calhambolas* aproxima-se, no caminho aberto por Trajanio, da vida psychologica e real do captivo.

E' pena que se tivesse limitado a considerar o escravo *fugido*, isto é, o escravo fóra do seu viver normal.

Mello Moraes Filho seguiu por vereda mais certa, e, por este lado, sobrepujou seus companheiros no genero.

Não ostenta aquellas opulencias, aquelle farfalhar de bonitas phrases ao gosto de Castro Alves; sua maneira é outra e parallela á de Trajanio e Celso: colloca-se no meio mesmo da escravidão, mette-se entre captivos e senhores, assiste ao viver daquelle mundo

¹ Se nos fóra permittido, lembrariamos que no poemeto *Os Palmares* decantámos tambem conscientemente os negros escravos.

especial das *Fazendas e Engenhos*, e narra sem grandes adornos as cruezas que alli se dão. São pequenos quadros, pequenos esboços, nos quaes circula a verdade. Trajano Galvão foi o predecessor nesse genero de poesia e por isso deve ser lembrado com distincção ¹.»

Devemos um exemplo de seu estylo. Eis aqui uma estrophe da *Crioula*:

Sou captiva. . . qu'importa ! folgando
 Hei-de o vil captiveiro levar !
 Hei-de sim, que o feitor tem mui brando
 Coração que se póde amansar. . .
 Como é terno o feitor quando chama,
 A' noitinha, escondido co'a rama
 No caminho : ó crioula, vem cá !
 Ha hi nada que pague o gostinho
 De poder-se ao feitor no caminho,
 Faceirando, dizer: não vou lá ?

Prosegue assim natural e singela até final.

Em FRANCISCO LEITE BITTENCOURT SAMPAIO (1836-1894) predomina o lyrismo local, tradicionalista, campestre, popular. Por este lado é talvez o melhor poeta do Brasil; porque, sendo tão terno e natural quanto Trajano Galvão, Dias Carneiro, Marques Rodrigues, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Gentil Homem, Mello Moraes e Juvenal Galeno, é mais artista do que todos elles.

Os dotes principaes da poesia neste auctor são a melodia do verso, a graciosidade que faz primar em pequenos quadros, certa nostalgia pelas scenas, pela vida simples, facil, descuidosa das regiões da roça e do sertão, Tal é o caso em *A Cigana*, *Bem te vi*, *A rosa dos bosques*, *A Somnambula*, *O Canto da Serrana*, *Tarde de Verão*, *O Canto do gaúcho*, *Nossa Senhora da Piedade*, *O Lenhador*, *O Tropziro*, *A Mucama*, todas contidas no bello livrinho das *Flôres Sylvestres*, publicado em 1860. Cumpre advertir que essa especie de poesia só tem graça quando sabe alliar á verdade os primores da arte, as gentilezas e galas do estylo, quando é obra de um verdadeiro artista. Fóra dahi só tem valor, quando é genuinamente anonyma e *folk-lorica*. Ou inteiramente popular, collectiva, colhida directamente da bocca dos menestreis dos sertões, ou transfigurada, depurada, enaltecida pelos poetas de talento. Quando não é nem uma nem outra cousa, é um genero hybridado, que nem é popular nem culto e transforma-se n'uma triaga insupportavel. Em Bittencourt Sampaio estamos com um artista de merito. Exemplificaremos com alguns versos d' *A Cigana*:

¹ *Historia da Litteratura Brasileira*, II, pag. 1110 e segs.

Lá corre a morena, levando faceira
 Na cinta punhal,
 Veloz como a ema saltando ligeira
 Por montes e val:
 Gentil, engraçada,
 Dissereis levada
 Por artes de amor!
 Agora fugindo,
 Sorrindo
 Innocente
 Lá vae de repente
 Pulando,
 Brincando,
 Fallando,
 No prado co'a flor.

A linda trigueira cançada sentou-se
 No verde tapiz;
 Mas logo um momento — de pé levantou-se
 Contente e feliz.
 Travessa menina,
 Vem lêr minha sina,
 Não fuja, vem cá!
 Chegou-se a cigana,
 Que engana
 Innocente
 Com ditos a gente,
 Saltando,
 Gyrando,
 Cantando,
 No seu patuá. . .

Mui graciosa e faceira escorre essa linguagem, leve e cantante, por estrophes e estrophes encantadoras de simplicidade. JOAQUIM MARINHO SERRA SOBRINHO foi um homem alegre, expansivo, de um optimismo inalteravel. N'uma alma assim argamassada o enthusiasmo tem entrada franca; si o temperamento é de poeta, a poesia será nella simples, galhofeira, brincalhona o mais das vezes; si o temperamento é de politico, a intuição politica será o liberalismo em sua mais bella expressão, esse liberalismo confiante no espirito humano, crente no seu progresso, entusiasta pelo bem-estar do povo. O nosso maranhense tinha ambas as feições: foi um poeta e um jornalista; por uma e outra face suas qualidades principaes foram o brasileirismo de suas inspirações, o humorismo amoravel de seu estylo. Quem lê as poesias de Joaquim Serra é logo agradavelmente impressionado pela espontaneidade do tom, pela simplicidade das côres, pelo nacionalismo dos quadros.

Sente-se immediatamente que se está a tractar com um homem que veio do povo, que conviveu com elle, que o conhece, que se inspirou de sua poesia nativa, de suas lendas, de suas tradições; um homem, e isto é o principal, que, tendo mais tarde estudado os auctores estrangeiros, nem por isso sentiu estancar-se-lhe a fonte do antigo brasileirismo e quebrar-se-lhe na lyra a corda das queridas melodias sertanejas. No genero o caracteristico do poeta dos *Quadros* está em saber escolher sempre um factu concreto e pittoresco e narra-lo pelo seu lado mais impressionista, fazendo um escorço rapido, claro, de tom realista, num desenho firme, porém elementar e sem complicações. *O Mestre de Resa*, *Rasto de Sangue*, *Cantiga á Viola*, *O Roceiro de Volta* são modelos perfectos. Temos um completo quadro de genero á hollandeza n'ó *Mestre de Resa*, por exemplo :

Era um velhinho teso
 Exquisito no porte e no trajar;
 Por isso a villa em peso
 Quando o via se punha a cochichar.
 Se da lista tirarmos o vigario,
 E mais o boticario,
 Bem como o juiz de paz,
 Era o mestre de resa
 O primeiro na villa; com certeza
 O homem mais capaz.
 Depois d'Ave Maria
 Vem elle cada dia
 Co'os meninos da villa,
 E alli no largo atrás da freguezia,
 Põe todos n'uma fila:
 As perguntas começam e as respostas;
 E' um nunca acabar!
 Os rapazes de pé e de mãos postas,
 Elle em frente da linha a passear!
 A resa ou é fallada,
 Ou em côro cantada, uma balburdia!
 Quanta doutrina nova e mascavada!
 Quanta oração esturdia!
 As beatas morriam de alegria
 Co'ó dialogo d'Eva e da serpente,
 E o psalmo da baleia,
 E a santa melodia
 Dos asnos da Judeia
 E magos do Oriente!
 Sabe o mestre umas resas milagrosas
 Contra a faca de ponta e mão olhado,
 E cobras venenosas,
 E o jaguar a rugir esfomeado. . .

Se quereis não cair n'um sumidouro,
 Elle tem orações prodigiosas,
 Outras que fazem achar grande thesouro
 Occulto e enterrado!
 Mora n'aquella casa de uma porta,
 Ao lado da ribeira;
 Na frente tem uma horta,
 No fundo uma ingazeira.
 Reside alli o homem milagreiro,
 O apostolo da roça;
 E' de velhas devotas um viveiro
 A sua pobre choça!
 Salve o mestre de resa,
 Na villa personagem popular!
 Eil-o que passa... vale quanto pesa!
 Deixemol-o passar!

A poesia só chega a este tom despretenciosamente naturalista quando tem atraz de si a lenta evolução que a faz perder as declamações e exterioridade e attingir a realidade das cousas.

Em ALEXANDRE JOSÉ DE MELLO MORAES FILHO a poesia vibra as varias cordas apontadas em Trajano, Bittencourt e Serra; porém um pouco mais systematicamente, porque elle sobreviveu a todos e teve tempo de olhar para estes assumptos, organizando-os conscientemente.

A lyrica neste auctor mostra duas faces primordiaes: certa disposição phantasista dos quadros e scenas da natureza e do homem aprendida principalmente de Edgar Quinet, determinado a assumptos nacionaes, aprendido peculiarmente de Bittencourt Sampaio, conforme as proprias confissões do poeta.

A tendencia para os assumptos nacionaes, a inclinação do espirito para reflectir os sentimentos, os affectos, as effusões d'alma brasileira, eram nelle predisposições nativas, reforçadas pela leitura das *Flores Sylvestres* de Sampaio e definitivamente systematizadas pelos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*, do auctor desta memoria.

Muitos dos nossos nacionalistas foram duplamente lacunosos: não abrangeram todos os factores da alma brasileira, e dos que tractaram não saíram, por via de regra, das manifestações exteriores. Neste auctor vê-se que a poesia escapou a esse duplo motivo de inferioridade. Alli ha o quadro completo dos agentes que constituíram, diferenciaram, integraram o nosso povo.

Natureza exterior, indios, negros, brancos, mestiços lá estão; e além d'isso, de indios, por exemplo, não se limitou a descrever usos meramente externos; reproduziu-lhes lendas, penetrando-lhes

assim na psychologia; e de negros, não declamou sobre o facto geral da escravidão; observou-lhes a vida, da qual pintou cruentas peripecias.

D'entre as poesias que dão conta de scenas de nossa natureza tropical destacam-se: *Ponte de lianas, A sucuriuba, Tarde tropical, Floresta submergida, Noites do Equador, Tempestade dos tropicos*. D'entre as que se referem a assumptos indianos avultam: *O sangue do jaguar, No céu e na terra, A lenda do algodão, A tapera da lua, A lenda das pedras verdes, A lenda da abobora*. Nas que teem por objecto o negro escravo distinguem-se: *A rede, A novena, A ama de leite, Partida de escravos, Verba testamentaria, O legado da morta, Mãe de criação, A feiticeira, Ingenuos, Escravo fugido, A resa, Cantiga no eito*. Os assumptos portuguezes apparecem em *Alma penada, Saudação dos mortos, Os Immortaes*. Os themes de intuição brasileira particular, intuição de coloração mestiça, acham-se em *A mulata, A tabarôa, A caipora, No Pouso, O palacio da mãe d'agua, Bem-te-vi, Trovador do sertão, A sereia do Jaburu, A luz dos afogados, A endemoninhada, A romaria do Bom-Despacho, A vespera de Reis*. Todos estes assumptos foram tractados com fôrma facil e graciosidades de lyrista.

Deixando de lado *Sousa Andrade, Benicio Fontenelle* e varios outros, pouco significativos, sectarios de diversas intuições, como tenham sido *Rosendo Muniz, Epiphanio Bittencourt, Lisboa Serra, Luiz Gama, Felix da Cunha, Luiz José Pereira da Silva, Ferreira de Menezes, Augusto Emilio Zaluar, Paes de Andrade, Costa Ribeiro, Joaquim Ayres de Almeida Freitas*, e muitos mais, porque neste paiz quasi toda a gente tem feito versos, detenhamo-nos antes os dous grandes divergentes da epocha que estamos rapidamente a estudar:— *José Bonifacio* e *Luiz Delfino*. São duas figuras respeitaveis.

O primeiro, tendo começado como um epigono do byronismo, transformou-se n'um poderoso talento lyrico, verdadeiro precursor da eschola hugoana; o segundo, havendo partido de posição analoga e passado tambem pela maneira hugoana, passou-se ao parnasianismo, onde revelou-se um extraordinario poeta, máo grado os defeitos que por ventura possam afeiar a sua obra.

A poesia de JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA conhecido por José Bonifacio — o moço (1827-1886) é das mais vibrantes que possuímos.

Distingue-se logo da de seus pares, por não ter, sinão de passagem e de leve, sacrificado á lamuria romantica. Teve, desde o começo, uma tecla objectivista, que o levava a extasiar-se deante de scenas da natureza e de factos da sociedade. O estylo do poeta possuiu sempre certa individualidade, que o separava

dos mais. Este lyrico tem vigor e firmeza de tinctas, dextreza e facilidade na mão.

Exaggera ás vezes, faz allegorias, torna-se visionario, entra nos dominios das apparições. *Um pé, Tu e eu, O retrato, Suprema Visio, Aspiração, A amante do poeta, Camões, O Corneta da morte, Não e sim, O Redvivo, Primus inter pares, O adeus de Gonzaga, A Caridade, A' margem da corrente, Arvore secca, Gaturamo, Teu nome, Saudades do escravo* são brilhantes paginas de um lyrismo ardente e vigoroso.

Para que se tenha a prova directa do progresso artistico da lyrica em meio da evolução romantica, aqui inserimos *O retrato*, um verdadeiro mimo de naturalidade, de singeleza e graça:

Incline o rosto um pouco. . . assim. . . ainda. . .
Arqueie o braço, a mão sobre a cintura;
Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura
E a covinha animar da face linda.

Erga a ponta do pé. . . que graça infinda!
Quero nos olhos ver-lhe a formosura,
Feitiço azul de orvalho que fulgura,
Foco de luz suave que não finda.

Ha pouca luz. . . eu vejo-a. . . está sentada:
Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
Na ruginha da fronte jambeada. . .

Enfadou-se? Meu Deus, eil-a que chora,
Pois cahiu-me o pincel; que mão ousada!
Pintar de noite o levantar da aurora!. . .

O melhor meio de dar a conhecer um brilhante é mostra-lo. Em tal intuito, para bem se apreciar a poesia em José Bonifacio, seria mister, no genero gracioso, além d'*O retrato*, mostrar, *verbi-gratia*, *O pé*, e no genero epico-lyrico fazer ler *Primus inter pares* e *O Redvivo*, pelo menos. Ver-se-hia então como a lingua progrediu em amplitude, flexibilidade, colorido, movimento; ver-se-hia tambem como o lyrismo amoroso foi-se tornando cada vez mais ardente, mais intenso, chegando a ficar n'alma de alguns temperamentos verdadeiramente meridionaes, por assim dizer, tempestuoso, allucinado.

LUIZ DELFINO DOS SANTOS, nascido em Sancta Catharina em 1834 e ainda vivo, é, pela variedade e extensão de sua obra, o maior poeta do Brazil. Infelizmente suas innumeraveis producções andam esparsas pelos jornaes e revistas. Não tem um só livro publicado.

Sua carreira divide-se em duas phases perfeitamente distinctas: na primeira, que distende-se por mais de vinte annos (1855 ou 56 a 1879 ou 80) o poeta quasi nada salientou-se, passando quasi despercebido no meio da indifferença geral. Não é que lhe faltasse o talento para tornar-se de chôfre tão conhecido e estimado quanto Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Laurindo Rabello, José Bonifacio, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella ou qualquer dos outros seus coevos; é que o poeta, preocupado com as labutações de sua grande clinica, porque elle é um distincto medico, muito pouco publicou de suas composições d'aquelle tempo e isto mesmo de longe em longe.

E' o periodo de seu semi-condoreirismo. Mas de 1879 em deante as cousas tomaram outro aspecto; o poeta começou de atirar sobre o publico as joias de seu escritorio, e raro ha sido o dia que não tenhamos admirado as suas notaveis qualidades de lyrista no correr dos dous ultimos decennios do seculo expirante. E' o periodo *parnasiano*. N'um trabalho do genero deste é impossivel traçar a caracteristica de um poeta como Luiz Delfino, tal é a variedade de sua producção. Contentamo-nos em affirmar ser elle de todos os nossos poetas, sem duvida, o de mais imaginação, o de surtos mais possantes, e talvez o de vocabulario mais rico. A primeira phase está bem representada em *So'omnia Verba*, a segunda pôde ser bem apreciada em *Angustia do Infinito*, *Cidade de Luz*, *Tres irmãs* e duzentas outras peças de primeira ordem. Uma pequena amostra de estylo d'entre as multiplas manifestações deste talento:

Foi festa e grande em toda a Cachemira,
Quando chegou montada no elephante.
Viu-se em leve sandalia de saphira
O seu pé de uma alvura deslumbrante.

Colhendo as sedas, sua mão ferira
Com luz nevada a multidão, deante
Da qual o rosto apenas descobrira
Na sombra do riquissimo turbante.

Mas quando viram seus nevados seios,
Branços, riscados de azulados veios,
C'roados d'uma aureola de cabellos,

— Tenues fios de estrella que irradia. . .
Para não offendel-a á luz do dia,
Fugiram della ao trote dos camellos.

Nada ha a dizer de *Pedro Luiz Pereira de Sousa* como um dos precusores da maneira hugoana entre nós. Produziu quatro ou cinco poesias, mais declamatorias do que sentidas, de cunho meramente politico, e não deixou uma só peça de doce e delicado lyrismo. Muito maior do que elle, naquella direcção, foi *José Maria Gomes de Sousa*, poeta sergipano, desconhecido dos proceres da critica indigena.

O encadeamento dos factos leva-nos a dizer da poesia nos trez notaveis predecessores do parnasianismo: TEIXEIRA DE MELLO, MACHADO DE ASSIS e LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

O primeiro destes poetas nunca teve no Brasil a importancia de que é merecedor. Sua poesia tem uns toques tão suaves, tão doces, tão delicados, que não sabemos de outro que o sobrepuje por esta face. O seu livro *Sombras e Sonhos* é um dos mais mimosos que já uma vez foram escriptos por mão de homem. Temos ufania de haver sido o primeiro a despertar na *Historia da Litteratura* a attenção para elle.

O que individualiza e distingue as feições da poesia de Teixeira de Mello é certa singularidade, certa elevação graciosa e meiga das phrases, certa garridice das imagens; alguma cousa que lembra Victor Hugo nos bons tempos, quando não tinha ainda gongorismo a penna com que escreveu *Sara la baigneuse* e outras joias de egual quilate. E como o principal é mostrar aqui a evolução da fórma, indicaremos alguns trechos que documentarão nossos assertos. Ouçam:

Tinhas então no olhar, a morbidez
Da infancia que presente a mocidade;
Tinhas na frente o sello da belleza
E n'alma a sombra vaga da saudade.

Amemos como á luz as mariposas,
Como a flor ama o orvalho que a remoça!
Amar não é topar pela existencia,
Como a topaste, um'alma irmã da nossa?

Ou isto, que é ainda melhor:

Onde haja musgo em que teça
Um ninho em que eu adormeça
Com meus amores implumes;
Onde não vinguem espinhos,
Onde o sol entre carinhos
Viva de azul e perfumes.

Procurei no mundo todo
 Um ponto, per'la no lodo,
 Onde o amor fosse verdade!
 Onde a vida fosse um lago!
 Nosso baixel um afago!
 Nossa brisa. . . a mocidade!

Ou estas quadras da poesia á *Lua* :

Tu passas núa, escabellada e muda,
 Levada em braços de milhões de anjinhos,
 E vais, quem sabe? te banhar nos lagos
 Em que lavam-se o sol e os passarinhos. . .

Eu te vejo passar, tão perto ás vezes,
 No meu deserto, fugitiva embora!
 Tu és o cysne que em meus cantos canta;
 Tu és a amante que em meus prantos chora!

Ou, finalmente :

Tens perfumes na voz que embriaga;
 Como os anjos tu cantas fallando,
 E dos seios na tumida vaga
 Tens perfumes que alentam matando. . .

Tens perfumes na boca mimosa,
 Que um azul beija-flor do vergel
 Já tomou-a por folhas de rosa
 E uma abelha por favos de mel. . .

São fragmentos citados a esmo, e que demonstram outra peculiar qualidade da poesia de Teixeira de Mello: a correcção da lingua e da fôrma metrica. O poeta é impeccavel; é um primoroso romantico e um verdadeiro precursor dos parnasianos modernos.

Podemos só por elle aquilatar do progresso da poesia brasileira em trez seculos de vida. No regimen classico a lingua não tinha essa elasticidade, essa flexibilidade, esse doce torneio, essa capacidade caprichosa e ondulante de ostentar-se em bellas phrases.

Em MACHADO DE ASSIS, o poeta das *Chrysalidas*, das *Phalenas* e das *Americanas*, a poesia ostenta igualmente grande correcção de fôrma, quanto á linguagem e quanto á metrica.

O poeta, mais illustre como prosador, é acatado como um dos melhores mestres, talvez o melhor na opinião de muitos, do romance

nacional. Na poesia não nos parece tão distincto quanto o auctor de *Sombras e Sonhos*; pelo menos não é tão sentido, revelando-se muito mais frio. Nos ultimos annos tornou-se um completo parnasiano, *ad instar* de *Luiz Delfino*, produzindo, porém, muito menos do que elle e por modo e estylo diverso. A esta ultima phase pertencem duas pequenas peças *Circulo vicioso* e *A mosca azul*, que os seus admiradores citam a cada passo, como modelos inexcediveis. Achamos, por nossa parte, que a poesia nacional nos modernos tempos possui producções bem mais notaveis.

Êis aqui o famoso *Circulo vicioso*:

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
 « Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
 Que arde no eterno azul como uma eterna vela! »
 Mas a estrella, fitando a lua, com ciume:

« Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
 Que da grega columna, ó gothica janella,
 Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella! »
 Mas a lua, fitando o sol com azedume:

« Misero! tivesse eu aquella enorme, aquella
 Claridade immortal, que toda luz resume! »
 Mas o sol, inclinando a rútila capella:

« Pesa-me esta brilhante auréola de nume. . .
 Enfára-me esta azul e desmedida umbella. . .
 Por que não nasci eu um simples vagalume? »

E' correcto e bem feito; porém não lhe vemos essa rara profundeza que tanto embevece os entusiastas. Machado de Assis ficará como prosador, como quem mais fundo penetrou no romance e no conto os abysmos d'alma humana. Não é pequena gloria, como se verá adiante.

LUIZ CAETANO P. GUIMARÃES JUNIÓR (1844-1898) era mais moço do que Teixeira de Mello (1833) e Machado de Assis (1839). Estes vivem ainda e elle já falleceu.

Sua actividade poetica, como era natural, principiou mais tarde. O lyrista das *Sombras e Sonhos* começou em 1855 ou 56; o cantor d' *A mosca azul* em 1857 ou 58. *Luiz Guimarães* só deu inicio á sua carreira em 1862 ou 63. Deixou-nos dous livros de versos — *Corymbos* e *Sonetos e Rimas*.

O primeiro representa a phase em que poetou no Brasil (1862-72), o outro o periodo em que residiu na Europa em carreira diplomatica.

No primeiro, menos brilhante pela fôrma, a poesia é mais espontanea, mais sincera, mais sentida. Sob tal feição os *Corymbos* são superiores aos *Sonetos e Rimas*. Estes revelam mais apuros e requintes de fôrma; aquelles mais alma e esta é de mais valor, ainda mesmo em poesia. Os *Corymbos* são o repositório dos cantos do poeta dos dezoito aos vinte e cinco annos, quando elle não tinha ainda aprendido na diplomacia a arte das fôrmas polidas, aptas a esconderem e refoharem o pensamento e o sentir.

Como factura, como mão d'obra, como producto de ourivesaria os *Sonetos e Rimas* deixam os *Corymbos* muito a perder de vista; como expressões francas de um'alma de rapaz, estes, repetimos, ganham a palma.

Luiz Guimarães não era uma intelligencia apta para a sciencia, a critica, a philosophia, as especulações, que exigem profunda tensão de espirito. Os generos que lhe ficavam de molde eram a poesia ligeira, o conto rapido, o folhetim minusculo. A primeira é que lhe assentava melhor. Em seus livros de versos não se encontram producções más; porém não se nos deparam muitas que sejam verdadeiramente superiores e imponentes. Não ultrapassa certa altura no vôo; sobe bastante, é certo, mas não se perde nas nuvens.

Não produz brilhantes raros engastados em finissimo ouro; espalha rubins, turquezas, saphyras e topazios em graciosas joias de ouro médio e faz deliciosas filigranas de boa prata.

Mas é verdade que não desce ao estanho e ao cobre. Não é poeta para nos alentiar nos momentos das grandes dôres, das fundas crises do coração; é um diligente e prazenteiro camarada para certas horas de descuido ou de enfado. Ouçamo-lo nos requintes da su'arte:

Emquanto os meus olhares fluctuavam,
Seguindo os vôos da erradia mente,
Sob a odorosa cupola fremente
Dos bosques — onde os ventos susurravam.

Ouvi fallar. As arvores fallavam:
A secular mangueira fielmente
Repetia-me o branco idylio ardente
Que dous noivos, á tarde, lhe contavam;

A palmeira narrava-me a innocencia
De um puro e mutuo amor, sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia;

Ouvi o cedro, o coqueiral agreste,
Mas excedia a todas a eloquencia
D'uma que não fallava: — era o cypreste.

Luiz Guimarães estudou direito no Recife entre 1864 e 1869; assistiu alli ao desenvolvimento da eschola que ficou denominada na historia — a *eschola condoreira*, em que tomou parte mais ou menos directamente. Foi o ultimo movimento effectuado em nossa poesia dentro dos limites do velho romantismo. Seus representantes foram: *Tobias Barreto, Castro Alves, Victoriano Palhares, Castro Rabello, Plinio de Lima* todos no Recife, e a que se podem ligar no sul *Elzeario Pinto, Carlos Ferreira e Mucio Teixeira*, este no primeiro de seus livros de versos.

A intuição e a maneira do grande poeta das *Orientaes* já tinha tido, como dissemos, precusores entre nós em *Maciel Monteiro, José Bonifacio, Luiz Delfino, Pedro Luiz e José Maria Gomes de Sousa*, todos mais ou menos intercurrentemente e com talentos deseguaes.

Como eschola, conscientemente, com estylo assentado, com determinados ideaes e com um grupo de pelejadores, que vieram a influir por todo o Brasil, foi evolução levada a effeito em Pernambuco entre 1862 e 1870. Neste ultimo anno começaram as reacções contra o romantismo em geral e especialmente contra a ultima de suas manifestações.

TOBIAS BARRETO DE MENEZES (1839—89) foi um talento de fortes qualidades communicativas; era um reactor, um abridor de caminho. D'ahi a influencia que exerceu nas trez espheras principaes de actividade a que se dedicou e que correspondem a trez epochas perfeitamente distinctas de sua vida: a poesia, na primeira phase do Recife de 1862 a 1870; a critica de philosophia e de litteratura, no periodo da Escada de 1871 a 1881; o direito, no ultimo estadio recifense de 1882 a 1889.

Agora só temos de ver e muito rapidamente o poeta, um dos maiores que o Brasil tem possuido, em que peze a ferrenhos adversarios que possui, e contará ainda por muito tempo. Ha da parte desses irreductiveis uma perfeita mania que lhes obscurece o espirito e os faz negar o merecimento de um dos homens mais eminentes deste paiz. Fazem-no sempre desasadamente, porém incessantemente: é uma verdadeira obsessão.

Os grande poetas das primeiras phases do romantismo ou já tinham fallecido, ou estavam mais ou menos mudos, quando foi iniciado o movimento condoreiro. O synchretismo dos factos mostra-nos que Machado de Assis, Fagundes Varella e Tobias

Barreto começaram pelo mesmo tempo. Castro Alves seguiu logo immediatamente, e o mesmo foi o caso de Luiz Guimarães. Como se está a ver, são cinco individualidades notáveis que representaram os fóros de nosso lyrismo no decennio que vai de 1860 a 1870. A poesia em Tobias Barreto, quanto elle não tivesse escripto muito, é assás variada em suas feições. Si quizerdes a nota synthetica da evolução humana, tendes nesse grandioso *Genio da Humanidade*; si preferirdes a nota humanitaria, tendes n'*A Caridade*; si procurardes a nota liberal em prol dos povos captivos, acha-la-heis na ode *A' Polonia*; si vos aprouver a nota patriotica, lá está ella em *A' Vista do Recife*, em *Sete de Setembro*, em *Os Voluntarios Pernambucanos*, em os *Leões do Norte*, em *Capitulação de Montevidéo*; si for mais de vosso agrado a nota tribunicia contra os máos governos, vos apparecerá em *Decadencia*; si desejardes a nota philosophica, *Ignorabimus* vo-la dará; si vos lembrardes da nota sertaneja, ouvi-la-heis em *Os Trovadores da Selva*, *Anno Bom* e *Os Tabaréos*; si acreditardes ausente a nota psychologica, vos apparecerá em *Vãos e Quedas*, *Lutas d'Alma* e outras; si duvidardes da nota naturalista, está manifesta em *Lenda Civil* e *Lenda Rustica*; si gostardes da nota de pura effusão esthetica, deveis ler *A' Mr. Reichert*, *A. F. Moniz Barretto*, *A' Senespleda*, *A' Cortesi*, e muitas mais; si antes de tudo prezardes nos poetas a nota amorosa, tendes *Leocadia*, *Pelo dia em que nascestes*, *Ideia*, *Como? Incredula*, *Contemplação*, e vinte outras; si julgardes que todo poeta deve ter uma nota comica, lêde—*O Rei reina e não governa*; si, finalmente, acima de tudo collocardes o lyrismo innominado em sua delicadeza indefinivel, encontra-lo-heis em *O Beija-flôr* e em *O Beijo*, *Por brincadeira*. . . Como nosso fim principal, conforme havemos declarado por vezes, é mostrar a evolução especialmente na fôrma, limitamo-nos aqui a um só exemplo; é *Leocadia*:

Livro de luz, em que o Senhor medita,
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rosas puras a chorar e a rir;
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,
De cuja essencia a criação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa, que do céo vos falla. . .

Vós sois na terra a incarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rutila estrophe de um poema d'ouro,
Livro de luz em que o Senhor medita. . .

Lagrima d'alva, que no seio calido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Pagina alvissima em que Deus escreve,
E ás mãos dos anjos não é dado abrir.

Virgem serena, a cujos olhos timidos
A lua gosta de fazer perguntas
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas,
Com as brisas tenues, a dizer as queixas
D'alguma dôr que só Deos pôde ouvir,
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,
Com as rosas puras a chorar e a rir;

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
Rosto banhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma, que dá-se em alimento ás flôres,
Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyríos,
De cuja essencia a criação trescala.

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos!
Tranças esparsas, joelhada, estactica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das espheras lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellifluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos falla !!

Temos n'estes versos, verdadeiramente suggestivos, uma antecipação do lyrismo symbolista e encantador de Cruz e Sousa, tanto é verdade que as escholas se vão prendendo umas ás outras pelos élos profundos do pensamento, que se desdobra e evolue. Citamo-los de preferencia a quaesquer outros puramente condoreiros. E' que o poeta dos *Dias e Noites* é, a nosso vêr, mais para ser apreciado em suas producções suavemente delicadas, do que nas epico-lyricas.

E mais não nos extenderemos, por evitar a vã censura de pretendermos collocar Tobias Barreto acima de todos os escriptores brasileiros, quando apenas temos procurado vê-lo no logar que lhe compete. O mesmo fizemos por *Gregorio de Mattos*, que antes da *Historia da Litteratura Brasileira* não passava de um maldizente que se suppunha desprezivel; por *Laurindo Rabello*, considerado apenas um andarilho pornographico em o pensar geral; por

Teixeira de Mello, inteiramente desconhecido como poeta; por *Celso de Magalhães*, o romancista do *Estudo de Temperamento*, o poeta dos *Calhambolas*, o critico do *Estudo sobre a poesia popular do Brasil*, ainda hoje quasi de todos ignorado; por *Mello Moraes Filho*, que não era devidamente acatado como lyrico; por *L. C. Martins Penna*, cujo valor, como documentador de sua epocha, fomos o primeiro a salientar. Limitamo-nos a lembrar não nos passarem despercebidos os motivos da mania accusatoria movida ao poeta dos *Dias e Noites*. Quem foi o primeiro, entre nós, a bradar contra a influencia deleteria do Rio de Janeiro, contra o prestigio e valor dos mestres portuguezes e, mais ainda, contra a dictadura do pensamento francez em nossas lettras, não pôde ser um homem querido, um escriptor festejado. N'este paiz seria um milagre.

ANTONIO DE CASTRO ALVES (1847-1871), discipulo do poeta dos *Dias e Noites*, teve destino completamente diverso do do mestre: foi sempre o *enfant gâté* dos dispensadores de fama n'este paiz, especialmente depois que José de Alencar e Machado de Assis o aponctaram á admiração geral.

O poeta, aliás, não precisava de taes encomios e protecções, porque tinha realmente um grande talento. E' que ainda os homens, a despeito de tudo, não apreciam muito os luctadores solitarios e independentes, nomeadamente nas terras onde o empenho é a primeira das forças publicas; até na esphera das lettras tem elle a preferencia a todas as nobres qualidades que um homem haja de possuir.

Apreciemos a poesia em Castro Alves. No genero deixou dous livros: *Espumas Fluctuantes* e *O Poema dos Escravos*. Este ficou incompleto; existem apenas dous fragmentos: o episodio d'*A Cachoeira de Paulo Affonso* e o punhado de poesias sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*. *O Poema dos Escravos* não era na mente do auctor uma epopeia no velho e vulgar sentido, um enredo, uma acção especial, desenrolados por personagens typicos. Era antes uma collecção de poesias soltas, desprendidas entre si, referentes todas, porém, ao facto social da escravidão. E aqui tocamos o intimo mesmo do talento do moço poeta. Quem o lê attentamente nota-lhe logo dous tons fundamentaes: o lyrismo gracioso das paixões, dos amores, das effusões individuaes e o cantar brilhante do socialista, do democrata social. As producções em que predomina o primeiro tom são interessantes, mas contam muitas congeneres na litteratura brasileira. Aquellas, em que sobresaem a outra nota, possuem poucas similares entre nós.

Castro Alves em nossa historia litteraria representa um duplo papel. Por um lado, foi o apostolo andante do condoreirismo.

Não ficou parado no Recife ; depois de ter alli luctado em prol da nova poesia, passou á Bahia e d'ahi ao Rio e a S. Paulo. Estes são os quatro centros intellectuaes mais notaveis do Brasil ; nelles o poeta fez-se ouvir e creou adeptos.

Por outro lado tomou muito a serio o seu character de poeta e concentrou ahi todos os esforços e energias de seu espirito. Quiz deixar obra duravel.

Para tanto abandonou por bastante tempo suas preoccupações particulares, seus ephemos amores, e lançou olhares curiosos á nossa sociedade. Um facto ahi havia que o impressionou sobre todos, o facto cruel e repugnante da escravidão ; e tentou fazer o poema dos escravos.

Ahi vae a sua verdadeira originalidade. Antes e depois d'elle, entre nós e no estrangeiro, alguns poetas tomaram como assumpto de seus cantares o phenomeno extravagante do captiveiro. Mas Castro Alves tem entre todos uma nota especial. E' bem verdade que não se collocou em o poncto de vista determinado da escravidão brasileira. Por outros termos, é bem verdade que não fez a psychologia nem a sociologia do escravo, não se poz no meio dos captivos, *nos engenhos e nas fazendas*, para lhes photographar com nitidez naturalistica o viver pungente e as profundissimas misérias.

O poeta não architectou o romance cruel e *realista* dos escravos. Não ; seu caminho foi outro, ensinado, aponctado pela indole mesma de seu talento. Ao poeta bastou-lhe, para o excitar e commover o facto geral e indistincto da escravidão. Só isto foi bastante para levantar-lhe o sentimento, e este sentimento foi a indignação e a cholera. O poeta não desceu a descrever scenas ; alludiu rapidamente a ellas e suppô-las com razão conhecidas de todos. Elle é da familia do cantor dos *Châtiments* ; indigna-se, encholeriza-se e larga o azorrague nos verdugos, nos oppressores dos miseros captivos.

O espirito de Castro Alves é o de um tribuno, de um agitador ; sua poesia é a expressão natural de seu character, de seu temperamento.

E' assim um dos mais nitidos exemplares entre nós do poeta socialista, queremos dizer, do poeta que em sua arte preocupa-se com certas idéas e problemas que se agitam na vida politica e social da nação.

E não perdeu o seu tempo ; bem ao contrario, este paiz deverá sempre ler todos os bellos versos em que elle foi o porta-voz, a expressão grandiloqua da consciencia da patria. Antes da lei de 28 de Setembro de 1871, que declarou livres todos os nascidos no

Brasil, a poesia já se havia honrado com as *Vozes d'Africa* e o *Navio Negreiro*.

Estas poesias foram avulsamente publicadas em folhas soltas em 1870 e 1871.

Espalharam-se por todo o Brasil, fizeram grande sensação em Portugal, onde tiveram muitos imitadores; foram lá decoradas e recitadas nos salões.

Não terão ellas influido no condoreirismo tardio de Guerra Junqueiro? Nós o cremos bem.

Um critico moderno aconselhou cuidado em distinguir na poesia franceza, especialmente na de Victor Hugo, a eloquencia da genuina e estreme poesia. Esta observação é verdadeira e não pôde ser illudida.

Ha muitos trechos na poesia romantica, repletos de imagens, cheios de sonoridades, de requebros, de adjectivações, de apostrophes, que são verdadeiros typos, verdadeiros especimens de eloquencia. Entretanto, e por via de regra, nem sempre são os mais poeticos.

Este character pertence áquelles em quem se nota mais simplicidade, mais sentimento, mais vida intima, mais sinceridade.

Os povos meridionaes, por indole exaggerados e propensos á rhetorica, quasi nunca observam a alludida distincção.

Gostam das fortes imagens, dos rendilhados das phrases, do farfalhar das palavras, de toda a exterioridade bulhenta, emfim.

Por isso entre nós o que mais agradou de Castro Alves foram os palavrões, as bombas, toda a falsa eloquencia dos versos.

Felizmente salva-se elle na historia, porque teve o bom instincto de escrever bellos pedaços de simples poesia.

Os epigonos se apoderaram do falso estylo e o levaram ao requinte do exaggero. Foi a quarta potencia do gongorismo, verdadeira teratologia litteraria.

Veja-se agora um trecho do bello estylo do poeta :

Boa noite, Maria. Eu vou me embora.
A lua nas janellas bate em cheio.
Boa noite, Maria ! E' tarde. . . E' tarde. . .
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite ! . . . E tu dizes — Boa noite.
Mas não digas assim por entre beijos. . .
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu ! Ouve. . . A calhandra
Já rumoreja o canto da matina ;
Tú dizes que eu menti ? . . . pois foi mentira.
Quem cantou foi teu halito, divina !

Se a estrella d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo da alvorada :
E' noite ainda em teu cabelo preto. . .

E' noite ainda. Brilha na cambraia,
— Desmanchado o roupão, a espadua núa,
O globo do teu peito entre os arminhos,
Como entre as nevoas se balouça a lua.

E' noite, pois ! Durmamos, Julieta !
Rescende a alcova ao trescalar das flores.
Fechemos sobre nós estas cortinas. . .
— São as azas do archanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada
Lambe voluptuosa os teus contornos. . .
Ah ! deixa-me aquecer teus pés divinos
No doudo afago de meus labios mornos.

Mulher de meu amor ! Quando aos meus beijos
Treme tua alma como a lyra ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros bebo attento !

Ai ! canta a cavatina do delirio,
Ri, suspira, soluça, aneia e chora. . .
Marion ! Marion ! E' noite ainda.
Que importa o raio de uma nova aurora ?

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo. . .
E deixa-me dormir balbuciando :
Boa noite ! formosa Consuelo !

Bellissima poesia, apta a dar uma ideia do estylo do moço bahiense, quando elle queria ser delicadamente lyrico. A função historica da eschola condoreira, como já dissemos vinte vezes, foi arrancar a poesia nacional da modorra choramigas em que ella andava a esmorecer e chama-la a interessar-se por assumptos mais humanos, mais elevados, mais nobres, mais impessoaes, dando-lhe, ao mesmo tempo, um estylo mais vibrante e mais largo ! Fechou o cyclo do romantismo, como tambem já advertimos.

O primeiro brado de alarma contra o decadente systema no Brasil foi dado pelo auctor d'estas linhas, que aventou a idéa de mudar a litteratura as velhas trilhas e inspirar-se na critica, na philosophia, na sciencia moderna. Era em 1870 e em jornaes

de Pernambuco. Eis aqui em rapida synthese o que diziamos pouco mais tarde, no prologo dos *Cantos do fim do seculo*: « A poesia é um facto commum, ordinario vulgar da vida humana, que não deve ter a pretensão de exigir inviolabilidades nem privilegios para si. Como a linguagem, como a mythologia, como a religião, ella perdeu todos os ares de mysterio, depois que a sciencia do dia, imparcial e segura, penetrou amplamente no problema das origens. Este resultado foi devido principalmente á alta critica historica e philologica, depois que o sôpro das sciencias naturaes a fez rejuvenescer.

A poesia é um resultado da organização humana; nada tem de absoluto nem de sobrenatural; nada, por outro lado, de desprezível ou repugnante.

No meio das mutações por que teem passado todos os ramos do pensamento humano, qual o estado a que deve ter ella chegado? qual o seu character de hoje? A epocha de Darwin, Moleschott e Büchner, de Lyell, de Vogt e Virchow é naturalmente a de Comte, Mill e Spencer, de Buckle, Draper e Bagehot. Estes nomes exprimem a grande transformação das sciencias da natureza invadindo a esphera das sciencias do homem. Todos sabem que a religião, a linguagem e a historia, o direito, a politica e a litteratura são hoje tractados por methodo bem diverso d'aquelle por que o eram ha trinta annos. Esta nova maneira de sentir e pensar de sabios e philosophos, n'um tempo como o nosso, não fica incognita e mysteriosa, sem acção sobre a massa dos leitores. A cabalística do seculo XIX é nenhuma; toda descoberta é logo espalhada aos quatro ventos pela voz dos livros, das revistas, dos jornaes. A popularização da sciencia é um phenomeno dos derradeiros tempos e a melhor conquista da repulsa do sobrenatural. A intuição do grande publico vai mudando, como mudada ha muito se acha a dos homens competentes. Na evolução de todas as manifestações espirituas, a poesia não pôde ficar estacionaria.

Tem-no, entretanto, ficado em grande parte; o impeto das reformas, pelo menos, não é comparavel ao arrôjo romantico do começo d'este seculo. A reforma dos principios ha muito anda feita nos livros de analyse; mas a poesia quasi que tem a antiga toada. A nova intuição poetica e litteraria nada contará de dogmatico: será um resultado do *espirito geral da critica contemporanea*. Acima dos combatentes, sem duvida necessarios, que, obcecados por uma vista qualquer particular das novas idéas, falseam a noção do grande todo, estão os espiritos, que se empenham em traçar as grandes linhas do edificio moderno; acima de todas as doutrinas está a *intuição generica da critica*. A poesia não pôde se fazer

systematica; conseguirá sómente embeber-se dos grandes principios da philosophia geral. . . A arte não é agora uma caduquice, quando a musica rejuvenesceu e a poesia attende a todas as perplexidades contemporaneas e sente-se possivel e fecunda: a arte funda-se hoje na intuição novissima que a sciencia desapaixonada e imparcial vai divulgando. Deve ser uma consequencia e uma synthese de todos os principios que até hoje teem agitado o seculo.» Palavras estas de 1873, que resumiam a propaganda que vinha de annos antes. Nos *Cantos do fim do seculo* e nos *Ultimos Arpejos* o auctor levou a effeito o seu programma de uma poesia philosophica, symbolica e geral.

Entretanto, quasi immediatamente duas correntes inteiramente diversas tinham de vir mudar a feição das cousas e arrastar em suas fallaciosas miragens as intelligencias nacionaes, o *naturalismo* e o *parnasianismo*, isto é, aquelle a pretensão errada de querer fazer arte e poesia sómente com a *observação* e o outro a pretensão, não menos erronea, de querê-las fazer só com os apuros da *fôrma*! Felizmente o tempo se encarregou de destruir taes illusões; e a novissima e ultima eschola litteraria do seculo que finda fez voltar os espiritos a uma concepção da arte que se approxima muito mais da nossa propria doutrina do que das pretensões dos *realistas* e *parnasianos*.

Nosso systema foi desprezado a pretexto de *obscuro no fundo* e *descuidoso na fôrma*. . . Estavamos com a verdade; era, porém, impossivel fazer parar a corrente, nomeadamente na sua feição parnasiana, a mais facil e a mais enganadora; porque para ella entraram os maiores talentos poeticos da epocha: Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e outros e outros. Pelo que toca a realismo naturalistico, muito pouco deu de si em poesia e foi asylar-se no *romance* e no *conto*, onde tambem pouco prosperou. Foi, pois, com immenso gaudio que se nos depararam em plena revolução parnasiana estas palavras do sr. Annibal Falcão no prologo das *Opalas* do sr. Fontoura Xavier: «A falta mais grave de toda a litteratura contemporanea consiste em confundir os diversos elementos da elaboração artistica, dando preeminencia aos *dous inferiores*, isto é, *ora á expressão, ora á observação*. D'esta fôrma é prejudicada a *idealização*, operação essencial da poesia. . . » A critica acerba do moço pernambucano passou despercebida, e o erro proseguiu impavido, até que os symbolistas entrassem na arena e limpassem-na das velhas pretensões emperradas. Como amostra de nossa intuição, e para que se veja que não era lá tão abstrusa de *sentido* e tão desconcertada de *fôrma*, aqui vai o que escrevemos d'*Alma*, scilicet, do mytho de *Psyché*:

Aqui da frente é que desponta a aurora,
 Aqui do peito só que o amor se exhala. . .
 Grega sublime, Psyché formosa,
 N'um sonho doce quem te ouvira a falla,
 O riso meigo, o harmonioso aneio
 Dos teus enlevos! Nas madeixas tuas,
 Ah! quem pousara d'um suspiro, ao menos,
 O tenue mimo nas espaduas nuas!

Mas, sonhadora, que altivez é essa?
 Deixando os labios, vaes beijar as flores?
 Dá que o teu seio, deslumbrante e meigo,
 Nos mostre a vida dentro em seus fervores.
 O vento fresco das manhãs saudosas,
 O azul da vaga, que desperta agora,
 Todo o sussurro que os jasmims despedem,
 Por tuas graças é que tudo adora. . .

Oh! bella imagem das ternuras brandas,
 O teu perfume pelo céu foi feito:
 Tu, que acordaste d'uma scisma aos frocos
 Envolta e nua do sidereo leito,
 Lindo o teu corpo, que as paixões desfolhas,
 Já de cansadas de te ver ausente,
 Dize: nas dobras de teu seio occulta
 Tambem uma alma não palpita e sente?

Como que a vida se evapora em risos
 Lá no sacrario dessa noiva santa!
 A nuvem loura dos cabellos soltos,
 Rosada a boca, que as manhãs encanta,
 Inda mais bella se ás estrellas falla,
 Não. . . não é tudo. . . mas o puro espanto
 Dos seus olhares que reflectem mudos
 A gloria e a sorte em divinal quebranto?

Sim, ver-lhe o corpo, na expressão d'um sonho,
 Tingida a neve pela cor das rosas,
 Tão transparente, que sua alma em extasis
 Mostra-se toda nas feições mimosas;
 Ver como um susto lhe descora a face,
 Como um anhelos lhe entumece o seio,
 E' ter a frente mergulhada em brilhos,
 Longe os mysterios desvendando a meio.

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas
 Rolando cheia, borbulhando flores,
 E sob o collo lhe vêr a alma aberta
 Em seus effluvios, dentro em seus fulgore s,

Bello espectáculo ! E como todo riso
São devaneios e caprichos vagos,
Como os desejos são ondulamentos
D'alguma ideia que suspira affagos ! . . .

O céo brilhante dessa plaga hellenica
Sopra a bafagem perfumosa e amena ;
E lá dos astros desce o encanto fulgido,
A paz, a calma, a mansidão serena.
E com os enleios de serêa languida,
E com os arroubos de bacchante louca,
Todos os sonhos, palpitanes, tumidos,
Abrem as azas. . . A amplidão é pouca ! . . .

E' d'Alma a empreza. Que expansões suaves !
Assim Homero devassava a sorte ;
Platão entrava na sortida, ás vezes,
Trazendo sempre mais um raio forte.
Aqui d'America, n'agitada arena,
Cada um suspiro traz um céo no fundo,
A' cada ideia não sácia um astro,
Que nós sentimos vacillar o mundo. . .

Ah! nós provamos que o tufão, que passa,
Traz-nos de longe alguma nova infinda ;
Que a flôr aberta á madrugada amavel,
Sabe um segredo que não disse ainda.
Voae, desejos, aquecei-vos todos
A' luz sagrada deste sol que brilha ;
Mas que parece que também procura
D'outras grandezas a sonhada trilha !

Ou nos enganamos muito ou esse mixto do mytho da *Psyché* da velha Grecia e das esperanças e ousadias da joven America, alliança do passado e do futuro, especie de symbolo do progresso, não deixa de ter algum valor, e, como fundo e forma, não achamos que tenha desmerecido do aprumo a que tinha chegado a poesia nacional. Os inimigos do critico puderam livremente vingar-se no poeta. Mas, como quer que seja, especie de *conceptualismo philosophico*, de que fomos arauto na lyrica brasileira, teve outros sectarios, sendo os maiores delles MARTINS JUNIOR e TEIXEIRA DE SOUSA. E' uma corrente littararia que tem fortes laços de união com a eschola realistico-socialista, que se lhe formou ao lado, e onde figuram os nomes citados em o numero XIV de nosso quadro synoptico. E não seria sem razão junctar-lhes os de *Luiz de Sá Lima*, *Leovigildo Filgueiras*, *Phaelante da Camara*, *Anisio de Abreu* e *Mathias Carvalho*.

JOSÉ EDUARDO TEIXEIRA DE SOUSA na ordem chronologica antecede a José Isidoro Martins Junior. Publicou, principalmente na *Idéa*,

revista litteraria, em 1875, algumas poesias, onde se nos depara elevada intuição philosophica. As principaes são : *Naturae Vox*, *Os Dous Amphitheatros*, *Terribilis Vox*, *Redempção*, *Que será?* *Aquarella Excelsior*, *A Voz do porcir*, *Canção do patriota*, e poucas mais. De todas, as melhores são as duas primeiras. Parece-nos haver elle comprehendido a doutrina da poesia scientifica; porque vê-se bem claro não pretender fazer sciencia em verso, e sim pura e simplesmente levar para os dominios da arte a ampla intuição, a visualidade subjectiva inspirada pela sciencia e pela philosophia. Eis aqui um trecho tirado d'*Os Dous Amphitheatros*, uma das poesias do genero mais bellas que existem em lingua portugueza; o poeta falla do *Colyseu* e da *Igreja* :

Eil-a a enorme ellipse em marmore talhada !
 Abobada de pé, arcada sobre arcada,
 E mil symbolos d'ouro, emblemas e floeios
 Em torno á columnata, a descreverem veios
 Artisticos, subteis, corynothios, ionios, doricos,
 E em cada capitel poemas allegoricos,
 Onde ainda se vê, trazendo rico espolio
 De mais uma conquista ao alto Capitolio,
 Se debuxar, a par do mytho olympiano,
 O carro triumphal do imperador romano.
 Aqui está de Marte o carrancudo busto,
 Alli a fronte esbelta e bacchica de Augusto.
 Abala o amphitheatro a turba em vozeria :
 « Ave Cezar ! » — E o rei na excelsa galeria,
 Como o cão que fareja inanimada caça,
 Sorri-se prazenteiro á toda populaça.
 Dá signal o pretor, e das jaulas na arena
 Atira-se um leão á frente de uma hyena.
 Medem-se n'um momento os rudes combatentes,
 As caudas ferem o ar, rosnam por entre os dentes;
 E, como se um tufão roncasse nas collinas,
 Lança nuvens de pó o sôpro das narinas.
 Arremettem de encontro os feros animaes;
 Chocam-se a lacerar aquelles dous rivaes,
 E attonitos de pé, estacam derepente
 Co'a celeuma que se ergue festival, fremente
 Da plebe que os receia, applaude e surprehende.
 Por todo o circo, então felino olhar se estende,
 Olhar que em cada uma esplendida pupilla,
 D'envolta com o desprezo, a colera fuzila!
 O sangue lhe rebenta em jorros das mandibulas
 Que batem-se a ranger sem descansar estridulas !
 E trava-se de novo a interrompida luta !
 As fauces o leão a escancarar, já nuta !
 Mas volta-se de um salto, a redobrar de esforço,
 E no contrario flanco e no contrario dorso

Crava de uma só vez as aguçadas garras.
Do povo o borborinho estronda em algazarras
Que ao barbaro duello os animaes açulam!
As feras rebramindo enoveladas pulam;
Rolam ambas por terra e ambas de pé logo
Ensaíam novo ardil n'aquelle feroz jogo:
Até que um uivo surdo, extremo, vacillante,
Mostra a victima exangue, inerte, agonisante,
Cahir no ultimo arranco, os musculos desfeitos,
Inerte o coração nos descarnados peitos!
Era um lago de sangue, a revolvida arena
E o vencedor leão rugia pela scena!
Um moço gladiador e principe que era
Ao circo se arremessa e desafia a féra.
Ao ver que luta nova estava a ser travada
Expande-se em delirio a turba enthusiasmada.
O joven soberano, o cortezão mendigo,
Que esmola uma corôa ao Cezar, seu amigo,
Arrosta do animal a rabida ameaça:
Explora lisongeiro a cobiçada graça,
E ao protector monarcha o seu valor attesta.
— Era mostrar-se o sol no céu daquella festa!
Como que adormecendo á gloria indifferente,
Ou a pensar talvez na sorte inconsequente,
O intrepido animal fôra deitar-se ao fundo,
O altivo imperador ostenta-se jocundo!
« Elle recusa o repto! » exclama a turba louca.
Anima-se o mancebo, avança até a bocca
Do vencedor feroz e o gládio seu embebe
Na espessa e crespa juba em que veloz recebe
O rapido leão o golpe sem effeito
O prelio ia ferir-se a peito contra peito!
Dupla animalidade em um só corpo finge
Aquelle grupo em terra a semelhar esphinge!
Acaso as forças d'alma, as forças da materia,
Do espirito o sentir, o circular da arteria
Não pleiteam tambem contenda tão renhida
No ergastulo fatal do que se chama a vida?
Lutar para viver — não é esta a divisa
Que a natureza em tudo eterna symbolisa?
D'um lado a intelligencia e d'outro lado o instincto,
Quem o laurel teria em rubro sangue tinto?
De Lacoonte a furia se estorcendo em dores
Parecia o arfar dos dois batalhadores!
Jupiter o sustem! condul-o alguma Déa
Qual Hercules outr'ora aos bosques de Neméa!
Attenta á cruel pugna a multidão murmura.
Apraz-se inda o leão e o prelio, então, perdura
Indeciso, tremendo, incrivel e assombroso!
Mas como sempre vem o enjôo apoz o gozo,
Aquelle que mais força e armas tem comsigo

Estreitamente aperta o peito do inimigo,
 Os ossos seus esmaga, as carnes dilacera. . .
 Assim inda esta vez ganhava o pleito a féra :
 A juba a sacudir que sangue e pó espalha,
 Domina o animal o campo da batalha ;
 Rodeia então a presa e ironico a anima ;
 Fareja a regia fronte e assenta a pata em cima.
 Applauso sobre applauso em frenesi resôa !
 Ribomba pelo circo, estronda, além echôa !
 O Cezár de sua festa entusiasmado, ufano,
 Decreta ao vencedor o titulo de romano.

A' scena da decrepitude romana oppõe o poeta a florescia da Igreja humilde e perseguida ; porém, mais tarde, por sua vez perseguidora e atroz. Sentimos não dar o quadro inteiro.

MARTINS JUNIOR, além de haver publicado as *Visões de hoje, Estilhaços e Tela Polychroma*, escreveu, sob o titulo d'*A Poesia Scientifica*, um opusculo, defendendo esta corrente na arte moderna.

Declara nesse livrinho de combate que nós e Teixeira de Sousa fomos apenas precursores da doutrina no Brasil, cabendo-lhe a elle o ter penetrado mais fundamente o sentido da eschola. Póde ser ; continuamos, porém, a acreditar andarmos nós mais bem avisados em dar á poesia apenas de leve a intuição philosophica, por meio de symbolos, de modo a não perder ella sua natural feição lyrica e artistica, do que chamando-a a immiscuir-se directamente em problemas e debates da sciencia. Tal a razão por que, no citado prologo dos *Cantos do fim do seculo*, tivemos dicto : « A algum juizo, pouco esclarecido, a these capital, que temos desenvolvido, poderá ser tomada pelo *didactismo* poetico. Será uma bem grave dissonancia. Temos horror á poesia didactica ; quem leu Shakespeare, quem leu Schiller sabe só detesta-la. A poesia indomita, a unica que póde viver, é riso, é delirio. Eschylo e Dante são dous visionarios. Ao menos não deve ella despir sua roupagem de encantos, deixar aquelle ar de gracejos que parece sahir dos labios de uma deusa.

A sciencia é toda grave ; seu methodo deve ser o jogo de principios incontestaveis ; a prosa é a sua natural expressão, prosa severa como as correcções que sabem ter as idéas claramente definidas n'uma cabeça de sabio. *Nada póde emprestar á arte, além da grande intuição do mundo e da humanidade.* E é quanto lhe basta para alçar o vôo, despreoccupada e fecunda. O poeta deve ter as grandes idéas que a sciencia de hoje certifica

em suas eminencias; *não para ensinar geographia ou linguistica, pré-historica ou mathematica; mas para enlevar o bello com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas além das miragens da illusão.* »

Nada mais claro e mais verdadeiro. Em cada um dos themas idealizados nos *Cantos do fim do seculo* disfarçamos symbolicamente a idéa scientifica sob as roupagens do lyrismo. Parece-nos que Martins Junior não conseguiu o mesmo nas *Visões de hoje*, onde o elemento scientifico suffoca a poesia. Felizmente, em composições mais novas o poeta tem evitado esse defeito e se aproximado da doutrina por nós indicada.

E' o que se nota principalmente em *Tela Polychroma*. Eis uma amostra de seu estylo nas *Visões de hoje*.

O' lei da evolução, lei do progresso! Ateaste
 No meu craneo uma luz, alegre como a haste
 Que num dia de festa erige uma bandeira!
 Ensinaste-me como a infinita fileira
 Do povo foi subindo, erguendo-se na Historia,
 Até se transformar nessa soberba gloria
 Que hoje explende ante nós, impondo aos derradeiros
 Reis — a submissão inutil dos cordeiros!
 Mostrando-me primeiro os tempos tenebrosos
 Em que a Igreja e o Throno, os dous crueis esposos
 Riam cynicamente em cima das torturas
 Que faziam soffrer ás tristes creaturas
 Bafejadas ao ar de crença differente
 Ou nutridas de um sangue heroico, inconfidente;
 Apontando depois ao meu olhar afoito
 O crepusculo bom do Seculo Dezoito
 Onde, como um corisco em mão do velho Jove,
 Fuzilava, bramia o rubro *Oitenta e Nove*;
 E afinal me indicando o sol *Noventa e Tres*,
 Mostrando-me como é que as antiquadas leis
 Fundem-se ao crepitar da colera do povo,
 Quando ella irrompe atroz, viva como um renovo
 De arbusto, num jardim...

pozeste-me deante

Uma cousa ideal, translucida, gigante,
 Que eu não vejo sem ter os olhos offuscados
 E sem o enthusiasmo erguer-me n'alma brados!

Esse *aliquid* ingente (O' lei! eu te agradeço!)
 E' da edade moderna o rutilo cabeço
 Onde está, como um astro a descrever a ecliptica
 E a brilhar, — do Presente a synthese politica!

Aqui as idéas são tão elevadas e revolucionarias como as de Teixeira de Sousa; mas a poesia é certamente inferior.

O segundo movimento de reacção contra o romantismo foi, pelo mesmo tempo em que se desenvolvia a escola philosophica, o que se poderia chamar, como propuzemos linhas acima, a escola *realistico-social*, com os nomes de *Celso de Magalhães*, *Generino dos Santos*, *Sousa Pinto*, *Carvalho Junior*, *Fontoura Xavier*, *Lucio de Mendonça*, *Assis Brasil*, *Augusto de Lima* e outros. *Medeiros e Albuquerque* filia-se neste grupo.

Impossivel é estudar um a um todos estes poetas. Ha entre elles um tão pronunciado ar de familia, que ler um é quasi ter lido todos. E, todavia, cumpre dizer que em *Celso de Magalhães* e *Sousa Pinto* predomina um realismo velado, doce, filho da observação, é certo, porém sem demasiadas cruezas.

Em *Generino dos Santos* e *Augusto de Lima*, certa nota philosophica, no primeiro muito systematica, no segundo mais ampla e desprendida da eiva da escola. Nos outros a nota politica tem a preferencia; menos *Carvalho Junior*, onde impera o realismo mais crú. Indicaremos uns exemplos para documentar a evolução. Eis aqui a *Flôr Agreste*, de SOUSA PINTO:

A casinha no alto da collina
Esconde-se entre os galhos da mangueira,
Fica do lado uma roça pequenina
Onde cresce abundante macacheira.

Uma gentil morena — e que mão fina!
Assentada da porta na soleira,
Agita com paciencia feminina
Os bilros d'almofada costumeira.

Lá no fundo uma velha entre as gallinhas
Espalha a refeição de espaço a espaço
Em porções economico-mesquinhas.

Chega um rapaz de foíce sob o braço
Diz á moça: « Bons dias, Mariquinhas »
E atira-lhe uma rosa no regaço.

Falle agora a musa philosophica de AUGUSTO DE LIMA. Eis aqui:

Illusões que eu amei ao despontar da vida,
Bonançosa esperança, esmeraldino mar,
Em que vogou meu berço á viração querida
De suspiros de amor; oh! aves de meu lar,
Jardins que alimentou a caricia materna;
Flôres que desfolhei, cantando e rindo á luz
De aurora fulgurante e que eu julgava eterna!

Um momento deixai vossos nimbos azues,
Onde, ha muito dormis, e vinde, em revoadas,
Robustecer-me a crença, encher-me o coração,
Deslumbrar-me na luz de vossas alvoradas
E povoar emfim a minha solidão.

Multiplique-se em vós minha alma a cada passo,
Como a côr no crystal prismático do espaço
E haura em vossa memoria o intrepido vigor,
Para sempre me achar, valente luctador,
Da vida social na porfiada liça,
Ao lado do Dever e ao lado da Justiça.

Vós sois o meu passado e sois o meu porvir,
Ensinando-me o Bem e dando-me a sentir
A eterna aspiração, que o homem nunca perde,
Porque é a propria Esperança o grande pendão verde,
Atrás do qual desfila o exercito vital
Das almas á conquista augusta do Ideal.

O poeta das *Contemporaneas* é, por certo, um dos mais illustres do Brasil; tem composições de primeira ordem, como *Faust*, e mereceria um caprichoso estudo, que não pôde aqui ser feito. Cumpre-nos apenas destaca-lo em meio á pleiade em que fulge.

Muito distincto tambem é o poeta das *Opalas*, FONTOURA XAVIER, o rei do *triolet*, e um dos mais ardentes lyristas dos ultimos tempos. Ei-lo que nos mostra a *Flôr da Decadencia*:

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro!
Ná tumular nudez d'um povo que descança,
As creações do Sonho, os fetos da Esperança
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro.
E' mais uma illusão, um feretro que avança. . .
Dizem-me — Deus. . . Jesús. . . outra palavra mansa
Depois um som cavado — a enxada do coveiro!

Minh'alma, como o monge á sombra das clausuras,
Passa na solidão do pó das sepulturas
A desfiar a dôr no pranto da demencia.

— E é de cogitar insano n'essas cousas,
E' da suppuração medonha d'essas lousas
Que medra em nós o tédio — a flôr da decadencia!

Do grupo que vamos agora indicando, o poeta que vibra com mais vigor a satyra politica é, sem contestação, LUCIO DE

MENDONÇA. E' um terrivel pamphletario em verso; tem paginas que lembram os *Châtiments* de Hugo. Como completo modelo do genero sentimos não ter à mão, para citar, os versos dedicados à entrada de certo ex-republicano para o senado imperial. Não existem melhores na lingua portugueza. Na falta, ouçamos *Con-sorcio maldito*:

E é um rude sujeito honrado e generoso,
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina;
E' de antiga nobreza; e é da raça felina
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso,
Sobre o peito do athleta o regio busto inclina,
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina
E despoja-o. E elle, o bom e cego esposo,

Deixa-se despojar, e trabalha, calado.
Ella com uns padres vis anda de mancebia,
E, fartos, riem d'elle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barregã sombria,
Elle, um trabalhador estúpido e enganado:
— Elle chama-se — Povo, e ella — Monarchia.

F. A. DE CARVALHO JUNIOR, morto muito joven, deixou-nos um drama — *Parisina*, alguns folhetins e duas duzias de sonetos, verdadeiramente apreciaveis pela correcção, pela naturalidade, pelo sabor do mais completo realismo. Eis aqui uma prova:

Quando, pêla manhã, comtemplo-te abatida,
Amortecido o olhar e a face descorada,
Immersa em languidez profunda, indefinida,
O labio resequido e a palpebra azulada,

Relembro as impressões da noite consumida
Na lubrica expansão, na febre allucinada,
Do gozo sensual, phrenetico, homicida,
Como a lamina aguda e fria de uma espada.

E ao vêr em derredor o grande desalinho
Das roupas pelo chão, dos moveis no caminho,
E o *boudoir*, emfim, do cahos um fiel plagio,

Supponho-me um heroe da velha antiguidade,
Um marinheiro audaz após a tempestade,
Tendo por pedestal os restos d'um naufragio!

A eschola realistico-socialista foi uma verdadeira transição para o parnasianismo. Quasi todos os poetas deste ultimo systema, antes de se dedicarem ao culto exaggerado da fórma, tinham vibrado o alaúde revolucionario, ou tinham pedido aos processos da pura observação as inspirações para seus quadros. No grupo dos parnasianos acham-se quatro dos maiores poetas do Brasil nas duas ultimas decadas do seculo XIX: *Theophilo Dias*, *Raymundo Corrêa*, *Olavo Bilac* e *Alberto de Oliveira*, egualados apenas por *Luiz Murat*, *Luiz Delphino* e pelo inditoso *Cruz e Sousa*. Aquelles quatro notabilissimos filhos das musas têm tambem entre si um pronunciado ar de familia, sendo difficil differencia-los inteiramente. Na eschola romantica as grandes individualidades guardavam maior distancia de umas a outras. Basta lêr uma pagina de Alvares de Azevedo e de Gonçalves Dias para nunca mais se poder confundir um com outro. Já não é inteiramente assim entre os parnasianos; e a razão é que aquelles se distinguiam pelas idéas, pela concepção que tinham do mundo e da humanidade. Estes, não fazendo caso sinão quasi puramente da fórma, levaram-na a um supremo apuro em que ella, por assim dizer, se crystalliza, toma feições uniformes e acaba por constituir-se um *canon* immutavel dentro do qual têm de se mover as inspirações dos poetas. Dahi o ar de similhaça de todos elles. Fará, porém, injuria a esses magnos talentos, e peccará perante a critica, quem não tiver perspicacia bastante para sentir e notar as differenças na apparente uniformidade da eschola.

Na impossibilidade de estudar miudamente cada um delles, dar-nos-hemos por felizes si conseguirmos defini-los em quatro rapidas formulas.

RAYMUNDO CORRÊA, por suas poesias, revela-se dos quatro a alma mais selecta, mais distincta e mais verdadeiramente sentida. Não encontramos em seus versos más paixões, affectos grosseiros, ou siquer duvidosos, sinão grandes e nobres effusões de um espirito de *élite*. Tem mais sentimento do que imaginação; mais coração do que faculdade creadora; mais ternura e graciosidade do que força. Meiga, discreta, contemplativa, sua musa tem provado o travor das luctas de nosso tempo; mas, quando canta, sabe faze-lo com certa compostura, num tom de dignidade, que lembra producções da musa classica, quando fallava, por exemplo, pela bocca de um Racine.

Lêde *As Pombas*, *A Chagada*, *Missa Universal*, *Sobre um trecho de Millevoeye*, *O Anoitecer*, *Cahir das folhas*, *Rio acima*, *Mal secreto*, *A avó*, *O vinho de Hebe*, *Ouro sobre azul*, *Despedida*,

*Plena nudez, Desdens, Chuva e Sol, Aspasia, Noites de inverno, Na primavera, Passeio matinal, Lembrança, A Saudade, Tumulo aereo, Versos a um artista, Luizinha e outras e outras, e vereis que temos acertado. Nas mãos deste poeta, e de seus companheiros, a plastica artistica chegou a um tal gráo de perfeição que difficil se torna fazer preferencia desta ou daquella de suas producções. E' lêr ao acaso. Mas eis aqui *Mal secreto*:*

Se a colera que espuma, a dor que mora
N'alma e destroe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se podesse, ó espirito que chora
Vêr, atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura unica consiste,
Em parecer aos outros venturosa!

Como esta fórmula é perfeita, é correcta, é pura; mas tambem como é sentido o brado do poeta! Comprehenda-se, entretanto, que isto é o romantismo na melhor accepção, depurado na essencia e rejuvenescido na estrutura da metrica. Eis o *Tumulo aereo*:

Com que tocante e singular tristeza,
Entre os Natchez, a mãe, que acerba e dura
Perda de um filho soffre, a atroz crueza
Das proprias dores illudir procura!

Põe-no em cama de flores, que pendura
A um galho, por cipós torcidos preza:
Cantam aves por cima. . . e a correnteza
De um rio embaixo flúe, trepida e pura. . .

Das arvores suspenso e entre as ramagens,
O morto infante jaz; frouxa, macia
E mollemente, embalam-no as aragens;

E em branda oscillação suave e doce,
Seu tumulo alli fica, noite e dia,
A balouçar, como se um berço fosse. . .

Ainda aqui a inspiração é segura e a fôrma esplendida.
Leiamos *As pombas*:

Vae-se a primeira pomba despertada. . .
Vae-se outra mais. . . mais outra. . . emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada:

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Rufando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada. . .

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem. . . mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais. . .

Parece uma canção de Heine, pela delicadeza do sentir, ou de Goethe, pela perfeição irreprehensível da fôrma.

Si tivéssemos de fazer um estudo, por limitado que fosse, do poeta, haveríamos de fallar de suas producções politicas e das humoristicas, insistindo peculiarmente na intuição philosophica que sae de suas obras. Não é aqui o logar.

THEOPHILO DIAS foi como seu patricio, auctor das *Symphonias* e das *Alleluias* (ambos são maranhenses), um extraordinario cultor da forma. Teem entre si muitos ponctos de contacto, o que se explica pela confissão do mesmo credo litterario e pela natural convivencia mantida entre ambos nos bancos academicos em S. Paulo, onde foram collegas. Em Theophilo ha porventura mais colorido e mais profusões lyricas; ha, talvez, mais calor nas inspirações amorosas e mais audacias nas politicas e sociaes. Raymundo o excede na elevação das idéas, na variedade dos pensamentos, num quer que seja de serenidade olympica, que só se encontra nos grandes genios da arte.

Si não fosse uma extravagancia comparar os dous moços brasileiros, um dos quaes morreu muito joven, tendo apenas publicado trez pequenas collecções lyricas, e o outro, vivo ainda, que tambem é ainda muito joven, tendo publicado igual numero de collectaneas, si não fosse uma extravagancia, nós diríamos que em Raymundo ha algum raio do genio lyrico de Goethe e em Theophilo Dias alguma nota dos ardores de Schiller. Estes

parallos devem ser entendidos *cum grano salis*. Como quer que seja, cumpre accrescentar ser mais forte a imaginativa no auctor dos *Cantos Tropicaes* e das *Fanfarras*, do que em seu amigo e emulo.

Para justificar quanto havemos dicto, mostremos ao leitor apenas *Procellarias*, genero politico-social, e *A Matilha*, genero sensualistico-amoroso.

E comecemos por esta, que é uma das paginas superiores do lyrismo universal:

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Allucinadamente, a preza mal ferida.
Um, fitando o olhar, sonda a escura folhagem;
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco, vivo odor, calido, penetrante,
Que, na rapida fuga, a victima arquejante
Vae deixando no ar, perfido e traicoeiro;
Todos, num turbilhão phantastico ligeiro,

Ora em vortice, aqui se agrupam, rodam, giram,
E, cheios de furor frenetico, respiram,
Ora, cegos de raiva, afastados, diversos,
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos dispersos,
Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem num momento os valles e as collinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam-se febris em direcções oppostas,
Té que da preza, emfim, nos musculos cansados
Cravam com avidéz os dentes afiados.

Não de outro modo, assim meus soffregos desejos,
Em matilha voraz de allucinados beijos,
Percorrem-te o primor ás languorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,
Frescas ondulações de fórmas florescentes
Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes:
O dorso avelludado, electrico, felino,
Que poreja um vapor aromatico e fino;
O cabelo revoltado em anneis perfumados,
Em fôfos turbilhões, elasticos, pesados;
As fibrilhas subtis dos lindos braços brancos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos,
A exacta correccão das azuladas veias,
Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,
— Tudo matilha audaz, perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha, explora, e anhelante respira,
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vai encontrar a preza, — o gozo — em tua bocca.

Só um mestiço brasileiro, e Theophilo Dias o era, poderia escrever versos tão ardentes, tão sensuaes e, ao mesmo tempo, tão doces, tão meigos, tão acariciantes, tão delicados ao ouvido de sua amada! Neste sentido a lyrica brasileira é uma das mais completas e perfeitas que existem. Desde os tempos do romantismo até as ultimas escholas temos produzido no genero certamente algumas das mais bellas peças da poesia universal. O lyrisimo, e só elle, tem sido o nosso forte em litteratura. E Theophilo Dias é ahi um dos pontifices magnos. Ouçamos-lhe umas notas humanas, sociaes. Leiamos *Procellarias*.

E' ainda o mesmo poeta imaginoso, fluente, abundante, correctissimo.

Rasgando a flôr de um mar sem rumor, largo e plano,
Um sulco de ouro e luz — teso o concavo panno,
Ao galerno fugaz, que as velas arredonda,
O navio veloz resvala de onda em onda.

E' transparente o céu, liso o mar; calmo o espaço
E do vento e da vaga ao rythmo, ao compasso
Que faz rolar sobre um — outro bordo — a pupilla
Do gageiro perscruta a vastidão tranquilla,
Cravado no horisonte o olhar profundo e agudo.
Tudo é limpido, azul; é paz, bonança tudo.

Mas eis que de improviso umas aves estranhas,
Que parecem o vôo arrancar das entranhas
Do horisonte longinquo ainda ha pouco vasio,
Em nuvens sobreveem demandando o navio,
Mosqueadas de negro, audazes, agoureiras,
Contornam o maçame e as vergas altaneiras,
Sinistras pipilando entre as velas redondas,
Rasgando a superficie intermina das ondas.

São ellas que lá veem, as *procellarias*! — Logo,
Phosphorecendo, o mar vibra sulphur e fogo;
Torna-se escuro o ar, negro o céu; e a tormenta,
De subito cahindo, horrisona rebenta;
Pesa no espaço a treva; esfusiam os ventos;
Cortam a escuridão relampagos sangrentos,
A voz do temporal desfeito sobrepuja
A grita de terror, que levanta a maruja,
Ao tenebroso céu, tranzida de agonia.

Mas, renascendo a calma e repontando o dia,
Na deserta amplidão das vagas solitarias,
Té onde alcança o olhar, ja não ha *procellarias*
Assim veem, assim vão as bravas avesinhas,

Affrontando o furor das tormentas marinhas ;
Desdenhosas da paz, fugindo á calmaria,
Libradas nos tufões. A luta as inebria.

Os genios são assim: como as filhas do oceano,
Pairam sobre os vulcões do pensamento humano,
Arrostando do mal a infrene tempestade,
— Precursores do bem, e nuncios da verdade:
O torpor lhes repugna: o combate os convida;
Só a lucta os attraí, porque a lucta é a vida.

Versos, como estes, não são muito communs e vulgares em todas as linguas.

ALBERTO DE OLIVEIRA é, d'entre os quatro poetas maiores em cujo numero o collocamos, o que parece ter tomado mais a serio a sua missão de artista do verso. E' o que tem mais escripto e publicado mais. *Canções Romanticas, Meridionaes, Sonetos e Poemas e Versos e Rimás* são collecções suas apparecidas umas sobre as outras. Dos quatro é o que tem peças mais bem acabadas, feitas com mais capricho e mais fino lavor, num vocabulario mais abundante e mais escolhido. Em compensação é o mais frio, o que mais descobre o esforço, o *parti pris* de fazer bonito, e, por mais que o queiramos enconder, é impossivel negar uma tal ou qual affectação que sae de algumas de suas paginas. Defeito é este, porém, que lhe não apaga o grande merito e que deve mais ser posto á conta da eschola do que notado em desfavor do poeta.

De todos os seus companheiros elle é o *parnasiano* em regra, extremado, completo, radical. Por isso, si tem do systema as vantagens, possui tambem em mór escala os sinões. As boas qualidades predominam. E' o mais abundante e talvez o mais imaginoso poeta brasileiro ao lado de Luiz Delfino e Luiz Murat. Quem se quizer convencer leia *O Lezue, Canção da ilha, Viajando, A arvore, A lagarta, A borboleta azul, Per tenzbras, A cruz da montanha, A enchente, As tres formigas, Historia de um coração* e muitas outras.

Notará tambem o que o lêr attentamente que é elle o maior paizagista entre os nossos poetas dos ultimos trinta annos.

Para dar amostra rapida de seu estylo, citamos aqui o soneto *Ultima Deusa*:

Foram-se os deuses, foram-se, em verdade;
Mas das deusas alguma existe, alguma
Que tem teu ar, a tua magestade,
Teu porte e aspecto, que és tu mesma em summa.

Ao ver-te com esse andar de divindade,
Como cercada de invisivel bruma,
A gente á crença antiga se acostuma,
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,
O alvo collo onde, em quedas de ouro tincto,
Rutilo rôla o teu cabello esparso. . .

Pisas alheia terra. . . Essa tristeza,
Que possues, é de estatua que ora extincto
Sente o culto da fôrma e da belleza.

Ahi está o lyrico enamorado da fôrma, expressão suprema da belleza, na opinião dessa casta de sonhadores e elles não deixam de ter em immensa parte razão.

Mas eis agora alguma cousa que define melhor talvez o nosso poeta; é *Vaso grego*:

Esta de aureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia
Já de servir aos deuses agastada
Vinda do Olympo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Theus que a suspendia
Então, e ora repleta ora esvasada
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas petalas colmada.

Depois. . . Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, ás bordas
Finas has-de lhe ouvir, suave e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lyra
Fosse a encantada musica das cordas,
Qual se essa voz de Anachreonte fosse.

Este poeta é um contemplativo da natureza, da vida, onde procura acima de tudo as fôrmas doces, esplendidas, attrahentes, que o extasiam. O mundo exterior é que lhe fornece a materia e as côres para seus quadros.

A alma humana, na variedade infinita de suas luctas e agitações, raro lhe merece um olhar investigador.

OLAVO BILAC é um temperamento inteiramente diverso. Mobil, activo, ironico, fez facilmente, apezar de muito moço, a volta inteira em torno aos homens e ás cousas, ajudado por seu temperamento irrequeto e escarninho, chegando a attingir a serenidade do *humour*, que é a indiferença superior á alegria e á magoa.

Dahi o traço principal de seu poetar: é ardente, sentido, sem ser triste ou melancholico; é apaixonado, sem ser sentimental e choramigas.

O poeta nelle ha de ser estudado e commentado com o auxilio do folhetinista endemoniado, que tambem nelle reside. E' um dos poucos em nossa raça que teem conseguido o *humour*, sem precisar de se fazer metaphysico, remontado, nebuloso, extravagante, como o auctor de *Bráz Cubas*.

Si Theophilo Dias é o mais ardente, Raymundo Corrêa o mais sereno, Alberto de Oliveira o mais artista destes poetas, Olavo Bilac é o mais espontâneo, o mais natural de todos elles.

Os versos lhe saem correntios, deslisam-lhe doces e maviosos, como si fossem fallas decoradas e repêtidas sem o minimo esforço. Em suas composições avultam dous generos principaes: idealizações historicas, feitas com invejavel maestria, e effusões amorosas como não ha melhores em linguas romanicas. Do primeiro numero são, entre outras, — *O sonho de Marco Antonio, Delenda Carthago, O julgamento de Phryniá, A tentação de Xenócrates*. No segundo grupo acham-se todas as pequenas peças, esses admiráveis sonetos que enchem a secção a que deu, em seu volume de poesias, o nome de *Via-lactea*.

O *Intermezzo* de Heine, que é uma das cousas mais bellas produzidas pela musa universal em todos os tempos, tem muitas vezes mais conceito, mais profundeza, porém não tem mais brilho, nem mais mimos. Como fôrma e como manifestação lyrica, a *Via-lactea* é um dos pontos culminantes na poesia moderna em lingua portugueza. Deve ser lida em seu conjuncto para se bem apreciar na multiplicidade de seus tons.

Destacaremos dous fragmentos para estudo comparativo:

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Saí, ancioso por te ver: Corria. . .
E tudo ao vêr-me tão depressa andando,
Soube logo o logar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo! Escutando
Meus passos, atravez da romaria
Dos despertados passaros o bando:
« — Vai mais depressa! Parabens — » Dizia.

Disse o luar « — Espera! que eu te sigo:
Quero tambem beijar as faces della! — »
E disse o aroma: « — Vai, que eu vou contigo! — »

Ceguei: e, ao chegar, disse uma estrella:
« — Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la! — ».

E' bello isto e d'uma belleza simples, singela como costuma ser a boa poesia. Mas, cousa melhor:

— Ora (dizeis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso!— E eu vos direi, no emtanto,
Que para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janellas, pallido de espanto. . .

E conversamos toda a noite, emquanto
A via-lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso em pranto
Inda as procuro pelo céo deserto.

Dizeis agora: — Treloucado amigo!
Que conversam ellas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão comtigo? —

Eu vos direi: — Amai para entende-las!
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas —.

Todo o lyrismo nas grandes litteraturas segue esta evolução; começa por descrições de scenas simples da natureza; passa depois a descrever os phenomenos mais complexos do mundo exterior; após apparecem as narrativas de factos historicos, e, quasi ao mesmo tempo, a reproducção de lendas e tradições populares; mais tarde surgem as scenas sociaes, domesticas, os mais quadros de costumes sorprendidos ao vivo; só posteriormente: que o mundo subjectivo e psychologico entra em acção. Esta ultima phase divide-se em dous grandes momentos: no primeiro apparecem apenas os sentimentos elementares, por assim dizer; o poeta dá-nos conta de suas alegrias ou de suas tristezas, fazendo-nos a narrativa dos seus amores; no segundo momento, que é a phase final de todo lyrismo, surge a alma humana em sua integralidade e as situações complicadissimas do espirito são o thema predilecto da poesia. Ha algumas paginas destas em Goethe, em Shelley, em Byron, em Vigny, em Musset, em Uhland, em Heine, em Tennyson e poucos mais. Nosso lyrismo, por emquanto, não passou das primeiras situações da evolução, chegando apenas, nos seus melhores representantes, ao primeiro momento do ultimo periodo.

Olavo Bilac, com todo seu merecimento, não desmente a regra geral da evolução lyrica no Brasil.

Sua poesia, com ser limpida e brilhante, não é ampla e profunda, como uma reproducção fiel das grandes magoas, dos

immensurados tormentos, dos insondaveis abysmos do coração moderno.

Nem podia ser por outra forma. A ultima expressão do lyrismo só chega quando a sociedade tem experimentado as grandes vicissitudes do viver historico, as fundas dores da evolução lenta e complicada da vida dos povos. Só depois d'essas magnas luctas, que se exprimem no drama, na comedia, no theatro em summa, no romance, é que o lyrismo attinge a forma suprema, e vale por si só qual uma philosophia inteira. Isto nos leva naturalmente a fallar de LUIZ MURAT, que figura, como divergente dos romanticos e dos parnasianos em o n. XVI de nosso quadro synoptico. Não é tão estimado, talvez, quanto os quatro evangelistas do parnasianismo, cujas rapidas silhouettes acabamos de traçar. E' que sua leitura não é tão facil, tão simples; convida mais a pensar.

Tem mais obscuridades e extravagancias do que qualquer delles; mas, em compensação, mostra mais personalidade, mais força, mais profundeza do que todos elles. Não se parece com os outros; tem feições proprias, e isto é tudo em litteratura e arte. Quando quer ser mimoso, delicado e meigo, sabe ser como quem mais o sabe; e quando quer voar longe nos surtos do pensamento sobe até onde os outros não podem chegar. E' muitas vezes diffuso; mas, quando brilha, torna-se transparente, diaphano como a luz meridiana. Tem quasi a imaginação de Luiz Delphino, tendo mais profundeza de pensamento e mais philosophia do que elle.

De todos os nossos poetas é o que vae se approximando da ultima phase da evolução do lyrismo, penetrando no solio d'alma humana. Só Cruz e Sousa ahi o eguala, ou o excede talvez. Em suas variadas producções podem-se distinguir trez ordens principaes: amorosas, philosophicas e phantasiosas. Entre estas, que teem um cunho de originalidade muito pronunciado, contam-se no segundo volume das *Ondas: Uma Visão, Phantasma, A Zagala, A Moça e o Rouxinol*; e no primeiro volume, *Atravez do passado, Canção das perolas, Concertante nocturno, Rouxinoes do coração, A Concha, A Vingança de Sileno*, peças todas estas que, no seu genero, são das mais bellas que se podem ler.

Entre as philosophicas destacam-se — *A Roda de Ixion, Depois do Calvario, Sanie Universal, Sonho apocalyptico, Selemno, A Tristeza do Cahos*. O lyrismo amoroso abrange a mór parte das producções do poeta ¹. Ahi as effusões de su'alma, que é a de um forte, irrompem num torvelinhar de phrases rutilas, canoras,

¹ Vide em nossos *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea* — o estudo consagrado ao auctor das *Ondas*.

irizadas e amplas, numa facil abundancia, que estão a indicar a riqueza do manancial d'onde brotam. Exemplo:

Custa tão pouco perdoar, formosa!
A' noite o insecto a flôr persegue, e, enquanto
A flôr o insecto esconde na cheirosa
Petala, e o orvalho como argenteo pranto

Côa-se leve pelas urnas de ouro;
E o valle estende uma penumbra fresca,
Macia como o teu cabelo louro,
Ou como a tua pelle romanesca;

A' noite, quando o olhar procura, ancioso,
Do valle em meio a sombra que o procura
E rola, ao longe, o mar tardo e queixoso,
E a voz do vento ás ondas se mistura;

Quando um sorriso outro sorriso doura,
E a alma fica mais pallida e mais louca;
Quando o beijo como uma vaga estoura
E em flócos se desfaz de bocca em bocca;

Quando a alegria, buliçosa e douda;
Pelos pomares, rindo, se derrama,
E a natureza, como n'uma boda,
Nas tetas cheias das estrellas mama!

Quando uma nuvem põe o pé de manso
Na espadua de algum rio ou de algum monte,
E vai a lua em placido balanço
De um horizonte para outro horizonte;

Quando a folhagem murmura palpita,
E os ninhos tremem, voluptuosamente;
Quando arqueja o bambual e a aragem grita
E arde no espaço o rutilo crescente;

Quando o rio de vaga em vaga chora,
E os montes, como brancos minaretes,
Surgem da sombra ao despontar da aurora,
Campindo o azul de fulvos ramalhetes;

E desfolha-os depois e os montes salta;
Quando as extensas curvas das campinas
A madrugada de aureo friso esmalta
Desabrochando as rosas purpurinas;

Quando um rumor de plumas o ar sacode
Talvez porque se afastam as estrellas;
E vai por entre as flôres como uma ode
De ouro — o canario de azas amarellas;

Quando a poesia — alegre borboleta —
Quebra o casulo e parte e ouve-se o riso
Que ella deixou na sombra, alva e irrequieta
Como o que Eva deixou no paraíso ;

Quando a floresta, como um livro aberto,
Não sei que encanto ás aves offerece,
E como o sonho da alma está mais perto,
Mais perto o céu dos olhos nos parece ;

Quando o beiral das casas a andorinha
Deixa e os espaços placidos percorre,
Como no Oceano a perola marinha,
Como na face a lagrima que escorre ;

Só atravez dos bosques e dos prados
E dos alegres passaros distante,
Caminho, e elles nas azas descansados,
Em côro, chamam-me o phantasma errante.

Perdôa-me! . . nas trevas de onde saio,
Como uma sombra triste e silenciosa,
Vive minh'alma, e emtanto o mez de maio
Brinca e ri entre as arvores, formosa.

Nosso fito primordial, neste esboço de nossa poesia em quatro seculos, é mostrar o fio da evolução, o normal desdobramento das escholas, dos systemas, indicando, principalmente, as transformações do estylo, da plastica artistica. O leitor intelligente irá pegando em flagrante as modificações da lingua e da fôrma, bastando-lhe percorrer a distancia que vai de um Bilac, ou de um Murat a um Bento Teixeira, ou um Sancta Maria Itaparica.

Collocamos entre os divergentes do parnasianismo, além do auctor das *Ondas*, *Mucio Teixeira*, *Emilio de Menezes*, *João Barretto de Menezes*. Muito haveria a dizer destes talentosos poetas; somos, porém, forçados a indica-los apenas. Temos pressa de apreciar o ultimo periodo da evolução da poesia brasileira no final do seculo XIX e rapidamente fallar dos symbolistas. Infelizmente só poder-nos-hemos deter ante *Bernardino Lopes* e *Cruz e Sousa*.

Si tivéssemos de estudar, um a um, os poetas, todos os que ainda nestas paginas não foram contemplados, esta memoria tomaria proporções que lhe não podemos dar. Falta-nos o espaço. Daremos ao menos aqui uma relação delles e ainda não estão todos.

Uns são francamente parnasianos e outros já se revelam sectarios do symbolismo. Ei-los: Deodato Maia, Jarbas Loretti,

Narciso de Araujo, Carvalho Aranha, João Pereira Barretto, Cunha Mendes, Henrique Rabello, Pedro de Mello, Julio Salusse, Henrique Castriciano, Rodrigues de Carvalho, Ozorio Duque-Estrada, Hermeto Lima, Vital Fontenelle, Carlos Coelho, Lafayette Silva, Sylvestre de Lima, Arthur Lobo, Filinto de Almeida, Achiles Porto-Alegre, Damasceno Vieira, Antonio Salles, Thetonio Freire, Alvares de Azevedo Sobrinho, Soares de Sousa Junior, Adelino Fontoura, Hugo Leal, Mario de Artagão, Gervasio Fioravanti, Luiz Rosa, Francisco Barretto de Menezes, Virgilio Brigido, Randolpho Fabrino, Figueiredo Pimentel, Carlos Fernandes, Collatino Barroso, Emiliano Julio Pernetta, Gustavo Santiago, Felix Pacheco, Dias da Rocha, Wenceslão de Queiroz, Vicente de Carvalho, Silva Braga, Raul Braga, Eduardo Chaves, Alfredo Duarte, Themistocles Machado, Alfredo de Sousa, Alcides Flavio, Antonio de Oliveira, Julio Cesar R. de Sousa, Severiano Bezerra, F. F. de Vilhena Alves, Paulino de Britto, Antonio de Carvalho, Frederico Rhossard, João do Rego, Juvenal Tavares, Mendonça Junior, Marcelino Barata, Theodorico Magno, Padua Carvalho, Eustaquio Azevedo, Costa e Silva, Reis Carvalho, Leopoldo Brigido, Dario Velloso, Silveira Netto, Leoncio Correia, Daltro dos Santos, Octavio Kelly, Raul Pederneiras, Farias Neves Sobrinho, Luiz Guimarães Filho, Orlando Teixeira, Amadeu Amaral, Oliveira Gomes, Horacio Cordovil, Luiz Edmundo, Carlos Góes, Carlos Nelson, Correia de Azevedo, Jonas da Silva. São os nomes que nos occorrem e não estão na ordem das edades nem das escholas. Mas vejamos os dous famosos symbolistas brasileiros.

BERNARDINO LOPES, si nos é licito assim escrever, pois o poeta assigna sempre e systematicamente *B. Lopes*, tem hoje quarenta annos de idade e escreve ha mais de vinte. Tem neste periodo publicado os seis livros seguintes:

Chromos (1881), *Pizzicatos* (1889), *D. Carmen* (1890), *Brazões* (1895), *Sinhá Flor* (1899), *Val de Lyrios* (1900). Promette publicar ainda *Hellenos* e *Hynverno*.

Tem atravessado duas phases e possui duas maneiras de poetar.

A primeira, mais espontanea e brilhante, póde-se filiar no parnasianismo e acha-se em *Chromos*, *Pizzicatos*, grande parte dos *Brazões* e tambem em parte em *Dona Carmen* e *Sinhá Flor*. A segunda, que se distingue por certa feição de affectada religiosidade e pretendido mysticismo, é que se costuma prender ao chamado symbolismo. Achamos preferivel a primeira; porque nella melhor se apreciam as boas qualidades do poeta, que consistem no brilho da phrase, na riqueza das imagens, na facilidade do verso e da rima.

Preferimos vê-lo, em amoroso enleio, entre as *princezas, marquezas, duquezas, condessas e fidalgas* de toda a casta, em cujo convívio parece passar a existencia, do que ouvi-lo a entoar *Ave Marias* e *Ladainhas* em louvor de *sanctas*. Esta ultima attitude elle a tomou desde a parte final dos *Brazões*, que intitidou *Val de Lyrios*, e no livro, recentemente publicado, a que poz egual titulo. Por isso mesmo neste volume agradam-nos mais as peças que se prendem ao seu primeiro estylo.

Neste caso estão — *Minha Varanda, As Flautas, Berlinda, Missa d'alva, Maio Festivo, Guitarrilha, Stancias, Analia e Andorinha*. Como exemplo do doce e valeroso parnasianismo de Bernardino Lopes seria preciso citar quasi todos os *Brazões*. Contentemo-nos com este soneto:

N'essas manhãs alegres, perfumadas,
De ether sadio e claro firmamento,
Acariciando o mesmo pensamento
Percorremos o parque, de mãos dadas.

Aves trinando em cima das ramadas,
Alvos patos e um cysne a nado lento
Sobre as aguas do lago, n'um momento
Pela braza do sol ensanguentadas. . .

Brilha o sereno tremulo nas pontas
Do vistoso gramal, como se fosse
Solto rosario de opalinas contas. . .

Emquanto uns casos rusticos de aldeia
Eu vou narrando-lhe, em linguagem doce,
Escuto a queixa de seus pés na areia!

Tão bellos e mais bellos ainda do que este, outros muitos existem em seus livros.

« A inexperiencia de alguns poetas noveis no Brasil, pelos annos de 1874 em deante, levou-os á imitação da poesia martelante, emphatica, bombastica do portuguez Guerra Junqueiro com indizível escandalo das patrias musas. » Isto dissemos nós vai já para bastantes annos. Referiamo-nos á influencia desastrada de *Morte de Dom João* na poesia nacional. Hoje não podemos, sem faltar á ainda mais elemental verdade, deixar de proffigar a influencia, mais nociva ainda, do pequeno e nullo livro *Os Simples*, do vate lusitano. Tem sido um verdadeiro desastre.

Depois que o auctor d'*A Velhice do Padre Eterno*, por singular affectação e inqualificavel *pose*, quiz se fazer singelo, crente,

mystico e simplorio, e entrou a emparelhar os versinhos de quatro, cinco e seis syllabas das velhas xacaras, no depravado e ignaro chôto de

Toque, toque, toque, mulleirinha santa. . .

a chusma dos imitadores, como um bando de gralhas esfaimadas sobre um arrozal, caïu em cima d'aquillo e tem sido um nunca acabar. Volumes inteiros teem ahi surgido naquella toada de depravado trote. O nosso *Bernardino Lopes* caïu tambem no laço e entrou a escrever cousas destas :

Bemdito, santo, louvado seja. . .
 Coro de gloria, dentro da igreja,
 Para a agonia do espaço vem;
 O oleo da magua na tarde escorre,
 Que é como o lyrio: recende e morre.
 Belem. . . Belem. . .

Faz realmente pena ver um poeta de talento real, que escreveu algumas das melhores poesias da lyrica brasileira, escravizar-se assim, sem a menor necessidade, ao simples capricho de uma moda detestavel e sem futuro. E, como desejamos apagar qualquer resaibo de desagrado que, porventura, possam deixar estas palavras de censura que a verdade nos impoz, appellaremos do poeta para elle mesmo, citando-lhe estes versos :

Vieram contigo, flôr de primavera,
 Na brilhante explosão de aureas phalenas
 E andorinhas gazis, abrindo as pennas,
 O sonho azul, a fulgida chimera. . .

Entre os lauréis de ramos de hera,
 Myrthos floridos e humidas verbenas,
 Rindo, talvez, ás doces cantilenas,
 Abrem-se os ninhos, meigamente, á espera

Da aza primeira e do primeiro beijo. . .
 E este aroma de rosas, este harpejo,
 O sonho azul, a fúlgida chimera,

Ferindo a luz do amor, a luz querida,
 Que esta alma aquece e me illumina a vida,
 Vieram contigo, flôr de primavera!

De tudo evidencia-se não dever ser o logar do poeta dos *Brazões* entre os symbolistas. E' apenas uma transição para elles; seu posto mais exacto deverá ser entre os parnasianos.

Não assim CRUZ E SOUSA, a muitos respeitos o melhor poeta que o Brasil tem produzido.

E' o nosso symbolista puro, o rei da poesia suggestiva; e, cousa singular, nelle não se encontram uma só vez os taes versinhos imitados d'*Os Simples*, cheios de *balão, balão, belém, belém*, e outras gafeirices da especie.

E' o ultimo poeta que temos de rapidamente notar; porém dá prazer ao critico avistar-se com um homem destes, um integro, um nobre espirito de eleição. Deixou publicados, em poesia, os *Broqueis* e ineditos — *Pharóes* e *Ultimos Sonetos*. Devemos á delicadeza do sr. Nestor Victor, grande amigo do poeta e que se encarregou de publicar-lhe as obras posthumas, a ventura de ler os manuscritos do illustre morto, que nos é hoje plenamente conhecido. O que notámos de mais notavel nas poesias de Cruz e Sousa é facil de ser dicto em poucas palavras.

Em primeiro lugar, resaltam de todas as suas composições uma elevação d'alma, uma nobreza de sentimentos, uma delicadeza de affectos, uma dignidade de character que nunca se desmentem, nunca se apagam. Dahi, como segunda qualidade apreciavel, a completa sinceridade do poeta: este não faz cantatas a *condessas* e *duquezas*, nem entôa fingidas ladainhas a *sanctas*. . . Inspirados pela natureza, pelo infinito scenario do mundo exterior, ou pelas peripecias da vida, pelos attritos da sociedade, ou pelas dôres intimas de seu coração, os seus versos são sempre simples, espontaneos, sinceros, como as confissões de uma alma limpa e digna. Nada de *pose*. Outra qualidade da arte de Cruz e Sousa é o poder evocativo de muitas de suas poesias. Elle não descreve nem narra. Em phrases vagas, indeterminadas, aparentemente desalinhas, sabe, por não sabemos que interessante e curiosa magia, atirar o pensamento do leitor nos longes indefinidos, suggestionando-lhe a imaginativa, fazendo-o perder-se nos mundos desconhecidos, sempre melhores do que aquelle em que vivemos. Quem se quizer convencer leia em *Broqueis* — *Antiphona, Siderações, Em Sonhos, Monja, Braços, Canção da Formosura, Lua, Tulipa Real, Vespéral, Tuberculosa, Acrobata da Dôr, Angelus*; em *Pharóes* leia — *Piedosa, Olhos do Sonho, Violões que choram, Envelhecer, Lyrio Astral*; e em *Ultimos sonetos* especialmente — *Allucinação, Vida obscura, Gloria, Madona da Tristeza, O grande momento, Voz fugitiva, Supremo Verbo, Bemdictas cadeias, A Harpa, Canção confiante, Crê, Alma fatigada, Flor nirvanizada, Cruzada nova, Acima de tudo, Immortal falerno, Azas abertas, Velho, Eternidade, Retrospectiva, Alma mater, O Coração, Invulneravel, Lyrio lutuoso, Um Ser, O Grande sonho, Alma solitaria, Silencios, A Morte,*

A philosophia que transuda da poesia de Cruz e Sousa é a de um triste, mas um triste rebelado; é o pessimismo, ultima flor da civilização humana.

Elle é o caso unico de um negro, um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira. Mestiços notaveis temos tido muitos; negros não, só elle; porque Luiz Gama, por exemplo, nem tinha grande talento, nem era um negro *pur sang*. Assim oütros. Soffreu os terriveis agrores de sua posição de preto e de pobre, desprotegido e, certamente, desprezado. Mas a sua alma candida e seu peregrino talento deixaram sulco bem forte na poesia nacional. Morreu muito moço, em 1898, quasi ao findar deste seculo, e nelle acha-se o poncto culminante da lyrica brasileira após quatrocentos annos de existencia. Fazemos votos para que lhe sejam publicados os ineditos e lido e estudado este nobre e vigoroso artista. Aqui não nos podemos alongar.

Como especimen de seu estylo, e para que se veja bem distinctamente o poncto a que nos levou a evolução da lyrica, teremos de tambem citar um trecho d'este magno poeta.

E como cita-lo é facillimo, porque tudo que deixou em verso é bom, não precisamos de ir além da primeira pagina de seu mais antigo livro *Broqueis*. E eis a *Antiphona*:

O' Fórmas alvas, brancas, fórmas claras
De luares, de neves, de neblinas! . . .
O' Fórmas vagas, fluidas, crystallinas. . .
Incensos dos thuribulos das aras. . .

Fórmas do Amor, constellarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas. . .
Brilhos errantes, mádidas frescuras,
E dolencias de lyrios e de rosas. . .

Indefiniveis musicas supremas,
Harmonias da Côr e do perfume. . .
Horas do Occaso, tremulas, extremas,
Requiem do Sol que a Dôr da Luz resume.

Visões, psalmos e canticos serenos,
Surdinas de orgãos flébeis, soluçantes. . .
Dormencias de volupicos venenos
Subtis e suaves, morbidos, radiantes. . .

Infinitos espiritos dispersos,
Ineffaveis, edénicos, aéreos,
Fecundai o Mysterio destes versos
Com a chamma ideal de todos os mysterios.

Do sonho as mais azues diaphaneidades
 Que fuljam, que nas Estrophes se levantem
 E as emoções, todas as castidades
 Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o póllen de ouro dos mais finos astros
 Fecunde e inflamme a rima clara e ardente. . . .
 Que brilhe a correccão dos alabastros
 Sonóramente, luminosamente.

Forças originaes, essencia, graça
 De carnes de mulher, delicadezas. . .
 Todo esse effluvio que por ondas passa
 Do Ether nas roseas e aureas correntezas. . .

Crystaes diluidos de clarões alacres
 Desejos, vibrações, ancias, alentos,
 Fulvas victorias, triumphamentos acres,
 Os mais estranhos estremecimentos. . .

Flôres negras do tédio e flôres vagas
 De amôres vãos, tantalicos, doentios. . .
 Fundas vermelhidões de velhas chagas
 Em sangue abertas, escorrendo em rios. . .

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
 Nos turbilhões chiméricos do Sonho,
 Passe, cantando, ante o perfil medonho
 E o tropel cabalístico da Morte!. . .

Sentimos nada poder dizer de outros jovens poetas mais ou menos filiados na escola de Cruz e Sousa:

Alphonsus de Guimarães, Nestor Victor, Francisco Manga-beira, Luiz Edmundo, Silveira Netto e outros e outros.

Para findar com a poesia: o symbolismo, nome por certo mal escolhido para significar a reacção espiritualista que neste final de seculo se fez na arte contra as grosserias do naturalismo e contra o diletantismo epicurista da arte pela arte do parnasia-nismo, é, nas suas melhores manifestações lyricas, uma volta, consciente ou não, ao romantismo naquillo que elle tinha tambem de melhor e mais significativo. No Brasil, porém, para que elle caminhe e progrida, será preciso que, deixando de lado as la-dainhas de Bernardino Lopes e Alphonsus de Guimarães, deixando, em summa, a parvoçada d'*Os Simples*, prosiga na trilha que lhe foi aberta por Cruz e Sousa, não o Cruz e Sousa da prosa abstrusa do *Missal* e das *Evocações*, porém o Cruz e Sousa dos *Pharões* e dos *Ultimos Sonetos*, e essa ha de ser a mais bella

porção da lyrica nacional, que irá ainda florescer nos primeiros annos do seculo que vai entrar.

A synthese de tudo que ahi ficou escripto é facil de fazer: o lyrismo portuguez da epocha camoneana, passado ao Brasil, evoluiu em marcha crescente, tomando mais calor na intensidade e mais brilhos na forma, até vir a constituir a expressão typica da esthesia nacional e tornar-se um dos mais perfectos, si não o mais perfeito da America. O sangue africano contribuiu muito para isso; quasi todos os poetas de talento que deixamos citados são *mestiços*, e, si não o indicamos sempre e sempre deante do nome de cada um, é porque ainda hoje os preconceitos não o deixam fazer sem desgosto.

III

A PROSA

Theatro (drama e comedia), romance, eloquencia, historia, critica e philosophia, taes são as grandes ramificações litterarias que nos resta apreciar.

Como se vê, falta-nos quasi tudo, e não o poderemos fazer sinão limitando-nos a apontar a evolução desses generos nas letras brasileiras.

A importancia irrecusavel da poesia e o reduzido valor das outras manifestações litterarias entre nós bastam para justificar o maior desenvolvimento dado á arte de Horacio.

Dos seis generos citados, trez — *theatro, eloquencia e historia* —, veem-nos dos tempos coloniaes; os outros trez, — *romance, critica e philosophia* —, só em pleno seculo XIX começaram a apparecer, como já tivemos ensejo de notar.

Apreciemo-los em seu desdobrar evolutivo.

De todos os generos litterarios o mais enfezado no Brasil tem sido o theatro. Não seria talvez errado affirmar que em tal esphera das manifestações litterarias, em vez de evolução, tem-se dado ultimamente involução. . . Sem remontar aos autos religiosos feitos nos seculos XVI e XVII pelos padres jesuitas no intuito da catechese, porque nelles a intuição litteraria e artistica anda completamente ausente, no seculo XVIII o mais illustre representante da criação theatral em lingua portugueza é um brasileiro, o famoso *Antonio José da Silva*.

A arte dramatica teve entre nós a evolução seguinte: no seculo XVI e começo do XVII um *pseudo genero dramatico-reli-*

gioso, com o predomínio de *autos* consagrados á vida de sanctos, visando tudo o ensino da doutrina christã; na segunda metade do seculo XVII e durante todo o seculo XVIII e começos do XIX, predominam a *comedia* e a *tragi-comedia* reinantes então na metropole, sendo na comedia o typo representativo o citado brasileiro ANTONIO JOSÉ, auctor das *Varietades de Prothex*, *Amphitrião*, *D. Quixote*, *Encantos de Medea*, *Labyrinto de Creta*, *Phaetonte* e as celeberrimas *Guerras do alecrim e da mangerona*; no seculo XIX temos: primeiro momento de criação (1838-1850) — nos dominios da tragedia, GONÇALVES DE MAGALHÃES, com *O Poeta e a Inquisição* e *Olgiato*; NORBERTO SILVA, com *Clytemnestra*; TEIXEIRA E SOUSA, com *Cornelia* e *O cavalleiro tetonico*; nos dominios da comedia —, MARTINS PENNA, com *Judas em Sabbado de alleluia*, *A festa na roça*, *O Juiz de Paz da roça*, *Os Dous ou o Inglez Machinista*, *O Noviço*, *O Dilettante*, *Os irmãos das almas*, *Quem casa quer casa*, etc.; PORTO ALEGRE, com *A Estatua Amazonica*, *O Espião de Bonaparte*, *O Sapateiro Político*, *Angelica e Firmino*; nos dominios do drama — *Gonçalves Dias*, com *Patkul*, *Beatriz de Cenci*, *Boabdil* e *Leonor de Mendonça*; NORBERTO SILVA, com *Amador Bueno*; segundo momento de intuição romantica (1850-1870), JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, no drama e na comedia, com *Luxo e Vaidade*, *Lusbella*, *Cobé*, *O Cego*, *Phantasma Branco*, *Torre em concurso*, *Novo Othello*, *Primo da California*, *Amor e Patria*, etc.; JOSÉ DE ALENCAR, com *O Demonio Familiar*, *Azas de um Anjo*, *Mãe*, *Rio de Janeiro*, *Verso e Reverso*, e mais tarde *O Jesuita*; AGRARIO DE MENEZES, com *Calabar*, *Mathilde*, *Os Miseraveis*, *D. Forte*, *Retrato do Rei*, *Primeiro Amor*, *Uma Festa no Bomfim*, *Os Contribuintes*, *Bartholomeu de Gusmão*, *Voto Livre*, *O Principe do Brazil*; LUIZ AUGUSTO BURGAIN, com *Luiz de Camões*, *Pedro Sem*, etc.; *Quintino Bocayuva*, com *Os Mineiros da desgraça* e *Omphalia*; PINHEIRO GUIMARÃES, com *Historia de uma moça rica*, e outros; ACHILLES VAREJÃO, CASTRO LOPES, MACHADO DE ASSIS, AUGUSTO DE CASTRO, JOAQUIM SERRA, CONSTANTINO GOMES DE SOUSA, FRANKLIN TAVORA, CARNEIRO VILLELA, ANTONIO CRUZ CORDEIRO, cada um destes com algumas producções que não conseguiram celebrar-se; terceiro momento de continuação romantica e inicio naturalista (1870-1900) com os nomes de ARTHUR AZEVEDO, OLIVEIRA SOBRINHO, FRANÇA JUNIOR, DOMINGOS OLYMPIO, PINTO PACCA, ALUIZIO AZEVEDO, para não fallar na degradação da arte nas mãos de *Vicente Reis*, *Moreira Sampaio* e outros, cujos nomes não devem aqui apparecer.

Pela simples inspecção deste rapido quadro evolutivo vê-se quão distante esteve o desenvolvimento do theatro deante do desenvolvimento da poesia, é certo; mas vê-se tambem que no

seculo XIX não deixamos de contar alguns nomes bem notaveis no drama e comedia, e manda a verdade confessar que algumas das obras de mais valor do romantismo brasileiro são justamente algumas das obras de theatro citadas.

Em Penna, Gonçalves Dias, Macedo, Alencar, Agrario e Arthur Azevedo pôde-se escolher uma pequena bibliotheca dramatica bem interessante. Nosso valor por esse lado não é tão insignificante, como ficou moda dizer-se sempre.

O romance e o conto primam com tudo sobre o theatro entre nós.

Em critica e historia litteraria, quando ellas são tratadas por methodo scientifico, nada é superior á classificação como meio de explicar os phenomenos. Uma boa classificação equivale a um systema doutrinario e esclarece de subito as mais intrincadas questões.

Por isso ousamos, *ad instar* do que fizemos largamente para a poesia e parcamente para o theatro, dar aqui um quadro synoptico da evolução do romance e do conto nesta parte da America. Em sentido amplo deveriamos partir da *novellistica popular* e da *litteratura de cordel*, que tivemos desde os tempos coloniaes e muitas vezes têm sido a fonte onde teem ido procurar seus themas os auctores de contos e romances.

Eis aqui:

I. *Primeiro momento, ou periodo precursor* (Epocha colonial), com os *contos populares* e a *litteratura de cordel*, cuja melhor manifestação é o *Peregrino da America*, por NUNO MARQUES PEREIRA;

II. *Phase de inicio directo com o romantismo* (1840-1856) com *Amancia*, de DOMINGOS DE MAGALHÃES; *Romances e Novellas* de NORBERTO SILVA; *O Filho do Pescador*, *Tardes de um Pintor*, *Maria ou a Menina roubada*, *A Providencia*, *As fatalidades de dois jovens*, de TEIXEIRA E SOUSA; *O Forasteiro*, *A Moroninha*, *Moço Louro*, *Rosa*, *Dois Amores*, *Vicentina*, de J. MANOEL DE MACEDO; *O Desengano*, *Filha do Salineiro*, de CONSTANTINO GOMES;

III. *Reacção brilhante de JOSÉ DE ALENCAR no estylo*, que tinha sido excessivamente descurado no periodo anterior (1856-1877), com *Viuvinha*, *Cinco Minutos*, *Guarany*, *Iracema*, *Minas de Prata*, *Luciola*, *Diva*, *Pata da Gazella*, *Sonhos de Ouro*, *Tronco do Ipê*, *Til*, *Senhora*, etc.;

IV. *O meio naturalismo tradicionalista e campesino* (1864-1884) de FRANKLIN TAVORA, BERNARDO GUIMARÃES, ESCRAGNOLLE TAUNAY, ARARIPE JUNIOR, INGLEZ DE SOUSA, e a que se prendem JOSÉ DO PATROCINIO, RODOLPHO THEOPHILO, AFFONSO ARINOS, JOSÉ VERISSIMO, GARCIA REDONDO, e outros;

V. *O meio naturalismo das cidades* (1860-1884), com MANOEL DE ALMEIDA, LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, CARNEIRO VILLELA, CELSO DE MAGALHÃES, a que se prendem, bem como em parte ao grupo anterior, XAVIER MARQUES, MAGALHÃES DE AZEREDO, ARTHUR AZEVEDO, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, VALENTIM MAGALHÃES, DOMICIO DA GAMA, ARTHUR GUIMARÃES, ARTHUR LOBO, AFFONSO CELSO JUNIOR, PAPI JUNIOR (auctor do *Simas*), VIVEIROS DE CASTRO, HEITOR GUIMARÃES, PEDRO RABELLO e alguns mais;

VI. *O psychologismo humoristico-pessimista* de MACHADO DE ASSIS, com *Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Varias Historias*, etc. (1879-1900);

VII. *Reacção naturalista pura* (1880-1900) de ALUIZIO DE AZEVEDO, JULIO RIBEIRO, MARQUES DE CARVALHO, HORACIO DE CARVALHO, a que se prendem ADOLPHO CAMINHA, FIGUEIREDO PIMENTEL, ANTONIO CELESTINO, FARIA NEVES SOBRINHO e outros;

VIII. *Psychologismo idealista com tendencias symbolicas* — de RAUL POMPEA, a que se prendem NESTOR VICTOR, GONZAGA DUQUE, VIRGILIO VARZEA, este só em parte (1889-1900);

IX. *O eclectismo universalista* de COELHO NETTO, que tem publicado abundantemente em todos os generos (1885-1900).

Este quadro poucas explicações exige. O romance, a novella e o conto, como fóram litteraria, só começaram no Brasil no seculo XIX, pouco antes de acabar a sua primeira metade. Os primeiros productos do genero, devidos a Magalhães, Norberto Silva, Teixeira e Sousa e Macedo, são hoje completamente illegiveis, por serem escriptos no estylo mais pesado, chato, incorrecto, incolor, que é possível imaginar.

O proprio Macedo, que no theatro revelou algum talento comico, e no romance, que cultivou largamente, algum geito de observador, não escapa á lei geral do máo estylo da epocha. Nem ao menos lhe coube a maneira emphatica, mas até certo poncto correcta, de Magalhães, Porto Alegre, Monte-Alverne e Salles Torres Homem, os melhores escriptores nossos da primeira metade do seculo. O desalinho e a incorrecção de Macedo só encontram seus eguaes em Teixeira e Sousa e Manoel de Almeida. Não cremos que seja necessario lembrar a brilhante excepção de Gonçalves Dias, nosso melhor poeta na primeira phase do romantismo e igualmente o melhor prosador daquelle periodo.

Como quer que seja, a grande reacção na arte de escrever, na difficil arte da prosa, foi operada por JOSÉ DE ALENCAR, cuja imaginação, talento descriptivo, brilho de colorido e abundancia de tons são verdadeiramente notaveis. Por este lado, ainda hoje está só. Com Machado de Assis e Raul Pompéa, elle

constitue o triumvirato maximo na evolução do romance nacional. Alencar, em pleno romantismo, suppriu pela intuição do genio o que lhe faltava de observação e de estudo, e chegou a ter uma nota para cada uma das multiplas manifestações do viver de nossas populações. O indio, o colono, o fazendeiro, o gaúcho, o sertanejo, o roceiro das fazendas e engenhos, o elegante das cidades, o escravo, o politico e nomeadamente a fina flôr da aristocracia brasileira, symbolizada na meiguice incomparavel de nossas bellas patricias, tudo isto passa com vivas cores naquelle brilhante kaleidoscopio, que é a obra variada e original de José de Alencar. Machado de Assis, penetrando no mundo subjectivo de seu proprio pensamento, e trazendo-nos dalli algumas das paginas da mais original psychologia da lingua portugueza, é frio, mas correcto na sua imperturbabilidade. Raul Pompéa, tendo tanto calor ou mais que Alencar, e muitas das qualidades de psychologista de Machado, deixou em seu admiravel *Atheneu* e n'alguns pequenos contos algumas das joias mais puras e bellas da litteratura brasileira, pudemos dizer americana. Estas trez singulares figuras não podiam fazer eschola.

Seus imitadores são simplesmente desasados e imprestaveis.

Os trez outros typos representativos do romance brasileiro são Franklin Tavora, Aluizio Azevedo e Coelho Netto, cada um delles á frente de um grupo, ou melhor, cada um delles apontando um caminho a ser trilhado por outros. Tavora, cujo merito não tem sido devidamente aquilatado, é o mestre mais perfeito no *tradicionalismo aldeão*, com *O Cabelleira*, *O Matuto*, e esse admiravel *Lourenço*, um dos melhores livros de nossas lettras. Aluizio, com *A Casa de pensão*, *O Cortiço*, para não fallar n'*O Mulato*, *O Coruja*, e *O Homem*, fez os dous livros mais realistas de toda a litteratura patria. Coelho Netto tem feição propria na imaginativa, na facilidade de escrever, no vocabulario abundante, no colorido das tinctas, e menos na profundeza da analyse, na pinctura dos characteres, nem n'uma systematização certa para um alvo determinado. Ao contrario, sua obra, já hoje bem avultada, dá-nos o exemplo de um completo eclectismo. Não é um systematico a Machado; a Pompéa, a Aluizio ou a Tavora.

As trez outras figuras do romance nacional, que occupam o terceiro plano, são: Manoel Antonio de Almeida, cujas *Memorias de um sargento de milicias* tem sido em excesso elogiadas; são ellas interessantes pelo cunho realistico da narrativa, mas pessimamente escriptas. Celso de Magalhães, cujo *Um estudo de temperamento* tem grande merito; finalmente, Escragnolle Taunay, com os *Céos e Terras do Brasil*, *Ouro sobre Azul*, *Mocidade de Trajano*, e

Innocência, que o sr. José Verissimo nos diz ser um monumento, porém não lhe achamos proporções para tanto. *Mocidade morta*, de Gonzaga Duque fica lhe a perder de vista.

Hesitamos em enumerar entre os romances, novellas e contos certas publicações recentes em prosa nephelibata, como *Missal e Evocações*, de Cruz e Sousa e outros de alguns jovens escriptores.

Passemos á eloquencia.

Divide-se ella em eloquencia sagrada, iniciada desde os tempos coloniaes, e eloquencia politica, pertencente ao seculo que este anno finda. A evolução do genero fica bem representada no seguinte quadro:

I. A predica ingenua dos missionarios do seculo XVI, com ASPILCUETA NAVARRO, NOBREGA, ANCHIETA e outros ;

II. Eschola bahiana do seculo XVII, com EUSEBIO DE MATTOS, ANTONIO DE SÁ, ANTONIO VIEIRA, ROBERTO DE JESUS, MANOEL DA MADRE DE DEUS, etc. ;

III. Eschola fluminense de fins do seculo XVIII e começos do XIX, com SOUSA CALDAS, SAMPAIO, SÃO CARLOS, SANTA URSULA, RODOVALHO, MONTE ALVERNE, CUNHA BARBOSA, etc. ;

IV. Eschola bahiana do seculo XIX, representada em SANTA RITA BASTOS, FREI ITAPARICA, FREI RAYMUNDO, PADRE FONSECA LIMA, etc. ;

V. Alvorecer da eloquencia politica na Constituinte de 1823, e seu desenvolvimento nos tempos do primeiro reinado, da Regencia e primeiros annos do segundo imperador (1823—1848), com ANTONIO CARLOS, LINO COITINHO, CARNEIRO DE CAMPOS, BERNARDO DE VASCONCELLOS, ALVES BRANCO, MACIEL MONTEIRO, etc. ;

VI. A pleiade do segundo reinado (1848—1868), com ABRANTES, URUGUAY, PARANÁ, NABUCO, ZACARIAS, SÃO LOURENÇO, JEQUITINHONHA, COTEGIPE, SOUSA FRANCO, RIO BRANCO, etc. ;

VII. A nova eloquencia nos ultimos annos do segundo reinado (1868—1889)— com FERNANDES DA CUNHA, JOSÉ BONIFACIO (moço), AFFONSO CELSO, JOSÉ DE ALENCAR, SILVEIRA MARTINS, FERREIRA VIANNA, e os jovens RUY BARBOSA, JOAQUIM NABUCO e AFFONSO CELSO JUNIOR.

VIII. A eloquencia forense, a tribunicia, a academica, desenvolvidas ao lado da sagrada e da parlamentar, e contando como principaes representantes — LANDULPHO MEDRADO, URBANO SABINO, SEBASTIÃO DIAS DA MOTTA, APRIGIO GUIMARÃES, PAULA BAPTISTA, TOBIAS BARRETO, JOSÉ DO PATROCINIO, LOPES TROVÃO, etc.

Em dias da republica a eloquencia parlamentar decaiu consideravelmente, e, para prova-lo, não se precisa ir mais longe do que comparar a Constituinte de 1891 com a de 1823. Basta a trindade

andradina para decidir do paralelo. Nos congressos posteriores só a palavra de RUY BARBOSA tem merecido as honras de ser considerada verdadeiramente eloquente. Os outros não se tem elevado da mediania. No mundo extra-parlamentar emmudeceu para sempre a voz de TOBIAS BARRETO, um dos mais calorosos oradores que o Brasil tem possuido, e calou-se, cremos que provisoriamente, a grande voz de JOAQUIM NABUCO. Felizmente, porém, ainda de vez em quando quem gosta da palavra fallada, como força e como arte, tem o prazer de ouvir JOSÉ DO PATROCÍNIO, singular orador entre os mais singulares.

A eloquencia sagrada, que além da Bahia e do Rio de Janeiro, teve um momento de fulgor no Recife em fins do seculo passado e começos do actual, com FERREIRA BARRETO, CANECA e alguns mais, tem tambem decaído de seu antigo brilho; e, todavia, seria injustiça não serem aqui lembrados os nomes de um PATRÍCIO MUNIZ, de um MACEDO COSTA, de um MONSENHOR L. R. DA SILVA BRITO, de um JULIO MARIA.

E' já tempo de passar á evolução da *historia*. Capistrano de Abreu, o homem que, cumpre repetir, melhor conhece a historia do Brasil, divide-lhe a evolução nos periodos seguintes: 1º, *Descrições chorographicas*, com Gandavo, Cardim e Gabriel Soares; 2º, *As biographias*, iniciadas por José de Anchieta e proseguidas por Pedro Rodrigues e Simão de Vasconcellos; 3º, *As chronicas monasticas*, com alguns jesuitas, Vicente do Salvador e Jaboatão; 4º, *As chronicas de capitánias e as nobiliarchias*, com Ravasco, Borges da Fonseca e Pedro Taques; 5º, *historia geral* em nosso seculo, especialmente com Varnhagen.

Esta systematização tem meritos e defeitos. Entre estes, é evidente, que se não podem separar os dous primeiros periodos, collocando Cardim, por exemplo n'um tempo e Anchieta n'outro.

Achamos que de nossa historiographia, tomada em seu conjuncto, poder-se-hia traçar o seguinte quadro evolutivo:

I. *Primeiro periodo*, em que predominam as *cartas annuas, relatorios, diarios, biographias, descrições chorographicas* do paiz, abrangendo todo o seculo XVI até começos do XVII, isto é, até FREI VICENTE DO SALVADOR (1500-1627), com GANDAVO, NOBREGA, ANCHIETA, CARDIM, e o incomparavel Gabriel Soares;

II. *Segundo periodo*, de FREI VICENTE DO SALVADOR a ROCHA PITTA, isto é, da *Historia da Provincia do Brasil à Historia da America Portuguesa* (1627-1730).

III. *Terceiro periodo*, epocha principalmente das *chronicas de capitánias e nobiliarchias* (1730-1820) com JABOATÃO, BORGES DA FONSECA,

PEDRO TAQUES, FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS, ROQUE LEME, BALTHAZAR LISBOA, PIZARRO DE ARAUJO, etc. ;

IV. *Periodo de transição para as historias geraes*, representado peculiarmente em CAIRÚ, SÃO LEOPOLDO, etc. (1820-1850);

V. *Periodo das historias gerars ou limitadas a certas zonas ou épochas*, principalmente com VARNHAGEN, que escreve a *Historia Geral do Brasil*, e a *Historia das Luctas com os Hollandezes*; JOÃO LISBOA, que dá-nos os *Apontamentos para a Historia do Maranhão*; PEREIRA DA SILVA, muito inferior aos dous, que produz, entre outros livros, a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, NORBERTO SILVA, que, além, da *Historia das Aldeias de Indios do Rio de Janeiro*, publica a *Historia da Conjuração Mineira*; RAYOL, que é auctor da *Historia dos Motins Politicos do Pará*. A estes podem-se junctar IGNACIO ACCIOLI, MELLO MORAES, e FELICIO DOS SANTOS (1850-1870);

VI. *Phase de monographias eruditas*, devidas principalmente a JOAQUIM CAETANO DA SILVA, CANDIDO MENDES DE ALMEIDA, SILVA PARANHOS FILHO, VALLE CABRAL, RAMIZ GALVÃO;

VII. *Ultima phase* em que, além da erudição, surgem vistas theoricas geraes, com CAPISTRANO DE ABREU, e, até certo poncto, JOAQUIM NABUCO, em seu ultimo livro *Um Estadista do Imperio*.

Um olhar de imparcialidade lançado sobre nossos historiadores destacará d'entre elles trez que elevam-se acima de todos os outros: VARNHAGEN, porque foi o que primeiro comprehendeu ser impossivel fazer a historia sem os documentos originaes; e por isso muito andou, muito pesquisou, muito leu e de tudo conseguiu extrahir essa *Historia Geral do Brasil*, que, apesar de seus defeitos de redacção e da estreiteza de sua philosophia, é um livro notabilissimo; JOÃO LISBOA, porque, além do liberalismo, introduziu a arte na historia, escrevendo com bellezas de estylo; CAPISTRANO DE ABREU, porque, a um alargamento ainda mais vasto da erudição do que Varnhagen, soube interessar-se por questões até elle desprezadas, como fossem as estradas, caminhos e direcções por onde se fez o povoamento do paiz, a mutua e íntima união entre a geographia e a historia, as primeiras industrias coloniaes, etc., etc. Pena é que os escriptos do auctor andem esparsos em jornaes e periodicos, sendo apenas de mais facil consulta as eruditas notas que poz a edições de Anchieta, Cardim e frei Vicente do Salvador.

Passemos à *critica e historia litteraria*.

Neste dominio a primeira observação a fazer é que se devem distinguir os criticos por temperamento, que, por isso, fizeram nas lettras da arte de Sainte Beuve a sua profissão, dos que se podem chamar os criticos adventicios, de arribação, que, por caprichos de occasião, foram levados alguma vez a exercer, sempre

com desaso, a critica. E' o caso de Alencar nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, de Franklin Tavora nas *Cartas de Sinfronio a Cincinato*, de Joaquim Nabuco em o que escreveu contra Alencar, de Valentim Magalhães no que publicou contra os *Ultimos Arpejos* de Labieno Pereira, no que escreveu desastradamente contra a nossa *Philosophia do Direito* e o nosso estudo sobre Machado de Assis. Não é tudo; existe outra categoria de escriptores, quasi sempre historiadores, cujos assumptos predilectos foram bem diversos da critica, que, entretanto, deixaram interessantes estudos litterarios, quasi sempre biographias. E' o caso de Januario Barbosa, com o seu *Parnaso Brasileiro*, Pereira da Silva com seus *Varões illustres*, Varnhagen com seu *Florilegio*, Norberto Silva com publicações varias. Si os primeiros nem por sombra devem ser mencionados em o numero dos criticos, os segundos merecem, com restricções, entre elles um logar, A. evolução do genero se nos afigura ter sido esta:

I — *Os precursores* — (1831-1851) — Dá inicio a esta phase o *Parnaso brasileiro* (1831) de CUNHA BARBOSA e vai concluir no *Florilegio* de VARNHAGEN (1851), passando pelos nomes de ABREU E LIMA, DOMINGOS DE MAGALHÃES, EMILIO ADET, SANTIAGO NUNES RIBEIRO, TORRES HOMEM, PORTO ALEGRE, PEREIRA DA SILVA e mesmo NORBERTO SILVA, que já em 1841 tinha nas *Modulações Poeticas* um *Bosquejo da Historia da Litteratura Brasileira* e em 1843 publicava varios estudos na *Minerva Brasiliense*;

II — *Periodo intermedio*, sem as investigações eruditas dos precursores, e com velleidades rhetoricas de estafado classicismo (1851-1870) com FERNANDES PINHEIRO, SOTERO DOS REIS e ANTONIO JOAQUIM DE MELLO;

III — *Começo de reacção* n'um sentido mais adeantado nas doutrinas, principalmente com MACEDO SOARES e EUNAPIO DEIRÓ, durante os ultimos annos do periodo anterior;

IV — *Reacção original* de TOBIAS BARRETTO, com o *germanismo* (1868-1889), fazendo, não em tractados massudos, sim em rapidos e incisivos ensaios, critica de religião, de philosophia, de direito, de politica, de litteratura e de arte;

V — *Critica integral da litteratura*, estudando o *meio*, as *raças*, o *folk-lore*, as *tradições*, tentando elucidar os assumptos nacionaes á luz da philosophia superior do evolucionismo spenceriano, procurando uma theoria scientifica de nossa historia e vindo a achar no *mestiçamento* a feição original de nossa caracteristica, com SYLVIO ROMÉRO (1870-1900), a que se vieram junctar CELSO DE MAGALHÃES, ARTHUR ORLANDO, CLOVIS BEVILAQUA, ROCHA LIMA, TITO LIVIO DE CASTRO e outros;

VI. *A critica metaphysica* e por vezes paradoxal, mas sempre vivace e original de ARARIPE JUNIOR, que merece um logar á parte.

VII. *Os ultimos criticos*: JOSÉ VERISSIMO, OLIVEIRA LIMA, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, a que se póde ligar o já por nós citado poeta e contista MAGALHÃES DE AZEREDO, que tambem por vezes maneja a critica. O mesmo fazia ADOLPHO CAMINHA.

Rapidas explicações exige este quadro synoptico. No primeiro momento a critica não tem vida propria, não passa de um appendice das *Chrestomathias, parnasos, anthologias e selectas*.

Tal é a sua physionomia em Cunha Barbosa, Pereira da Silva, Varnhagen e até em Norberto Silva, cujos melhores escriptos do genero são as biographias que poz em face das edições de Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Gonçalves Dias e Laurindo Rabello.

Mais tarde passa da biographia individual ás narrativas historicas, isto é, passa das biographias isoladas a uma serie de biographias presas por épochas, por generos litterarios, sem philosophia, sem systema, sem idéas geraes. Tal o character do *Curso elementar de litteratura*, e do *Resumo de historia litteraria* de Fernandes Pinheiro e do *Curso de litteratura portugueza e brasileira* — de Sotero dos Reis.

Em Eunapio Deiró apparecem os quadros politicos e sociaes das épochas em que se desenvolveram os escriptores. E' que elle tem talvez mais de publicista e politico, do que porventura de critico.

Por isso seus melhores escriptos são os bellos quadros que intitidou *Estadistas e Parlamentares*.

Com Tobias Barreto, o famoso poeta condoreiro, companheiro de Castro Alves, a critica faz intima alliança com a philosophia, com as idéas geraes; procura escudar-se nas melhores produções européas, que o auctor acreditava serem as da Allemanha.

Dahi a guerra. á influencia portugueza e peculiarmente á franchezza.

O auctor dos *Estudos Allemães* não deixou tractados ou compendios; era o typo do *ensaista*, ao gosto inglez, que generalizou-se na Europa.

Fez critica de religião (*Notas de Critica religiosa, Uma excursão nos dominios da sciencia biblica, Traços da vida religiosa no Brasil, A religião perante a psychologia*), critica de philosophia — (*Sobre uma theoria de São Thomaz. A theologia e a theodicea não são sciencias, A Religião Natural de Julio Simon, Recordação de Kant, Evolução emocional e intellectual do homem, Variações duti-sociologicas*), critica de litteratura — (*Auerbach e Victor Hugo, Socialismo em litteratura, Influencia do salão na litteratura, A pre-historia da*

litteratura classica allemau, Traços de litteratura comparada do seculo XIX); critica de direito — (*Nova concepção do direito, Mandato Criminal, Delictos por omissão, Prolegomenos ao estudo do direito criminal, Direito autoral, Ensaio sobre a tentativa*); critica de politica — (*A questão do poder moderador, Responsabilidade dos ministros no governo parlamentar, A Provincia e o Provincialismo, Politica Brasileira, Os Homens e os principios*); critica de arte — (*Bellini e a Norma, Carlos Gomes e Salvator Rosa, Ultimas representações do Fausto, Alguma cousa tambem sobre Meyerbeer, Um pedaço de auto-psychologia.*)

Quem sabe qual era em 1868, quando Tobias iniciou o seu criticar, o estado espirital do Recife e do Brasil inteiro, é que pode bem apreciar o que todos aquelles escriptos representam de esforços, de tenacidade, de trabalho e de coragem intellectual.

Para bem considerar Tobias, é preciso contempla-lo no seu meio, no seu tempo, nas suas luctas e conhece-lo em totalidade. Nada de tractados, de grandes livros, de obras longamente architectadas por annos no silencio da quietação. Ao contrario, pequenos artigos, rapidos ensaios, folhas volantes, que são outros tantos actos do escriptor, no meio da refrega em que sempre viveu.

A acção multiplice do auctor d'estas linhas, a posição peculiar de Araripe Junior e de José Verissimo explicam-se facilmente por si mesmas.

Cumpra não esquecer GONZAGA DUQUE, critico de pintura e OSCAR GUANABARINO e RODRIGUES BARBOSA, criticos musicaes, os trez mais distinctos que temos tido nos dominios da analyse da pura arte.

Passemos á *philosophia* e concluamos.

Eis a evolução do genero:

I. Espiritos educados em fins do seculo passado e começos do actual nas doutrinas do sensualismo francez de Destut de Tracy e Laromiguière, que passaram depois para o eclectismo espiritualista de Cousin e Jouffroy (1800-1858), sendo os mais notaveis — MONT'ALVERNE, EDUARDO FRANÇA;

II. Puros sectarios do eclectismo, cujos principaes foram GONÇALVES DE MAGALHÃES, MORAES E VALLE (1858-1868);

III — Reacção puramente *catholica* em PATRICIO MONIZ, SORIANO DE SOUSA, nos mesmos tempos da segunda phase;

IV — Reacção pelo *agnosticismo evolucionista*, com TOBIAS BARRETTO, a que se junctaram ARTHUR ORLANDO, e outros (1868-1889);

V — Corrente *positivista a Littrè*, com LUIZ PEREIRA BARRETTO, a que se podem junctar MARTINS JUNIOR, SOUSA PINTO, e outros, pelos mesmos tempos do periodo antecedente;

VI — Corrente *positivista orthodoxa*, com MIGUEL LEMOS, TEIXEIRA MENDES e em parte BENJAMIN CONSTANT e ANNIBAL FALCÃO, por egual tempo desde 1880 até agora;

VII — Corrente *spenceriana* com SYLVIO ROMÉRO, CLOVIS BEVILAQUA, etc. (ultimos tempos);

VIII — Corrente puramente *materialista hãckeliana*, com GUEDES CABRAL, FAUSTO CARDOSO, TITO LIVIO DE CASTRO; OLIVEIRA FAUSTO e MARCOLINO FRAGOSO (ultimos tempos);

IX — Tentativas independentes de ESTELLITA TAPAJÓS e R. FARIAS BRITO, já d'antes precedidos sem egual esforço pelo VISCONDE DO RIO GRANDE.

Os que no Brasil se têm occupado de philosophia podem ser divididos em trez grupos: os méros *expositores*, mais ou menos habeis, de doutrinas que abraçaram; os *criticos* de philosophia, que não se sujeitaram nunca completamente a um systema, posto se arrimem em parte n'um qualquer; os que tiveram a crença de ter sido *innovadores*.

Entre os simples expositores estão Mont'Alverne, Moraes e Valle, Soriano de Sousa, Miguel Lemos, Teixeira Mendes e Pereira Barretto. Criticos de philosophia, espiritos que procuraram caminho entre os systemas, com certa autonomia de pensamento: Tobias Barretto, Guedes Cabral, Sylvio Roméro, Arthur Orlando, Tito Livio de Castro, Fausto Cardoso, Marcolino Fragoso, etc.

Entre os que se creem originaes, chefes de systemas, contam-se José de Araujo Ribeiro (visconde do Rio Grande) com o seu *Fim da Creação*, R. Farias Brito, com sua *Finalidade do Mundo* e Estellita Tapajós, com o livro que tem o modesto titulo de *Ensaaios de Sciencia*. Os dous primeiros illudiram-se completamente; nã ha originalidade em suas idéas. Em Tapajós ha alguma cousa nova: Infelizmente não é aqui o logar de o mostrar.

Si tomarmos a prosa, não mais nos differentes generos que apreciamos, e sim como arte, como culto da fórma, faremos, para dar pøncto a este ensaio, a seguinte observação, que já tivemos ensejo de collocar n'outro escripto, mas tem agora inteiro cabimento:

Os homens que a nosso ver teem até hoje manejado melhor a lïnguagem escripta no Brasil são estes:

Mont'Alverne, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Tobias Barretto, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, José do Patrocínio, Raul Pompéa e Coelho Netto. São os nomes dos dezeseis laureados do estylo em nossa terra. Como se está a ver,

estão ahí por ordem chronologica e enchem o nosso seculo, a começar em frei Francisco de Mont'Alverne, o mais fraco em fulgores de fórma, até Coelho Netto, o mais imaginoso de todos, passando pelo rutilante espirito de Ruy Barbosa, o mais aprimorado em arte entre seus pares, e que seria o nosso primeiro escriptor, si tivesse mais philosophia e mais critica.

Cada um d'elles tem uma nota especial e typica.

Mont'Alverne, certa fluidez sonora, como especialmente está para sentir-se no celebre *Sermão de S. Pedro de Alcantara* e no *prefacio das Obras Oratorias*. Torres Homem, o movimento do periodo, que é correntio e cantante.

Justiniano da Rocha, a placidez, alliada á variedade das tinctas, á adaptação e maleabilidade aos assumptos. Gonçalves Dias, a vernaculidade, alliada á mais completa simplicidade.

Francisco Lisboa, alguma cousa que lembra Alexandre Herculano pelo brilho sóbrio e seguro.

Quintino Bocayuva, nos bons tempos em que elle illuminava as paginas dos artigos de fundo, a desenvoltura, a amplitude dos periodos, contidos sempre n'um desenho firme e bem contornado. Machado de Assis, a correcção, o gosto discreto e puro, sem audacias, sem grandes vibrações, porém sereno, doce, communicativo. José de Alencar, a riqueza das tinctas, a variedade dos epithetos, o gracioso das imagens, a carícia dos tons, que lembram a musica, velada e embriagante das confabulações femininas. Ferreira de Araujo, a trama delicada, tecida de bom senso e *humour* innocente, Tobias, o calor, a vida, a eloquencia vibrante.

Ruy Barbosa, este tem tantas qualidades, que só se poderia definir, dizendo que é, como Victor Hugo em França, o primeiro talento verbal de nossa raça. Sua prosa tem todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos, conforme o assumpto e o sentimento da occasião.

Joaquim Nabuco, a arte do periodo sonoro, realçado de vez em quando por certos dictos que gravam.

Carlos de Laet, o sabor classico dado a provar de mixtura com a ironia moderna, acerada, implacavel. Raul Pompeia, o brilho, o scintillar das phrases. José do Patrocinio, a vibração das palavras, a eloquencia dos reptos. Coelho Netto, o vocabulario variado, ao serviço de uma imaginação arisca e turbulenta, dando-nos paginas descriptivas, valorosas, potentes.

Taes os reis da palavra escripta no Brasil.



IV

A INSTRUÇÃO E A IMPRENSA

1500—1900

MEMORIA

POR

JOSÉ VERISSIMO DE MATTOS



BIBLIOGRAPHIA

Informações e fragmentos históricos do padre Joseph de Anchieta (1584-1586) nos *Materiaes e achêgas para a historia e geographia do Brasil* publicadas por A. do Valle Cabral e J. Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro, 1866.— *Cartas do Brasil*, do padre Manoel da Nobrega, na mesma collecção.— *Historia do Brasil* por Fr. Vicente do Salvador, na mesma collecção.— *Historia Geral do Brasil*, pelo visconde de Porto Seguro (Varnhagen), 2ª edição.— *Pernambuco, seu desenvolvimento historico*, por Oliveira Lima. Leipzig, 1895.— *Noticia historica dos serviços, instituições e estabelecimentos* pertencentes ao Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. Rio de Janeiro, 1898.— *Instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil*, pelo dr. Moreira de Azevedo, na *Revista do Instituto historico e geographico brasileiro*. Tom. LV.— *Ensaio Chorographico sobre a provincia do Pará*, por Baena. Pará, 1832.— *Revista do Instituto historico e geographico brasileiro, passim* — *Annaes da Imprensa Nacional*, por Valle Cabral. Rio de Janeiro, 1881.— *A Imprensa no Maranhão*, por Ignotus (Joaquim Serra). Rio de Janeiro, 1883.— *Motins politicos. . . do Pará*, por Domingos Antonio Rayol, tomo I. Maranhão, 1866.— *O Pará em 1832* (anonymo). Londres, 1832.— *Annaes da Bibliotheca Nacional*, 1876-98, *passim*, especialmente tomos 9º, e 10º e 11º, *Catalogo da Exposição de Historia e Catalogo dos Cimelios*.— *Estabelecimento e desenvolvimento da imprensa em Pernambuco*, por Pereira da Costa in *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, n. 39. Recife, 1891.— *Jornaes pernambucanos de 1821-1898* por Alfredo de Carvalho. Pernambuco, 1899.— Do mesmo: *A Imprensa Pernambucana na Revista Brasileira*, tomo XIX, 1899.— *A Imprensa bahiana*, de 1811 a 1899 na *Revista do Instituto geographico e historico da Bahia*, setembro de 1899, e *Notas manuscritas*.— *A Imprensa em Minas Geraes (1807-1897)* por J. P. Xavier da Veiga. Ouro-Preto, 1898.— *Catalogo dos jornaes do Ceará*, pelo dr. G. Studart in *Revista da Academia Cearense*, Anno, I, fasc. II. Fortaleza, 1896.— Artigos e noticias em *Almanachs* diversos do Ceará, do Rio Grande do Sul, do Paraná, etc.— *A Imprensa no Ceará*, por Perdigão de Oliveira na *Revista do Instituto do Ceará*, 1897.— *Imprensa paulista*, por Lafayette de Toledo in *Revista do Instituto historico e geographico* de S. Paulo, Vol. III, 1898.



A INSTRUÇÃO PÚBLICA

I

PERIODO COLONIAL

(1547-1822)

Foram os jesuitas que crearam, e por dous seculos quasi exclusivamente mantiveram, o ensino publico no Brasil.

Mal chegados à Bahia (1549) abriram escola. Um delles, o irmão Vicente Rodrigues, « além de ensinar doutrina aos meninos cada dia » tinha tambem « escola de ler e escrever ». Ao padre Nobrega, seu chefe, parecia-lhe « bom modo este para trazer os indios desta terra », os quaes, affirma elle candidamente, tinham « grandes desejos de aprender » e perguntados si queriam, mostravam disso « grandes desejos ». Já em 1551 funcionava o collegio da Bahia com 20 meninos. E os padres abriam successivamente escolas de ler e escrever, aulas de grammatica e lições de casos de consciencia e de doutrina christã em Piratininga (1554), em S. Vicente (1556), no Espirito Sancto, pelo mesmo tempo. Do collegio da Bahia, informa, em 1585, o padre José de Anchieta : « Nelle ha de ordinario escola de ler, escrever e algarismo, duas classes de humanidade, leram-se já dous cursos de artes, em que se fizeram alguns mestres de casa e de fóra, e agora se acaba terceiro. Ha lições de casos de consciencia, e ás vezes duas de theologia, de onde sahiram já alguns mancebos prégadores, de que o bispo se aproveita para sua sé, e alguns curas para as freguezias. » As licções superiores eram para os mesmos ordinandos da Companhia e outros vindos com os estudos incompletos de Portugal, e as aulas inferiores, de « ler, escrever e algarismo », para os meninos da terra, indios na maxima parte, pois que quasi não haveria áquelle tempo rapazio portuguez no Brasil. Onde quer que os

jesuitas levantassem uma casa ou abrissem um collegio, inauguravam simultaneamente com a catechese do gentio e as aulas para os proprios ermãos da Companhia dellas ainda necessitados, a escola de primeiras lettras, que seria o germen de onde sairia a escola primaria brasileira, quando mais tarde o Estado se viesse a preoccupar da instrucção popular. Repetindo a sua precedente informação, Anchieta diz que as occupações dos padres jesuitas « com os proximos » eram : « uma lição de theologia que ouvem dous ou tres estudantes de fóra, outra de casos de consciencia que ouvem outros tantos e uma e outra alguns de casa, um curso de artes que ouvem dez de fóra e alguns de casa, escola de ler, escrever e contar que tem até setenta rapazes filhos de portuguezes, duas classes de humanidades, na primeira aprendem trinta e na segunda quinze escolares de fóra e alguns de casa ». Em todos os seus estabelecimentos, na Bahia, nos Ilhéos, em Porto Seguro, no Espirito Sancto, no Rio de Janeiro, em S. Vicente, em Piratininga, faziam os jesuitas o mesmo, instituiam o ensino publico, com maior ou menor desenvolvimento, conforme as capacidades e necessidades locais. Observava Anchieta que « os estudantes nesta terra, além de serem poucos, tambem sabem pouco, por falta dos engenhos e não estudarem com cuidado, nem a terra o dá de si por ser relaxada, remissa e melancholica, e tudo se leva em festas, cantar e folgar ». Não faziam, apesar disso, pouco fructo com elles, e já havia alguns casuistas que eram vigarios e alguns artistas mestres e dous ou trez theologos prégadores, e conegos da egreja-mór e vigarios das parochias.

Quando o norte foi conquistado e os Portuguezes se estabeleceram em Pernambuco, na Parahyba, no Rio Grande, no Ceará, no Maranhão e no Grão-Pará, os jesuitas os acompanharam e seguiram de perto e alli, como da Bahia a S. Vicente e S. Paulo, a cada collegio, a cada casa, a cada missão, junctaram uma escola, assentando os fundamentos da instrucção publica, da cultura, da civilização do Brasil. Foi á sua imitação que as outras ordens religiosas, que vieram a este paiz no primeiro e no segundo seculo da conquista e colonização, começaram tambem a dar-se ao ensino, abriram aulas nos seus conventos e mosteiros, invejosos dos bons successos dos jesuitas, mas com resultados muito somenos, comparaveis á mesquinhez dos da sua catechese confrontada com a jesuitica.

Até o fim do seculo XVII, mesmo principios do seculo XVIII, a instrucção publica no Brasil limitava-se á dos preparatorios ensinados nos collegios dos jesuitas e em algumas aulas de doutrinas theologicas, professadas em seminarios irregularmente mantidos.

Em 1699, foi creada na Bahia uma escola de artilharia e architectura militar, porventura o primeiro estabelecimento leigo de ensino no Brasil; tambem no Rio de Janeiro foi creada, em 1738, uma aula de artilharia — e nestas aulas se ensinava a mathematica necessaria ao estudo das artes militares. Estabeleceram-se na mesma cidade, em 1736, os seminarios de S. José e de S. Pedro. Neste havia as aulas de primeiras lettras, doutrina christã, latim e musica. O de S. José tinha aulas de latim, philosophia, theologia moral e dogmatica, liturgia e cantochão. Transferido de juncto da igreja de S. Pedro para juncto da de S. Joaquim, mudou o seminario de S. Pedro de nome, tomando o de S. Joaquim, que viria a transformar-se já neste seculo (1837) no Collegio de D. Pedro II. No Pará, onde a instrução era quasi exclusivamete jesuitica, fundou, em 1751, o bispo d. fr. Miguel de Bulhões um seminario episcopal, cuja direcção confiou, entretanto, aos jesuitas.

Chegava, porém, ao seu termo o dominio espiritual destes em Portugal e aqui. Em 1759 eram elles expulsos do reino e de suas colonias, e no seu ardor contra elles Pombal condemnava tambem o seu systema escholar e methodos de ensino, prohibindo-os nos dominios portuguezes. Esses methodos, adequadissimos ao alvo a que aponctavam os jesuitas, não convinham com effeito a uma sociedade que se orientava segundo a concepção regalista e leiga que o forte ministro de d. José I queria imprimir á sociedade sob a sua direcção, obedecendo inconscientemente á evolução que se fazia em toda Europa para o regimen moderno. Em Portugal, como aqui, eram os jesuitas os instructores e educadores da mocidade. Tirando-lhes esta funcção, providenciou Pombal para que o Estado a tomasse a si. Por lei de 1772 creou o subsidio litterario, imposto especialmente destinado á manutenção do ensino primario e secundario, organizado pela lei de 6 de Setembro do mesmo anno. No Brasil foi o subsidio litterario mandado cobrar a 17 de Outubro do anno seguinte, mas desde Novembro de 1772 uma ordem régia mandou estabelecer no Rio de Janeiro e em outras capitancias diferentes aulas para a instrução da mocidade. Eram ellas de primeiras lettras, de latim, de philosophia e de grego, e augmentadas com as das linguas franceza e ingleza, duraram até a metade do presente seculó. Existiam em quasi todas as capitaes das capitancias e provincias, e em algumas cidades do interior.

Os frades franciscanos crearam no Rio de Janeiro, no ultimo quartel do seculo passado, um curso de estudos litterarios superiores modelado pelos estatutos dados por Pombal á Universidade de Coimbra, com treze cadeiras, onde ensinavam rhetorica, grego,

hebraico, philosophia, historia ecclesiastica, theologia dogmatica, moral e exegetica. O alvará de 11 de Junho de 1776 approvou esta criação. Quanto durou, que existencia teve, que resultado produziu este curso, não sabemos. Deve-se assignala-lo como a primeira e unica tentativa feita no Brasil para a instituição de um curso universitario de estudos superiores e desinteressados.

Em Junho de 1774 inaugurou-se uma aula regia de philosophia no Rio de Janeiro e uma de latim em S. João d'El-Rei (Minas Geraes). Em favor do poeta Silva Alvarenga creou o vice-rei d. Luiz de Vasconcellos uma aula regia de rhetorica e poetica em 1782, a cuja acção auctores nossos attribuem a florescencia de notaveis oradores sagrados do fim do seculo passado e principio deste aqui, como Frias, Rodovallho, S. Carlos, Sampaio, e, acaso o maior de todos, Mont'Alverne, discipulos daquela aula. O mesmo vice-rei fundou um gabinete de historia natural, a Casa dos Passaros como lhe chamava o povo, donde se originou o Museu Nacional.

Não obstante as medidas tomadas por Pombal, ou segundo a inspiração de sua administração, a criação de seminarios episcopaes em varias sédes de bispados e a instituição de aulas isoladas de diversas materias, era miseravel, e sobretudo limitadissima a instrucção publica. Escasso e mal arrecadado, o subsidio litterario não chegava absolutamente para manter esta mesma mofina organização d'elle. Em meiodos de 1799 mandava o governo portuguez aos governantes do Brasil lhe informassem que augmento poderia ter aquelle subsidio, incumbindo-os ao mesmo tempo da inspecção das escholas e das nomeações, de accordo com o bispo, dos respectivos mestres. No mesmo anno ordenou elle fossem de novo creadas as cadeiras de grego, latim, rhetorica, philosophia, mathematica elementar e trigonometria no Rio de Janeiro. Ao vice-rei competia a fiscalização de todas as aulas e escholas regias, devendo elle nomear annualmente um professor para visitar as aulas, o qual informaria do estado da instrucção na capitania.

Pelos annos de 1790 a 1801 havia no Rio de Janeiro, além dos seminarios nomeados, duas cadeiras ou escholas de instrucção primaria, uma aula ou cadeira de philosophia, uma de rhetorica, uma de grego e trez de latim. Em 1798 foi creado o seminario de Pernambuco, em 1805 o do Maranhão e em 1816 o da Bahia. Em 1800 mandou o rei ao governador do Maranhão que designasse quatro estudantes para receberem instrucção no reino, fazendo seus cursos em Coimbra, dous o de mathematicas, para depois serem empregados como hydraulicos, agrimensores e contadores, um o de medicina e outro o de chirurgia. Si além dos quatro mais algum o merecesse pela sua capacidade, podiam as camaras manda-lo,

lançando para esse fim uma finta especial. No mesmo anno de 1800 foi creada no Rio uma aula regia de desenho e figura. Em 1793 estabelecera o conde de Rezende, vice-rei, uma aula para a instrução dos soldados dos regimentos de linha e milicias do Rio de Janeiro. Afóra a aula de fortificações mandada crear em 1699, e a que já nos referimos, havia nesta cidade, para instrução dos militares, as de arithmetica, geometria práctica, francez, desenho e instrução elementar.

Quer nas escholas jesuiticas, quer nas dos outros religiosos, todos certamente inferiores a elles como educadores, a pedagogia era a pedagogia religiosa do tempo: o melhor delle dado a estudos, a exercicios e a prácticas religiosas, com o fim manifesto de avassalar a alma do educando pelo cansaço do espirito, a repetição do exercicio, a primazia, quasi o uso exclusivo da memoria sobre as faculdades de raciocinio e exame, de modo a ornar sem perigo para a fé a intelligencia, a auctoridade suprema do mestre e da doutrina, qualquer que ella fosse, dada como dogmatica. Mas nessas escholas se fez por mais de dous seculos, exclusivamente, a cultura brasileira e della saíram os sujeitos mais esclarecidos da colonia, os que aqui pensaram ou escreveram, ensinaram ou prégaram, tomaram parte na governação, ou auxiliaram os que a dirigiam. Taes foram Eusebio de Mattos, Gregorio de Mattos, Manuel Botelho de Oliveira, Bento Teixeira, fr. Vicente do Salvador, Rocha Pita, Basilio da Gama, Sancta Rita Durão, Claudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e outros muitos. Delles muitos completaram os seus estudos ecclesiasticos ou profanos aqui mesmo; outros, em maioria, os iam completar a Portugal na Universidade de Coimbra, oude até quasi a metade deste seculo se tinham ido formar em direito, philosophia, medicina ou canones todos ou quasi todos os sujeitos graduados do Brasil.

Mas a instrução era ainda assim escassissima. A diminuta população do paiz, disseminada pela sua vasta extensão, não tinha, a não ser nas cidades da orla maritima ou algum raro centro de povoação do sertão, meios de adquiri-la, e nem lhe sentia a necessidade. Escholas e mestres eram pouco frequentados, e o catechismo e a cartilha oral teriam mais frequentadores que o syllabario. Portugal foi sempre, e é ainda agora, uma das nações mais atrasadas em materia de instrução. O catholicismo, aliás, não favorece a leitura, substituindo a licção directamente recebida dos livros sanctos, pela instrução oral do sacerdote. O colono na maior parte não sabia ler, sua mulher ainda menos instrução teria, sabendo-se qual era a sua condição intellectual na peninsula iberica nos seculos da conquista e civilização do Brasil.

Casando-se ou amasiando-se com a mulher indigena ainda mais bronca que elle, a familia assim feita pelo colono não teria em nenhum apreço a instrucção. Não foram os jesuitas, para quem o ensino era um meio de dominio e catechese, e a colonia inteira teria ficado na mais completa ignorancia. Até o principio deste seculo, as mulheres não recebiam nenhuma instrucção no Brasil, poucas sabiam ler, menos ainda sabiam escrever e quasi nenhuma contar, e a isto limitava-se a instrucção feminina no Brasil. As assignaturas de cruz chamadas, em que o signatario por não saber escrever, fazia uma † e outro assignava «a rogo» delle adeante, são superabundantes nos documentos da epocha. Póde-se affirmar que na epocha da independencia (1822) mais talvez de 95 % da população era analphabeta.

Com a transferencia da côrte portugueza para o Brasil em 1807, entrou necessariamente a colonia, transformada em metropole, a merecer mais attenção e cuidado ao governo portuguez. Estes sentimentos traduziram-se sobretudo em relação ao ensino secundario e superior. Em Fevereiro de 1808 uma ordem regia autorizou o chirurgião do reino dr. José Correia Picanço a estabelecer no Hospital Militar da Bahia o ensino da chirurgia e da anatomia e obstetricia e escolher pessoal idoneo para faze-lo. Escolheu o dr. Picanço dous profissionaes que já serviam naquelle hospital, José Soares de Castro e Manuel José Estrella. Mas por motivo de embaraços e difficuldades que surgiram, só oito annos depois, em 1816, começou aquelle ensino a funcionar. Em 17 de Novembro do mesmo anno de 1808 foi estabelecido no Hospital Militar do Rio de Janeiro ensino identico — e são estes os germens do ensino medico no Brasil. Tambem em Maio do mesmo anno uma ordem regia mandou instituir uma academia de guardas-marinha, em casas do mosteiro dos Benedictinos, na rua deste nome, e dous annos depois, em Dezembro de 1810, a Academia Militar, que se inaugurou no anno seguinte, em parte do antigo Trem, hoje arsenal de guerra.

O ensino medico no Rio de Janeiro recebeu em 1813 maior desenvolvimento. Foi estabelecido um curso de cinco annos, com cadeiras de chimica, anatomia, elementos de materia medica, physiologia, etiologia, hygiene, pathologia, therapeutica, operações e posteriormente hygiene pathologica. Em 1815 foi o mesmo curso estabelecido na Bahia. Em 1812 foi creado no Rio de Janeiro um laboratorio chimico, sob a direcção do lente de materia medica da Eschola medico-chirurgica.

Por decreto de Dezembro de 1824 mandaram-se instituir escholas de agricultura e de botanica na capital do Estado, e

aulas de commercio no Recife e na Bahia, vindo do reino os respectivos professores. Não se realizaram talvez estas e outras determinações governamentais a respeito da instrução do paiz, ou se realizaram imperfeitamente; revelam em todo caso a preocupação intelligente do governo por ella. São documentos disso, não só outras creações do mesmo periodo, como a restauração do Seminario de S. Joaquim, com accrescentamento de cadeiras de latim, francez, logica e canto-chão, em 1821, e as resoluções, de Agosto de 1811, exemptando do recrutamento os estudantes das aulas publicas, de Dezembro de 1820 creando pensões para 12 rapazes pobres que mostrassem disposição para os estudos medicos, a de Dezembro de 1821, dispensando do poncto os empregados do thesouro publico que frequentassem a aula de commercio, e do mesmo anno de 21 mandando despachar livres de direitos aduaneiros os livros e acabando com a censura previa dos escriptos, a franquia da bibliotheca regia aos estudiosos e quejandas medidas.

Nesse periodo, além das aulas regias de primeiras lettras, creadas por Pombal e mantidas pelo subsidio litterario, havia nas principaes capitancias aulas regias de outras materias, em Belém do Pará, de latim, philosophia e rhetorica; no Recife as mesmas; em Villa-Rica (Ouro-Preto), de latim e philosophia; em S. Paulo, além daquellas, uma de theologia moral e dogmatica. Eram as mesmas as aulas da Bahia. As aulas de primeiras lettras seriam muito poucas. No Recife, por exemplo, só existiam trez.

Até mais de metade do seculo, quando Bernardo Pereira de Vasconcellos em 1837 e Couto Ferraz (Bom Retiro) instituiram, o primeiro o ensino secundario (creação do Collegio de D. Pedro II), o segundo o ensino primario sobre fundamentos mais racionaes e mais solidos, o systema geral da nossa instrução publica nesses dous ramos foi o mesmo que vinha das medidas pombalinas completadas ou desenvolvidas pelo governo de d. João VI e do principe d. Pedro, depois Pedro I, no Brasil. O chronista paraense Baena nos dá a feição desse ensino. Em 1832 havia na capital da provincia seis escholas primarias, das quaes apenas uma de meninas. Não era o ensino uniforme em todas as escholas e logares. Ensinava-se a grammatica portugueza de Lobato, a arithmetica de Bezout, o catechismo de Montpellier, e outros livros elementares. « As convenientes noções das virtudes naturaes e sociaes », como elle diz, não eram dadas em nenhuma eschola. Aprendiam a escrever por traslados impressos com o « caracter da escriptura britannica ». Ainda pelos annos de 1860, posso dar testimonho pessoal, as cousas não tinham mudado consideravelmente; ainda conheci aquella arithmetica, aquella catechismo, aquelles

traslados. Nas aulas de latim os livros eram o *Novo Methodo* do padre Pereira, a *Grammatica* de Lobato, as *Fabulas* de Phedro, Virgilio, Tito Livio, Horacio e Ovidio, o curso de trez annos e sabia-se mais latim que hoje. Nas de rhetorica, o extracto da eloquencia de Quintiliano, a *Arte poetica* de Horacio, o *Tractado do sublime* de Longino e as *Orações* de Cicero, sendo o curso de um anno. Nas de philosophia, onde tambem durava o curso um anno, a logica e a metaphysica de Genuense, a philosophia moral ou ethica de Heinecio e a analyse de alguns discursos philosophicos de Cicero constituiam os elementos do estudo. Outro não seria o systema geral no Brasil, onde quer que houvesse escholas de primeiras letras e estas aulas isoladas de materias do ensino secundario.

II

O IMPERIO

(1822-1889)

Nos primeiros annos da independencia as preoccupações politicas parece não deixaram aos organizadores da nação vagar para cuidarem da educação popular, como se houvera cousa que mais que ella importasse para a obra que faziam. A Assemblêa Constituinte votou em Outubro de 1823 que todo o cidadão era apto para abrir eschola de instrucção primaria, independentemente de exame, de licença ou de auctorização. Esta lei liberalissima revelaria menos uma convicção liberal que o desapego á questão do ensino publico.

Podia aliás ser tambem um meio de facilitar a disseminação da instrucção elementar, de que sentissem os primeiros legisladores brasileiros estava o paiz carecidissimo.

Como quer que fosse, é nesta lei que se encontra o germen da liberdade do ensino primario e secundario no Brasil, liberdade que sempre foi grande e que, persuadimo-nos, não foi sinão uma das formas do nosso pouco empenho e zelo pelo ensino. O governo por sua vez, no principio do mesmo anno de 1823, creou uma eschola, a primeira, de ensino mutuo pelo systema de Lancaster, systema que se generalizou no paiz.

Assentava o methodo lancasteriano em fazer os mais adeantados de uma eschola, que se chamaram em França monitores e aqui decuriões, ensinarem aos menos adeantados, sob a direcção e superintendencia do mestre. O systema parecia dever impor-se em um paiz onde era escasso o numero de mestres, e onde escholas de numerosa frequencia

apenas tinham um para dirigi-las ; mas provou mal, e não podia ser de outro modo, na prática. No Rio de Janeiro os mesmos ministros do imperio em seus relatorios denunciaram os seus maus resultados.

O mesmo se verificou nas provincias, onde continuou entretanto a ser largamente practicado por muito tempo. Ainda as haverá que a practiquem, e no fim de contas, na mesma Capital Federal, o uso de adjunctos sem estudos completos é apenas uma modificação do obsoleto e ruim systema.

Só em 1827 instituiu o novo imperio o seu systema de ensino publico primario, pela lei de 15 de Outubro desse anno. Mandou ella crear escholae de primeiras lettras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Brasil. « Segundo o plano adoptado nas escholae das capitaes das provincias, diz o capitulo relativo á instrucção primaria e secundaria da excellente *Noticia historica* do Ministerio do Interior, se observaria o systema de ensino mutuo e tambem nas cidades, villas e logares populosos, em que fosse possivel practica-lo. Os professores ensinariam a ler e escrever, as quatro operações de arithmetica, prática de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria prática, a grammatica da lingua nacional, os principios da moral christã e da doutrina da religião catholica, proporcionada á comprehensão dos meninos. Para as leituras seriam preferidas a Constituição então vigente e a Historia do Brasil. Os que pretendessem ser providos naquellas cadeiras deveriam ser examinados publicamente perante os presidentes de provincia, em conselho, prova essa de que não ficavam exemptos os professores existentes que quizessem reger as novas cadeiras. Nos logares em que se julgasse necessario o estabelecimento de escholae para meninas, seriam estas creadas ; e as mestras, além das materias acima indicadas, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica ás suas quatro operações, ensinariam tambem as prendas que servem á economia domestica. Nomeadas de entre as brasileiras de reconhecida honestidade pelos presidentes de provincia, em conselho, deviam tambem mostrar-se habilitadas em exame publico. »

« O provimento das cadeiras era vitalicio. Os professores só por sentença podiam ser demittidos. Os presidentes, a quem pertencia a fiscalização das escholae, tinham alçada para suspende-los nos casos de infracção. A lei determinava ainda que ás novas escholae se applicasse o regimen anterior no que se não oppuzesse ás novas disposições e que em materia de castigos se observasse o methodo Lancaster. »

Como o reconheceu a propria administração publica em relatorios officiaes, não teve esta reforma effectiva prática e

proficuidade. Nem quasi o podia ter, dada a extensão enorme do paiz, a escassez e disseminação da população, o seu pouco amor da cultura espiritual e a mesma incapacidade augmentada em alguns casos de desidia da administração na sua execução por um vastissimo territorio onde a sua acção diminuia na razão do quadrado das distancias. Mas mesmo debaixo das suas vistas, na capital do paiz, os seus effeitos foram, pelos proprios ministros a quem competia applica-la, achados máos ou insignificantes. Era, porém, um systema, e como tal um progresso sobre a falta de systema anterior.

O acto addicional á constituição do Imperio transferiu em 1834 a instrucção primaria ás provincias. Pòde-se imaginar o que seria essa instrucção em taes circumscripções, na maioria das quaes não haveria o pessoal habilitado para reger mesmo a nossa velha eschola de «ler, escrever e as quatro especies», e sobretudo nas populações e nos governantes nenhum gosto ou apreço pela instrucção. As Camaras Municipaes, a quem a lei de 1 de Outubro de 1828 confiara a fiscalização das escholas primarias, mostraram-se incapazes dessa função, e o ensino caíu até na capital do paiz em uma grande degradação. Ao menos nesta cidade della o vem tirar a reforma realizada pelo ministro do Imperio Luiz Pedreira do Couto Ferraz (visconde do Bom Retiro) em 1854.

Embora, pela passagem do ensino publico primario e secundario ás provincias, limitadas ao Rio de Janeiro, as reformas de Ferraz são as medidas mais consideraveis que já no Brasil se tomaram em relação á instrucção publica. Ellas comprehenderam o ensino primario, secundario e superior, e as inspirou não só a mais adeantada e esclarecida pedagogia do tempo, como um conhecimento exacto das condições e das necessidades do meio a que eram applicadas. Pela natural preponderancia da capital sobre todo o paiz, seriam ellas ao demais, conforme as circunstancias de cada provincia, a norma para a organização do ensino nas provincias e a origem e base de toda a evolução do nosso ensino, quer na sua parte propriamente pedagogica, quer na administrativa.

Até 1837, quando foi creado o Collegio de Pedro II, o ensino secundario no Brasil limitava-se, como já vimos, a aulas dispersas de algumas materias, latim, francez, philosophia, rhetorica, geometria, mesmo theologia, professadas sem nenhuma idéa de seriação, logica ou systema, por mestres isolados, nas capitaes e nas cidades mais importantes ou nos seminarios religiosos. Em 31 fôra o governo auctorizado a crear cadeiras dessas materias em

todas as provincias. Já vimos tambem que grande numero dellas, si não todas, as tinham, vindas do systema colonial, que o decreto desse anno não fazia sinão ampliar.

A criação dos cursos juridicos (11 de Agosto de 1827) veiu reclamar a sancção do exame dessas materias para os que os pretendessem seguir, e aos quaes se exigia, como estudos preparatorios, certidão de exame e approvação nas linguas latina e franceza, de rhetorica, philosophia racional e moral, arithmetica e geometria. Esses exames deviam ser prestados perante os professores officiaes de taes materias. Em 1832, o seminario de Olinda foi convertido em estabelecimento de ensino de preparatorios annexo ao curso juridico daquella cidade, augmentando-se-lhe as materias que lhe faltavam para complemento daquelles minguados estudos preliminares. Em 1854 foram mais systematicamente reguladas as condições de admissão aos cursos superiores existentes, de direito e medicina. Além daquellas materias, exigia-se mais inglez, historia e geographia. Para medicina, dispensava-se rhetorica e poetica. A habilitação se provaria com o diploma de bacharel em lettras pelo Collegio de Pedro II, ou certificados de approvação nos concursos annuaes, futuros exames de preparatorios, como ao depois se chamaram — instituidos no Rio de Janeiro, por um regulamento daquelle anno ou perante os professores das aulas preparatorias das mesmas faculdades.

Para as faculdades de medicina (Rio de Janeiro e Bahia) podiam tambem os exames de preparatorios ser prestados nellas, mesmo perante professores publicos nomeados pelo governo e sob a presidencia do director da faculdade.

Si pelo Acto Addicional a legislação do ensino secundario passara ás Assembléas provinciaes, de facto o governo central mantinha a sua superintendencia sobre elle pelo facto do privilegio de só elle sanciona-lo obrigando os candidatos á matricula dos cursos superiores a se submeterem a um exame por elle instituido e fiscalizado.

Em 1837 foi creado, sob a regencia do marquez de Olinda, pelo ministro do imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos, o Collegio de Pedro II, em que o governo transformou o Seminario de S. Joaquim, supprimido em 1818 e restaurado em 1821. Já desde 24 se denominava a este estabelecimento «Imperial Seminario» e nelle ensinavam-se as primeiras lettras, latim, arithmetica, geometria, desenho, e havia officinas de torneiro, abridor, entalhador, e outras. A reorganização do velho estabelecimento importava de facto numa criação nova, na primeira tentativa real aqui feita para systematizar a instrucção secundaria. No Collegio, que só entrou a funcionar

em 1838, e cujo primeiro regulamento é desse anno, seriam ensinadas as seguintes materias : linguas nacional, latina, grega, franceza e ingleza, rhetorica, geographia, historia, philosophia, historia natural, physica, chimica, mathematica elementar e astronomia.

Para a regencia das cadeiras de que havia aulas publicas foram chamados os respectivos professores e assim extinctas essas aulas. O curso era de seis annos, e a seriação logica mais ou menos respeitada no programma do ensino. Em 1840 uma cadeira de lingua allemã foi creada no Collegio.

São numerosos os regulamentos que teve o Collegio de Pedro II; nenhum porém, até o primeiro que lhe deu a Republica, alterou profundamente o primitivo regimen nem as materias do curso.

Si a distribuição das materias, o tempo dado ao estudo de cada uma, os programmas de ensino, os mesmos methodos variaram com os diversos regulamentos, a organização geral continuou a mesma, o mesmo o curso de septe annos estabelecido pelo regulamento de 1841, as mesmas as materias, até o ultimo regulamento do Imperio de 1881.

Mais ou menos sobre o modelo do Collegio de Pedro II, com menos materias e menos systema e espirito de seriação, crearam as principaes provincias lyceus de ensino secundario. Por outro lado na capital do paiz e nas das provincias e até em cidades de algumas, particulares, em geral estrangeiros, fundavam collegios, por via de regra internatos, em que, a par da instrucção primaria, davam tambem o ensino secundario. O primeiro, talvez, dos estabelecimentos desse genero que se fundou no Brasil foi o que estabeleceu no Rio de Janeiro, ainda em 1811, o padre Felisberto Antonio de Figueiredo Moura, e no qual se ensinava grammatica portugueza, latim, francez, inglez, rhetorica, arithmetica, desenho e pintura. Desses collegios, a maior parte creados depois dos annos de 50, alguns como o Victorio, o Freese, o Kókpe, o Gymnasio Bahiano, o Marinho, o Tautphäus, o Pujol muito contribuíram para a instrucção nacional, deixando de si boa recordação.

Até nossos dias a instrucção secundaria do sexo feminino esteve exclusivamente em todo o Brasil confiada a particulares, primeiro aos conventos e recolhimentos de religiosas, onde esta instrucção seria muito escassa, si de facto existia, depois por collegios destinados especialmente á instrucção de meninas. Todos esses estabelecimentos, eram, salvo rarissima excepção, internatos, e o seu regimen para um e outro sexo, mesmo no Collegio de Pedro II, que tinha tambem internato, a mixtura latina de convento e quartel.

Os exames de preparatorios, que até 1873 só se faziam nas cidades onde houvesse escholas superiores, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco, passaram desde o anno de 1874, por um decreto de Outubro daquelle anno, a se fazerem tambem nas provincias. Esta medida contribuiu para enfraquecer os estudos secundarios, nunca muito fortes entre nós, menos porque nas provincias não houvesse pessoal idoneo para ensinar e examinar, ou porque fossem mais faceis alli os exames, e aliás em regra eram mais, que contribuindo para reduzir esses estudos ao indispensavel para passar o exame. Antes della, em algumas provincias ao menos, os estudos secundarios feitos nos respectivos lyceus ou seminarios, não aponctando sómente ao exame, eram melhores do que com ella se tornaram ao depois. Os cursos se faziam até o fim, sem o parcellamento promovido pela facilidade dos exames de preparatorios, e os rapazes que vinham ao Rio ou iam a outro centro academico prestar os seus exames para a matricula dos cursos superiores traziam maior e mais seguro cabedal de conhecimentos e sobretudo maior desenvolvimento intellectual e mais madureza.

No Brasil em materia de ensino não são as reformas e os regulamentos que faltam, ha-os ao contrario de sobejo. De facto todos elles, principalmente na prática, alteravam pouco, e a rotina do professorado, o desmazelo dos funcionarios administrativos e a falta de fiscalização das auctoridades superiores inutilizavam-n'os todos ou reduziam todos a um typo invariavel, apesar das exterioridades regulamentares e burocraticas. No nosso ensino publico nunca houve alma, espirito, idea; não lhe faltaram, porém, jámais longos, minuciosos e pomposos regulamentos. Nelles se reflectia sobretudo a pouca competencia em geral dos legisladores, e um amalgama incongruente de bons e maus principios, de idéas sãs e falsas, de pouca adaptabilidade ao nosso meio e condições, tudo copiado com pouca reflexão e espirito práctico dos livros estrangeiros sobre o assumpto, ou imitado sem discernimento do que no exterior se praticava. O decreto de 19 de Abril de 1879, que reformou o ensino publico no Brasil nos seus trez grãos é o mais frisante exemplo de taes reformas; acham-se nelle todas as idéas correntes sobre ensino naquella época, inclusive a das caixas economicas escholares, instituição no fundo immoral, não só por procurar desenvolver os nossos já demasiadamente desenvolvidos instinctos interesseiros, mas por incitar as crianças a commetterem actos reprovados, e até indignos, para haverem dinheiro com que concorressem á caixa escholar. Si a economia é uma virtude, é quando a fazemos do resultado do nosso trabalho, do nosso esforço, com a consciencia das nossas

responsabilidades. Numa criança, que não pôde ter estes motivos, é vício ou pelo menos uma tendencia que deve corromper-lhe os sentimentos generosos e altruistas.

Creou essa reforma a divisão, boa aliás, das escholas primarias, em escholas de primeiro e segundo gráo:

O ensino nas escholas primarias de 1º gráo constaria das seguintes disciplinas: instrucção moral; instrucção religiosa; leitura; escripta; noção das cousas; noções essenciaes de grammatica; principios elementares de arithmetica; systema legal de pesos e medidas; noções de historia e geographia do Brasil; elementos de desenho linear; rudimentos de musica, com exercicio de solfejo e canto; gymnastica; costura simples (para as meninas).

O ensino nas escholas do 2º gráo constaria da continuação e desenvolvimento das disciplinas ensinadas nas do 1º gráo e mais das seguintes: principios elementares de algebra e geometria; noções de physica, chimica e historia natural, com explicação de suas principaes applicações á industria e aos usos da vida; noções geraes dos deveres do homem e do cidadão, com explicação succinta da organização politica do paiz; noções de lavoura e horticultura; noções de economia social (para os meninos); noções de economia domestica (para meninas); práctica manual de officios (para meninos); trabalhos de agulha (para meninas).

Ora, para que este programma pudesse ter execução, era preciso: 1º, ter mestres capazes; 2º possuir casas apropriadas e o apparelho necessario para o ensino. Nem uma, nem outra cousa havia. E de facto a nossa eschola primaria continuou a mesma eschola de ler, escrever e contar, melhorada pelo regulamento de 54. Demais, a reforma, como todas as que se lhe seguiram, e ainda a organização actual, exqueceu que o systema por ella mandado practicar dependia absolutamente, não só daquellas duas condições, mas de ser a sua execução confiada em cada eschola, não a um só professor auxiliado por adjunctos, pouco mais sabedores ás vezes que os alumnos mais adiantados, mas a diversos professores, ao menos um por classe.

Para remediar a falta de pessoal docente idoneo foi creada em 1881 a Eschola Normal do Rio de Janeiro, a primeira que teve o Brasil. Antes houvera uma Eschola Normal livre, a que a official viria substituir. Nada aliás auctorizava a chamar-se a esse instituto de Eschola Normal: a frequencia era livre (como si os alumnos mestres não devessem tambem aprender a ensinar), as licções facultativas (como si os alumnos não precisassem de cultivar a elocução, a dicção, a exposição, como condições indispensaveis do seu futuro officio), e a práctica do ensino—sem a qual

de facto não ha eschola normal — existia e existiu apenas no papel. As provincias entraram tambem por esse tempo a crear escholas normaes para a educação dos seus professores primarios, e quando veiu a republica a maior parte dellas já as tinham. E, em geral, talvez as escholas normaes provincianas valessem mais como organização que a da « Côte ».

De parte a instrução necessaria para a clericatura, dada essa nos collegios dos Jesuitas, nos conventos ou posteriormente nos seminarios episcopaes, não teve o Brasil estudos superiores sinão com a vinda da familia real portugueza para aqui em 1807.

Já vimos como em 1808 foram mandadas crear no Hospital Militar da Bahia aulas de anatomia, chirurgia e obstetricia e no mesmo anno tambem mandada estabelecer no Hospital Militar do Rio de Janeiro, uma eschola anatomica, chirurgica e medica, com as aulas de anatomia e physiologia, therapeutica chirurgica e particular, e um laboratorio pharmaceutico. No anno seguinte se lhe accrescentou uma cadeira de materia medica. Em 1813 e 1815 foram reformados e ampliados estes cursos rudimentares, no Rio de Janeiro na primeira data, na Bahia na segunda, creando-se em ambas as cidades um curso completo de chirurgia, de cinco annos. Com a denominação de « collegio medico-chirurgico » viveram estes dous estabelecimentos, e foram pouco a pouco se desenvolvendo com a criação de novas cadeiras accessorias e de medicina propriamente dicta, até que em 1832 tiveram nova organização e o titulo de Faculdades de Medicina.

O seu curso foi então dividido em seis annos de estudo e o ensino distribuido por 14 cadeiras, divididas por trez secções: sciencias accessorias, sciencias medicas e sciencias chirurgicas. Em 1854 foi reformado o ensino medico, e creados nas faculdades de medicina os cursos especiaes de pharmacia e de obstetricia. Outras pequenas reformas succederam-se, até que em 19 de Abril de 1879 foi dada nova organização a essas faculdades.

Mas, instituindo sem discernimento medidas que se não conformavam com o nosso meio, nem eram em parte alguma applicadas, como a liberdade de frequencia, a dispensa de licções, de sabbatinas e da prática, a reforma, de facto, prejudicava o ensino, que por outras medidas procurava levantar. Começada em 1879, esta reforma, que continha aliás partes excellentes, só entrou em realização e total em 1882. Uma lei deste anno creou mais septe cadeiras nas faculdades de medicina, treze laboratorios e um museu.

E durante os annos que se seguiram mostrou-se o governo sollicito em dota-las, principalmente á do Rio de Janeiro, com

os elementos de estudo indispensaveis, installando os seus gabinetes e laboratorios e aparelhando-as convenientemente. Tambem nas ultimas reformas havia sido exigido um maior numero de preparatorios.

As faculdades de direito ou cursos juridicos foram creados em Olinda (Pernambuco) e em S. Paulo, já de passagem o dissemos, a 11 de Agosto de 1827, mas só se inauguraram no anno seguinte. Em 25 se mandara crear um no Rio de Janeiro; este decreto, porém, nunca teve execução. Dividia-se o curso naquellas faculdades em cinco annos com duas cadeiras em cada um, comprehendendo o ensino: o direito natural e publico, com analyse da constituição do Imperio, direito das gentes e diplomacia, direito ecclesiastico, direito patrio, civil criminal e theoria do processo, direito mercantil e maritimo, economia politica, theoria e practica processual conforme as leis do paiz.

Transformando os cursos juridicos em faculdades de direito, os estatutos de Abril de 1854 augmentaram cadeiras e modificaram ligeiramente o ensino. O decreto de 19 de Abril dividiu o curso dessas faculdades em duas secções: de sciencias juridicas e de sciencias sociaes, comprehendendo a primeira — direito natural, direito romano, direito constitucional, direito ecclesiastico, direito civil, direito criminal, medicina legal, direito commercial, theoria do processo criminal, civil e commercial, e uma aula practica do mesmo processo, e a segunda: — direito natural, direito publico universal, direito constitucional, direito ecclesiastico, direito das gentes, diplomacia e historia dos tractados, direito administrativo, sciencia da administração e hygiene publica, economia politica, sciencia das finanças e contabilidade do Estado.

O regimen academico, como nos mais institutos officiaes, era o da livre frequencia e da dispensa de licções e exercicios escolares. Com a medicina e a jurisprudencia, a arte do engenheiro constituiu, em materia de ensino superior, a outra preocupação dos governos nacionaes. Em 1810 foi creada no Rio de Janeiro a Academia Real Militar para os estudos das sciencias mathematicas, physicas e naturaes, como elemento ás artes militares. Em 1832 foi esta eschola reformada e reunida a ella a Academia de Marinha. Foram de novo separadas em 1833, e em 1839 a Academia Militar passou a chamar-se Eschola Militar. De reforma em reforma, veio ella até a de 1858 que a denominou de Central, exclusivamente destinada ao ensino da mathematica e das sciencias physicas e naturaes e a arte da engenharia. Para o ensino propriamente militar fôra creada trez annos antes uma Eschola de applicação do exercito. Nova reforma em 1874, seguindo varias outras que pouco a pouco

alteravam os regimens anteriores, transferiu a Eschola Central á administração civil, mudou-lhe o nome para Polytechnica e deu-lhe uma mais ampla organização do ensino. Os estudos por essa reforma comprehenderiam seis cursos especiaes: de sciencias physicas e mathematicas, de sciencias physicas e naturaes, de engenheiros geographos, de engenharia civil, de minas, de artes e manufacturas. Um curso preliminar commum a qualquer dos especiaes serviria de introducção a estes. Vigorou esta reforma até 1896.

Em 1875 foi creada a Eschola de Minas de Ouro Preto (Minas Geraes).

Os altos estudos scientificos desinteressados nunca tiveram logar no Brasil. Nas escholas superiores, de medicina, de direito e na de engenharia, os estudos embora mais theoreticos que practicos, eram estreitamente profissionaes, como são ainda hoje.

Os cursos de ensino geral e sem applicação práctica immediata creados em 1874 na Escola Polytechnica, taes como os de sciencias physicas e naturaes ou mathematicas, nunca de facto tiveram frequencia, não deram de si resultados apreciaveis, e foram em pouco tempo eliminados. Reformado o Museu Nacional em 1876, foram ahi instituidos cursos publicos dos assumptos proprios ao fim desse estabelecimento, constituido assim em instituto de ensino superior desinteressado. Esses cursos, realizados por funcionarios do Museu, nacionaes e estrangeiros, sobre anthropologia, physiologia, historia natural, pouco duraram, ou por não haver publico ou por não haver mestres para elle.

D. João VI era um principe amigo das artes e grande amator da musica, e o seu ministro conde da Barca, espirito culto e tambem amator das bellas artes, auxiliou efficaamente as boas disposições do principe na criação do ensino artistico no Brasil, iniciado com a vinda para cá, a expensas da corôa, de alguns artistas francezes de real merecimento, Joaquim Lebreton, do Instituto de França, Debret, pintor historico, Nicolau e Augusto Taunay, pintor aquelle, este escriptor, Grandjean de Montigny, architecto, Simão Pradier, gravador, e outros. Em 1816 foi mandada crear no Rio de Janeiro uma Eschola real de sciencias, artes e officios; um outro decreto de 20 estabeleceu a Real Academia de desenho, pintura, esculptura e architectura civil, e outro acto do mesmo anno determinou que com o nome de Academia das Artes principiasssem a funcionar as aulas de pintura, desenho, esculptura e gravura. Quaesquer que hajam sido as difficuldades e hesitações do principio, o ensino das bellas artes estava fundado. O Imperio não teve sinão de desenvolve-lo e amplia-lo.

Em 1847 foi fundado o Conservatorio de Musica.

III

REPUBLICA. ESTADO ACTUAL

(1890-1899)

A Republica em Abril de 1890 creou o Ministerio da Instrucção Publica, talvez um puro expediente politico, que pouco durou.

O primeiro ministro da nova pasta, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, reformou por completo toda a instrucção publica. Primeiro a primaria e secundaria do Districto Federal, pois que os Estados continuavam com a sua prerogativa nesses ramos de ensino, e as haveriam mais desenvolvidas em o novo regimen; depois a superior e a artistica e technica. As feições principaes dessa reforma foram as seguintes: Quanto á primaria, seria livre, gratuita e leiga, dada em escholas publicas de duas categorias, do 1º e do 2º grãos. Nas do 1º grão seriam admittidos alumnos de septe a 13 annos, e nas do 2º de 13 a 15. Haveria escholas distinctas para os dous sexos, permittindo-se, entretanto, nas do feminino a matricula a meninos até oito annos. Comprehendia o ensino das escholas primarias do primeiro grão: leitura e escripta; ensino practico da lingua portugueza; contar e calcular; arithmetica practica até regra de trez, mediante o emprego, primeiro dos processos espontaneos e depois dos processos systematicos; systema metrico precedido do estudo da geometria practica (tachymetria); elementos de geographia e historia, especialmente do Brasil; licções de cousas e noções concretas de sciencias physicas e historia natural; instrucção moral e civica; desenho; elementos de musica; gymnastica e exercicios militares; trabalhos manuaes (para meninos); trabalhos de agulha (para meninas); noções practicas de agronomia. Este ensino seria repartido em trez cursos: o elementar (para alumnos de septe a nove annos), o médio (para os de 9 a 11) e o superior (para os de 11 a 13). Methodo intuitivo, servindo o livro de simples auxiliar.

E nas do segundo: calligraphia; portuguez; elementos da lingua franceza; arithmetica (estudo complementar); algebra elementar; geometria e trigonometria: geographia e historia, particularmente do Brasil; elementos de sciencias physicas e historia natural applicaveis ás industrias, á agricultura e á hygiene; noções de direito patrio e de economia politica, desenho de ornato, de paizagem, figurado e topographico; musica; gymnastica e exercicios militares;

trabalhos manuaes (para os meninos) e trabalhos de agulha (para as meninas). Teriam estas eschololas trez classes.

Seria o primeiro curso das eschololas do 1º gráo para o sexo masculino de preferéncia dirigido por professoras. Teria cada eschola uma bibliotheca adequada, um museu escholar de collecções de historia natural e de apparatus necessarios para o ensino concreto, um gymnasio para exercicios physicos, um pateo para brincos e jogos e um jardim disposto conforme os preceitos pedagogicos. Tudo isto ficou em desiderato, e as eschololas em locaes improprissimos pela maxima parte, sem pateos, sem areas, sem jardins, sem mobilia escholar conveniente, e sem instrumentos de ensino ; executavam, entretanto, um programma para o qual se não achavam apercebidas.

Mandou a reforma houvesse no Districto Federal uma ou mais Eschololas Normaes, cada uma com uma eschola modelo annexa. Ficou de facto a que havia, que foi tambem reformada, dando-se-lhe um curso que era antes de estudos secundarios de letras e superiores de sciencias abstractas, que o que theorica e practicamento se conhece em toda a parte por um curso normal primario. Com effeito esse curso, que exigiria septe ou oito annos de estudos, e nenhum alumno dos poucos que o fizeram, o fez em menos — comprehendia : portuguez, noções de litteratura nacional e elementos da lingua latina ; francez ; geographia e historia, particularmente do Brasil ; mathematica elementar ; mathematica superior ; mechanica e astronomia, physica e chimica ; biologia ; sociologia e moral ; noções de agromonia ; desenho ; musica ; gymnastica ; calligraphia ; trabalhos manuaes (para homens) e trabalhos de agulha (para mulheres). Pouco tempo durou a chamada eschola modelo annexa á Eschola Normal, a qual não era de facto modelo nem pela installação, nem pela organização e direcção.

O Collegio de Pedro II, transformado primeiro em Instituto Nacional de instrucção secundaria, e depois em Gymnasio Nacional, foi tambem reformado. Imbuído, mais que penetrado, das doutrinas pedagogicas e philosophicas do positivismo comtista, o reformador, como fizera na Eschola Normal, introduziu neste estabelecimento de instrucção secundaria, pouco mais que elementar, toda a serie hierarchica das sciencias abstractas segundo a classificação de Augusto Comte : mathematica completa elementar e superior, physica, chimica, astronomia, biologia, sociologia e moral, sacrificando verdadeiramente os estudos litterarios das linguas antigas e modernas, a historia, mesmo a do Brasil, consignando-lhes tempos insufficientes para um razoavel apprendizado dessas materias, sobre-carregando o primeiro anno, por exemplo, com seis disciplinas, das quaes arithmetica e algebra completas.

A reforma estabeleceu « o exame de madureza » como prova da capacidade intellectual no fim dos estudos, quer para os alumnos do Gymnasio, quer para os que, candidatos aos cursos superiores ou não, o quizessem prestar. Quasi dez annos se passaram sem ser posta em prática esta salutar medida, e quando o foi, por tal forma a realizaram que melhor valia se ter ficado no obsoleto e irracional regimen dos exames parcellados, que aliás coexiste simultaneamente com os aqui mal chamados exames de madureza.

Foram tambem reformadas todas as escholas superiores e institutos de ensino artistico, technico ou especial dependentes do recémcreado Ministerio da Instrução Publica.

Nas de medicina, o numero de cadeiras foi augmentado de 26 para 29 com a criação das de chimica analytica e toxicologica, de clinica propedeutica e a separação da de anatomia medico-chirurgica da de operações, novos laboratorios foram creados, as cadeiras distribuidas em doze secções, e as materias do ensino em seis series para o curso medico, trez para o pharmaceutico, duas para o obstetrico e duas para o odontologico.

Nas de direito foi o curso dividido em trez, de sciencias juridicas, de sciencias sociaes e o de notariado. Comprehendia o primeiro quatro series, o segundo trez e o terceiro duas, com cadeiras e lentes especiaes.

A Eschola Polytechnica foi tambem reformada, mas a nova organização do ensino que lhe foi dada nunca foi posta em prática. O mesmo aconteceu na Eschola de Minas de Ouro Preto.

A Academia de Bellas Artes reformada tomou o nome de Eschola Nacional de Bellas Artes, como o Conservatorio de Musica tambem reformado o de Instituto Nacional de Musica. Com a reforma que pelo mesmo tempo soffreu, o Imperial Instituto dos meninos cegos, passou a denominar-se Instituto Benjamin Constant, conservando o Instituto dos Surdos o seu nome, não obstante igualmente reformado.

Apezar de não serem ainda passados dez annos destas reformas, nenhuma dellas vigora mais hoje. Alguns destes estabelecimentos viram duas, trez e seis mais, depois dellas — e em grande parte quando ellas não poderiam ter provado mal ou bem. Qualquer que seja o valor philosophico e pedagogico das reformas de Benjamin Constant, é certo que ellas deram um impulso ao nosso ensino publico, e, um momento, rapido, pareceram que lhe iam imprimir um movimento. Dominando logo, porém, as preocupações de uma politica menos interessada pela instrução publica, isso passou breve, e a obra de Benjamin Constant atacada

por interesses academicos ou por theorias contrarias ás suas, desprezada ou incomprehendida pelos governos posteriores, não teve sequer tempo de ser julgada sinão pelos seus resultados, ao menos na sua execução.

Das creações ou reformas de Benjamin Constant, a mais consideravel, a mais importante para o novo regimen de completa descentralização foi o Pedagogium, no pensamento que o creou destinado a servir de centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carecia a instrucção nacional, e de centralizador de quanto pelo Brasil se fizesse em materia de ensino publico. Qual era fundado, e vindo a desenvolver-se, esse instituto teria a mesma função do *Bureau of education* dos Estados Unidos, e poderia ser, como este efficaçmente tem sido, o agente da unidade na variedade da instrucção publica nacional, e assim um poderoso factor da mesma unidade nacional. Esta instituição não foi, entretanto, pôde-se dizer sem exagero, comprehendida.

Diminuida nas suas capacidades de acção, esphacellada foi por fim entregue á municipalidade, que nada tinha a fazer com ella e que, razoavelmente, a extinguiu. Ella terá de ser re-creada; é não só necessario e util, mas indispensavel, que o Estado, mesmo vindo a abrir mão, como são os nossos votos, do ensino publico, tenha uma repartição que, como a americana, centralize, reuna, estude e publique tudo o que no paiz se faz nessa ordem da actividade social. A verdade é que hoje é difficilimo, sinão impossivel, dizer com precisão e factos positivos o que é, não só nos regulamentos e programmas, mas de facto, a instrucção publica no Brasil, verificar as suas tendencias, os seus effeitos, o seu desenvolvimento.

Actualmente, é esta a situação da instrucção publica no Brasil:

A União apenas se incumbem, mas não exclusivamente, da instrucção superior, technica e especial, mantendo escholae de medicina, de engenharia, de direito, de bellas artes, de surdos-mudos, de cegos e as escholae de instrucção militar. Provê tambem ao ensino secundario no Districto Federal.

Os Estados mantêm a instrucção primaria, que no Districto Federal está a cargo da municipalidade. Em mais de um Estado as municipalidades ou algumas municipalidades, pelo menos, occupam-se tambem ou exclusivamente da instrucção primaria.

Cabe aos Estados prover á instrucção secundaria, e são livres de crearem tambem toda a sorte de institutos de instrucção superior, profissional, especial e technica. Apenas, para que os diplomas que conferirem os estabelecimentos de instrucção

estadaes sejam reconhecidos pela União, carecem elles cumprir certas formalidades, que são com effeito, meras formalidades, de adoptarem, por exemplo, os programmas dos estabelecimentos congeneres da União. Assim, os estabelecimentos de ensino secundario dos Estados são equiparados, para todos os effeitos ao Gymnasio Nacional, desde que o governo federal reconhece que a sua organização de ensino é identica á deste instituto. Uma fiscalização, absolutamente inefficaz, é imposta aos estabelecimentos estadoes assim equiparados. Em muitos casos, aliás, não ha de facto identidade entre o ensino, ou a organização pedagogica, desses estabelecimentos estadoes e a do federal, o que não os tem impedido de ser equiparados a este e conferirem como este o diploma de bacharel em lettras, que abre a porta a todas as faculdades superiores.

Tambem os particulares são livres, sob a simples condição de moralidade e hygiene, jamais apurada, de abrirem estabelecimentos de ensino de qualquer ordem ou gráo. A mais completa liberdade de ensino existe no Brasil, apenas limitada por exigencias meramente formalísticas da lei, a cuja execução preside o mais largo espirito de tolerancia e condescendencia, sinão o mais amplo deleixo.

Qualquer estabelecimento, estadual ou particular, de ensino secundario ou superior pôde ser equiparado aos estabelecimentos congeneres federaes, e terem os seus diplomas as mesmas regalias que os destes, mediante as seguintes condições: para os particulares um patrimonio de 50 contos de réis representado por apolices da divida publica geral ou pelo edificio em que funccionam, prova de uma frequencia nunca inferior a 30 alumnos por espaço de dous annos e observancia dos programmas dos institutos a que forem equiparados.

A União mantem hoje os seguintes institutos de ensino: duas escholas de medicina, com os cursos especiaes de pharmacia, obstetricia e odontologia, sendo uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro; duas faculdades de direito, uma no Recife (Pernambuco), outra em S. Paulo; duas escholas de engenharia, uma no Rio de Janeiro, outra em Ouro Preto (Minas Geraes); uma eschola de surdos-mudos, uma de cegos, uma de bellas artes e um conservatorio de musica, no Rio de Janeiro, e as escholas militares, preparatorias de tactica do Rio Pardo (Rio Grande do Sul) e do Realengo (Districto Federal) e a Eschola Militar do Brasil, do Rio de Janeiro.

Os Estados quasi todos, além das escholas primarias mais ou menos, antes menos que mais, disseminadas, mantem escholas

normaes para preparo dos seus professores primarios, geralmente uma, nas capitaes, lyceus ou gymnasios de estudos secundarios, institutos de ensino technico ou asylos-escolas. Estados ha, como Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, que teem mais de uma escola normal e mais de um gymnasio ou lyceu, mas são muito poucos. S. Paulo tem uma escola estadual de engenharia e a Bahia uma de agronomia. Existem actualmente no Brasil quatro faculdades livres de direito, sendo duas no Rio de Janeiro, uma em Minas (Minas Geraes) e outra na Bahia. O Rio Grande do Sul fundou, por iniciativa particular, uma escola de engenharia. O Amazonas tem uma escola de bellas artes official, comprehendendo um conservatorio de musica, e o Pará um conservatorio de musica e uma escola de bellas artes, de iniciativa particular, mas subvencionados pelo Estado. De todo o Brasil os Estados onde parece que a instrução publica se acha mais prospera e tem merecido mais attenção dos poderes publicos são o Pará e S. Paulo. Minas Geraes dera-lhe nos ultimos annos grande impulso e um grande desenvolvimento, creando dous gymnasios, muitas escolas primarias e normaes, alguns institutos de ensino agricola e technico; mas a má situação financeira a que levou a sua invenção de uma nova capital, determina-o neste momento a fazer largos cortes naquillo que entre nós é o primeiro objecto nas nossas economias, a instrução publica. Além de alguns institutos de ensino normal e technico, centenas de escolas primarias foram alli ultimamente supprimidas.

No Rio de Janeiro, onde o ensino primario é municipal, e nos principaes estados, ao menos nas suas capitaes, o ensino primario se acha neste momento organizado sob a forma integral, dando ou devendo dar, as escolas, o ensino seguinte: leitura, escripta e ensino práctico da lingua materna; contar e calcular, arithmetica práctica até regra de trez; systema metrico, geometria práctica; elementos de geographia e historia, especialmente da America e do Brasil; licções de cousas e noções concretas de sciencias physicas e naturaes; instrução moral e civica; desenho; trabalhos manuaes para os meninos e de agulha para as meninas; noções de agronomia; gymnastica.

O ensino secundario, geralmente modelado pelo do Gymnasio Nacional do Rio de Janeiro, é com mais ou menos fidelidade distribuido no Brasil segundo o programma do instituto, que comprehende as seguintes disciplinas: desenho, portuguez e litteratura portugueza, francez, inglez, allemão, latim, grego, mathematica elementar, elementos de mechanica e astronomia, elementos de physica e chimica, elementos de historia natural, geographia.

e chorographia do Brasil, historia universal, historia do Brasil, logica.

O curso de estudos é de seis annos, de oito mezes lectivos (15 de Abril a 15 de Dezembro), e do valor desses estudos se pode bem avaliar pelo numero de annos e de horas semanaes dados a cada materia: portuguez quatro annos, 10 horas por semana nos quatro annos; francez, quatro annos, nove horas; inglez, cinco annos, 10 horas; allemão, quatro annos, 10 horas; latim, quatro annos, 10 horas; grego, tres annos, oito horas; mathematica elemental, quatro annos, 15 horas; mathematica superior, dous annos, cinco horas; physica e chimica, dcus annos, seis horas; historia natural, um anno, cinco horas; geographia e chorographia do Brasil, quatro annos, oito horas; historia geral e do Brasil, tres annos, nove horas; litteratura geral, portugueza e nacional, dous annos, quatro horas; logica um anno, tres horas; desenho, seis annos, 12 horas.

No fim do curso os alumnos que o tiverem concluido serão sujeitos a um exame chamado de madureza, « destinado a verificar si têm assimilada a summa de cultura intellectual necessaria ». No Gymnasio Nacional o ensino é dado em cada uma das casas, Externato e Internato, em que elle se divide, por 14 professores, e mais dous, de litteratura e de logica, communs aos dous estabelecimentos. Nos lyceus ou gymnasios estaduaes, não deve variar sensivelmente esse numero.

As faculdades de medicina comprehendem quatro cursos, de sciencias medicas, e chirurgicas, de pharmacia, de obstetricia e de odontologia. As materias destes cursos são 29, a cada uma das quaes corresponde uma cadeira. O ensino é dado por 29 lentes ou professores, 12 lentes substitutos, 13 assistentes de clinicas, 20 internos, 17 preparadores e uma parteira. São as seguintes aquellas cadeiras: physica medica, chimica inorganica medica, chimica organica e biologica, chimica analytica e toxicologica, botanica e zoologia medicas, materia medica, pharmacologia e arte de formular, anatomia descriptiva, anatomia medico-chirurgica, histologia, physiologia, anatomia e physiologia pathologicas, pathologia geral, obstetricia, pathologia chirurgica, pathologia medica, operações e apparatus, therapeutica, hygiene, medicina legal, clinica propedeutica, clinica chirurgica (1ª cadeira), clinica chirurgica (2ª cadeira), clinica medica (1ª cadeira), clinica medica (2ª cadeira), clinica obstetrica e gynecologica, clinica pediatrica, clinica ophthalmologica, clinica dermatologica e syphiligraphica e clinica psychiatrica e de molestias nervosas. Os 16 laboratorios são: de physica, chimica inorganica, chimica organica e biologica, chimica analytica e toxicologica, botanica e zoologia, pharmacologia,

anatomia descriptiva, anatomia medico-chirurgica, histologia, physiologia, anatomia pathologica, operações e apparatus, therapeutica, hygiene, medicina legal, odontologia, e são destinados aos estudos práticos, pesquisas e investigações scientificas.

O curso de sciencias medicas e chirurgicas é dividido em seis series, o de pharmacia em trez, o de obstetricia em duas e o de odontologia em duas.

A Eschola Polytechnica do Rio de Janeiro não é, como a de Paris, uma eschola de ensino abstracto e geral, mas um instituto de ensino especial e profissional. Os estudos nella comprehendem, aliás, um curso geral de trez annos, preparatorio a qualquer dos cursos especiaes. Esse curso consta das seguintes materias: geometria analytica, calculo differencial e integral, geometria descriptiva, physica experimental, meteorologia, calculo das variações, mechanica racional, topographia, legislação de terras e principios geraes de colonização, chimica geral, chimica inorganica, processos geraes de analyse chimica, trigonometria espherica, astronomia theorica e prática, geodesia, mechanica applicada ás machinas, cymematica e dynamica applicadas, mineralogia e geologia, desenho.

Os cursos especiaes são cinco: de engenharia civil, de engenharia de minas, de engenharia industrial, de engenharia mechanica e de engenharia agronomica.

O curso de engenharia civil, o mais frequentado, o especialmente frequentado, consta de tres annos, com o seguinte programma de estudos: materiaes de construcção, tecnologia das profissões elementares, resistencia dos materiaes, estabilidade das construcções, grapho-estatica; hydraulica: liquidos e gazes; abastecimento d'agua, exgotos, hydraulica agricola; geometria descriptiva applicada; estradas de ferro e de rodagem; pontes e viaductos; navegação interior; portos de mar; pharóes; economia politica e finanças; architectura, hygiene dos edificios; saneamento das cidades; machinas motrizes e operatrizes, precedidas do estudo dos motores, e industrias mechanicas correspondentes; direito constitucional; direito administrativo e estatistica e suas applicações á engenharia; trabalhos graphicos relativos a estes differentes estudos que os compoem, desenho de architectura.

Os demais cursos constam tambem todos de trez annos, e comprehendem annos inteiros ou apenas cadeiras do curso de engenharia civil, e mais cadeiras especiaes, conforme o seu destino. Assim o de minas, as de exploração de minas, chimica analytica, metallurgia geral e especial; o de engenharia industrial, as de chimica organica, physica industrial, chimica industrial; o de engenharia mechanica, nenhuma cadeira especial, mas a reunião

de cadeiras dos outros cursos; o de engenharia agronomica, as de botanica, zoologia, agricultura, zootechnia, veterinaria. O ensino, mais theorico em todos os cursos que pratico, é dado por 27 lentes, nove substitutos e nove professores de desenho e trabalhos graphicos.

A Eschola de Minas de Ouro Preto (Estado de Minas Geraes) tem por fim preparar engenheiros para a lavra de minas para os estabelecimentos metallurgicos e para os diversos ramos da engenharia civil. O ensino comprehende um curso fundamental e um curso especial, de trez annos cada um. O fundamental tem as seguintes materias: revisão e complementos de arithmetica, algebra e geometria, theoria das derivadas; trigonometria rectilinea e espherica, geometria analytica, physica, chimica, geometria descriptiva, topographia, botanica geral, theoria geral das equações, analyse infinitesimal, mechanica geral, zoologia, astronomia e geodesia, chimica organica, desenho, trabalhos practicos.

O curso especial comprehende: mineralogia, docimasia, physica e chimica industriaes, lavra de minas, metallurgia, stereotomia e madeiramento, hydraulica e thermodynamica, machinas, geologia, materiaes, construcção, estradas de ferro e de rodagem, pontes e viaducts, abastecimento de aguas, exgotos, navegação interior, portos de mar, hydraulica agricola, legislação de terras e de minas, economia politica, direito administrativo, estatistica, architectura de trabalhos practicos, desenho.

O ensino é distribuido por 13 lentes cathedaticos, septe substitutos e um professor de desenho.

Nas faculdades de direito o curso é de cinco annos e comprehende as seguintes materias: philosophia do direito, direito romano, direito publico e constitucional, direito civil, direito criminal, direito internacional publico e diplomacia, economia politica, sciencia das finanças e contabilidade do estado, direito commercial, theoria do processo civil, commercial e criminal, medicina publica, practica forense, sciencia da administração e direito administrativo, historia do direito especialmente do nacional, legislação comparada do direito privado.

Dezenove lentes cathedaticos e oito substitutos distribuem este ensino.

I

A IMPRENSA

A IMPRENSA NO RIO DE JANEIRO

Sómente em 1808, com o assento no Rio de Janeiro da côrte portugueza, estabeleceu-se a imprensa no Brasil. A sua introdução, porém, data de antes.

Nos meados do seculo XVIII, governando o Brasil Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, um Antonio Isidoro de Fonceca fundou com assentimento seu uma typographia no Rio de Janeiro. Della saíram algumas obras, poucas, hoje apenas da valor bibliographico, em geral sem indicação de logar, nem data. Attribuem-se-lhe outras nella impressas, mas publicadas com a indicação de o terem sido em Lisboa ou em Madrid. Das raras que se conhecem como certamente della saídas, trazendo todas as indicações que a authenticam, é uma a

RELAÇÃO da entrada que fez o excellentissimo e reverendissimo senhor d. fr. Antonio do Desterro Malheyro, Bispo do Rio de Janeiro em o primeiro dia deste presente Anno de 1747 havendo sido seis Annos Bispo do Reyno de Angola, donde por nomeação de Sua Magestade, e Bulla Pontificia, foi promovido para esta Diocese. Composta pelo dr. Luiz Antonio Rosado da Cunha, Juiz de Fôra e Provedor dos defuntos e ausentes, Capellas, e Residuos do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, Na segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonceca. Anno de M. D. C. C. XLVII. Com licenças do Senhor Bispo.* In-4° de 20 pp. num., 1 fl. de licenças.

A indicação de «na segunda officina» deixa dúvida si anteriormente Isidoro da Fonceca já teria tido outra ou si apenas significava um novo local em que estabelecera a sua imprensa. Como quer que seja, parece certo que a primeira officina typographica

existente no Brasil foi aquella, pelos annos de 1747, e que o primeiro impressor que aqui houve foi o seu proprio dono, Antonio Isidoro da Fonseca, que é assim o patriarcha da imprensa no Brasil. Em todo o largo periodo da introducção do invento de Gutemberg pelo mundo, foram sempre impressores os mesmos donos ou directores das officinas typographicas.

Os Hollandezes, está provado hoje, não tiveram aqui imprensa como por muito tempo se suppoz.

A typographia que existiu em Pernambuco em 1707, imprimindo furtivamente lettras de cambio e orações devotas avulsas, naturalmente num pequeno e mesquinho prelo, não pode ser contada para della assentarmos o estabelecimento da imprensa aqui. Curtissima e mofina foi a sua existencia, logo interrompida, mal constou ao governo portuguez, cioso de resguardar a sua colonia da influencia que nella poderia ter a divulgación da imprensa. Tambem a experiencia do padre Viegas de Menezes, em Villa Rica em 1807, que adeante noticiamos, ao tractar da imprensa em Minas Geraes, não pode constituir para este estado a primasia do tempo no estabelecimento da imprensa no paiz. Nem mesmo era imprensa no sentido de typographia.

Tambem foi ephemera a existencia da imprensa de Isidoro da Fonseca, de 1747. Já nessa epocha, os governos absolutos, que eram todos, desconfiavam da imprensa, e embora o jornalismo apenas balbuciasse em Portugal no noticiario anodyno ou nos artigos inocuos da *Gazeta de Lisboa*, o governo portuguez velava cioso que a sua colonia não possuísse um meio de manifestação e propagação de pensamento, que se lhe antolharia já damnoso ao seu dominio. E por isso mandou supprimir essa typographia.

Dobrado pouco mais de meio seculo devia-se então instituir definitivamente a imprensa no Brasil, e seria o proprio governo portuguez, trasferido para aqui, quem a estabeleceria.

Pouco antes da saída da côrte de Lisboa, fugindo á invasão franceza de 1807, tinha aquelle governo mandado buscar a Londres prelos e typos para uma imprensa destinada ao serviço dos ministerios dos negocios estrangeiros e da guerra. Quando a dynastia abalou, com o governo e a côrte, aquelle material, chegado ha pouco, não tinha sido ainda desencaixotado, e Antonio de Araujo de Azevedo, depois conde da Barca, o trouxe comsigo, em a nau *Meduza*, da esquadra em que se operou aquelle singular exodo. Foi com este material que, por inspiração de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro dos estrangeiros e da guerra, e depois conde de Linhares, o principe regente, ao depois D. João VI, mandou

estabelecer a imprensa que tomou o titulo de Impressão Regia. E' este o acto do regente :

«Tendo-me constado, que os prelos que se acham nesta capital, eram os destinados para a Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra; e attendendo á necessidade que ha da officina de impressão nestes meus Estados: sou servido, que a casa, onde elles se estabeleceram, sirva interinamente de Impressão Regia, onde se imprimam exclusivamente toda a legislação e papeis diplomaticos, que emanarem de qualquer repartição do meu real serviço; e se possam imprimir todas e quaesquer outras obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo e administração á mesma Secretaria.»

Traz a data de 13 de Maio de 1808 este decreto, e ella assignala a da introdução permanente da imprensa do Brasil.

Em homenagem ao natalicio do principe que a instituia e lhe dava existencia official, publicou a Impressão regia a sua primeira obra, que traz o seguinte titulo:

RELAÇÃO / dos despachos publicados na corte / pelo expediente / da Secretaria de estado dos Negocios / Estrangeiros e da Guerra / ao / faustissimo dia dos annos de s. A. R. / o / PRINCIPE REGENTE N. S. / E de todos os mais, que se tem expedido pela mesma Se- / cretaria desde a feliz chegada de s. A. R. aos Esta- / dos do Brazil até o dito dia. / No Fim: / Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1808. / Na Impressão Regia. / Vende-se na Loja de Manoel Jorge da Silva, livreiro na Rua do Rosario. / In-fol. de 27 pp. num.

O material typographico de que se compuzera a Impressão Regia custara, ao que parece, cem libras. Actos governamentaes posteriores completaram a organização do estabelecimento. Um desses actos declara que a criação da Impressão Regia teve por um dos seus principaes destinos a facilidade de mediante ella deramar-se a instrucção publica.

A Impressão Regia foi primeiro estabelecida no edificio da rua do Passeio, ao depois successivamente occupado pelo Ministerio da Justiça, pelo Supremo Tribunal e actualmente pelo Pedagogium. A sua administração superior foi confiada a pessoas notaveis, de alta graduação social, como o desembargador José Bernardes de Castro, portuguez, Marianno José Pereira da Fonseca, depois marquez de Maricá e José da Silva Lisboa, depois visconde de Cayrú, brasileiros, que constituiram a sua juncta directora de 1808 a 1830. Nos seus impedimentos ou vagas foram substituidos por Silvestre Pinheiro Ferreira, o celebre publicista portuguez, José Saturnino da Costa Pereira, mathematico, professor e ao depois

ministro e senador do Imperio, Francisco Vieira Goulart, conego da Capella Real, Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, mathematico, official superior do exercito e depois deputado á constituinte e o conego Januario da Cunha Barbosa, homem de letras, fundador do Instituto Historico. Em 1830 começou a já então Imprensa Nacional a ser administrada por directores, sendo o primeiro o mesmo conego Januario, que a dirigiu até 1832. Desde 1834 os seus directores tomaram o titulo de administradores, que conservaram até 1899.

Voltando ao Brasil, em 1808, frei José Marianno da Conceição Velloso, brasileiro, que dirigia em Lisboa a *Typographia Chalcographica, Typoplastica e literaria* do governo, trouxe consigo dous gravadores, Romão Eloi Cazado e Paulo dos Santos Ferreira, os quaes foram empregados na Impressão Regia, em 1809, e encarregados logo de gravar a planta da cidade do Rio de Janeiro do Archivo Militar e as estampas da Geometria de Legendre, traduzida por Manoel Ferreira de Araujo Guimarães. Na Impressão trabalhava tambem pelo mesmo tempo o notavel gravador portuguez João Caetano Rivara, do qual nos restam obras de merito. Foram estes os introductores das artes graphicas no Brasil.

Em 1809 construiu-se no Rio de Janeiro um prelo de madeira para a Impressão Regia, que por 1821 tinha já septe prelos.

Dessa imprensa, logo no primeiro anno da sua fundação, conhecem-se 37 publicações, no segundo (1809) 62, no terceiro (1810) 99, e até 1822 catalogou Valle Cabral 1154 impressos varios das suas officinas saídas. Além dos avulsos officiaes, constavam essas publicações, nos primeiros annos, de actos episcopaes, congratulações, odes, elegias e outras peças poeticas dedicadas aos principes e magnates, opusculos politicos favoraveis á côrte, ao governo e hostis aos seus contrarios, especialmente a Napoleão, memorias historicas sobre occurrencias da epocha, regimentos e regulamentos, editaes policiaes, compendios didacticos, listas de navios entrados e saídos do porto, memorias economicas e agricolas, folhetos e livrinhos de devoção, sermões e orações sacras, quasi tudo in-4°, de poucas paginas, não sendo vulgares os que excediam de cem. Em 1810 saíram da Impressão Regia algumas publicações mais notaveis, como: o ENSAIO SOBRE A CRITICA de Alexandre Pope traduzido em portuguez pelo conde de Aguiar, in-4° de XIII p. num., 5 não num. 175 num. 4 f. não num., com o retrato do auctor; a MARILIA DE DIRCEU de Thomaz Antonio Gonzaga, as trez partes separadas, cada uma com folha especial de rosto in-8°, respectivamente de 118, 108 e 110 p.

numeradas; diversas obras economicas de José da Silva Lisboa, o futuro visconde de Cayrú, o TRATADO ELEMENTAR DE PHYSICA, do abbade Haüy, traduzido em vulgar, em dous tomos, de mais de 400 p. cada um, com estampas. O *Ensaio* de Pope saiu numa bella edição, sendo o retrato do poeta desenhado e gravado a buril no Rio de Janeiro por R. E. de Almeida, segundo uma estampa de Halloway, um excellente trabalho artistico, como tambem o é o frontespicio, do mesmo artista.

A edição da *Marilia* é a primeira feita no Brasil e tambem um relativamente bom trabalho typographico. Em 1811 publicou a Impressão Regia a primeira edição brasileira do *Uruguay*, o poema de Basilio da Gama.

Além de livros, brochuras, folhetos e avulsos, a Impressão Regia imprimiu, desde Setembro do mesmo anno de 1808, o primeiro jornal que se publicou no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, de propriedade dos officiaes da Secretaria de Estado dos Negocios estrangeiros e da guerra e redigida por fr. Tiburcio José da Rocha, official daquella repartição. Durou a *Gazeta* de 1808 a 1822, formando as suas rarissimas colleções 15 volumes in-4° grande e pequeno in-folio.

Trazia esta epigrapha de Horacio (Ode III, liv. IV):

*Doctrina sed vim promovet insitam
Rectique cultos pectora roborant.*

Saíu o primeiro numero no sabbado 10 de Setembro de 1808, e devia ser hebdomadaria, publicando-se de manhã, naquelles dias. Desde o segundo numero annunciou, porém, que se publicaria duas vezes por semana, ás quartas e sabbados, pagando os assignantes o dobro da assignatura primitiva, que era de 1\$900 por semestre. Vendia-se tambem avulsa a 80 réis o exemplar. Comquanto publicada na Impressão Regia e por funcionarios publicos com privilegio para isso, não era propriamente official, e no primeiro numero declarou: «N. B. Esta *Gazeta*, ainda que pertença por privilegio aos officiaes da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, não é comtudo official; e o Governo somente responde por aquelles papeis que nella mandar imprimir em seu nome.» De facto, porém, era sinão o orgão, como ao depois se devia dizer, o jornal official do Brasil. Nelle se publicavam os actos do Governo, além de noticias dos acontecimentos mais notaveis do exterior e do paiz, do fallecimento das pessoas de importancia, annunciios, avisos, etc. E, naturalmente era officiosa. Imprimiu-se a uma columna, até o numero 53, de 3 de Julho de 1811, desde o qual passou a ser impressa em

duas. Em Maio de 1821 mudou o formato, augmentando-o de 4º gr. para folio pequeno. Desde principio de Agosto deste anno, começou a *Gazeta* a sair trez vezes por semana, ás terças, quartas e sabbados. Em 22 mudou o nome para *Gazeta do Rio*, terminando a sua publicação no anno seguinte, com o numero de 31 de Dezembro, sendo substituida pelo *Diario do Governo*, orgão official, cujo primeiro numero saiu a 2 de Janeiro de 1823, com o mesmo formato e da mesma officina. Saía a *Gazeta* regularmente, com quatro paginas, e ás vezes seis e oito. Além deste accrescimo, dava os numeros extraordinarios com o titulo especial de *Gazeta extraordinaria do Rio de Janeiro*, quando havia affluencia de noticias. Fr. Tiburcio a redigiu até 1812, substituindo-o na redacção em 1813 o brigadeiro Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, que a deixou em 1821, sendo substituido pelo conego Francisco Vieira Goulart.

Com o estabelecimento da imprensa, foi instituida, como era dos tempos, a censura previa do que se devesse por ella publicar, e por decreto de Setembro de 1808 nomeados os censores regios, que examiniariam as obras destinadas á impressão e que tinham de ser sujeitas ao Desembargo do Paço. Mesmo approvadas pelos censores, careciam as obras de licença da Secretaria de Estado, á vista do privilegio dado aos seus officiaes. A policia vigiava e comminava penas de prisão e multas para qualquer infracção desta regra, ainda em tratando-se de meros avisos ou annuncios avulsos.

Como repercussão da revolução liberal de 20 em Portugal, foi, por decreto de 2 de Março de 1821, abolida a censura prévia e regulada a liberdade de imprensa até ulterior decisão das Côrtes de Lisboa sobre este assumpto. Esse decreto, porém, no fundo burlava a inspiração liberal, porque de facto a censura continuou, feita então não já nos manuscritos, mas nas provas impressas, o que era sem duvida mais commodo para os censores, porém mais molesto aos auctores. Tambem os livros á venda eram submettidos a esta censura, que podia prohibi-la quando nelles encontrasse «alguma cousa contra a religião, a moral e bons costumes, contra a Constituição e pessoa do soberano, ou contra a publica tranquillidade, etc.». Que não houvesse offensa aos mesmos ponctos, deviam ter em vista os censores no exame das provas impressas de quanto fosse á sua inspecção submettido. Mas áquelle tempo a censura não seria de facto muito rigorosa, nem acaso precisava de se-lo, tendo pouco em que empregasse os seus rigores. Estes aliás foram extinctos pelo decreto do principe regente, D. Pedro, de 28 de Agosto do mesmo anno de 1821, que

aboliu definitivamente, de accordo com a lei da imprensa votada pelas cortes constituintes portuguezas, a censura ou revisão dos impressos, mandando que se não embaraçasse «por pretexto algum a impressão que se quizer fazer de qualquer escripto». Pelos abusos da liberdade de imprensa responderiam os auctores segundo a nova legislação, e, para que aquelles se não esquivassem á responsabilidade, nenhuma obra era composta e impressa sem que fosse o autographo assignado pelo auctor ou editor, e esta assignatura reconhecida por tabellião.

Ainda antes da independencia, e em virtude do decreto das cortes portuguezas declarando que todos os bens da Corôa pertenciam á nação e se chamariam bens nacionaes, passou a Impressão Regia, em Setembro de 1821, a chamar-se Imprensa Nacional.

O segundo jornal do Rio de Janeiro foi o *Jornal de Anuncios*, saído da mesma imprensa, que nelle traz o titulo de *Typographia Real*, em 1821, e começou a publicar-se em Maio, tendo dado apenas septe numeros semanaes. No mesmo anno saü o *Amigo do Rei e da Nação*, redigido por um Saraiva, periodico ephemero, e apenas mencionado em fontes coevas, não se lhe conhecendo nenhum exemplar, que nos conste. São ainda da mesma era e imprensa: *O Conciliador do Reino Unido*, periodico politico escripto por José da Silva Lisboa, futuro visconde de Cayrú, e que apenas publicou septe numeros, e o *Despertador Brasiliense* escripto pelo advogado Francisco de França Miranda, do qual só foi publicado um numero. José da Silva Lisboa publicou mais no mesmo anno a *Sabbatina familiar dos amigos do bem commum*, gazeta semanal da qual, parece, saíram sómente cinco numeros, sendo o ultimo de Janeiro de 1822.

No Rio de Janeiro até 1821 apenas existiu a imprensa official, de onde saía tudo quanto impresso na capital do paiz se publicava. Naquelle anno mais duas typographias se estabeleceram, a de Moreira e Garcez e a *Nova Officina Typographica*. Em 1822 fundaram-se mais quatro ou cinco: *Imprensa do Diario*, onde se imprimiu o *Diario do Rio*, a *Officina* de Silva Porto & Comp., de um Manoel Joaquim da Silva Porto, livreiro e poeta, de quem ha uma traducção da *Phedra* de Racine, a *Typographia* de Santos e Sousa ou officina dos *Annaes Fluminenses*, de Victorino José dos Santos e Sousa, escriptor, a *Typographia* de Torres & Costa e, talvez, mais outra, de um Meirelles.

Em 1821, a 1 de Junho, começou a saír ainda da Impressão Regia, denominada então Real Typographia, o segundo jornal e o primeiro diario que teve o Rio de Janeiro, *O Diario do Rio de Janeiro*,

fundado e redigido por Zepherino Victo de Meirelles. Custava a assignatura 640 rs. por mez, e o numero 40 rs. Alcunhava-o o povo de *Diario da Manteiga* ou *Diario do Vintem*, talvez por trazer muitos annuncios de mercadorias. De Março de 22 em deante entrou a ser impresso em typographia propria, já referida. O *Diario* viveu, por vezes com brilhantes phases, até 1878. Nelle ensaiaram ou exercitaram a sua penna e talentos jornalisticos escriptores da maior nomeada no Brasil: Saldanha Marinho, Ferreira Vianna, José de Alencar, Quintino Bocayuva, Henrique Muzio, Machado de Assis, Guimarães Junior, Manoel de Almeida e Ferreira Vianna.

Com a aproximação da independencia que, no Rio ao menos, todos sentiam apressada pela revolução liberal de Portugal, percebendo todos que a recolonização alli irracionalmente intentada era impossivel, e com a abolição da censura, que permittia dar largas áquelles sentimentos, surdira no Rio de Janeiro um crescido numero de folhas politicas, ephemerias, vivendo algumas apenas um numero, todas votadas, na defesa e no ataque, aos negocios publicos, á discussão das questões que aqui se levantavam entre as aspirações nacionaes e as pretensões portuguezas. Entre esses periodicos, apparecidos em 1821 e 1822, contam-se *A Verdade Constitucional*, o *Espelho*, o *Brasil*, o *Constitucional*, o *Correio do Rio de Janeiro*, o *Macaco Brasileiro*, o *Malagueta*, o *Malagueta extraordinario*, o *Papagaio Volantim*. Outros publicaram-se depois da independencia: *Espelho*, *Regulador Brasilico-Luzo*, *Sylpho*, *Semanario Mercantil*, *Tamoyo*, *Diario do Commercio*, *Diario da Assembléa Geral e Constitucional do Brasil*, *Brasileiro Resoluto*, *Estrella Brasileira*, *Caboclo*, *Despertador Constitucional*.

Dous jornaes, o *Reverbero Constitucional Fluminense* e o *Tamoyo*, tiveram no periodo immediatamente antecedente e consequente á Independencia, e nos acontecimentos della, notavel papel e efficaz acção. Redigiam o primeiro, que se publicou em 1821-1822, o conego Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo, e o segundo, de 12 de Agosto a 11 de Novembro de 1823, o proprio José Bonifacio de Andrada e Silva.

Na enumeração dos mais notaveis jornaes brasileiros, sobretudo daquelles que exerceram influencia no espirito publico do paiz, seria imperdoavel exquecer o *Correio Brasiliense*, não obstante não ser aqui impresso. O *Correio Brasiliense* ou *Armazem Literario* saía á luz em Londres, em fasciculos mensaes de numero incerto de paginas, á moda dos *magazines* inglezes. Durou 15 annos, de 1808 a 1822, deixando de si 28 raros e preciosos volumes in-8°. Fundou-o e redigiu-o em toda a sua existencia Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, brasileiro

da Colonia do Sacramento, formado em direito e philosophia em Coimbra. Processado pela Inquisição de Lisboa conseguiu evadir-se, estabelecendo-se na metropole ingleza, onde fundou o seu jornal, que, sem embargo de seu sub-titulo, era mais politico que litterario. O liberalismo do *Correio*, o adeantado das suas opiniões fizeram com que o governo portuguez lhe prohibisse a entrada e leitura em Portugal. Era recommenda-lo ao Brasil, cuja independencia advogava com calor. E aqui foi lido, estimado, admirado e muito influente. Hippolyto da Costa no *Correio Brasiliense* foi o precursor da propaganda da abolição da escravidão no Brasil feita pela imprensa.

Em 1826 um francez, Emilio Seignot Plancher, estabelecido com uma typographia á rua do Ouvidor, publicou o *Spectador Brasileiro*. Dezesepte mezes depois, em 1 de Outubro de 1827, passava o *Spectador Brasileiro* a denominar-se *Jornal do Commercio*, ainda hoje existente, como o primeiro e mais consideravel dos jornaes brasileiros, e o segundo decano do nosso jornalismo, pois sómente como *Jornal do Commercio* conta 73 annos, ou 74 contando-se-lhe o tempo em que se denominava ainda *Spectador*. No mesmo anno da publicação do *Jornal do Commercio* existiam no Rio cinco typographias e 11 jornaes, dos quaes merecem especial menção pela parte que tomaram nos acontecimentos do tempo o *Ma'aguetta*, a *Astréa* e sobre todos a *Aurora Fluminense*.

A *Aurora* saíu primeiro da typographia do *Diario do Rio de Janeiro*, em Dezembro de 1827. No anno seguinte, Evaristo Ferreira da Veiga, patriota entusiasta, livreiro, espirito feito na leitura dos publicistas liberaes da Europa, tomou a direcção e a redacção não só principal mas exclusiva da folha, fazendo della o jornal de mais influencia e auctoridade que talvez jamais houvesse no Brasil. Póde-se dizer sem exaggero que foi consideravel a parte de Evaristo da Veiga e do seu jornal nos acontecimentos politicos da epocha, principalmente nos de 7 de Abril, e do primeiro periodo regencial (1828-1835).

Nesse periodo, de verdadeira excitação dos sentimentos nacionaes e civicos, de despeitos do elemento portuguez ou ainda adheso a Portugal e ao primeiro imperador, e de receios dos elementos nativistas e nacionalistas, as discussões da imprensa eram ardentes, excessivas, descompostas.

Os proprios jornaes governistas se não mostravam mais comedidos e reportados, como nota Armitage, e o mesmo Evaristo da Veiga, que unico talvez entre os jornalistas da epocha jamais se desmandou, censurava severamente na *Aurora* o modo por que os seus confrades abusavam da liberdade da imprensa.

Não cessou no Rio de Janeiro o apparecimento de jornaes e periodicos nesses tempos de agitação e de intensa vida politica de uma nacionalidade que se constitue. A maior parte delles durava pouco, e os seus titulos denunciam a epocha e os seus sentimentos: *Honra do Brasil*, *Voz Fluminense*, *Amigo do povo*, *Tribuna do povo*, *Campesão brasileiro*, *Republico*, *Verdadeiro patriota*, *Brasileiro imparcial*, *Espelho da justiça*, *Sete de abril*, *Brasileiro offendido*, *Americano*, *Brasileiro vigilante*, *Clarim da liberdade*, *Independente*, *Filho da terra*, *Regenerador do Brasil*, *Busso'a da liberdade*, *Voz da liberdade*, *Patriota brasileiro*, *Constitucional*, *O Grito da patria contra os anarchistas*, *Sentinella da liberdade*, *Sete de setembro*, *Liberdade legal*, e muitissimos outros que appareciam e desapareciam sem deixarem notavel signal. Abundavam tambem os criticos, satyricos, galhofeiros: todos porém inspirados nas luctas politicas de momento. Os seus titulos diziam tambem os sentimentos do seus escriptores e da epocha: *Jurujuba dos farropilhas*, *Dous compadres liberaes*, *Medico dos malucos*, *O Simplicio*, *Cegarrega*, *Mutuca*, *Brasileiro pardo*, *Limão de cheiro*, *Arca de Noé*, *Meia Cara*, *Idade de pão*, *Cidadão soldado*, *Andradista*, *Adoptivo*, *Par de tétas*, *Tupinambá pregoeiro*, e crescido numero de outros. Esta febre de jornalismo politico, que todo elle o era, durou até os annos de 1840, quando normalizada a situação do paiz, organizados os dous grandes partidos constitucionaes, não havia logar para a copiosa, embora ephemera, manifestação de opiniões, idéas, animosidades particulares, por não haver mais quem por ellas tanto se interessasse. O *Jornal do Commercio* e o *Correio Mercantil* (1848), primeiro *Pharol*, (1843,) depois *Mercantil* (1844), e o *Diario do Rio de Janeiro*, foram por esse tempo os principaes orgãos do jornalismo fluminense, e como taes chegaram até os nossos dias o primeiro, até 1868 o segundo, até 1878 o terceiro. O *Correio Mercantil* teve nas suas differentes phases como redactores J. F. A. B. Muniz Barreto, J. M. da Silva Paranhos (visconde do Rio Branco mais tarde), o conego Marinho, Torres Homem (depois visconde de Inhomirim) Octaviano, José Maria do Amaral, Manoel de Almeida, Pinheiro Guimarães, Cesar Muzio e Tavares Bastos. De 1840 a 1852 publicou-se *O Brasil*, redigido por Justiniano José da Rocha, um dos bons jornalistas brasileiros. *O Brasil* teve tambem muita importancia no seu tempo, não muito menor, talvez, que a da *Aurora Fluminense* no seu.

Em 1 de Outubro de 1862 foi creado o *Diario Official do Imperio do Brazil*, que com o estabelecimento da Republica passou a denominar-se *Diario Official* da Republica dos Estados-Unidos do Brasil.

No anno de 1860 o Rio de Janeiro possuia já mais de 30 typographias, e quatro grandes jornaes diarios, os trez citados e a *Actualidade*, jornal politico de idéas liberaes adeantadas e redigido por Lafayette Rodrigues Pereira, Flavio Farnese, Pedro Luiz Pereira de Sousa e Bernardo Guimarães. Depois de 1870 tomou a imprensa um grande incremento na capital do Imperio. Apparecem alguns grandes jornaes que procuram transformar os velhos moldes do jornalismo, quasi até então feito exclusivamente á franceza, doutrinario, politico e litterario, segundo o modelo do jornal de informação, inglez e americano. Tal o *Globo* (1874-1878), o *Cruzeiro* (1878-1881), que não vingaram.

Em 1875 a *Gazeta de Noticias*, fundada pelo dr. Ferreira de Araujo, que ainda a dirige hoje, e outros, inaugurou no Brasil o jornal barato, popular, livre de compromissos partidarios ou semelhantes, e tambem o jornal facil de fazer, sem systema na distribuição das materias, á portugueza. Escriptores dos mais estimados, e realmente distinctos, do tempo, dando a sua collaboração á *Gazeta* a tornaram querida em todo o paiz, onde a sua grande liberdade de apreciações e conceitos, a sua veia espirituosa, a sua variedade e leveza a fizeram popular.

Dos jornaes creados naquelle tempo é o unico que existe. Além desses jornaes neutros e independentes, appareceram pela mesma epocha alguns politicos, dos quaes os mais importantes foram: a *Reforma*, orgão do partido liberal, a qual vindo de 1869, desapareceu em 1879; a *Nação*, orgão do partido conservador, que durou de 1872 a 1876, e a *Republica*, orgão republicano de 1870 a 1874. No Brasil, ao menos no Rio de Janeiro, nunca tiveram grande importancia ou puderam durar os jornaes dos partidos politicos, que por via de regra, mal acceitos do grande publico, viviam acanhadamente dos favores e auxilios dos proprios correligionarios. O facto aliás não é peculiar ao Brasil. Em toda a parte os grandes jornaes não são os dos partidos. Representam apenas, quando são politicos, um homem ou um grupo de homens politicos, jamais todo um partido. Só o facto de um jornal pertencer a um partido, lhe diminue o conceito publico, prevenido naturalmente da sua suspeição.

A' imitação da *Gazeta de Noticias*, fundaram-se varios jornaes de pequenas noticias, venda avulsa, baratos. Nenhum, porém, teve o exito della. Nos ultimos tempos do Imperio, dous jornaes dos moldes da *Gazeta*, a *Gazeta da Tarde* (1880-1881), redigida pelo dr. Ferreira de Menezes, e o *Diario de Noticias* (1885), então sob a direcção do dr. Ruy Barbosa, tiveram uma grande influencia, o primeiro no movimento popular para a abolição da escravidão, o

segundo no preparo do paiz para o advento da Republica, pela sua acção na decomposição da disciplina do exercito e seus ataques ao derradeiro ministerio da monarchia e aos seus intuitos denunciados como contrarios aos interesses e á vontade popular. Desde Evaristo da Veiga com a sua *Aurora*, se não vira no Brazil ter um jornalista tamanha influencia. O dr. Ruy Barbosa foi, pela sua campanha no *Diario de Noticias*, um dos principaes fautores da Republica.

Nesses ultimos 20 annos do passado regimen, houve, entre outros somenos, mais os seguintes jornaes no Rio: *Gazeta da Tarde* (1880) e *Diario de Noticias* (1885), já mencionados, *Novidades* (1887), *Diario do Commercio* (1888), *Tribuna Liberal* (1885), *Correio do Povo* (1889) e a *Nação*. Com o advento da Republica, como com o advento da Independencia, embora em menor escala, multiplicaram-se os jornaes, que pouco viveram aliás, não restando hoje nenhum dos nessa epocha apparecidos. Tambem não encontraram a liberdade que tiveram os jornaes da independencia, nem o espirito publico era o mesmo. Não havia absolutamente nelle por esta segunda evolução politica do Brazil o mesmo interesse que havia pela primeira. Entre esses jornaes merecem ser mencionados: a *Tribuna* e o *Brasil*, ambos de 1890, e ambos destruidos á força, a *Democracia* (1890), a *União Federal* (1891), o *Tempo* (1891), o *Diario do Brazil* e o *Jornal do Brasil* (1891), o *Figaro* (1892), o *Debate* (1897), a *Republica* (1897), o *Rio de Janeiro*, a *Liberdade*, tambem á força destruida, e muitos outros que não deixaram memoria de si. Delle vive apenas o *Jornal do Brasil*.

A imprensa litteraria no Brasil appareceu no Rio de Janeiro com o *Patriota*, em 1813. Affirmada por Mello Moraes, é duvidosa a existencia de um jornal litterario, *Jornal das Variedades*, publicado na Bahia um anno antes. Não se conhece delle nenhum exemplar, nem se encontra delle outra referencia que naquelle pouco fidedigno noticiador. O *Patriota* teve por fundador o coronel Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, um dos homens mais laboriosos em letras dos primordios da Independencia. Denominava-se *Jornal litterario, politico e mercantil*, mas de facto a sua principal feição era litteraria. Durou dous annos, deixando 3 vols. in-8° pequeno e in-8° grande, com estampas, hoje rarissimos, nos quaes se acham artigos de historia, geographia, sciencias, todos relativos ao Brasil, ainda agora dignos de leitura. Publicava-se a principio mensalmente, e depois de dous em dous mezes. Collaboraram nelle sujeitos notaveis da epocha, alguns cujos nomes em pouco se tornariam historicos ou celebres: visconde da Pedra Branca, marquez de

Maricá, P. F. Xavier de Brito, A. de Saldanha da Gama, F. de B. Garção Stokler, José Bonifácio, M. I. da Silva Alvarenga, Silvestre Pinheiro Ferreira, J. S. da Costa Pereira, Camillo Martins Lage, José Bernardes de Castro e outros.

As publicações desta ordem, embora relativamente numerosas, foram aqui sempre ephemerias, e por via de regra, desvaliosas. Num paiz de escassa cultura e geral analphabetismo não podia ser de outro modo.

Nenhuma, pôde-se dizer, vingou, e apenas vivem aquellas que algum auxilio official directo ou indirecto protege: essas mesmas sem regularidade e sem grande brilho. Nem uma revista, ou magazine geral, se pode manter, não encontrando nem escriptores que os escrevessem, nem publico que os lesse com assiduidade e gosto. Tal genero de publicações não saiu ainda entre nós do periodo de ensaios e tentativas, nem a leitura dellas entrou ainda nos habitos da população, por herança, por falta de instrucção e pouca curiosidade della, escassamente amiga da leitura. Desde muitos annos, sobretudo desde o estabelecimento dos cursos superiores (1828), tem sido relativamente avultado o numero de taes publicações, principalmente escholares. Mas, além desses ensaios de moços, contam-se numerosas publicações dessas, do genero mais diverso, litterarias, scientificas, artisticas, agricolas, economicas, technicas, profissionaes e religiosas, todas de curto viver, ephemerias, sem successo. Entre essas convem, entretanto, lembrar algumas, pela influencia que possam ter tido, pelo nome e valor dos homens que as redigiram, mesmo pelo relativo merito dos trabalhos nellas publicados e até por haverem durado mais do que as outras: o *Auxiliador da Industria Nacional*, publicado desde 1833 até 1898 pela Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e endereçado aos fazendeiros, fabricantes, artistas e classes industriosas do paiz, forma 60 volumes in-8° e in-4° gr. ; os *Annaes Brasilienses de Medecina*, jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro. Começando em 1835, com o nome de *Revista medica fluminense*, durou até 1831, deixando 40 vols. in-8° e in-4°, redigidos pelos medicos de mais nomeada dos tempos que atravessou.

Antes publicara-se em 1830 o *Beija-Flor*, annaes brasileiros de sciencia, politica, litteratura, etc., que recordamos pela exquisitez do titulo para tão altos fins. *Nytheroy*, revista brasiliense, de sciencias, lettras e artes, publicada em Paris em 1836, por Gonçalves de Magalhães, Torres Homem, Porto Alegre e o francez Eugenio de Monglave, não devia entrar, como o *Correio Brasiliense* de Hippolyto, nesta resenha, por não ser aqui impressa. Mas

escripta por brasileiros, de cousas brasileiras e para o Brasil, de facto era aqui, e talvez sómente aqui, que tinha publicidade. Foi grande a sua influencia na criação da litteratura romantica nacional.

Em 1839 começou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado no anno anterior, a publicar a sua *Revista*, que é sem duvida, não só a mais antiga, porém a mais consideravel e conhecida publicação periodica do Brasil. Sae trimestralmente, e os seus 61 volumes são o mais copioso repositorio existente de noticias e informações para a historia, geographia e ethnographia do Brasil. De 1839 a 1845 uma « sociedade de litteratos brasileiros » (Pedro de Alcantara Bellegarde, João Manoel Pereira da Silva e Josino do Nascimento Silva) publicou a *Revista Nacional e Estrangeira*, « escolha de artigos nacionaes e traduzidos ». Existem della cinco volumes in-8º: A *Minerva Brasiliense*, jornal de sciencias, lettras e artes, publicado por uma associação de litteratos (Gonçalves Magalhães, Salles Torres Homem, F. Bernardino Ribeiro, Pinheiro Guimarães, Silva Maia, conego Januario Barbosa, Joaquim Caetano, Norberto Silva e outros) é uma das revistas mais notaveis que possuímos. Durou de 1843 a 1845, deixando quatro vols. Uma associação de litteratos, entre os quaes se achariam os mesmos da *Minerva*, publicou tambem de 1849 a 1856 a *Guanabara*, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria, que deixou trez volumes. Esta revista transformou-se em 1857 na *Revista Brasileira* que, sob a direcção de Candido Baptista de Oliveira, cientista de real merito, politico e estadista dos mais intelligentes e laboriosos que tem tido o Brasil, durou até 1861, restando della quatro volumes in-4º, com estampas scientificas. Em 1856 o dr. Francisco de Paula Menezes publicara com o titulo de *Revista Brasileira* um « jornal de litteratura, theatros e industria », que apenas durou aquelle anno. Saíu em 1859 e durou até 1862, deixando 16 volumes in-4º com estampas ruins feitas aqui e alguns magnificos retratos gravados em Paris, a *Revista Popular*, « noticiosa, scientifica, industrial, historica, etc., publicada pelo editor B. L. Garnier, duas vezes por mez. O mesmo editor publicou de 1863-1878 o *Jornal das Famílias*, do qual ficaram 16 volumes in-8º gr. de litteratura amena e recreativa, modas e economia domestica. E' tambem do anno de 1863 a *Bibliotheca Brasileira*, revista mensal, por uma associação de homens de lettras. Dirigia-a o sr. Quintino Bocayuva, depois um dos grandes nomes da politica e do jornalismo brasileiro, e nella deixaram artigos ainda benemeritos de leitura Sousa Franco, Miguel Antonio da Silva, José de Alencar, Felicio dos Santos e outros. Era excellentemente impressa e bem feita. Com

aquelle titulo, durou apenas um anno, ou antes tres mezes, que o seu primeiro tomo é constituido com os numeros de Julho, Agosto e Setembro de 1863, formando um volume in-4º de 386 paginas. Associações profissionaes ou technicas, como o Instituto da Ordem dos Advogados brasileiros, o Instituto Polytechnico Brasileiro, a já mencionada Imperial Academia de Medicina, e outras de menor importancia publicavam cada uma a sua revista, mais ou menos regularmente e mais ou menos benemerita de apreço.

A do Instituto dos Advogados durou nove annos, de 1862 a 1870 e deixou oito volumes; a do Instituto Polytechnico 12, 1867-1879, deixando 14 volumes.

Tambem institutos officiaes, como a Bibliotheca Nacional, o Museu Nacional, e alguma das faculdades superiores deram a lume jornaes dos seus trabalhos ou de estudos e documentos a elles concernentes. Dessas publicações, que algumas, as das faculdades superiores especialmente, não vingaram, convem destacar os *Annaes da Bibliotheca Nacional* e os *Archivos do Museu Nacional*, que, embora publicados irregularmente, ainda existem, e constituem, cada um no seu genero, um magnifico repositorio de contribuições para o estudo do Brasil e das suas cousas. Os *Annaes* começaram a sair sob a direcção do bibliothecario a quem se deve a restauração da nossa grande Bibliotheca, o dr. Ramiz Galvão, em 1876, e contam hoje 20 volumes; os *Archivos do Museu* tambem começaram a sair no mesmo anno e formam nove volumes. Em 1874 publicou-se a segunda *Revista Brasileira*, ou terceira si houvermos de considerar a do dr. Paula Menezes, de 1856, jornal de litteratura, theatros e industria, que apenas publicou poucos numeros. Editou-a N. Midosi; saía quinzenalmente e deixou 10 volumes in-8º. Depois de longo intervallo, apenas occupado por publicações ligeiras ou ephemeras sem nenhum character de revista, saiu em 1895 a lume a terceira *Revista Brasileira*, editada primeiro pela casa Laemmert & Comp., depois por uma sociedade. Procurou no formato e na disposição, como nos seus intuitos geraes, reatar a tradição das que com o mesmo titulo e sob a direcção de Candido Baptista e de N. Midosi a precederam. Quinzenal nos primeiros dous annos, passou depois a mensal, e ao findar este anno de 1899, o seu quinto anno de existencia, terá 20 volumes. Vingará finalmente esta terceira tentativa para dotar o nosso paiz de uma revista que, de longe siquer, imite congeneres publicações estrangeiras e seja o orgão, defeituoso embora, da nossa vida intellectual?

Não se deve esquecer entre as publicações periodicas brasileiras o *Annuario do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro*, que

acaba de publicar o seu 16º volume. O *Brasil Medico*, jornal hebdomadario de medicina, acaba tambem de entrar no seu 14º anno, e o *Direito*, jornal mensal de jurisprudencia no seu 26º, com 80 volumes.

Teve tambem o Rio de Janeiro jornaes illustrados, caricatos, satyricos uns, outros litterarios, de noticias e informações uteis. Entre os primeiros convem lembrar a *Semana Illustrada* (1860-1876), a *Vida Fluminense* (1869-1875), o *Mosquito* (1869-1877) e o *Mequetrefe* (1875-1881), sobretudo de caricatura politica, critica e satyra dos costumes; entre os segundos a *Illustração Brasileira* de 1854-1855 e depois, com o mesmo titulo, de 1876-1878, a *Illustração Americana* (1870), a *Illustração Anglo-brasileira* (1870). O *Novo Mundo*, não obstante publicado em Nova-York merece ser citado, pelos mesmos motivos que o *Correio Brasiliense* e o *Nitheroy*, e sobretudo como a mais interessante das illustrações brasileiras. Foi seu fundador e editor o dr. José Carlos Rodrigues, actual director e redactor chefe do *Jornal do Commercio*. Saíu de 1870 a 1879, e deixou nove volumes in-fol.

Poderemos incluir aqui o *Almanak administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro* dos Laemmerts e a *Folhinha* dos mesmos editores? São, pelo menos, as publicações de seu genero mais antigas e regulares do paiz. As *Folhinhas* de Laemmert datam de 1844, e teem publicado 56 volumes, e o *Almanak* do mesmo anno tem tambem o mesmo numero de volumes. A *Folhinha* é o livro de maior tiragem no Brasil, com mil exemplares.

II

A IMPRENSA NAS PROVINCIAS

Inaugurada a provincia do Amazonas a 1 de Janeiro de 1852, nesse mesmo anno foi alli introduzida a imprensa, sendo a primeira typographia a estabelecida por Manoel da Silva Ramos na Barra do Rio Negro, hoje Manáos, capital da provincia. Do seu prelo — não seria mais que um — saíu em 1854 a *Estrella do Amazonas*, primeiro jornal amazonense, que durou até 1862. Seguiram-se-lhe o *Catechista* (1863), o *Amazonas* (1866), que durou por mais de 15 annos. No interior da provincia tiveram typographias e jornaes Manicoré em 1864, Itacoatiara, ex-Serpa, em 1872; Labrea em 1886, Humaytá em 1891, Coary em 1895 e Barcellos em 1897.

Manáos, com uma população que mal chegará a 30.000 habitantes, tem hoje seis jornaes diarios, quatro da manhã, o *Ama-*

sonas, o decano dos jornaes da Amazonia, com 34 annos de existencia, o *Commercio do Amazonas*, a *Federação*, e o *Amazonas Commercial* e dous da tarde, o *Manãos* e o *Diario de Noticias*.

E' de 1821 a introducção da imprensa no Pará, e deve-se ao famoso patriota paraense, o dr. Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, a Simões da Cunha e a José Baptista, como elle partidarios entusiastas e ardentes do que se chamava a causa constitucional, e dos principaes promotores da adhesão do Pará á constituição e ás cortes portuguezas. Estando em Lisboa os dous primeiros em missão do governo do Pará e o ultimo em commissão do proprio interesse, alli compraram e enviaram para o Pará uma typographia, para cujo manejo contractaram na capital portugueza um typographo experimentado, Daniel Garção de Mello. Foi este quem montou a officina e iniciou no Pará a arte typographica. Para ajuda-lo, entraram para ella pelo mesmo tempo o francez Luiz José Lazier, foragido ou exilado politico, e o hispanhol João Antonio Alvarez, republicano exaltado, ambos tambem conhecedores da arte typographica.

Desta typographia saü, redigido por Patroni, em 1822 o *Paraense*, o primeiro jornal que teve o Pará. Era semanal, virulento na linguagem, exaltado na prégacao das idéas liberaes e constitucionaes do tempo. Perseguido e preso Patroni pela juncta do governo, que elle atacava desabridamente, o substituiu na redacção da folha o conego João Baptista Gonçalves Campos, não menos famoso que elle na historia do periodo da independencia no Pará. Solto ao depois, voltou Patroni ao seu jornal, que se manteve até 1823, quando, perseguidos elle e os seus amigos pelo contra motim que entregou a provincia á facção portugueza, teve de abandona-lo.

E' curioso noticiar que antes desta typographia de Patroni houvera já no Pará uma tentativa de arte typographica. Pouco antes do estabelecimento daquella officina, tinha João Francisco Madureira Pará apresentado á Juncta provisoria do governo um requerimento impresso em um prelo por elle mesmo fabricado, «abrindo os ponções, moldando os caracteres alphabeticos, fundindo os typos e dirigindo os trabalhos só pelo estudo de algumas estampas estrangeiras». Nesse requerimento pedia auxilio do governo para a sua empreza de montar uma typographia. Não lh'o deu o governo, mas obteve-o de um particular e de uma subscripção publica.. Nada mais consta desta primeira tentativa de imprensa no Pará.

A nova Juncta que se apoderou do governo do Pará pelo motim de 3 de Março de 1823, e que era manifestamente reaccionaria

contra o geral sentimento da independencia do Brasil, preconizando a adhesão do Pará a Portugal sob o regimen constitucional, apoderou-se da typographia do *Paraense*, abandonada pelos seus proprietarios por ella perseguidos, e della fez sair um novo jornal o *Luso-Paraense*, o segundo da provincia, sob a redacção de José Ribeiro Guimarães e do francez Lazier. Este jornal, orgão da Juncta, advogava a união do Brasil a Portugal. Com a proclamação da independencia no Pará (15 de Agosto de 1823) desappareceu este jornal. Em 1823, da typographia de Silva Porto & Comp. saiu a *Estrella Brasileira* e em 1827 a *Voz das Amasonas*, impresso na Imprensa Imperial e Nacional, e cuja vida foi certamente ephemera. Da typographia de Alvarez, naturalmente o mesmo hespanhol que trabalhou na de Patroni, e depois em propria, ou naquella mesma trocado o nome, saiu em 1829 o *Sagitario*, que durou mais de um anno, pois se conhecem os seus numeros de 1 a 76, de 8 de Outubro de 1829 a 29 de Dezembro de 1830. Em 1829 foi ainda publicado o *Telegrapho Paraense*, impresso na Typographia Nacional e Imperial, que seria a mesma onde se imprimiu a *Voz das Amasonas*.

Nada sabemos, sinão os nomes, de dous outros jornaes que se seguiram immediatamente a estes: o *Orpheu* (1832-1833), a *Opinião* (1831-1832), o *Publicador Amazonense* (1832-1833?), o *Echo Paraense* (1832-1833?), o *Soldado Liberal* (1832?) e o *Correio do Amasonas* (1833?). Dous padres de má fama,— os padres tomam grande parte nestas agitações da independencia e na lueta jornalística por ellas geradas em todo o paiz —, Pereira da Serra e Costa Caviera publicaram tambem em 1832, o primeiro a *Luz da Verdade*, o outro o *Amigo da Ordem*, que, segundo um contemporaneo, pertenciam áquella especie de jornalismo apasquinado que tanto floresceu, sem aliás vingar, pelo Brasil todo, onde havia imprensa naquella epocha. O povo conhecia o jornal do padre Serra por *Gazeta da Seringa*. É' tambem deste tempo o *Despertador*, cujo programma era o restabelecimento da ordem na agitada provincia e o apoio do governo estabelecido, contra a facção accusada de desordeira do conego Baptista Campos. Deste famigerado padre era o *Publicador Amazonense*.

Não sabemos de outro jornal paraense antes de 1839. Saíu então da typographia de Santos & Filhos, o *Treze de Maio*, cuja existencia se dilatou por 17 annos, até 1856. O seu titulo commemorava a restauração do Pará, em 13 de Maio de 1836, á ordem e legalidade, profundamente perturbadas com a revolta da Cabanagem, pela victoria do general Andréa sobre os rebeldes. De 1842 a 1844 publicou-se o *Paraense*, o segundo jornal deste

titulo na provincia. Saiu da Typographia Imperial de J. H. da Silva. Nenhum destes jornaes era diario, e todos, salvo o *Treze de Maio*, tiveram vida curta. O primeiro jornal diario que teve o Pará foi o *Diario do Grão Pará*, publicado em 1851, e que foi durante certo periodo o mais consideravel jornal da Amazonia e um dos mais consideraveis do norte do Brasil. Fundou-o e redigiu-o por muitos annos Carlos Frederico Rhossard. Em 1859 appareceu outro jornal de formato grande e diario, o *Jornal do Amazonas*, que se publicou, parece, até 1868. E' dos annos de 1870, porém, que data o desenvolvimento da imprensa paraense. Nesse decennio melhora e alarga a sua circulação o *Diario do Grão-Pará*, e apparecem o *Futuro*, orgão de ideias republicanas (1872), ainda semanal; o *Jornal do Pará*, orgão official (1872), e quatro grandes jornaes, diarios, o *Liberal do Pará*, orgão do partido liberal, a *Constituição*, orgão do partido conservador, o *Diario de Belem*, orgão conservador dissidente, *A Provincia do Pará*, jornal liberal separado do partido, todos em 1876. Destes só existe hoje a *Provincia do Pará*, com 24 annos de existencia, relativamente de grande circulação na região amazonica. E' talvez o mais consideravel jornal do norte pela sua organização, installação e contexto, e, certamente, um dos grandes jornaes do Brasil.

Publicam-se actualmente na capital do Pará, além da *Provincia do Pará*, a *Republica*, a *Folha do Norte* e o *Diario Official*.

No jornalismo brasileiro teve o Maranhão um dos mais conspicios logares, como o teve tambem na arte typographica, que alli alcançou, com Bellarmino de Mattos, cognominado o *Didot Brasileiro*, e com Corrêa de Frias, mas com aquelle especialmente, um grau de perfeição ainda hoje não excedido no Brasil.

Nenhuma imprensa, a não ser talvez a do Rio de Janeiro, que recolhe todas as capacidades do paiz, conta, em tão crescido numero, nomes tão legitimamente notaveis, publicistas de raro vigor, cultura, excellencia de linguagem e de estylo, dotes de jornalistas doutrinarios e polemistas, como a do Maranhão desde a sua fundação em 1821 até os annos de 1860. São Manoel Odo-rico Mendes, o erudito traductor de Homero e de Virgilio; Sotero dos Reis, o grammatico, o historiador da litteratura nacional, o purista; Candido de Moraes e Silva, o ardente e illuminado patriota, cujo nome o povo trocava no do seu jornal, chamando-lhe o *Pharol*; João Francisco Lisboa, o escriptor vernaculo e terso, o humorista do *Jornal de Timon*, o historiador intelligente e elegante dos primordios maranhenses; Franco de Sá, o poeta; Manoel Jansen Pereira, « grande discutidor e polemista » fertil em recursos; Antonio Henriques Leal, o erudito

que devia registrar em livros preciosos para a nossa historia politica e litteraria essa epocha gloriosa da sua terra; Gentil Braga, o Flavio Reimar do folhetim e da poesia; Joaquim Serra, o poeta, o humorista, o folhetinista de raro espirito e espontanea graça; Fernando Vilhena, o emerito jurisconsulto e primoroso escriptor; Vieira da Silva, o historiador da independencia do Maranhão, homem de estado, senador; Frederico Colin; Gonçalves Dias, o grande lyrico nacional; Fabio Reis, Theophilo de Carvalho, Pedro Leal, Antonio Rego, todos bons espiritos, cada um com as suas qualidades proprias; Candido Mendes de Almeida, o erudito historiador, jurisconsulto e geographo; Frederico José Correa, o critico litterario e escriptor puro; o classico dr. Jauffret, traductor primoroso de Camões em francez; Marques Rodrigues, o propagandista da instrucção; Themistocles Aranha o «jornalista habil, de phrase calma, substanciosa e cortez, o animador generoso dos talentos novos»; Heraclito Graça, conhecedor tão seguro do direito, da legislação como da lingua, de phrase perfeita e crystallina; Belfort Duarte; Gomes de Castro; Sousa Andrade, o mysterioso poeta do *Guesa errante*; Almeida Oliveira, o precursor das idéas republicanas no Maranhão, e outros, não sem merito, mas cuja reputação não logrou exceder á sua terra natal.

A primeira typographia que teve o Maranhão foi a que alli fez installar o governo em 1821 para a publicação dos seus papeis e actos officiaes, a qual, após a independencia, teve a denominação de *Typographia Nacional Imperial*. Até 1830 foi essa a unica officina typographica da provincia, e della saiu em 1822 o primeiro jornal do Maranhão, o *Conciliador*, que desde 18 de Abril de 1821 se publicava manuscripto. Durou até 1823.

Neste anno appareceram o *Amigo do Homem*, redigido pelo advogado portuguez João Crispim Alves de Lima, talvez o primeiro emancipador ou abolicionista que teve a imprensa brasileira e a *Gazeta Extraordinaria do Governo* da provincia do Maranhão. Seguiram-se-lhe o *Argos da Lei* redigido por Odorico Mendes, a *Minerva*, o *Maranhense* de Sotero dos Reis, o *Censor*, o *Porajucé* e o *Bandeira* em 1825. Dous annos se passaram sem novo jornal, quando José Candido de Moraes e Silva publicou em Janeiro de 1828 o seu *Farol Maranhense*, que devia ter pelo ardente patriotismo do seu redactor, pela coragem e convicção com que sustentava, as suas idéas e pelo tom de tribuno com que as expunha e defendia tão grande influencia na provincia e ainda, embora menor, fóra della. Nesse anno saiu tambem a *Palmatoria*, cujo só titulo basta a indicar-lhe o character. Perseguido por motivos politicos, José Candido

teve de homisiar-se, e o *Farol* desapareceu em 1831. Successivamente saíram a *Estrella do Norte* (1829), *Bussola*, o *Semanario Official* substituido pelo *Publicador Official*, o *Constitucional* de Sotero dos Reis e Odorico Mendes, (1830) o *Brasileiro* de João Lisboa, o *Escudo da Verdade* (1832). Nesse mesmo anno, cessando com o *Brasileiro* substitue João Lisboa pelo *Farol Maranhense* que saiu com a numeração continuada do jornal de José Candido, cujo continuador declaradamente se fazia. Pouco durou o novo *Farol*, pois já em 1834 fundava João Lisboa outro jornal o *Echo do Norte*. Desse anno ao de 1847 appareccram uns 20 jornaes, que todos tiveram vida ephemera. Em 1847 publicou-se o *Progresso*, primeiro jornal diario da provincia, de formato grande, bom papel, typographia propria, politico liberal, noticioso e litterario. Com alternativas, viveu até 1862. Como nas demais provincias, por via de regra cada partido tinha o seu jornal, e a discussão politica e partidaria, que geralmente degenerava em diatribe e personalidades, era a principal função e occupação delles. No Maranhão houve um crescido numero de pequenos jornaes, da especie do celebre *Bemtevi*, verdadeiros pasquins, de extrema virulencia de linguagem, que foram desapiedadamente verberados por João Lisboa no seu *Jornal de Timon*. Dentre os jornaes maranhenses foi um dos mais interessantes e notaveis o *Paiz*, de propriedade e redacção de Themistocles Aranha, jornalista de raça, intelligencia e character. Começando a publicar-se trez vezes por semana em 1863, passou a diario em 1878 e, melhorando sempre, consolidou-se de modo que em certa epocha só talvez o *Diario de Pernambuco* o excedesse em circulação no Norte do paiz.

Pouco se sabe da imprensa do Piauhy. Provincia secundaria, dependente do Maranhão, atrazada, não teria tido a sua imprensa importancia, mesmo local, consideravel. A typographia alli entrou em 1835, sendo a primeira officina typographica a de Silveira & Ca., em Oeiras. Dellas saiu nesse mesmo anno o *Correio da Assemblêa Legislativa da Provincia do Piauhy*, o primeiro jornal que teve a provincia. Depois destes, surgiram, para desaparecerem após curta existencia, o *Telegrapho* (1839-1840), o *Governista* (1847-1848), o *Escholastico* (1849-1850), a *Voz da Verdade* (1849). Em 1874 publicou-se alli um jornal republicano, o *Oitenta e Nove*.

Todas estas folhas são da capital, Oeiras, não sabendo nós si alguma existiu ou existe em outras cidades. Só depois de 1890 teve o Piauhy jornal diario.

Com a revolução que, como repercussão da de Pernambuco de 1817, proclamou no Ceará o regimem republicano, entrou e estabeleceu-se definitivamente nesta provincia a imprensa.

Parece, entretanto, que já em 1823, houvera imprensa, sinão jornal na provincia.

Ao governo revolucionario do Ceará mandou o chefe do de Pernambuco Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente da Confederação de Equador, o material typographico com o qual foi publicado em 1 de Abril de 1824 o *Diario do Governo do Ceará*, primeiro jornal que teve a provincia. Era seu redactor o padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mossoró e director da officina e da parte material da folha Francisco José de Salles, ambos ao depois fuzilados pela restauração da legalidade.

Ao *Diario do Governo*, que acabou com o governo cujo orgão era, seguiram-se o *Diario do Conselho Geral da Provincia do Ceará* (Dezembro de 1829); a *Gazeta Cearense* (1829); o *Semanario Constitucional* (1830); o *Cearense Jacarina* (1831); *Sentinella Cearense na Ponta de Mucuripe* (1838); *O Correio da Assembléa Providencial* (1839). Estas e outras folhas que se publicaram até 1840, diz um escriptor cearense, « serviam de valvula ás terriveis animosidades da época e se tornavam notaveis pelo desbragamento da sua injuriosa linguagem ». E, observa o mesmo escriptor, esse vicio de origem da imprensa cearense se propagou hereditariamente até os nossos dias e, pelos modos, ella não promette tão cedo depôr as armas da invectiva ferina, da aggressão pessoal insolentemente adjectivada ». Não é isso, aliás, privilegio da imprensa cearense, sinão vicio commum de toda a imprensa provincial, não escapando a elle mesmo a da capital.

Depois daquella data, e com a fundação do *D. Pedro II*, (1840), orgão conservador, tomou a imprensa cearense melhor aspecto e mais compostura. O *D. Pedro II* durou até o advento da republica, pouco depois do qual dessappareceu, já com o nome de *Brasil* em que mudou o seu com o novo regimen. Foi, talvez, o jornal que mais tem vivido no Ceará e um dos que mais viveram no Norte.

O interior teve tambem bastantes jornaes, todos aliás ephemericos. Parece ser este o desenvolvimento da imprensa nelle: Aracaty (1831), Crato (1855), Sobral (1867), Baturité (1868), Maranguape (1874).

Publicavam-se no Ceará em 1899 os seguintes jornaes, na Fortaleza: *A Republica*, diario, o *Estado*, trez vezes por semana; a *Verdade*, hebdomadario: o *Charuto*, humoristico, semanal (?); em Baturité, o *Oitenta e Nove*, semanal; em Aracaty, o *Jaguaribe*, semanal; em Sobral, a *Ordem*, semanal.

Publicam-se actualmente na capital do Ceará trez jornaes, a *Republica*, o *Estado*, dos quaes o primeiro diariamente e o segundo

trez vezes por semana. Saem mais, hebdomadariamente, a *Verdade* orgão catholico e o *Charuto*, jornaleco satyrico. No resto do Estado publicam-se trez jornaes, nenhum delles diario.

Poucas noticias temos tambem da imprensa do Rio Grande do Norte. Não devia ella ser mais importante que a do Piauhy e de outros pequenos Estados. Foi alli introduzida a typographia pelo allemão Carlos Eduardo Müller, que em 1832 estabeleceu no Natal a Typographia Natalense, donde, no mesmo anno, saiu o primeiro jornal que teve a provincia, o *Natalense*. Tem havido typographias e jornaes em Assú (1867), Mossoró (1876), Ceará-Mirim (1887), Seridó (1889), S. José de Mipibú (1891).

Começou a imprensa na Parahyba com o jornal *Gazeta do Governo da Parahyba do Norte*, publicado em 1826. Foi impresso na *Typographia Nacional da Parahyba*, ao que parece, para esse fim especialmente creada, e administrada pelo inglez Walter S. Boardman, que foi o introductor e mestre da arte typographica nessa provincia. Era semanal.

Depois della, vêm a *Gazeta Parahybana* (1828), o *Petiguaré* (1829), o *Republico* (1832), o *Raio da Verdade* (1833), e mais uns 12 até 1849, quando appareceu a *Ordem*, que durou até 1862.

Só depois deste anno passou a imprensa a outras localidades da provincia: Mamanguape (1863), Areia (1877), Campina Grande (1889), Bananeiras (1892), Alagoa do Monteiro (1898.)

De 1826 a 1898 teve a Parahyba 142 jornaes, contando mesmo os numeros unicos, dos quaes 118 na capital.

Cabe a Pernambuco a prioridade, sinão do estabelecimento, da introdução da imprensa no Brasil. Em 1706, ou pouco antes, segundo historiadores pernambucanos, existiu uma typographia no Recife «que começou por imprimir letras e breves orações devotas.» Mas uma ordem regia de 8 de Julho daquelle anno ordenou ao governador da capitania que mandasse sequestrar as lettras impressas e notificar aos seus donos e aos officiaes da typographia, «que não imprimissem, nem consentissem que se imprimissem livros nem papeis alguns avulsos,» o que fez desaparecer a typographia, da qual ha apenas esta vaga e apagada memoria.

A imprensa, entretanto, não veiu a se estabelecer em Pernambuco sinão em 1817. Desde o anno antecedente, tinha Ricardo Fernandes Catanho obtido licença regia para poder estabelecer a que mandara vir da Inglaterra, mas não o poudo fazer logo, por falta de quem alli soubesse a arte typographica. Como rebentasse triumphante a revolução de 1817, a necessidade de publicar e divulgar actos e proclamações do governo revolucionario determinaria o immediato funcionamento daquelle officina,

da qual dois frades, um inglez e um marujo francez, segundo uma tradição talvez não bem verificada, se fizeram compositores e impressores. Como quer que seja, alguns dias depois do rompimento da revolução, a 28 de Março, entrou a funcionar a typographia, cujo primeiro trabalho traz o titulo de: *Preciso dos successos que tiveram lugar em Pernambuco, desde a faustissima e gloriosissima revolução operada felismente na praça do Recife, aos seis do corrente mez de março em que o generoso esforço dos nossos bravos patriotas exterminou daquella parte do Brasil o monstro infernal da tyrannia real.* Na Officina Typographica da Republica de Pernambuco segunda vez restaurada.— 1817, in-fol. 1 folha de impressão. O seu auctor foi José Luiz de Mendonça. Este documento, do qual possue o Archivo Publico um exemplar, é extremamente raro. Extincta a ephemera republica pernambucana de 1817, mandou o governo central fosse enviado para o Rio de Janeiro o material typographico da officina fundada por Catanho e dirigida pelo inglez James Prinches, o iniciador da arte typographica em Pernambuco. Essa imprensa tinha a denominação já dicta ou tambem, como se vê de outros documentos nella impressos, a de *Officina Typographica da 2ª Restauração* de Pernambuco. Os legalistas victoriosos chamavam-lhe typographia dos rebeldes. Nem toda ella foi remettida áquelle destino. A maior parte dos typos ficou, e com elles e com um prelo de madeira construido no Arsenal de Guerra ou Trem, montou-se em Pernambuco, por determinação do proprio governador, Luiz do Rego, a segunda typographia que teve a provincia, *Officina do Trem de Pernambuco*, conforme se chamou, pois foi installada no mesmo Arsenal. Publicava proclamações, avisos e outros papeis avulsos, quasi exclusivamente officiaes, até que, em 21 de Março de 1821, della saü o primeiro jornal pernambucano, a *Aurora Pernambucana*, pode-se dizer, editado pelo mesmo governador, que mediante elle pretenderia dirigir ao seu sabor a opinião, e redigida por um moço portuguez de grande talento, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que devia depois representar conspicuo e digno papel no estabelecimento do regimen moderno em sua patria. Publicava-se semanalmente sem dia certo e durou apenas seis mezes. Victoriosa em Pernambuco a revolução liberal e expulso Luiz do Rego, passou aquella typographia a denominar-se *Officina do Trem Nacional de Pernambuco*, e nella se imprmiram os dous jornaes, o *Segarrega*, que saü em Dezembro de 1821 e que durou irregularmente por quasi dous annos, e o *Relator Verdadeiro*, apparecido no mesmo mez e anno, e era o orgão semi-official da Juncta Governativa. Foram redactores, do primeiro, Felipe Mena Callado da Fonseca, portuguez, adepto

da causa liberal brasileira, que já tomara parte na revolução de 1817, e do segundo o padre Ferreira Barreto, que depois veio a ter na provincia grande reputação de orador sagrado. Era tambem poeta e polemista politico. Não foi maior que a do *Segarrega*, a duração do *Relator*, que desapareceu em Maio de 1822.

Por esse tempo novas typographias se fundaram, e a officina do Trem, transformada em *Typographia Nacional* desde o principio de 1822, foi melhorada e augmentada com a aquisição na Europa de novo material. Nella ou em outras particulares foram impressos os seguintes jornaes do inicio da vida jornalística pernambucana: *Gazeta Extraordinaria do Governo*, *Gazeta do Governo Temporario*, *Gazeta do Governo Provisorio*, *Diario da Junta do Governo*, *Diario do Governo de Pernambuco*, *Diario do Governo*, *Registo Official do Governo de Pernambuco*, todos de 1822 a 1824, todos, desde o segundo, transformação uns dos outros, todos orgãos dos diversos governos que alli se succederam naquella epocha revolucionaria e todos de duração tão ephemera quanto elles; e mais *O Conciliador nacional* (1822-1825), *O Maribondo* (1822), *Gazeta Pernambucana* (1822-1824), *Sentinella da Liberdade na Guarita de Pernambuco*, do celebre agitador bahiano Cypriano Barata (1823-1825), *Escudo da Liberdade do Brazil* (1823), *O Typus Pernambucano*, do famoso padre revolucionario fr. Caneca, (1823-1824), *O Liberal* (1823-1824), *O Argos Pernambucano* (1824), *Desengano aos Brasileiros* (1824) do portuguez João Soares Lisboa, de quem diz o historiador da imprensa pernambucana, sr. Alfredo de Carvalho que «dentre os homens que mais esforçada e sinceramente pugnaram pela nossa emancipação politica, levando a sua dedicação até ao sacrificio», poucos o egualaram.

Restaurada a auctoridade do nascente imperio em Pernambuco em 1824, saiu da Typographia Nacional em fins desse anno o *Diario do Governo de Pernambuco*.

Além dos já citados, foram os principaes jornalistas da imprensa pernambucana neste seu primeiro periodo os padres Venancio de Rezende, Marinho Falcão Padilha, fr. Miguel do Sacramento Lopes Gama, José da Natividade Saldanha, o poeta, que, como revolucionario, morreu foragido, miseravelmente, na Colombia, João Mendes Vianna, padre Francisco Agostinho Gomes, padre João Baptista da Fonseca.

Em 1825, 7 de Novembro, começou a publicar-se o *Diario de Pernambuco*, o primeiro jornal diario que teve Pernambuco e todo o paiz, depois do *Diario do Rio de Janeiro* (1821). Com varia fortuna chegou o *Diario de Pernambuco* até hoje, que conta

75 annos de existencia e é, portanto, o decano do jornalismo brasileiro, pois o *Jornal do Commercio*, com este titulo, é de 1827, e mesmo como *Spectador*, do qual se transformou, é de 1826, conforme já vimos. O *Diario de Pernambuco* foi durante muitos annos o jornal mais espalhado e mais reputado em todo o Norte do paiz. Parece hoje decaído da sua antiga importancia, e a sua circulação fóra do Estado certamente diminuiu muito.

Do Recife passou a imprensa á então villa de Goyanna, em 1824, e depois a Olinda, a velha capital da capitania e da provincia, em 1831. Da typographia de Olinda, de Pinheiro, Faria, & Comp. existem alguns livros impressos, com bastante nitidez e correcção, como *Lições de direito publico constitucional* de Ramon Salles traduzidas por D. G. L. de Andrade, *Elementos de Economia politica* de Stuart Mill, traducção do dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, de Alvaro Teixeira de Macedo e de Sergio Teixeira de Macedo, o *Elogio da loucura* de Erasmo, traducção do mesmo dr. Pedro Autran, uma traducção do *Micromegas* de Voltaire, da *Caverna da Morte*, romance inglez, um *Compendio de Grammatica portugueza*, o *Codigo do Processo Criminal*, todos saídos á luz de 1831 a 1833. Foram estes os primeiros livros impressos em Pernambuco.

Depois do Recife, foram Olinda (1831), Nazareth (1843), Tamandaré (1859), Escada (1863), as primeiras povoações pernambucanas que tiveram jornaes. Em Pernambuco, mais que na Bahia, em Minas ou em S. Paulo, por exemplo, o jornalismo concentrou-se na capital, sendo ainda hoje poucas as cidades que tenham jornal. Desde 1821 tem tido, entretanto, o Estado 1.266 jornaes de todo o genero, inclusive as publicações de occasião e numero unico, a maior parte delles, porém, de pouca vida e nenhuma importancia. O Recife entra naquelle numero com 1.165, o que confirma o que dissemos acima. Actualmente tem esta cidade os seguintes diarios: *Diario de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *A Provincia*.

Publicou-se o primeiro jornal alagoano em Agosto de 1831. Chamava-se *Iris Alagoense* e saiu da typographia mandada vir de Pernambuco pela Associação Patriótica de Maceió. Foi seu primeiro redactor, director e até compositor, um francez, Mr. Adolpho Emile de Bois Garin, a quem a sociedade patriótica, naturalmente por falta de pessoa mais idonea, confiára a propaganda das suas idéas. Saía duas vezes por semana, e com o nome de *Iris*, apenas durou seis mezes. Mudando aquella associação de nome para federalista, *Federalista Alagoense* entrou tambem a chamar-se o *Iris*.

Alagoas, Pilar, Pão de Assucar e outros logares do interior da provincia tiveram tambem jornaes, depois de Maceió.

Sergipe teve imprensa e o seu primeiro jornal, o *Noticiador Sergipense*, em 1835. Publicou-se elle em S. Christovão ou Sergipe d'El-Rey. Viveu até 1836. Tiveram depois typographia e jornal Laranjeiras (1844), Estancia (1852), Aracajú (1857), Simão Dias (1879), Lagarto (1883), Propriá (1884), Maroim (1886), Rosario (1893) e Capella (1897). O *Correio Sergipense* «folha official, politica e litteraria», publicada na capital, parece o jornal que mais tem durado em Sergipe, pois viveu de 1837 a 1863.

Depois do Rio de Janeiro, foi a cidade de S. Salvador da Bahia a primeira que teve typographia e jornal. Diz-se que foi o proprio governador e capitão general, D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, espirito culto e liberal, quem animou o seu estabelecimento, acoroçoando um negociante Manoel Antonio da Silva Serva, a montar uma officina typographica. Ainda então só com licença especial do rei podiam ellas funcionar, e essa permissão teve Serva em carta régia de Janeiro de 1811. Neste mesmo anno entrou a funcionar a officina e della saíram algumas publicações rarissimas hoje. Do seu primeiro anno de exercicio conhecem-se apenas dous trabalhos: *Plano para o estabelecimento de uma bibliotheca publica na cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos*, in-fol de 2 pp; e a reimpressão in-4º, de VII-55 pp. da 1ª parte da obra de José da Silva Lisboa (visconde de Cayrú), *Observações sobre a franqueza da industria e estabelecimento de fabricas no Brasil*, que fora publicada completa em duas partes, in-8º gr. em 1810, na Impressão Regia do Rio de Janeiro.

Da mesma typographia saiu em 7 de Janeiro de 1812 o primeiro jornal que teve a Bahia, e o segundo do paiz, *Idade de Ouro do Brasil*, que durou até Junho de 1823. Era uma especie de orgão official, diz o sr. Alfredo de Carvalho, preenchendo exclusivamente as suas columnas com os actos officiaes do governo, noticias dos acontecimentos mais notaveis do paiz e do estrangeiro, annuncios particulares e avisos; nos ultimos trez annos, porém, tomou parte activa nas luctas politicas da epocha.

A juncta provisoria do governo da Bahia que, após o motim de Fevereiro de 1821, assumiu o governo da provincia, permittiu a liberdade de imprensa, embora ainda com a censura previa, conforme ás instrucções da regencia de Lisboa de Setembro de 1820. Aproveitando-se desta liberdade, um negociante portuguez e procurador da Camara, Joaquim José da Silva Maia, começou a publicação do *Semanario Civico*. Ambos estes jornaes de portuguezes e adstrictos ao governo que os protegia, eram orgãos dos sentimentos e vontades da facção européa. A lucta politica alli, como em todo o paiz, se generalizava entre os Portuguezes, que queriam continuasse

o Brasil sob o dominio de Portugal, e os Brasileiros que aspiravam já a independencia ou, pelo menos, repelliam a irracional intenção das Côrtes portuguezas de restringir as liberdades e prerogativas que com a vinda da Côte portugueza para cá e o estabelecimento do reino do Brasil, haviamos alcançado. A 4 de Agosto de 1821 saía o *Diario Constitucional*, orgão dos sentimentos nacionaes, redigido por Francisco José Corte Real, Francisco Gomes Brandão Montezuma, José Avelino Barbosa e Eusebio Vanerio. Na excitação da lucta da Independencia e da fundação do imperio, em que o nacionalismo inspirou a mudança de nomes ou a sua troca por denominações indigenas ou americanas, Corte Real passou a chamar-se Corte Imperial e Montezuma — Francisco Gê Acayaba de Montezuma. Este foi depois senador do imperio e visconde de Jequitinhonha. Triumphando momentaneamente a causa da reacção portugueza, teve o *Diario Constitucional* de suspender, deante do terror, a publicação logo em Dezembro, para reaparecer em Fevereiro de 1822, após a abolição da censura, mudando pouco depois o nome para o *Constitucional*. No mesmo periodo appareceram ainda a *Minerva Bahiense*, o *Regulador Brasilico Luso*, ainda em 1822, a *Abelha*, o *Analysta*, o *Baluarte*, a *Sentinella Bahiense*, já em 1822. Com a independencia e a effervescencia politica que se lhe seguiu, multiplicaram-se os jornaes na cidade da Bahia, onde de 1823 a 1831 não foram menos de 43, quasi todos de nomes significativos — *O Echo da Patria*, *A Funda de David*, *A Massa de Hercules*, *O Escudo da Constituição Brasileira*, *Echo da Liberdade*, o *Brasileiro*, o *Soldado Constitucional* e quejandos. Além dos nomes já citados, distinguiram-se no jornalismo bahiano nessa epocha e na que proximamente se lhe seguiu: Joaquim José da Silva Maia, o padre João Baptista da Fonseca, Antonio Pereira Rebouças, Ferreira Nobrega, Cypriano José Barata de Almeida, Domingos Guedes Cabral, padre Agostinho Gomes. Até o anno de 1856 teve a cidade da Bahia 196 jornaes de toda a ordem, dos quaes apenas um, creado naquelle anno, ainda existe, e é o decano da imprensa bahiana, o *Diario da Bahia*. Foi fundado pelos drs. Demetrio Cyriaco Tourinho e Manoel Jesuino Ferreira, passando em 1858 á propriedade e redacção do dr. Landolpho Medrado, notavel jornalista. Dez annos depois, foi adquirido pelo partido liberal, cujo orgão foi até o advento da republica. Foram seus redactores alguns dos mais notaveis publicistas e politicos do passado regimen, e ainda deste, como o conselheiro Dantas, seu filho Rodolpho Dantas, Leão Velloso, Ruy Barbosa, Constancio Alves, Bellarmino Barreto, Augusto Guimarães e outros.

No interior da provincia penetrou tarde a imprensa, meio seculo depois de se ter estabelecido na capital, em Alagoinhas em 1864

e já no decennio 1880 em outras localidades, Amargosa, Aratuhye, Areia.

Existem hoje na capital os diarios seguintes: *Diario da Bahia*, com 45 annos, *Diario de Noticias* com 26 annos; *Jornal de Noticias* com 20 annos; *Correio de Noticias*, com oito annos, e *A Bahia* com quatro.

Na provincia do Espirito Sancto, ainda não ha muito tempo mais conhecida do povo por capitania do Espirito Sancto, é a Imprensa de 1834, com o *Estafeta*, folha ephemera, de que se publicou apenas o primeiro numero. De facto, a imprensa só se veio a estabelecer alli mais tarde, em 1848, com o *Correio da Victoria*. Este periodico durou aliás mais do que costumavam durar os jornaes provincianos, pois em 1872 estava no seu anno XXIV.

Não ha memorias da imprensa da provincia do Rio de Janeiro, que se confunde com a da cidade do Rio de Janeiro, ou melhor é obscurecida por ella. A capital dessa provincia, até ha pouco Nyteroi, cidade pequena e insignificante, nullificada pela « Côte », que lhe fica defronte, a 20 minutos de viagem, não passou jámais de um arrabalde da grande cidade. A sua imprensa, intermittente e ephemera, nunca teve importancia, não logrando jámais desenvolver-se ou siquer estabelecer-se. Os orgãos da provincia eram de facto os da cidade do Rio de Janeiro. No *Catalogo da Exposição de Historia* da Bibliotheca Nacional os da provincia entram como os da cidade.

Foi, entretanto, pela capital, Nyteroi, que penetrou na provincia a imprensa, publicando-se alli em 1829 o *Echo da Villa Real da Praia Grande*, depois o *Tempo* (1832-1833) e o *Raio de Jupiter* (1836). Muitos outros os seguiram, mas nenhum poude até hoje durar. A Nyteroi seguem-se Campos (1831), Itaborahy (1838), Macacú (1841), Porto das Caixas (1854), Barra de S. João (1859), Cabo Frio (1863), Angra dos Reis (1865), Petropolis (1865), Rezende (1865), Cantagallo (1871), Macahé (1872), Vassouras (1873), S. João da Barra (1876), Capivary (1876), Sapucaia (1877), Nova Friburgo (1880), Barra-Mansa (1880) e outras mais recentes.

Campos possui um dos decanos da imprensa brasileira, o *Monitor Campista*, que vem de 1840.

Não deixa de ser notavel que S. Paulo, uma das provincias mais consideraveis do Brasil, e que tanta parte teve nos movimentos da Independencia, relativamente, só muito tarde depois da Bahia, do Maranhão, de Pernambuco, do Pará, do Ceará, em 1827, tivesse imprensa e jornal. Foi, com effeito, sómente a 7 de Fevereiro deste anno, que o dr. José da Costa Carvalho, futuro marquez de Monte Alegre, deputado, senador, ministro e

presidente do Conselho, e um dos regentes do imperio, publicou em uma typographia propria o *Farol Paulistano*, primeiro jornal que teve S. Paulo.

Saía o jornal paulista ás quartas e sabbados, não tinha assignantes e vendia-se avulso a 80 réis. Viveu de 1827 a 1832. O primeiro mestre da arte typographica em S. Paulo, e impressor do *Farol*, foi o hispanhol José Maria Roa, e a typographia, ao depois melhorada, onde se imprimia o jornal, denominava-se *Imprensa de Roa C.^a e do Farol Paulistano*.

Na mesma typographia publicaram-se *O Observador Constitucional* (1829-1832), o *Novo Farol Paulistano* (1831), o *Federalista* (1832) e o *Justiceiro* (1834-1835).

O segundo jornal paulista foi o *Observador Constitucional*, do celebre medico e liberal italiano, dr. João Baptista Libero Badaró, assassinado por motivos politicos, pois tomara parte grande nas agitações politicas da epocha, em 1830.

Nesté anno foi creada pelo governo da provincia uma typographia, que se chamou nacional para a publicação dos actos do governo.

O primeiro diario que teve S. Paulo foi o *Correio Paulistano*, apparecido em 1854 e o decano hoje da imprensa paulista.

Da capital passou lentamente a imprensa para as outras cidades e povoações da provincia. Appareceu em Santos em 1848 e só pelos annos de 1860 em outros ponctos. Dos annos de 1870 para cá, desenvolveu-se muito e é hoje, pelo numero de jornaes, ao menos, a imprensa paulista uma das mais consideraveis no Brasil. A da capital, S. Paulo, vem talvez, pela importancia, recursos, tiragem e circulação logo após a do Rio de Janeiro. Teve o Estado de S. Paulo até 1896, em 86 das suas localidades, 1.536 jornaes e outras publicações jornalisticas, cabendo á capital 664 e a Santos 130.

Publicam-se hoje na cidade de S. Paulo o *Correio Paulistano*, o *Estado de S. Paulo*, o *Commercio de S. Paulo*, o *Diario Popular*, a *Platêa* e o *Imperio*.

No Paraná a typographia é de 1852, e o primeiro jornal, saído da primeira officina que alli houve, de Dezembro do anno seguinte. De 1857, data do segundo jornal paranaense, o *Jasmin*, até 1899, teve a capital do Paraná 104 jornaes, quasi todos de pouca vida.

As outras cidades do Estado tiveram, desde 1867, crescido numero de jornaes; assim, Paranaguá, 21; Lapa, 2; Campo Largo 1; Morretes, 4; Antonina, 4; Castro, 5; Guarapuava, Palmeira, Xapencó e Ponta Grossa, 1 cada uma, o que eleva a 145 o numero

de jornaes que em 46 annos tem tido o Paraná, entre os quaes contam-se seis allemães e dous polacos.

Publicam-se actualmente em Curitiba quatro jornaes, todos diarios: a *Republica*, fundado em 1884 ou 1885, a *Gazeta do Povo*, fundado em 1896 ou 1897; *Diario do Paraná*, apparecido em 1898, e a *Tribuna do Paraná*, em 1899.

Começou a typographia em Sancta Catharina em 1831, no Deserto, publicando o *Catharinensz*. Estendeu-se mais tarde a imprensa a Joinville (1863), Laguna (1879), Blumenau (1883), Lages (1883), S. Francisco (1884), Itajahy (1884), Tijucas Grandes (1885), S. Bento (1890), Tubarão (1897), Campo Alegre (1899).

Em 1828 existia já em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, uma typographia, com o nome de *Rio Grandense*. Della saü, no mesmo anno, o *Constitucional Rio Grandense*, que foi, parece, o primeiro jornal na provincia publicado. Da mesma typographia, que teve larga existencia, saíram mais a *Idade de Pau* (1833), o *Echo Porto-Alegrense* (1834), o *Continentista* (1835), o *Avisador* (1835) o *Quebra Auto-Evaristo* (1835).

A estes, porém, precederam o *Amigo do Homem e da Patria* (1829), o *Livres* (1829), o *Sentinella da Liberdade* (1830), o *Continentino* (1831), o *Compilador* (1831-1832), o *Vigilante* (1832?) o *Observador* (1832), o *Annunciante* (1832), o *Recopilador Liberal* (1832), *Idade de Ouro* (1833), a já mencionada *Idade de Pau*, o *Inflexivel*, o *Bellona*, o *Inexoravel*, o *Setz de Abril*, o *Democrata Rio Grandense*, o *Federal*, por alcunha o *Fedorento*, jornaes dos *farropilhas* ou *chimangos* (1833), o *Republicano* (1834), o *Pobre* (1834), o já citado *Echo Porto Alegrense* (1834), primeiro que se publicou trez vezes por semana, o *Correio Official da Provincia de S. Pedro* (1834), o *Mestre Barbeiro* (1835), o *Continentista*, já referido, o *Avisador*, tambem já aponctado, o *Mensageiro* (1835), o *Mercantil do Rio Grande* (1835), o *Liberal Rio Grandense* (1835). Todos estes jornaes, politicos, partidarios, apaixonados nos sentimentos e de regra violentos na linguagem, eram de Porto Alegre, de pequeno formato, e com excepção do *Mercantil*, que viveu cinco annos, duraram pouco. Os seus titulos revêm os sentimentos e as paixões da epocha.

O citado jornal, que teve a provincia, o *Noticiador*, saü na então villa do Rio Grande em 1832. No mesmo logar publicou-se de 1823 a 1834 o *Propagador da Industria Rio Grandense*.

Piratiny foi a terceira localidade da provincia a ter jornal, o *Povo*, orgão, si não official, governamental da Republica Rio Grandense; saü a 1 de Septembro de 1838. O orgão official da-quella republica foi o *Americano*, publicado em Alegrete em 1842,

e no qual se acham as actas das sessões da respectiva Assembléa Constituinte. Succedeu-lhe na mesma localidade e nas mesmas funcções, em 1843, a *Estrella do Sul*.

Da imprensa do Rio Grande, de 1846 para cá, não temos noticias precisas. Sabemos que é um dos Estados em que ella mais se tem desenvolvido, sendo rara a cidade sertaneja ou ribeirinha que não tenha o seu jornal. Sabemos que, além das localidades mencionadas, tiveram imprensa, daquelle anno ao de 1880, as seguintes; Itaqui, Jaguarão, Pelotas, Cruz Alta, S. Gabriel, Caçapava, Bajé, Taquary.

Em Minas-Geraes é a typographia de 1822 e a imprensa jornalística de 1824.

Em Fevereiro ou Março daquelle anno entrou a funcionar em Ouro Preto, ainda então Villa-Rica, a officina typographica que o governo da provincia estabeleceu, mandando vir do Rio de Janeiro o respectivo material. Parte dos typos com que servia foi, entretanto, fundida na mesma provincia. Imprimia documentos e papeis officiaes e tambem particulares.

Pouco depois desta typographia, que se chamava ambiciosamente, como tantas outras provinciaes, nacional, entrou a funcionar uma outra, que aliás a precedeu na intenção, e teve uma historia curiosa. Conta-se que um Manoel Barbosa, portuguez, dotado de raras disposições para as artes mechanicas e congeneres, unido ao padre Viegas de Menezes, brasileiro, que já dera da sua aptidão e ingeniosidade a prova que contaremos adeante, conseguiu fazer um prélo, fundir typos, e fabricar todo o mais material, e apparatus typographicos necessarios. Para poder fazer funcionar a typographia que creára, precisava porém de licença, e, embora esta se não demorasse, a typographia de Barbosa, talvez de todo prompta em fins de 1821, só teria começado a trabalhar em Maio do anno seguinte. O seu creador e proprietario deu-lhe o nome de *Patricia*, por ter toda ella sido erigida com materiaes nacionaes e inteiramente no paiz construida: *Officina Patricia de Barbosa & Ca.* denominava-se.

Antes, porém, em 1807, fizera-se em Minas uma impressão especial pelo processo da chalcographia, por chapas com lettras ou desenhos abertos a buril.

Foi o caso que o dr. Diogo de Vasconcellos, pae do notavel homem de estado, Bernardo Pereira de Vasconcellos, consagrara ao governador da capitania, Athayde e Mello, futuro visconde de Condeixa, um poema ou conto panegyrico, de que este muito gostou, desejando ve-lo impresso.

Para satisfazer-lhe o desejo de governador nos tempos coloniaes, e em todos os tempos, o padre Viegas de Menezes, que

estudara e praticara as artes graphicas na Regia Officina, a que já nos referimos, do Arco do Cégo, em Lisboa, então dirigida pelo brasileiro Frei José Mariano da Conceição Velloso, desenhou e gravou aquelle autographo, illustrando-o dos retratos do governador e da mulher e de outras figuras e ornatos e o imprimiu. E' um folheto in-4° de 9 fl. inn., rarissimo, pois delle se conhecem apenas dous exemplares, um no Archivo Publico mineiro, outro na Bibliotheca Nacional.

Da officina Patricia saiu, em 14 de Janeiro de 1824, o primeiro jornal mineiro a *Abelha do Itaculuny*, que apenas durou anno e meio. Aparecia trez vezes por semana. No mesmo anno publicou-se o *Compilador Mineiro*, que ainda durou annos. A' *Abelha*, impresso na mesma typographia, succedeu, em meados de 1825, o *Universal* que se publicou até 1842, e teve por seus principaes redactores, em periodos diversos e contrarios, a Bernardo de Vasconcellos e a José Pedro Dias Carvalho. Apareceram mais no mesmo anno de 1825 o *Companheiro do Conselho*, o *Diario do Conselho do Governo*, o *Patriota Mineiro*, que não excederam a esse anno. Desde então até 1897 teve a capital mineira 157 jornaes, contando algumas publicações litterarias ou especiaes. Todos tiveram vida ephemera, sendo raros os que duraram mais de trez annos. Parece que o primeiro jornal diario de Ouro Preto foi o *Diario de Minas* (1892). Seguiu-se-lhe no mesmo anno o *Minas Geraes*, orgão official do Estado.

A Ouro Preto seguiram-se com imprensa, em ordem de data, S. João d'Elrei — *O Astro de Minas* (1827), Diamantina, — *Ec'lo do Serro* (1828), Marianna — *Estrella Mariannense* (1830), Serro — *Sentinella do Serro* (1830), Pouso Alegre — *O Prégoeiro Constitucional* (1830), Campanha — *Opinião Campanhense*, (1832), Sabará — *O Athleta Sabarense* (1832), Caeté — *Cidadão Livre* (1832), Barbacena — *O Parahybuna* (1836). De 1840 em deante foi a imprensa extendendo-se por todo o Estado, sendo rara a cidade mineira que não tenha, ou não tenha tido jornal, e a maioria dellas muitos, mas por via de regra ephemeros.

Entretanto o jornal que mais tem vivido em Minas foi um jornal do interior, o *Monitor Sul-Mineiro*, da Campanha, que se publicou de 1872 a 1896. Fundou-o o commendador Bernardo Saturnino da Veiga, e foi seu redactor principal na maior parte da sua existencia o dr. Evaristo Ferreira da Veiga, deputado e senador do Imperio, ambos parentes e comprovincianos do celebre Evaristo da Veiga, da *Aurora Fluminense*.

Até 1898 tinha Minas tido 863 jornaes, publicados em 118 localidades, sendo 84 cidades, trez villas e 31 arraiaes. Dos 123

municípios, em que até então se dividia o Estado, somente 36 não tiveram ainda imprensa. Nesse anno os jornaes e periodicos publicados em Minas eram 120, dos quaes bem poucos diarios. Não haverá variado notavelmente esse numero nos ultimos dous annos.

Distinguiram-se na imprensa mineira quasi todos os seus homens politicos que representaram papel saliente no antigo regimen: Dias de Carvalho, Bernardo de Vasconcellos, Firmino Silva, Ferreira da Veiga, os Ottonis, Ferreira Armonde (conde de Prados) e outros. D. S. Ferreira Penna publicou em Ouro Preto, de 1851 a 52, o primeiro jornal republicano da provincia, o *Apostolo*. Durante o primeiro reinado e os periodos regenciaes, jornaes mineiros, como o *Universal*, o *Novo Argos* (Ouro Preto), a *Sentinella do Serro*, o *Astro de Minas* (S. João d'Elrei), a *Opinião Campanhense*, o *Parahybuna* (Barbacena), exerceram real influencia politica na provincia, fóra de cujos limites se fizeram conhecidos.

Em Goyaz não se iniciou a imprensa, como em todas as outras provincias, na capital, sinão na cidade de Meia-Ponte, em 1830. Da typographia Oliveira saüu alli nesse anno a *Matutina Meiapontense* (sic), que durou até 1834. Só em 1838 appareceu na capital, com o *Correio Official*.

Muito mais tarde publicaram-se jornaes em Porto Nacional (1892), e Allemão (1895).

Parece que a primeira typographia que teve Matto Grosso foi a de que, em 1840, saüu o primeiro jornal da provincia, *Tiemis Mattogrossense*. Corumbá (1877), S. Luiz de Caceres (1887), Nioac (1894), e Miranda (1897) teem tido jornaes. Não se publica no estado nenhum diario.

Não possuiam as provincias, nem possuem ainda agora os Estados, condições para terem imprensa litteraria ou especial de qualquer ordem; nem uma maioria que soubesse ler, ou siquer uma minoria que prezasse a leitura, nem um numero bastante de sujeitos capazes de fornecer-lhe collaboração. Não impediu nada disso que se não multiplicassem em todos elles as tentativas de antemão falhas de jornaes, revistas e periodicos litterarios, scientificos, agricolas, technicos e outros, dos quaes era quasi desnecessario dizer, nenhum vingou, e pouquissimos excederam a um anno. Muitissimos apenas publicaram poucos numeros e alguns somente um.

Nas cidades academicas, S. Paulo, Bahia, Pernambuco, taes jornaes, publicados pelos estudantes, foram em crescidissimo numero, mas todos de curtissima vida, e, fóra do meio que os produzia, de mofino interesse. Não precisamos mencionar os nomes:

de uma imprensa que não passou até hoje de uma tentativa malograda. Basta-nos verificar a sua existencia, que, embora precaria e ingloria, revela, entretanto, num povo que não é demais chamar inculto, nobres ambições intellectuaes. Pernambuco, Bahia, São Paulo, Ouro Preto tiveram jornaes medicos, juridicos, industriaes de pouca duração, além dos propriamente litterarios. O Maranhão, onde, pelos annos de 1850, meia duzia de litteratos verdadeiramente notaveis, mantiveram num acanhado meio provinciano, um foco de vida intellectual, teve a *Chronica* de João Lisboa (1838-1841), a *Revista* de Sotero dos Reis (1840-1850), aliás antes politicos que litterarios, o *Jornal de Instrução e Recreio*, de Vieira da Silva, Henrique Leal, Frederico Colin, Reis Raiol e outros (1845); e *Revista da Sociedade Philomatica*, de um grupo de homens de letras (1846); *Archivo Litterario*, substituto do *Jornal de Instrução e Recreio* (1846); *Revista Universal Maranhense* (1849-1850); o *Artista* (1859), a *Marmotinha* (1860); o *Semanario Maranhense*, de Joaquim Serra, e collaborado por Celso de Magalhães, Almeida Braga (Flavio Reimar), Sotero dos Reis, Cesar Marques, Henriques Leal, Sousa Andrade (1867-1868). Teve o Pará, além de outras publicações especiaes, a *Estrella do Norte*, religiosa e litteraria, que durou alguns annos, a *Revista Amazonica*, (1883-1884), onde se encontram artigos de Ferreira Penna, Barbosa Rodrigues, Tito Franco de Almeida, e de escriptores locaes. Recentemente fez novas tentativas sem exito com a *Revista de Instrução e Ensino*, a *Revista da Sociedade de Estudos Paraenses* e outras somenos. Actualmente a unica publicação especial paraense digna de menção é o *Boletim* do Museu Paraense de historia natural e ethnographia, que, começando em 1894, entrou já no seu terceiro volume e vai formando copiosa e notavel collecção de estudos sobre a região amazonica, nas especialidades daquelle Museu.

Tem tido o Ceará um numero assaz avultado de publicações especiaes, mas sobretudo litterarias. Não valeram mais, nem tiveram melhor successo que as suas congeneres das dos outros Estados. Contá, porém, hoje o Ceará duas publicações de relativo merito, a *Revista do Instituto do Ceará*, que tem já 14 annos de existencia, e a *Revista da Academia Cearense*, que tem cinco. Saem, é certo, irregularmente, mas vivem e contem artigos interessantes sobre cousas do Ceará.

Minas Geraes em 1832-1833 publicou, fundada e dirigida pelo conego Marinho, ao depois conhecido como prestigioso chefe politico, deputado, educacionista, o *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução*; o *Atheneu Popular* (1843), o *Recreador Mineiro*

(1845-1848), que deixou sete vols. in.4º, com estampas lithographadas, abertas mesmo na provincia; e muitas outras, entre as quaes algumas juridicas, agricolas e industriaes. A Eschola de Minas de Ouro Preto publicou de 1881 a 1885 os seus *Annaes*, que formam uma valiosa collecção de estudos especiaes. A Eschola Livre de Direito publica mais ou menos regularmente, desde 1894, uma *Revista*. Tambem o Archivo Publico Mineiro publica uma *Revista*, que iniciada em 1896, conta já quatro volumes, de utilissima contribuição para a historia e geographia mineira. Tambem pelo interior do Estado tem havido jornaes especiaes, ainda de somenos importancia e mais precaria existencia.

De Pernambuco e de Alagôas merecem ser lembradas como publicações de grande interesse para a historia local e do Brasil, a *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, que, fundada em 1863, está no seu 26º anno e oitavo tomo, e a *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*, iniciada em 1872.

Parece que o primeiro jornal especial que teve a Bahia foi o *Jornal da Sociedade de Agricultura, Commercio e Industria da provincia da Bahia*, de 1832 a 1838. Muitas outras folhas alli se publicaram com a designação de litterarias, commerciaes, etc., mas todas, de facto, sobretudo politicas; especialmente litterarias, além de outras contam-se a *Epocha Litteraria* (1849-1851), por uma sociedade, sob a direcção de Constantino José Pinto de Sousa, o *Atheniense* (1849-1850), pelo dr. Sacramento Blake, a *Revista da Instrucção Publica* (1854-1861). Teem nos ultimos annos apparecido na Bahia varias revistas litterarias e scientificas, sem que nenhuma haja conseguido medrar. O Instituto Geographico e Historico da Bahia publica desde 1893 a sua *Revista Trimensal*, que se está fazendo um util repositorio de noticias e estudos da historia e geographia local.

Nada ha digno de nota na imprensa especial de Piauhy, Rio Grande do Norte, Parahyba, Sergipe, Espirito Sancto ou Rio de Janeiro. O Rio Grande do Norte publica desde trez annos uma pequena *Revista do Rio Grande do Norte*, que teria interesse, si nos informasse das cousas da região, historia, geographia, costumes, folk-lore e que taes.

S. Paulo, séde de uma academia de direito, teve sempre, e como ficou notado, dantes ainda mais que hoje, grande numero de publicações juridico-litterarias. Fora do meio academico, muitas e repetidas tentativas se fizeram de publicações especiaes de todo o genero, sem que nenhuma vingasse. O Instituto Historico e Geographico de S. Paulo publica desde 1896 uma *Revista* que tem saído regularmente, e o Archivo do Estado *Documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo*, que estão já no XXX volume,

e constituem uma prestimosa contribuição para a nossa historia. Tambem a commissão geographica e geologica de S. Paulo publica periodica, mas irregularmente, um *Boletim* dos seus trabalhos. Em S. Paulo são ainda dignos de nota a *Revista* do Museu Paulista, que já conta trez grossos volumes interessantissimos para a historia natural, geographia e ethnographia paulista e de outras regiões do Brasil. Não convem esquecer nas publicações especiaes de S. Paulo o *Boletim* do Instituto Agronomico de Campinas, e a *Revista Agricola* (quarto anno).

Dos Estados restantes, nada que saibamos ha digno de menção nesta especie. O Paraná tem publicado insistentemente, mas sem successo, muitas revistas de litteratura ligeira e amena, versos, charadas, etc.

De alguns annos para cá teem-se multiplicado os almanaks, pelos Estados, e alguns ha que parecem ter a vida assegurada e não são falhos de interesse e ainda menos de merecimento. Essas publicações annuaes trazem por via de regra boas e uteis informações de ordem prática, importando sobretudo á vida local, noticias curiosas da historia, geographia, chronica, estatistica, costumes locaes, trechos de litteratura amena, e outros artigos, além das noções do calendario e do tempo. Entre as publicações dessa ordem são benemeritas de menção o *Anuario do Estado do Rio Grande do Sul* já no 16º anno, o *Almanak litterario e estatistico* no 12º e o *Almanak popular brasileiro*, no septimo, ambos no mesmo Estado, o *Almanak administrativo, estatistico, mercantil, industrial e litterario do Estado do Ceará* no sexto anno, o *Almanak do Paraná* no terceiro, o *Almanak eclecticico de S. Paulo* no segundo, o *Almanak* de Pernambuco tambem no segundo e os do Estado da Parahyba, de Juiz de Fôra (Minas), de Taubaté (S. Paulo) e talvez outros.

Desta resenha se vê que, nada obstante um paiz vastissimo, pouco habitado por uma população na maxima parte analphabeta, escassa, largamente disseminada, separada por largas extensões, sem meios de communicação, que só começou a have-los mais faceis — e ainda hoje são parcos, e, fóra da zona maritima, difficultosos — ha uns 50 annos, a imprensa espalhou-se e deramou-se por todo o Brasil, penetrando o jornal em toda a parte, mesmo em logares sertanejos e reconditos, onde se não suspeitaria encontra-lo.

Que de facto ella não correspondia, nem acaso corresponde ainda, nesses centros ao menos, sinão á necessidade de uma infima minoria, prova o facto da sua instabilidade, do contingente e ephemero da sua vida, si não tambem da sua geral falta de interesse. Salvo nos periodos de excitação do espirito nacional, que realmente

só houve no que precedeu a independencia e no que se lhe seguiu até a maioridade e a fixação da monarchia, a imprensa foi aqui antes a criação artificial dos individuos, que a satisfação de uma necessidade de ordem geral, a que ella correspondesse. A imprensa pôde ser tambem, e talvez seja, um dos preconceitos da civilização moderna. Como quer que seja, é uma força, e não foi inconscientemente que se serviram della os que a fundaram, espalharam, e divulgaram no Brasil. Ella foi um factor relevante na formação politica da nossa nacionalidade, na unificação do pensamento nacional em torno da idéa da independencia, na propagação dos principios, aspirações, desejos que a assentaram. Sómente os titulos dos jornaes dessa epocha, onde quer que os havia, e havia-os já, como vimos, em todo o Brasil, estão revelando o estado do espirito nacional, e a repetição de alguns desses titulos em muitas provincias, manifestando o accordo que mediante ella se fazia em populações tão separadas como eram as brasileiras, espaçadas pela extensa orla maritima ou pelos dilatados sertões interiores. Assim, a *Sentinella da Liberdade* apparece successivamente na *guarita de Pernambuco* (1823-1824) na *guarita do Forte de S. Pedro, na Bahia de Todos os Santos* (1831), na *guarita do quartel-general de Pirajá* (1831-1834), na *guarita da Bahia de Todos os Santos* (1834) outra vez, na *sua primeira guarita de Pernambuco* (1834-1835), na *guarita do Pará* (1834), na *ponta do Mucuripe* (Ceará, 1838), e sem a indicação pittoresca do sitio de vigia em muitos outros ponctos. Tambem os *Constitucionaes*, os *Liberaes*, as *Liberdades* e outras denominações intencionaes e significativas se repetem na imprensa das provincias, que já a tinham e eram quasi todas, no periodo da constituição, da independencia até a maioridade.

Essa imprensa era toda partidaria, e mesmo nos seus desmandos e excessos, que eram grandes, doutrinaria, propagandista, sincera. O jornal neutro, desinteressado, sinão da politica dos partidos e facções, appareceu mais tarde, ou, naquelle tempo apenas começava a existir um, o *Jornal do Commercio*, que conservador, governamental sempre, devia vir a ser o typo principal da imprensa neutra. Aquelle periodo succede, ao menos na capital do paiz, o contrario: a imprensa sem partidos, os partidos sem imprensa, como definiu a nossa um estadista argentino. A definição só está de facto exacta para a cidade do Rio de Janeiro; nas provincias, como agora nos Estados, cada partido, hoje cada facção ou grupo politico, tinha os seus jornaes. Mas alli tambem, desde os annos de 1870 na maior parte dellas entraram a crear-se jornaes neutros, simples orgãos de individuos que, embora na politica, não os punham ao serviço do partido, que por via de regra tinha o seu orgão official.

Em muitas dellas, certos jornaes procuravam imitar o conservatismo, a constante adhesão aos governos quaesquer que fossem, á causa suprema da ordem e da auctoridade, do *Jornal do Commercio* do Rio. Nas provincias, as discussões jornalisticas tomavam em geral uma feição ardente, violenta, desbragada mesmo, apreciando-se de commum o jornalista pela sua capacidade de insolencia e de descompostura. Não se perderam nem lá, nem mesmo aqui, onde aliás o defeito é menor, estes maus habitos.

Pelos annos de 1870, com a creação da *Gazeta de Noticias*, de outras folhas similares que não tiveram a sua fortuna e a dos jornaes da tarde, a imprensa entrou a modificar-se, nasceu o jornal barato, *leve*, popular, mais noticioso que doutrinario, occupando mais o reporter que o redactor, desenvolvendo mais o annuncio. Não são em verdade muito grandes os progressos pela imprensa feitos, nem pôdem ser, attento o analphabetismo de 8/10 da população. Melhorou, entretanto, bastante todo o serviço material da imprensa.

O que mais frisantemente distingue a imprensa brasileira é a secção das publicações particulares pagas, que mantêm todos os jornaes, os *apedidos*, as *publicações a pedido*, como se lhes chama. Ahi qualquer individuo, com sua responsabilidade ou não, pôde publicar artigos sobre qualquer assumpto. São geralmente questões pessoaes que ahi se debatem, e as discussões descambam frequentemente em troca de grosserias e doestos. Os *apedidos* servem tambem como um muro de pasquins, um lugar de mo-finas, em que todos anonymamente podem injuriar, enxovalhar, metter á bulha, denunciar um inimigo, um desaffectedo, a auctoridade, um superior e talvez algum amigo. Com os *apedidos* todos são jornalistas, todos podem publicar o seu parecer, as suas idéas, as suas offensas, as suas queixas, os seus desejos, as suas desaffrontas. O *apedido* participa, portanto, das vantagens e inconvenientes da mesma imprensa.

O *apedido* foi por muito tempo um resguardo á tentação que podiam ter os editores e directores de jornaes de se occuparem na sua parte editorial de interesses puramente particulares, individuaes ou collectivos. Os interessados os discutiam, anonyma ou ostensivamente, nessa *sui generis* secção paga dos nossos jornaes. Mas de alguns annos para cá já se vê os jornaes tomarem na sua parte editorial partido pró ou contra taes interesses, e mais pró do que contra. A maior parte delles, porém, continua a ser discutidos nos *apedidos*, onde em todos os tempos os mesmos governos faziam, mediante amigos anonymos, assalariados ou não, a sua propria defesa, a dos seus actos e planos.

Gozou sempre a imprensa no Brasil, desde a abolição da censura em 1821, de grande liberdade, que frequentemente attingiu á licença. Nos ultimos 20 annos do Imperio, nenhuma seria mais livre no mundo. Com a Republica, essa liberdade diminuiu sensivelmente, tornando-se vulgar, em todo o paiz, a destruição, o incendio, o empastellamento de typographias, os ataques pessoaes, ferimentos, mortes ou tentativas de morte de jornalistas. O facto tem, aliás, explicação no ardor das paixões de um começo de regimen, num periodo revolucionario, de predominio militar, sempre propenso ao abuso da força. Tambem nos primeiros annos do imperio deram-se não só nas provincias, mas na Córte, factos identicos. Em todo o caso é uma retrogradação que devemos lamentar e a que o tempo porá certamente termo.

Depois do que dissemos quasi não ha mister notar a parte da imprensa nos successos mais consideraveis da nossa historia: a nossa emancipação politica, o estabelecimento da monarchia constitucional, a libertação dos escravos, a proclamação da Republica.

Os dous primeiros periodos constituem talvez a edade aurea da nossa imprensa, aquella em que, apezar das aberrações e desvios determinados pela intensidade das paixões politicas do momento, a anima um mais puro, mais sincero, mais ingenuo e mais alto sentimento de patriotismo, de liberdade politica, de amor da independencia. O jornalismo é então para muitos um apostolado. Jornaes como o *Correio Brasiliense*, (1808-1822), o *Amigo do Rei e da Nação*, o *Patriota*, o *Constitucional*, o *Reverbero*, o *Malagueta*, de 1821, 12 outros em 1822, e outros tantos, entre os quaes o *Tamoyo*, o *Brasileiro Resoluto* em 23, e assim numa proporção sempre crescente, e a *Idade de ouro* (1811-1823) da Bahia, o *Semanario Civico* (1821-1823), o *Diario Constitucional* (1827-1839) e outros da mesma provincia, a *Aurora Pernambucana* (1821) o *Typhis Pernambucano* (1823-1824) o *Argos Pernambucano* (1824), o *Paraensz* de Patroni (1822), a *Abelha do Itacolomy* (1824), o *Unizera!* (1825), a *Sentinella do Serro* (1830) e outros de Minas Geraes, o *Faro! Paulistano* (1827), o *Farol Maranhense* (1829), a *Astréa do Rio* (1827), a *Aurora Fluminense* (1827-1839), e outros muitos, *Constitucionaes*, *Liberaes*, *Farões*, *Sentinellas da Liberdade*, *Clarins da Liberdade*, *Brasileiros*, *Patriotas* diversos, repetiam por todo o paiz as vozes dos sentimentos e aspirações nacionaes.

A abolição é tambem, e acaso principalmente, obra dos jornaes e jornalistas, e, salvo raras e indignas excepções, toda a imprensa brasileira foi, com mais ou menos moderação, abolicionista.

Além da imprensa nacional existiram no Brasil, desde os primordios do jornalismo aqui, jornaes estrangeiros, portuguezes,

francezes, inglezes, allemães, e italianos, gozando da mesma liberdade dos nacionaes. Ainda hoje ha relativamente numerosos jornaes allemães em S. Paulo, Paraná, Sancta Catharina, e Rio Grande do Sul. Em S. Paulo ha mais de um jornal italiano diario, e nesses Estados existem jornaes allemães e italianos mesmo nas localidades do interior.

A falta de estatistica não permite dizer o numero de jornaes actualmente publicados no paiz; mas, calculando pelo numero dos jornaes das capitaes, e dos centros mais importantes de população, pôde-se crer que não serão menos talvez de um milheiro. De facto desses jornaes só teem alguma importancia os das capitaes, e desses mesmos algum ou alguns. Os outros são por via de regra de vida ephemera, limitadissima tiragem e curta circulação. Entre os grandes jornaes dos Estados merecem distincção a *Provincia do Pará*, o *Diario de Pernambuco*, o *Diario da Bahia*, o *Estado de S. Paulo*, o *Correio Paulistano* e o *Commercio de S. Paulo*, o *Jornal do Commercio* de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e poucos mais.

A circulação dos jornaes é ainda no Brasil muito escassa e os seis jornaes diarios do Rio de Janeiro não chegam talvez a tirar de facto muito mais de cem mil exemplares.



MEMORIAS ANNEXAS

I

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

SUAS PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES E NEGOCIAÇÕES DIPLOMATICAS
A QUE DEU ORIGEM

MEMORIA

FOR

M. D'OLIVEIRA LIMA

(PREMIADA)



O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

SUAS PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES E NEGOCIAÇÕES DIPLOMATICAS A
QUE DEU ORIGEM.

O Brasil nasceu envolto em complicações diplomaticas. A esta terra privilegiada da natureza pôde ser applicado o conto que se encontra em varios folk-lores e no qual, por despeito de não haver sido convidada para o baptizado da criança, uma fada raivosa propõe-se frustrar todos os mimos que lhe fizeram as boas fadas. Terás grandeza, formosura, opulencia, gloria mesmo — exclamaria ella — mas não terás descanso, porque serás o alvo de constantes ambições territoriaes e o pasto de continuos conflictos militares e politicos. Assim ha acontecido. Antes de surgir como por encanto o *Mundus Novus* de Vespucio, quando os cosmographos ainda de todo o ignoravam, a divisão das terras por descobrir fôra objecto de intrigas diplomaticas na côrte pontificia, e o dominio do hemispherio occidental regulado por um ajuste solenne entre as corôas de Portugal e Hespanha. Quatro seculos depois a mór parte das delimitações de fronteiras do Brasil com os paizes seus vizinhos está por fazer-se, pendentés umas de decisões arbitraes, thema outras de negociações directas.

A primitiva historia de um paiz como o Brasil, campo de colonização para nações civilizadas, é naturalmente uma historia toda geographica, quer dizer, de explorações e demarcações, e com estas prende-se intimamente a acção diplomatica, que as guia e por seu turno dellas recebe impulso. A diplomacia cohonesta, para assim dizer, o *status* produzido pela invasão audaciosa. Si o conhecimento geographico do globo tivesse sido no seculo XV mesmo aquelle a que se chegara no fim do seculo XVI, as duas nações ibericas poderiam, entretanto, haver chegado a uma conclusão diversa, mais simples, mais definida e mais pacifica.

Complicações diplomaticas anteriores ao descobrimento do Brasil.

Portugal iniciara suas empresas marítimas costeando no lado occidental o continente africano e, apoz dobrar o cabo das Tormentas, tomara o rumo do Oriente; a Hespanha, impellida pela crença de Colombo, pretendia alcançar essas terras maravilhosas pelo Occidente, mal sabendo do continente duplo que ficava de permeio. A combinação perfeita, de accordo com o exclusivismo da época, teria sido a que reservasse as duas Americas para a Hespanha em troca da Africa e Asia attribuidas á conquista portugueza. Colombo, porém, morreu na illusão de que realizara suas quatro viagens a porções do continente asiatico, e apenas quando Vespuccio percorreu uma grande extensão da costa brasileira se começou a medir a realidade debaixo da fórma de uma grande terra situada abaixo do Equador, aproximadamente na posição da *Terra Incognita* de Ptolomeo, ou melhor, do *Mundo Opposto* de Pomponio Mela. . . novis illis regionibus quas et classe et impensis et mandato istius serenissimi Portugaliae regis perquisivimus et invenimus. Quasque novum mundum appellare licet ¹.

Bullas papaes em favor de Portugal.

Quando Colombo regressou de sua primeira viagem e parou em Lisboa a 4 de Março de 1493, o rei D. João II, cheio de zelos aventou logo que suas descobertas interferiam com terras que á corôa portugueza haviam sido doadas pela Sancta Sé e que na expressão de varias bullas se extendiam até ás Indias. São estas bullas as duas de Nicoláo V, de 18 de Junho de 1452 e 8 de Janeiro de 1454, a de Sixto IV, de 21 de Junho de 1481, e a de Innocencio VIII, de 12 de Setembro de 1484; e com effeito concediam á ordem de Christo, da qual o infante D. Henrique, o Navegador, foi grão-mestre e o era o infante D. Manuel, quando pelos azares da successão foi chamado ao throno, jurisdicção espirital sobre todas as terras conquistadas ou por conquistar ao sul do cabo Bojador, *usque ad Indos*. Ora, dahi, isto é, das regiões asiaticas julgava precisamente regressar o nauta genovez.

Tituli de Alexandre VI e meridiano proposto.

Tendo comtudo os reis que logo depois foram chamados Catholicos feito a devida homenagem ao pontifice das terras novamente achadas por Colombo, Alexandre VI, no interesse da propagação da fé, lh'as garantiu por meio de *tituli* ou pequenas bullas — a primeira, *Inter Cetera*, de 3 de Maio de 1493 — junctamente com as que elle continuasse a descobrir para oeste e que ainda não estivessem sob a jurisdicção de principes christãos. Passava-se isto antes da reforma e os papas eram reconhecidamente em toda a Europa os dispensadores de territorios desoccupados, seja pelo facto de representarem os vigarios de Jesus Christo

¹ Texto latino de 1504 da carta de Vespuccio a Lorenzo de Medici, escripta em Lisboa em Março ou Abril de 1503 e referente á sua terceira viagem.

a auctoridade divina, seja por virtude do pretense edicto de Constantino, conferindo ao papa Silvestre a soberania sobre todas as ilhas do globo¹. Como, porém, ficariam deste modo em conflicto as concessões da Sancta Sé aos reis de Portugal e aos de Castella, Alexandre VI fez seguir aquella citada bulla *Inter Cætera* e a primeira bulla *Eximie devotionis* que na mesma data (3 de Maio de 1493) a confirmava, de outra em data de 4, estabelecendo a tão fallada linha divisoria pela qual attribuia á corôa de Hespanha as ilhas e continentes a oeste de um meridiano traçado 100 legoas a oeste dos Açores e Cabo Verde, archipelagos que ficam, todavia, em longitudes e latitudes diferentes.

Póde-se ter como certo que esta primeira linha de demarcação foi estabelecida a pedido dos Reis Catholicos, que teriam implorado em Roma não uma divisão especifica do mundo, que o estado das descobertas ainda não permittia, mas uma linha geral obstando por principio a futuros conflictos; pois era tanto mais natural o resentimento do Principe Perfeito quanto, como disse, o acontecimento determinante desse compromisso papal bolia essencialmente — e acreditava-se então mesmo que exclusivamente — com a India, para a qual convergiam os esforços maritimos de Portugal e que bullas anteriores lhe haviam outorgado. Segundo o chronista Ruy de Pina, a primeira intenção de D. João II foi mandar uma frota a reivindicar os seus direitos sobre as terras recém-descobertas pelas caravellas hespanholas; porém, informados de tal resolução, mandaram Fernando e Isabel a Lisboa um enviado a pedir explicações e solicitar o adiamento da execução daquelle projecto, enquanto mostravam a justiça que lhes assistia.

A esta expedição se refere certamente a carta escripta de Barcelona a 5 de Setembro de 1493 pelos Reis Catholicos a Colombo «pedindo-lhe que apressasse quanto antes a sua segunda viagem á America (*a expressão só seria primeiro usada por Waldseemüller em 1507*) sem tocar em Cabo Verde, afastando-se o mais que pudesse das costas de Portugal e de suas ilhas, afim de não ser detido ou embaraçado na sua derrota, por isso mesmo que os Portuguezes projectavam, sob outros pretextos, intervir nos descobrimentos das terras do novo mundo (*esta expressão é igualmente prematura e, como a de America, de responsabilidade do transcriptor*), e que na prática que com alguns delles se encetara se viera no conhecimento que era claro pensarem na possibilidade de haver ilhas e ainda uma terra firme (*havia com effeito vagas suspeitas disso, do que se encontram provas nas antigas geographias*

Primeiras negociações hispano-portuguezas.

¹ Henry Harrisse, *The Diplomatic History of America. Its first chapter. 1452-1493-1494.* London, 1897.

e mappa-mundis); que acreditavam que seriam muito mais proveitosas e muito mais ricas que todas as outras, situadas no meio da distancia que ia da ponta ou cabo da Boa Esperança até a raia que o almirante genovez quizera que viesse na bulla do papa Alexandre VI (*Colombo suppunha o globo muito menor do que é realmente*), e que, a ser assim, necessario era emendal-a ¹.

O rei de Portugal nomeou por esse tempo embaixadores, um delles o proprio Ruy de Pina, para occuparem-se do momentoso negocio que, entretanto, se tornara muito mais delicado, pois Alexandre VI, a acreditarmos na duvidosa bulla de 25 de Setembro de 1493, por Harrisse julgada authentica, apesar de nunca haver sido encontrado o original, quizera emendar a mão na convicção de não ter sido bastante generoso para com a sua patria (elle era natural de Valencia) e, sem respeito pelas passadas bullas ou siquer pela linha fixada na vespera, concedera a Castella as regiões a leste, inclusive a India, alcançadas via oeste. Não posso acreditar muito em tão extraordinaria concessão, que aliás não exerceu influencia historica apreciavel nem modificou a marcha do arranjo diplomatico. O que sabemos de positivo é que a primeira embaixada portugueza nada poude resolver, não sendo mais feliz uma mandada por Hespanha. A 8 de Maio de 1494 nomeava D. João II nova embaixada, á qual se deve a conclusão do celebre tractado de Tordesillas, assignado a 7 de Junho do mesmo anno nesta villa não distante de Valladolid, a cidade onde Colombo viria a expirar depois da sua aventureosa existencia. Estomagado com a sentença pontificia, posto a tratos pela fortuna que, por elle desdenhada, fôra caber a Fernando e Isabel, o Principe Perfeito conservara sangue frio e lucidez bastantes para alcançar uma assignalada victoria, obtendo muito mais do que lhe dispensara a partilha feita pela Sancta Sé.

Razões do triumpho
diplomatico de D.
João II.

Similhante resultado não deve, todavia ser exclusivamente attribuido á superior diplomacia do Principe Perfeito ou dos seus enviados, posto que a D. João II tivesse « cabido a honra de substituir, nas relações portuguezas com o resto da Peninsula, á guerra a diplomacia »; ou mesmo á vontade nos Reis Catholicos de pouparem-se a um conflicto com o respeitavel vizinho. Muitos dos successos diplomaticos não passam de combinações de circumstancias felizes. Nas preciosas notas que deixou para o seu estudo, infelizmente

¹ Memoria sobre o descobrimento do Brasil, por Joaquim Norberto de Souza Silva. *Revista Trimensal*, tomo XV, 1852, pag. 141. A carta referida encontra-se em Navarrete, o qual na sua excellente obra — *Colecion de los Viages y Descubrimientos*, vol. II — publica muitos outros documentos que não deixam a minima duvida sobre os temores reinantes em Castella da realidade da expedição portugueza. O projecto de alteração do meridiano para servir os interesses hespanhoes realça o valor da victoria diplomatica de D. João II em Tordesillas.

apenas esboçado, sobre D. João II e que foram intelligente e carinhosamente coordenadas pelo sr. Barros Gomes¹, deu o illustre historiador portuguez, tão cedo fallecido, o que podemos de certo modo chamar a chave d'essa situação.

O Principe Perfeito e o rei Fernando de Aragão, marido e conselheiro da rainha Isabel de Castella, temiam-se e acatavam-se, e partindo deste reciproco estado d'alma era-lhes mais facil entenderem-se depois de haverem competido. Foi o que veio a acontecer em 1490 com o casamento, preliminar da união iberica, do herdeiro de Portugal com a herdeira da Hespanha e depois, em 1494, em Tordesillas. O imperialismo estava no ar; era convicção quasi geral que havia de receber cumprimento, em favor de Portugal, segundo ambicionavam os reis d'Aviz e almejava o povo, em favor de Castella segundo pretendiam os reis hespanhoes e no desejo mesmo de parte da nobreza portugueza, cevada por D. Affonso V e humilhada por D. João II. A unificação da Peninsula foi o ideal zelosamente perseguido tanto por este grande rei como pelo habilissimo Fernando de Aragão.

Perante a perspectiva da união peninsular e portanto da re-união debaixo do mesmo sceptro das conquistas coloniaes no Oriente e Occidente, deixava de ter a mesma importancia a partilha das regiões desconhecidas. E' verdade que a visão do dominio portuguez «a qual entrevira-se nas brumas luminosas do horizonte», dissipara-se com a morte, no anno de 1491, do principe D. Affonso, mas ia renascer com o enlace de D. Manoel e o nascimento do principe D. Miguel da Paz, e sua realização conservar-se-hia imminente ou pelo menos muito provavel, até consummar-se com a annexação de 1580. O movimento centripeto que arrastára para um nucleo commum Leão, Castella, Aragão, Navarra e a Andaluzia mourisca não podia, acreditava-se, deixar de arrastar Portugal no seu impulso. Si em 1494 as probabilidades pendiam mais para o lado de Castella como factor de tal effeito, mais explicavel se torna ainda a extraordinaria concessão de Tordesillas. O susto da reivindicacão dos direitos da *Excelente Senhora*, viva até o reinado de D. João III, esvahira-se, máo grado sua altiva intransigencia; o Mouro em Granada tivera de abatef seu pavilhão, e o poderio hespanhol ia n'uma constante progressão tendendo a concretizar o symbolo da esphera armillar dada por D. João II como brazão a D. Manuel, o primo e cunhado odiado, a quem a razão de Estado o fizera designar por herdeiro.

¹ Oliveira Martins, *O Principe Perfeito*. Lisboa, 1896.

O Tractado de Tordesillas.

Si quasi todos os instrumentos diplomaticos se prestam a interpretações differentes ou pelo menos a cavillações dos profissionaes, mais do que nenhum estaria em similhante caso esse tractado. Já é poncto discutivel ou susceptivel de sophismas si a anterior Bulla de Demarcação repartia a parte desconhecida do globo terrestre pelas duas corôas ibericas, ou si lhes attribuia espheras, não de influencia como modernamente se inventaram, mas de acção, onde realizar descobrimentos. Depois, a linha divisoria da Egreja não determinava onde pelo Occidente começava o Oriente, previamente concedido a Portugal, e, comquanto a esphericidade da terra fosse convicção corrente, não fôra a mesma linha prolongada até o outro lado do hemispherio sul afim de não reconhecer a existencia dos antipodes, formalmente contestada ¹.

Por seu lado o tractado de Tordesillas, que foi um contracto directo entre as duas corôas e ignorou por completo a Bulla de Demarcação de Alexandre VI, collocou o novo meridiano de repartição 370 leguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, sem precisar qual dellas ², ficando entretanto defeso aos Hespanhoes navegarem para a parte sul da costa d'Africa. A medição da linha em grãos ou leguas devia ser executada *sur place* por pilotos, astrologos e maritimos das duas nações nos dez mezes subsequentes á assignatura do tractado. O plano, porém, gorou, bem como outro para fixa-la theoreticamente na Peninsula antes de ter logar a expedição, permanecendo sem solução este problema e protestando no emtanto contra tamanha extensão da linha divisoria a voz do descobridor da America.

Reconhecimento pelo Papado.

A 24 de Janeiro de 1506 confirmava o papa Julio II por bulla o tractado de Tordesillas. « As cartas apostolicas constituiam n'uma vasta escala, no fim do seculo XV, o que poderemos chamar o direito dominante na Europa, visto serem baseadas em tradições, assim como em preceitos que eram universalmente tidos por justos ou em todo caso considerados taes por todas as nações européas ³. » Não era, comtudo, muito provavel que monarchas que, embora catholicos, no seu fôro intimo se riam das excommunhões e até enristavam com o pontífice, se mostrassem dispostos a respeitar religiosamente suas distribuições de territorios incognitos. A propria seducção do desconhecido inevitavelmente attrahiria a attenção e cobiça dos soberanos desfavorecidos na repartição. Da Inglaterra, onde por volta de 1482, segundo o testemunho de Ruy de Pina,

A Inglaterra e as descobertas. Os Cabots.

¹ HARRISSE, *The Diplomatic History of America*, pag. 76.

² VARNHAGEN, *Historia Geral*, 2ª ed., tomo I, pag. 68.

³ HARRISSE, *The Diplomatic History of America*, pag. 41.

o duque de Medina Sidonia já ensaiara armar uma expedição para ir commerciar na Guiné Portugueza — o que motivou uma reclamação attendida de D. João II a Eduardo IV, partiria o primeiro attentado contra a validade da decisão papal de 1493, n'uma epocha anterior á que viu Henrique VIII levantar o pendão do anglicanismo. São bem conhecidas, após varios tentames, as viagens dos venezianos Cabots ás costas septentrionaes da America do Norte nas alturas do Labrador e Terra Nova, em Maio de 1497 e Abril de 1498 ¹. Pai e filho haviam recebido em 1497 suas cartas patentes quando chegou o protesto diplomatico de Fernando e Isabel, e em fim de Julho desse anno estavam de volta a Bristol da sua primeira viagem.

A' corôa portugueza, que nunca mais se perdoara a si propria haver enjeitado as proposições de Colombo, e que via com crescente ciume as descobertas hespanholas, posto que estas não pudessem absolutamente rivalizar com a riqueza da costa do Malabar, pareceu que a brevidade da travessia dos Cabots indicava estarem porventura as terras por elles achadas a leste do meridiano de Tordesillas. Não parece ser outra a explicação das viagens dos infelizes ermãos Côrte Real em 1500, 1501 e 1502 ás mesmas paragens visitadas pelos Cabots ². No vistoso mappa de Cantino, agente do duque de Ferrara, que se preserva na bibliotheca de Modena, apparece a costa percorrida por Gaspar Corte Real, a qual não é outra sinão a da Terra Nova, como *terra del Rey de Portuquall*.

Os ermãos Côrte Real.

Outros mappas, hespanhoes, francezes e italianos, da primeira metade do seculo XVI — o de Pedro Reinel de 1505, o de Johannes Ruysch de 1508, etc. — offerecem as appellidações portuguezas dadas a portos, rios e cabos da costa desde o Labrador até os Estados Unidos de hoje, o que testimunha a frequencia e continuidade, durante algum tempo, das expedições portuguezas á America Septentrional ³. Na Terra Nova particularmente fundaram de facto os Portuguezes uma prospera colonia de pescadores de bacalhau, a cuja pesca affluiram marinheiros bretões, normandos e bascos. « Si a Inglaterra tivesse sido mais apressada no proseguir na senda dos Cabots, haveria ensejo para uma seria disputa, pois Portugal não cessou de reclamar a soberania da Terra Nova, sob pretexto de que ficava a leste do meridiano papal, o que não era então facil desmentir. Esta questão foi, porém, absorvida pelos

Os Portuguezes na America septentrional.

¹ H. HARRISSE, *John Cabot, The Discoverer of North America, and Sebastian his son*. London, 1896.

² H. HARRISSE, *Les Corte Real et leurs voyages au Nouveau Monde*. Paris, 1883.

³ P. GAFFAREL, *La Découverte de l'Amérique*, vol. II, pags. 254 e 255.

acontecimentos de 1580, quando a Hespanha conquistou e annexou Portugal, e não se passou muito tempo sem que a incapacidade daquella potencia para manter seu predomínio no mar abandonasse a riqueza das pescarias da Terra Nova para ser partilhada entre a França e a Inglaterra¹ ».

Divergencias entre os cosmographos.

A fixação do meridiano de Tordesillas era sobremodo difficil, visto discordarem os cosmographos do tempo em todos os pontos: discordavam no tocante ás dimensões da terra, no tocante ao numero de leguas que contém um grão (pois não podendo fazer-se a marcação por leguas, reduziram-se naturalmente as leguas a grãos de longitude), no tocante á extensão da propria legua maritima e até da legua commum, a qual variava de Portugal para a Hespanha. O meridiano foi, portanto, muito diversamente localizado, o que deu origem a um bom numero de problemas de geographia politica.

O meridiano de Tordesillas no Brasil.

Bem podia de resto consolar-se Portugal de qualquer perspectiva de perda da Terra Nova, si de começo assim se lhe antolhava, quando a serie das suas navegações o havia presenteado no mesmo anno de 1500 com os immensos territorios de Sancta Cruz, que no momento do seu descobrimento foram baptizados por ilha de Vera Cruz. Quem prognosticaria de seguro, ao ser assignado o tractado de Tordesillas, que ao sul das Antilhas se extendia um tão vasto continente projectando-se para leste e assim invadindo a esphera de acção da corôa portugueza? Até que ponto estaria, porém, a Terra dos Papagaios, como primeiro a denominaram na Europa, o Brasil, como finalmente se ficou chamando, dentro da concessão das 370 leguas, feita em 1494 pelos reis catholicos? Pinzon, ao desembarcar no cabo de Santa Maria de la Consolacion, tomára posse da terra em nome da Hespanha; mas esta nação veio a reconhecer promptamente e de boa vontade tractar-se de territorio portuguez. A capitulação assignada em Granada aos 5 de Setembro de 1501, pela qual Pinzon obtivera mercê das terras por elle descobertas — desde o referido cabo de Santa Maria de la Consolacion até o Mar Doce — ficou praticamente sem effeito; a intelligencia entre as duas corôas tornou inutil, no dizer de Washington Irving, a precaução de alli estabelecer-se por aquella fórma um posto, para impedir as invasões dos Portuguezes além da sua esphera de acção. Mesmo não sendo muito cordeal a intelligencia — e ella o foi particularmente no momento em que o consorcio de D. Manuel tornou o seu futuro herdeiro, D. Miguel, herdeiro de Castella e Aragão — a extensão

¹ John Fiske, *The Discovery of America*, vol. II, pag. 23.

e diversidade das suas conquistas eram bastantes para aconselhar a Hespanha a manter-se o mais possível dentro dos limites estabelecidos em Tordesillas.

Segundo o parecer do cosmographo catalão Jayme Ferrer, dado em 1495, as 370 leguas deviam ser contadas a partir da ilha mais central do grupo cabo-verdeano, que é a ilha do Fogo, a 15° de latitude norte e 24° 25' de longitude oeste, e pelos seus calculos mathematicos e theorias geodesicas, miudamente explicados no já mencionado trabalho do illustre americanista Henry HARRISSE, a linha de demarcação passaria em sua esphera na longitude de 42° 25' oeste de Greenwich, equivalente em nossa esphera á longitude de 45° 37' oeste de Greenwich. « Este meridiano corta na nossa esphera a costa septentrional brasileira entre as bahias de Maracajú e Piracajú, 85 milhas a oeste da entrada do Maranhão e 120 milhas a leste do rio Pará, e no sul a cerca de 150 milhas a oeste do Rio de Janeiro e cerca de 25 milhas a leste de Santos¹. » A maior parte do Brasil deste modo teria escapado ao dominio lusitano.

A ilha de Vera Cruz não representava, comtudo, o principal objecto de interesse para Portugal, assim como Hispaniola e Isabella o não representavam para a Hespanha. A magreza dos resultados das explorações de Colombo e outras que immediatamente se lhes seguiram, contrastava até muito com as riquezas que a Portugal começaram a affluir do Hindostão, desde que Vasco da Gama dalli regressou em Julho de 1499. Para approximarem-se pelo occidente destes ricos paizes começaram os navegantes hespanhoes a dirigir-se todos para o sul, e esta foi, na opinião do historiador americano John FISKE, uma das principaes razões por que durante 20 annos se negligenciou a exploração do golfo do Mexico e chegou a entrar no esquecimento a viagem de Pinzon, Solis e Vespucio em 1497-98 á parte septentrional do continente, unica que pôde explicar a representação mais ou menos exacta da Florida nos mappas de Cantino e Waldseemüller, aquelle de 1502, este na edição de Ptolomeu de 1513. A Hespanha cuidava, sobretudo, de penetrar no Oceano Indico, e como o caminho oriental lhe estava vedado, buscava outro pelo fallado estreito de Malacca, que se suppunha ficar ao sul de Honduras, a oeste da Costa das Perolas, ou talvez a leste². Colombo o procurou a oeste na sua quarta viagem, como tambem em 1505 o procurariam Vespucio e La Cosa, e antes delles pôde dizer-se que o procurou Pinzon a

A passagem occi-
dental.

¹ HARRISSE, *The Diplomatic History*, pag. 97.

² JOHN FISKE, *The Discovery of America*, vol. II, pag. 92.

Primeiros descobri-
dores do Brasil.

leste, quando partiu na trilha de Ojeda e Vespuccio, descendo mais para o sul e abordando a costa do Brasil perto de Pernambuco na latitude de 8° S. ou, como pretende Varnhagen, na ponta de Mocuripe vizinha do porto de Fortaleza (Ceará). Esta ponta e não o cabo de Sancto Agostinho, seria, pois, o cabo de Santa Maria de la Consolacion : dahi regressou Pinzon para o norte e de passagem entrou na bacia do Amazonas, a que chamou *Mar Dulce*. Mais tarde, em 1508, Pinzon e Solis procurariam de novo a passagem a leste, ou antes ao sul, pois verificara-se que ella só podia achar-se nas alturas do Rio da Prata, sinão mais para baixo — como Magalhães veio a confirmar — e, tomando o continente na sua fórma a direcção oeste, pertenceria a alludida passagem á Hespanha, por caber dentro da sua esphera de acção.

Ojeda e Vespuccio haviam singrado no verão de 1499 para a costa septentrional « onde se encontravam as perolas », e, atravessando o Equador depois de passadas as ilhas de Cabo Verde, avistaram terra na costa oriental ou do Brasil, na latitude de 4° ou 5°, nas cercanias de Aracaty, diz Fiske, no delta do Assú, Estado do Rio Grande do Norte, diz Varnhagen. Aproaram então para o norte, por ser difficil a navegação em contrario á corrente equatorial. Simultanea com a descoberta de Pinzon foi a de Diego de Lepe, o qual, partindo de Palos ¹ em Janeiro de 1500 com duas caravellas, regressou em Junho, tendo dobrado o cabo de S. Roque e seguido a costa brasileira até a latitude de 10° S., reconhecendo sua inclinação para sudoeste ².

Viagem de Pedro
Alvares Cabral.

Não estariam os Portuguezes possuidos de equal afan, elles particularmente que aspiravam ao monopolio da Índia? Não estaria por acaso a passagem occidental comprehendida na sua

¹ Humboldt, *Examen Critique*, vol. IV, pag. 222.

² John Fiske, *The Discovery of America*, vol. II, pags. 93 a 96.

O Instituto Archeologico de Pernambuco aventou a idéa, em opposição á commemoração do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, da celebração do descobrimento de Pernambuco por Vicente Yanes Pinzon a 26 de Janeiro de 1500. Neste intuito foi já publicado pelo sr. Pereira da Costa um folheto contendo numerosos testemunhos em favor da prioridade da descoberta do Hespanhol, a qual aliás ninguem contesta. A projectada celebração do centenario não visa porém a recordar um acontecimento historico isolado, um feito de feliz previsão ou de inesperada fortuna : tem um alcance moral muito mais elevado. O sr. Alfredo de Carvalho tocou a verdadeira tecla quando no scio do Instituto Archeologico oppoz-se á proposta celebração pernambucana, indicando que uma tal celebração devia assumir character nacional. De facto vamos festejar, não tanto a chegada do navegador portuguez como a fundação da nacionalidade, que desde então entrou a desenvolver-se, e essa nacionalidade constituiram-na, é indiscutivel, os Portuguezes, cuja tradição historica nós representamos hoje na America, si bem que possamos ter assumido ou vir a assumir characteristics proprios.

Sem as consequencias que teve, o feito de Cabral ficaria exquecido como o de Pinzon. O sr. Capistrano de Abreu puzera isto em relevo quando concedeu absoluta prioridade a Pinzon no descobrimento do Brasil, em detrimento até de Ojeda e Vespuccio (1499), e identificou o cabo de Santa Maria de la Consolacion com o de Sancto Agostinho, interpretação que o Instituto Pernambucano faz sua.

esphera de acção? Desde muito antes de Colombo tinham-se os navegantes açorianos infructuosamente esforçado por encontrar além do archipelago ilhas e terras occidentaes, o que se prova com as varias doações *in partibus* e contractos para tal fim celebrados. Esse constante pensamento, não lhes foi dado realizar: corporizou-se na descoberta de Colombo, o que mais devia contribuir para incitar os brios portuguezes. Sendo assim a supposição, não obedeceria Pedro Alvares Cabral, ao partir de Lisboa com seus 13 navios e 1,200 homens no dia 9 de Março de 1500, a instrucções secretas, escriptas ou verbaes, dadas em identico intuito, de tentar achar no sul a passagem para a India que Gaspar Côrte Real no mesmo anno procuraria no norte ¹, e que Gonçalo Coelho partiria a procurar mais tarde ao sul do cabo de Santa Maria, onde acreditava-se acabar o continente? Antes de partir para esta viagem com Gonçalo Coelho escrevia Vespuccio ao seu antigo patrão Lourenço de Pier Francesco de Medici que contava ir breve « ao levante, passando pelo sul » ². Aos Portuguezes, que haviam franqueado o caminho oriental para a Asia semi-fabulosa, sorriria por certo em extremo topar com o caminho occidental que a Hespanha ensaiava descobrir, e era constante e corrente sua intenção de rebuscarem os mares occidentaes, que a Colombo tinham trazido boa fortuna.

O apparatus da expedição de Pedro Alvares é sufficiente para indicar que elle indubitavelmente se dirigia á India, a proseguir na obra encetada por Vasco da Gama. Para ir ao Deus dará, em cata do desconhecido, duas caravellas bastariam. Ninguem todavia contesta o final destino com que partia o navegante portuguez. O que apenas alguns suppõem verosimil é que de passagem elle se afastasse para o oeste, para evitar as calmarias mas tambem para tentar o acaso, que estava sendo nesses dias o grande distribuidor de graças. O historiador americano John Fiske, auctor do melhor trabalho moderno sobre o descobrimento da America, é de opinião francamente adversa a tal hypothese. Para elle a travessia occidental do Oceano era facil nas condições em que se encontrou Cabral, procurando a conselho do proprio Vasco da Gama fugir ao mar da Guiné. « Naquelle latitude a costa brasileira demora apenas 10° a oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde e a corrente sul equatorial, desconhecida de Cabral, impelle fortemente para o logar mesmo onde elle foi dar ³ ». Escriptores

Intenção ou acidente?

¹ Gaffarel, *La Découverte de l'Amérique*, vol. II, pag. 242.

² Varnhagen, *Historia Geral*, 2ª ed., tomo I, pag. 85.

³ John Fiske, *The Discovery of America*, vol. II, pag. 97.

technicos e profissionaes abundam no mesmo parecer e apresentam uma combinação de ventos e correntes, da qual não podia deixar de resultar a derrota seguida por Pedro Alvares, e, ao cabo della, a descoberta da terra firme.

E' entretanto curioso que um chronista coevo e minucioso como Damião de Góes não falle nem de tempestades nem de calmarias como causadoras do descobrimento, mórmente sendo este de todo inesperado. Eis os termos em que relata o acontecimento « . . . mas vendo que não aparecia (*uma nau desgarrada da frota*) seguiu sua viagem navegando a loeste, aos XXIII dias (*a data de 22 é acceita como a correcta*¹) do mes Dabril viram terra, do que foram mui alegres, porque polo rumo, em que jazia, vião não ser nenhuma das que até então eram descobertas, Pedralures Cabral fez fazer rosto para aquella banda, & como forão bem a vista, mandou ao seu mestre que no esquite fosse a terra, o qual tornou logo com nouas de ser muito fresca, & viçosa, dizendo que vira andar gente baça, nua pela praia, de cabello comprido, cor-redio, com arcos & frechas nas mãos, pelo que mandou alguns dos capitães, que fossem com os bateis armados ver, se era isto assi, os quaes sem sairem em terra, tornaram á capitaina afirmando ser verdade o que o mestre dixerá. Estando já sobrancora se aleuantou de noite hum temporal, com que correram de longo da costa até tomarem hum porto muito bom, onde Pedralurez surgio com as outras naos, & por ser tal lhe pos nome Porto Seguro² ».

Note-se que Damião de Góes tinha perfeita consciencia do que escrevia. Não era um chronista ignorante ou indigesto: era um homem viajado, de educação superior, correspondendo-se com os primeiros sabios europeus do seu tempo e de espirito tão culto que, como é sabido, padeceu por isso dos rigores da Inquisição. O encargo de escrever a chronica de D. Manoel foi-lhe officialmente confiado pelo cardeal D. Henrique, e elle, que exercia o

¹ Esta data é a do calendario juliano e por alguns irreflectidamente tida como equivalente á de 3 de maio pela correção gregoriana, a qual em 1582 subtrahiu 10 dias que pelo calendario de Julio Cesar havia adquirido o anno civil sobre o solar, e começou a ser applicada pelos historiadores para acontecimentos passados mesmo antes da reforma pontificia. A differença des 10 dias devia porém dar como data exacta a de 2 de Maio. Quer-me antes parecer, de accordo com o que a este respeito acaba de escrever o sr. Miguel Lemos, que a data de 3 de Maio, tradicionalmente apontada como a da descoberta, não o foi por motivo do ajuste do novo ao velho calendario, mas sim por ser o dia 3 de Maio consagrado pela Egreja Catholica á Invenção da Sancta Cruz, porventura mesmo pela proximidade daquella festa religiosa. Pela continuação — e como bem diz o sr. Lemos, por effeito do pouco interesse immediato concedido á descoberta de Cabral assim como do costume, geral entre os navegadores, de darem ás novas terras os nomes dos sanctos celebrados nos dias em que ellas eram avistadas — as duas datas vieram a confundir-se, prevalecendo a tradição sobre a verdade trazida á luz em 1817 com a publicação da carta de Pero Vaz de Caminha.

² Damião de Góes, *Chronica do Srenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Lisboa, ed. de 1749, pag. 68.

cargo de guarda mór do Real Archivo, a escreveu com attenção e visível deleite, tendo à sua disposição os documentos e as fontes. Porque deixa de mencionar, tractando-se de um acontecimento tão saliente como a descoberta do Brasil, possessão cuja importancia já então — a primeira edição da Chronica é de 1556 — não era mysterio, as causas que conduziram Pedro Alvares áquellas paragens? Joaquim Norberto, que convictamente advogava a hypothese intencional, invoca na sua alludida memoria o testemunho de muitos outros escriptores do seculo XVI que guardaram silencio ou explicaram mal e contradictoriamente os motivos da arribada de Cabral, sendo contudo unanimes os coevos em não « mencionar tempestade alguma, nem corrente, cuja furia ou força arrastasse as suas naus ». O assumpto foi depois discutido nas sessões do Instituto Historico, sustentando o poeta Gonçalves Dias o parecer contrario e replicando o erudito Joaquim Norberto ¹.

Para a historia diplomatica e mesmo politica pouca importancia oferece semelhante questão, aliás valiosa e captivante para o estudioso, na actual impossibilidade da sua solução e desde o momento em que a Hespanha não contestou o acto de posse effectuada por Pedro Alvares no dia 1º de Maio. De uma cousa estamos outrossim certos. O descobridor portuguez do Brasil não duvidou um só instante que a terra onde desembarcára pertencesse de direito a el-rei D. Manoel. Provaram-lh'o os calculos astronomicos de Mestre João, o physico do monarcha, que ia na expedição e cuja carta ao soberano nos foi felizmente conservada. Levantando sem hesitar a cruz de madeira com a divisa do rei de Portugal, Cabral despachou Gaspar de Lemos a dar conta do occorrido em Lisboa, communicando logo por seu turno D. Manoel para Hespanha a noticia da descoberta.

De facto, adoptando-se mesmo o calculo do mappa portuguez conhecido por mappa de Cantino, posterior a essa descoberta, e o qual, segundo Harrisse, faz passar a Linha de Demarcação na nossa esphera a cerca de 42° 30', aquella terra, cuja configuração e extensão eram ainda ignoradas, estava no poncto onde fôra abordada perfeitamente dentro da esphera de acção portugueza. A Linha de Demarcação de Tordesillas continuaria de resto a ser objecto de consultas e pareceres, variando sua collocação ao sabor das noções contemporaneas e individuaes da circumferencia da terra e da dimensão da legua maritima, e sendo diversa na *Suma* ou compendio geographico de Enciso (1518), no informe dos peritos de Badajoz (1524), no de Diego Ribeiro (1529) e

Validade da posse

Variantes da Linha de Demarcação.

¹ Revista Trimensal, tomo XVIII. Essas memorias são todas muito interessantes.

em Oviedo (1545). A linha de Diego Ribeiro é a unica que fica alem da foz oriental do Amazonas, cortando a ilha de Marajó (49° 45' na nossa esphera) ¹. Opina Varnhagen ² que o meridiano de Enciso, para quem o gráo de longitude tinha 16 ²/₃, leguas (quando as actuaes leguas maritimas contam-se 20 por gráo), tambem passava pela ilha de Marajó, sendo o Marañon desse geographo o rio Pará e não o nosso golfo do Maranhão ou bahia de S. Marcos, o que é, todavia, contestado pelo americanista HARRISSE com argumentos dignos de leitura ³. Pelo que vemos, accordavam todos em que a linha divisoria ficava a leste, pelo menos, da verdadeira foz do Amazonas; porém a insufficiencia dos conhecimentos cosmographicos impedia uns e outros de indicarem com precisão e auctoridade por onde atravessava ella o continente da America Meridional. Eram manifestas em Hespanha as duvidas sobre o bom direito portuguez a *todo* o territorio de que se assenhoreara o reino. N'uma carta de 22 de Janeiro de 1518 escrevia Alonzo de Zuazo ao imperador Carlos V que, a partir do cabo de Sancto Agostinho 30 leguas no maximo pertenciam ao rei de Portugal, e comtudo estava este de posse de mais de 200, recebendo por anno mais de 20,000 ducados em pau brasil e escravos.

O meridiano e as Molucas.

A viagem em 1519 de Fernão de Magalhães ás ilhas das Especiarias ou Molucas, collocando as duas nações frente á frente nos antipodes, daria nova importancia á questão do meridiano, que em 1523-24 se procuraria solver na Juncta de Badajoz. A ida de Fernão de Magalhães inquietava singularmente o rei de Portugal. São conhecidos os esforços por este tentados para fazer mallograr a expedição: Navarrete os historia no ultimo volume da sua collecção. A 18 de Julho de 1519, perdidas as esperanças de deter o tenaz navegante, escrevia a D. Manuel o portuguez Sebastião Alvares, feitor em Andaluzia, o qual bastante trabalhara com Magalhães e Ruy Falleiro para reduzi-los ao serviço de Portugal, sua patria commum. « . . . Arrota que se diz que ham de levar he direitos ao cabo Frio, ficando-lhe o Brasy a mão direita, até passar a linha da particam, e d aly navegar ao eloeste e eloestnoeste, direitos a Maluco; a qual terra de Maluco eu vy asentada na poma e carta, que ca fez o filho de Reynell, a qual nom era acabada quando caa seu pay veo por ele; e seu pay acabou tudo; e pos estas terras de Maluco, e por este padram

¹ HARRISSE, *The Diplomatic History*.

² *Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil ou Analyse critique du Rapport de M. D'Azémar*, pag. 33.

³ Ob. cit., pag. 120 e seguintes.

se fazem todallas cartas; as quaes faz Diogo Ribeiro; e faz as agulhas, quadrantes e esperas; porém nom vay narmada, nem quer mais que ganhar de comer per seu engenho. Dês do este cabo Frio até as ilhas de Maluco per esta navegaçam nom ha nenhûas terras asentadas nas cartas que levam. Praza a Deus todo poderosso que tall veajem façam como os Corte Reaes; e Vossa Alteza fique descansado, e seja sempre asy envejado, como he de todolos princepes¹ ».

Pela proposta apresentada na Juncta de Badajoz o gráo de longitude devia ser considerado igual a $17\frac{1}{2}$ leguas, partindo a contagem para a linha do centro da ilha de Sancto Antão, a mais occidental das de Cabo Verde², o que tornava as 370 leguas equivalentes a 22° e quasi $9'$ ($46^\circ 36'$ oeste de Greenwich na nossa esphera), entrando a linha pela bahia de Priatinga. Os commissarios portuguezes não chegaram, porém, a accordo com os hespanhoes, porque queriam conservar a maior somma de territorio no Brasil e ao mesmo tempo não sacrificar as Molucas. Por amor destas ilhas veio a assignar-se em Saragoça aos 15 de Abril de 1529 um tractado que fixava uma linha de demarcação em 17° ou 297 leguas a leste das Molucas, sem referir-se á localização do meridiano no Novo Mundo. Esses dezesepte grãos comprados por Portugal faziam passar o novo meridiano pelas ilhas dos Ladrões ou Mariannas e accrescentavam para o Oriente as dimensões da esphera de acção portugueza. « Si o circulo iniciado em Saragoça tivesse sido logicamente continuado e fechado, esse meridiano incidiria no mar alto, 13 milhas a leste do cabo Branco, assim virtualmente excluindo Portugal do continente sul-americano. A Hespanha e Portugal ficaram, entretanto, neste ponto exactamente onde estavam em 1494³ ».

No tocante ás Molucas assignava-se mais em Lisboa aos 23 de Abril do mesmo anno de 1529 um tractado de posse, navegação e commercio, que D. João III ratificava em Lisboa no dia 20 de Junho de 1530. Carlos V carecia, como sempre e mais do que nunca, de dinheiro para suas variadas emprezas militares. Pelo tractado obrigou-se Portugal a pagar-lhe 350,000 ducados, obrigando-se por seu lado Castella a restituir esta somma, pela qual era adquirido o direito ás Molucas, a todo tempo que se provasse não estarem estas ilhas dentro da sua demarcação, mas

¹ *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das Navegações e Conquistas portuguezas*. Lisboa, MDCCCXCII, pag. 434.

² HARRISSE escreve por engano a mais oriental, o que, além de inexacto geographicamente, seria contraproducente, visto constituir todo o fito hespanhol incluir em sua esphera as Molucas.

³ HARRISSE, *The Diplomatic History*, cap. XVIII.

da de Portugal¹. Parece que a escriptura de Saragoça queria provar exactamente isto, que Portugal ganhava no Oriente o que perdia no Occidente, mas não se deve procurar demasiada logica nos arranjos da diplomacia, por natureza e necessidade opportunistas no sentido de visar o resultado do momento e descrente no contar com o futuro.

As Philippinas.

Com as Philippinas as cousas tinham-se passado mais expeditamente. Magalhães, navegando para oeste, apoz atravessar a immensa vastidão deserta do Pacifico, primeiro descobriu esse archipelago, que ficava dentro da esphera de acção portugueza. Um erro, accidental ou proposital, dos cartographos hespanhoes, só mais tarde corrigido, collocou-o, comtudo, 25° a leste da sua verdadeira posição geographica, attribuindo dest'arte a posse à Hespanha².

O Meridiano de Tordesillas nos seculos XVII e XVIII.

Não findaria, no emtanto, com essas peripecias o fadario da linha de Tordesillas. Em 1681 concordariam os cosmographos das duas nações em faze-la passar a 22° 13' oeste da ilha de S. Nicoláo (Cabo Verde), e Ulloa a calcularia em 22° 14' em 1749, no anno anterior ao tractado de 1750, fixando os limites americanos das duas corôas ibericas³. As Molucas, como as Philippinas, ficavam incontestavelmente dentro do hemispherio portuguez, mas « por uma especie de convenção tacita anterior ao annullado tractado de 1750, subentendeu-se a troca daquelles dominios asiaticos com a extensão que o Brazil adquirira pela terra a dentro⁴ ». Alexandre de Gusmão, na resposta ás allegações do brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, ex-governador da Colonia do Sacramento, relativas aos tratados dos limites d'America, negociados em 1750 pelo mesmo distincto diplomata e secretario confidencial do rei D. João V, reconhece, como não podia deixar de faze-lo, que Portugal invadira boa parte da esphera de acção hespanhola no Occidente. Tomando os factos no seu poncto de partida, lembrava Gusmão que Fernão de Magalhães, para demonstrar que as ilhas das Especiarias cabiam de direito a Carlos V e pretendendo abranger até Malaca, « tinha diminuido os espaços, de sorte que defraudou ao mar do sul mais de 40 grãos meridianos », como se pôde ver do mappa publicado por Herrera. A verificação não era então facil, como já disse, e Gusmão recorda mais, que não só até o seculo XVII nenhuma

¹ Varnhagen, *Historia Geral*, 2ª ed., tomo 1, pag. 101.

² Justin Winsor, *Narrative and Critical History of America*, vol. 11, pag. 592.

³ Varnhagen, *Examen*, etc., pag. 44.

⁴ Varnhagen, *Historia Geral*, 1ª ed., tomo 1. Notas e Provas, pag. 437.

nação além da hespanhola navegou o Mar do Sul (ou Oceano Pacifico), como ignorava-se a observação dos satellites de Jupiter, e outros meios com que depois se facilitou a averiguação das longitudes ¹.

Para questionarem baseavam-se os Portuguezes sobretudo — o que não era bastante — nos roteiros dos pilotos da carreira da India, e afim de lhes sahir mais vantajoso o calculo contavam ao tempo das discussões de Saragoça as 370 leguas alem do meridiano como situado este na ilha do Sal, que é a mais oriental das do Cabo Verde. Ao tempo de Alexandre de Gusmão porém, afim de validarem a posse do maximo do Brasil, contavam as 370 leguas partindo da ilha de Sancto Antão, que é a mais occidental. Da mesma fórma que cessára com a annexação de Portugal a contenda sobre a legitimidade do dominio das Philippinas, tambem deixara de ter importancia depois de 1580 a expansão dos Portuguezes na Amazonia e no sul do Brasil. Com a fusão das duas partes contractantes deixára de vigorar o tractado de Tordesillas, realizando-se a solução prevista em 1494.

A longa e sangrenta disputa sobre a Colonia do Sacramento é posterior á restauração e originou-se na fundação em 1680 de uma fortificação no Rio da Prata, em lugar que se dizia caber dentro da esphera de acção portugueza. Por causa d'ella celebrou-se o tractado provisional de 1681 e negociou Alexandre de Gusmão o tractado de 1750, trocando-a, junctamente com as terras usurpadas e occupadas no Oriente pelos Hespanhoes, pelo territorio das Missões e sobretudo pela desistencia dos direitos hespanhoes sobre as terras usurpadas e occupadas pelos Portuguezes na America em violação do meridiano mesmo o mais parcial ².

* * *

Parallelamente com as discussões theoricas ou academicas a proposito da verdadeira posição do meridiano de Tordesillas proseguira a obra practica das explorações, tanto mais activa quanto

Explorações.

¹ Collecção de varios escritos ineditos politicos e litterarios de Alexandre de Gusmão, Porto, 1841.

² Na memoria citada explica Alexandre de Gusmão com grande sagacidade todas as vantagens do seu plano de consolidação do poderio portuguez no Brasil levado a cabo mediante o abandono da Colonia do Sacramento, cuja fortaleza Portugal conservava sem que os Hespanhoes ceddessem o territorio adjuncto estipulado mas não precisamente descripto no tractado de Utrecht. . . « Considere V. S.^a finalmente se fizemos mau negocio em regular duas mil leguas de fronteira com tal clareza, e por balisas tão certas, e indubitaveis, que em nenhum tempo possamos mais ter por este respeito altercação com os nossos vizinhos, quando até agora estavamos demarcados por uma linha meridiana, que custa muito a determinar com um relógio solar de quatro palmos, quanto mais em tantos centos de leguas, donde resultava uma continua e irremediavel occasião de disputas entre esta Corôa e a d'Hespanha. » (*Ob. cit.*, pag. 182).

já começava ella a ser tradicional, datando da primeira metade do seculo XV o impulso dado ás navegações oceanicas pelo solitario de Sagres e havendo, desde o inicio dos descobrimentos e sobretudo depois da realização do sonho de Colombo, obtido muitos Portuguezes concessões de terras por descobrir e partido á aventura. A iniciativa particular era então uma realidade. Não só as expedições francezas eram mixtas, a saber, que iam n'ellas de sociedade o rei e subditos seus. Assim o eram tambem as expedições portuguezas. Na de Pedro Alvares Cabral algumas das embarcações tinham sido armadas ás custas de negociantes¹, e as mais importantes casas commerciaes de Sevilha tomaram parte saliente no apresto das primeiras expedições hespanholas ao Novo Mundo.

O Brasil nos seus começos mais deveu á industria privada do que ao zelo official. As informações de Vespucio, ao regressar em 1502 da ousada viagem que o levou até a Georgia Austral, foram tão desfavoraveis com respeito á nova possessão do rei de Portugal, « dizendo não haver na terra metaes nem mercadoria de aproveitar-se mais que canafistola e o lenho de tinturaria, que a Corôa praticamente abandonou-a á mercê dos especuladores particulares, os quaes á porfia começaram a vir a estes portos, principalmente a buscar tão productivas cargas do tal novo pau brazil, a ponto que d'elle veio tomar o nome toda a região² ». Affluiram pois os especuladores, que eram contractadores ou arrendatarios e mandavam naus por conta propria — como a Bretoa da qual Varnhagen publicou o livro de bordo e que, tendo partido de Lisboa a 22 de Fevereiro de 1511, fez a viagem redonda á feitoria de Cabo Frio em oito mezes, — e tambem aventureiros francezes, que representaram no seculo XVI com relação á defesa portugueza o papel dos Hollandezes no seculo XVII e dos Castelhanos no seculo XVIII.

Attritos com a
Hespanha

Não é que os Hespanhoes se não sobresaltassem de quando em vez nos proprios inicios da colonização americana com a actividade dos Portuguezes n'aquellas paragens, mas estavam do mesmo modo muito occupados com suas conquistas para poderem pelejar por ellas, e tambem a diplomacia ia cumprindo sua missão de paz e serenando as desconfianças, como se prova com o trecho seguinte de um documento recentemente publicado³, confirmando o que anteriormente se sabia por outros documentos. A 6 de Setembro de 1513 escrevia D. Manoel de Portugal a D. Fernando de Aragão que Lobo Furtado de Mendonça, gentilhomen da casa do regente

¹ Varnhagen, *Historia Geral*, 2ª ed., tomo I, pag. 70.

² Varnhagen, *Historia Geral*, 2ª ed., tomo I, pag. 84.

³ *Alguns Documentos*, etc., pag. 292.

de Castella, lhê daria plena informação acerca « dos navios e gente de nosos rreynos, que dizees que sooes enformado que vaaõ a descobrir e entram no que por voso mandado he descuberto na teerra que agora mandastes chamar Castella de Ouro (*a provincia no golfo de Darien*), que he pegada com a nosa teerra do Brasyl ». Do lado de Portugal tambem havia pretextos de queixas. A viagem de Fernão de Magalhães susceptibilizára muito o reino e sabemos que D. Manoel quiz até obstar pelo assassinato e embaraçou pela intriga a partida do ousado marinheiro, a quem anteriormente desconsiderára.

Os ciumes provinham todos da possibilidade da descoberta de uma passagem occidental para o Oriente, que Fernão de Magalhães encontrára muito ao sul, mas que se suppunha poder ainda ser encontrada mais ao norte e com menor extensão de mar a atravessar para chegar às terras opulentas das especiarias e das pedras preciosas. Precisamos nunca esquecer que o conhecimento geographico do globo estava ainda longe de ser completo, sendo particularmente ignorada a grande massa de terra que compõe os continentes norte e sul americano. O descobridor do rio Hudson imaginava, ao subil-o, ter encontrado a passagem para o mar que banha as praias do Cathay, e a esperança de topar com um caminho para a Asia mais rapido e facil que o tomado por Magalhães nunca abandonou os navegadores até tornar-se bem conhecida a configuração do Novo Mundo e patentes as dimensões do globo terrestre.

Era por isso sobretudo que em 1531 o embaixador portuguez Alvaro Mendes de Vasconcellos ainda renovava infructuosamente em Castella, por parte do seu soberano, as instancias para que se decidisse quem havia descoberto o Rio da Prata, si D. Nuno Manoel, si João Dias de Solis, o qual alli encontrára a morte em 1515 às mãos dos indios ¹. Os companheiros de Solis, que regressavam à Europa, quizeram fazer escala pelo cabo de Sancto Agostinho para levarem para Hespanha alguma carga de pau brasil. Deparando-se porém em Pernambuco com uma feitoria portugueza, não estiveram com meias medidas: aprisionaram os occupantes e levaram-n'os a todos. Perante reclamações do rei os 11 Portuguezes foram depois trocados por septe Castelhanos que estavam presos em Portugal e haviam sido encontrados na bahia dos Innocentes, ao norte de Cananéa ².

¹ Varnhagen, *Primeiras negociações diplomaticas respectivas ao Brazil*, Rio de Janeiro, 1843.

² Varnhagen, *Historia Geral*, 2ª ed., tomo I, pag. 98.

Era então frequente o caso de abordarem-se navios hespanhóes em portos portuguezes das possessões, como o era o de navios portuguezes irem parar a portos hespanhóes, e o tractamento valia-se nos dous lados, cifrando-se na prisão e deportação, quando escapavam os navegantes ao morticinio pelos indios. O exemplo mais pathetico deste estado de cousas é o do pobre D. Rodrigo de Acuña, culpado de ter feito parte de uma expedição que se destinava ás Molucas pelo Rio da Prata, o qual, depois de mil trabalhos, soffreu uma prolongada prisão na feitoria de Pernambuco.

O seguinte quadro mostra a um tempo a rapida successão das explorações e a identidade de certa zona percorrida ou visitada por expedições portuguezas e hespanholas, simultaneamente, nos annos immediatos ao do descobrimento, em que foi attingida, como é sabido, por quatro diferentes flotilhas:

Quadro das primeiras viagens feitas ds terras do Brasil, extrahido e resumido de um quadro geral de viagens hespanholas e portuguezas ao sul do tropico de Cancer, na obra de John Fiske. «The Discovery of America» vol. II, pags. 62 e 63—, e alterado em alguns dos seus dizeres, segundo outras auctoridades.

NOMES DOS EXPLORADORES	DATAS DAS VIAGENS	LOGARES PERCORRIDOS OU ABORDADOS
Ojeda, La Cosa e Vespuccio (hesp.)	16 de Maio de 1499 a Junho de 1500.	Ponta na costa septentrional do Brasil, proxima a 5° lat. austral segundo Varnhagen (<i>Hist. Ger.</i> , 2ª ed., vol. I, pag. 77).
Pinzon (hesp.)	Dezembro de 1499 a Setembro de 1500.	Costa brasileira na altura de 8° sul e d'ahi na direcção nordeste.
Lepe (Diego de) (hesp.)	Janeiro a Junho de 1500.	Costa brasileira até cerca de 10° S.
Pedro Alvares Cabral (port.)	9 de Março de 1500 a Julho de 1501.	Costa brasileira desde cerca de 12° até 16 30' S. ¹
Nuno Manoel (?) e Vespuccio (port.)	14 de Maio de 1501 a 7 de Setembro de 1502.	Costa brasileira desde 5° até 34 S. e dahi á ilha da Georgia Austral, 54° S.
Gonçalo Coelho e Vespuccio (port.)	10 de Junho de 1503 a 18 de Junho de 1504.	Costa brasileira, Vespuccio até cerca de 23° S., Coelho até cerca de 40° S.
Christovão Jacques.	1503.	Costa do Brasil e da Patagénia até cerca de 52° S. ²
Pinzon e Solis (hesp.)	29 de Junho de 1508 a Outubro de 1509.	Costa do Brasil, etc., até cerca de 40° S. ³

NOTA — Não tendo sido logo discriminadas as possessões portuguezas e hespanholas, por costa brasileira entende-se extensão superior á actualmente apresentada no littoral oriental da America do Sul.

¹ Escreve Varnhagen que, soprando a aragem do sul, foi a armada de Cabral felizmente levada do ponto onde lobrigara terra para o norte, onde fica Porto Seguro (16° 30'), evitando assim os baixos e recifes dos Abrolhos e Itacolomi, que demoram logo ao sul do monte Paschoal. Os pilotos da expedição indicaram bastante precisamente como sendo a 17° S. a latitude de-

Com os Hespanhoes a questão era toda de linha divisoria, si ficava esta na realidade mais para leste ou mais para oeste. Com os Francezes a cousa apparecia cem vezes peor. Estavam de fóra dos ajustes diplomaticos e affixavam intenções de arrecadar seus ganhos onde os encontrassem mais facéis, pirateando á discreção. N'um tempo em que os Inglezes se revelavam ainda em comparação fracos homens de mar, os Francezes entregavam-se a ousados committimentos maritimos. Alguns dos escriptores desta nacionalidade até pretendem que a Normandos se deve a primeira descoberta do Brasil, realizada por Cousin, de Dieppe, em 1488, o qual teria sido levado até a foz do Amazonas pelas correntes oceanicas que tão propicias se mostrariam mais tarde a Pedro Alvares Cabral. Tal facto é contestado com bons argumentos, e nada ha pelo menos que o prove. A data mais antiga em que se assignala com certeza a presença dos Francezes no Brasil é a de 1504, anno em que foram encontrados traficando com os aborigenes no porto da Bahia e tiveram de soffrer o rude assalto do furor portuguez.

Os Francezes. Prioridade das suas descobertas?

No mesmo anno cita-se tambem a viagem de aventura maritima do navio *Espoir de Honfleur*, commandado pelo capitão de Gonville e partido de França em 1503. Das paragens ignotas por elle visitadas teria o capitão trazido um documento vivo na pessoa de um indiosinho com quem mais tarde se casou sua filha, nascendo deste consorcio o abbade Paulmier de Gonville. As terras austraes descobertas por esse marinheiro não teriam sido, como julgaram muitos até tempos recentes, a Australia, nem a nova Hollanda, nem Madagascar, nem as terras antarcticas, porém

De Gonville.

Porto Seguro, e si elles assim podiam determinar quasi correctamente a latitude, tambem deviam poder fixar com mais ou menos acerto a longitude.

¹ Varnhagen com toda a plausibilidade faz datar esta viagem de 1526 e suppõe que em 1506 sahio de Lisboa uma expedição para o sul do Brasil, tendo por pilotos Vasco Gallego de Carvalho e João de Lisboa. Para o norte do cabo de S. Roque tambem foram expedições, cujas noticias são « mais vagas e escassas ». A data de 1526 para a viagem de Christovão Jacques parece com effeito mais verdadeira, pois a 24 de Dezembro de 1527 escrevia de Pariz a D. João III João da Silveira, embaixador de Portugal em França, que deste reino tinham enviado cinco náos ao rio que descobrira Christovão Jacques na costa do Brasil (Terazano vai daqui com cinco náos, que lhe o almirante ordena, a hum grão rio na costa do Brasil, o qual diz que achou hum castelhano. . .

. . . O rrio créo que é o que achou Christovão Jaques — *Alguns Documentos*, etc., pag. 490.

² Esta viagem foi tomada a mal pela corôa portugueza. No dizer de Varnhagen não foi emprehendida por Castella, mas sim por armadores, parte delles de Antuerpia, como os Haro, João Dias de Solis era portuguez e havia emigrado para Castella por não poder obter o pagamento de quantias que lhe eram devidas. Pelo que se vê de cartas publicadas por Navarrete, o embaixador portuguez em Hespanha, João Mendes de Vasconcellos, tractava em 1512 de fazer com que Solis, o qual já então era piloto-mór de Castella, regressasse a Portugal. O rei D. Manuel escrevera para tal fim ao seu embaixador, dizendo constar-lhe que Solis ia a Malaca ou procurar o caminho occidental para as ilhas e terras das especiarias do Oriente. Solis, como já disse, foi victima dos indios no Rio da Prata, por elle sinão descoberto, pelo menos primeiramente explorado por occasião da expedição de 1515, em que perdeu a vida. Esta expedição, apparentemente promovida por armadores, era subvencionada secretamente pela corôa de Castella.

sim o Brazil, cuja costa acompanhou por 300 leguas sob a acção dos ventos alisios desde o cabo Sancto Agostinho, de novo abor-dando-a muito mais abaixo, nas terras dos Goytacazes, quando a caminho do cabo de Boa Esperança foi sua embarcação repellida pelo vento do sul¹.

Esboço do com-
mércio francez na
costa brasileira.

Em Dieppe vivia então o famoso armador João Anjo, o qual, tão rico quão emprehendedor, costumava mandar seus navios a todas as regiões do mundo recentemente abertas á exploração mercantil. No Brasil a porção mais frequentada da costa entrou a ser entre o cabo Sancto Agostinho e Porto Real, na altura de 12°, zona onde encontra-se melhor e mais abundante pau brasil². Gaffarel reedita uma extensa lista de embarcações francezas sa-hidas para a costa do Brasil a partir de 1523, e na collecção de viagens de Ramusio encontra-se uma descripção das nossas terras feita em 1529 por Parmentier, capitão da *Pensée* ao serviço do armador Anjo. Haviam-se estabelecido escambos regulares: os selvagens recebiam ferramentas, quinquilherias, pentes, espelhos e bugigangas, e os Francezes carregavam alem do pau brasil, parte essencial do negocio, outras madeiras usadas nos estaleiros e marcenarias, algodão, papagaios, macacos, pelles de onça, pennas de beijaflores, tucanos e outras aves sarapintadas e brilhantes para ornatos de vestuarios ricos, oleos medicinaes, etc. Os saguins e araras gosaram n'aquelle tempo de uma popularidade jamais ex-cedida, constituindo um deleite da aristocracia, bem como da burguezia e da plebe. Marinheiros normandos fixavam-se de bom grado entre as tribus indigenas, as quaes sempre testemunharam marcada predilecção pelos Francezes, mais amaveis e attrahentes que os grosseiros Portuguezes. Aquelles colonos serviam depois de interpretes e corretores, tornando-se a profissão não menos rendosa que estimada³.

Indios brasileiros
em França.

Os proprios indigenas não desadoravam mudar de continente e acompanhar os seus amigos francezes ás terras civilizadas da Europa. Depois do filho do cacique Arosca confiado ao capitão de Gonneville na sua hoje authenticada viagem mencionam-se septe que vieram em 1509, e particularmente aquelles de que se occupou Ferdinand Denis: os cincoenta tupinambás que em 1550 deram em Ruão, perante Henrique II e sua esposa Catharina de Medicis,

¹ P. Margry, Cap.— *La Navigation du Capitaine de Gonneville et les pretentions des Nor-mands á la découverte des terres australes sous Louis XII, na obra — Les Navigations Fran-çaises du XVI^e siècle.* Paris, 1867.

² Relação do *gran capitano del mare francese*, Jean Parmentier, na Collecção de Ramusio citada em Gaffarel, *Histoire du Brésil Français*, pag. 63.

³ Caffarel, *Histoire de la Découverte de l'Amérique*, vol. II, cap. X.

uma representação dos seus combates e das suas danças. A esta festa pomposa, de cuja feição original relações, uma impressa e outra manuscripta, esculpturas em madeira de um palacio e baixos relevos em cantaria de uma egreja de Dieppe conservaram viva a lembrança, e para a qual foi convidado e assistio o embaixador portuguez em Pariz, não faltou o simulacro de um combate naval terminado pelo incendio da embarcação portugueza, como hoje nos Estados Unidos qualquer representação theatral ou pyrotechnica desse genero inevitavelmente acaba com a destruição da armada de Cervera ou de Montojo.

As disputas franco-portuguezas por motivo da invasão dos direitos lusitanos pelos corsarios normandos vieram a tornar-se naturalmente costumeiras, levando o embaixador de Veneza em Pariz, Marino Cavalli, a escrever á Senhoria que uma guerra surda existia entre os dous paizes¹. As hostilidades no Brasil entre Francezes e Portuguezes não provinham no entanto de qualquer desintelligencia tradicional entre as duas nações. Os maritimos hespanhoes e portuguezes entretinham até muitas relações com a Normandia. Por seu lado Francezes vinham estabelecer-se e negociar em Portugal, e nos seculos XV e XVI privilegios de commercio foram dados e renovados ás duas nações ibericas para traficarem em Harfleur². Muito menos sympathia havia entre Portuguezes e Hespanhoes e comtudo não se guerreavam, porque a dirigir suas navegações existia a auctoridade, a sombra que fosse, de uma bulla papal e sobretudo do instrumento diplomatico de Tordesillas. A arena estava franca ás dilacões e tergiversações profissionaes, e entrementes descançavam as armas. Os Francezes andavam porém pela força das circumstancias justificando de antemão o adagio que qualifica de *roupa de francezes* aquillo sobre que todos se arrogam direitos.

Rivalidades e hostilidades

Francisco extranhára muito, como é notorio, a partilha feita por Alexandre VI sem consideração alguma pelos seus subditos, os armadores normandos, bretões e gascões, e, na expressão do chronista Herrera, respondera ás queixas de Portugal e da Hespanha — formuladas as primeiras em 1516 pelo embaixador Jacome Monteiro — « que el entendia seguir sus conquistas y navegaciones que de derecho le competian como á los otros principes de la Christiandad. . . » Mais tarde, em 1532, quando a gente de Pero Lopes de Sousa deu cabo da feitoria franceza de Pernambuco e apresou o navio francez *La Pelérine*, o barão de Saint

¹ F. Denis, *Une Fête Brésilienne célébrée à Rouen en 1550*. Paris, 1851.

² P. Margry, *ob. cit.*, pag. 123.

Blancard, general das galeras, questionaria mais afoitamente o direito portuguez áquellas *ilhas*, « imo gentes eas incolentes plurimos habent regulos quibus more tamen et ritu silvestre reguntur ». E n'um rompante em latim da decadencia, o qual seria liberialissimo si não fosse muito egoista, o irado argumentador proseguiria affirmando que é de todos o Oceano e devem estar abertas á colonização e commercio de todas as nações as ilhas atlânticas (imo enim mare sit commune, et insulæ prefatæ omnibus apertæ, permissum est nedum Gallis, sed omnibus aliis nationibus eas frequentare et cum accolis, commercium habere ¹).

Os Portuguezes não entendiam as cousas do mesmo modo e desde 1504 havia sido defeza por alvará a confecção de cartas e esferas terrestres com as terras marcadas ao sul de Manicongo e das ilhas de S. Thomé e Príncipe, e bem assim prohibido pelas Ordenações manoelinas o engajamento de pilotos ou marinheiros portuguezes por armadores de outras nacionalidades, dupla interdicção que nunca foi observada. Pouco depois de subir ao throno em 1521 D. João III, avisado por Portuguezes residentes em França de que Verazzano se offerecêra para descobrir no Oriente « outros reynos que os Portuguezes não tinham descobertos » e de que nos portos da Normandia se faziam prestes armadas « para irem povoar o Brasil », outrosim levado pelas continuadas queixas contra os corsarios francezes, resolveu mandar de embaixador a França João da Silveira. Deixo ao chronista Francisco de Andrada a tarefa de relatar no seu estylo claro e conciso a curta historia da primeira phase d'essa missão diplomatica : « A sustancia da sua embaixada era pedir a el Rey que pois antre elles não auia guerra, antes auia paz & amizade antiga, mandasse dar ordem no seu reyno com que cessassem tantos roubos, & tantos danos, quantos os Portuguezes & os Francezes se fazião pollo mar hūs aos outros, que era hũa guerra tacita & particular antre aquelles que no publico & em geral erão amigos, & que tudo o que se achasse nos seus portos que fora tomado aos Portuguezes, lho fizesse restituir, porque elle tambem se nos portos de Portugal achasse cousa que fosse tomada aos Francezes lha fazia restituir logo. E a todos os que viessem requerer nisso sua justiça contra os seus vassallos, lha faria muyto inteira & com muyta breuidade. Ea pos isto lhe pedisse tambem que defendesse aos seus vassallos armarem contra os lugares da conquista de Portugal, para os quaes nem aos proprios Portuguezes naturaes e vassallos seus, era licito naue-

Embaixadas de João da Silveira a França e de Honorato de Cais a Portugal.

¹ D' Avezac, *Considérations géographiques sur l'Histoire du Brésil*. Paris, 1857, nota V, pag. 164 (documento publicado por Varnhagen).

garem nem tratarem nelles. Chegado João dasilueyra ha corte de França foy nella bem recebido, porem nas cousas que propos dos negocios que leuaua a cargo, lhe respondeo por então el Rey indeterminadamente, & com rezões mais de apparencia que de resolução, que parecião dadas, não tanto para effectuar os negocios de que se lhe trataua, como para os dilatar, & antreter-lhe o tempo ».

A attitude dubia de Francisco I não era inexplicavel: variava de accordo com as noticias que recebia do resultado da missão que por seu lado confiára a Honorato de Cais, (ou de Cazes, conforme opina o visconde de Santarem), gentilhomem saboiano, o qual em tempo de D. Manoel já viera a Portugal tratar do casamento da filha do rei de França, a princeza Carlota, com o principe herdeiro D. João. De novo trazia o embaixador mandado de occupar-se d'esse casamento e de reafirmar as pazes e amizades com el-rei de Portugal. Esta segunda parte das suas instrucções poude elle cumprir sem difficuldade, mas o casamento era assumpto mais delicado e importante. Exigiram-lhe em Lisboa poderes mais largos que aquelles de que o haviam investido. Foi-se de Cais a França e trouxe inteiros poderes. O rei porém continuou entretendo-o ou illudindo-o sob pretexto de que o fallecido D. Manoel lhe deixára ordem de primeiro occupar-se do casamento da princeza D. Isabel sua ermã. Entretanto morria em França a princeza Carlota e gorava o principal objectivo da embaixada de Francisco I.

João da Silveira julgou um momento chegar ao termo e o mais afortunadamente possivel sua missão. No dizer de Francisco de Andrada, o Valois mandou sobreestar o apresto dos navios que se armavam para a India e restituir toda a fazenda indevidamente tomada a Portuguezes, promettendo tambem atalhar de futuro a obra dos corsarios. Estava D. João III no poncto de dar por finda a embaixada e fazer recolher o embaixador, substituindo-o em Pariz pelo licenciado Pero Gomez Teixeira — o qual, ajudado pelo sabio Diogo de Gouvêa, reitor de Sancta Barbara d'aquella cidade, regularia certos assumptos pendentés da sua fazenda e assistiria nas demandas intentadas por Portuguezes — quando por aviso de Jacome Monteiro, que lá andava na faina das restituções, se soube em Lisboa estar tudo alterado. Mandára o rei de França fazer geral sequestro e embargo em toda a fazenda portugueza, real e particular, e nos navios d'esta nacionalidade que se achassem em portos francezes. Ao mesmo tempo, tendo sido declarada a guerra entre Francisco I e Carlos V, era uma nau castelhana com precioso carregamento apresada em aguas portuguezas ; porém Pero Botelho, capitão da frota de guarda costa, trouxe á força presa e

apresentes para o porto de Lisboa, onde foi aquella sequestrada e postos estes a bom recato, sentenciando sobre o caso a Casa da Supplicação. O pobre embaixador portuguez não conseguiu afinal durante sua estada na côrte do Valois mais do que embargar a viagem do Florentino Verazzano e de alguns poucos navios de corsarios¹.

Medidas retaliatórias tomadas por Portugal.

Tinham-se entretanto por tal forma multiplicado as viagens francezas ao Brasil, ás quaes se referem os mais antigos documentos coevos testemunhando sua frequencia, que em 1526 Portugal, que como disse, não só envidára infructuosamente esforços diplomaticos para impedir essas navegações ao Brasil como até transigira e negociára com João Ango e um outro notavel corsario², decidiu instituir uma esquadilha de guarda costa para a sua possessão com ordem de não poupar os estrangeiros³. D'ella Christovam Jaques recebeu o commando, fundando por essa occasião não a primeira feitoria de Pernambuco, que já estaria creada, mas como insiste Varnhagen, a feitoria de Itamaracá. Era sem duvida por semelhante motivo que em 1527 escrevia a D. João III o embaixador João da Silveira: « Não estão caa nada bem com se querer defender o Brasil; e, rrepredendo o, não sem paixão, me dise o almyrante que caravellas portuguezas quiserão laa meter no fundo húa naao franceza, a qual tomaara tres ou quatro dos portuguezes e que estavam. . . presas e em deryto⁴ ».

Comtudo a casa dos Valois, empenhada com todas as forças na ambição da preponderancia continental e que seria a breve trecho empolgada pela tremenda tormenta religiosa que tanto assolou a França no seculo XVI, não evidenciava para com a expansão ultramarina mais do que um interesse mediocre, e apesar de protestar alto e bom som em favor dos seus direitos, parece que receava mesmo ir muito francamente de encontro ás pretensões hespanholas e portuguezas. A iniciativa particular chegava a soffrer os vexames de tal constrangimento. Parmentier escrevia em 1529 que « si o rei Francisco I quizesse largar por pouco que fosse a redea aos negociantes francezes, em menos de quatro ou cinco annos estes lhe teriam conquistado a amizade e assegurado a obediencia dos povos d'essas novas terras, sem outras armas além da persuasão e das boas maneiras⁵ ». Como vimos porém, ao

¹ F. d'Andrada, *Cronica do Muyto Alto e Muyto Poderoso Rey Dom João o III d'este nome*, Anno 1613, cap. XIII, primeira parte.

² Varnhagen, *Hist. Ger.*, 2ª ed., tomo I, pag. 104.

³ D'Avezac, *Considérations*, etc., pag. 23.

⁴ *Alguns Documentos*, etc., pag. 490.

⁵ Collecção de Ramusio.

contrario do que desejava Parmentier e pelas instancias do embaixador João da Silveira, o rei Francisco I impedira de partir uma expedição commandada pelo florentino Verazzano e destinada a fundar um estabelecimento permanente no Brasil. Todavia, até depois da obra de destruição de Christovam Jaques e mau grado o edicto de D. João III de Portugal ordenando aos seus subditos, sob pena capital, de pôrem a pique os navios francezes de caminho para o Brasil ou de volta d'esta região, similhantes embarcações, normandas especialmente, persistiram em frequentar aquelles mares, dando caça ás embarcações portuguezas, travando guerra de corsarios, rompendo o exclusivismo lusitano.

Quando Christovam Jaques foi mandado regressar em 1528 da sua estação naval nas costas brasileiras, onde o substituiu Antonio Ribeiro, trouxe comsigo nada menos de 300 prisioneiros feitos n'um combate com navios francezes, dois normandos e um bretão, que carregavam de pau brasil. As devastações portuguezas, de que era remate esta façanha, não podiam deixar de causar grande excitação entre os maritimos francezes, e os interessados nos navios apresados ou destruidos requereram de Francisco I cartas de marca para se indemnizarem de seus prejuizos, orçados em 60,000 cruzados. Para cuidar d'estas indemnisações mandou o rei de França a Portugal o rei d'armas Helice Alesge de Angoulême, o qual chegou a Lisboa em Janeiro de 1529 e em dois mezes nada logrou obter. O seu regresso levou Francisco I a assignar uma carta patente de corso contra Portugal em favor de João Anjo, offerecendo depois cassal-a a troco de um emprestimo de 300,000 cruzados, pelo que foi despachado para Lisboa o mestre Pedro de la Garde.

Novas missões diplomáticas.

« Respondeu o monarcha portuguez (com muitas desculpas e incumbindo de encarecel-as em França o seu embaixador João da Silveira) que por obsequial-o lhe emprestaria 100,000 cruzados em dinheiro; e que o mais, que passava e muito de 300,000 cruzados, lhe cedia tambem de emprestimo, si elle quizesse fazer justiça, obrigando muitos dos seus vassallos a restituir as tomadas illegitimamente feitas. João da Silveira era auctorizado, inclusivamente, a agenciar estes negocios concedendo aos individuos que assentasse *algum procc.to secreto*. A este mesmo intento foram de embaixada os desembargadores Lourenço Garcez e Gaspar Vaz ¹ ».

Com effeito sabemos que os corsarios francezes não tinham aguardado a solução das negociações diplomaticas para vingarem-se

Recrudescença de hostilidades.

¹ Varnhagen, *Hist. Ger.*, 2^a ed., tomo I, pag. 112.

por suas próprias mãos. Numa carta de 16 de Janeiro de 1530, publicada por Navarrete, dizia D. João III a João da Silveira que haviam os Portuguezes perdido em mãos dos corsarios francezes 300 embarcações e soffrido um prejuizo de mais de 500,000 cruzados¹; as negociações no emtanto proseguiam sempre não obstante o echo desses longinquos combates e reciprocas crueldades. Uma commissão mixta fôra nomeada pelas duas corôas para regular as indemnizações mutuamente reclamadas e Francisco I mostrava apreciar o procedimento de D. João III, acquiescendo em mandar-lhe os 100,000 cruzados, porquanto ordenava em 1531 ao almirante de França de deter os navios francezes de volta do Brasil e da Guiné, sob color de que o commercio destas regiões pertencia exclusivamente aos Portuguezes. Nos archivos municipaes de Ruão ainda se conservam os processos verbaes de arresto de alguns navios em taes condições².

Na sua relação á Senhoria de Veneza escrevia um pouco mais tarde, em 1535, o embaixador Marino Giustiniano que as negociações sobre franquias mercantis no Brasil arrastavam-se entre o embaixador portuguez e o almirante francez, plenipotenciario nomeado para a discussão. Francisco I não mostrava vivo interesse pelo negocio, porém o que mais o retardava eram os ricos presentes que o almirante recebia do diplomata. O processo de 1541 estabeleceu a verdade destas accusações, evidenciando que o almirante Chabot recebêra dinheiros, dos quaes parte para arranjar um ajuste com Anjo, e uma tapeçaria no valor de 10,000 escudos. Em 1531 estivera alguns mezes em França como embaixador extraordinario o vedor da fazenda D. Antonio de Attaide, depois conde da Castanheira, cuja missão foi, pode dizer-se, coroada de exito, alcançando do monarcha francez pelo menos apparente satisfação, celebrando as já mencionadas capitulações com João Anjo, e predispondo as cousas para a futura obra das commissões mixtas, que, segundo diz Varnhagen, se reinstallaram no anno de 1537 em Irun e Fuentarrabia « para attenderem ás reclamações de prezas e tomadias, dos queixosos d'uma e outra parte ».

Prezas maritimas.

Entrementes tinham-se dado no Brasil occurrencias importantes. Por causa exactamente das repetidas incursões francezas decidira-se na côrte portugueza, no cumprimento de uma idéa pela qual já Christovam Jaques se empenhára, tomar posse mais effectiva das terras de Sancta Cruz antes de reparti-las por donatarios que,

¹ Ternaux-Compans, *Nctice historique sur la Guyane Française*, 1843, pag. 10.

² Gaffarel, *Le Brésil Français*, pag. 98.

mediante seu esforço individual, fundassem ao longo da costa nucleos de colonização, cuja resistencia decuplicaria a offerecida aos Francezes pelas naus d'el-rei. No desempenho de tal commissão partiu a expedição de Martim Affonso de Sousa (1530-32), que nos dois annos em que navegou pelo littoral tomou varios navios de corsarios. Tambem o navio *La Pélérine*, de Marselha, armado pelo barão de Saint Blancard, quando regressava ricamente carregado de Pernambuco, onde estabelecera uma feitoria franceza, foi apresado no Mediterraneo por uma esquadilha portugueza e transportado para o porto de Lisboa, sendo encarcerada a tripolação e confiscadas as mercadorias. A feitoria de Pernambuco via-se entretanto arrazada por Pero Lopes, ermão de Martim Affonso de Sousa, e levados para Portugal os prisioneiros de guerra que não foram justicados no local da lucta.

Os protestos de Saint Blancard e as circumstancias notaveis dos dois casos conduziram á creação da commissão franco-portugueza para regular a questão das prezas maritimas, sendo a França representada por João de Calvimont, presidente, e Bertrand de Moncamp, conselheiro do parlamento de Bordéus, e Portugal por Gonçalo Pinheiro, bispo de Sanctiago (Cabo Verde) e licenciado Affonso Fernandes. O resultado das suas deliberações não está averiguado. Parece que os prisioneiros francezes foram finalmente postos em liberdade, dizem os da sua nacionalidade que depois de muitas crueldades e sem se lhes restituirem as mercadorias confiscadas, cujo valor total subia a mais de 1,700,000 ducados.

Comtudo em 1537 e de novo em 1538 o rei de França prohibia de novo sob penas severas todo comércio ultramarino¹. A posição do Valois era cada vez mais precaria nas guerras tradicionaes com o Imperador e sua principal politica, á qual ficavam subordinadas as considerações commerciaes, consistia em não suscitar outros inimigos e sobretudo em não fomentar uma alliança das duas corôas ibericas, que poderia vir a ser-lhe ruinosa. As solicitações de João Ango (visconde de Dieppe) e de outros armadores e mercadores alcançaram porém a revogação da ordenança, e seus auctores defenderam mesmo a liberdade dos mares por occasião da nova embaixada portugueza, mandada em 1541 a renovar as queixas do reino. De facto a ordenança franceza de Fevereiro de 1543 confirma esta liberdade, e mercê d'ella, applicada mesmo quando não definida theoreticamente, proseguiram com frequencia e até com regularidade as viagens francezas ao Brasil e os escambos com as tribus selvagens em certos portos

Variações da politica ultramarina da França.

¹ Gaffarel, *Le Brésil Français*, pags. 102 e 103.

do seu littoral: a similitudes factos referem-se como cousa corrente e costumeira os escriptores do tempo. Portugal não cessou todavia de reclamar. Segundo a informação do *Quadro Elementar* do visconde de Santarem, sendo em 1544 embaixador em França o bispo de Tanger, foi a 2 de Agosto do mesmo anno Pedro Alvares Cabral mandado a Pariz afim de declarar ao rei de França que, caso não fossem revogadas as cartas de marca novamente dadas a João Ango, teria de retirar-se da côrte e aguardar ordens d'el-rei de Portugal, por outras palavras, de chegar a um rompimento diplomatico ¹. Mui proximo estava o dia em que se tentaria um esforço mais directo e mais poderoso para fundar a França Antartica, como ao Brasil chrismou o carmelita André Thevet. Era quasi impossivel então prever que os Francezes desistiriam afinal do seu intento, desertando por completo nossas costas nos começos do seculo XVII, convergindo sua actividade colonizadora para o Canadá e a Luisiana, synthetizando em La Salle o seu genio temerario, enquanto permanecia portuguez o Brasil descoberto por Pedro Alvares Cabral e subtrahido ao imperialismo castelhano, na menor parte pela dadiva cega de uma linha ideal de demarcação e na maior pelas argucias que de todo tempo foram o cabedal da diplomacia.

* * *

Character das relações diplomaticas franco-portuguezas.

O mais interessante dessa prolongada serie de episodios diplomaticos em que foram actores Portugal e a França, resalta do facto de terem-se as duas nações conservado em paz apesar de tudo, sendo não só ininterruptas como até por vezes affectuosas as relações entre Francisco I e D. João III. Escreve o visconde de Santarem ², que ao seu profundo conhecimento da historia diplomatica portugueza junctava o mais intransigente amor patrio, que a politica de neutralidade observada por D. Manoel e pelo successor nas continuadas guerras entre o rei de França e o Imperador foi uma obra prima de habilidade. Não obstante acharem-se ligados a Carlos V pelos mais estreitos laços de amizade e de parentesco, os dois monarchas portuguezes, uma vez passada a phase da fusão iberica em que era favorecido o sceptro

¹ Sanctos Firmo, *Noticia sobre a vida de Pedro Alvares Cabral*, Lisboa, 1875, pag. 24 e 25. Apesar da egualdade do nome, duvido que diplomata e navegador fossem uma só pessoa, porque mesmo vivo ainda em 1544, Pedro Alvares Cabral deveria estar numa idade avançada para emprender uma viagem e sobretudo uma missão tão penosa. Essa duvida converte-se numa quasi certeza contraria á idea do sr. Sanctos Firmo deante do facto de encontrar-se o nome do embaixador indifferentemente escripto — Pedro Alvares Cabral ou Fernando Alvares Cabral — na colleção diplomatica do visconde de Santarem.

² *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tomo III.

lusitano, do que mais tinham a arrecear-se era da extensão cada dia maior do poderio da Casa d'Austria, e nada com effeito mais ardentemente desejavam no intimo do que o engrandecimento europeu da monarchia dos Valois. Por seu lado via com razão Francisco I no fortalecimento de Portugal uma barreira ou contra-pezo á expansão hespanhola.

Não impedia por certo este reciproco estado da alma que, como sabemos acontecia, se hostilisassem sobre as aguas do oceano os navegadores e corsarios dos dois paizes. A lucta pela vida tem exigencias indeclinaveis; e si era perfeitamente natural que Portugal procurasse defender o que alcançara pelo proprio heroico esforço, por virtude da suprema auctoridade pontificia e pela boa ou má fé das convenções, era igualmente explicavel que os proveitos das presas sorrissem a quem, como Francisco I, andava sempre necessitado de dinheiro, empenhado em longas e ruinosas guerras. De prompto e talvez em consciencia, reconhecia elle a validade das reclamações portuguezas, e, impellindo-o demais o maior interesse, podia expedir ordens para que cessassem as expedições clandestinamente e mesmo abertamente armadas; mas depois das presas distribuidas e vendidas, tornava-se extremamente difficil provocar a restituição d'ellas, tanto mais quanto os Francezes allegavam com impudencia serem as fazendas capturadas de Hespanhoes e Flamengos¹. Possuindo então Portugal uma importantissima feitoria em Antuerpia, para onde iam todas as cargas trazidas das conquistas e cujo movimento mercantil pretendiam os Francezes cercar mediante o estabelecimento de outra feitoria portugueza no seu paiz, fazia-se difficil destruir com provas semelhantes capciosas allegações. As capturas de navios portuguezes pelos corsarios francezes não occorriam só nos mares americanos e africanos: tambem davam-se em grande escala nos europeus, o que explica aquelle elevado numero de presas — 300 — lembrado por Ternaux-Compans. Vimos que no que mais se occupava a diplomacia portugueza de então era em obter restituições e indemnisações dos armadores francezes, e a apontada successão de agentes do governo de Lisboa na côrte dos Valois prova de sobejo a constante actividade a que os compellia a petulancia maritima dos Francezes.

Carecemos tambem não perder de vista, afóra a evidente má fé com que em muitos casos eram tractados semelhantes incidentes diplomaticos, que a França estava então muito longe de ser uma nação politicamente compacta: nella imperando pelo contrario a

¹ Veja-se o sensato parecer dado a el-rei D. João III por Jacome Monteiro a 10 de Março de 1527 (*Quadro elementar*, tomo III.)

maior desunião, e fomentando a questão religiosa a desagregação da argamassa moral que Luiz XI já preparára, mas que Richelieu ainda teria de solidificar. A falta de recursos do governo era enorme, mas não lhe era inferior a falta de auctoridade, possuindo o rei fracos meios de fazer prevalecer suas ordens em provincias cuja população andava pelejando entre si numa guerra de exterminio, predominando os lutheranos ou reformistas nos portos do Canal, entre outros pontos do territorio francez. A Rochella, porto do Atlantico, foi uma das praças fortes do calvinismo e só em 1627 abateria sua resistencia. E' sufficiente possuir uma noção, mesmo tirada dos romances de Dumas pai, das tremendas guerras religiosas da França no seculo XVI, para fazer-se uma idéa do desprestigio em que caíra a realza dos Valois, mau grado a successão de crimes que assignalou o predominio de Catharina de Medicis.

O Brasil possessão
não contestada de
Portugal.

Os actos de corso e pirataria precisavam aliás esconder-se de baixo dos protestos de cordialidade, porque em principio ninguem podia contestar seriamente a legitimidade da posse das colonias portuguezas, sinão por effeito da decisão papal e do tractado com a Hespanha, pelo menos em face dos factos consummados. Nas instrucções dadas a 6 de Dezembro de 1544 por D. João III a D. Francisco de Lima, quando de viagem para Castella, dizia-se que « a repartição dos mares e terras descobertas pelos Portuguezes e Hespanhoes não fora impugnada pelas demais nações da Europa, as quaes pelo contrario se haviam constantemente abtido desde o tempo do descobrimento de navegar e frequentar os mares, e terras dos dominios de Portugal e da Hespanha¹ . . . ». Não era tanto a base como os eventos que as demais nações acatavam até então; mas si se respeitavam os direitos portuguezes sobre a India, procurando-se apenas desfructar algumas das vantagens do seu commercio — e para Portugal como para toda a concepção exclusivista da epocha posse e commercio significavam a mesma idéa — mais facilmente deviam ser respeitados os direitos sobre o Brasil, terra que D. Manoel considerava apenas conveniente para n'ella refrescarem as armadas que iam para o Oriente.

Si a legitimidade da posse fosse discutivel, como teriam chegado a accôrdo em 1531 os commissarios de França e Portugal reunidos em Bayona e Fuentarrabia para decidirem da justiça das tomadias e restituções, e que junctos redigiram « um tractado de paz e alliança, cujo principal objecto era acabar de todo com as cartas de marca de uma e outra parte e cujos preliminares foram

¹ *Quadro elementar*, tomo III.

assignados em Fontainebleau a 4 de Agosto ¹ »? Este tractado ficaria letra morta, como ficaram negociações anteriores e posteriores, perante a grande tentação das presas, só efficazmente reprimida pela exhibição de força maritima como a que assignalou as citadas expedições de Christovam Jaques em 1526 e de Martim Affonso em 1530, determinando porém pelas suas consequencias novas represalias francezas. Assumiam estas a feição indicada das cartas de marca doadas pelo soberano, especie de guerra privada revestindo character não só maritimo como terrestre, á qual se tinha recurso sempre que os aggravos d'um Estado contra o outro não eram de natureza a fazer estalar a guerra publica ².

1530, o anno da expedição de Martim Affonso, foi tambem a data da concessão da carta de marca do grande armador João Ango, e o anno immediato o da missão a França de D. Antonio de Athayde (conde da Castanheira) com o fim de obter a revogação ou compra d'aquella carta, que apparecêra como um reconhecimento — o primeiro — pelo rei de França dos actos de pirataria dos seus subditos, a que se dava assim cunho official. O fallecido bibliophilo portuguez, Sñr. Fernando Palha, em um curioso opusculo tratou em particular d'essa missão diplomatica que, na sua estudada contemporização, revela-nos o gráo de fraqueza militar a que tinha conscientemente descido o governo portuguez no tempo de D. João III. Nas instrucções levadas pelo vedor da fazenda eram cautelosamente previstas varias hypotheses para a solução das negociações, porém puzêra-se evidentemente o maior cuidado em evitar referencias á solução extrema da guerra, cuja declaração poderia acarretar prejuizos ainda mais serios para o commercio maritimo do reino, expondo as colonias a insultos mais directos e fechando por completo o mercado de Flandres ³.

Já bastava o que até então caíra em poder dos atrevidos corsarios, pois temos verificado que a concepção do direito das gentes não estava n'aquella epocha tão adiantada que a natureza das relações officiaes prescrevesse politicamente a das relações privadas, ou por outras palavras, era commum a particulares moverem-se guerra quando entre seus respectivos paizes reinava harmonia ou pelo menos paz. As nações já representavam por certo

Feição das cartas
do corso.

Francezes e Hes-
panhoca.

¹ Varnhagen, *As primeiras negociações*, etc.

² Henry Wheaton, *Histoire du progrès du Droit des Gens en Europe et en Amérique*.

³ As cartas do monarcha para o seu embaixador acham-se reproduzidas na integra no alludido opusculo — *A carta de marca de João Ango*, Lisboa, 1882. As negociações levadas a cabo por D. Antonio de Athayde envolveram, como se sabe, o suborno do almirante de França Felipe de Chabot, e a compra por seu intermedio e custo de dez mil cruzados da carta de marca de João Ango, em vista da impossibilidade de obter-se por uma determinação do conselho real a revogação d'essa celebre carta de corso.

agglomerações de individuos com origem ou tradições e destinos identicos, mas dando ainda largas ás suas paixões pessoaes, com uma liberdade que tem constituido a honra da civilização moderna o refrear e orientar. No caso da França porém o verdadeiro estado era mais de guerra que de paz, e o governo portuguez estava de espirito e até de facto com aquelles dos seus subditos que rebia iam violentamente as usurpações francezas. Quando D. Antonio de Athayde, uma vez concluida sua missão especial, retirou-se para Lisboa, ficou na côrte de França o Dr. Gaspar Vaz para vigiar a partida dos corsarios e dar rebate nas duas côrtes. Tão fraca era todavia a confiança nos documentos diplomaticos que o Dr. Vaz, ao ter de dar logo noticia da partida de septe navios francezes para a Guiné, apontava como unico remedio effectivo á hypocrisia official metter no fundo esses e os que de futuro seguissem a mesma derrota.

As cousas corriam diversamente com os Hespanhoes, porque mais ou menos mantinham-se dentro da sua esphera de acção, não carecendo de exercer o officio de ladrões do mar, visto como nas suas proprias possessões encontravam as cargas que os outros tinham de cobiçar. Varnhagen aponta judiciosamente que no regimento de Martim Affonso de Sousa se recommendava toda a amizade com os Castelhanos, e isso apesar de ser « um dos intuitos ostensivos da armada a occupação, e porventura a colonização de algum poncto mais conveniente no Rio da Prata », contra o energico protesto, contudo, da corôa hespanhola. A contenda que teria de dar motivo a tantas passagens dramaticas e que se tornaria a mais persistente da historia brasileira, teve assim o seu inicio no proprio facto do descobrimento que Portugal invocava como firmando o seu direito á posse, que aliás não pretendia privativa d'elle, sendo, na phrase do enviado portuguez Mendes de Vasconcellos, o Rio da Prata muito grande para poder Martim Affonso estabelecer-se n'elle em quaesquer outros ponctos, diversos dos occupados pelos Castelhanos¹.

Com Francezes ou com Hespanhoes — e esta observação é a consequencia d'este estudo — as negociações diplomaticas já coincidião porém, e mesmo alternavam, com as disputas armadas, e tal substituição parcial da força bruta pela discussão intelligente dos titulos e direitos mostra bastante o advento de uma nova epocha de cultura, uma era em que Grotius poderia não só defender a sua theoria do *mare liberum* contra as pretenções exaggeradas que ambicionavam fechar os oceanos ao genio maritimo

¹ Varnhagen, *As primeiras negociações*, etc.

de outras raças, como proclamar as leis da justiça internacional que mesmo em tempo de guerra devem predominar, leis no seu dizer naturaes e eternas, ás quaes as nações civilizadas entraram voluntariamente a adherir, reconhecendo-as e acatando-as, mas que ainda estão por prevalecer na sua plenitude. Os descobrimentos, logicamente ampliando taes questões e dotando-as com elementos novos, obrigando portanto a sua solução a activar-se pela urgencia na proposição, tornaram-se em boa parte merecedores por tão levantados resultados moraes, e é tão somente justo que, rememorando o seu, emprehendesse o nosso paiz festeja-lo com todo o entusiasmo de que é susceptivel a alma nacional.



II

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

INTUITOS DA VIAGEM DE PEDRO ALVARES CABRAL

MEMORIA

PELO

DR. MOREIRA D'AZEVEDO

(PREMIADA)



O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

INTUITOS DA VIAGEM DE PEDRO ALVARES CABRAL

O centenario do descobrimento do Brasil é a commemoração de um centenario nacional. Festejando este grande acontecimento, prestamos consagração historica á vida da patria durante quatrocentos annos. E' uma festa patriotica, um culto ao sentimento civico da nação e ás tradições nacionaes. Mostra ter perdido a consciencia de sua nacionalidade o povo que não lembra as suas datas historicas, não preza o seu passado e não rende homenagem a seus feitos e a seus heróes. A nação que olvida os acontecimentos celebres de sua existencia perdeu o sentimento da dignidade historica.

Relatando a viagem de Pedro Alvares Cabral, que em 1500 deu a Portugal uma nova terra, e aos Brasileiros uma patria, commemoramos a vida do Brasil durante quatro seculos.

Para affirmar a sua existencia neste largo periodo não tem o Brasil de exhibir sómente o algarismo de seus annos, mas o seu progresso no commercio, na industria, na agricultura, nas artes, nas lettras e nas sciencias.

Sepultar no exquecimento e no silencio esta data celebre, seria exquecer tambem a vida intellectual e moral da nação.

Não basta um povo viver e engrandecer-se, manifestar coragem, ostentar riqueza, alimentar crenças, cultivar sciencias: deve possuir tambem a religião do patriotismo.

Não é apenas uma cerimonia commemorativa a éra que a patria hoje rememora; é a consagração do seu nascimento e de sua vida.

Festejando este facto historico, prova o Brasil o seu progresso, cultura e civilização no periodo de quatrocentos annos.

E é a primeira vez que vem encontrar os Brasileiros como povo livre e independente, o anniversario da primeira data da sua historia, a era de 1500, a sacrosancta legenda de sua existencia.

Incorporou-se o Brasil nessa data ao mappa das nações, á historia da civilização geral.

Assignala este anniversario a aurora da existencia do nosso paiz, os primeiros hymnos das nossas crenças e o nosso adeantamento civico. E' um jubileo nacional, é o marco que lançamos no mappa, onde vivem os povos civilizados.

Gravando nestas paginas a noticia do descobrimento do Brasil ligámos a este facto os traços da vida de Pedro Alvares Cabral, prestando homenagem ao destemido navegador, que com energia nunca desmentida, afrontou os mysterios do oceano desconhecido e conseguiu immortalizar a sua expedição, realizando um descobrimento grandioso. Com valor e denodo sulcou os mares em longinquas paragens, trazendo ao universo uma região nova.

Repetindo o nome do nauta, portuguez, que personifica o primeiro facto da historia patria, escrevendo a data de 1500, porta da nossa historia, desejamos despertar o patriotismo popular, avivando-lhe o seu passado, que se prende ao seu presente e ao seu futuro.

Pedro Alvares Cabral, que pode ser indicado como o primeiro homem da nossa raça, que pisou terras do Brasil, o primeiro que aqui ergueu o labaro do christianismo, e mandou celebrar a primeira missa, ou o primeiro hymno de paz e amor, que ouviu a terra de Sancta Cruz, era filho de Fernão Cabral e de D. Isabel de Gouvêa.

Era seu pai senhor de Azurara, alcaide-mór de Belmonte, e nobre da provincia da Beira. Era sua mãe filha de João de Gouvea, senhor de Almendra.

Seu avô Fernão Alvares Cabral exercêra o cargo de guarda-mór do infante D. Henrique, filho de D. João I.

Aponta um historiador a cidade de Santarem como o logar do nascimento de Pedro Alvares Cabral.

Casado com D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Noronha, ermão do mordomo-mór D. Pedro de Noronha, houve della os seguintes filhos: Fernão Alvares Cabral e Antonio Cabral, que não deixaram descendentes, D. Constança de Noronha, que esposou Nuno Furtado, commendador de Cardija, e D. Guiomar de Castro, freira dominicana no convento da Rosa em Lisboa.

Ignora-se o dia e anno do nascimento de Pedro Alvares Cabral; mas tendo sido designado para a expedição á India por D. João 2º, e havendo fallecido este rei em 1495, é de crer que contasse então mais de 25 annos; assim parece que se pode collocar o anno do seu nascimento entre as epochas de 1467 a 1470 no reinado de Affonso 5º.

Intensa alegria causára em Portugal a volta de Vasco da Gama, pelo fornecimento das mercadorias da India, vendo-se aberto o caminho maritimo para esse paiz de maravilhas.

Desejando firmar o predominio portuguez na India, celebrar tractados, conseguir allianças e transportar riquezas, incumbio o rei de Portugal D. Manoel essa honrosa tarefa a Pedro Alvares Cabral, homem de familia illustre, mas não celebrizado por feitos alguns anteriores.

Dizem os chronistas que, possuindo elle o cunho que caracteriza os homens emprehededores, coube-lhe o commando dessa armada, uma das mais importantes partidas do Tejo.

Para amedrontar os regulos do Oriente, reprimir a ousadia daquelles que quizessem trilhar o caminho que as naves portuguezas haviam ensinado ao mundo, resolveu o rei de Portugal ostentar a sua força, equipando uma poderosa armada.

Cercou de todo o esplendor e pomposas ceremonias a partida dessa expedição composta de treze naus entre caravellas e navios redondos ou pequenos. Iam 1.200 homens entre marinheiros e soldados.

Destes navios sabem-se de modo certo apenas os nomes de trez: *Annunciada*, *S. Pedro* e *El-Rei*.

No governo de cada um dos navios ia um marinheiro practico em viagens de longo curso; entre elles, distinguia-se Bartholomeu Dias, famoso descobridor do cabo da Boa Esperança.

Além dos capellães, sanctificavam a expedição oito frades franciscanos. Eram os seguintes: frei Gaspar, frei Francisco da Cruz, frei Simão de Guimarães e frei Luiz do Salvador, prégadores e excellentes lettrados, frei Maffeo, sacerdote organista e musico, frei Pedro Neto, chorista de ordem sacra, e frei João da Victoria, frade leigo. O superior a todos, quer no merecimento, quer na auctoridade, era frei Henrique de Coimbra, homem notavel pelo seu talento e conducta.

Iam estes frades para a primeira missão na India.

No domingo, 8 de Março de 1500, reunindo em Restello, na ermida de Belem, onde mais tarde se ergueu o mosteiro dos Jeronymos, os nobres, os fidalgos e tudo que tornava a sua côrte esplendida e pomposa, mandou D. Manoel celebrar missa em

favor dos que iam abrir as velas dos navios para percorrer mares tormentosos.

Para a sua tribuna chamou o rei a Pedro Alvares Cabral, desejando prestar esta distincção ao nauta insigne que ia completar a obra de Vasco da Gama.

Acabada a missa, subiu ao pulpito D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, castelhano de nascimento, e dissertou sobre os serviços que a Deus e ao rei iam prestar os capitães dessa expedição. Exaltou os feitos dos seus antepassados e teceu encomios a Cabral por ter lançado sobre os hombros tão pezado encargo. Despertou a sua eloquencia o patriotismo nos animos dos representantes da alta nobreza, que atopetava a ermida levantada pelo infante D. Henrique.

Descendo do pulpito o prelado, e lançada a benção no chapéo que o papa enviara a Cabral, collocou-o o rei na cabeça deste, e entregou-lhe o estandarte real da ordem de Christo, que, desfraldado estivera pendente do altar.

Entrou o prestito em marcha. As cruzes alçadas, as reliquias e as bandeiras davam á cerimonia um character religioso e popular. Ouviam-se aclamações, lamentos e benções que o povo lançava sobre os capitães e á maruja que iam afrontar os tenebrosos mares.

De povo regurgitava a cidade, e mostrava-se o Tejo alastrado de pequenas embarcações, que conduziam uns para as naus, e traziam outros, dando vida a esta scena, que satisfazia o espirito aventureiro dos Lusitanos dessa epocha.

Chegados ás margens do Tejo, despedio-se o rei, pedindo a benção de Deus sobre as nautas, que ao som de uma salva real se dirigiram para as naves.

Soprando no dia seguinte, 9 de Março, ventos favoraveis, zarpou do porto a expedição.

Em 8 de Julho de 1497 presenciara o povo de Lisboa equal cerimonia, assistindo ao desfillar do prestito de Vasco da Gama e seus companheiros, que depois de implorar a protecção divina, na ermida de Belem, tomaram os navios que haviam de indicar aos vindouros o caminho maritimo das Indias.

E se nessa epocha sentia-se o Tejo garboso e suberbo sustentando as naus que em suas velas ostentariam a gloria de haver aberto no mar o caminho para a India, tambem em Março de 1500 refulgiam ufanas as aguas desse rio, vendo partir os madeiros guiados por Cabral. Talvez as praias lusitanas presagassem a gloria, que teria a patria de colher dessa jornada!

Navegavam no dia 14 na altura das Canarias e distante della trez a quatro legoas.

Avistavam no dia 22 as ilhas de Cabo Verde passando pela ilha de S. Nicolau.

Notou o capitão da armada no dia seguinte a falta do navio de Vasco Athayde. Empregou diligencias, mas sem resultado para descobri-lo, e assim só doze navios chegaram ao Brasil.

Continuava a derrota, quando na terça-feira 21 de Abril appareceram signaes de terra proxima, como hervas marinhas.

No dia seguinte, oitavario da Paschoa, avistaram-se algumas gaivotas, e á tarde um monte alto, redondo, e outras serras mais baixas, e ao sul a terra chã com denso arvoredo.

Ao monte deu Cabral o nome de monte Paschoal. Era o marco erguido pelas mãos de Deus para indicar a nova terra aos Lusitanos. Estava descoberto o Brasil em 22 de Abril de 1500.

Proseguiram os navios e foram fundear, aproximando-se da costa na distancia de seis legoas.

Navegaram no dia 23 em direcção á terra, zarpando na frente as naves menores, e nas aguas destas as maiores. Lançaram ancoras afastadas meia legoa da costa.

Batidas pelos ventos foram as naus singrando para o norte, em busca de um porto de abrigo e onde pudessem prover-se de lenha e agua. Navegando dez legoas encontraram uma enseada que, pela protecção que offereceu, foi chamada Porto Seguro.

Accompanhando os escriptores do seculo XVI acreditamos ser o Porto Seguro de Cabral a actual bahia de Sancta Cruz.

Ancorados os navios foram os Portuguezes no dia 25 á terra fazer aguada. Ajudaram-lhes os indios selvagens, habitantes do paiz descoberto, pedindo em paga alguma cousa. Trocavam as suas flechas e arcos por carapuças, rosarios ou outra qualquer cousa, que lhes offereciam os europeus.

No domingo da Paschoela, 26 de Abril, desembarcaram Cabral e seus capitães. Mandando levantar em um ilheo, que havia no ancoradouro, uma barraca ou esperavel, como se expressa Caminha, escrivão da armada, e armado dentro della um altar bem corrigido, como escreve o mesmo Caminha, ordenou Cabral que se celebrasse uma missa.

Seguido dos sacerdotes, que vinham na armada, disse frei Henrique a missa, a primeira que ouviram as terras do Brasil. Assistiram o almirante e os capitães da expedição, empunhando o chefe a bandeira real da ordem de Christo, que recebera em Belem. Era de seda branca tendo no centro uma grande cruz escarlata.

E foi este o glorioso pavilhão das grandes navegações e conquistas dos Portuguezes do seculo de Camões e Vasco da Gama.

Terminada a missa, deixou frei Henrique os paramentos, e coberto apenas com a alva, subio a uma cadeira, e fallou sobre o descobrimento da nova terra e deveres que para com ella haviam contrahido os Portuguezes como christãos.

Abençoando o paiz descoberto a religião de Christo, sanctificava tambem a posse do rei de Portugal sobre esse territorio.

No dia 27 cortou-se a arvore, cujo madeiro devia ser transformado em cruz. No dia seguinte saltaram os maritimos em terra para refazer-se de lenha, entrando em contacto com os indigenas como haviam feito em dias anteriores.

Descarregaram no dia 29 a nau de mantimentos para ser enviada a Portugal levando a noticia do descobrimento.

Lavrada a cruz, dirigiu-se o capitão da armada no dia 30 ao logar, onde ella se achava encostada a uma arvore, ajoelhou-se, e beijou o symbolo da fé do velho mundo, que começou a se-lo tambem do novo, como diz José de Vasconcellos.

Desembarcaram Cabral e seus immediatos na sexta-feira 1 de Maio para assistir á celebração da segunda missa.

Constituido o prestito com os sacerdotes e pessoas da sua comitiva foi o almirante buscar a cruz, que conduzida processionalmente foi chantada, isto é, firmada no solo, em logar alto, a certa distancia da praia.

Este marco sagrado, emblema da religião e do estandarte portuguez, assignalou o descobrimento do nauta feliz, e foi o primeiro monumento religioso que abençoou as regiões desertas do Brasil.

Memorando este acontecimento diz o auctor do Caramurú:

Da incognita nação que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida
Erguendo-lhe o troféo do auctor da vida.

Plantado o labaro sagrado com as armas de Portugal e juncto delle um altar, disse a missa frei Henrique acolytado por outros sacerdotes.

Findo este acto, despiu o celebrante os paramentos, conservando a alva, e subiu a uma cadeira para prégear o evangelho do dia, isto é, sobre as vidas de S. Philippe e S. Thiago.

Assistiram a estas ceremonias cincoenta ou sessenta indios, imitando os actos e preceitos dos Portuguezes.

Recebeu a terra descoberta o nome de Vera Cruz, mudado depois para Sancta Cruz, como se vê na carta dirigida por D. Manoel aos reis catholicos, datada de Cintra (Symtra) em 9 de Julho de 1501.

Todavia não tardou o paiz a ser conhecido com o nome de Brasil, que conserva, em consequencia da rica madeira desse nome empregada desde logo no commercio.

Em 1 de Maio de 1500 escreveu Pero Vaz de Caminha uma longa carta a seu rei narrando o descobrimento da terra de Vera Cruz, e todos os acontecimentos, que presenciara.

Dessa carta, guardada na real Torre do Tombo de Lisboa, extrahiu copia authentica o official maior dessa repartição João Pedro da Costa Basto em fins de 1876. Esta copia tirada do original authographo existe na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Nesse documento, o primeiro da nossa historia, relata Caminha dia por dia o descobrimento do Brasil.

Mais de trez seculos dormiu no archivo portuguez essa carta, auto do nosso nascimento.

Veio á luz pela primeira vez em 1817 na Corographia Brasilica do padre Ayres Casal, ainda que truncada.

Em 1826 a Academia Real das Sciencias de Lisboa incluiu-a no tomo IV de sua collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.

Veio impressa em 1830 no Patriota Brasileiro periodico mensal publicado em Paris.

Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva transcreveu-a em 1835 em suas Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia.

Inseriu-a o dr. Mello Moraes no tomo I de sua Corographia Historica do Imperio do Brasil em 1858, e no seu periodico Brasil Historico em 1866.

Publicou-a em linguagem correcta e amena, a que chamou traducção, João Francisco Lisboa no Jornal do Timon.

Veio ainda á luz na Bibliotheca Historica do Brasil impressa no Rio de Janeiro em 1876.

Trasladou della varios topicos curiosos para a sua Historia Geral o visconde de Porto Seguro, que conseguiu fosse impressa integralmente no tomo XL da Revista do Instituto Historico Brasileiro.

Referindo-se a este documento escreve o douto historiador:

« Esta carta constitue por si só a chronica mais minuciosa e authentica, que possuimos deste descobrimento, ao passo que é ao mesmo tempo o documento mais venerando da historia colonial.»

Em 1821 Ferdinand Denis traduziu-a para a lingua franceza, e foi publicada no *Journal des Voyages* de Paris.

Transcreveu-a o mesmo escriptor em sua obra — *Le Brésil ou histoire, mœurs, usages et coutumes des habitans de ce royaume.*

Em 1828 traduziu-a Olfers para a lingua allemã e publicou-a.

Occupou-se della Humboldt no seu Exame critico de historia da geographia do Novo Continente, dissertando sobre o subido valor deste precioso escripto.

Eis o que diz Ferdinand Denis sobre a carta de Caminha :

« Graças ao raro talento de observação, de que era dotado, graças sobretudo á facil ingenuidade do seu estylo, o Brasil teve um historiador no primeiro dia do seu descobrimento. »

Pero Vaz de Caminha, que podemos considerar como o primeiro chronista do Brasil, embarcara na expedição de Cabral na qualidade de escrivão do almoxarife, ou recebedor do imposto real, que tinha de administrar a feitoria de Calicut. Já entrado em annos, acredita-se ter fallecido no naufragio, que surprehendeu a armada de Cabral na altura do archipelago de Tristão da Cunha ou na carnificina realizada em Calicut pelos commerciantes mahometanos alli estabelecidos, e da qual foi tambem victima o almoxarife Ayres da Cunha. A historia porém nada póde affirmar sobre o destino daquelle notavel portuguez, pois nenhum documento faz menção d'elle depois da viagem de Cabral.

Entre os poucos, que sobreviveram dessa matança, mencionam-se frei Henrique, que rezou a primeira missa no Brasil, e Antonio Corrêa, filho de Ayres Corrêa.

Regressando á patria na armada de Cabral, em Julho de 1501, foi frei Henrique nomeado confessor d'el-rei. Foi em 1505 sagrado bispo de Ceuta, mas antes de tomar posse do bispado enviou-o D. Manoel a Hespanha para dar os pezames a D. Fernando pela morte de sua esposa Isabel a Catholica.

Esteve em Roma em 1517 a chamado do papa Leão X.

Em 1528 governava o arcebispado de Lisboa.

Falleceu em Olivença em 4 de Dezembro de 1532, sendo sepultado na egreja da Magdalena.

Referindo-se a este sacerdote escreve frei Vicente do Salvador :

« Era o V. P. frei Henrique homem de não vulgar talento e semelhante espirito. »

Si conseguiu frei Henrique tornar-se um dos vultos mais salientes da expedição de Pedro Alvares Cabral, collocou-se no mesmo plano Pero Vaz de Caminha escrevendo ao rei a memoravel carta de 1 de Maio de 1500, pergaminho immortal, que gravou seu nome entre os primeiros da historia do Brasil.

Havia sido encarregado de levar a Lisboa a noticia do descobrimento da terra de Vera Cruz André Gonçalves, commandante de um dos navios pequenos, de mantimentos, homem de provada confiança, e maritimo destemido, que accompanhára Vasco da Gama á India.

Si causou alegria o feliz acontecimento, rapida foi a sensação, pois havendo já novas terras e novos dominios, pezado era ao governo o encargo de manter o seu poder dentro de tão vastas possessões.

Escreve Oliveira Martins :

« Os nomes do repertorio escasseavam já para denominar ilhas e cabos, portos e bahias, costas e continentes. »

Attesta a carta de Caminha que o Brasil foi descoberto em 22 de Abril de 1500 segundo o calendario Juliano, então admittido. Este testemunho é irrefragavel, merecedor de toda fé.

O chronista Vieira Ravasco diz que o Brasil foi descoberto em 3 de Maio de 1500. Assevera Bento Teixeira Pinto ter sido descoberto no dia de Sancta Cruz, isto é, a 3 de Maio. Diz frei Vicente do Salvador :

« O dia em que o capitão-mór Pedro Alvares Cabral levantou a cruz era a 3 de Maio, quando se celebra a invenção de Sancta Cruz, em que Christo Nosso Redemptor morreu por nós, e por esta causa poz nome á terra, que havia descoberto, de Sancta Cruz e por este nome foi conhecida por muitos annos. »

Esriptores modernos como Constancio, Armitage e outros assignalam o mesmo dia 3 como o do descobrimento do Brasil.

Generalizou-se esta crença, e antes da independencia era corrente a opinião de que o descobrimento se déra no dia 3 de Maio, considerando-se que a primeira denominação do paiz proveio da festividade da Sancta Cruz.

Firmado nessa crença o dr. Antonio Gonçalves Gomide, em carta escripta em 12 de Abril de 1823 a José Bonifacio de Andrada e Silva, então ministro de Pedro I, propoz por insinuação do conselheiro Diogo de Toledo, o dia 3 de Maio para a instalação da assembléa geral legislativa, por ser o dia anniversario do descobrimento.

A Constituição do Imperio no art. 18, e a da Republica no art. 17, consagraram esse dia para começo dos trabalhos do corpo legislativo. O governo provisorio da Republica, por decreto de 14 de Janeiro de 1890, incluiu esse dia entre os de festa nacional, por ser « consagrado á commemoração da descoberta do Brasil ».

Proseguindo a 2 de Maio na viagem da India, deixou Cabral na nova terra descoberta dous degredados. Ficaram tambem dous grumetes, que durante a noite haviam fugido de bordo.

Na travessia de Porto Seguro ao cabo da Boa Esperança, na altura do archipelago de Tristão da Cunha, levantou-se, em 24 de Maio, furiosa tempestade occasionando o naufragio de quatro navios da armada.

Dessas naus que sossobraram, commandadas por Bartholomeu Dias, Ayres Gomes, Simão de Pina e Gaspar de Lemos, não escapou um só homem da tripulação.

Não foi este o unico desastre, que pezou sobre a armada de Cabral. Perdeu-se perto de Mombaça o navio de Sancho de Toar, e desgarrou-se o de Diogo Dias, que o chefe da frota veio mais tarde a encontrar em difficil apuro.

Entrou Pedro Alvares Cabral no Tejo em 31 de Julho de 1501.

Das treze naves com que partira para a expedição da India, extraviára-se a de Vasco de Athayde na altura do Cabo Verde. A Portugal foi enviada a de André Gonçalves com a noticia do descobrimento. Afundaram-se quatro na viagem ao cabo da Boa Esperança, e submergiu-se uma perto de Mombaça. Assim da poderosa armada esquipada por D. Manoel, restaram apenas seis navios denominados *Espirito Santo*, *Santa Cruz*, *Fror de la Mar*, *S. Pedro*, *Victoria* e *Espera*, e o galeão *Trindade*, como indica o visconde de Porto Seguro guiado por um documento da Torre do Tombo.

Gastou Vasco da Gama dous annos e dous mezes em sua excursão maritima á India, e executou Cabral a mesma derrota em pouco mais de dezeseis mezes.

Apezar de percorrer o mar tormentoso e serem seus navios açoutados durante quatro dias por medonho temporal, não perdeu Vasco da Gama nem uma de suas naus, porém dos 148 homens, que o seguiram, apenas 55 tiveram a alegria e a gloria de tornar a ver a patria. Entre aquelles, que a morte escondeu no tumulto, conta-se Paulo da Gama, ermão do immortal descobridor do caminho da India.

Em recompensa dos serviços prestados por Pedro Alvares Cabral concedeu-lhe D. Manoel por carta régia de 4 de Abril de 1502, a tença de 13\$000. Outra carta régia de igual data mandou dar ao mesmo descobridor a tença de 30\$000.

Causam reparo essas duas concessões da mesma data. Vêm transcriptas estas cartas em um livro de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, havendo sido copiadas do original existente na Torre do Tombo de Lisboa.

Jubiloso pelos descobrimentos realizados no seu reinado accrescentara D. Manoel a seus titulos de soberano os de Senhor da Navegação, Conquista e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.

Para firmar seu grande poderio em terras do Oriente resolveu o venturoso monarcha apparelhar poderosa armada.

Devia ser convidado para commanda-la Pedro Alvares Cabral, mas assim não aconteceu.

« Por alguns justos respeitos », escreve Castanheda, « não mereceu o descobridor do Brasil semelhante distincção. »

Barros faz crer que havia limitada confiança no destemido nauta, e accrescenta « De treze naus da armada de Pedr'alvares, rosnava-se, as quatro levaram carga de homens para mantimentos dos peixes daquelles mares incognitos, que navegaram, as quaes em um instante foram mettidas no profundo do mar. »

Escreve outro historiador, « mas como era Cabral homem de muitos primores em ponto de honra, e algumas cousas se não determinavam a seu geito no regimento dellas, se escusou, no que descontentou muito a el-rei, e em alguns requerimentos, que depois teve com elle, nunca lhe quiz satisfazer ».

O capitão-mor da nova expedição foi o famigerado nauta Vasco da Gama, que se fez de vela em Fevereiro de 1502.

A missão de Cabral á India fôra emprehendida para celebrar tractados, atar allianças, transportar riquezas, e implantar a auctoridade e o protectorado de Portugal naquellas regiões.

Accompanharam Cabral em sua excursão maritima distinctos homens do mar, como Bartholomeu Dias, Nicoláo Coelho e André Gonçalves. Ao deixar o Tejo recebera indicações circumstanciadas do roteiro, que seguira Vasco da Gama. Fôra-lhe recommendado que, passado o archipelago do cabo Verde, navegasse sempre para o sul, enquanto o vento soprasse em popa, e nas declinações do rumo seguissem os navios a linha do Sul sudoeste, correndo a bombordo para o largo, quando houvesse ventos contrarios até a latitude do cabo da Boa Esperança. Seria então necessario navegar direito para léste.

Dizem alguns escriptores que foram lembradas estas instrucções para afastar o almirante das calmarias da costa de Guiné, aproveitando-se dos ventos favoraveis e da corrente equatorial. Julgam outros que semelhantes conselhos foram ditados para abrir a Cabral e aos seus nautas a rota, onde podiam descobrir terras situadas a 17° ao sul do Equador.

Ainda mais. No seu roteiro de dous annos antes asseverara Vasco da Gama, que achando-se, em 22 de Agosto de 1497, muito perto do penedo de S. Pedro, avistara bandos de aves, que ao anoitecer abriam azas para o sul sudoeste, como em procura de alguma terra pouco distante.

Na historia da humanidade os factos ligam-se, não são isolados, concatenam-se, e estudando-se uns reflectem luz sobre os outros.

Antes da viagem de Cabral á India, saíra de Bristol, na Inglaterra, em 15 de Julho de 1480, uma nau de 80 toneladas, sob o mando do almirante Thylde, um dos maritimos mais instruidos

do seu tempo, afim de descobrir um paiz, situado ao oeste da Irlanda, chamado Brasylle. A braços com violentos temporões, regressou, após dous mezes, ao porto de partida, em 18 de Setembro, sem haver encontrado terra alguma.

Vicente Ianez Pinzon, antigo companheiro de Colombo, descobriu, tres mezes antes de Cabral, em 26 de Janeiro de 1500, a costa septentrional do Brasil, desde o cabo de Sancto Agostinho, a que deu o nome de cabo de Santa Maria de Consolacion, até o cabo de Orange, então chamado de S. Vicente. Avistara tambem a foz do rio Amazonas o qual lhe produziu tanta impressão, que deu-lhe o nome de Mar Dolce.

No mesmo anno outro hespanhol, Diogo de Lepe, approximou-se do cabo de Sancto Agostinho, e percorrendo o littoral, seguira a trilha já percorrida por Vicente Pinzon.

Acreditava-se tanto na existencia de ilhas e terras na direcção seguida por Pedro Alvares Cabral, que dous mezes depois da partida deste illustre navegador, requeria e obtinha Gaspar Côrte Real a doação da terra firme ou ilhas, que encontrasse.

Na carta dos reis catholicos a Colombo, de 5 de Setembro de 1493, pediam elles que apressasse quanto antes a segunda viagem á America, afastando-se das costas de Portugal e de suas ilhas afim de não ser detido ou embaraçado em sua derrota, visto projectarem os Portuguezes intervir nos descobrimentos do Novo Mundo.

Accrescentavam que na practica, que com alguns delles se encetara, chegara-se ao conhecimento que era evidente pensarem na possibilidade de haver ilhas e ainda uma terra firme.

Querem alguns escriptores attribuir o descobrimento do Brasil a instrucções secretas do rei D. Manoel, em virtude das quaes devia o almirante portuguez, no seu trajecto para a India, explorar os mares occidentaes em procura de terras desconhecidas.

É de crer que sciente das idéas do seu tempo sobre a existencia de novas terras, desejando verificar si ao sul dos descobrimentos realizados por Colombo, não existiriam outras ilhas ou algum continente, tentasse Cabral fazer algum descobrimento, ao mesmo tempo que executasse as ordens do seu rei sobre a missão á India.

Afastou-se assim da sua derrota, deu ás suas naves a direcção de oeste, e chegou desse modo a descobrir a terra, a que deu o nome de Vera Cruz, sendo depois chamada Sancta Cruz e por fim Brasil.

Descobrindo o Brasil acreditou o capitão portuguez ser uma ilha, como se depreheende da memoravel carta de Caminha, que datando-a diz « deste porto seguro da vosa ilha da vera cruz oje sexta feira primeiro dia de Mayo de 1500. »

Assim também considerou D. Manoel a terra novamente descoberta nas instruções que deu a João da Nova, quando ia para a Índia, e na carta que de Cintra (Symtra) enviou aos reis catholicos em 9 de Julho de 1501.

A referida carta começa :

« Muy altos y muy excelentes y muy poderosos Principes senores padre y madre. »

Fallámos nos descobrimentos dos Hespanhoes nas costas do Brasil, mas estes factos não embaciam a gloria do nauta lusitano, pois foi elle quem annunciou ao rei de Portugal e ao mundo o descobrimento do Brasil.

E surgindo do oceano aos olhos dos navegadores, teve o Brasil a felicidade de encontrar um historiador, que o annunciou logo como um dos paizes do universo.

Pedro Alvares Cabral, o feliz descobridor do Brasil, e também notavel pela expedição á Índia, fôra escolhido para tão importante missão pelas qualidades de sua pessoa, como escreve João de Barros. Era homem e fidalgo de muito esforço e mui experimentado em guerras maritimas, diz Mariz. Rocha Pita o denomina de illustre e famoso capitão, e outro escriptor assevera que era dotado de vivissimo espirito e igual valor. E a patria, a que prestara tantos serviços, deixou-o esquecido ! Envolveu-o Portugal no manto da ingratidão, até que a morte lhe indicou por habitação o tumulo. Finou-se em Santarem entre os annos de 1527 a 1545.

E foi um brasileiro, o erudito historiador visconde de Porto Seguro, quem encontrou na sacristia do convento da Graça, na capella do Senhor da Vida, em Santarem, a sepultura do descobridor do Brasil, de que não havia memoria escripta ou tradicional.

E' sepultura rasa com uma lousa simples de treze palmos de comprido, com meia largura, e a seguinte inscripção :

Aqui jaz Pedralvares
Cabral E Dona Izabel De
Castro Sua Molher, Cuja Hé
Esta Capella, He De Todos Seus
Herdeyros. Aquall Depois
Da Morte De Seu Marydo
Foy Camareyra Mor Da
Infanta Dona Marya Fylha
De El-Rey Dõ João Noso
Snõr Hu Terceyro Deste
Nome.

Assim repousam ha mais de trez seculos, no magnifico templo da Graça, em Santarem, os restos mortaes do ousado nauta que descobriu para Portugal um paiz tão grande como a Europa, e mais rico do que a India.

Si dando ao mappa das nações este novo estado não-teve Cabral applausos do povo, gabos e recompensas do rei e dos seus ministros, que tinham as vistas voltadas só para os productos, riquezas e maravilhas da India, si não se viu festejado, e incluido o seu nome, como o de Vasco da Gama, na nobiliarchia dos titulares do reino, fechou com as suas naus a epocha maritima de esplendor e poderio de Portugal. E não se mergulhou seu nome no infinito do tempo ; os muitos annos que pezam sobre seu tumulo, indicam que alli descansa um heroe. Achando Pedro Alvares Cabral na vastidão dos mares o Brasil, deu um mundo ao universo, constituiu para Portugal uma epopea de gloria, e tambem para seu nome, que hoje duas nações engrandecem e celebram, porque si deu brilho e fama a uma, abriu a aurora da vida e da historia á outra.

100

.

.

100

100

Stanford University Libraries



3 6105 020 021 858

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD AUXILIARY LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-9201

All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

MAR 21 1997
SER 3 1998
F/T

